REVUE HISPANIQUE

REVUE HISPANIQUE



I. Vol. 14

Printed in Germany

REVUE HISPANIQUE

Recueil consacré à l'étude des langues, des littératures et de l'histoire des pays castillans, catalans et portugais

DIRIGÉ PAR

R. FOULCHÉ-DELBOSC

TOME XIV



Reprinted with permission of the original publishers

by

KRAUS REPRINT CORPORATION

New York, 1962

FACTOS DE SYNTAXE DO PORTUGUES POPULAR

IV

A linguagem do povo português construe as orações relativas de um modo muito differente da lingua litteraria. Esta, como é sabido, possue os pronomes relativos *que, quem*, invariaveis, *o* (*a*) *qual* e o plural *os* (*as*) *quaes* e *cujo* e *quanto* com flexões para o genero e para o numero. De todas essas formas o português popular, em rigor, só conhece *que*, empregando tambem algumas vezes *quem*, mas quasi só quando *quem* está com o valor de *aquelle, que*, como nos seguintes exemplos: « *quem* fizer isso será castigado »; — « dá-se um premio a *quem* fizer isso ».

Será raro encontrar no fallar do povo esta forma referida a um antecedente, como: « o homem a *quem* eu entreguei o livro ».

A forma *cujo* apparece uma ou outra vêz, todavia usada apenas por pessoas de limitada leitura e pretensiosas. A sua construcção, porém, afasta-se da que é ensinada pelos grammaticos. Perdeu completamente o valor possessivo, passando sempre de adjectivo a substantivo, e ficando a equivaler ao pronome *que*, como na phrase *os homens cujos eu vi*, em vez de *os homens que eu vi*. Quasi sempre aquella forma se reforça juntando-se-lhe o antecedente ou o demonstrativo *este*, ou ainda outras palavras, por exemplo: *os homens cujos homens eu vi* ou *cujos estes eu vi*.

O romancista Camillo Castello Branco attribue a um pretendente ao cargo de vereador do municipio portuense trechos como

os seguintes, em que frisa este vicio de construcção: « Trabalhe V. Sª com os cartistas, que Barão eu o farei logo que estejam em cima o meu particular amigo José Bernardo e o mano Conde, *cujos* são meus intimos, e a minha filha Baroneza vae tomar chá com a condessa de Thomar[1] »; « Tens razão, mas lembra-te que uma familia respeitavel como nós estamos sendo nesta cidade do Porto, devemos evitar escandalos *cujos* possam affectar a nossa seriedade[2] »; « Minha filha, se não quer contratos com a Felicia, é porque é honrada de cujo eu muito a louvo[3] ».

Tal construcção occorre até, de certo por descuido, em escritos de pessoas que devem suppor-se illustradas. Assim no PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, de Pinho Leal, vol. V, pag. 40, o autor escreveu: « O seu officio (*dos meiorinos*) se exprimia pela palavra *tenens*, que vem de *tenementum*, *cuja* palavra, na infima latinidade, significava *territorium seu destrictus alicujus loci* ».

Como acima dissemos, *cujo* designa posse, equivalendo portanto a *do qual*, *dos quaes*, *de quem*, mas em um trecho da linguagem popular imitada por Gil Vicente, vol. II, pag. 506, apparece com uma relação differente da possessiva, a de origem ou proveniencia, que tambem costuma exprimir-se pela preposição *de*:

Eu sou o mor namorado
Homem, que nunca se achou;
Porem um excommungado
Que o diabo excommungou,
Nunca foi tão desamado,
A dama *cujo* nasci,
O maior prazer que sente,
É dizer-me mal de mi:
Se venho, foge d'alli,
Se me vou, fica contente.

1. A. CORJA, pag. 13.
2. IBID., pag. 62.
3. IBID., pag. 114.

Cujo, aqui, significa *do qual*, *de quem*, e a sua syntaxe neste lugar resulta da analogia com outra construcção, hoje cahida em desuso, como seria por exemplo *a dama cujo sou*, como no exemplo seguinte, do mesmo escritor, volume citado, pag. 493:

E com esta concrusão
Vamo-lo empresentar
Porque se devem dar
As cousas a *cujas são*.

Isto é: Devem-se dar *áquelle cujas são*, ou *áquelle de quem são*, *a quem pertencem*.

*
* *

Nas orações relativas em que o relativo deveria ser precedido de uma preposição, omitte-se frequentemente essa preposição, que é depois empregada com um pronome pessoal, para exprimir a mesma relação, no meio ou no fim da phrase. Ouvem-se a cada passo construcções como as seguintes: « O homem *que* eu fui *com elle*, em lugar de « o homem *com quem* eu fui »; — « este é o vestido *que* eu hei de andar agora sempre *com elle* » em vez de « o vestido *com que* eu hei de andar »; — « o navio *que* ella veio *nelle* » em vez de « o navio *em que* ella veio »; — « as pessoas *que* elle tem confiança *nellas* », por « as pessoas *em quem* elle tem confiança »; — « o menino *que* eu *lhe* dei um livro », em lugar de « o menimo *a quem* eu dei um livro ».

Neste ultimo exemplo desappareceu a preposição, porque a relação que ella exprimia está represe da pelo caso do pronome.

Do Auto da Ave-Maria, de Antonio Prestes, pag. 28 da edição de 1871, transcrevemos o seguinte exemplo:

Sempre nestos choupos ha
Um rato *que* o queijo é *d'elle*.

Observaremos que esta construcção da nossa linguagem popular é a construcção regular da lingua arabe. Se tivessemos de traduzir para este idioma a phrase: « o homem *de quem* nós fugimos », seria necessario dar-lhe a ordem seguinte: o homem *que* nós fugimos *d'elle*.

Não queremos de maneira alguma dizer que este modo de formar as orações relativas no arabe, lingua que se fallou no nosso país durante seculos, fosse a origem da construcção popular do português, pois concebe-se sem difficuldade que independentemente d'essa influencia a rigorosa precisão das proposições relativas se quebrasse por uma tendencia para a simplificação e generalização, tendencia que resultaria de ser muito mais frequente o emprego do pronome *que* como sujeito e como complemento directo, isto é, não precedido de preposição. E para fixar essa construcção concorreria ainda a circunstancia de ser mais emphatica do que a litteraria. De resto o exemplo das linguas semiticas mostra que ha no espirito uma disposição para facilmente a acceitar. Compare-se tambem a syntaxe de orações relativas em inglês como as seguintes: *the house* that *I live* in, *a place* which *we have long heard and read* of; — *this is a thing I cannot account* for[1].

*
* *

Pratica semelhante com o pronome *quem* e o possessivo *seu* encontra-se em Gil Vicente, vol. I, pag. 109:

Justo é que imagine eu,
E que estê muito turbada:
Querer *quem* o mundo he *seu*,
Sem merecimento meu
Entrar em minha morada.

1. Veja-se o que dizemos a este respeito na GRAMMATICA DA LINGUA INGLESA, 5ª edição, § 288, 2c.

« Quem *o mundo é* seu » equivale a *aquelle* que *o mundo é* seu ou *aquelle* que *o mundo é* d'elle, e está portanto em vez de *aquelle de que* ou *de quem* o mundo é.

*
* *

Os adverbios relativos *onde*, *aonde* e *donde* substituem muitas vezes nestos casos o pronome relativò, sem terem de exprimir circunstancia de logar, e referindo-se mais ao sentido de uma oração do que a uma determinada palavra. De uma carta vamos transcrever um trecho em que occorrem exemplos do que affirmamos: « Parteçipo a V. que onte de tarde para aqui esteve uma treboada junta com uma tempestade de bento *aonde* meteu um furacão de bento pela emxertia de bastardo e depois foi a quinta aonde deitou a bidraça de cima da porta do armazem grande toda inteira pela sala adeante ficou apenas tres bidros inteiros e as outras estiverão tambem a suseder-lhe o mesmo *onde* (= com o que, em virtude do que) a M. ficou cuaijo morta. »

De textos antigos citaremos o seguinte passo das CANTIGAS DE MARIA:

> et dentro no seu corpo cuydaua e creya
> que tragia coobra *donde* (=do que) nos espantamos.

e um trecho de um fragmento da DEMANDA DO SANTO GRAAL publicado pelo Dr. Otto Klob na REVISTA LUSITANA, vol. VI, pag. 340: « E rei Artur o er fez tam bem aquel dia, que todolos seus filharom en fazanha, e nunca mais cansava de ferir despada, *unde* Lucan que estava preto del e que via as maravilhas que fazia, dise a Giflet. »

*
* *

Os relativos *o* (*a*) *qual*, *os* (*as*) *quaes* e *quanto* (*a*, *os*, *as*) não são empregadas na linguagem popular, que só usa aquellas formas como pronomes interrogativos.

V

E' frequente o emprego da combinação *ambos dous* (dois), e *ambos os dous* (*dois*) (em espanhol *ambos á dos*), como no exemplo seguinte, extrahido do MONGE DE CISTER, de Herculano, vol. I, pag. 99 da 6ª edição: « O certo é que *ambos os dous* monges caminhavam juntos ». Mas na linguagem popular ha ainda *ambos e dous*, *ambos a dous* e *ambos de dous*. Esta ultima locução vem já de longe como se vê pelos seguintes exemplos:

Nós viemos praticando
Ambos de dous.

(AUTOS de Antonio Prestes, pag. 153 da edição de 1871.)

D'*ambos de dous* a fronte coroada
Ramos não conhecidos e hervas tinha.

(LUSIADAS, IV, 72.)

Em Camillo, CORJA, pag. 45, encontrase este passo: « Quebradas tivesse eu as pernas *ambas de duas*, quando casei com este moinante. »

Em certos logares do país occorre ainda a expressão *amos* por *ambos*, como *amos dous* e *amos de dous*.

*
* *

Em uma comedia intitulada ISIDORO O VAQUEIRO de Joaquim Augusto d'Oliveira, em que se imita o fallar dos saloios, acha-se tambem a locução *todos dois* (cfr. o francês *tous les deux*):

É por ella que largando
Minhas vacas e mê bois,
Ajoelho e peço a Deus
Que nos una a *todos dois.*

VI

As expressões que designam numeros fraccionarios são muito limitadas na linguagem popular. Quasi só se empregam fracções que o denominador tem apenas mais uma unidade do que o numerador, mas sem se usarem os numeraes ordinaes, que são substituidos pelo substantivo *partes*. Assim, diz-se *duas partes*, *tres partes*, etc., em lugar de *dois terços*, *tres quartos*, *quatro quintos*.

Esta pratica vem já do latim, que dizia egualmente : *duae partes agri*, = 2/3 do campo ; — *tres partes* = 3/4, etc. A lingua popular conservou-a sem alteração alguma.

Em virtude d'este uso, para indicar as differentes partes de um todo ou de um mixto diz-se tambem, por exemplo : *tres partes* de vinho e *uma parte* de agua, isto é, 3/4 de vinho e 1/4 de agua.

Outras fracções como *tres quintos*, *cinco setimos*, *sete nonos*, etc., não se encontrarão no fallar do povo.

VII

Os numeraes proporcionaes *duplo*, *triplo*, *quadruplo*, etc., não pertencem á linguagem popular, que suppre a falta do primeiro e do segundo empregando ás vezes as palavras *dobro* e *tresdobro*, mas preferindo usar as expressões *dois tantos*, *tres tantos*, e para os outros numeraes proporcionaes *quatro tantos*, *cinco tantos*, etc.

Em Gil Vicente acham-se até locuções como *sete tanto* e *dez tanto*, estando *tanto* no singular, de forma que *sete tanto* como que está abreviadamente por sete vezes *tanto*.

> Olhae, flores, não me espanto
> Que me digaes *sete tanto*.
>
> (Vol. I, 267.)

> Oh! e tu gabas-te e fazes-te santo ?
> Juro-te, amigo, que hypocrita és,
> Torna-te monge, descalça esses pés,
> E serás fino nessa arte *dez tanto*.
>
> (IBID., pag. 513.)

VIII

Os numeraes distributivos do latim desappareceram no português (como em geral nas linguas romanicas), mas não sem que ficassem vestigios d'elles. Perdendo o valor e o emprego de adjectivos numeraes, transformaram-se quasi sempre em substantivos, como *novena*, *dezena*, *centena*, etc.

De *singulos* ficou-nos *senhos*, que se usou muito no português archaico e ainda posteriormente. Mencionaremos um exemplo de Gil Vicente, II, 412 :

E irão suas criadas
N'hum lagar d'azeite todas
Sem crenchas[1], descabelladas,
Como selvagens pasmadas
De tão altissimas vodas.
E sahirao ás janellas
Com *senhas* tochas de palha
Debrũadas amarellas,
Se não olharem par ellas
Não lhes dará nemigalha.

O substantivo *terno*, resultante de um destributivo latino, usa-se geralmente na significação de grupo ou conjuncto de tres pessoas ou coisas ; mas na linguagem popular de Trás-os-Montes tem ainda o sentido de *talhões*, *glebas*. De uma carta reproduziremos este trecho : « Não intendo como possa fazer a plentação como V. quer. Aqui ninguem planta em *ternos* separados, é tudo junto branco com tinto e outras especes, porque as sementes vem sempre calabreadas. »

Observaremos que naquella região se chama *sementes* aos *garfos da enxertia*.

Julio MOREIRA.

1. *Crenchas* significa *tranças de cabello* ; representa um deminutivo latino *crinicula*, de *crinis*. *Descabelladas* equivale aqui a *desgrenhadas* : tem, pois, aproximadamente o sentido de *sem crenchas*. Nesta accepção não occorre ainda nos diccionarios.



LA TRADUCTION LATINE
DES *COPLAS* DE JORGE MANRIQUE

Reliure

AL MVY ALTO PRINCIPE DON FELIPE

Muy alto y muy poderoso
O principe resplandor
De la españa
Hagate muy venturoso
La fuerça del alto amor
Y su maña
Esta breue translacion
Te yntitulo con profundo
Acatamiento
Si recibes la yntencion
Diras que todo este mundo
Te presento

El Interprete De Don Jorge

M[illegible]

AD ALTISSIMVM
PRINCIPEM
PHILIPPVM

Felix potens q́ nimis princeps nitor orbis iberi
Felicem faciat te deus te deus æternus amoris
Hoc in scedio tibi supplex quia paucula uerba
Cuncta offerre tibi finienti(?) suscipe dias


MAS • VALE • MAN
NA • QVE • FVERCA • Y • MAS
A • QVIEN •
DIOS • ESFVERCA • M • D • XL

LA TRADUCTION LATINE
DES
COPLAS DE JORGE MANRIQUE

L'existence, à la bibliothèque de l'Escurial, d'une traduction latine des célèbres *Coplas* de Jorge Manrique, a été signalée par Amador de los Ríos, Gallardo, Menéndez y Pelayo. Malgré cette notoriété, ce texte n'a pas encore trouvé d'éditeur. Je répare cet oubli en imprimant l'œuvre si remarquable d'un latiniste jusqu'ici inconnu et en reproduisant en fac-similé la reliure du précieux manuscrit qui fut offert en 1540 au futur Philippe II.

R. Foulché-Delbosc.

Hyspana Georgij Manrrici
CARMINA, quæ in Latinum
carmen nuperrime con-
uersa serenissimo
Hyspaniarum
principi
PHILIPPO
dedicata sunt.

I

Euigilet stertens animus, tenebrisque relictis
Mens resipiscat hebes, alto experrecta sopore,
Contemplata quidem vita hæc ut præterit instans,

Vt tacite obrepit mors, quam cito gaudia migrent,
Vtque recordanti sint urgens causa doloris,
Vt melius semper quod præterit esse putemus.

II

Cernimus isse breui quoniam præsentia puncto,
Si bene censemus, iam præterijsse futurum,
Exhaustumque simul prorsum reputabimus esse.
Nemo sui oblitus credat diuturna per æuum
Esse futura magis quam quæ iam uiderat ante,
Omnia quandoquidem sic ire humana necesse est.

III

In mortem properat mortale hoc viuere nostrum,
Non secus ac properant labentia flumina in altum ;
Illuc regna quidem tendunt abolenda potentum,
Flumina magna, sed huc mediocria, denique parua,
Illuc ingressi latitant discrimine nullo
Qui victum manibus quærunt, qui et diuite gaza.

IIII

Non ego falsorum mihi numina vana deorum,
Laurigeri ut uates, oratoresque celebres
Inuoco ; pulchra sino figmenta poetica eorum,
Nanque venena fauis insunt ; sed corditus illi
Vni me credo, tantum illius inuoco numen
Quod non nouerunt homines, dum uenit ad ipsos.

V

Hac iter est aliam in vitam, læti ætheris vrbem ;
Tramite sed recto uigilantius expedit ire,

Vt sine dispendijs prauisque erroribus vllis
Perueniamus eo ; nati proficiscimur illuc,
Pergimus at uitæ spacijs, accedimus autem
Cum nos vita finit, cum morte quiescimus ipsa.

VI

Si modo abusus abest, humana hæc uita probatur,
Vtpote quæ ad uitam uenturam rite parandam
Sit data, credulitas ut nos uera admonet ipsa.
Filius ille Dei quí et nos inferret olympo,
Inter nos nasci descendit ab æthere summo,
Hac uicturus humo, vitali ubi lumine cassus.

VII

Reddere si faciem pulchram possemus, ut ipsam
Possumus egregie speciosam reddere mentem,
(Namque fauente Deo quis nos id posse negabit ?)
Quam viuax, quam prompta eadem solertia nobis
Semper in ancilla decoranda nocte dieque
Esset, hera incompta captiuæ more relicta !

VIII

Cernere quando licet mortales, cernite mente
Quæ gressu et cursu sequimur, quam vilia prorsum
Sint, quippe ante diem delusi amittimus illa :
Partim tempus edit, partim violentia casus,
Pars etiam illorum natura ac mole suapte
Deficit excelsam fortunam, pressa ruitque.

IX

Peruenit ut senium, qualis (rogo) permanet ille,
Ille nitor pulcher faciei, grata cutisque,
Sanguinis ille color diffusus, candor amœnus ?
Dexteritas, vires, velocia membra iuuentæ,
Omnia sunt pœnæ nobis, vbi læta iuuentus
Peruenit in senij sperata suburbia nostri.

X

Gothorum sanguis, genus, augustissima quondam
Nobilitas, summi quæ nacta est culmina regni,
Quot quibus atque modis hoc obliterantur in orbe!
Pars quoniam vilis, sordens, abiecta putatur ;
Pars autem, nimia quia paupertate coacta est,
Indignis alitur munijs, hoc degener æuo.

XI

Quæ nos diuitiæ subito fastusque relinquunt,
Nulla (quis dubitet?) stabilita sede fruuntur,
Inconstantis heræ cum sint ; ea nempe caducæ
Sunt bona fortunæ celeri vertigine fessa ;
Nam rota nunquam eadem, nunquam rota firma in eodem
Siue bonos prauosue beet, seu pauperet urgens.

XII

Sed fac vt hæc hominem comitentur adusque sepulchrum ;
Non tamen incautos ideo nos fallere debent ;
Euanescit enim vita hæc, ut somnia uana
Ac ueluti siren qua nos, humana voluptas,

Decipit illecebris, iamiam peritura fatiscit;
At uolupi uitæ tormenta æterna parantur.

XIII

Sunt uitæ anxiferæ solatia dulcia nostræ
Improuisi equites campum procurrere missi;
Mors uero insidiæ latebris inopina locatæ
In quas incidimus; nos nostra haud damna uidentes
Currimus incauti propere, neque sistimus usque,
Postquam redire dolis frustra conamur apertis.

XIIII

Namque Monarcharum legimus quos ante fuisse
Hystorijs priscis, aduersis casibus actæ
Fortunæ pessumque datæ de alta arce fuerunt;
Nil etenim Papæ, prælati ipsique monarchæ
Arcis habent tristi non expugnabile morti,
In quos cæca ruens pecudum pastoribus æquat.

XV

Nunc Troes missos faciamus, prospera quorum
Iuxta ignota iacent oculis ac tristia nostris,
Lectaque in historijs mittamus facta Quiritum;
Sit curare nephas quod sæcula prisca tulerunt.
Nunc modo ad hesternum venio, vestigia cuius
Vt priscam deleuit edax obliuio vitam.

XVI

Quo tandem noster magnus Rex ille Ioannes?
Et Regum geniti post primum Tarraco vestri?

Quotque tulere proci clari ? spectacula ? equestres
Concursus ? sæuis simulataque prælia gyris ?
Plumatæ uestes ? et ephippia ? & alta chimera ?
Instar delyrij fuerunt, pratique virentis.

XVII

Quo illustres nymphæ queis regia claruit aula ?
Quo nitidæ uestes ? velamina ? aromata ? gemmæ ?
Flammaque amantis edax, flagrantibus ignibus ardens ?
Metrificandi ardor ? Musæ concordia discors
Instrumentalis ? saltatio nobilis illa ?
Impositoque auro vestes gemmisque coruscæ ?

XVIII

Iam uero Enrricus heres Rex ille Ioannis
Quid (rogo) non poterat ? quam, quam indulgentibus ipsi
Muneribus Fortuna bifrons se præbuit olim !
Post eadem (infandum dictu) quam diriter eidem
Exhibuit se hostem ! cui cum prius esset amica,
Quam viguere breui, dederat quæ munera Regi !

XĪX

Munifici Regis quonam illa ingentia dona ?
Aedificata ab eoque aurata palatia luxu ?
Adfabre argentum cælatum ? gaza superba ?
Tot phaleræ ? tot equi ? fastusque ac pompa suorum ?
Quonam abiere, rogo ? quonam nunc ibimus illa
Quæsitum ? Veluti ros prati absorpta fuerunt.

XX

Præterea infantem qui, fratre superstite, dictus
Successor fuerat, quam curia clara sequuta est,
Quamque frequens Princeps. Sed quum mortalis hic esset,
Fornaci improuisa suæ mors intulit ipsum.
Sed tu, o judicium diuini numinis, vndas
Insuper induxti, quum plus flagràuerat ignis :

XXI

Iam uero stabilem comitem pariterque magistrum
Acceptum præ alijs Regi, quem nouimus ipsi,
Vidimus et truncum, quid multa ? cruore fluentem.
Quid fuit huic tandem congestum aurum, oppida, pagi,
Imperium in multos ? quid nam nisi luctus acerbus
Illa relinquenti fuit atque molestia magna ?

XXII

Iamque duo fratres alij sublimia nacti,
Sorte magisterij regali & more beati,
Subiecere sibi primates atque minores :
Prosperitas tam euecta tamen sublimiter illa,
Quid ? nisi clara fuit lux quæ, dum lætior ardens
Splendicat atque quatit radios, extincta repente est.

XXIII

Totque Duces, tot Marchiones, Comitesque virosque
Eximios, oculis quos his tam uidimus auctos,
Dic ubi detrudis ? quo mors traducis amara ?

Dic ubi præterea quæ fortia facta patrarunt
Militiæ atque togæ, sane cum dira superbis
Exigis ac deles hæc talia mole ruenti?

XXIIII

Quid numerosa manus tandem? quid bellica signa
Contulerint? aquilæ, vexilla minora? quid arces
Quas uix expugnare queas? quid mœnia? vallum?
Præsidiumque antemuralis? lata quid altæ
Irremeabilitas fossæ? quid talia? quot sunt?
Cum tu irata uenis, transfigis cuspide cuncta hæc.

XXV

Est tuus ingressus luctu, sed semper amarus
Exitus, ingratus, mediumque labore repletum,
Et quibus indulges, pœna est, diuturnius æuum.
Prospera uix nacti morimur, sudore parantur,
Dasque ea mortali, sed cursu aduersa latenti
Adproperant durantque magis quam prospera uitæ.

XXVI

Quandoquidem nos, munde, necas falsissime, certe
Quam tribuis vitam reuera vita fuisset,
At sic nos uexas vt nil optatius ipsis
Sitque minus mœstum quam cæca profectio uitæ,
Vtpote quæ tam plena malis, tam septa dolore,
Tam deserta bonis & tam dulcedine cassa est.

XXVII

Quid, Roderice, canam tua, nunc Manrrice magister,
Bellica gesta, tuos qui charus vbique fuisti
Omnibus ob mores sanctos, qui dulce honorum
Præsidium, virtute simul qui & nomine clarus ?
Quid coner tua facta parens efferre canendo,
Quum pateat cunctis tua qualia facta fuerunt ?

XXVIII

Qualis erat dominus famulis et amicus amicis
Et consanguineis laus et decus, hostibus hostis,
Fortibus atque viris doctor fortissimus idem,
Consiliumque sophis, sal erat lepido ore facetis !
Quamque benignus erat subiectis ! quamque superbis !
Denique terribilis laniator more leonis !

XXIX

Augustus Cesar fortuna, Julius alter
Cesar in euentu bellandique arte sagaci,
Nam conferre licet mediocria grandibus actis ;
Scipio sed virtute animi, ferus Annibal astu,
Traianus probitate, Titus donando, sed Hector
Robore, ut Attilius promissis stare paratus.

XXX

Pectore clementi pius hic Antonius alter
Et uultu Fabius constanti, Adrianus amici
Viribus eloquij, Theodosius alter ad omnes

Dum condescendit, Macedo Aureliusque rigore
Et disciplina Martis, pietate fideque
Constantinus erat patriæque Camillus amore.

XXXI

Haud reliquos fecit thesauros optimus hic dux,
Diuitias ne habuit, non illi copia ridens
Cælati argenti fuit, at Mahumetibus impijs
Oppida cum castris cœpit, bellum intulit ædeno,
Et strages hominum multorum & victor equorum :
Sic sibi iure datos census populosque parauit.

XXXII

Iam decora alta tuens qualem se gesserat olim,
Quum fere desererent omnes heroa celebrem,
Fratribus ac fidis stetit inconcussus alumnis ?
Post uero ægregie tot facta celebria, bello
Hoc quod iam gessit, quas pacis conditiones
Accepit, populis a Rege pluribus auctus.

XXXIII

Historias ueteres juuenis quas pinxerat hasce
Cuspide non calamo, renouare recentibus idem
Longœuus potuit præclaris atque trophæis.
Vt meritis plenus, beneque actis pluribus annis
Tanta animi ei virtus fuit & solertia mentis,
Ense suo clarum rubri ensis adeptus honore est.

XXXIIII

Oppida chara inuenit quæ capta tyrannis,
Fortibus hic prælijs atque obsidione recepit ;

Militis atque ducis (pro tempore) munere functus.
Huius gesta suo si gratificata fuerunt
Legitimo Regi, sit, Portugalia, testis
Rex tuus atque eius qui in nostris signa secuti.

XXXV

Postquam in discrimen toties caput obtulit idem
Veridica pro lege Dei, diademaque Regis
Extulit obsequijs claris bellique togæque,
Post tot gesta ducis quæ uix numerare queamus,
Ocannam tandem, Roderici mœnia, uenit
Pulsatum mors iussa fores, sic comiter urgens.

XXXVI

Sic adfata quidem Mors est: « Eques inclyte, mundum
Falso adridentem uultu iam linquere tempus ;
Nunc duros animi chalybes tua Martia virtus
Hoc in agone nitens animose præstet oportet,
Et famæ studio suetum non parcere vitæ
Te recreet uirtus qua hæc nunc discrimina vincas.

XXXVII

« Nec tibi terribilis sit nunc conflictus hic instans
Formidolosus, siquidem vel Nestoris annis
Est diuturna magis multo tibi fama superstes ;
Nam si æterna quidem non est quæ constat honore
Sed nec uera, tamen multo præstantior extat
Quam peritura cito qua corpora uestra fruuntur.

XXXVIII

« Non fastu ac luxu vita illa æterna paratur,
Sed neque delicijs vitæ properantis in orcum;
Iugibus at precibus, lachrymisque perennibus illa
Relligione parat clerus, monachatus, heremus,
Sed celebres equites illam per mille labores,
Aduersusque parant per mille pericula mauros.

XXXIX

« At quoniam hostilis ac tantum sanguinis impij
Tum gladio tum consilio, vir clare, fudisti,
Expectanda tuo quæ hic præmia Marte parasti
Sunt tibi; qua fretus nunc credulitate fideque
Quæ tibi magna quidem, migra hinc spe plenus adeptum
Iri te egregiam vitam quæ te manet altis.

XL

« Amplius haud opus est uerbis consumere tempus
Hac misera in vita; supplex mea nunc ut oportet
Assentitur enim diuinæ ac prona voluntas,
Amplectorque meam mortem candore lubenti;
Est et enim stultum, cum vult Deus ut moriamur,
Veterius uitæ cupidos nos viuere velle.

XLI

« O Tu, qui formam vulgarem ob crimina nostra
Et puniti hominis subijsti inamabile nomen,
Humano includi dignatus corpore numen,

Et qui tam rigidos cruciatus ipse tulisti
Haudque reluctanter, non ut mea facta merentur,
Verum ignosce mihi, tua quæ est clementia summa. »

XLII

Mente igitur tali tamque alta præditus, inter
Vxorem, gratos, fratres interque ministros,
Omnibus illæsis morienti sensibus, altum
Obtulit illi animum dederat qui cœlitus, is nunc
Addat cum cœlo gaudijsque repleat almis;
Nempe sui memores reficit nos mortuus heros.

Finis
lati-
næ
translationis

SOBRE EL TRADUCTOR LATINO

DE LAS

COPLAS DE JORGE MANRIQUE

Amador de los Ríos en su *Historia crítica de la Literatura española*, tomo VII, pág. 121, en la nota 1, da cuenta por primera vez de la traducción latina de las Coplas de Jorge Manrique que posee la Real Biblioteca del Escorial. No se ha de entender que hasta entonces se ignorase la existencia de dicha traducción, puesto que aparece registrada en los catálogos anteriores de la Biblioteca que aun se conservan, sino en el sentido de que no se había publicado la noticia en las historias literarias, ni en las monografías referentes á las Coplas de Manrique : y ésta ha sido la causa de que hayan sido muy pocos los que conocieron la traducción. Pero desde entonces se puede asegurar que cuantos se han dedicado al estudio é investigación de la literatura española han conocido, ó han podido conocer su existencia, y algunos, muy pocos, la han examinado por sí mismos. Gallardo, en el tomo tercero, col. 619, del *Ensayo de una Biblioteca española de Libros raros y curiosos* dice : « La traducción es franca, valiente y nerviosa. » Menéndez y Pelayo en el tomo de su preciosísima *Antología*, en que de un modo magistral y con provechosa amplitud habla de Jorge Manrique y de su tiempo, pondera también la bondad de esta traducción latina.

Dado, pues, el tiempo transcurrido desde que la noticia de la traducción figura en la historia de la Literatura española, y conociendo el parecer de los críticos más eminentes sobre su verdadero valor, es inexplicable que no se hayan fijado antes en ella los

eruditos é investigadores, publicándola para beneficio de todos. La diligencia y laboriosidad de M. Foulché-Delbosc regala ahora á los hispanistas con la publicación esmerada de ella, y gracias á su amabilidad voy yo á contribuir aquí con algunas notas recogidas sobre el probable traductor latino de las celebérrimas Coplas de Jorge Manrique.

*
* *

Hace ya bastante tiempo, al hacer la papeleta bibliográfica del manuscrito de esta traducción latina, que me pareció muy extraño que, siendo tan notable por una parte y por otra de época relativamente moderna, fuese el nombre del traductor desconocido de todos. A fin de completar en lo posible la papeleta realicé algunas investigaciones, cuyo resultado voy á exponer á la consideración y juicio de los lectores de la *Revue Hispanique*. En *Die Handschriftenschenkung Philipp II an den Escorial vom Jahre 1576*, publicado en 1903 por Rudolf Beer, esperaba yo que se encontrase registrada, puesto que con toda seguridad había pertenecido á la famosa librería de Felipe II. Y en la pág. LXVII de esta obra se lee : « *In octavo. N° 135, 1. Carmina Georgi Maurrici translata de hispano latine* » ; y, después de copiar las palabras de Amador de los Ríos, añade Beer el siguiente título : « *Johannis Hurtado de Mendoza libellus carmine latino compositus, ea continens carmina, quae vulgari sermone las coplas de don Jorge Manrique dicuntur. membr. VI. k. 3.* » Este último título está copiado del Índice más antiguo de la Biblioteca del Escorial que se conserva, y que hoy lleva la signatura H. I. 5. Dos veces aparece registrado en él el manuscrito de la traducción latina : fol. XL, v° : *Joann. Hurtado de Mendoça Libellus carmine latino compositus ea continens Carmina quae vulgari sermone, Las Coplas de Don George Manrique dicuntur. membr. VI. k. 3.*, y en el fol. 57 v. : *Jorge Manrrique. — las mismas* (las Coplas) *en romance y latin VI. k. 3.* Nótese que la última signatura de los

dos títulos es la misma, y por tanto que ambos se refieren al mismo manuscrito. Si las antiguas signaturas se conservasen en él, entonces no podía caber duda de que el traductor era Juan Hurtado de Mendoza, pero hoy no las tiene, y es posible que desaparecieran con la hoja que le han cortado. Gallardo supone que en dicha hoja se encontraría el nombre del traductor; no niego la posibilidad, pero, á mi juicio, debía con más razón encontrarse al pie de la dedicatoria que va en el reverso de las tapas. El título que lleva el manuscrito es : *Hyspana Georgii Manrrici Carmina, quæ in Latinum carmen nuperrime conuersa serenissimo Hyspaniarum principi Philippo dedicata sunt.*

Acerca del valor y autoridad de las anteriores citas, tomadas del Catálogo primitivo, he de advertir, que si bien una de ellas tiene *membr.* puede no obstante admitirse, á pesar de estar en papel el manuscrito, porque sus dos primeras hojas fueron de vitela, y en este caso es explicable la equivocación; que no transcribe los títulos literalmente, sino tan solo de concepto; y, por último, que varias veces constan en él los nombres de los glosistas y autores, aunque no se encuentran en los manuscritos. Son averiguaciones ó conocimiento del autor del Catálogo.

No ha existido otra traducción latina de las Coplas de Jorge Manrique en esta Biblioteca del Escorial, ni tampoco se consigna en la historia de la Literatura española, y por tanto, á mi juicio, se puede concluir, no en absoluto, pero con suficiente y fundada probabilidad que el traductor fué Juan Hurtado de Mendoza.



He hecho también investigaciones acerca de las obras que escribió Juan Hurtado de Mendoza, y prescindiendo de las castellanas, que no pueden servir para formular una razón, apuntaré las que he encontrado en latín, y creo que todavía permanecen inéditas y ocultas bastantes de sus poesías. En los preliminares del *Buen plazer trobado en trece discantes de quarta rima Castellana...*

(Alcalá, Juan Brocar, 150) se encuentra en latín la respuesta de Juan Hurtado de Mendoza á dos poesías latinas de Doña Catalina de Paz. En la *Publica Laetitia, qua Dominus Joannes Martinus Silicaeus Archiepiscopus Toletanus ab Schola Complutensi susceptus est...* (1546) figuran también varias poesías latinas suyas. En la Biblioteca Nacional de Madrid existe un epitafio latino que hizo á S. Isidro y escudo de armas que le apropió. Además en el manuscrito e. II. 15 de esta Biblioteca Escurialense he encontrado una larga poesía latina, escrita de mano de Ambrosio de Morales, y dirigida por Juan Hurtado de Mendoza á su maestro Juan Petreyo, profesor de retórica en Alcalá. Más adelante pueden verla los lectores juntamente con otras dos poesías inéditas castellanas. Tenemos, pues, que en la historia literaria de Juan Hurtado de Mendoza aparecen varias poesías latinas, lo que, á mi entender, confirma la suposición de que él sea el traductor latino de las Coplas de Jorge Manrique.

Las dos poesías castellanas que se publican se encuentran en un cuaderno de letra de últimos del siglo XVIII, que hoy forma parte del manuscrito H-I-9, reunido y encuadernado en tiempo del bibliotecario D. Félix Rozanski. He de advertir que en el mismo cuaderno y de la misma letra existe una copia de la traducción latina de las Coplas. Es un detalle cuyo valor pueden apreciar los lectores.

La copia está hecha del manuscrito d. IV. 5. Voy á transcribir unos versos que no tiene este, y tal vez se encontrarían en la hoja que ha desaparecido.

Inclytus Hesperię contingat sidera Princeps
Hesperię sidus nostre prospectet agrestes
Contingat nostrę radians penetralia Musę
Sydera prospectet penetralia nostra lucratus
Princeps agrestes Musę lucratus amores.

Contiene además dicho cuaderno otras traducciones latinas que pudieran ser también del mismo Juan Hurtado de Mendoza.

*
* *

Merecía la pena de hacer una extensa biografía del poeta Juan Hurtado de Mendoza, mas ni dispongo de tiempo, ni tengo á mano los materiales. En el Archivo municipal de Madrid, de donde fué Regidor, y principalmente en el de la Casa de Mendoza se han de conservar papeles interesantísimos de su vida. Tal vez en alguno de ellos conste ciertamente que es el traductor latino de las Coplas de Jorge Manrique. Yo voy á extractar aquí las pocas noticias que de él trae Alvarez y Baena en el tomo tercero, pág. 108, de los *Hijos de Madrid* : « D. Juan Hurtado de Mendoza, tercer Señor del Fresno de Torote, fué hijo de D. Juan Hurtado de Mendoza y de Dª Maria de Condelmario. En Madrid poseyó la antigua casa de Mendoza, perteneciente á la parroquia de San Ginés y situada en la calle de Bordadores. Dicha casa desapareció cuando los Padres de San Felipe Neri construyeron allí su convento. Fué Regidor de la Villa de Madrid, que le nombró por su Procurador de Cortes, para las que el Emperador Carlos V celebró en Valladolid, en el año 1554; y concluidas, mandóle el Cesar pidiese merced y solo pidió concediera S. M. al escudo de armas de su patria la Corona Imperial, que usaba en las Reales, como lo hizo. Casó con Dª Nufla de Bozmediano, hija de D. Juan Bozmediano, secretario del Emperador, y de Dª Juana de Barros; y tuvo en ella á D. Juan que sucedió en la Casa, á D. Fernando, escritor, y á Dª Maria, muger de D. Gaspar Ramirez de Vargas. Su aplicación á todo género de letras y estudios fué tanta, que era llamado el *Filósofo*. Esta preciosa cualidad hizo que le tratasen los hombres sabios, y le remitiesen sus obras, como Eugenio de Salazar hizo con la graciosa carta que escribió pintando la *vida de los Catarriberas*, y que Marineo Siculo hiciese de él honrosa mención con estas palabras : « Cuyas obras elegantemente escritas leimos, aunque hasta ahora no son publicadas. »

Su bibliografía además de lo indicado anteriormente es :

1. Vida de San Isidro.

2. Un soneto al lector en los preliminares de los *Morales de Plutarco traduzidos de lengua Griega en Castellana*... Alcalá, Juan Brocar, 1548.

3. Un soneto en los preliminares de *El Momo. La moral e muy graciosa historia del Momo* : Compuesta en latín por el docto varón León Baptista Florentin. Trasladada en Castellano por Agustin de Almazán. Alcalá, Juan de Mey Flandro, 1553.

Guillermo Antolín, O. S. A.
De la Biblioteca del Escorial.

APÉNDICE

POESÍAS INÉDITAS DE D. JUAN HURTADO DE MENDOZA

Magistro Ioanni Petreio Complutensis Licii Rhetorices professori, Poetae singulari, suus discipulus Ioannes Mendocius salutem plurimam dicit.

Stultus ego, Petreie, tuo qui carmine jamjam
Persuadebar homo, diuas me hac ualle morari
Raniferi nostri gusarapi ferique Torotis
Ridiculum, quum emersa caput, quo obtundere ripas
Rana solet nostras, mihi sese objecit eunti
Quaesitum properata Tui vestigia vates.
Laudibus immo dicis utqui me impune beasti :
Illa repente oculos acreis jaculata, caputque
Muribus et similis picae, inculcauit in aures
Talia uerba mihi : Quamuis jam sedulus, inquit,
Te nisi ducit amor, nosque improbus agricolarum
Piscandi ranas, tamen huc concede parumper,
Obstreperae vocis patiens hic siste viator,
Namque etenim ripę dominum fas noscere Ranae,
Si potens est nimio pluuias praedicere cantu
Et quamuis possit praenoscere Rana poetas,
Non ego sum Phoebus non sum Cumea Sibilla.

Corpore monstrifico uerum simulata syren sum.
Nostra quidem praeclara sacris cum muribus olim
Bella Poetarum cecinit flos, Dius Homerus.
Et consul Cicero nostro quoque jure poeta est,
Nostra etenim exametris cecinit prognostica rhetor.
Et non dignetur noster Parrochius ille
Doctor Ioannes Ramirez, arduus alter
Rhetoricae artis apex, nos tandem uisere, quando
Gutture de tremulo bene declamare peritas.
Sed me obiter docuit Petreius carmina nolens.
Quid ni? Qui faceret dumos, lapidesque syrenes?
Ille Petreius, ait, cujus vestigia lustras,
Ille Petreius erit, cursu cui lampada tradat
Inter Apollineos celeberrimus Aluar Gomez,
Qui Gellameleis Musis dedit esse disertis.
Me miseram, at postquam rapuit mors frigida vatem.
Obrriguere gelu uiduaeque Camaenę
Ut queis disertis pariter dedit esse Repressus.
At Petreius erit magico qui carmine fretus
Ut pullos gallina suos excluserit ouis,
Sic gellameleis Musas educat ab hortis,
Sic gellameleis Phoebum excantet in antris.
Et quocumque feratur, eo sua musa feratur,
Seu petat egregiam patriam, Magni Herculis urbem.
Qua nimio studio musarum accepimus usum.
Siue velit vacuum musis Helycona beare.
Siue Cygni doceat, flectatque juuetque licium
Praesulis eximii. Seu fontes, pascua, riuos,
Genistas, ulmos, salices, salicumque sodales
Fraxineos visat juncos, frutices, loporesque
Siue Toroticolas spectavit denique ranas.
Nae ille imprudens, quem cum pater almus Apollo
Aonidumque chorus penitus comitetur, et usque
Excubet ingenio vatis peregreque domique,
Dicat ab occeano nostro hoc se hausisse furorem
Aethere delapsum, quo mens adflata repente
Sublimis rapitur. Quo non contendere prorsus
Quo non aspirare queo, saliensue natansue,
Rana loquax. Licet innatum mi ex tempore carmen,
Prograediarque licet Satyrorum more coaxans,
Quorum antiqua nimis pater Ennius carmina vidit.

Verum tale mihi carmen contingere nosti,
Quale solet Nymphis ausis certare camaenis.
Quale etiam Anipedes qui garrulitate sequuntur
Effutire solent. Non autem quale Petreius
Complutum hac rediens docuit me nuper amusim.
Namque quod is cecinit misso ad te carmine dudum
Nouimus, an ranas Phoebi praeseruolet aura?
Huc migrasse sacras musas Helycone relicto
Perpetuam sacrasse sibi haec ad flumina sedem,
Hincque sibi venisse novas in carmina vires.
Numine correptus, pulchre et nugatur amice
Quod si illi ex animo sic delirare volupe, et
Quesitum musas Compluto contulit huc se,
Ille quidem nobis similem se prębet ad unguem
Ruricoli juuenis, qui nymphae captus amore
Undique querit eum scicitabundum asellum,
Anxius atque vagus, cui presens insidens ipse
Preterea, indicibus precium magno ore futurum
Pollicitus. Tandem monitus quumque inuenit illum
Indicibus grates agit, et refferre paratur.
Haec misit chi cum caneret moranti garrula nympha
Atque videretur plura his garrire parata,
Se nisi uisceribus riui insinuasset amici,
Frux caepisset eam nigrae experientia parcae.
Indignabar enim, me praeter hic esse Poetas,
Qui mihi dissuadere queant meme esse poetam.
Et mihi praerripiant, tibi quod respondere possem.
Fors, celeber vates, celebrem nam reddere pergit
Carminibus, Petreye, tuis celebranda per orbem
Patre Deo geniti Dilectrix inclyta Christi.
Inficias vix ire potes. Nam te fore vatem
Arguit agricolis docta abs te rana poesim.
Vale.
(Biblioteca del Escorial e-II-15 fols. 92 v.-94.)

Al muy reverendo Señor Alvar Gomez catedratico de Griego en la Universidad de Alcalá respuesta en metro yambico de D. Juan Hurtado.

Dichosa tecla del Latino vando
y de la musa argolica dechado
y de la Castellana nuevo chantre
y lo que habia primero de decir

en el christiano coro digno preste.
A ti salud de allá do nunca mengua
allá donde la larga affluencia
de gustos mana á gustos impression
de vida desmolida, y regañada
no llamo yo ni es regañamiento
al pesar justo que á las esperanzas
de gustos que no cumplen desencona
mal debito tormento, y gran tormenta
del purgatorio do las Almas hierben
friendose en las penas de las llamas
por do de grado en grado van trepando
cocidas en la absencia de la gloria
briosas, encogidas, lastimosas
pero con un hidalgo sufrimiento
con que van promoviendo en las limpiezas
Dios sabe en quantos lustros, quantos passos
mas mejor es salir tarde que nunca
al gusto, y gozo que con tu elegante
y viva carta recibi no el
de los enmascarados que da el vulgo
entiendo vulgo no por los menudos
sino por los que en viles menudencias
de vicios yacen como yo enfrascados
por mucho que lo estoy mas lo estuviera
sino porque escuche medio aturdido
el mucho mormorio que las aguas
de gracias davan en sus arcaduces
por do la gracia viene, y va encañada
que son las almas de varones santos
a este esteril y seco desierto
donde las fuentes de los Sacramentos
por la misericordia inagotable
de la salud que espero siempre manan.
Aqui la falsa sed se desengaña
si la fe desalterada le da via
y nos hace dexar la cantarilla
de nuestro ardid, consejo y entimemas
como acaescio en el pozo de Jacob
do la Samaritana argumentaba
el grande amor que en tus cartas me muestras

me da salvo conduto a disparar
quanto a la boca se me viene
aunque despues y antes que lo diga
con mi flaco juicio lo registro
y del ageno espero enmienda, y lima
para mis desembueltos disparates
porque ni yo soy digno de imitar
los sacrosantos saltos de David
ni las hondas celadas de Thebano
ni el muy sublime y gracioso pretexto
del sabio valentin Osias March
ni de la muy illustre y honda musa
del granadin la mascara dichosa
ni de tu Musa la tranquilidad
mañosa que al lector atarantado
con alterada sobrehaz le llama
bien con el avisado y buen cabrero
con la cabra que va de cerro en cerro
de breña en breña el que vaya quejada
que el la reduce al competente pasto
con alentado y manso corazon
pero con voz briosa, y pies de gamo
creida tengo la invisible fuerza
del amor que en los brutos, y en las plantas
y en los duros mineros hace mella
y mucho mas en quien tiene caudal
como es el alma racional del justo
la causa oculta de la dissonancia
so consonancia va en constellaciones
so complexiones no sin el gobierno
de luz divina que le da sus rayos
y los hermana a un fin, y deshermana,
segun la paz ó guerra les conviene
que no seria de su grande franqueza
do cumple sobresalto dar reposo
y no gastar la paz que nos combate
tambien se traba buena paz, o guerra
por el guiamiento que el Angel que en gracia
de aquél está que nos le dio por guarda
pero otras veces nacen sentimientos
de hombres como yo que siempre yacen

en iras, y apetitos mal mandados
que alla se van donde les lleva el soplo
como los milanillos de alcarciles
quando las noches, y tareas crecen
de las cuidosas mozas hilanderas
y la cuerda hormiga se bastece
sin amargarse de ello el buen villano
asi me vea yo bien entrastado
como me duelo de mi entrastamiento
y como creo que quanto aqui digo
lo sobrepujas con vuestro y seso
pero mientras mexor cosa no hago
oso parlando desfrutar la musa
de tus viexas lecciones y experiencias
en especial siguiendo tus pisadas
a quien asi siguiesse en la destreza
y letras, y bondad y gran mesura
como es signo en el amor debido
dubdoso estuve si responderia
sin consonantes ó en metro español
como me acometiste con tu carta.
Mas vi que el canto comenzabas
y porque aora se usa entre poetas
y en el primer troba es uso en España
y porque entre otras trobas se sufrian
y porque es descansada esta poesia
y porque no se sabe entonar bien
quien no se desentona donde cumple
y porque los que vienen al trobar
entrar no dubden por menguado vado
y por dar mejor tono á lo entonado
quise escrevir assi siquiera aquesta
aquesta letra ; é ley rigurosa
del trobar nuestro metro desatada
como tu hondo Pindaro hacia
no sin mysterio segun yo sospecho,
bien assi como madre cariciera
que al tierno niño entrega las galas
le pone mano de texon é higa
porque se le (en blanco) en ella el mal ojo
es porque las muy utiles sentencias

se miren con desocupada vista
mal ojo digo al que se está en las galas
y por las flores dexa el dulce fruto
como lo creo y bien sanctos doctores
confuso destas verdades aunque malo
oy dia de la dulce y limpia sangre
de aquellos que muriendo y no hablando
hicieron confession á Dios accepta
en vuestro de la sangre redemptora
de quien primero que se le agotasse
la sangre nueva cobra hidalguia
primeros en la escuela del martyrio
que no solo por Christo padecieron
mas en lugar de Christo degollados
quien fuera aora tanto faborecido
de la christiana musa que pudiera
decir no como tordo y papagaio
la hidalguia desta nueva gente
y del cruel la brutedad villana
y la paciencia del que nos espera
y la obediente y sagrada partida
de la siempre doncella y santa Madre
del hijo de Dios Padre para Egýpto
donde la gran llaneza de la tierra
descubre el hondo fin de astronomia
por la serenidad del ayre y cielo
y la delicadez de los ingenios
Quien te dixera Egypto la ventura
en receptar en ti al sol de justicia
embuelto como en nubes en pañales
niño pero Señor de tus planetas
ni pienso que faltara ingenio ni arte
no espiritu no nombre de poeta
que aunque sufria temporal pobreza
no fuera menester otro Mecenas
no febos para fecundar la mente
y concebir crecidas intenciones
dentro de fe y mesura governadas
y levantar con gran magnificencia
los pies del Griego y del Latino verso

y de las nuevas rimas Castellanas
a quien tambien ayudas y vandeas
entres tus sacras oras, é lecciones
estudios y domesticos cuidados
que solo bastarias para salvarlas
si el mundo nuevamente se anegasse
aunque condenas á tu octava rima
sin ser oyda y sin justa causa
como arte desdeñosa que aborrece
los dulces paxaricos que criaba
porque los cazadores los miraron
pero mayores cosas esperamos
de tu christiana musa en el latin
y sino conjetura mal mi musa
veran los que vivieren de la tuya
generacion que sea bien recivida
de la musa davidica por lo alto
a mano (en blanco) Geronymo y Ambrosio.
(Bibl. del Escorial, H. I. 9 fol. 27.)

En alabanza de las cuatro Canticas del sublime y gracioso Osias March antiguo Poeta Valenciano Soneto de su observantissimo rimador Dn Juan Hurtado de Mendoza.

De sano amor secretos encantados
de hondo aviso moral disciplina
ricas ganancias de la libitina
divinos gustos al alma inspirados
Veras aqui Lector atesorados
con musa dulce casta fuerte fina
en lengua obscura, viexa, valenciana
tarde entendidos, y tarde escuchados
El loco precia el retinente alambre
Por el retinte, y resplandor agudo
mas que oro fino, sino es relucido
El oro en su retinte es algo mudo
quien va por oro á las minas con hambre
del precio y señas va bien advertido.
(Bibl. del Escorial, H. I. 9 fol. 26 v.)

TRACTADO DE AMIÇIÇIA

Entre los códices de la Biblioteca Osuna que fueron adquiridos por el Estado español para la Nacional de Madrid[1] figuran dos de no despreciable interés para la historia filosófica del Renacimiento. Nos referimos al *Tractado de Amiçiçia* y al *Tractado de la bienauenturança*, escritos por el Doctor Ferrán Núñez á últimos del siglo XV.

El *Tractado de Amiçiçia* lleva hoy la signatura *Hh.* 78, y es un códice de 190×136 mm., escrito en papel (excepto la primera y última hojas, que están en vitela), de hermosa letra de fines del siglo XV. Consta de doce folios, en los cuales el número de renglones oscila entre 35 y 38 por página. Tiene algunos reclamos. En el folio 1º r. hay una inicial hermosamente iluminada en oro, azul, rojo, rosa y verde, y la página (exceptuando el márgen derecho) ostenta una preciosa orla de flores y animales. En la parte inferior está dibujado el escudo del Marqués de Santillana, con la leyenda : *Ave Maria, gratia plena*. El título de la obra (en rojo) es como sigue :

Prohemio z declaraçion del verdadero nonbre de amor, intitulado al tracta ‖ do de amiçiçia, conpuesto en vulgar lengua por el doctor Ferran Nuñez para el ‖ illustre z serenissimo señor su señor el duque del Infantadgo, conde del Real.

E. : « Muӯ illustre z serenissimo duque señor ». A. : suplan qualquier defecto que buen juyzio dictare que deuen enmendar ».

El *Tractado de la bienauenturança* lleva actualmente la signatura : *Reserv.* 6ª.-*13*, y es un códice de 132×87 mm., escrito en papel, con algunas hojas en vitela, de grande y buena letra de fines del siglo XV. Consta de setenta y nueve hojas, en las que cada página suele tener 18 renglones. Hay algunas notas marginales, de la época. En el folio 1º r. va una orla en colores, con el escudo del Marqués de Santillana dibujado en la parte inferior, y la palabra IHS en la superior. La inicial de la misma página está iluminada en oro, azul, rojo, rosa, verde y lila. Al folio 6º v. hay otra inicial iluminada. El título de la obra (en rojo) dice así :

Principio z introduction a un excelente tractado ‖ de la bienauenturança, copillado por el doctor fe ‖ rrant nuñez, del consejo del rreӯ z rreӯna n̄ros ‖ señores, para el

---

1. *Catálogo abreviado de los manuscritos de la biblioteca del Exmo Señor Duque de Osuna é Infantado, hecho por el conservador de ella Don José María Rocamora* (Madrid, Fortanet, 1882). Números 163 y 164.

illustre z serenissimo señor su se || ñor don ÿnigo lopez de mendoça, duq᷄ del ynfá || tadgo, marques de santillana, conde del Real.

E : « Por muÿ claro conosçimiento tengo conosçido, illustrissimo señor duque ». — A. : « E gloria e honrras z graçias infinitas den aquel hazedor que lo administro sin meritos mios, al qual con quantas fuerças yo puedo las do, z a la gloriosa madre suÿa, que syn nenguna macula meresçio ser madre suÿa Deo graçias. »

De la personalidad del autor, totalmente ignorada hasta ahora [1], sabemos tan sólo que se calificaba de *Doctor*, que perteneció al Consejo Real y que sirvió al Duque del Infantado. Escribía sin duda á últimos del siglo XV, pues los dos opúsculos descritos (únicas producciones suyas que conocemos), van dedicados á Don Iñigo López de Mendoza, segundo Duque del Infantado, Marqués de Santillana y Conde del Real, quien vivía por aquel tiempo. Don Yñigo fué hijo de Don Diego Hurtado de Mendoza, primer Duque del Infantado, el cual testó en 14 de Junio de 1475, y nieto del famoso autor de la *Comedieta de Ponça*.

Los opúsculos referidos, sin ser de primer orden, constituyen una buena muestra de lo que eran la erudición y el estilo, no precisamente en los renacientes, sino en los *aspirantes á renacientes* del siglo XV. El doctor Ferrán Núñez, como Pedro Díaz de Toledo, como Gracia Dei, como Juan de Lucena, como Fernán Pérez de Guzmán, como Mosén Diego de Valera y tantos otros, « caresçiendo de las formas, era contento de las materias », y así se ve aquél su anhelo de resucitar el saber antiguo, citando á diestro y siniestro á los clásisicos que pudo conocer, y entreverando su dicción con hórridos latinismos. Su confesión, al final de la dedicatoria del *Tractado de la bienauenturança*, es harto ingenua : « z ante que comiençe — le dice al Duque — crea uuestra señoria que, con tan grand pena se escriue en romançe, que *non puede ser cosa mas penosa z de mayor trabajo.* » Y esto se afirmaba por los mismos años en que salía á luz la *Comedia de Calisto z Melibea*!

Reproducimos á continuación el *Tractado de Amiçiçia*, sin otros cambios que deshacer las abreviaturas del original, escribir los nombres propios con mayúsculas, sustituir las *ss* largas por cortas, y poner la puntuación. El autor (como indica él mismo al principio de su trabajo) toma por base las opiniones de distintos jurisconsultos, romanistas y canonistas, lo cual no deja de contribuir á la ingrata sequedad de su estilo. No sería difícil tampoco tacharle de alabar en demasía los méritos de su protector, si no supiésemos cuán general era esto en su tiempo y siguió siéndolo en los posteriores.

A. BONILLA Y SAN MARTÍN.

1. Hablamos por vez primera del Doctor Ferrán Núñez en nuestro estudio : *El Renacimiento y su influencia literaria en España* (*La España Moderna* ; Febrero de 1902), págs. 98-99.

Prohemio z declaraçion del verdadero nonbre de amor, intitulado al tracta || do de amiçiçia, conpuesto en vulgar lengua por el doctor ferran Nuñez para el || illustre z serenissimo señor su señor el duque del Ynfantadgo, conde del Real [1].

Muȳ illustre z serenissimo duque señor : en el comienço de cada obra, segund la opinion de los antiquissimos z christianissimos doctores z de los modernos, el auxilio diuino se deue pedir, por que la obra o intinçion buena con que se haze se protraygua a buen fin, ca syn este adjutorio del sumo bien, ninguna rrazon se entiende, ni menos natura se puede substentar, ni acçion alguna se puede expedir. Asy lo dize aquel diuino orador Plato [2], z aquesto pretermisso, non se puede començar buen prinçipio, nin menos traher a buen fyn. E, segun dize el prinçipe de los peripatheticos, el Aristotelis, del sabio es ordenar z con grande studio en orden poner. E el Seneca, en el quarto de sus *Declamaçiones* : toda honesta obra la voluntad la prinçipia z la ocasion o causa de la començar le da fin. E acatando esto, ylustre señor, mi habla tomara z tiene prinçipio de aquel non generado padre que da ser a todas las cosas, z a los balbuçientes da eloquençia z pone audaçia por su bondad marauillosa, z a los debiles flacos les da osadia z fuerça, z del vnigenito fijo suyo que, sin varonil simiente, de la virgen purissima, virgen quedando, naçio, del qual es todo saber z de quien proçede toda sapiençia z sçiençia, sera la prosecuçion deste comienço, pues que el solo

1. Estas líneas van en rojo en el códice.

2. Cuyos diálogos *Axioco*, *Fedro* y *Fedon* puso en castellano, traduciéndolos del latín, el Doctor Pedro Díaz de Toledo, del Consejo del Rey Don Juan II. La versión del *Fedon* va dedicada al Marqués de Santillana, y parece anterior al año 1445. Hemos dado noticia detallada de estas traducciones en nuestro : Ion, *diálogo platónico, traducido del griego por Afanto Ucalego* : Madrid, M.C.M.I. (páginas IX-XXV).

es hermosura ꝛ decor de todas las gentes ꝛ uerbo de Dios. Debaxo de la qual doctrina prosiguo, ꝛ con su lumen, *quod est lux vera ꝛ eterna*, este camino agredior, ꝛ el efecto desta rrazon o oraçion ꝛ prinçipio trahe el Paraclito, proçediente de amos, ꝛ aquella conluzida infusion deste sacro don puesto en la via o camino. Comienço, e a la perfecçion desta santissima trinidad, que indiuidua tiene essençia, loor ꝛ gracias ꝛ laudes ynfinitas con todas mis fuerças ofresçiendo, de su inhefable misericordia teniendo firme esperança, mi balbuçiente lengua en este vulgar, que pierde el dulçor de la eloquençia ꝛ en que ningun buen stillo se puede tomar comõ en la sacra lengua latina, quiero començar, dezir ꝛ loar, ꝛ mejor declarar las ynnumerables virtudes ꝛ exçelençias de vuestra perssona ꝛ nobilissima progenie, ꝛ prosapia donde proçede. E porque a otro asy conuinientemente comõ a vuestra ylustre persona se pudo adoptar sermon de nobleza, ni a otra persona alguna pudo conuenir de se llamar noble comõ (fol. 1° v.) vuestra señoria, porque en verdad ninguno tiene abraçado ꝛ vnido a si mesmo por quatro costados la generaçion de nobleza sinon solo vuestra ylustre perssona, e en todo modo o genero della. E por que el philosofo, en el quinto de la Ethica [1], persuade ꝛ dize que a los nobles es dado hazer merçedes, ꝛ para las hazer dize que deuen ser atraydos ꝛ persuadidos, ꝛ esto dize ser honor e gloria, a vuestra señoria, que desde la juuentud ꝛ niñez todos los tiempos syn cansar de continuo trabaja en tan magnificas cosas, asi de grandeza destado comõ de gentes continuas ꝛ marauillosos hedefiçios e de virtuosa gouernaçion, ꝛ en virtud colocar en persona. La qual, segun el gran Basillio, varon exçelente ꝛ de admirabile nominaçion, non piensa que en esta via se puede arbitrar, nin menos estimar ni llamar de vtilidad o prouecho, sinon la via de la virtud, porque, segun el dize, nin la dignidad, nin

1. Don Cárlos, Príncipe de Viana, tradujo al castellano los diez libros de la *Etica d Nicomaco* en el siglo XV (v. el ms. S, 153 de la Biblioteca Nacional de Madrid, y los P, 191; S, 72; S, 20; S, 9; y T, 127).

la grandeza de los mayores, nin las fuerças del cuerpo, nin la forma del, nin la honrra dada de todos los honbres, ni el ynperio, ni otra cosa que se pueda dezir en esta vida, exçelente z longeua sperança nos da para alcançar la eterna synon la virtud. E pues desta tan dottado esta vuestra nobilissima perssona, que con digna rremuneraçion seria honor z gloria, porque honor, segun lo dize el philosopho *In primo Ethicor.*, mas esta çerca del dador de la honrra que non del que la rresçibe, mas yo, ylustre señor, con ynmensa alegria z gozo me alegro, conosçiendo, por çierto z auiendo aprehendido z visto lo que a muchos antes oya, z que por esperiençia ellos auian conosçido, z con vn spiritu de verdad que penetro mis entrañas z coraçon en vna forma marauillosa, me mostro quel honor de vuestra serenidad es el bien propio z virtud rradicada en su ilustre persona, que es muy difiçille z avn quasi ynposible que della se aparte. E la gloria, quanto mas la mundana, como sea jnane z vana z syn fructo, dizelo aquel consolado Boeçio [1], en el terçero, adonde dize que el tragico la llama injuria. ¿ Que cosa es gloria en los millares de los honbres synon vna inflaçion grande de los oyentes ? La merçed z honor z gloria de vuestra señoria, non es nin puede ser synon aquella que de si mesma es estable z por si mesma es sufiçiente bien. z esta es digna de contar z numerar de vuestra ylustre persona. Porque sy vn poco mas alto vuestra señoria z los que lo acataren los ojos alçaren z eleuaren, en aquel lugar la hallaran asentada z colocada, en el qual todas las cosas son, z

1. Del *Tratado de consolación* de Anicio Manlio Torcuato Severino Boecio, muy conocido y mencionado en la Edad Media, hay varias versiones castellanas del siglo XV (véase, por ejemplo, el ms. Ii. 35 de la Biblioteca Nacional de Madrid).

También tradujeron esa obra, en el siglo XVII, el gran poeta D. Esteban Manuel de Villegas y D. Agustín López de Reta. La versión de este último, que á nuestro juicio es la mejor de todas, fué publicada por D. Vicente Rodríguez de Arellano en 1805 (Madrid; por Gómez Fuentenebro y Cª; XXIV+231 págs en 8º).

donde se colocan los preclarissimos varones. Ca esta gloria mundana, avnque paresçe bien para alguna parte del anima, muy̆ pequeña ⁊ de poco durar es. Por eso, señor, aquella que es muy̆ mas exçelente ⁊ que dura donde esta la perpetuidad, esta aparejada a vuestra exçelençia, en la qual fruyen los bienauenturados, que es la eternal silla ⁊ morada, la qual non se da a los que esperança en los honbres tienen, nin a los que atienden ⁊ siguen la boz del pueblo, nin a los que su premio en lo mundano ponen, saluo a los que la virtud com̃o vuestra señoria tiene, ⁊ este premio ⁊ gloriosa corona en grandissima copia vos esta en los çielos rrepuesto; a lo qual sola la yleçebre virtud de vuestra (Fol. 2° r.) persona exçelente vos traxo a esta verdadera fama ⁊ honrra, porque de vuestra señoria siempre se dixo, ⁊ por obra paresçe ⁊ se vehe, ⁊ fuy buen testigo, porquel honor deuido a los que gouiernan ⁊ rrigen la rrepublica, com̃o vuestra exçelençia lo haze ⁊ quiere, este honor se deue, ¿ quanto mas se dara a los que la virtud tienen? Ca, com̃o el Çiçero dize, en el *Sopno del Sçipion*, sola la virtud haze al honbre bien auenturado, ⁊ por otra ninguna via este nonbre de bien auenturado se alcança. E yo, queriendome rreduzir al proposito, sy el alegado prinçipe de los filosofos dize ⁊ persuade que a los nobles deuemos de atraher a hazer merçedes, quanto mas determina ⁊ se ha de creer que se deue de persuadir a los ylustrissimos, com̃o es vuestra señoria, ⁊ toda su progenie donde proçede ⁊ de donde se diriua ⁊ desçiende, que desde los godos aca non se lee generaçion tan nobilissima nin donde tanto numero de virtudes ⁊ marauillosos actos ⁊ tan insignes varones ayan proçedido. ¿ Quien podra contar niñ en escriptura alguna poner las exçelençias, virtudes ⁊ nobles actos ⁊ de gran marauilla de aquel de memoria digno del stipite donde proçede vuestra señoria, el señor don Pero Gonçalez de Mendoça? Que avnque es puesto por grandissimo loor ⁊ exçelençia ⁊ muy̆ gran osadia la quel rrey Saul hizo, que sabiendo que auja de morir, el ⁊ sus fijos podiendo fuyr, vino a la batalla donde murio, segun se lee *Regum. primo. vltimo. c.*, mayor exçe-

lençia fue la que fizo τ de mayor osadia, en lugar de tanto peligro, que con marauilloso esfuerço saco τ libro al rrey su señor, τ puesto en lugar donde se pudiera librar su persona τ ganar grandes tierras τ gran señorio por tan gran seruiçio como auia fecho, sabiendo que non podia escapar, todo pospuesto, como vn leon brauo, pensando el solo vençer τ rrecobrar lo perdido, boluio a pelear donde murio. ¿ Que podre dezir nin narrar, nin menos podria avnque mucho trabajase, en escriptura poner los belicosos actos del glorioso avuelo vuestro don Yñigo Lopez de Mendoça, cuyo nonbre en vuestra señoria esta rrecobrado ? Ca son tan ynumerables batallas τ cosas en que non themio cosa que se pudiese dezir temer, τ a que su persona non pusiese, τ tan dignas de loor, que es mas loor suyo τ de vuestra señoria, segun son notorias, dexallas, que dezillas ; pero vna cosa sola non podria callar, mas mucho τ mucho se deue escreuir, que fue ser en singular modo sapiente, τ escreuir tan marauillosas doctrinas, todo por lo natural, que por graçia le fue dado mas que por arte, que nunca aprendio ; ¿ de quien se podra dezir nin menos escreuir, que fuese tan sabio τ tan exçelente τ esforçado varon en todas las estorias que discurrir se pueden ? solo vno se hallara a quien le semejar pueda, que fue el grandissimo varon τ de gran exçelençia Jullio Çesar, de quien todos se nominaron por su exçelençia, que de audaçia τ fortaleza mucho acabado se falla, τ touo τ la sapiençia en exçelente manera, que por su sapiençia fallo el visiesto del año, τ antes nin despues del otro ouo que tanto alcançase. Pues (Fol. 2º v.) ¿ que dire del ylustre señor duque, padre de vuestra señoria, don Diego Hurtado de Mendoça, que fue done doctado de ynumerables graçias, tales que en las quatro çiuilidades o maneras de señorear que escriue el filosofo en el primero de los *Retoricos*, todas quatro touo τ muỹ cognosçidas en el ? ; pues jn espeçie viniendo la prudençia, avnque por exçelençia se adapta a Noe, çerca de su señoria en mayor exçelençia se podria poner, τ por mas singular, segun la fama τ obras que por ella hizo, mayormente en la lealtad τ guarda de las cosas que prometia τ

daua. Pues la confidençia, la begninidad ɀ amor a los que le siruieron, syn cuento se muestra; la stabilidad ɀ firmeza muȳ maȳor que en Josue, segun por sus actos paresçe; la perfecçion mas perfecto fue que otro alguno en todas sus obras. El seso ɀ prudençia de Salamon non fue tan acabado; ya la paçiençia esta, avnque se adapta a Job, muȳ mayor la touo en grandes cosas su exçelençia; la fecundidad ɀ perseuerançia, la deuoçion, todas segun los tiempos en que su señoria las exerçito para desatar grandes lazos ɀ ligaduras ɀ sostener la rrazon, ningun gouernador la alcanço tan acabado como su señoria. Pues ¿que se podra dezir de otros muy ylustres ɀ serenissimos señores que desta prosapia ɀ projenie han proçedido, de donde agora en vuestra exçelençia se memora todo? Pues bien con rrazon, por la breuedad que es plazer de los modernos, dire, tomando la doctrina del philosopho, que a tan ylustre señor como es vuestra señoria deuo persuadir ɀ atraher que faga merçedes ɀ las fechas conserue como continuo lo haze, queriendo tomar exemplo de aquel inmenso dador Dios nuestro, que sienpre da ɀ nunca rresçibe. Ca si acatare a la persona de vuestra señoria, tantas ɀ tan ynumerables virtudes ɀ exçelençias vy ɀ estan el rradicadas, que non puedo otra cosa dezir, segun el amor que a tan pequeño ɀ indigno sieruo mostro, synon lo que dize él Posio[1] del Tito emperador, que paresçe vuestra serenidad amor ɀ deleyte, ɀ en algo mas quiero estender. Que sy mirare a la prestançia ɀ nobilissima projenie ¿ quien, entre todos los cabdillos ɀ duques del mundo semejable se halle, que, por venustad de los mayores ɀ por gloria de los padres ɀ parientes, a vuestra linpidissima sangre ɀ tan clara se pueda llegar? E sy de la epulençia de rriquezas bastare, anplissimos son los señorios que tiene de potençia singular, los çibdadinos ɀ subditos ɀ de firme amor ɀ beniuolençia. Sy de la virtud ɀ grandeza de coraçon opinare ɀ acatare, tanto grande ɀ de tal manera, que

1. ¿ Poggio Bracciolini, el autor de la *Historia de Florencia* y eximio humanista ?

es marauilloso, mayormente en la singularidad de los hedefiçios, que non se, mirandolo, a que lo pudiera adaptar, nin menos similar, synon aquel hedefiçio que de la talla ⁊ Hellion que hedifico aquel notable rrey ⁊ muy memorado Priamo, que mirando su forma ⁊ sotileza, creheran (Fol. 3º r.) ser verdad lo que desto se escriue. ¿ Que dire de la virtud de la justiçia, que tanto ama ⁊ quiere, de la rreligion ⁊ liberalidad, de la clemençia ⁊ piedad, de la fe, ⁊ constançia, ⁊ moderaçion ⁊ prudençia que vy en vuestra señoria, ⁊ de que esta doctado ⁊ continuo exerçita ⁊ vsa, synon requerir al philosofo que nueuamente paresca, ⁊ me de audaçia para persuadir a tan nobilissimo varon ⁊ de tanta exçelençia que me faga merçed, pues indigno de la resçebir me fallo? ⁊ pues este jnfiel, avnque muȳ memorado ⁊ que non tiene esperança, boluerme he aquel solo dador que a prinçipio inuoque, pues aquel solo es el que da a los flacos ⁊ debiles fuerça, ⁊ a los ygnorantes sçiençia, ⁊ este guiador me demuestra que tenga fiuzia en tantas ⁊ tan ynumerables virtudes com̃o en la ylustre persona de vuestra señoria estan, que aquellas vos atraheran a lo conçeder, pues la virtud esta en el dar, ⁊ non en el que rresçibe; ⁊ queriendo non ser prolixo ⁊ dar fyn en este prinçipio, serenissimo señor, muȳ conuiniente cosa fue que a tan graçioso señor, ⁊ de tantas virtudes doctado, que tanto amor me mostro, siruiendo escriuiese, ⁊ en perpetuydad pusiese por comienço ⁊ cognosçimiento de todos este tractado de amor, porque por esta amiçiçia vuestro exçelente ⁊ magnifico estado mucho mas se ahumentara cada dia, solo por querer ⁊ amar lo honesto ⁊ bueno, que es el propio amor, segun adelante en este tractado paresçe, ⁊ por quedar la amiçiçia con quien vuestra señoria la puso. E por esto, con gran rrazon m̃ouido, por que a todos fuese noto este nonbre de amigo de que me yntitulo, que tan rradicado vuestra señoria tiene, fue conuiniente cosa, por començar a seruir, que en esta lengua vulgar escriuiese, para saber que cosa es amiçiçia ⁊ amor ⁊ beniuolençia. E por esto, mouido con aquel modo ⁊ acatamiento que deuo, suplico a vuestra exçelente magni-

liçençia que non acatando a la flaqueza ꝛ poco saber de mi rrudo juyzio ꝛ non buen estilo desta mi obra, pues lo causo la nescessidad de la lengua, ꝛ al desseo ꝛ fyn que me mueue a lo copillar, vuestra señoria con esto lo quiera rresçebir gratamente, a exenplo del rredenptor nuestro Iesu, que le pluguo mas el exiguo don ꝛ pequeño de buena yntinçion que lo muȳ mucho mas; ꝛ lo defectuoso vuestra exçelencia lo supla ꝛ lo superfluo quite, ꝛ en todo a enmienda ꝛ correcçion lo mande traer, ꝛ non mirando a los emulos, como ninguno dellos caresca; ꝛ como quiera que es noto a todos, pero asento mi animo aqui enxerir algunos doctores ꝛ santos de santissima vida, ꝛ otros que los touieron, ꝛ començare de los poetas, por ser antiquissimos que los storicos ꝛ oradores ꝛ que otro genero de scriptores. Homero, que fue duque ꝛ cabdillo de la filosofia, ꝛ fuente ꝛ ynuentor ꝛ origo de las cosas diuinas, este en la posteridad de su studio touo tantos emullos, que dormitante, ꝛ yncredulo, ꝛ otras injurias en su nonbre ꝛ escriptura pusieron, en espeçial Zoylo, que fue maestro de toda Maçedonia ꝛ Alexandria, le llamo Homeromastis en lo que escriue a Tholomeo rrey *contra yliaden*, ꝛ era ya pasado desta vida Homero en aquel tienpo mill años auia. Maro mantuano, cognosçedor de toda disçiplina, que, segun dize el Flaco, non se hallo en tierra alguna (Fol. 3° v.) otro mas rresplandesçiente, muchos emulos touo, que le cononbran ladron publico, ꝛ le dizen feos denuestos. Esto mesmo padesçio Pedro[1] Terençio, de los comicos el mas exçelente. ¿Quien puede pensar nin dezir lo del Tullio ꝛ Sçiçero, que son luz de la eloquencia ꝛ doctrina[2] de los quales grandes loores se dizen, gran emulation touieron, que ouo quien de tantos ꝛ tan sumos oradores oso dezir que locamente ꝛ como escurras auian hablado? ¿Que dire de Demostenes, en tanta grauedad tenido, ꝛ eminente en el arte oratoria ꝛ

1. Asi, por Publio.
2. Como se ve, considera á Tulio y á Cicerón como dos distintas personalidades.

en el vso ɀ majestad de dezir, que Epicuro ɀ los que lo siguen, en espeçial Metodoro ɀ Ermachus, ɀ otros filosofos, mucho lo laçeraron, ɀ el mesmo Epicuro a Platon continuo muerde ɀ maltracta el philosofo Aristotiles? ɀ el Eusebio, en vn libro que hizo *de preparatione euangelica*, en vn capitulo que comiença *Elearcus*, dize quel Aristotelis fue judio ɀ de su generation [1]. ¿ Quien podra escreuir la emulaçion del Fauio contra Seneca, ɀ Seneca contra Phauio ɀ contra Quintiliano, ɀ el Quintiliano contra el, que avnque son exçelentes en doctrina, ɀ varones de gran jngenio, nunca su propio nonbre se llaman? Pues dexados estos de tanta sapiençia, viniendo a los santos, lea la contençion del glorioso Ieronimo con Rufino Aquiliensi, con Jouiniano, con Vigilancio. ¿ Quien vido las epistolas del Jeronimo con Agustino, ɀ Agustino con el Jeronimo, que como quiera que santissimos varones ɀ de marauillosa sapiençia ɀ de tanta santidad ɀ doctrina enseñados, que a todos exçeden en sus escripturas ɀ vidas, mas de emulaçion no poca, antes grande, es visto tener? ¿ Que dire del Çipriano, en toda arte [2] oratoria admirable, fue de muchos acusado ɀ escarnesçen del, llamandole Capriano por la jnuidia ɀ emulaçion, ɀ oy los Tomatistos ɀ Escotistos en las opiniones tanto diuerssos? E assy, serenissimo señor, vuestra señoria non se marauille que contra mi, pusilo ɀ flaco honbre, ɀ yndocto, algo se diga, mas suplico a vuestra señoria con la exçelente virtud de nobleza lo supla, ɀ a los lectores suplico que lo lean con yntinçion de lo emendar cada que lo leyeren, ɀ si leyendo hallaren lo que yo ygnore, lo suplan ɀ enmienden ɀ syn detracçion a correcçion lo trayan, tomando la doctrina ɀ sentençia del papa Melchiades, que primero todo diligentemente lo ynquiran, ɀ con justiçia ɀ caridad difinan, a ninguno condepnen hasta hallar justo ɀ verdadero juyzio, ɀ a ninguno judguen por suspiçion de arbitrio, mas pri-

1. Desde : *ɀ el Eusebio* hasta *generation*, está subrayado, y con una cruz en forma de aspa al margen.
2. Borrado : « de ».

mero prueuen ⁊ despues caritatiuamente condepnen, ⁊ lo que quieren para sy quieran para otro. E ynuocando el auxilio del que a prinçipio por auxiliador tome comō dador de las graçias, comiença el Tractado ⁊ dize asy [1] :

I

Para uerdadera notiçia desta palabra amiçiçia, primeramente deuemos saber por cognosçimiento que cosa es. Lo segundo de donde se diriua ⁊ quantas maneras ay de amistad. Lo terçero a quien es deuido, ⁊ (Fol. 4° r.) quanto el amigo deue amar a su amigo. Lo quarto que fruto trahe amar. Lo quinto por que causas se pierde o deue perder la amistad. Lo resto ⁊ vltimo, que prouecho trahe tener amigos, ⁊ destas materias tracta asaz plene el filosofo, en el octauo ⁊ nono *Ethicor.*, ⁊ el Tulio *in libro de amiçiçia* [2], ⁊ en el primero ⁊ terçero *de ofiçiis*, mucho por *ynstenso* el santo doctor en la segunda del segundo, en la quistion veynte ⁊ seys ⁊ veynte ⁊ siete ⁊ veynte ⁊ ocho, tractando de la caridad por todas las questiones. Esta bien por ynstenso por todo el titulo veynte ⁊ siete de la quarta partida ; pone algo çerca dello el Sabio, *prouerbiorum*, çiento ⁊ veynte ⁊ siete ; mas porque en estos lugares esta muȳ vulgar, dexando las rrazones ⁊ opiniones ⁊ diferençias destos actores, por euitar la prolixidad, solamente por lo rreduzir ⁊ traher al proposito por mi ya yniçiado, entiendo proseguir en este tractado sola la opinion de los juristas,

1. Hay un espacio en blanco de dos líneas en el códice.

2. Hay versión castellana de este opúsculo, hecha en el siglo XV, en el ms. Ii. 21 de la Biblioteca Nacional de Madrid (es el nº 54 del *Catálogo abreviado de los manuscritos de la Biblioteca del Excmo. Señor Duque de Osuna é Infantado, hecho por el conservador de ella Don José María Rocamora* ; Madrid, Fortanet, 1882).

D. Fernando Casas publicó en Cádiz, en 1841, una nueva traducción, con el texto latino y notas, de : *Lelio, ó diálogo de Marco Tulio Cicerón sobre la Amistad* (XXIV+214 págs en 8º).

que sera cosa nueua, z lo que los doctores en estos casos ponen z determinan, yntrexiriendo algo de los dichos de algunos singulares filosofos z poetas, z algo de la sacra escriptura en el lugar do conuiene. E porque en estos casos ay algunos vocablos que non bien se rromançan, perdone vuestra señoria si alguna obscuridad touieren, que yo entiendo de trabajar de los poner en el mejor vulgar que pudiere. E primeramente se ha de saber que los juristas hazen diferençia, z dizen que ay beniuolençia, z benifiçençia, z amor, z amiçiçia, z esto trahe entre sy diferençias, porque la beniuolençia es acto de la voluntad, por el qual a alguno bien queremos, de la qual habla la ley *inperialis* en el prinçipio; z la benifiçençia es vna acçion o acto beniuolo que da gozo al que lo rresçibe, z asi se difine en los *feudos*, en el .c. primero, z asy consta que la beniuolençia esta en la voluntad, z non es operatiua de cosa buena, porque non obra. E tienen diferençia estos vocablos de amor, porque amor rrequiere deliberaçion dei coraçon z voluntad de obra, z por eso el amor proçede *ex animo*, segun se nota en la ley terçera *de donationibus*, z la beniuolençia muchas vezes sin deliberaçion z rrepentina z arrebatadamente z de supito viene, segun muchas vezes por experiençia vehemos en dos perssonas que peleen z jueguen o hagan otros actos, que subito viene al honbre querer que vno vença o gane, avnque non le ama, tiene beniuolençia supita z presta, z algunas vezes ama a quien no es su amigo, z por esto non se puede dezir todo bien querer o amor ser amiçiçia. Ca este amor de amiçiçia ha de ser deliberada bien querençia entre dos, z ha de ser mutua, z a cada vno manifiesta, conuiene a saber quel amor de amiçiçia ha de estar çerca del amante z del amado com̃o vna cosa clara z manifiesta, sin mezcla alguna, z por esto dize la ley: a los amigos auemos de llamar amigos, non por leue z ligero cognosçimiento, mas antiguo z grande, z honesta familiaridad, por rrazon adquirida, z que sea auida con los padres o parientes, non de voluntad presta, synon deliberada; (Fol. 4° v.) assi lo quiere la ley *late.*, do la glosa, alegando al Tulio, dize: el amigo el mesmo

querer z non querer en las cosas liçitas z honestas ha de tener de su amigo o amado, que quiere dezir que avnque dos sean en espeçie, han de ser vna voluntad, vn querer, vn amor en las cosas liçitas, z por esto propriamente se dize *amigo*, que quiere dezir *custos* o guardador del coraçon del amigo; de la qual ley z glosa se concluȳen dos cosas: que la perfecta z verdadera amiçiçia es por lo honesto z bueno solamente, z non por lo delectable, z que tiene aparençias de ser bueno z non lo es, nin por el querer, synon por la rrazon z honestad; z por esto dize la leȳ vna muȳ marauillosa habla, que los nuestros maȳores antiguos z doctos siguieron rrazon, z los padres donde proçedemos extimaron z dixieron aquel amor o amiçiçia ser buena que proçede de solo coraçon z voluntad buena z sinple, z non la que proçede por lucro o ganançia, o ȳnterese z prouecho, cōmo oy por nuestras culpas vehemos que no ay amor ni bien querer, ni la beniuolençia ni amiçiçia, synon por el lucro o prouecho que dello procuran o esperan o han, non que proçeda de la voluntad nin del coraçon, que es presçipua causa por donde las cosas estan cōmo vehemos, porque en todos fallesçe la substançia de la virtud que ha de ser en el amiçiçia o amor, que ha de proçeder *ex animo* z de voluntad, z non por rrazon del ynterese; asy lo dispone la ley allegada, que es terçera, z por esto dizen los doctores que inpropio trahen oy z por muchos tiempos se ha tenido este vocablo de dezir amiga a las que aman, porque non las aman por lo honesto z bueno, synon por lo deleitable, z la verdadera amiçiçia es por lo honesto z bueno, z con pocos z non con muchos, porque para ser el querer z non querer vno, non puede diuertirse z estar çerca de muchos, porque es natural cosa el disentir z non permanesçer ni estar en vn querer los muchos, segun lo dize la ley *Iten si vnus*, z aqui se auia de traher çerca de la vnidad muchas cosas que por la breuedad omito, z desto se sigue que vera amiçiçia non puede estar çerca de muchos, z teniendo esto quel amiçiçia ha de estar en lo honesto z bueno, z se han de querer z amar los amigos antiguos, z que se ouieron con deliberaçion.

Dizelo el sabio : a tu amigo ꝛ al amigo de tu padre non lo dexes ; ꝛ porque este es mi motiuo ꝛ la causa que me mouio a este tractado escreuir, para lo corroborar esto, sera nesçessario traher ꝛ fundarlo con dichos extrahordinarios avnque singulares ꝛ exparzidos en muchos lugares, con este desseo de traher a esta vera amiçiçia a vuestra señoria. ꝛ para ello dize el Seneca en la terçera epistola, ꝛ el Inoçençio, famosissimo papa quarto, fablando desta amiçiçia que es perfecta : Con el amigo toda cosa se ha de fablar ꝛ deliberar ꝛ primero ver, ꝛ asse de fablar tan osado coṁo consigo, porque muchos muestran engañar con themor de ser engañados, que es dulçe dezir bien acatado ; ꝛ el Socrates, en sus exortaçiones, en el capitulo primero, dize : non solamente (Fol. 5° r.) al amigo se deue el honbre todo ꝛ claro comunicar, mas ha de tener en la mesma amistad ꝛ comunicaçion a los que nasçen de su amigo, coṁo herederos en la substançia del padre. De que se sigue que por la absençia o reparaçion del anima ꝛ del cuerpo, o decaymiento destado, nunca la amistad ha de çessar de obrar ꝛ tenerse, pues es virtud. E el filosofo, en el libro segundo de los *rretoricos*, dize : apartarse de los amigos antiguos ꝛ acostunbrados es miserable confusion ꝛ flaqueza, ꝛ miseria de coraçon ; ¡ o coṁo esto es inhusitado, que a terçero dia muy fastidiosa paresçe en todos la amistad, siguiendo en esto el prouerbio malo vulgar, que las nueuas cosas aplazen ! ꝛ contra estos fue lo que dize el Sabio en el *Eclesiastico* : a tu amigo antiguo non lo dexes, quel nueuo non puede ser semejable a el, de que resulta que cada dia non se deue tomar nueua amistad, ꝛ el verdadero amigo non solamente asi ha de comunicar, ꝛ esto comunmente es auido por façile, avnque nuestro saluador lo ouo por dificile, que non hallo maȳor amor que poner su anima por la de su amigo, que es la comunicaçion de sy mesmo, ꝛ darse en sus nesçessidades, mas anle de comunicarle sus bienes ꝛ cosas, lo qual segun el tiempo es dificultoso, ꝛ desto es griego prouerbio, que dize de los amigos es ser comunes todas sus cosas, ꝛ el Tulio lo dize en el primero de los *ofiçios*. En los amigos ha de ser vn estu-

dio, vna voluntad, vn tener, en manera que cada vno sea el otro, τ cada vno aya la mesma delectaçion τ plazer honesto del otro, τ sea el vno τ el otro su amigo mesmo, en que paresçe dezir lo que Pitagoras dize : Quel amigo ha de ser fecho de muchos vno, τ con esto concuerda el Valerio en el libro quarto, en el titulo *de moderaçione phor.*, que como oyese que Xenocrates su disçipulo muchos males dixiesse del, con inpetu menospreçiando τ criminando, τ con cara τ vulto cruel τ sañoso, acato al que lo dizia, el qual començo a jurar τ dezirle que por que non le daua fe como el le amase, τ cosas creybles le dizia, τ con grandes juramentos dixo ser verdad que Xenocrates su disçipulo auia dicho del lo que le dizia. Luego le respondio que nunca los dioses quisiesen nin podria ser que Xenocrates su amigo tal dixiesse, sy non fuesse nesçessario τ conuiniente, de que paresçio amarle de coraçon, pues le escuso τ non creyo lo que de su amigo se dezia [1] ; τ tal ha de ser el amigo que quando algo oyere dezir de su amigo, non lo deue creher, antes escusarlo ; τ a esto el Socrates en sus *exortaçiones*, en el segundo capitulo, dize : Sy elegante τ bueno quieres ser con tu amigo, quando algo del oyeres, presto lo redarguye, τ quando nesçessidad ouiere, le socorre τ le ayuda ; τ el Aristotel, en el libro segundo de los *rretoricos* : El fecho del amigo uerdadero τ non fingido es, syn que lo pida [2] nin requiera, proue-

1. « Por lo qual menos me maravillo porque fue (*Platón*) moderado tan constantemente en Xenocrates su dicipulo. Avia oido que el avia hablado muy mal muchas cosas de el, luego tuvo en poco la acusacion. El que se lo avia dicho porfiava sin mudar el senblante, buscando la causa por que no le dava credito, añadio que no creya que no le amase en igual grado aquel a quien el amava en tanta manera. A la postre, como aquel mal onbre que senbrava las enemistades, uviese dicho que juraria que era ansi lo que dezia, porque no se disputase sobre su juramento falso, afirmò que Xenocrates nunca avia de dezir aquellas cosas, si no juzgara le convenia que las dixese. » *Valerio Maximo*, traduccion de Diego Lopez ; Sevilla, Francisco de Lyra, 1632 ; al fol. 79. — Otra versión, del siglo XV, puede verse en el ms. Kk. 17 de la Bibl. Nacional de Madrid.

2. Escrito : *lo que puede*.

erle; ꝛ el mesmo filosofo (Fol. 5º v.) en el octauo libro *Ethicor.* dize: segun la perfecta amiçiçia por muchas razones se ha de ganar mucho el amigo ꝛ non amar a muchos de vna amistad, synon plazer aquel muchas vezes. E el Seneca, en la epistola que comiença *longum michi*, segun lo reza el Baldo, doctor muy sotil, en vn tractado que hizo de la amistad, quel amigo se ha de poseher en el coraçon, ꝛ nunca se ha de apartar del, ꝛ ha de ser desseado continuo uerle. E assy dizia el Sçipio Africano nengun peste [1] ser tan firme nin mayor quel amigo ꝛ su honor. Ca muchas vezes entre los muchos amigos vehemos grandes enemistades, ꝛ non quiere otra cosa dezir, sinon quel amigo, con quantas fuerças pueda, procure el bien ꝛ honrra de su amigo por que non le pierda, ꝛ esto faziendo le sera firme peste [2] ꝛ que non le esperimente por nesçessidad ꝛ miseria. Segun quiere la sentençia de aquel varon que dizia: Sy quieres prouar al amigo, ponte en neçesidad ꝛ miseria. Ca esto es herror manifiesto dexar el amigo de tener amistad por ninguna causa. Assy lo muestra ꝛ dize el Socrates, donde dize: con los amigos luenga amistad ꝛ breues oraçiones, ꝛ obras ꝛ no palabras; ꝛ el Tulio, en el primero *de los ofiçios*, dize que ninguna conpañia o soçiedad es tal comō con los buenos ꝛ virtuosos amigos en obras ꝛ costunbres tener luenga amistad ꝛ familiaridad mucho conjunta. E el Boeçio, *in tercio de consolacione*, en la fabula de Orfeo, dize: no ay mayor ley de amor que amar luengamente a su amigo. ꝛ el que ama ha de tener themor, porquel amor con el themor, han de tener conjunçion ꝛ conpañia, ꝛ han destar conjuntos en vno, ca non es amor donde no ay themor, nin se puede llamar perfecto.

Asi lo muestra Salamon en el *Eclesiastico, ecle. xxv.*: en tres cosas fue plazible mi spiritu, las quales delante de dios son aprouadas ꝛ por los honbres queridas ꝛ tenidas: La concordia de los parientes; El amor ꝛ themor de los amigos, ꝛ el varon ꝛ la

1. Tal vez: *poste.*
2. Tal vez: *poste.*

muger que se dan a consentimiento. E todo esto es querer mostrar la perfecçion del amiçiçia z verdadera vnion z amor, de la que este tractado prosigue. Ca, como dize el Tulio *in libro de amiçiçia*, ¿ que cosa tan stable, que çibdad tan firme es que con odio z discordia non se hunda z destruya z diuierta ? z el Salustio, *in Jugurtino* : con la amistad z concordia todas las cosas juntamente z yguales creçen. z con la discordia o odio maxime se deshazen z pierden. E segun dize el Jeronimo en el primero libro *contra Jouiniano*, que los griegos entre sy discordes, loauan a Malamoro su enemigo, porque concordo a tres en vna casa : concordo al marido, z a la muger, z la sierua, z dize que si este por tan poco es de loar, quanto mas seria z meresçe ser en exçelençia loado el que al prinçipe con sus subditos, z a vn pueblo con otro, z muchos vnos con (F. 6° r.) otros en amor z vnion concordase, z con esto concuerda el Iulio Çesar, z se trahe *in Policratone* [1], libro. x. caplo. iij., que non se puede llamar cauallero el que non trabaja que los caualleros esten en amor, z en paz z concordia, z desto le loan que siempre allego a si gentes, z dixo : venid, z nunca despidio nin dixo yd, queriendolos allegar a si con aquella amistad honesta z buena de que propiamente se dize amiçiçia, que avnque enperador z de grandissimo estado, siempre quiso seguir la virtud del amiçiçia, z ponerse con sus caualleros z gentes en ella, non vsurpando la vana gloria, que es inproprio a los grandes señores z de gran estado. ¡ O quan digno de loor se puede dezir el cauallero, que apartada toda cobdiçia z interese en lo honesto z bueno, procura z

1. Alude al *Opus preclarum de nugis curialium et vestigiis philosophorum, quod Policraticon dicitur*, compuesto por Juan de Salisbury (1110-1180 ?), obispo de Chartres. La primera edición de esta obra se imprimió en Bruselas, hacia 1480, según La Serna Santander (*Dictionnaire bibliographique choisi du quinzième siècle*, III, 340).

El *Policraticon* fué libro conocidísimo en los siglos XIII, XIV y XV : Pedro Díaz de Toledo y Clemente Sánchez de Vercial, entre otros muchos, lo mencionan.

obra tal ofiçio como este, que es amar ꝛ vnir ꝛ concordar los muchos! ꝛ para mayor fundamento desto, el santo doctor, en el lugar alegado, en la question veӯnte ꝛ seӯs, en el articulo segundo, dize, rrefiriendo al filosofo en el nono: Que çinco cosas se rrequieren para verdadera amiçiçia: La primera, quel amigo quiera para el amigo bien. Lo segundo, que quiera que sea ꝛ tenga ser ꝛ biua. Lo terçero, que se tracten ꝛ biuan juntos delectablemente. Lo quarto, que con deliberaçion elegido el amigo, non se pierda ꝛ se conduela con el ꝛ con el se goze, que quando su amigo touiere mal, que lo sienta ꝛ tenga, ꝛ quando bien ꝛ plazer, assi mesmo. Lo quinto, que dure la amistad ꝛ por caso alguno se pierda, pues es virtud; ꝛ asi concluye el santo doctor con el filosofo en el alegado lugar quel amar es propio acto ꝛ muestra de la dilecçion, que es acto de la voluntad tendiente en bien, con vna vnion al amado que non esta en la beniuolençia; ꝛ lo que pertenesçe al amiçiçia prouiene del amor que tiene el honbre consigo, ꝛ tal lo ha de tener al amigo, porque ha de ser tal que lo quel mesmo quiere para sy, eso mesmo quiera para el amigo, ꝛ esta es la vnion del afecto; ꝛ en el primero q̄sito [1] dize que no aӯ maӯor virtud del amor ꝛ verdadera amiçiçia, que preuenir al amado que ame el honbre primero, ꝛ obre por que sea amado ꝛ con el obren. Asi lo dixo el glorioso padre de vuestro progenitor en sus prouerbios: *ama ꝛ seras amado* [2]. Catad aqui la

1. Quaesito (?).
2.
« Fijo mio mucho amado,
para mientes,
e non contrastes las gentes
mal su grado;
ama e seras amado,
e podras
fazer lo que non faras
desamado. »

(*Obras de Don Iñigo Lopez de Mendoza, Marqués de Santillana*; ed. Amador de los Rios, Madrid, 1852; pág. 29).

probaçion quel santo doctor dize, z esto mesmo dize sant Agostin en el libro que hizo *de cathezizandis rrudibus*, z en esto concuerda el filosofo en el octauo, que tiene que mayor z mas verdadera esta la amiçiçia en amar, que en ser amado. E avnque en algo desto salga del proposito començado z me detenga, porque paresçe por ello la verdadera amiçiçia, non passare sub silençio lo que arriba dixe de tan noble enperador z de sus marauillosos actos z de su gloriosa memoria que tal amiçiçia con todos tenia, faziendo las causas (Fol. 6° v.) agenas suyas, procurando vnion z amor z concordia, que ofiçio tan marauilloso quien lo podra dezir, pues que este mesmo fue desde *ab eterno* de nuestro Dios infinito obrado z querido; por esto nuestro rredemptor rresçibio carne humana z sufrio crudelissima passion, queriendo hazer vnion z paz entre Dios z honbre, z entre honbre z honbre, z entre angel z honbre, z de dos pueblos diuisos vno, z quitar las disensiones z discordias de todos, z ponerles en verdadera amiçicia, z desto innumerables autoridades se podrian traher de la sacra escriptura, z paresçen en sus marauillosas obras desdel prinçipio de la creaçion z rreparaçion fasta oy, que dexo de contar por la prolixidad z por non distraher a los lectores del comienço z medio por mi prinçipiado. Pero solo vn poco dire, en que se mostrara mucho esta vera vera amiçiçia, que es vn decreto del glorioso Jeronimo, que mucho rreprueua a los que ponen odios z sienbran zizania en la mies de Christo z entre los proximos com̃o Luçiferos, queriendo vsar por su ofiçio por que cayo, z es decreto marauilloso, z dize que los que sienbran odio z zizania en la mies de Christo, por contençones la queman, z faze en ella jnçendio, tomando el ofiçio del enemigo del honbre, queriendo diuidir la inconsutille vestidura suya, z com̃o fue yndiuisa la despedaçan z rronpen, z disierpan la viña como rraposos en los lagos escondidos syn agua; donde concluye que es quasi inposible que estos tales alcançen nin vean aquel dulçor de la gloria sempiterna, z ynuocando con el salmista en el salmo setenta z tres, dize: leuantese dios todo poderoso, z judgue su causa, pues estos tales quieren disipar z

destruyr la vnion christiana quel vino, queriendo fazer vera amiçiçia por su sagrada pasion. Asi lo dize el Apostol : el es ese mesmo *pars nostra* que hizo de dos cosas vna, desatando la pared que en medio staua, ⁊ sacando la materia desato las enemistades, ⁊ de tanta diujsion paz ⁊ vn nueuo honbre, rreconçiliando a dos en vn cuerpo. E en los Actos de los Apostoles dize : Dios non es aceptor de personas, mas en toda gente obra. E sant Juan, en su canonica, marauillosas cosas de paz ⁊ desta vnion ⁊ amor escriue. ⁊ segun el Prosper escriue, por eso fizo Dios todas las cosas rredondas ⁊ a figura çircular, por que se demostrase su vñidad ⁊ amor.

II

E dexando esto, tornando a mi proposito, pues es ya declarado lo primero, que fue que cosa es amiçiçia, vengamos a desçidir lo segundo. ⁊ a esto trahere la opinion de los doctores juristas, pues fue este mi fundamento, ⁊ auemos primero de saber de donde se diriua la beniuolençia, ⁊ la benifiçençia, ⁊ la amiçiçia, ⁊ esto dizen que se diriua o tiene prinçipio deste aduerbio *bene*, ⁊ non del prononbre *bueno*, del qual desçiende ⁊ se diriua la beniuolençia. E la amiçiçia es diriuada o (Fol. 7° r.) se diriua deste verbo : *amo*, o *amor*, que es nonbre, ⁊ esta conprehende en sy todo lo otro, ⁊ es perfecto en el, ⁊ ase de rregular que se ame o se de segun la rrazon ⁊ la medida de los meresçimientos que presçedan, ⁊ non *vltra* nin mas de lo que meresçen, ⁊ a quien se deue dar este amor o amiçiçia ⁊ ha de hazerse bien aquel que bien quiere ⁊ dessea bien hazer, segun el merito. E dizen los doctores que si dessea o da bien a quien non lo meresçe, non es bien querer ni segun el rrecto juyzio si rrazon se puede dezir amor, porque bien querer o bien fazer a los que lo meresçen, es loable ; asi lo determinan. ⁊ lo otro, que es amar o querer a quien non lo meresçe, es perder ⁊ non amar. Asi se trahe en la ley *filius familias*. De que se sigue que la beniuolençia ⁊ la benifiçençia non esta en la rrazon o en la mente, saluo el amiçiçia ⁊ amor,

porque es virtud, lo qual es habito ꝛ acto firme de que se viste la voluntad, acatando en el juyzio de la rrazon. Ca la virtud siempre esta en el animo del virtuoso varon, ꝛ las virtudes del animo hacen virtuoso cuerpo, ꝛ las operaçiones del, segun el autentico *de monachis*, en el parrafo *si vero*; ꝛ asi determinan el cognosçimiento de donde se deuen diriuar la beniuolenciā ꝛ benefiçençia ꝛ amiçiçia, en que non es nesçessario de mas alargar, porque es sin vtilidad.

III

Por que veamos lo terçero, que fue a quien es deuido el bien querer ꝛ amar, ꝛ en esto conuiene hazer algun rreposo, para auer verdadera notiçia dello, porque esto es lo mas nesçessario a mi proposito ꝛ al bien comun de todos, ꝛ en esto asy mesmo, dexadas las opiniones de los otros doctores ꝛ que en esto algo hallaron, seguire solamente la de los juristas ꝛ lo que en esto determinan, avnque algo dire de otros. E lo que los doctores juristas dizen çerca desto, es quel bien querer ꝛ el humano amor o beniuolençia, es deuido a aquellos a que la rrazon humana nos dicta o enderesça a bien querer ꝛ amar, porque, segun derecho, deuemos querer ꝛ seguir lo que la humana rrazon nos dize o dicta ꝛ enderesça a bien querer, segun se nota en la ley *non tantum*, ꝛ en la ley *si cui*, ꝛ en la ley *humanitatis* ꝛ quedam. E interrogan los doctores sy por esta rrazon deuemos bien querer ꝛ tener beniuolençia a las animalias brutas, ꝛ dizen que por que son para sustentaçion de la nuestra humanidad, a la qual es prouechoso, ꝛ fueron criadas por Dios para vtilidad de la nuestra humanidad las brutas animales, ꝛ aues, ꝛ peçes, ꝛ las otras plantas, segun la ley *pecudum*, por eso que *largo modo* se puede dezir que les es deuida humana beniuolençia, avnque con ellos non pueda estar amiçiçia, porque non tenemos ni participamos con ellos en comunicaçion alguna, nin les deuemos querer bien por ellos mesmos nin por ellos ser buenos,

nin con ellos tenemos fruyçion (Fol. 7° v.) ni bien comun, saluo solamente el prouecho que dellos conseguimos para nuestra sustentaçion, z por esto non puede caher en ellos este amor que es amiçiçia, mas solamente la beniuolençia. Ca nosotros, con sola la criatura razonable, que es señora de todo, somos thenidos e deuemos comunicar z fruyr z partiçipar en bien, que es amor de amiçiçia. Assi lo dize el enperador christianissimo en la ley alegada: porque la humana natura entre todos los honbres z criaturas rrazonables constituȳo vna cognaçion, por la qual nos deuemos bien querer z comunicar z fruyr en bien. Assy lo determina la ley viij, z entre los honbres z criaturas rrazonables conuiene por benefiçios ser ligados z tener comunion de bien z virtud, que es la amiçiçia, segun la ley *seruus* z la ley *incomendato*. z por esta rrazon, que es singular en la humana natura, constituyo cognaçion entre las criaturas rrazonables. Asi lo determina el Bal. z el Bartulo en sus tractados que desta materia hizieron, z mueuen la quistion si a los infieles moros z judios auemos de amar, z determinase que a todas las criaturas rrazonables, avnque sean infieles z alarabes, z a los enemigos es deuida humana beniuolençia z amor, por la rrazon de la cognaçion que la naturaleza constituyo entre las criaturas rrazonables. E el santo dotor santo Thomas dize que les es deuida vna dilecçion que proçede de la viçeral caridad, que es amor de amiçiçia. E dize que somos thenidos a les subuenir en sus nesçessidades, porque son partiçipes z comunican en nuestra naturaleza. E esto ha fundamento de vn decreto que comiença *caritas*, de que los doctores notan z concluȳen que por esta rrazon el hijo christiano z fiel es thenido de alimentar z subuenir en las cosas nesçessarias a su padre, avnque sea ynfiel z de qualquier seta, e dize que avnquel ynfiel sea malo z contenptor de la verissima ley nuestra z fe de Christo nuestro dios infinito, non por eso dexa de ser padre, segun el testo de la ley *Si uero contingerit*. E avnque en esto algunos doctores tengan diuerssas opiniones, la verdadera es quel hijo christiano o fiel es tenido de alimentar z subuenir antes a su

padre infiel z non creyente verdadera fe, que non a otro que sea de su fe o christiano. E la rrazon desto es lo que dize el cardenal Hostiense, que dize que de derecho natural es que los hijos a los padres z parientes, quando son pobres o menguados, son thenidos de les alimentar z subuenir, z en esto ninguna ley haze diferençia de fiel e jnfiel. De que se sigue que la ynfidelidad non libra al hijo de ser thenido de subuenir al padre z parientes en las nesçessidades, z de les alimentar. E por esto dize Inoçençio, papa quarto, singularissimo doctor, en el capitulo (Fol. 8° r.) *quod super*, que como todos los ynfieles judios z moros z otras gentes, por la creaçion son ouejas de nuestro rredemptor Iesu, el qual, con este amor, sinplemente z sin distinçion alguna, dixo a sant Pedro, prinçipe de los Apostoles: *apasçienta las mis ouejas*, en que se entienden, segun la crehaçion, por los ynfieles assy como por l s fieles, z sin causa non les deuen nin podemos priuar nin tomar sus bienes z cosas que poseen, z en esto ay larga contention entre los doctores, z por el tiempo ser tal que para la guerra de los moros conuiene, detenerme vn poco a lo determinar, avnque algo salga del proposito. Esta quistion se mueue por los doctores en diuerssos lugares, z disçidela el Oldraldo, doctor famoso [1], en vn consejo suyo, z arguyela por la parte negatiua, que non les pueda ser fecha guerra sin pecado, nin tomarles lo suyo, por estas autoridades z rrazones: Dize que estando los moros, enemigos de nuestra fe, en paz z en quietud, como estan los que entre nosotros moran, non les deue ser ynduzida guerra ni tomado lo suyo, segun el testo de la ley. z lo que nota el Ynoçençio papa en el alegado capitulo *super hiis*, porque non deuen ser conpellidos nin menos forçados a que rresçiban la fe nuestra nin se bautizen, z allega lo que dize el Apostol a los rromanos, que ya

---

1. Oldrado ú Olrado, célebre jurisconsulto de la escuela de Bolonia (siglo XIII). Murió en Avignon, en 1335.

Consúltese sobre las cuestiones en cuyo examen entra ahora el Doctor, el excelente libro de E. Nys: *Les origines du droit international* (Harlem, 1894).

nunca guerra nin batallas carnales se han de hazer. E lo que dize Malachias profeta : desdel nasçimiento del sol fasta donde se pone, grande es el mi nonbre en las gentes, ꝛ en todo lugar es santificado ꝛ me es ofresçido sacrifiçio linpio. E lo que dize Tholomeo en el prologo, ꝛ lo que se dixo por los santos Apostoles : constituye los prinçipes sobre toda la tierra, ꝛ su poder non fue artado o limitado, mas dilatado ꝛ anpliado del mar fasta la mar, ꝛ del rrio fasta en fin del mundo. ꝛ dize que, segun la opinion de algunos, los prinçipes ꝛ rreyes christianos pecan en rresçebir dellos tributo ; mas por la parte afirmatiua, que sea liçita la guerra ꝛ santa, ꝛ que se deue hazer avnque ellos quieran paz, trahere muchas auctoridades, ꝛ breuemente, por me reduzir al proposito. E la primera es de Ordo[1] en vn sermon, ꝛ es vn decreto. Donde dize que todas estas tierras que los moros ꝛ jnfieles tienen, asi la parte de oçidente com̃o en el oriente, todas fueron de christianos ꝛ siruieron a Christo hasta el tiempo de aquel seudo ꝛ de muy suzia simiente Mahomad. ꝛ asi por lo rrecuperar ꝛ aver es liçita ꝛ muȳ permisa la guerra. La otra rrazon es que, avnque esten en paz, hazenlo por non poder mas. Ca segun enemiga tienen de prinçipio contra nuesta fe, quando pudieren non la çessaran de hazer crudamente, ꝛ porque es premissa la defenssion, liçitamente los jnpugnan. Porque, segun dize el maestro de las estorias scolasticas[2], sobre la fuga de Agar que se escriue en el *Genesi*, a los diez ꝛ seys, de su padre o prinçipio, que fue Ysmael, lo trahen profetizado, que le fue dicho : la su mano (Fol. 8° v.) contra todos ꝛ todos contra el, ꝛ en la region o prouinçia de sus hermanos finco o puso tiendas, lo qual todo se dize por los moros, ꝛ asi paresçe que ellos guerrean contra todos ꝛ todos contra ellos. E por esto es liçita ꝛ permissa la guerra contra ellos, porque se espera que, quando ellos puedan, turbaran la paz ꝛ non la guardaran. La otra rrazon es, ꝛ muȳ sufiçiente,

1. ?
2. Pedro Comestor, el autor de la *Historia scholastica*.

porque es muỹ çierto que toda la prouinçia que ellos posehen en España tiranamente la tienen, porque primero fue de christianos, ꝛ por batallas ꝛ guerra la ocuparon ꝛ tienen, ꝛ alli ouo yglesias donde Dios nuestro señor se siruia, ꝛ las destroçaron ꝛ perdieron ꝛ despojaron por nuestros pecados, por permission diuina. E cōmo los fieles christianos hagan la guerra para recobrar lo perdido ꝛ de que por violençia somos despojados, liçita guerra ꝛ santa [es] ꝛ todos los testos ꝛ santos doctores la aprueuan, pues que justamente se haze qualquiera cosa que por defension se haze. ꝛ esto tiene el Ynoçençio en el lugar alegado. Otra rrazon es ꝛ muỹ sotil porque estos moros non se pueden dezir ouejas de Christo, sinon bueyes ꝛ bestias canpesinas. ꝛ por ellos se dixo, pues que cōmo bestias que caresçen de rrazon, dexado el verdadero Dios, adoran ꝛ honrran propiamente ydolos. Asi lo dize el maestro jn storia, ꝛ propiamente los moros se han de llamar bestias, pues quel padre suyo Ysmael fue llamado por dios *onager*, que significa bestia, y fue muy rrazonable, segun lo dize Merodio, porque despues del auia de ser que los que del proçediessen toda rrabie o yra, ꝛ saña, o furor de todas las bestias auian de tener, ꝛ toda mansedunbre de otras naçiones auian de ser conquistados dellos, ꝛ dize. E assi ha seydo ; en los lugares sanctos han muerto ꝛ truçidado a muchos, ꝛ fecho grandes crueldades cōmo bestias fieras. E por esto se dize que lo que dixo Abraham a Ssarra quando se le quexo de su sierua Agar, que dixo : tu sierua en tu mano es, vsa della. Assy lo dixo Moysen en el *Genesi*, xvij., ꝛ figuratiuamente por Sarra se entiende la santa yglesia militante, que sirue a Christo ꝛ es libre, ꝛ por la Agar sierua la maldita seta de Mahomad, pues que della traxo origen o nasçimiento. E asi la yglesia puede vsar ꝛ mandar esta cōmo a sierua maldita, dexandola ꝛ menospreçiandola cōmo Sarra hizo a agar, ꝛ asi se tiene por conclusion ser muỹ liçita ꝛ santa ꝛ premissa la guerra, ꝛ para ella non solamente las cosas profanas se deuen ꝛ pueden tomar ꝛ vender, mas las dedicadas al culto diuino, ꝛ asi desta quistion me expido, avnque otra

razon se dize que non pueden tener dominio o señorio nin menos juridiçion en lo que posehen z tienen, z quien quiera ge lo puede ocupar, que es contra la opinion del allegado papa, que dixo que posehen z que non (Fol. 9° r.) ge los pueden priuar, porque el Hostiense cardenal, z la comun opinion de los doctores siguen aquesto. Contra el Ynoçençio, donde el dize que si alguna tierra de algun señorio todos fuessen moros, z se tornasen a la fe, deuian obediençia al señor moro z subjecçion, en esto le contradizen, z tienen que non, porque non tienen dominio ni juridiçion, ni son capaçes della, z dexando esto, tornando al proposito, avnque les sea deuida a los ynfieles esta beniuolençia, que se toma en larga manera, espeçial beniuolençia es deuida z se deue, z somos tenidos de bien querer a los que son fieles z participan en nuestra fe, a los quales primeramente z mayor z mejor es deuido el amor z beniuolençia, z mas a los de vna patria o lugar que non a los estraños z de otra tierra, avnquel Baldo dize que por ser todos obedientes a la madre santa yglesia, non deue auer diferençia de vna tierra o de otra, saluo ser fieles z christianos, z estos todos se pueden llamar de vna patria çibdadanos, z ha fundamento deste dezir de la ley primera en el prinçipio de la suma Trinidad, z asi mesmo entre los fieles z de vna fe, ay perssonas a quien es deuida mas espeçial beniuolençia z amor, z estos son los parientes o conjuntos por conjunçion de sangre, o que son de vn linaje z debdo, z mas a los mas propincos que a otros, por la mayor partiçipaçion z conjunçion. z a estos somos mas thenidos de amar z tener beniuolençia, por mayor vnion z porque todos los de vn linaje hazen z representan vn cuerpo segun la ley. E la honrra z la ynjuria fecha a vno de vn linaje z de los parientes, es fecha a todos z a cada vno dellos, z por esto esta de derecho çiuil que los parientes auian de consentir en el casamiento o matrimonio de su pariente, z auian de ser llamados a ellas, z el fijo non podia casar sin consentimiento de su padre, segun la ley *jn bello.* E assy, ocurriendo nesçessidad, antes somos thenidos de subuenir z socorrer z amar a los parientes que a los

estraños, ɀ mas presçipio [1] amor de beniuolençia les es deuido. ɀ esto se ha de entender ɀ limitar a los buenos ɀ virtuosos, ɀ non a los viçiosos ɀ malos, porque mas deuemos amar ɀ tener beniuolençia al amigo que tenemos en verdadera amiçiçia ɀ amor, ɀ es bueno ɀ virtuoso, que non al pariente ɀ muy propinco. ɀ es la rrazon desto, porque la amiçiçia ha de ser por razon de la virtud ɀ de lo honesto ɀ bueno, segun que arriba es declarado, ɀ esta es la vera amiçiçia, la que es por rrazon de la virtud. Porque aquella es la mas perfectissima ɀ mas obtima ɀ mejor que ninguna cognaçion nin debdo, ɀ el que ama a tal amigo, es amor de mayor perfecçion que non la cognaçion o debdo, ɀ assi de mayor querer ɀ amor, porque el que ama a su amigo ama a sy mesmo bien ɀ buena cosa, segun la ley alegada *late* ɀ ay la glosa, ɀ a esta dilecçion ɀ amor que proçede (Fol. 9° v.) ɀ desçiende ɀ se deue de la cognaçion, es deuido solamente a los desçendientes por lignea recta, ɀ a los naturales, ɀ non a los bastardos ɀ por ylliçito coyto auidos, porque es natural nonbre, segun lo dize el enperador ɀ lo nota el Bartulo en la ley *pronunçiaçio*, de donde quieren dezir ɀ ynferir quel bastardo non se puede dezir de la casa nin generaçion del legitimo, porque en esta cognaçion que se deue o proçede a los bastardos, muchas vezes interuiene fraude ɀ mistura de otra sangre; assy lo presume la ley, avnque desto es larga contençion en derecho, ɀ lo dexo por seguir lo començado. ɀ viene la quistion a quien es deuido esta beniuolençia o amor de amiçiçia, ɀ com̃o auemos dicho que espeçial beniuolençia es deuida a los de vna generaçion, ɀ entrellos ay personas mas conjuntas, a las quales se deue muỹ mayor beniuolençia ɀ amor, com̃o es entre el padre ɀ el hijo, ɀ entre los hermanos, entre los quales es mayor conjunçion ɀ vnion de sangre. Ca el padre ɀ el hijo son vna perssona; assi lo quiere la ley; ɀ los hermanos, segun la opinion de los logicos,

1. Así, por *precipuo*.

cada vno dellos es el otro, ɀ entre si mesmos son vna cosa. ɀ esto ha fundamento de derecho en la ley *frater a fratre.* ɀ es de saber quel padre mas ama al hijo ɀ en mayor dilecçion ɀ amor, que non el fijo al padre, porque el padre lo ama cōmo cosa suya, ɀ es mas çierto ɀ sabe la causa mas cierta del amor, que sabe auer engendrado al fijo, que non por contrario. ɀ el padre, assi cōmo de quien proçede, ama al fijo, ɀ el fijo al padre cōmo de quien salio, que es menor dilecçion; assi lo quiere la ley. ɀ por estas dos postrimeras rrazones tienen algunos que la madre ama mas al fijo que non al padre, porque es mas çierta ser madre, ɀ de la madre salle el fijo en entera forma, ɀ antes que salga es parte de sus entrañas, ɀ esto ha fundamento de la ley primera, ɀ amos a dos, el padre ɀ la madre, aman al fijo luego en el stante que nasçe, ɀ el fijo non ama a los padres fasta que es capaz ɀ ha los años de pubertad, en que puede amar, porque antes es ignorante de todas las cosas que crehe. ɀ assi los parientes son mas thenidos de amar que non ser amados, ɀ avn porquel amor desçiende ɀ non sube. E en esta dilecçion ɀ amor esta quel honbre se deue amar a ssi mesmo ɀ de mas perfecto amor que non a otro. ɀ por esto, ɀ porquel ser natural del honbre se conserua en los hijos, deuen ser mas amados que otra cosa.

E en esto mueuen los doctores vna quistion singular, ɀ es si el padre viese a su fijo en estrema nesçesidad de morir, ɀ a su padre mesmo en aquella nesçessidad extrema, a qual auia de subuenir ɀ acorrer ɀ librar. E rresponden ɀ dizen assi: que antes deue librar ɀ subuenir al fijo propio que al padre, avnque este en extrema nesçessidad, ɀ esto por la virtud del amor de amiçiçia, ɀ dizen que acatados los benefiçios que del padre se rresçiben, que es el ser, que es (Fol. 10 r.) la mas perfecta ɀ mas noble cosa del honbre, deuria antes subuenir al padre ɀ lo librar, ɀ antes le ayudar que al hijo, ɀ antes al padre que non a la madre deue amar, porque en el natural origen o nasçimiento, muȳ mas poderoso es el prinçipio del padre que non otra cosa, porque es agente o hazedor, ɀ la madre padesçe, ɀ por simiente del padre

que da forma a la cosa ꝛ da el ser. E por esto dizen los actores que suele semejar el fijo antes al padre que a la madre, segun se nota en la ley *quot si nolit*, ꝛ por esto sufre el padre por el hijo muȳ maȳores cargos que la madre, ꝛ avn de derecho non es tanta vnion o conjunçion entrel marido ꝛ la muger com̄o es entre el padre ꝛ el hijo, *excepta copulla.* ꝛ por esta rrazon la ley consiente juyzio entre marido ꝛ muger, ꝛ non entrel padre ꝛ el hijo sinon en caso singular, ꝛ es marauillosa doctrina para acatar ꝛ mirar el debdo que es deuido del fijo al padre ꝛ por contrario. E aqui se nota vna breue question que ynterrogan los doctores: Si el fijo es tenido mas de obedesçer al prinçipe ꝛ a su mandado que al padre ꝛ a su mandado, ꝛ determinan que en las cosas que pertenesçen a la gouernaçion de la casa, deue obedesçer antes al padre, ꝛ en las cosas que pertenesçen a la cosa publica ꝛ gouernaçion della, antes al prinçipe ꝛ a su mandado, segun se nota en la ley penultima *de postulando*, ꝛ notando por singular exenplo de vn senador que se llamo, que [1] estando en el senado su padre, se asento ençima del ꝛ fue redarguido del padre, ꝛ escusose, ꝛ dixo que alli com̄o senador mayor que su padre era en la gouernaçion de la cosa publica, ꝛ en la casa mayor su padre, ꝛ asi fue escusado de la jncrepaçion.

IV

E asi, tornando al proposito, auemos de tener quel amor antes es deuido a los conjuntos que a los estraños, ꝛ antes a los amigos virtuosos que non a los conjuntos en sangre, porque por razon de la virtud esta entrellos mayor conjunçion de amor, ꝛ por lo honesto ꝛ bueno, ꝛ non por lo delectable segun es alegado. ꝛ asi fasta dezir ꝛ declarar çerca de lo quarto, ꝛ es que efecto trahe el amar o la beniuolençia, ꝛ que prouecho della se consigue, ꝛ a esto rresponden los actores de quien tome prin-

1. Hay un espacio en blanco en el códice.

çipio, quel fruto es que bien queriendo seamos bien queridos, ⁊ rresçibamos bien de aquellos a quien lo fazemos. E asi se nota en la ley *set ⁊ si lex*, ⁊ esta tal rremuneraçion se haze sin coherçion nin premia sinon de voluntad libre, ⁊ por eso se haze al querer o arbitrio del rremunerador, ⁊ non del dador, porque aquel que rresçibe el don o es bien querido, mejor cognosçe el fruto o prouecho ⁊ vtilidad de lo que rresçibio o bien quiso, que non el dador. E por esto en la ley de la benifiçençia sienpre se ha de mirar que se conpense el bien ⁊ don rresçebido o amor ⁊ buena voluntad por ygualdad. Desto es testo de ley en la ley *sinero non remunerandi*, de lo qual se collige ⁊ concluye la disçision de la quistion que abaxo se [1] proporna, que antes deue socorrer o ayudar al om̃e que libra al (Fol. 10 v.) om̃e de morir, que no al padre, avnque esten amos a dos en vn peligro, porque en le auer librado de la muerte primero, meresçio que le rremunerase ⁊ librase de otro tal peligro, ⁊ asi se deue conpensar ⁊ pagar. Ca com̃o meresçio en le librar primero a el del tal peligro, assi se conpensa ⁊ paga, ⁊ asi com̃o meresçio deue ser pagado, com̃o seria pugnido en lo que delinquiere, segun se nota en la ley *ne quis*. ⁊ asi se desçide lo quarto, quel fruto del amor es ser bien querido, bien queriendo ⁊ amando.

V

Lo quinto, que fue sy, mudada la condiçion o estado del amigo, se puede dexar su amistad, en que se conprehende si la mutaçion viene por aduersidad o por otra manera, si sera causa de dexar al que ama ⁊ perder la amistad o amor. En esto dizen los doctores, alegandome a la conclusion por la prolixidad, que si el amigo mudo la condiçion enuilesçiendo su perssona, ⁊ corronpio las buenas costunbres que tenia, ⁊ se mudo de bien en non tan buenas obras, ⁊ non se quiere corregir ni tornar a bien

1. Despues de *se*, testado : « prueua ».

obrar, que en este caso se puede apartar ꝛ quitar la amistad ꝛ amor, ꝛ dexarlo, ꝛ non en otra manera nin causa nin modo buscado. Ca sy lo puede corregir el amigo, ꝛ ouiarlo ꝛ apartarlo del mal o viçio, es tenido de le ayudar ꝛ sostener, como seria si menguado fuese de bienes. Ca por la ynopia o pobreza o miseria en que cayese, en ninguna manera lo puede dexar nin se apartar de su amistad; es caso de ley en la ley terçera. E asi mesmo separada el anima del cuerpo, ꝛ fallesçido quanto a este mundo, ꝛ passado desta vida el amigo, preguntan si es justa causa por que se deue dexar su amistad, ꝛ si son tenidos los amigos de tener aquella mesma con sus herederos del amigo. E a esto responden, en espeçial el Bartulo en la ley *vnius*, donde non mucho bien lo disçide, mas de lo ya dicho se nota que passa la amistad a los herederos del amigo, en aquel grado que estaua con el defunto, en quanto se llama virtud de amiçiçia ꝛ amor que ha de durar, ꝛ es deuida la rremuneraçion del padre de ley natural, segun se nota en las leyes alegadas. ꝛ assi se desçide la quinta interrogaçion. ꝛ porque antes de la conclusion los doctores mueuen vna singular quistion, de que ya hize mençion, conuiene aqui jnxerirla, ꝛ la quistion es si acaesçiese que vn ome estouiese en tan gran peligro que non se pudiese escusar de morir, ꝛ alguno le diese rremedio ꝛ librase, ꝛ por caso este que asi le libro, puesto en ẹstrema nesçessidad, ꝛ su padre de aquel que fue librado o eximido de la muerte en aquella mesma neçessidad, segun ley de amor ꝛ beniuolençia, aquel seria mas thenido de subuenir ꝛ librar al padre que lo engendro o a este que le libro de la muerte, ꝛ porque es hermosa question para saber quanto somos thenidos a aquellos de quien bien rresçebimos, oue causa de la disçidir aqui, ꝛ avnque en algo los lectores se detengan, les suplico sin yncrepaçion nin fastidio lo acaten, pues que non falle vn punto de la materia juiçiada; ꝛ lo que los doctores en esta question en lugares bien ignotos dizen para la disçidir, presuponen primeramente que ninguno pueda ser conpellido (Fol. 11 r.) ni apremiado judiçialmente a defender a otro, ꝛ por la defenssa liçi-

tamente se puede exigir ⁊ lleuar dinero; est testo de ley. Mas segun vna humana beniuolençia, de la qual asaz vezes auemos dicho, si non lo defiende peca. Glosa es hordinaria que lo determina, ⁊ segun ella se entiende ⁊ limita la ley, avnque dizen los doctores que por ayudar o defender a otro ninguno es tenido de se poner a peligro de muerte, ⁊ a esto solamente es thenido el sieruo al señor, ⁊ non a otro alguno. Ca al sieruo se jnputa culpa de derecho, ⁊ grande, si non defiende a su señor poniendose por ello a peligro de muerte, segun se trahe en la ley primera *ad Sellenianum*, porque, segun es ya dicho ⁊ declarado, cada vno es thenido de se amar a si antes que a otro, en tanto que a ninguno conuiene ponerse a peligro de morir sin grandissimo cargo ⁊ pecado, avnque sea permitido que en su defension, con aquel moderamen permiso, puede, se defendiendo, matar. Esto tracta el santo doctor en la segunda parte del segundo, en la quistion sesenta ⁊ nueue, en el articulo final; ⁊ dexando esto ⁊ tornando a la quistion mouida, en la disçision della dize que paresçe que non es thenido de subuenir al padre, antes deue ayudar ⁊ librar al que le escapo de tan gran peligro; ⁊ han fundamento destas rrazones: ninguno puede dar nin fazer con otro mayor beniuolençia nin amor que darse a si ⁊ ponerse a peligro de muerte por el. ⁊ este es el mayor amor ⁊ beniuolençia. Bien se sigue que le es deuida mayor rremuneraçion que non al padre, de que se collige que si sin peligro de muerte le libro, antes deue subuenir al padre que non al que le saco de aquel peligro. E ponen otra razon o exenplo el patrono o el señor que libra al esclauo de la seruidunbre, ⁊ le da libertad; este asi libertado, en caso de nesçessidad, deue socorrer ⁊ ayudar al que asi le dio libertad que non al padre proprio. E quanta diferençia sea librar de la muerte o de la seruidunbre, muȳ notorio es que mucho mas se deue al que libra de la muerte. E la diferençia del tal liberador comō es el que le libro de la muerte, muȳ mayor ⁊ mas de loar es que la benificençia del padre o quel benefiçio resçebido del padre, ca los animales brutos la tienen, que quieren

bien sus hijos z los libran de qualquier peligro que pueden, z este non tienen a los estraños. Iten dizen que mas liberal beniuolençia es z de voluntad esta librar de la muerte que la del padre, porque el padre por si mesmo z por fazer a si gracia engendra z le haze, z da ser al fijo, z el que le libra del peligro de su libera voluntad, le saca de tanto peligro comо era morir. z por eso es mas voluntaria, porque muchas vezes engendra el padre por la concupiçiençia mas que por voluntad de generar. z asi mesmo han fundamento, porque librar de tanto peligro comо es la muerte, que es el vltimo z mas terrible mal. Asi es mas graçiosa benjuolençia z mas gozosa que non la del padre, porque en la muerte todo se consume (Fol. 11 v.) z assi mesmo porque entre el padre z el hijo es vna gemma piadad que non es en el estraño, z asi se determina z tiene por conclusion que antes es tenido de subuenir al que le libro de la muerte que non al padre, z avn dan por fundamento que lo que se haze açidentalmente es mas fuerte que lo que haze natura por su curso, z comо, si non fuera librado de la muerte *ex jnpetu*, todo quanto auia obrado natura z fecho por distançia de tienpo se perdia en aquel jnstanti, mas es tenido de ayudar al que asi le libro, que non al padre. z asi se despiden de la quistion z disçision della. ¡ O quan marauillosa dotrina z exenplo se puede tomar de la disçission desta quistion, para conclusion deste breue tractado z para exenplo de los que oy biuen, si sanamente lo miraren ! Ca en los benefiçios z dones z merçedes que de otros rresçiben, rremuneraçion que conpensa que seruiçios son thenidos de hazer, z ¡ quanto z comо son obligados !, z ¡ quanta ingratitudo z quan mal crimen es ser non cognosçidos a los bien fechores z amigos, z a aquellos de quien han rresçebido benefiçios, merçedes z dones !

VI

z tornando al proposito, determinare lo vltimo z postrimero

del tractado, que prouecho es thener amigos. E este prouecho los doctores dizen que es lo ya declarado, que bien queriendo seamos bien queridos, ꝛ dando ꝛ bien faziendo lo rresçibamos, ꝛ en esto nos rredugamos a ssimilar al prinçipio ꝛ buen fin que esperamos, que es ofiçio del ynmenso Dios, que sienpre da ꝛ nunca rresçibe. Ca este es el fin a que todos nos deuemos dirigir. ¡ O que fructo tan marauilloso! ¡ o que dulçor tanto suaue com̃o es amar, ꝛ amando sienpre dar! ; ꝛ con esto es loado ꝛ tenido en veneraçion aquel marauilloso enperador Tito, que dixo con grand amor a sus caualleros, vn dia que non auia hecho merçed nin dado cosa, dixo : este dia he perdido, en que non di a ninguno algo. ¡ O dicho tan noble, ꝛ tan digno de memoria com̃o este para los prinçipes, ꝛ duques, ꝛ señores deste nuestro tienpo! E cognosçiendo yo, serenissimo ꝛ ylustre señor, ꝛ por muchas esperiençias ya prouado, segun el prinçipio ya propuse, quanto vuestra señoria tiene desta virtud de la amiçiçia ꝛ amor, ꝛ quanto la comunica cada dia con los que ama ꝛ com̃o se da todo a ellos, ꝛ com̃o susçedio en el amor de los gloriosos padres ꝛ progenie de donde viene, ꝛ com̃o tiene en aquel amor a los hijos de aquellos que sus padres quisieron ꝛ amaron, ꝛ commo rremunera los seruiçios passados ꝛ dura este amor por luengos tienpos, ꝛ ha ofresçido ꝛ ofresçe su grandissimo estado a la deliberaçion de aquellos que ama, ꝛ para que cognosçiessen quanto se deue por esto a vuestra exçelençia ꝛ son thenidos, ꝛ quanto deuen seruir por rremunerar aqueste amor que vuestra señoria por sola la virtud cada dia obra, fue muỹ conuiniente cosa ꝛ nesçessario a mi, que, continuando el seruiçio de vuestra jlustre señoria, si digno de me llamar sieruo puedo, de poner esta virtud en perpetuỹdad de memoria, por seguir esta doctrina de siruiendo rremunerar tanta merçed com̃o en el amor que me mostro me hizo, ꝛ porque en otro modo tan exçelente non lo podia memorar com̃o en escreuir, com̃o sea (Fol. 12 r.) cosa muy çierta que entre todas las cosas de obras ꝛ actos mundanos non se puede poner en perpetuidad de memoria, si se puede dezir

como es en las letras. E por esto se diriuan las letras ⁊ se dizen camino para los leyentes. ⁊ para esto fueron buscadas, para perpetuar la memoria ⁊ para los absentes hazer presentes. ⁊ por esto los primeros jnuentores de las letras se dizen juezes de las cosas passadas ⁊ signo o señal de las futuras. A las quales fue dada tanta fuerça, que por los absentes syn boz hablan, ⁊ el vso de las letras fue hallado para memoria de toda la variedad de las cosas que en oluidança se trahen. ⁊ por esta causa las letras se dizen elementos, ⁊ como quiera que en los ynuentores ay diferençia, porque son tres o quatro, entre los quales fue vno Feniçes, por memoria del qual los griegos, de quien fue primero ynuentor, comiençan las letras ⁊ leturas ⁊ cartas, segun la opinion del glorioso Jeronimo, por non oluidar su memoria, en color feniçeo. Aqui solamente dire, porque haze al proposito: ¡ o quan notable gradesçimiento de memoria digno! ¡ como duran en esta gente los seruiçios ⁊ buenas obras, ⁊ nunca lo quieren traher en oluidança! ; ⁊ dexo los otros ynuentores porque es muy noto en muchos lugares. E por esto busque este modo en que tan exçelente virtud como esta que vuestra señoria tiene publicase, ⁊ en escripto ⁊ vulgar lengua pusiese para mas se diuulgar ⁊ memorar, porque a todos fuese muy noto esta debda que a vuestra serenidad por esta virtud se deue. E suplico a la exçelente virtud de vuestra señoria que comigo haga como dador de la beniuolençia. E lo rresçiba *gratanter*, mandando suplir con su magnifiçençia qualquier defecto que en este breue tractado ouiere, ⁊ en mi, que, como humano, en el seruiçio de vuestra exçelençia aya omitido. ⁊ el dador de las graçias ⁊ bienes, a quien en esto vuestra gran señoria ymita en lo assi fazer, por su grandissima bondad lo quiera a vuestra exçelençia rremunerar. E assi mesmo a los lectores suplico que, sin yncrepaçion, porque a su correcçion se somete, suplan qualquier defecto que buen juyzio dictare que deuen enmendar.

POÉSIES
ATTRIBUÉES A GONGORA

Les poésies qui constituent le présent recueil sont attribuées à Góngora dans les manuscrits[1] où nous les avons copiées. Ces attributions seront discutées dans une étude ultérieure.

R. Foulché-Delbosc.

SONETOS

1

A LOPE DE VEGA
EN OCASION DE ESCRIVIR
LOS AUCTOS SACRAMENTALES

Embutiste, Lopillo, a Sabaot
en un mismo soneto con Ylec,
y hechandosele acuestas a Lamec,
le diste un muy mal rato al justo Lot.
Sacrificaste al ydolo Vehemot,
que matan mal coplon Melquisedec,
y trayga para el fuego a Abimelec
sarmientos de la viña de Nabot.
Guardate de las lanzas de Joab,
de tablazos del arca de Jafet,
y leños de la escala de Jacob.

---

1. A moins d'indication contraire, tous ces manuscrits se trouvent à la Biblioteca Nacional de Madrid.

No temas con el rey Acab,
ni en lugar de Bethlen me digas Bet,
que con tus versos cansas aun a Job.
Y este soneto a buenas manos va :
hay del alfa, y omega, y Jeoba.

Pap. cur. 35 KK, f. 101. — M. 8, f. 94; dans ce dernier ms., l'ordre des deux tercets es interverti.

2

CONTRA LOPE

Despues que Apolo tus coplones vido
salidos por la voca de un pipote,
insolente poeta tagarote,
en su delphico trono la a sentido.
La satirica Clio se a corrido
en ver que la frequente vn neçio çote,
y de que tantas leguas en un trote
la ayas echo correr (crueldad a sido).
Deja las damas, deja a Apolo, y tente;
pide perdon al pueblo que enojaste,
que aunque corrido el cortesano vando,
no corras tanto, corredor valiente,
que si un sonbrero por correr ganaste,
mira no ganes vn jubon trotando.

Ms. 3796. f. 201 r.

3

A LAS PUTAS

Como acude el ambriento gato al mis,
y el ayuno mastin ai toma o tao,
el pobre mendicante al bacalao,
los muchachos golosos a el anis,
el buen olor, o malo, a la nariz,
el Indio a su maiz o a su cacao,
el toro en coso de la plebe al hao,
y al reclamo la simple codorniz,

el alguazil solicito a question,
el amador a donde quiere mas,
a bolsa descuidada el cicatero,
el avariento a vozes de « ladron! »,
al treynta y nuebe del fullero un as,
assi acuden las putas al dinero.

Ms. 4044. f. 259.

4

SONETO BURLESCO A LOS DIOSES

Aquel que en Delfos tubo gloria tanta,
el ciego dios temido en toda parte,
el velicoso e yracundo Marte,
que a los demas en fuerças se adelanta;
Neptuno, que el mar rige y leuanta;
el rubio Titon que su luz nos reparte;
Yris que en su presencia nos departe
la tenpestad que tanto al mundo espanta;
Vulcano y sus çiclopes, que a porfia
trauajaron por dar a la red cauo,
celosa industria que forjado auia;
Mercurio cuia sciencia inmensa alauo,
y el lector de esta eroyca poesia,
todos juntos me besen en el rabo.

Ms. 3796, f. 185 v.

5

RESPUESTA

De haçer de vuestro culo jubileo
algunos del lugar an sospechado,
que no vino a la patria jubilado
del reyno de Neptuno a Prometeo.
Considerad, señor, que es caso feo
llegar ante Bulcano arremangado,
de mero lujurioso y arriscado
que podrá ejecutar vn mal deseo;

demas que con esotros del conuite
podran juntarse los demas planetas,
o el sumo y poderoso Joba solo,
y os la a : : : al primer enuite.
Prevenios de atacar las abujetas,
que es Marte griego, y siciliano Apolo.

Ms. 3796, f. 185 y.

6

A LA VIDA DE ESTUDIANTES

Volsa sin alma, pereçoso arriero,
sol y moneda a peso de oraciones,
ama que circuncida las rraciones,
sanguijuela del gusto y del dinero;
anbre perpetua, pedigueño artero,
deudas perpetuas, tristes camaleones,
portes de cartas y quemar ringlones,
pobre inportuno llanto de echiçero;
el murmurar y sarna de por uida,
sabañones y nieue y maestre escuela,
casa de esgrimidor, falsos criados;
muerte ciuil, miseria no creida,
de la comida y can... centinela,
sin ser al rey traidores desarmados.

Ms. 3796, f. 197 v.

7

Clerigo calabres, o calba trueno,
discipulo del falso caluinista,
vasilisco cruel de mala vista
que por ojos y voca das veneno;
vaso no de eleccion, de maldad lleno,
del sexto mandamiento coronista,
sacerdote de Venus que conquista
a el cuerpo gusto para el alma çieno;
cara mas natural de caluarrasa
que el hermano de Antonio de la Fuente,
oficio de Jinebra en lengua propria,

deja el alma, traidor, que en vna casa,
oratorio y amiga juntamente
pareçen a toda alma cosa inpropria.

Ms. 3796, fol. 198.

8

Quatrocientas mil putas, ẏ cornudos
menos los no casados otros tantos,
muchos ypocritones, pocos santos,
infinidad de caluos melenudos;
botos de injenio en opinion de agudos,
niñas que piden, tias con encanto,
virgos postiços, y prestados mantos,
que ellos celosos y maridos mudos,
esperanças en flor, virtudes pocas,
promesas justas, obras infernales,
sobornos a el del dijo y el del fallo,
volsas vacias, vacilantes vocas,
coches, frayles, vasura, y ospitales,
esto es Madrid, y lo demas que callo.

Ms. 3796, f. 200.

9

Señor Guadalquiuir, estese quedo;
vasta lo que me deja ya arruinado,
no se leuante a mas, vaste un estado,
que yo confieso que le tube miedo.
Pero, de quando aca tanto denuedo?
Sin duda que de hueco y de inchado
con el oro y la plata que me a dado,
se me viene a las varbas cada credo.
Vuelua, y verá que no conoce padre,
sino un humilde y pobre nacimiento,
y que su inchaçon toda es locura.
No tarde en el correr hacia su madre,
que en pena de su loco atreuimiento
le cargaran de palos de Segura.

Ms. 3796, f. 201.

10

El duque mi señor se fue a Francia,
y tu musa a la tuia o a su estancia,
ynpertinente alaja fuera en Francia,
pues tiene por prouincia a Picardia.
Demas que en el Peñon de Andaluçia
an echo sus dictamenes ganancia,
que musa que asi agarra una distancia
menos tiene de musa que de arpia.
Sea lo uno o lo otro, el tienpo lo a acauado,
pues muestras por las ingles que ya orina,
que era vena que seca, a Dios sea dado.
Deje su gracia la piedad diuina,
pues la humana en tus versos a espirado,
reça o escriue en coplas la dotrina.

Ms. 3796, f. 101 v.

11

Predico el prouincial ma...ardia,
Apolo de oradores y poetas,
aquel que entre quadrillas de discretas
vucaros quiebra y vierte melodia.
Fue todo su sermon de argenteria,
fiel minado de rayos y cometas,
desgajando del cielo los planetas
con diuerso follaje, con uoz fria.
Entre nuue de çelos y temores,
amagos de su amor y pecho tierno,
descubrio todo el juego entre las manos.
Rindanle parras los predicadores,
pues nos muestra el camino del infierno,
que lo demas es cosa de cristianos.

Ms. 3796, f. 202.

12

A UNOS CAUELLOS NEGROS

Libres canpeando en el neuado cuello,
crespas de amor prisiones, Cloris mia,

entre lo negro y blanco pareçia
alba tu rostro, nubes tu cauello.
En su ecliptica el sol paro por uello,
y en los laços que el alba le ofrecia
en uno se enrredo que no podia,
si el color estrañar negar lo vello.
Viendose pues en la prision suaue
el padre de Phaeton de Cloris vella,
« Daphne, dijo, deponga el tosco uello,
pues por restituirme a desden graue,
segunda Daphne en sus cauellos sella,
si grillos a la luz, carcel al cielo. »

Ms. 3796, f. 201 v.

13

A ESGUEUILLA

Cayo enfermo Esgueuilla de opilado,
y es lastima de ver lo que padece :
el da muestras segun el daño crece,
que lo a vn manjar particular causado.
Otros dicen que esta bien empleado,
y que el tiene la culpa y lo merece,
que gusta de las damas y se ofrece
por seruidor, y entre ellas le an aojado.
Vio vn medico de camara la orina,
y juzgó que purgarse le conuiene,
y antes siruio de reuolber humores.
Causo aquesto en el pueblo gran moina,
y como en el sus ojos puestos tiene,
fueronle a visitar sus seruidores.

Ms. 3759, f. 77.

14

Rodeada de platos y escudillas,
en la mugrienta mano vn estropajo,
sudando grasa con el gran trabajo
de no poder estar sino en cuclillas ;

bañadas de agua, puercas las faldillas,
metido entre las piernas vn dornajo,
apegado con las nalgas el çancajo,
meneando a compas culo y rodillas;
anoche vide estar a mi morena
quando al fin de sus platos yo llegaua,
no poco alegre de toparla sola;
y al decirme: « Vengais en hora buena »,
como aquella postura la aiudara,
soltosele vna pluma de la cola.

Ms. 3795, f. 77 v.

15

A VNOS BORRACHOS

Para poner en paz la pesadumbre
que tuuieron Contreras y Padierna,
se haçe vn asamblea en la taberna
do miden seis quartillos por açumbre.
Bebiose con mojama, que es legumbre
que auiua, atiza, ençiende la linterna:
trabo la lengua Marañon, y a Serna
le bino por la boca su costumbre.
Olmos rindio la taça, y Antoña ya
cayo sobre la sangre de Camacho,
y la taberna conuirtio en zahurda.
Queda en pie Cañizar y no desmaya,
y no dio otra señal de estar borracho
que brindar los tapizes con la zurda.

Ms. 3795, f. 87.

CANCIONES

16

En vn aliso verde,
muro del vosque a lagrimas del cielo
cuios humores pierde
por lo condenso del frondoso belo,
eccos distintos suma
clarin alado, çitara de pluma.

El trajico lamento,
suspension dulce de la selua amena,
aun no fiado al uiento,
desataua sonoro Filomena
llamando armoniosa
maculado pudor frustrada rosa.

La fuente enterneçida
murmurando repite quejas tantas,
y de sierpes vestida,
lamiendo arenas y vistiendo plantas,
de perlas y corales
lenguas hace los mas de sus cristales.

Prestole atento oido
nimpha del valle al paxarillo tierno,
oyendo repetido
en pico de marfil su mal interno,
y a sus acentos grata,
diuidiendo vn rubi la voz desata.

De la ateniense ponpa
a tu regio explendor cuia dulçura
aclama eterna tronpa,
hiperbole maior de la hermosura
que afecto fugitiuo
audaz violó si profanó lasçibo.

Si de la fe jurada
libidinosa accion ronpio el asunto
a un joben destinada,
infausto amor me construira trasunto
de tu pasada pena,
si la propria se absuelue con la agena.

Finjiome la esperança
epitalamio al prospero himeneo,
quando la confiança
riendas imponga a barbaro deseo,
siendo a su ardiente filo
el mas subtil cauello el menor hilo.

No tanto fue el exceso
de virginal no meritoria ruina,
que me quitase el seso
a el instrumento que mi mal termina,
pues para maior mengua
en cada agrauio me dejó vna lengua.

Tu dulce compañia
desmentira las mas de mis querellas,
si al rosicler del dia
muro da luz al circulo de estrellas,
alibias con tu canto
tanta desdicha, desconsuelo tanto.

Ms. 3796, f. 187.

17

Lustraua el cuerno de oro
el fulminante de la luz luçero,
antes de ver de Jeminis los laços
que a luces lisongeros
borda la piel del triunfante toro,
cuios celestes laços
a estas murallas donde estan pendientes
cristalinas serpientes
rompieron atreuidos,
y al punto conducidos
por canpos que de plata son, i perlas,
do salen a cojerlas
los espumantes de aquel mar tritones,
que aljofarados dones
ofrecen ricos si no son cristales,
que canbiaron la luz por ser corales.

Quando de la riuera
frondosos olmos atalaias mudas
alegres son y de racimo copia,
y a las plantas desnudas
autoriça la hermosa primauera,
y el fertil cornucopia
arroja Ceres que juntó Amaltea,
y el cefiro recrea

con soplos mas suabes
vociferantes aues
que en el intenso dulces cantan prado,
y alumbra con dorado
candor el sol los oriçontes,
luminando las cumbres de los montes.

Del cristalino Tormes
ponposo marjen matiçado hacia
flores de espuma liquidas corrientes,
que a uer la luz del dia
jiraua por los sauces mas disformes,
donde dos claras fuentes
formauan dos confusos lauerintos
couardes tereuintos,
murtas que anima el malo,
emulas son al rayo
de flamijero Febo con sus sombras,
que menudas alfonbras
argenta y dora si tapetes vellos
como espejos radiantes se ue en ellos.

Quando esmaltando flores
ninpha salio dentre la elada plata,
la mal vella que al sol presto cauellos
venerando escarlata,
lauros purpureos, ojos rouadores,
copos de nieue vellos
esparce al uiento si las manos toca,
dulce y conpuesta voca
que perlas aposenta,
donde el marfil se afrenta,
emulacion del rubicundo oriente,
oroscopo es su frente,
su haliento flores, rosas, y alelies,
en dos opuestos puntos carmesies.

Entre las esmeraldas
de rosicleres el candor teñido
postró el diuino cuerpo, donde apenas
fauonio conpelido

al sueño dulçe aconpañó guirnaldas
con blancas açuçenas,
y en quanto al ocio treguas le dio blando,
vn ruiseñor cantando
desde vn olmo responde,
el niño Amor se absconde,
ydolatrando su maior belleça,
quando de la aspereça
joben salio tan bello, que bastara
a ser rayo del sol su rubia cara.

Del idolo dormido
apenas uio los raios que brillando
a el alma libre cautiuaron luego,
olores lanbicando
el canpo verde del abril florido,
quando abrasado en fuego
tocar intenta la neuada mano
del angel soberano;
mas inuidioso el uiento
rompio su sueño lento,
al fatal tienpo que la hirio Cupido,
y viendo tan lucido
al nueuo amante abraça
yedra que a muro de cristal se enlaça.

Murmuran inuidiosas
las aguas claras y el vndoso rio
de sus raudales y sus vrnas bellas
lleno de aljofar frio
y coronado de amaranto y rosas
con mas purpura en ellas
que ostenta Tiro, que Chorinto haçe,
el verde margen naçe
en carros espumosos,
por ver los amorosos
laços de amor que a su deidad le quitan,
las aues los inmitan
con dulce acento, con arrullos roncos,
en mirtos tiernos, en robustos troncos.

Ms. 3796, f. 187.

18

Quitaua el belo a sus cabellos rojos
Phebo, que del Aurora el llanto bebe
y ocupa a Morfeo ansi...
mis desbelados ojos,
quando vestido de color de rossa
y lises duro de subtil recamo,
ver pareciome la enemiga hermosa
que tan de ueras amo :
como el abril la llubia
suelta lleuaba la madeja rubia
con quien el biento, porque alegre lidia,
si no me daua celos daua ynbidia.

En vn prado florido que mostraua
que siempre su berdura defendida
olgando abia sido entretenida,
flores cogiendo estaua,
y el prado ameno del fabor vfano
pareçe que las flores adelanta
a los marfiles de la blanca mano,
y de la airosa planta
que el prado restituie
quantas flores la mano le destruye
para tejer despues de rico el seno
vna guirnalda en sitio mas ameno.

Eran seis lauros, cada qual frondoso,
cuios troncos bistiendo mas en selba
la rosa carmesi, la madreselba,
y el jazmin oloroso,
que gustoso al espejo fugitibo
de vn arroyuelo enriça su melena,
y el lisi claro bulliçioso y viuo,
mas su corriente enfrena
mientras mas le dilata
pasto que en pies de brilla dora plata
le escapa a las prisiones de aquel prado
armado espino y en binculo cercado.

Aqui de las cojidas varias flores
vna guirnarda teje en laços bellos,
con que dobló la gracia a sus cabellos
    la causa a mis amores
y en oçio blando y en descuido enbuelta,
ya en el agua se mira, ya se laba,
ya (como monstruo) de cantar resuelta,
    su viguela tocaua
    y el aire suspendia
de la voz instrumento la armonia,
quando vn silbestre satiro la asalta
que los espinos de la çarça salta.

Nunca la garça del nebli baliente
huió turbada en mas presto buelo
que la ninpha gentil clamando al çielo
    del satiro insolente,
que del primer asalto entre sus braços
y entre la selba de su inculto pecho
la que me tiene en diamantinos laços
    cogiera a mi despecho,
    si no le detubiera
al monstruo la guirnalda en la carrera,
caiendo a tienpo del dorado asiento
que a su dueño gentil le falta aliento.

Alço del prado la guirnalda bella
el satiro veloz, y el curso buelbe,
y a la que huiendo en llanto se resuelue
    dice por detenella :
« Ninpha gentil, jamas por enojarte
tus soledades açeché lasçibo ;
muero mil siglos a por agradarte,
    para seruirte viuo,
    y soy si no lo saues
aunque vencido de tus ojos graues.
La suprema dicha de aqueste monte
sosiega el pecho, y a mi amor disponte. »

Ansi lo diçe, y rapido qual vemos
plomo que el bronçe con horror despide,

sigue la ninpha que socorro pide
a los dioses supremos;
mas biendolos tan sordos a sus voçes,
como alentado su enemigo fiero
ya de las plantas de marfil veloçes
falta el vigor primero,
y ya a las ebras de oro
de Arabia, inbidia del amor thesoro,
el amante grosero mueue y toca
con el haliento espeso de su voca.

Quando a mi triste que bolar quisiera
a defender mi ingrata, pareçia
que en circulos ceruleos me tenia
vna serpiente fiera,
cuio anhelar el torpe yelo inmita;
entre los globos que mi pecho enlaça,
no solo el mobimiento me enuaraça,
mas el aliento quita,
y tanto me fatiga
viendo casi triunfante a mi enemigo,
que despertaron y de un mar bañados
de lagrimas mis ojos del belados.

Ms. 3796, f. 178.

ROMANCES

19

Amenaçaua los canpos
del cielo el mayor rubi,
prolijos terminos dora
suspenso en nuestro çenid.
Rugiente animal de Julio
muestra la crespada crin,
que aun transformado en estrella
resiste al Tebano ardid.
Del canicular ladrido
despejo a sido infeliz,
si lo florido del Mayo
lo ponposo del abril.
Palidas premisas dan
los valles a Çeres si
mano inculta tosca abarca
granos conuoca sutil.
Frondoso honor de los olmos
paloros suele vestir,
reuocando abraços tiernos
de la sienpre festa vid.
En desnudo tronco ocupan
ruyna indiçiando la vil,
mirmidonios esquadrones
que aposenta su raiz.
El nocturno orror rrecoje
de sus sonbras nudos mil,
corriendo cortinas negras

a çirculos de çaphir.
Quando pastora Diana
deidad en los montes ui,
no se si madre segunda
de un dios jigante y ruin.
No a...un exercicio atenta
desmiente lo femenil,
porque a los ojos reserua
flechas que a flojado en mi
sin arcos no, porque asisten
en su frente de marfil
dos lisonjas de lo negro,
ponpa de este seraphin.
Vn argos en la pestaña
de su hermoso cuerpo fui,
con talares de un deseo
y las alas de un delphin.
Seguila y vi que a una fuente
que coronaua vn jazmin,
para liquidar su aljofar
humillaua la ceruiz.
Audacias me inspiro el ualle
y la soledad, que al fin
ardientes infunde anhelos
vna hermosura jentil.
Politicas regulando
qual cortesano ciuil
de español echo frances,
en rromance y no en latin.
A el coturno a el pie argentado,
entre uno y otro aleli,
contacto dieron mis lauios
quantos vesos al chapin.
Respondiome agradecida
purpureando el matiz
que fio a jiros de nueue
dos terminos de carmin.
Las armas de la eloquençia
retorico al viento di,
asta que con mis terneças
hice las aguas reir.
Prometi a su blanca mano
la plata del Potosi,
y de adornar sus cauellos
con todo el oro de Ofir.
Çedro remontada garça
sino couarde perdiz,
rayo de pluma en Noruega
del sienpre anbriento nebli.
Dejose vencer de ruegos,
y el pudor perdiendo alli,
laços la ofrecio Himeneo,
y io ni un marauedi.
Estinguio Amor sus poderes,
que lo suele hacer ansi,
y gustos que son biolentos
sienpre prometen mal fin.
Tributela cortesias
para inuentiba en Madrid,
enojose qual si fuera
yo ladron, ella alguaçil.
Dijome vna amiga suya
que estaua mala, y fue asi,
pues estaua la señora
en uisperas de parir.
Pregunte su casa entonçes
para darla algun loatrin,
y dijeronme que ocupa
la del noble Anton Martin.
Admireme del suceso,
y buelto a Francia en Abril,
alle a Roldan en mis braços,
y erro mi caueça a Turpin.

Ms. 3796, f. 198-199.

20

ADONIX Y VENUS

Rosas desojadas vierte
a un valle que las recoje
el mas venturoso amante,

el mas desdichado joben.
Con su sangre las infunde
nueuo spiritu a las flores,
tanto que de ella animadas
cada flor es vn Adonix.
Robusta fiera ejecuta
la voluntad de los dioses,
inbidia de su bentura
y escarmiento de los hombres.
Rayos de marfil fulmina
sobre el vellissimo joben,
cibil castigo de un dios
por un delito tan noble.
Ay fieraenemiga, dices
que laço tan dulçe rronpes,
si yerros de amor castigas,
a Jupiter no perdones.
Mide al fin las yeruas dando
vltimas respiraciones,
cuerpo jentil que lo muda
era el alma de los vosques.
Quando por oculta senda,
fina esmeralda de un monte,
muerta de amores venia
la diosa de los amores.
Los rayos de los cauellos
cinta encarnada rrecoje,
que quiere prender los rraios
por no abrasar coraçones.
De transparente cristal
linpio pie en la yerua pone,
desnudo porque no a allado
coturno que asi le adorne.
Y entre cristalinas sierpes
que a darla la nueua corren,
al idolo de su gusto
profanado reconoce.
Y aunque no duda que es el,
de la duda se socorre,
que para engañar el alma
le ynporta dudar entonces.
Mira aquel lustroso oriente
que illuminauan dos soles,
y alla que en el a tomado
ya su posesion la noche.
Mira aquella hermosa uoca
jardin que aspiraua flores,
y a donde cojio clabeles
destroncados lilios coje.
Estatua de oro y marfil
vaga vusca y tienta torpe,
y alla enbuelta en poluo y sangre
estatua de jaspe y bronce.
Dulces lamentos repite,
fieras mueue, piedras ronpe;
mas mientras mas se lamenta,
solo el eco la responde.
« Ay, dioses crueles, diçe,
que quereis que se malogre
con la maior hermosura
la voluntad mas conforme.
A, Jupiter enemigo,
quando amante te transformes,
cisne o lubia o toro, quente
tus robos el mundo progne.
Y tu, Apolo, quando sigas
veldad con plantas veloçes,
corteçudo tronco abraces,
arbol ingrato enamores. »
Dijo, y al cadaver frio
amante yedra enlaçose,
y prestandole la uida,
silencio a sus quejas pone.

Ms. 3736, f. 199. En tête, les mots « de D. Luis de Gongora » ont été biffés et remplacés par l'indication « Zarate », d'une écriture distincte.

21

Malo estaua don Tasajo
de tercianas de Paris,

que vnos humores monssures
le juraron por delphin.
Titulo del Rey de larça
le dio el obispo Turpin,
en virtud de su agua fuerte
y a fuerça de su raiz,
a puro sudar el triste
las mañanitas de abril :
tan gato de Algalia esta
que sufre un çape y un miz.
Despues de sus magistrales
aguardaua el paladin
de su salud el despacho,
por la camara salir,
y por no gastarlo todo
en suspirar y gemir,
a la causa de sus males
asi la enpeço a decir :
« O tu, de mis aspereços
delinquente y alguacil,
y con manto de soplillo
ospital de Anton Martin,
sirena en quanto pescado
del pielago de Madrid,
de medio arriua muger,
de medio auajo esmeril,
si de mi te as oluidado
nunca te acuerdes de mi,
que es vastante tu memoria
a inficionar un pais.
Desdichada de la casa
donde pones el chapin,
si acaso no la defienden
los pocos marauedis.
Si tanto engañan quince años,
tanto encubre un faldellin ;
mal vbiese el cauallero
que caualga sin candil.
Y pues la salud no es cosa
que se a de echar por ay,
quien mira para veber
que mire para viuir.
Colegio an de ser mis calças,
si Dios me saca de aqui,
donde an de prouar linpieça
asta las hijas del Cid.
Prouea Dios de un letrado,
donde puedan acudir
a informar de doña Sota
como suelen de un rrocin.
Pues quantos con ella topan
salen despues de subir,
peones de Colomera,
caballeros de Moclin.
Justicia, señora sala,
que no se puede sufrir,
estando en el mundo vos,
que viua Arnaute Mami.
Agradezca, doña puta,
que un magistral biene alli
que me sirue de mordaça,
que mas tenia que deçir.

Ms. 3796, f. 200 v.

21 *bis*.

Doliente está don Tasajo
de tercianas de Paris,
que unos dolores monsiures
le han jurado por delfin.
....
A puro sudar el triste
las mañanitas de abril,
tan gato de algalia está
que supe un zape y un miz.
Por divertirse...
....
Todo es sudar y gemir ;
a la causa de sus males
comienza a culpar asi :
« O tu, de mis desventuras
delinquente y alguacil,

y con manto sevillano
Hospital de Anton Martin ;
sirena en cuanto pescado
del pielago de Madrid,
por medio arriba muger,
de medio abajo esmeril ;
pildora de seda y oro,
veneno con ambar gris,
cometa que se anda en pie,
demonio que anda a pedir ;
si de mi te has olvidado,
nunca te acuerdes de mi,
porque bastan tus memorias
a inficionar un pais.
Desdichada de la casa
do tu pones tu chapin,
si no es ya que la defiende
falta de maravedis.
Si tanto engañan quince años,
tanto cubre un faldellin,
mal hubiere el caballero
que cabalga sin candil.
Pues la salud no es alhaja
que se ha de echar por ahi,
quien mira para beber,
que mire para vivir.
Colegio han de ser mis calzas,
si Dios me saca de aqui,
donde han de probar limpieza
hasta las hijas del Cid.
Provea Dios de un albeitar
donde se pueda acudir
a informarse de doña Alda
como suelen de un rocin ;
que yo sé que la señora
(perdone el terso marfil)
podrà prestar alifafes
al cerro de Potosi.
Aqui de Dios y del rey,
que cautivan en Madrid,
que la salud me capean,
que me la toman de orin.
Justicia, señora sala,
que no se puede sufrir,
viviendo vuesa merced,
que viva Arnaute Mami.
Tres meses ha que ando haciendo,
sin poderlo resistir,
carambanas de esqueleto,
mudanzas de matachin.
Agradeced, doña Urganda,
que un magistral viene alli,
que me sirve de mordaza ;
que mas tenia que decir.

Bibliothèque privée.

22

Montes, valles, canpos, selbas,
amenaça el pardo otubre,
fulminando rayos de agua
enbueltos en nectas nubes.
Despeñabanse las fuentes,
los arroyuelos conduçen,
dando espejos a las aguas
que la blanca arena cubren.
Adornauanse los prados
de oficiosa muchedumbre
de flores, a quien dio Flora
en nectar alternos lustres.
Entonçes de Çelia bella
las dos mas hermosas lunbres
terminauan fuego al ielo
de las almas que reduçen.
Criminal amor arrojan
de sus dos ojos açules
flechaços, que si no matan
suauemente consumen.
A un balcon naçiendo Aurora
el blanco marmol descubre,
emulando a la açuçena
a quien mas candor induçe.

Las doradas ebras fia
al biento, por que dibuje
alguna prision lasçiua
para las almas que urten.
La mano, entre laços de oro,
anbiçiosa, los confunde,
neutro el sol en las colores
que ansi canbiado reluçen.
Argos traducido estaua
al pie de un olmo que sube
a coronar con sus ojas
vn berdinegro açebuche.
Phiniso, cuio balor
no es justo la enuidia oculte,
adorando en su hermosura
los esplendores que anunçie.
Viole Çelia, y con desden
amorosamente dulçe,
corrio el belo a la ventana
y a los ojos rojas nubes.
No tanto aspiran olor
aromaticos perfumes
quanto le dejo a Fabonio
y a las flores que el produçe.

Ms. 3796, f. 176 v.

23

A la Luna el Tajo ofreçe
espejos de cristal puros,
a donde sus cuernos vea
y el Sol sus cabellos rubios.
Los pies argenta de vn monte,
que como Olimpo segundo,
porque a los cielos se atrebe,
las aguas son grillos suyos.
Su bientre prodigo enuia
por entre troncos adustos,
sino candidos corales,
corales rojos y rubios.
Deidad venera en el rio
la noche y su manto oscuro,
pues deja en su margen verde
nectar y aljofar difuso.
Por bonbas de piedra salen
espaciosos aqueductos,
para enriquecer con ellos
de flores copioso vulgo,
donde, si no ninpha casta,
Venus de aquel monte inculto
salio a coronar el prado
con laços de su coturno.
El contacto de su planta
purpurear hiço muchos
clabeles, que vistio el alba
de rosicleres purpureos.
La açucena no desmiente
de sus candidos dibujos
quando binculo candores
a los lirios ama tuntos.
A la vid lasciua y fertil
indibiduamente junto
se bio el olmo que a Jerarda
dio admiracion, sino gusto;
que su condicion esquiua
aquellos frondosos nudos
aborrece porque son
de conforme amor trasumpto;
y no puede ver la yedra
abraçada a el tosco muro,
ni entre reciprocos braços
las verbenas y los juncos,
que quanto desden encierra
de su pecho el marmol duro
que de las cabañas huye
inquiriendo el balle oculto.
Joven le adora que a Phebo
lauros no le cede algunos
sonorosos versos haga
o cante sin sus inpulsos.
De arpones y saetas
con que Amor le da tributo

tiene el coraçon pasado
y de libertad desnudo.
Pero viendo que el rigor
del diuino objeto suyo
injustamente le acaua
a manos de un dios injusto,
afectuoso se queja
de su desden inportuno,
dando aljofar a las aguas
y al biento exalando humo.

Ms. 3796, f. 177.

24

A las orillas del Betis,
inquieto cristal sino
espejo de maior vrna,
de sierpes digo maior,
al son de su leño corbo
estaua Fabio pastor
del Tajo dandole al biento
lo que el biento le nego.
Tan dulce y tan numeroso
el valle claro volbio
en repetidos acentos,
que le confundio la voz.
« Tu, dijo Fabio, que ausente
luctuoso pabellon
ereges a mis exequias
dignas de tu estimaçion,
tres años a que pendiente
de las luces de Phaeton
fue mi vida inquieto pino
entre la aljaua veloz.
Si mi pecho lo fue entonces
ronpe los echiços oy,
maraña que desatada
ventura encubre menor.
Y si son tus ojos causa
de brillante confusion,
muera la enuidia, y con ellos
viua siempre emulaçion.
Suelta, si eres cielo, suelta
al que tienes en prision,
cautibo no, sino preso
entre respectos de amor.
Al Marte conparo insano,
al Marte conparo yo,
que si inconstante te muestras,
inconstante es tu rigor.
Oprima el tiempo a mis daños
desenpeños del temor,
maquinas que a costa mia
desaçen caudillos oy.
No des olas con que muera
quien aduertimientos dio
a tus veldades que apenas
penas en penas fundo.
Y ausente de ti no puedo
en amagos de dolor
mostrar sentimientos, quando
no balen dichas que son.
Duerma el silencio, y mi pena
despierte mi coraçon
en pies de niebe, que el yelo
grillos graues le calço.
Limalos tu, si merezco
o tu gracia o tu fabor,
que de agradecidas aras
qualquier deidad se pago. »

Ms. 3796, f. 177 v.

25

Despeñauase atreuida
de lo excelso de vn escollo
vna fuenteçilla humilde
por llegar a ser arroyo.
Tan soberuios sus cristales
se precipitan furiosos,
que en menudo aljofar bueltos,
riegan mucho, inundan poco.

Murmurar intenta y tanto
la desea el valle vnbroso,
que entre çespedes y juncias
le inplica murmureos troncos.
Conducida, pues, al prado
de su cierço pereçoso,
en sierpes de plata obstenta
lirios y claueles rojos.
Vn sitial que oculta verde
la eminencia de dos troncos,
las çagalas requirian
dulce suspension de Apolo.
Feniçio y Jacinto entonces
saeteados de plomo
que en vn arpon suio copia
el nieto del mar vndoso,
a las veldades que miran
si aras no erigen deuotos,
laços dan de amor suaues
çelados aun de si proprios.
Cama les presenta Flora,
induçidora del ocio,
ocultandose por verlos
detras de vn neuado chopo.
Doraua el luciente pelo
entonces el sol del toro,
verde juuentud del año
a quien alienta Fauonio,
que con señas apacibles,
sino con susurros solos,
lisonjeaua las vides
en los braços de los olmos.
No larga estaçion de tienpo
les concede Amor reposo,
a pesar del prado ameno
y a pesar del valle sordo;
celosa el vno le obliga
a que, desmentido a el otro,
las veneraciones deje
deuidas a un pecho hermoso.
Propicio responde el eco
con acentos no sonoros
a lás quejas del amante,
frustrado el color del rostro.
El rubi del lauio suelta,
depuestos fulgores de oro,
que canuio en biolas blancas
del recurso de vn enojo.
La vrujula soliçita
quando numero coploso,
del vosque y de la riuera
teatro hiço no corto.

Ms. 3796, f. 189.

26

AL REY D. PHELIPE 3.

Si de antecesores tantos
vuscas eternas memorias,
reliquias son de cristales
pues en su pecho estan todas.
Si de los reyes de España
rebuelues tantas historias
cuyos despojos al tenplo
en mill vanderas tremolan,
mira el valor de Philipe,
pues que con su vista sola
es tridente a todo el mar
y es rayo en la tierra toda.
Si al pie de esta virgen vella
que estas montañas corona,
tan altas que se leuanta
entre sus plantas la aurora,
tan en los cielos sus cunbres,
la ymagen tan en su gloria,
que es el mas viuo traslado
del original que adoran,
publicas afectos puros,
afectas lucientes ponpas,
en marmoles entallados,
en desatadas aromas.

Nuestro Rey viniendo a uella
con presencia generosa,
el mayor culto a su fe
erigio en sus aras proprias.
El solo a uer sus altares,
el a su naue gloriosa,
desde su grandeça vino
con la grandeça española,
en cuias memorias pias
deuotamente lustrosas,
en dos piramides altas
que los yndios montes moran,
arden encendidos fuegos,
luçen eternas antorchas
que la luz del cielo esconden,
que los rayos del sol rouan.
Espira en humos fragrantes,
suue en llamas olorosas,
quanto la Feniçia suda
y quanto la Arauia llora.
Gran Rey, cuya monarchia
el Sol que naçe en las ondas
y en las mismas ondas muere
ni la abreuia ni la toca,
oy que a este sagrado alcaçar
volbeys las plantas deuotas,
trayendo a el sol de Maria
vuestras estrellas famosas,
las dos perlas digo a quien
an de ceñir mas coronas
que los pocos mayos suyos
que abriles muchos desfloran.
La veldad de nuestra infanta
que nacio con la que goça
a la tierra por deidad,
a los cielos por lisonja,
Carlos y Fernando, en quien
porque a sus nombres respondan,
terror crees glorioso
de las naciones remotas.
Oy en fin que aveis dejado
sin alma a toda Lisboa,
famosa en vuestras entradas,
en vuestra vista ostentosa,
esta admitid que esas plantas,
relijion afectuosa,
en reciuiros festiua,
aplausos humildes postra.

Ms. 3796; f. 190.

27

Llegose tanbien mi hora,
como hace a todos los necios,
y enamoreme a lo rubio
de quien me paga a lo negro.
A hacer la primer visita
fue mi alma en unos versos,
porque menos se cansase
caminando en pies agenos.
Papeles la ynbie tan blandos,
que su escritorio con ellos
fue camarin de conservas,
tan dulçes eran y tiernos.
Al proprio Sol cara a cara
llegue a perderle el respecto,
y le dije que era sonbra
delante de sus cauellos.
De perlas llame a sus dientes,
y quisiera, a lo que entiendo,
mas las perlas en sus manos
que en sus dientes el concepto.
Ay de mi, que me muero
mas por vna muger que por dinero;
y ella que no me quiere,
mas que por mi por el dinero muere;
y asi la fama con raçon pregona
que soy yo neçio y ella socarrona.

Vna moçuela picante
de aleuissimos ojuelos,
cayman es de coraçones
pues los engullen enteros.

De reues me dio en el alma,
porque al tienpo de voluerlos
supo hacer muy bien su herida
que ella rie y que yo siento.
Ya ella vbiera consolado
mis fatigas y tormentos,
si no tubiera en su casa
dos biejos de su consejo.
Quando la doy memoriales,
a ellos los remite luego,
y hacen tan mal la consulta
que mal despachado buelbo.
O quanta falta me haçe
aquel metal maçilento,
pues con estos pies y manos
diera alcançe a mi remedio.
Por hablar curiosidades,
sudaua sienpre, el ingenio
hasta que vi la agradauan
mucho mas las de un platero.
Ay de mi, que me muero
mas por vna muger que por dinero;
y ella que no me quiere,
mas que por mi por el dinero muere;
y asi la fama con raçon pregona
que soy yo neçio y ella socarrona.

Ms. 3796, f. 191.

28

AL RIO DE HENARES

Henares el de Siguença,
liquido no, puro si,
si acasso puro y sin agua
lo mismo quiere decir,
que no nacistes en Piscis
de vn astrologo entendi,
y yo se que esta tal signo
lexos de vuestro pais.
Y aunque aquario estaba en duda,
viendo que en seco viuis,
... os vi ser Ganimedes
si es Jupiter vn rocin.
Yo soy el primer poeta,
entre quatrocientos mil,
que os dio nombre de cristal
y Dios sabe si menti.
Yo la llame plata al agua
con que soberuio viuis,
mas ya me e desengañado,
y me atengo al Potosi.
Escuchad treinta coplones,
si enojo no receuis,
ansi os toquen mas rabeles
que a Esgueba en Valladolid.
Conmigo os enojareis,
pero que se me da a mi,
aunque os precieis de la oja
por que espadaña os reñis.
Si platicais para rio,
bien como Guadalquibir,
no murmureis que es de arroyos
como de gente ruin.
No se yo si os acordais
de vna mañana de abril,
quando la aurora salia
sin llorar y sin reir;
quando llegaba el farol,
lanterna, antorcha o candil,
a la ventana de Oriente,
balcon o zaquizami;
que lloraba en vuestra margen
vn zierto amante infeliz
con camaras en los ojos,
injurias del dios machin.
Desenterro las memorias
de vn gusto pasado en fin,
ridiculo spectaculo
sin spectar ni reddil.
Atacosse, y fuesse a vn prado
de esmeraldas y rubis,

que destas piedras ay muchas
en el thesoro poetil.
Suspiros baxos hechando,
que al viento hicieron gemir,
si no dixo de otra suerte
es çierto que dixo anssi:
« Anssi tengas, noble rio,
mas riuera que Genil,
mas agua que el de Toledo,
mas puente que el de Madrid.
Si haçiendo la tarde aurora,
labare mi ninpha en ti
o a ti te labare en ellas
sus dos plantas de marfil,
hazte espexo de su rostro,
y enamorada de si,
conocera que son fuertes
sus mexillas de carmin.
Dile que por sus crudeças
agora me an dado a mi
camaras en los tres ojos,
y al fin me abre de morir.
En dos de sufrir desdenes
de su labio carmessi,
en vno de serenarme
a las horas del dormir. »
Pasmose en esto pensando
en su bello seraphin,
y estubose assi quatro horas
y estubiera quatro mill,
si vn asno tambien paciera
no muchos passos de alli,
no se acordara a este tiempo
de su ninpha vorriquil,
hecho vn suspiro su lengua,
aunque, segun entendi,
fue rebuzno en buen romançe
y suspiro en mal latin.
Al son del clamor tan ronco
boluio nuestro amante en si,
quando le encanto el olfato
Merlin no, pero merdin.
« La de Caco, aquel ladron,
anda, dixo, por aqui,
que es de tales enemigos
atalaya la nariz.
Perros muertos son violetas,
humo de azufre es jazmin,
si anbar gris es ambar frio,
suçiedad es esta gris.
Yo me quiero lebantar,
que si acaso bien oli,
no esta la yerba sin zera
si al simple llaman ansi. »
Para lebantarse pusso
la mano sobre vn patin,
camara en que hecho su pan
traspalado otro Amadis.
Guardaba oculto la yerba
el riguroso matiz,
bien ansi como las flores
suelen al aspid cubrir.
Sintio ligada la diestra
que libre solia sentir,
y alçose prouido no,
pero proueido si.
Llegose a labar a Henares,
dando a su planta jentil
la liga como en Segouia
quando la quieren batir.
Iba a otro sitio, y vio en el
otra prouision mas vil,
que en vn prado de esmeraldas
era muy poco vn rubi.
Dos falsas si desiguales
no distantes entre si,
que en aquel prado naçiera
del culantro perejil.
Espantado del successo,
huiendo se fue de alli,

que para tales contrarios
no ay oler sino es huyr.

Ms. 3796, f. 175-176 v. En tête, le mot « Gongora » a été biffé et remplacé par « Francisco Lopez de la Torre », d'une écriture différente.

29

AL TRAJICO SUCESO DE LUCRECIA

Era vicario Tarquino?
Soy sala de competencias
que me mandan que declare
si hizo fuerza, o no hizo fuerza?
Y contrastar la opinion
que a la matrona conserva
en la posesion de casta,
no será facil empresa.
Pero la accion apurada,
si hazen conjeturas prueba,
el suceso mas ynduce
voluntad, que no violencia.
Que ospedar vn rey ausente,
Colatino, no hay albeytar
que por sano lo declare,
que por seguro lo tenga.
Demas que hizo mucho al caso
hauer quedado la puerta,
sin tranca, llabe, o zerrojo,
ni vn picaporte siquiera.
Solo admito por disculpa,
si a cargo de alguna dueña
estubo, que sobornada,
fue origen de la tragedia.
Vamos refiriendo el caso:
del campo el monarcha llega;
engañada o maliziosa,
le da posada Lucrecia.
Si zenaron de consuno,
no hai viviente que lo sepa,
las estancias del reposo
fueron sin duda diversas.
En la sala el rey a escuras,
vigilante zentinela,
el sosiego en la familia
esperando estaba alerta.
Impaciente en los antojos,
de saber con quantas entra
la fiel romana donde
hazer vn peso desea.
Ya todo en sosiego mudo,
la bordada cama deja,
su gaban toma y espada,
los zapatos por chinelas.
Parte pues pisando errores,
llega tentando tinieblas,
y entra por la misma causa
que los perros en la iglesia.
Ella en suabe tributo,
pagando forzosa deuda
a Morfeo estaba, quando
las plantas puso en la pieza.
Entre esperanza y temor,
confuso al lecho se azerca,
y a luz de lampara escasa
dormida Venus contempla.
Al desenfrenado ympulso
que al precipicio le lleba,
rriendas al respecto pone,
la ocasion aprieta espuelas.
Mas venciendo el apetito,
la sed amorosa intenta,
templar con alientos puros
entre nacares y perlas.
Temerario se avalanza,
y de amor lasciva aveja,
al fino coral del lavio
le bevio el sabroso nectar.
Ella desperto asustada,
y apartando la caveza,
de la olanda desembaina
dos christalinas defensas.

En el lecho mal sentada,
alterada y descompuesta,
faccion yndolente acusa
con lagrimas y con quejas.
Intentando reducirla,
a requiebros, a ternezas,
dulzes amores y alagos
añade a ricas ofertas.
Mas viendo que persuadirla
no ha podido en ora y media
el ruego blando y humilde
en fuerza villana trueca.
Por cubrirla la descubre,
y ya sin terliz la yegua
que a menester a la brida
vio que estaba a la jineta.
Tan embuelta en la camisa,
que fue forzoso romperla,
obstentando el tanto monta
gran machina de belleza.
A esto sigue el amenaza
de ponerle al lado muestra
de vn esclavo, que sin alma
declare su ynfame afrenta.
Disculpa para vna tonta,
mas no para quien se precia
de varonil y entendida,
como en matarse lo muestra.
Ni está ronca, ni son sordas
sus criadas : a que espera,
si lanze tan apretado
dando vozes se remedia ?
Mas con el ansia de darlas
trabada tiene la lengua,
y a potente afecto humano
rendidas las dos potencias.
Ya los brazos no embarazan,
dando tacita lizencia
los ojos como dormida,
los gustos como despierta.
Viendo en la ocasion el joben
que no ha menester la fuerza,
dos medias rramas divide,
que vida y reyno le cuesta.
Ya Su Magestad se va
con el abuja desecha,
a ser dulce Magallanes
del que estrecho considera.
Quiza que no lo será
disculpa de que el no buelva
a nabegar lactitudes
que el mayor aliento anegan.
Ancho u estrecho, el llegó
con dulze y fresca marea
al norte que yman con alma
tantos dias a que anela.
Mar en leche, la matrona
con el corriente se deja
surcar, y seria milagro
si agitado no se altera.
Poco a poco con buen ayre
va el rey hasta que refresca
el viento, y en obras vivas
crujieron las obras muertas.
Los concabos resonaron,
retumbaron las cavernas,
y en golfo de espumas cano
amayno la inchada vela.
Que el cumplio con su negocio
no hai duda; sobre si ella
vino en ello voluntaria,
es toda la controversia.
Mas visto el caso, fallamos
ser constante, que pues ella
no huyo quando el escurria,
ayudó a la concurrencia.

Ms. 4044, f. 266-269.

30

Siempre lo he oido decir :
asta las piedras se encuentran,

porque al fin no ay San Martin
que a cada puerco no llega.
Por mi lo digo, que estando
cierto dia en cierta feria
que se hace en Escalona,
vn lugar sin escalera,
llegando a mercar vn pollo,
repare, mas que en la venta,
que me pidieron por el
ciento y dos, y tres potencias.
Dijele : « Moça, está gordo ? »
y respondiome risueña :
« Alcele la rabadilla,
vera que torreçno enseña. »
Era vna moçuela, de oro
el vello de la cabeça,
la frente messa de plata,
la boca coral y perlas.
Quando la vi tan hermosa
vender vn pollo de chresta,
que apenas le habran salido
plumas por entre las piernas,
saquele dos plumas solas,
dijele dos mil endechas,
porque le hice saltar
la sangre de la primera.
« O mi malogrado pollo,
o Jesus, quien tal supiera,
criandolo vos, mi padre,
para gallo del aldea ! »
Despedime, y al partirme
hiçome vna reuerencia,
con vn suspiro del alma
y los ojos en la tierra.
Hasta que el martes pasado,
no aciago (ni Dios lo quiera
que yo a tal martes le llame)
sino de carnestolendas,
llegando a Çocodober
a echar mi dinero en medias,
vi vna moça que vendia
vna pardilla coneja.
Dijele : « Moça, a parido
la coneja ? » y rostrituerta,
me respondio a lo mohino :
« Ya a parido la coneja.
Vaia, que no es para el
que la querra moça y recia,
que con el duerma en la cama ;
y con el coma en la messa.
Haora vn año era ansi,
como sabe alguna de ellas,
pero como ya a parido,
desecharala por vieja. »
Diome vn salto el coraçon,
y en el alma vna sospecha
en que era lo que decia
methaphora de si mesma.
Preguntela su lugar,
y apenas me dijo que era
natural de Fuensalida,
quando luego cai en ella.
Lleuemela a mi posada,
hicele poner la messa,
asenteme yo a los pies,
pusela a la cabeçera,
y pusela por principio
dos çiruelas amaçenas,
y luego vn pastel echiço,
con vna caña y dos yemas,
y por postre vna patata,
con dos limas en conserua.
Comio tanto de lo dulce
que la dio dolor de muelas,
y una alteracion de madre
que entendi que se muriera,
porque angustiada en la cama
estubo toda vna siesta,
los ojos bueltos en blanco,
y en la mano vna candela.
Y quando bolbiera en si,
de esta manera dijera :

« Ea, señor, que ya es hora;
si ha de tomar la coneja,
saque vn puño de reales. »
Y dixe : « Paguese ella »;
y ella, como sabe el precio,
tomo tres y fue contenta.

Ms. 3795, f. 174.

31

AL PALAÇIO DE LISIS

Desesperado de uer
las maleças en que nace,
se precipita vn arroyo
desde vnos riscos a un valle.
El le reciue, y ofreçe
en corteses ospedajes
sitio hermoso en que se albergue,
blando lecho en que descanse.
Sierpe de cristal se arrastra
por la sombra que le haçe,
flores que el cristal fomenta,
yeruas que la sierpe lame.
De un edificio souerbio
pisa humilde los vmbrales,
pagandole en obediençia
los honores de su margen.
De un edificio que el sol
ponpa del çielo arogante
dexara el ser sol por ser
cinborrio a sus omenajes.
Si lo escuchas, no te admires
que dejaras de admirarte,
si saues que tiene a Lisis,
y si quien es Lisis saues.
La deydad de aquestos montes
es, en cuias prendas graues
no hallo escrupulos la inuidia,
ni añadio gracias el arte.
De su beldad se detienen
a los inperios suabes
los inpetus de las ondas,
las coleras de los ayres.
Libre no uio su hermosura
que captiuo no quedase,
amante despues de verla,
fuese asta verla diamante.
Ay de quien lo esperimenta,
y entre respectos cobardes
no se quexa aunque se muere,
no suspira aunque se arde,
que en sus ojos y en su frente
enquentra efectos notables,
fuego en calor que le yela,
nieue el calor que le abrase.
Si el carcax al hombro fia,
si en la mano el arco trae,
Amor, deponiendo el suio,
ya no es Amor sino amante.
Aun las fieras solicitan,
desmintiendo naturales,
el que su mano las yera,
por que su pie los alcance.
Es al fin comun echiço
entre suspensiones graues,
o mate las fieras hombre,
o fiera los hombres mate.
Alegre el canpo la sirua
quando a uer el canpo sale,
en mesa de alaxas verdes,
dulçes lisonjas fragantes.
que mucho quando son medras
que deuen sus prados antes
que del arroyo al cristal
de su planta a los cristales.
En virtud de prendas suyas
goçan prebilegios tales
que verdor perpetuo visten,
cruxa el Euro, el Autro brame.
De este dueño el edificio
es el templo de su imagen,

vello oriente de dos soles,
hermoso cielo de un angel.
O tu, arroyo, a ti los ojos
de Lisis nunca te falten,
que la risa de tus bienes
diga el llanto de mis males.
Seran en sonantes musas,
si tus musicas sonantes
mi mortal ardor le acuerdan,
tus acuerdos inmortales.

Ms. 3796, f. 179.

32

— Decidme vos, pensamiento,
donde mis males estan,
que alegrias eran estas
que tan grandes voces dan :
si libran algun cautivo
o le sacan de su afan,
o si biene algun remedio
donde mis suspiros van.
— No libran ningun cautivo,
ni lo sacan de su afan,
ni viene ningun remedio
donde tus suspiros van ;
mas venido es un tal dia
que llaman señor San Juan.
Cuantos los que estan contentos
con placer comen su pan,
cuando a los desconsolados
mayores dolores dan.
No digo por ti, cuitado,
que por muerto te tendran
los que supieren tu vida
y agora te veran;
los mas te habran envidia,
los otros te lloraran ;
los que la causa supieren
tu firmeza loaran,
viendo menor tu pecado
que el castigo que te dan.

Bibliothèque privée.

33

Regalanme con favores
las damas de mi lugar,
porque ya de monacillo
he venido a sacristan;
y pues que taño campanas,
bien me pueden codiciar,
pues para moneda de obra
tengo bastante metal.
No reparan en si tengo
canongia o dignidad,
esperanza de capelo
o de mitra arzobispal.
Pues para que sea querido
al uso de Portugal,
basta que tenga la bolsa
franca como gavilan.
Porque pienso hacer ogaño,
si hay tantica mortandad,
mas milagros con mi oficio
que con su espada Roldan;
porque para mi regalo
entiendo que me daran
las vinageras el vino,
las sepulturas el pan,
las velaciones los pollos,
los responsos el agraz,
las campanas las gallinas,
los ciriales el caudal.
. . . .
. . . .
Si con este prometido
y con esta voluntad
hay alguna damichuela
que se quiera aventurar,
desde ahora le aseguro

y la digo en puridad
que en las.... me remato
y en la que me diese mas.
Las condiciones que saco
a la que por bien de paz
aceptase mi partido
son las que pueden contar.
La primera que, pues yo
soy provisor general,
y no quiero que en su cueva
entre ageno medio real,
no ha de ser antojadiza
como paloma torcaz
que por poner sobre espuerta
deja el mismo palomar;
no ha de ser muy andariega,
pues nos avisa el refran
que gallinas y mugeres
se pierden por mucho andar;
tampoco ha de ser golosa,
porque no haga otro Satan
que la tiente por la gula
como a la muger de Adan.
Mientras le doy con mi pico
el sustento natural,
no ha de admitir en su casa
otra caña de pescar.
Iten saco por partido
....

Bibliothèque privée.

34

A la posada de ausencia
llegò el Amor una noche,
despues de haber caminado
catorce leguas atroces.
Son los celos una espuela
que a los pechos mas harones
les hace salir de paso,
porque el deseo los pone.
Con esto llegò temprano,
aunque tarde le responden,
que en el meson de la ausencia
a las cinco son las doce.
Pensò que Agradecimiento
en oyendole su nombre
bajara descalzo a abrirle,
mas ya nadie le conoce.
Todos estaban dormidos,
y a los gritos y a las voces
levantòse el Desengaño
y a la ventana asomòse.
« Por quien preguntais, Amor?
Que dais en vano esos golpes?
Que Ausencia esta con Olvido;
ella no ve, y el no oye.
Agradecimiento es muerto;
y aun pienso, Dios le perdone,
que por casar con Ausencia
le matò Olvido una noche.
Los que fueron a su entierro
vienen a que se despose,
que el pesame y parabien
iguales parejas corren.
Ocho dias ha que os fuistes,
tantos ha que tierra come,
que el uno murio a las diez
y el otro partio a las once.
Aqui hay colgadas muletas
y aun algunos cartelones,
que a los males mas de asiento
cura Ausencia si los coge.
Y vos, Amor, id con Dios,
que a un mozo tan gentilhombre
no le faltarà posada,
aunque sea en esos montes. »

Bibliothèque privée.

35

Despertad, hermosa Celia,
si por ventura dormis,

que vida que ha muerto a un hombre
no es justo que duerma asi.
Si no temeis la justicia,
por misericordia oid
a un alma del mismo cuerpo
que viene a penar aqui.
Abrid esas celosias,
ya que las puertas no abris,
si no quereis qus entre dentro,
como sombra del que fui.
Acuerdome que una noche,
sin descansar ni dormir,
os hallaba el sol en ellas
y vos en la calle a mi.
Para el malo y para el bueno,
sale el sol y a un mismo fin,
y aunque mas me aborrezcais
salio tambien para mi.
Agora que estais durmiendo,
contenta en verme morir,
holgareis que el cielo llueva
y que yele sobre mi.
Si os detiene algun dichoso,
decidle que yo lo fui
....
....
que en vuestros brazos estuve;
mas no hay que fiar al fin
del sol claro por febrero,
ni flor de almendro en abril.
Triste del, cuando os conozca
como yo cuando os perdi,
que teneis de piedra el alma
y el rostro de un serafin.
Celia, pues no despertais,
forzoso serà el sufrir;
dormid y velen mis ojos
entretanto que dormis.

Bibliothèque privée.

36

En los carrillos las palmas,
y los codos en los muslos,
y del alma por los ojos
derramando todo el zumo,
su duro pecho otros caños
hecho puchero de engrudo
desleido con mil heces
por zelos de un mozo zurdo
. . . .
. . . .
estaba el pastor Gaspacho
apacentando unos mulos,
ganado que a puras coles
se desfajaba el menudo.
Blasfemaba del amor
que tiene tretas de puto,
que nos besa y nos engaña
como Ganasa a Trastulo
. . . .
. . . .
Al fin el pastor Gaspacho
con su pastora sañudo,
que porque llorar le hace
la llama niña del humo,
empuñando un morteruelo
en que machaca sus gustos,
asi cantaba haciendo
de su garganta un embudo :
« Aunque yo fuera mas feo
que las nalgas de un tarugo,
y mas ligero de cascos
que es de vuelo un aguilucho,
aunque vistiera de fiesta
camisa de angeo crudo,
y por echarte requiebros
te hubiera echado un rebuzno,
no me hubieras arrojado
a manera de trabuco,
o como bodoque al aire

de buen brazo y arco duro.
Plegue a Dios, pastora falsa,
pues que por ti me chamusco,
te azote Amor con mas sagas
que tienen rabos diez pulpos ;
que, cuando casarte quieras,
aunque mientan, digan muchos
que al talamo te acompañan
mas de cuatro mil estupros,
y que en la villa probaron
muchos hombres tus besugos,
y que de noche en la calle
bulle caza y andan bultos ;
que tu solaz sea la rueca,
tus castañetas el huso,
y que por corales traigas
majuelos y escaramujos ;
que las berzas de tu huerto
no las riegue mi aguaducho,
y que para tu tinaja
falte derecho tarugo. »
Con esto se fue Gaspacho,
porque de rabia se puso
mas sucio que doña Esgueva,
la madre de los mas sucios.

Bibliothèque privée.

37

Mudanzas del tiempo
y glorias caducas
en mis dias claros
me han dejado a obscuras.
Nublosos cuidados
que gustos enturbian
tendieron el velo
de tristezas muchas.
Quedò obscuro todo,
y hecho yo lechuza,
de la luz me guardo
que no me deslumbra.
A lo hipocriton
desde esta mi funda
saco la cabeza
como la tortuga.
Miro si me ven,
oyo si me escuchan,
atientome mucho
por andar en dudas.
Ya no me conozco
despues que entrè en moda,
que muchos estados
a qualquiera mudan.
La pesada piedra
del cuidado empuña
mi alma entre sueños
en pie como grulla.
Ya no cual solia
suena mi bandurria,
que la ensordecieron
del gran Tajo azudas.
De los ojos mios
viendo las alcuzas
por memorias tristes
que el alma me estrujan,
muerto ando debajo
del paño de tumba,
que limpia las calles
que aqui me embadurnan.
El cuello metido
por cortar las uñas
sombrero de borlas
muy a lo de cura ;
rapado por fuerza
sujeto a la tunda,
como si yo fuera
de los de la chusma.
Mis lienzos tendidos
cual otra viuda,
sobre mi sotana
puesta su blandura ;
hecho sacristan

cantando aleluyas,
los bultos rociando
de las sepulturas;
reducido al fin
a esta tal fortuna,
despues de haber dado
mas vueltas que grua;
vivo deseando
como infernal furia
abstinente en todo
y a el ojo la fruta.
Amo y reverencio
la que mas me injuria,
maldigo las veras,
bendigo las burlas.
Mirome al espejo,
no me veo arrugas,
y hacelas el tiempo
en mis aventuras.
Libertad amada,
tu consuelo acuda
al que al son de grillos
entona su musa.
Perdite, o cuitado,
por mi desventura,
siendo tu la joya
que mas todos buscan.
Sobre el oro puro
y perlas te encumbras,
mal haya quien quiere
gloria sin la tuya.
Coma quien quisiere
la gustosa trucha,
pues que no se pesca
a bragas enjutas.
Guste ser mirado
aquel hideputa
del que a su pesar
se nota y murmura.
Que todo es, al fin,
canto de la cuna,
que para en el llanto
de la sepultura.
Si algun codicioso
sacare de puja
la vida que compro
yo la doy por suya.
Mas de que me quejo,
si es mia la culpa,
pues cavè la fosa
donde me sepultan!

Bibliothèque privée.

LETRILLAS

38

O que bien que baila Gil
con las mozas de Barajas,
la chacona a las sonajas
y el villano al tamboril!

Fue a Madrid por San Miguel
y el demonio se soltò
que chaconero volvio
si iba villano el.
Salgan cuatrocientos mil
que con todas se harà rajas,
la chacona a las sonajas
y el villano al tamboril.

Un olmo que el son agudo
en medio el egido oyo,
con las ojas le bailò
ya que con el pie no pudo.
Con airecillo sutil
las altas movio y las bajas,
la chacona a las sonajas
y el villano al tamboril.

Baile tan extraordinario
nadie le ha visto de balde;
varas le costò al alcalde

y bodigos al vicario.
El capon del alguacil
ha gastado sus alhajas,
la chacona a las sonajas
y el villano al tamboril.

Bibliothèque privée.

39

Quien tiene el tejado de bidrio
no tire piedras al del vecino.

Vecina, pues ueis que somos
de la carda y del officio,
procurad que uamos horras
yo con vos, y vos conmigo.
Sabed que si sois nabaja,
que me precio yo de rico,
y se de punta jugar,
si jugar sabeis de filo.
Quien tiene el tejado de bidrio
no tire piedras al del vecino.

Si tengo marido yo,
tambien vos teneis marido,
y se que no es sordo el vuestro,
si tiene oidos el mio.
Lo que os ymporta es callar,
que si vistis uos, yo he visto;
si abri mi puerta a las seis,
vos la abristis a las cinco.
Quien tiene el tejado de bidrio
no tire piedras al del vecino.

Si dejais las faldas sanas,
no abra en las mias peligro,
que si de saia e medrado,
uos de saia y de corpiño.
No mireis tan cuidadosa
a quien pareçen mis hijos,
que a las dos se nos entiende
de retratos vn poquito.
Quien tiene el tejado de bidrio
no tire piedras al del vecino.

Ms. 3795, f. 177.

40

Bailad en el corro, moçuelas,
pues os haçe la gayta el son,
que yo os mando vnas castañuelas
guarnecidas con su cordon.

No es bien que el conçejo ogaño
pague al gaytero de balde,
yo fui Jil Castaño Alcalde
y como alcalde y castaño.
Si en mi fruta haceis daño
yo os perdono quatro pares,
rompeldas con los pulgares
y vosotras con las muelas.
Baylad en el corro, moçuelas,
pues os haçe la gayta el son,
que yo os mando unas castañuelas
guarnecidas con su cordon.

Yo se quando era la sala
de los saraos el egido,
el palenque de Cupido,
y el theatro de la gala,
el dio marido a Paschuala
y a Toribio muger tanto,
y el zapatero el disancto
haçe su paschua de suela.
Baylad en el corro, moçuelas,
pues os haçe la gayta el son,
que yo os mando unas castañuelas
guarnecidas con su cordon.

Jj. 108, f. 229.

41

Este mundo es vna escala:
vnos la suben y otros la bajan.

La cayada de vn baquero
sirua a esta escala de paso,
por donde al imperio acaso
succeda vn Tartaro fiero.
Y vn Rey en berjas de açero
le trae la persona pressa,
y a los perros de su messa
en las migajas le iguala.
Este mundo es vna escala:
vnos la suben y otros la bajan.

De vn cordel esta escalera
la subio alguno tirado,
que ya la bajo llebado
del collar de vna benera,
y abrirle hiço carrera
este lisongero falso,
al luto de vn cadahalso
desde el dosel de su sala.
Este mundo es vna escala.
vnos la suben y otros la bajan.

El caduco parecer
de las damas paja sea,
pues oy, mal sana y bien fea,
pluma no puede mouer,
quien loca pisando ayer
las nubes de sus chapines
desafio serafines
a bolar ala por ala.
Este mundo es vna escala:
vnos la suben y otros la bajan.

Yo vi lebantados çiento
que la embidia derribo,
y a cada cual les toco
como pelota de viento,
la vna le da con tiento
la otra con fuerça aprieta,
la lisonja con vaqueta
pero la embidia con pala.
Este mundo es vna escala:
vnos la suben y otros la bajan.

Jj. 108, f. 227.

42

Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Del Tajo vengo a cantar
a orillas de Mançanares,
aunque para mis pessares
remedio quiero tomar.
Mas ya me quiero alegrar
porque se que os doy contento,
quando al son de mi ynstrumento
salgo a cantar nouedades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Ay doctores afamados
que son doctores famosos,
ay doctores ymbidiosos
que presumen de ymbidiados;
ay otros menos letrados
que presumen de criollos,
y que alegan por ser pollos
pollinas authoridades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Ay casadas vergonçosas
porque son taças penadas,
ay donçellas encaladas
y caladas melindrosas,
ay cortesanas briosas

y entre lienços de paredes,
ay viejas con que lloredes
y niñas con que riades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

El marido al uso riñe
con su muger doña Gueca,
porque en lugar de la rueca
cintura de perlas ciñe;
el gusta de que se aliñe,
y quando mas disimula,
compañero es de la mula
que pintan las nauidades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Ay corrientes mormurantes,
ay corridos mormurados,
ay penitentes casados
que trahen cruces de diamantes,
y discretos maleantes,
en cuias conbersaciones
ay onças de discreciones
y arrobas de necedades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Busconas vereis tapar
de quien todos haçen cruçes,
que pasan entre dos luces
como quartos por sellar;
van de noche a campear,
porque se gastan a escuras
sus pimeas estaturas
y sus gigantas edades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

La viudita vergonçossa,
toca y monjil de picaça,
con lagrimas de mostaça
sale picante y llorossa,
mas en su messa viciossa
ay gigote de señores,
pepitoria de priores
y picadillo de auades.
Salud y vida sepades,
que vengo a decir verdades.

Ms. 3795, f. 173 v.

VARIOS

43

SATIRA

A que grande desuentura
vino al mundo por su mal,
que no se halcança vn real
sin leuantarse figura.]
Este mal no tiene cura
ni se puede remediar;
todos quieren estafar
en faltando plus de argen.
Remedielo Dios. Amen.

Van las señoras casadas
que tienen necesidad
a cierta paternidad
que remedio las pasadas,
con el marido enojadas
porque le sienten paçiente,
y el finge ser ynoçente
y aun hace que no lo uen.
Remedielo Dios. Amen.

Esta la casi doncella
labrando en su bastidor,
y a bueltas de su labor
anda el moçuelo con ella.
Va el señor dotor a uella,

por no decir la comadre,
y sin saberlo su padre,
suelen darle el parabien.
Remedielo Dios. Amen.

La mozuela de seruicio,
luego que deja el esparto
se sale con su lagarto
a darse vn poco de vicio,
y echa luego de juizio
como lo remediara,
y que mentira dara
porque no la den vaiben.
Remedielo Dios. Amen.

La viuda jalbegada
con su toca reuerenda
que hace de su cuello tienda
y gusta de ser tocada,
mas quando la muy taimada
con esta resolucion
no admite conuersacion
ni quiere que se la den,
Remedielo Dios. Amen.

Con fingida debocion
esta la monja reçando,
de pensamiento pecando
con el que tiene aficion;
maldice su religion
porque no puede salir
y su deseo cumplir,
aunque mil traças se den.
Remedielo Dios. Amen.

Ya este mundo va perdido
y las cosas en peor,
ya priua el mormurador
con el que nunca lo ha sido;
a tal miseria ha benido,
que si no se ua a la mano
no se ha de hallar vn cristiano
que llamen hombre de bien.
Remedielo Dios. Amen.

Ms. 3795, f. 177 v.

44

Que entre los gustos de amores
la noche se estime tanto,
no me espanto,
que es capa de peccadores
y de peccadoras manto.

Que este el padre confiado
en que su hija es doncella,
porque siempre ha bisto en ella
vn termino muy honrrado,
pero que viua engañado
porque ubo quien a pie enjuto
cojio flor y dejo fruto,
trocando tanto por tanto,
no me espanto.

Que en la noche mas elada,
estando el marido ausente,
que busque quien la caliente
la bellisima casada
y remanezca preñada,
y el marido este seguro
de que su mujer es muro
formado de cal y canto,
no me espanto.

Que la viuda ensabanada,
los ojos en el sagrario,
tenga en la mano el rosario
y se nos muestre eleuada,
y que la noche llegada
la visite el clerigon
por hija de confesion,
sin ser el el Padre santo,
no me espanto.

Que en la yglesia le amanezca
a la beata jergona,
y que apenas ay persona
a quien santa no parezca,
y que apenas anochezca,
quando, dejando el jergon,
sepa gozar la ocasion
y olbidar tristeza y llanto,
no me espanto.

Que olbidada de su voto
de dia en el librador
tenga firmezas de amor
la monja con su deuoto,
y que ande todo tan roto,
que picada en este çeuo
gaste mas belas de seuo
que peces tiene Amaranto,
no me espanto.

Ms. 3795, f. 177.

45

Antes que el sueño me venza
y se me apague la luz,
escribir quiero mis males :
memoria, ayudame tu.
Mejor a cantar me aplico,
quiero tomar mi laud ;
menester serà templarlo :
tintin, tararan, tantus.

Vencido llegò el amor,
herido con arcabuz,
desde cuando me azotaban
los hermanos de Jesus.
Amaba a una zagalilla
mas linda que un cielo azul,
cuya dulce boca excede
lamedores de orozuz.
Con versos la conquistaba :
ved que barras del Piru !
Conocio de mi flaqueza
estar falto de salud.
Valiose del interes,
y aunque me enseñó el *non plus*,
lleguè a vista de su estrecho,
tanto puede mi virtud !
Y con ser padre de casta
como caballo andaluz,
la yegua no me consiente
tintin, tararan, tantus.

Soy en el juego de amores
tan desgraciado tahur,
que cuando habia primera
mis desdichas hacen flux.
En naciendo hizo milagros
por obra de Belzebu,
y para tanto embeleco
no se quien le ha dado a luz.
Aprendio las falsas letras
con tanta solicitud,
que de *be* supo hacerme
infinitas veces *cu*.
En habiendome ofendido
en llegando a hacerme el buz,
de rendido pago y trago
sus hierros como avestruz.
Haceme andar con rodela
y espada de Sahagun,
como si acaso yo fuera
Sacripante o Ferragut.
Martirizame con celos
con no ser mas que un run run,
casamiento me demanda,
tintin, tararan, tantus.

Bibliothèque privée.

46

El desdichado que logra
sus dos cuernos peligrosos,

con el tiempo de la ropa
y la vida con el odio.
Hurtasele el cuerpo al zelo
toro, a quien engañan pocos,
cometio su bote al viento
y a su sombra sus enojos.
Cuelga tu imagen de cera
a el escarmiento, devoto,
y antes que venga el olvido,
ponte, miserable, en cobro.
Pregono, pregono...

Escarbando está en la arena,
vedrandosela en el lomo,
porque a las espaldas hecha
memorias vueltas en polvo.
Imperios y monarquias
le tienen los cuernos rotos;
la fama sola le ha hecho
las burlas que tienen ojos.
Dejale agradecimientos
que cual lebrel generoso
se le cuelguen de la oreja
si tiene orejas un sordo.
Mas ya le encomienda al aire
su rigor no sufre modo;
quiera Dios no des cuitado
largo ejemplo en años cortos.
Pregono, pregono...

Bibliothèque privée.

47

Despues que la riuera
pisas de nuestro rio,
haçe con el estio
paçes la primavera,
y nuestros labradores
tantas espigas siegan como flores.

El otoño a jurado
de consentir que acoja
qualquiera seca oja
en verde yerba el prado
de las que çiento a çiento
deriba de los arboles el viento.

No esta el invierno cano
menos agradecido,
y rejubenescido
nos da la fe y la mano
de que seran al suelo
plata las nieves y christal el yelo.

Al fin, dulce señora,
el tiempo te obedeçe
y al Betis faborece,
mientras el Tajo llora
y que yo le acompaño,
els intiendo tu ausencia y yo mi daño.

Jj. 108 en 4° f. 180.

48

DECIMAS DE Dn LUIS DE GONGORA A VNA DAMA SUYA QUE SE YBA A ROMA

Mariana, si a Roma vas,
en jornada semejante
ni te absuelbo por delante
ni aseguro por detras;
tu hermosura agraviaras
a quien con fineza rara
adore, desdicha clara!
pues te vas, quando te alavo,
donde han de mirar tu rabo,
[illegible]

Ya que no te vas a estrecha
religion, donde salvarte,
al menos te vas a parte

donde hasta el culo aprovecha :
si algun español te flecha
y compite algun romano,
tener zelos será en vano,
pues podran besar tu sol
en la voca el español
y en el culo el italiano.

Ya te miro, niña, andar
sin olerte el culo a algalia,
mas tornada por Italia
que vna espada por la mar.
Mi fe te quise entregar,
tanto, niña, mi amor fue ;
mas desde oy retire
fe tan vana, pues regulo
que quien no guarda su culo
menos guardara mi fe.

Si llego a necesitar,
grande falta me has de hacer,
porque al fin eres muger
que hasta el culo sabes dar ;
vn consejo has de llevar,
pues para aquesta jornada
de mi no has llevado nada,
y es que mires por tu vida
que no vuelvas descosida
ya que vuelbas desculada.

Ms. 4044, f. 257.

49

Si atreuimiento tubiera
como os e tenido amor,
fuera menos mi dolor
y mayor el premio fuera.
Esta el coraçon dudando,
hablar y callar querria,
y entre el miedo y la osadia
hablan mis ojos llorando.
Que entre firmes coraçones
que sauen de amor constante,
ya es lenguaje del amante
lagrimas y no raçones.
Y en vn honbre que es prudente
y ia perfecto en la edad,
es mayor dificultad
llorar que hablar cuerdamente.
Como hace el ciego dios
este loco disconçierto
que sea yo, señora, el muerto,
y que yo llore por vos ;
y mas que, si lo mirays,
hace que llore mi suerte
por vos que me dais la muerte,
y no porque me'la days.
Que Amor, dios rapaz y ciego,
para que abrasado muera,
echa toda el agua fuera
y va acreçentando el fuego.
Huelgome suceda ansi,
aunque ofenda mi paçiençia,
porque os jure la experiençia
que ya os quiero mas que a mi ;
que entre quantos an amado
con natural aficion,
puedo hacer obstentacion
del mas firme enamorado.
Fuera del alma no encuentro
mi amor en otro lugar,
porque el alma os quiere amar
desde sus puertas adentro.
Tan honesto le a criado
la raçon que le concierta,
que de la voca a la puerta
hasta agora no a llegado ;
viuio bien de esta manera
mientras fue niño menor,
pero ya como es maior,
se muere por salir fuera.
Por sosegar sus antojos,

le ofrezco, señora mia,
que le e de sacar vn dia
al campo de vuestros ojos.
Pero no se pierda en el
y me echen la culpa a mi,
que a donde yo me perdi,
no es mucho se pierda el.
Si no es que vuestra velleça
despierte a tener piedad,
haciendoos con su humildad
perder la naturaleça.
Pero de qualquiera suerte
el alma esta a vos rendida ;
para vos quiero la vida
y por vos quiero la muerte.

Ms. 3976, f. 191 v.

50

QUINTILLAS A VNA TABERNERA
QUE VENDIA MAL VINO

Esta vende de contino
tabernera vn infernal
vino que nunca combino,
porque con vino y con cal
nos vuelbe el vino Cal-vino.

Ms. 7044, f. 258.

51

REDONDILLA

Dejad madurar las hubas,
no las cojais en su flor ;
si quando niña soys puta,
que sereys quando mayor ?

Ms. 4044, f. 269 r.

52

A UNA DAMA
EN OPINION DE DONCELLA
Y NO LO ERA

Viendo tu grande inchaçon,
apostaron vna vez
tus deudos que era preñez,
tus padres que opilacion.
Ventilaron tu maldad
quando salio, Madalena,
vn Jonas de tu vallena,
que predico la uerdad.

Ms. 3796, f. 196.

53

A VNA DAMA QUE RONPIA
LOS JUBONES POR DETRAS

Por detras das en ronper,
Juana, ese jubon que traes ;
deue de ser que si caes,
de espaldas deue de ser.
Ya roto tu honor, escuchas,
no vengas a deleytarte
en ronperte en una parte,
si as de quedar rota en muchas.

Ms. 3796, f. 196.

54

A UN POETA CON MAL DE ORINA

Mal poeta y no orinar,
Castro, querras que te diga
que a tu vena y tu vejiga
ya no les queda que dar.
Vi en las dos dos marauillas,
que tu vena a escuras viene

a quedarse quando tiene
tu vejiga candilillas.

Ms. 3796, f. 196.

55

A UNA DAMA PREÑADA

Por encubrir tu preñado,
gran peto te as puesto, Ynes;
eso es armarte despues
que la pendencia a pasado.
Con amorosas rencillas
ya con dos armas te hallas :
broquel para reparallas
y peto para cubrillas.

Ms. 3796, f. 196.

INDEX ALPHABÉTIQUE

CONTOS POPULARES PORTUGUEZES

I. O GRILLO E O LEÃO

Uma vez o leão encontrou-se com o grillo que estava na sua toca a cantar: *rei, rei* (som imitativo). O leão disse-lhe: « Oh! compadre, então tu és rei? » O grillo disse: « Sou, sim, sou o rei dos bichos com azas. » O leão que tambem é rei dos animaes, disse: « Pois eu tambem sou rei, e se tu és rei e eu sou rei, como é que ha de haver dois reis num paiz? » Responde o grillo: « Pois tu, prepara as tuas tropas, que eu te mostrarei o motivo porque sou rei. » O leão preparou logo um exercito de gatos para ir ter com o grillo ao monte. O grillo preparou um exercito de mosquitos, e deu uma coça nos gatos do leão. O leão, visto que perdeu os gatos, preparou um exercito de cães. O grillo botou-lhe um exercito de moscas que derrotaram os cães. Depois o leão preparou um exercito de raposas para a batalha do grillo. O grillo então soltou um exercito de vespras amarellas, e assim estragaram o exercito das raposas, que só escapou uma, que se botou a nado a um regato de agua. O leão então preparou um exercito de lobos e mandou-os para o monte batalhar com o grillo. Os lobos com as unhas desenterravam os grillos, mas os que escapavam, foi um só, mandou um exercito de abelhões sobre os lobos, e o grillo que tinha escapado sempre a clamar: *rei, rei, rei*. Nisto escapou um dos lobos, e foi fugindo pela serra abaixo, procurando um logar sombrio. Os vespros saltaram-se nelle, e foram-no perseguindo. A raposa que estava do outro lado do

regato e começou a gritar para o lobo: « A' agua, compadre, á agua! » Nisto o lobo deitou-se á agua e affogou-se. O leão que se viu perdido em todas as batalhas que deu ao grillo, foi ter com elle para que lhe dissesse o motivo porque era rei. O grillo respondeu-lhe: « Tu, leão, não sabes que eu sou rei dos bichos, e tu rei dos animaes, e Cupido rei dos amantes? São tres cabeças reaes. » E assim então é que o leão caiu na razão sabendo que era rei dos animaes, que até então não sabia.

(Oporto)

2. A RAPOSA

Era uma vez um pescador que ia apanhar lenha pela costa do mar, e encontrou um tubarão mettido numa rede. O tubarão mal o viu, disse-lhe: « Oh! bicho homem, tiras-me d'esta rede? » O homem teve pena do tubarão e tirou-o da rede. Mas o tubarão, que havia uns poucos de dias que estava preso na rede, tinha fóme, e botou-se ao homem para o comer. O homem disse-lhe muito afflicto: « Oh! tubarão, então eu tirei-te da rede e tu agora queres-me comer? » O tubarão respondeu-lhe: « Como, porque tenho fóme. » O homem disse-lhe: « Pois não me comas sem primeiramente tomarmos tres conselhas, dos tres primeiros folgos vivos que encontrarmos. Se todos fallarem por uma bocca, está o juramento (*sic*) approvado. E se fallar um por uma bocca e dois por outra, a maioria é que vence. » Mas o tubarão não queria largar o homem, e não largou, mas estava sempre com elle agarrado. Chegáram á areia de terra e avistáram um burro velho, e perguntáram-lhe: « Oh! burro, por bem fazer, mal haver? » Responde o burro: « Sempre foi e ha de ser. » Preguntou o homem: « Porque dizes tu isso? » — « Porque eu quando era cavallo (*sic*) novo, meu amo até numa rede me trazia por via das moscas, quando elle ia a cavallo, eu ia todo contente a saltar. Hoje que me acho cavallo velho botou-me á margem. Pagou-me o bem com o mal. » Diz o tubarão: « Vês,

homem, o primeiro já está a meu favor. » D'ahi a bocado passa um galgo tambem velho; diz o homem: « Oh! galgo, por bem fazer, mal haver? » O galgo respondeu: « Sempre foi e ha de ser. » Diz o homem: « Porque dizes tu isso? » — « Porque quando era galgo novo, meu amo ia para o monte á caça, e eu corria aquella serra toda sobre a caça. Tinha-me o meu amo tanto amor, que me não dava por dinheiro nenhum. Hoje estou cançado e velho, e meu amo para me não matar, botou-me para o monte á margem, cheio de pancadas, e aqui está como elle me pagou o bem com o mal. » O tubarão abriu então a bocca para comer o homem. O homem disse: « Alto lá, que ainda falta um. » Nisto apparece uma raposa. Diz o homem: « Ah! comadre raposa, por bem fazer, mal haver? » Diz a raposa assim: « Não, que eu não posso lavrar sentença sem ver o crime. » Responde o homem: « Então como é que se ha de agora formar crime? » Responde a raposa: « Torne o tubarão para a rede. » O tubarão isso é que não queria, mas não teve remedio e sempre foi. O homem mal o viu lá, ainda o segurou mais do que elle estava. A raposa então disse: « Agora salte o homem cá para terra. » A raposa então voltou-se para o tubarão e disse-lhe:

Por bem fazer, mal haver,
Sempre foi e ha de ser;
Quem quizer fugir que fuja,
Que eu assim vou fazer.

Depois o homem fugiu para um lado, a raposa para outro, e o tubarão ficou preso dentro da rede. Depois a raposa foi-se pôr adiante num caminho a fingir-se morta. O pobre homem que andava apanhando a lenha, encontrou a raposa e disse: « Ah! coitadinha, pobre raposa, ainda agora me valestes, quem te mataria? » Nisto pegou nella e tirou-a do caminho, não viesse algum carro que a traçasse. A raposa levantou-se sem o homem ver, e foi pôr-se outra vez mais adiante fingindo-se morta outra

vez. O homem ainda teve pena d'ella e tornou-a a arredar do caminho. Mas ella tornou a ir deitar-se outra vez no caminho mais adiante. O homem a terceira vez disse: « Que diabo, tanta raposa! » e pegou num cipó e começou a dar na raposa. Diz a raposa: « Vês, homem, em que instante pagas o bem com o mal? Por bem fazer, mal haver. » O homem tornou a bater-lhe mais, e a raposa foi a correr e metteu-se em casa do homem. O homem tinha uma capoeira de gallinhas, mas a capoeira tinha uma ratoeira na porta. A raposa entrou para dentro e ficou presa dentro da capoeira e comeu as gallinhas todas, que eram sete. O homem quando chegou a casa viu a raposa dentro da capoeira e as gallinhas todas comidas. Pegou num cipó e foi á capoeira, e começou a bater na raposa. A raposa começou a pedir misericordia: « Perdoe-me, seu lavrador honrado, que eu sete le comi, e quatorze le darei, nem que eu á fome morra, não quero andar debaixo da sua cachaporra. »

(Oporto)

3. O FILHO DO PESCADOR

Era uma vez um pescador que vivia muito pobre. Um dia que não tinha nada que dar de comer aos filhos, disse á mulher que ia para o mar a vêr se pescava alguma cousa. Chegou lá e lançou a rede tres vezes, e de tres vezes não tirou nada, e depois avistou um navio muito rico e todo embandeirado. E ouviu uma voz de dentro do navio: « Pescador, dás-me esse menino que ahi trazes? » O pescador respondeu: « Como te hei de eu dar este menino se é da mãi? » A voz disse: « Pois vae a terra e diz a ella se t'o dá, que eu te encho este barco de dinheiro. » O pescador veiu para terra e disse para a mulher: « Mulher, não trouxe peixe nenhum, mas encontrei lá um navio muito rico, e ouvi lá uma voz de dentro do navio, se eu lhe dava este menino que me enchia o barco de dinheiro. E tu, então, que dizes, mulher? » A mulher respondeu-lhe: « Pois

então, dá.» Pegou o pescador e foi para o mar com o menino outra vez. Lá encontrou o navio no mesmo sitio. Tornou a deitar a rede no mesmo costume e não tirou nada. Depois ouviu outra vez a voz de dentro do navio a dizer-lhe: «Pescador, dás-me esse menino? que eu te encho esse barco de dinheiro.» O pescador disse: «Dou.» — «Pois então, traz cá o barco ao navio.» O pescador assim fez. Diz a voz depois: «Assobe, menino.» Apenas o menino saltou a bordo, começou logo a cair dinheiro no barco do pescador. Mas o pescador disse que não queria mais dinheiro, que tinha medo que o barco fosse ao fundo. Nisto o navio alvorou por outro lado com o menino, e o barco foi para terra. Chegando o navio a uma cidade, o menino ouviu a voz dizer: «Menino, salta nesse escaler.» O escaler e a cidade estava armada com toda a riqueza. O menino depois foi para terra. Quando chegou, viu uma carruagem muito rica, puchada por seis cavallos. E ouviu a voz dizer-lhe: «Menino, entra naquella carruagem.» O menino assim fez. Depois a carruagem partiu pela cidade fóra. Chegou fóra da cidade e foi até um bosque, donde estava um cavallo todo apparelhado. Depois ouviu a mesma voz dizer: «Menino, salta dessa carruagem e monta-te no cavallo.» O menino montou-se no cavallo e entrou pelo bosque dentro. Estava no meio do bosque um palacio todo muito rico e embandeirado. Ali dentro do palacio, encontrou tudo quanto era preciso para comer. Para entrar encontrou portas, mas para sair o menino não encontrou nenhuma. Só via o dia, e á noite não via nada, porque naquelle palacio não havia luz. Assim esteve um anno. Ao fim do anno lhe appareceu a voz, e disse-lhe: «Menino, como te achas neste palacio?» Respondeu o menino: «Acho-me bem, que não me falta nem comer nem beber. Só a maior paixão que me accompanha é de não ver ninguem, nem ter luz, nem saber quem falla para mim.» A voz então disse-lhe: «Ahi tens dentro d'este palacio seis quartos, tres de cada um lado. Tres têm fatos e outros tres têm muito dinheiro. Entre esses fatos escolhe o que mais te

agradar. » O menino escolheu logo um fato de rei. O fato era de encanto e mal elle o vestiu, ficou-lhe logo muito certo no corpo. O menino escolheu tambem uma espada das melhores. Depois disse o menino que queria ir ver o seu pai e a sua mãi. Responde lhe aquella voz: « Olha tu, se te obrigas a estar aqui neste palacio outro anno, serás muito feliz, e se não então serás desgraçado. Vai ver a tua mãi e o teu pai. » Metteu-lhe dentro do bolso isca e fuzil sem o filho saber. O menino assim que acabou o numero de dias que tinha tratado, marchou para o palacio. Foi o pai leva-lo no barco ao mar. Assim que chegou lá, avistou o navio, mas já muito velho. Diz o pai: « Oh! menino, aquelle navio não é o mesmo! » Diz o filho: « Pois não é, não, que quando eu aqui o deixei, estava elle muito rico. » O barco foi-se approximando ao navio e ouviu a voz dizer: « Menino, salta para bordo, não receies nada. » O menino subiu para o navio. Depois o pai veiu para terra com o barco. Como o pai já estava muito rico com o dinheiro que lhe deu o navio, esqueceu-se do filho. O navio approximou-se da cidade, mas estava tambem já muito velha. Desembarcou e foi para a carruagem: os cavallos que puchavam a carruagem já estavam muito lazarentos e meios mortos e velhos. Chegou á beira do tal bosque, e estava lá o cavallo á espera delle, mas muito velho. Entrou pelo bosque dentro, chegou á beira do palacio e ficou muito triste, por ver que o palacio estava a quasi a cair, e disse: « Ora eu quando d'aqui sahi, estava este palacio tão rico, e agora está tudo velho, a cair! » No mesmo instante ouviu a voz dizer-lhe: « Não te disse que não trouxesses lume contigo nem cousa que fizesse lume? » O menino, muito admirado, disse: « Não trago! » Responde-lhe a voz: « Pois o que te vale é tu não o saberes! Trata de te pôr d'aqui já para fóra, e agradece á tua mãi o tu perderes a tua fortuna. » O menino pegou em si e alvorou logo pelo palacio fóra. Foi andando e dirigiu-se para umas montanhas, sem dinheiro nem nada para comer nem vestir, todo roto e esfrangalhado. Chegando lá por essas monta-

nhas dentro, encontrou um burro morto; á beira do burro estava um leão, um galgo, uma aguia, uma pomba e uma formiga. O menino passou e não fez caso. D'ali por um bocado olhou para traz e viu o galgo na corrida. O menino teve medo pensando que o galgo o iria matar. O galgo mal chegou ao pé d'elle, disse-lhe: « Bicho homem, torna atraz. » Diz o menino: « Que é que quereis vós? » Diz o galgo: « Anda atraz, lá t'o diremos. » O menino cheio de medo tornou atraz. Chegou-se ao pé do burro morto e diz-lhe o leão: « Mandámos-te chamar para ver se te atreves a fazer uma partilha, que nos encontramos aqui ha uns poucos de dias á beira deste animal e não sabemos o que havemos de comer. » O menino partiu o burro e deu a cabeça á formiga: « Ahi tens tu, formiga, para comeres e casa para viveres. » Deu o peito ao galgo e diz-lhe: « Ahi tens, galgo, para comeres, e como és o animal que pucha mais pelo peito, precisas de peito. » E deu o fato (o bandulho) á pomba e á aguia e disse para ellas: « Ahi teem para comer e para se divertirem vocês com as unhas. » Depois deu as côxas ao leão. E nisto foi-se embora, e os bichos ficaram comendo o burro. Chegou ao principio de uma serra já cansado, e olhou para traz e viu outra vez o galgo a correr. Diz o galgo: « Bicho homem, torna atraz. » O menino atemorisou-se porque julgou que não tinha partido bem, e que o queriam matar. E disse para consigo: « Ai, Jesus! que eu não parti bem, e agora morro! » Tornou outra vez ao pé do burro morto, e elles tinham já comido e estavam muito satisfeitos. Diz o leão: « Bicho homem, estamos tão satisfeitos com a tua partilha, que vamos-te tambem agora dar cada um uma prenda. » — « Pobres bichos, disse elle, que prenda me haveis de dar? » Fallou a formiga: « Sou eu a primeira a dar-te a minha prenda. Quando quizeres entrar em alguma parte que te não vejam, diz assim: *ai de mim! formiga!* que entrarás aonde queres sem ninguem te ver. » Diz o galgo: « Pois tambem, quando quizeres subir uma serra sem te cançares, diz assim: *ai de mim! galgo!* » Diz a aguia: « Pois

tambem, quando tu quizeres passar alguma lagôa e não possas, diz assim: *ai de mim! aguia!* » Diz a pombinha: « Pois tambem, quando tu quizeres entrar nalgum jardim, diz assim: *ai de mim! pombinha!* » Diz o leão: « Pois tambem, quando tu te quizeres defender d'alguem ou fazer alguma valentia, diz assim: *ai de mim! leão!* que farás tudo o que pretendes. » O menino foi-se embora e nisto chegou á beira de uma serra, e viu o sol a fugir e não via senão montanhas, e entendeu que fazia noite e elle ficava nas montanhas. Lembrou-se então dos bichos, e disse: *ai de mim! galgo!* Formou-se logo num galgo e passou a serra num momento. Assim que passou a serra chegou a uma lagôa e disse: *ai de mim! aguia!* Formou-se numa aguia e passou a lagôa. Assim que passou a lagôa, avistou logo um alvoredo e um jardim, e dentro do jardim um palacio, donde andavam tres damas a passearem pelo jardim, a brincarem com umas pombinhas. O menino disse: *ai de mim! pombinha!* Fez-se logo numa pombinha e foi para o jardim brincar com as outras. As damas começaram a brincar com a pombinha, a ver se a podiam apanhar. Não poderam agarra-la e deixaram-na ficar. Assim que anoiteceu, foram-se as damas deitar. A pombinha formou-se numa formiga e entrou para o palacio e foi se metter com uma dama na cama. Depois disse: *ai de mim! homem!* A dama que deu fé do homem á sua beira acordou e poz-se a gritar pelas irmãs. As irmãs levantaram-se e foram ver o que a mana tinha. Neste comenos o homem fez-se outra vez na formiga. Ellas perguntaram-lhe que era. Ella disse que era um homem, mas ellas não viram nada. Tornou depois outra vez ella a gritar e as irmãs como não viram nada tornaram-se a deitar outra vez, e a dama já não gritou. Quando viu o homem na cama, preguntou-lhe: « Que qualidade de homem és tu? » Elle disse-lhe que era o filho de um pescador, que andava pelo mundo a desencantar damas, e que já tinha desencantado algumas. Ella disse-lhe: « Pois já que tu és desencantador, se te atreveres a desencantar meu pai, que é rei, e está encantado num leão. » O menino perguntou: « Que é

preciso fazer para o desencantar? » A menina mostrou-lhe no meio de uma sala um leão de ouro, e disse-lhe que se houvesse quem se aventurasse a levar aquelle leão e entre as onze e a meia noite a deita-lo á lagôa, que o rei ou morria ou ficaria desencantado, mas que a pessoa que fôr deve deita-lo só, porque se fôr agarrada a elle, ficam ambos perdidos. O menino deixou-a adormecer e foi ao sitio aonde estava o leão de ouro. Depois, como tinham passado já as horas, ficou no palacio até a noite seguinte. Chegou-se a noite, ás horas das onze horas formou-se num leão e foi empurrando o leão de ouro para a borda da lagôa. Assim que deram as onze horas e meia, preparou-se para o atirar á agua; empurrou-o e só o leão d'ouro molhou os pés. Mal molhou os pés, fez-se logo num homem e o rei ficou desencantado. O menino que estava feito num leão formou-se num homem ao mesmo tempo. Disse-lhe o rei: « Que qualidade de homem és tu? » O menino respondeu: « Sou o filho de um pescador, que aprendo e tenho animo para andar a desencantar pelo mar e pela terra. » Disse-lhe então o rei: « Pois tu has de ser feliz e has de casar com uma de minhas filhas, já que me desencantastes. » Foram para o palacio escolher das tres a que mais lhe agradava. O rei queria que elle escolhesse a mais velha. Mas o menino escolheu a mais nova que era aquella com quem elle tinha ficado de noite.

(Oporto)

4. MARIA DO PÁO

(Variantes)

A madrinha que dá á menina o conselho de pedir os vestidos ao pai, é a *Fada dos Lirios*.

Os vestidos é um côr do sol, outro côr da lua, o terceiro côr do dia, o quarto côr da noite, e o quinto côr das estrellas.

— Ha d'este conto em portuguez uma versão intitulada *Pelle*

de burra, em que as coincidencias com o conto de Perrault são muito grandes. Mas não será uma infiltração literaria ?

5. OS DOIS IRMÃOS QUE FORAM AO INFERNO.

Eram dois irmãos, um pobre e outro rico. O pobre foi pedir uma esmola ao rico. Elle deu-lha, mas prohibiu-lhe que lhe chamasse irmão. Um dia o rico deu uma festa. O pobre ainda lá tornou a pedir-lhe uma esmola. O rico mandou-lhe dar um carneiro muito morrinhento, que disse estava para dar ao diabo, mas então que o dava a elle. O pobre como ouviu isto, foi leva-lo ao inferno. O diabo quando o lá viu, disse-lhe que já o esperava, e em paga deu-lhe muito dinheiro, mais ainda do que o que tinha o irmão. O pobre veiu para fóra, mandou fazer um palacio ainda mais rico do que o do irmão. O irmão rico quando soube de quem era o palacio, foi ter com elle e perguntou-lhe como tinha feito aquillo. Elle contou-lhe que tinha sido por causa do carneiro morrinhento. Diz o mais rico : « Quando elle te deu tanto por um carneiro podre, o que me não dará por um gordo ! » E levou ao diabo um gordo. O diabo quando o apanhou no inferno, cortou-lhe as mãos e os pés e metteu-o numa caldeira de pez.

(OPORTO)

6. O PORCO ESPINHO.

Um homem pobre que ia correr mundo chegou a uma praia de areia e cuidava que ella não tinha fim. Atravessou e metteu-se ao monte. Encontrou um burro morto. Junto d'elle leão, galgo, aguia, formiga. Galgo chamou-o. O homem partiu. Cabeça á formiga, peito ao galgo, tripas á aguia, e ancas ao leão. Deram-lhe uma prenda. Disseram-lhe o mesmo de um conto anterior (nº 3). Viu um palacio muito longe. Formou-se em galgo e foi lá. O palacio appareceu no meio do mar. Fez-se numa aguia. Viu lá uma princeza á janella. Formou-se numa formiga, e foi

ter com ella. A noite o mesmo na cama. As mesmas peripecias do conto anterior. A terceira vez já não gritou. Ella disse-lhe que o pai estava encantado num porco espinho. Dentro do porco, lebre; dentro da lebre, pomba; dentro da pomba, um ovo, e dentro do ovo, o encanto do meu pai (o rei). « Se lhe quebrares o encanto, casas comigo. Quem trouxer o ovo entre as onze e a meia noite e lhe bater com o ovo na testa, ou elle morre ou fica vivo, mas casa comigo. » Foi ter a casa de um lavrador para guardar gado. Junto havia o porco espinho. Foi para lá com o gado. Repete-se a scena de elle pedir o beijo da donzella e a copa de vinho para o vencer. O resto é identico ao dos contos semelhantes.

(Oporto)

7. A MENINA FINA.

(Variantes)

Rei com tres filhas. A fada dos jasmins foi ser madrinha dellas todas, e o conde de Bello-haver padrinho. A mais nova chamou-se *fina*, a segunda *falladeira*, a primeira *preguiçosa*. A *preguiçosa* principiava-se a deitar; e era meia noite, ainda estava por deitar; quando era para se levantar, ainda era meio dia e não estava levantada. A *falladeira* á janella sempre a fallar para todas. A *fina* conservou a sua finura, sempre, sempre, até casar. Tinha quinze annos. A fada foi dizer ao rei que fizesse uma torre para as metter, que arreceava algum naufragio (*sic*). O rei assim fez e metteu-as lá. A comida ia pela janella. O conde Bello-haver, feito caçador, foi á torre. A *falladeira* arranjou para elle entrar. Convidou-as (deflorou-as) a ambas, a *preguiçosa* e a *falladeira*. Tambem queria convidar a *fina*. Mas ella pegou num cutello e defendeu-se. O conde disse o que queria d'ella, para ella se não rir das outras. Ella disse que outro dia, para ter o quarto muito bem preparado. Arranjou a cama do conde por cima da retreta. No tal dia o conde foi, e caiu no buraco. Depois o conde foi ter á beira

do mar. Os pescadores salvaram-no. O conde foi muito zangado para palacio, donde tinha um irmão chamado Anatão [1]. O conde foi procurar um feiticeiro. Contou e pediu uma coisa para lá entrar dentro para se vingar. O feiticeiro disse-lhe que comprasse uma arvore com fruto (fruiteira, *sic*) e que a prantasse defronte da torre, que ellas sairiam a vir buscar a fruita. O conde assim fez. Depois foi-se pôr a espreitar e adormeceu. *Falladeira* veiu á janella, e disse ás irmãs. A *fina* desceu e apanhou-a. Quando o conde acordou, não estava já a fruita. Tornou zangado para casa do feiticeiro. Disse-lhe que comprasse outra arvore de outra fruita. Elle assim fez. Veiu a *fina* e o conde agarrou-a. Levou-a para a cidade para a justiça. A justiça deliberou que ella fosse corrida a uma roda de navalhas. Ella disse que elle é que a havia de ir metter, e elle se havia de metter primeiro porque ella não sabia como era. O conde metteu-se, e ficou todo cortado. A justiça ficou satisfeita, que elle não fosse tolo. A *fina* foi outra vez para a torre. A fada um dia foi ter com o rei, e disse-lhe que mandasse tres rocas de vidro para a torre para experimentar as filhas. As rocas dariam o signal se ellas algum dia perdessem a sua honra. O rei assim fez. Como as duas já estavam desfruitadas (*sic*), quebraram as rocas. O rei foi passar uma revista á torre, e a fada dos jasmins disse-lhe que as pedisse ás filhas. Assim fez. A *fina* foi emprestando a sua a todas. O rei ficou muito contente julgando que estavam puras. As duas completavam o tempo de parir. O Bello-haver estava muito doente por causa da roda das navalhas. Pariram as duas. Ellas souberam que Bello-haver estava a morrer. A *fina* mandou fazer dois caixõeszinhos. Metteu dentro os meninos, e mandou-os pôr em cima d'uma cavalgadura, e ella vestiu-se d'homem, e montou-se noutra, e foi ao palacio do conde, feita cirurgião, e perguntou por elle, que estava ali um medico. Subiu, tomou o pulso ao conde, e perguntou-lhe o que era que tinha. Elle contou-lhe. Ella mandou buscar os

1. Reparar neste nome, não provará a origem litteraria do conto ?

caixões que estavam na cavalgadura. Levaram-os para o quarto do conde. Disse que era onde ella trazia as suas boticas (remedios). Disse-lhe que lhe tinham esquecido as chaves. Foi buscalas e fugiu na cavalgadura e levou a outra, e foi para a torre. As creanças começaram a chorar. Diz o criado que eram ratos. O conde mandou-os arrombar, e viu os dois meninos e um bilhete que dizia: « Atura-os que são teus filhos. » O conde logo viu que era a *fina*. Disse ao irmão que ia morrer e que elle casasse com a *finà* para a matar. O conde morreu, e o irmão foi pedir ao rei para casar com a *fina*. O rei disse que sim. Casaram-se. No dia do casamento, a *fina* foi ter com a aia, pedindo uma bexiga de sangue. Fez a *fina* uma figura com a bexiga, e deitou-a na cama onde havia de dormir. Quando o marido se foi deitar, ella metteu-se atraz de uma porta. O marido veiu e foi com uma espada e atirou á boneca. Ao tempo que bateu na boneca, arrebentou a bexiga, e ficou todo sujo de sangue. Depois ia para se matar com a espada, julgando que tinha morto a mulher. A mulher então saiu e agarrou-lhe no braço. Elle ficou muito contente por ella ser tão *fina* e perdoou-lhe.

(Oporto)

8. A RAPOSA E O GALLO.

Ia uma raposa por um campo e depois encontrou um rebanho de gallinhas e gallos. Uma occasião que as gallinhas avistaram a raposa, esvoaçaram e foram para cima de um carvalho. A raposa tratou logo de botar terra ao ar, para as gallinhas pensarem que era milho. O gallo começou a affagar as gallinhas, para ellas não saltarem abaixo. Nisto a raposa disse para o gallo: « Oh! compadre, bota-me cá um filho dos teus abaixo, ou senão anda tu, que nós agora temos feito uma composição de não fazer mal uns animaes aos outros. » Diz o gallo de cima do carvallo: « Abre a boca, que eu lá te boto um filho. » Nisto o gallo fragueou (sujou) e a raposa de baixo aparou com a boca, cuidando que era

um frango. Como não gostou, botou fóra e diz: « Ah! compadre, que m'enganastes! » O gallo de cima respondeu-lhe: « Ah! cuidavas que era bago, e saiu-te frago (escremento). » Diz a raposa: « Ah! compadre, anda cá baixo que nós agora estamos todos bem, nem nós fazemos mal ás aves, nem os cães fazem mal a nós. » Diz o gallo de riba: « Ah! ah! ah! põe-te ahi muito tempo, que vem ahi um caçador com uma quadrilha de cães, que te estraga (mata). » A raposa perguntou: « Ah! compadre, de que lado é que elles vêem? » O gallo, se lhe havia de dizer a verdade, enganou, a raposa e disse-lhe: « Olha, é d'ali. » A raposa, julgando que era verdade, fugiu para o outro lado e foi metter-se na boca dos cães. O gallo, como a raposa lhe tinha dito que tinha uma ordem para os animaes lhe não tocarem, gritou para ella: « Eh! comadre, *mostra-lhe a ordem, mostra-lhe a ordem* » (e ainda hoje o gallo canta assim). Respondeu a raposa: « Não! que não tenho tempo. » A raposa, conforme poude, foi muito estafada e escondeu-se numas silvas onde os cães lhe não poderam chegar. Andava por ali um melro morto por enganar a raposa e enganar o lavrador. Andava o lavrador e mal a mulher a lavrar o campo com os bois, e o melro ia aos saltinhos adiante d'elle. Uma filha que tinha o lavrador chorava que queria aquelle melrinho, donde a mãi da pequena foi correndo sobre o melro para o agarrar. O melro fugia sempre, como o lavrador via que não o podia apanhar e se estava a atrazar o serviço, disse para a filha que deixasse o melro. A pequena poz-se a chorar mais. Foram outra vez sobre o melro, mas elle fugiu outra vez e foi pousar-se em cima da cabeça da mulher do lavrador. O lavrador foi com a vara e para o agarrar deu uma pancada na cabeça da mulher que ficou toda maltratada, e o melro fugiu para o silvado aonde estava a raposa. A raposa, como estava com muita fome, ia para comer o melro e elle disse-lhe: « Alto lá, comadre, que eu arranjo-te logo aqui muito de comer; não me mates. » A raposa diz-lhe: « Onde é que tu me has de arranjar o comer? » — « Não tarda que venha ahi o jantar para o lavrador, e tu podes

come-lo mais o teu compadre lobo. » D'ahi a pedaço vinha a filha do lavrador com o jantar, e o melro começou a saltar diante d'ella no caminho. A pequena poz o jantar no chão e tratou de ir atraz do melro. Neste comenos veiu a raposa e estava principiando de comer o jantar. Passa o lobo na occasião e queria comer a raposa. Mas a raposa disse-lhe: « Oh! compadre, temos aqui muito de comer. » Vae d'ahi o lobo como mais glotão, comeu o jantar todo, e bebeu o vinho tambem que ia para o lavrador, e não deixou nada para a raposa. O lobo, como bebeu muito vinho, embriagou-se, e caiu no mesmo sitio onde comeu o jantar, e ficou dormido. A raposa tratou logo de fugir com medo que viesse o lavrador. O melro assim que viu a raposa fugida, veiu á beira do açafate do jantar comer as migalhinhas que estavam por fóra. Depois assim que encheu o papo, fugiu para o alvoredo, cantando de contente, por enganar o lavrador e a raposa e o lobo. Nisto a filha voltou ao açafate para ir levar o jantar ao pai, e viu tudo esperdiçado e o lobo deitado a dormir ao pé. Tratou de ir para o pé do pai a chorar, e contou-lhe que estava ali um lobo estendido a dormir. O pai pegou no gadanho e marchou para onde estava o lobo. A raposa que estava mettida no vallo (silvado) gritou para o lobo: « Foge, compadre! foge, compadre! » Mas o lobo, como estava a dormir não fugiu. O lavrador foi e tanta pancada deu no lobo até que o matou. O melro, assim que viu isto, principiou a cantar. O lavrador disse para o melro: « Anda cá abaixo, que não te faço mal. » O melro então respondeu-lhe: « Raposo velho não cae em laço — matastes-lo, cruel—tira-lhe agora a pelle. »

(Oporto)

9. O MOCHO E O LOBO.

O lobo andava no matto e o mocho estava em cima de um pinheiro no ninho. O lobo enroscou o rabo no pinheiro como quem o queria serrar. O mocho de cima disse-lhe: « Oh! com-

padre, não me serres o pinheiro, senão os meus filhos caem abaixo e morrem. » Responde o lobo : « Pois se não queres que eu serre o pinheiro, anda tu cá baixo. » O mocho não queria, mas a final sempre veiu vindo de galho em galho, e depois disse para o lobo : « Lobo, que queres de mim ? » O lobo respondeu : « Anda cá mais abaixo, que quero dizer-te um recado. » O mocho respondeu : « Diz d'ahi, que eu ouço bem. » O lobo tornou a dizer : « Anda cá, que eu não te faço mal. » O mocho descuidou-se e desceu, e o lobo passou-lhe os dentes e metteu-o na boca. O mocho de dentro da boca do lobo disse : « Eh ! compadre, não me comas, que eu quero fazer testamento. » O lobo disse-lhe : « Não ! que agora no galheiro estás tu. » Diz o mocho : « Então deixa-me ir despedir-me lá acima da arvore dos meus filhos. » O lobo disse : « Não te deixo ir, compadre, que tu foges-me. » O mocho disse então : « Olha, ao menos has de dizer tres vezes, que é para elles saberem : *mocho comi*. » O lobo disse muito baixinho, para não abrir a boca : « *mocho comi*. » O mocho disse-lhe : « Oh compadre, falla mais alto, senão não ouvem. » O lobo tornou a repetir : « *mocho comi* », já mais alto. Responde o mocho : « Mais alto, senão elles não ouvem. » Nisto o lobo escachou a boca para gritar mais alto, e ia a dizer « *mocho comi* ». O mocho mal apanhou a boca aberta, abalou para cima do pinheiro e disse-lhe : « Outro, que não a mim. »

(Oporto)

10. O MENINO SEM OLHOS.

Uma mãi teve dois filhos. Elles foram pedir esmola, que não tinham nada. Ella deu-lhe um farnel. Ella preguntou-lhe se queriam ambos comer da mesma vasilha ou levar cada um o seu farnel. O mais velho disse que era melhor cada um levar o seu farnel. Assim foi. No caminho o irmão mais novo preguntou ao irmão se era melhor comerem cada um do seu farnel, ou comerem primeiro um e depois o outro. O mais velho disse que era

melhor assim. Assim foi. No primeiro dia comeram ambos a comida do mais novo. No segundo dia eram já horas de almoçar, disse o mais novo: « Oh! irmão, vamos agora comer? » O mais velho respondeu-lhe: « Não, que ainda é cedo. » Depois ia comendo e o mais novo não comia nada. Ao jantar o mesmo, em fim o irmão mais novo já levava tanta fome que lhe tornou a pedir ao menos um bocadinho de pão. O mais velho disse-lhe: « Se me deixas tirar um olho, dou-te! » O mais novo como estava desesperado com fóme, obrigou-se a deixar tirar um olho. Mas o irmão mais velho tirou-lhe o olho, mas não lhe deu o bocadinho de pão. O mais novo tornou a pedir-lhe ao menos metade. O irmão disse-lhe: « Pois só te dou metade se me deixares tirar o outro olho! » O mais novo tinha tanta fóme, deixou tirar o outro olho. Depois o mais velho foi-se embora e deixou o irmão ali só e desamparado. O menino vendo-se cego, deixou-se por lá andar a ver se encontrava alguem que o guiasse no caminho. Chegou á baixa de um monte e ouviu cantar a agua de um rio, e ali parou dizendo comsigo: « Nada, d'aqui não passo eu, que como não vejo nada, posso metter-me ao rio e morrer afogado. » Conheceu que era noute e foi indo ás apalpadellas e encontrou uma arve (arvore) e abanou com ella, e ouviu cantar as folhas e depois atrepou para cima e ali ficou n'aquella arve. Proximo á arve estava uma ponte, adonde costumava a ir o demonio com as bruxas fazer audiencia. D'ahi a pouco vieram todas, conforme é costume, e estavam preguntando umas ás outras o que tinham feito naquelle dia. Uma d'ellas respondeu ao demonio que tinha cortado as aguas á capital da França, adonde que ao fim de tres dias que morria tudo á sede. O demonio preguntou-lhe o que tinha ella feito para cortar essas aguas. Diz ella: « Eu, no espaço de quatro a cinco legoas, por onde passa a agua, encantei uma cobra, e metti-a no canal da agua, donde a cobra está presa de cabeça e rabo dentro de um anel, e a agua está presa no meio do rolo da cobra. » O demonio preguntou: « Então não haverá outra vez remedio para soltar essa agua para a cidade? »

A bruxa disse: « Ha, mas eu não o digo a ninguem. » O demonio disse: « Então, nem a nim? » A bruxa respondeu: « A ti sim, como mestre. O remedio é havendo quem se aventure a lá ir com uma lança de ouro e tirar o anel d'antre (*sic*) a cobra sem a ferir; tanto corre a cobra para o monte, como a agua para a fonte. » O menino que estava em cima da arve aprendeu isto tudo. Uma outra bruxa disse: « Eu tambem enfeiticei o rei da Italia, que está encrangado (entrevado, perro dos nervos do corpo) de todos os membros do corpo, que se não pode mover para lado algum. E toda a familia real morre d'esta afflicção ». O demonio preguntou: « Então, que lhe fizestes tu para elle estar assim encarangado? » Respondeu a bruxa: « Cosi os olhos a um sapo, com a mesma linha apertei o sapo de pés e mãos e tudo, e metti-o debaixo da cama de Sua Magestade. » O demonio preguntou: « Então não haverá remedio para dar outra vez saude a este rei? » A bruxa disse: « Ha, havendo quem va d'aqui á Italia ao jardim do rei, tem um marmeleiro em cima de um chafariz, e havendo quem lhe colha o primeiro ranco (arranco, ramo) que faz uma S em cima do chafariz, e lhe aguçar a ponta do feitio de uma lança, e pescar com ella um peixe azul que anda dentro do tanque, e derrete-lo numa bilha que não tenha levado nada, e levantando o pé esquerdo do leito do rei, e tirando o sapo que está mettido debaixo, e descosendo-lhe os olhos e desamarrando-o de modo que não se fira o sapo, e deitando depois o sapo ao jardim. Estando o peixe derretido, dar depois uma untura ao rei, e d'ahi a pouco logo o rei está com a sua saude, mas de certo o rei morre porque eu não o conto a ninguem. » O menino que estava em cima da arve á escuta, aprendeu tudo. Depois uma outra bruxa disse ao demonio: « E tu, o que é que fizeste? » O demonio respondeu: « Eu já fiz obra maravilhosa, já fiz com que tirasse os olhos um irmão ao outro; tambem já ha tres dias que tenho feito com que uns bem casados se deem mal. » A bruxa preguntou-lhe: « Então, que fizeste tu, para um irmão tirar os olhos ao outro? » O demonio respondeu:

« Attentei-o para o mais velho não dar um bocadinho de pão ao mais novo sem lhe tirar os olhos. » A bruxa preguntou : « Então não haverá remedio para esse menino ficar outra vez com vista ? » O demonio disse : « Ha, mas como o ha de elle saber se eu não conto a ninguem ? » A bruxa disse : « Mas deves conta-lo a nós, como nós te contamos tudo a ti. » O demonio então disse : « Está aqui perto uma arve ; cortando-lhe tres folhas e escupindo-lhe tres vezes, antes de amanhecer, e pisando estas folhas na mão, com o sumo da folha e com escupo da boca, untando as capellas dos olhos (palpebras), ahi se fica com a vista natural. » — « E para se darem outra vez os bem casados, como se davam ? » O demonio respondeu : « Indo a uma egreja matriz, colhendo uma bilha de agua benta da pia do baptismo, e colhendo umas ervinhas que lhe chamam os christãos *alecrim* ». A bruxa preguntou : « Então, que fizestes tu para esses casados se darem mal ? » O demonio respondeu : « Aqui ao cimo d'este monte moravam uns bem casados, e eu fui-me metter debaixo da cama. O homem quando entrava de fóra para dentro, olhava para debaixo da cama, e via-me lá e figurou-se que era um homem, e começou logo a antrajar (ultrajar, maltratar) a mulher de más palavras. Assim se começou de dar mal, julgando que a mulher andava amigada. A mulher não fazia senão chorar e dizer que tal cousa não fazia. » A bruxa preguntou : « Então não haverá outra vez remedio para elles ficarem bem ? » O demonio respondeu : « Sim, então já te não disse que em ir buscar a bilha de agua benta e o raminho de alecrim, e botar dentro da casa em cruz, quando me lá vir, que eu fujo, e assim se tornam elles a dar bem como eram. » Nisto o menino que estava em cima da arve aprendeu tudo ; depois pegou nas folhas da arve, que era a mesma aonde elle estava, e fez o que disse a bruxa. Depois ficou logo com vista. Assim que foi dia, desceu pela arve abaixo e tratou logo de procurar a casa dos mal casados. Fez tudo quanto o demonio disse e elles ficaram bem. D'ali passou á França e desencantou a cobra e deu agoa á cidade. O rei de França lhe deu logo uma porção de dinheiro.

Depois elle foi para a Italia e fez tambem o mesmo que a bruxa tinha dito ao demonio. Quando o peixe estava derretido, o menino fallou para o rei e disse: « Real senhor, tenha a bondade de mandar todos os medicos embora, que Vossa Real Mastade hoje ainda os ha de ir visitar a casa. » O rei assim fez. Depois o menino esfregou-o com o oleo do peixe e ficou o rei logo curado. Depois que o rei se achou bom, levou o menino para palacio e depois elle casou com a filha do rei. O rei morreu e elle ficou senhor do reinado. Nisto o irmão mais velho andava pedindo pelo mundo; foi andando de terra em terra, até que foi dar ao reino do irmão, mas sem saber. Um dia estava o rei á janella mal a rainha, e viu aquelle homem e conheceu que era o irmão, e disse para a sentinella que estava á porta do palacio: « Oh! sentinella, prenda-me aquelle homem, e traga m'o cá á minha presença. » Neste comenos foi-se o rei fardar com as suas insignias como rei, e assentou-se no throno. O sentinella levou o preso á presença do rei. Depois o rei começou a preguntar ao homem de que terra elle era? O preso estava sem saber o que havia de dizer. A final lá contou a sua vida. Depois o rei preguntou-lhe: « Que é feito da tua mãi? » Elle disse: « Eu não sei, porque desde que sahi de casa, não tornei lá a voltar. » — « E que é feito de teu irmão? » — « Então Vossa Mastade conhecia meu irmão? » O rei disse que sim, e preguntou-lhe porque é que elle lhe tinha tirado os olhos. O irmão começou a negar. O rei então disse-lhe que bem sabia que tinha sido por tentação do diabo, e que elle era o seu irmão. Depois ficou no palacio com o rei, que lhe perdoou.

(Oporto)

II. TORRE DE BABYLONIA

(Variantes)

Os filhos quando vão com o leão e a lança etc., deixam um copo de agua ao pai, e dizem: « Se este copo d'agua algum dia deixar de ser agua, vá-nos procurar que estamos em afflicção. »

Os dois irmãos saem ao mesmo tempo e chegando a um caminho que se dividia em dois, cada qual segue pelo seu.

Um dos irmãos encontra uma princeza que está para ser comida por uma bicha de sete cabeças (repete-se o episodio).

Os irmãos disseram um para o outro: « Se alguma vez vires o astre (o tempo) demudado, precura por mim que estou em perigo. »

Na torre estava uma velha e uma menina. Depois de o irmão ir ver a torre, a nova (menina) disse-lhe que havia de ir ter uma lucta e venceu-o. O irmão chegou ao castanheiro e viu o astre demudado, e depois foi ao palacio do irmão. Como elle era muito parecido, a mulher não o conheceu, e elle ao outro dia foi á torre onde venceu a filha da velha.

Depois o irmão quando soube que elle tinha dormido com a mulher, queria-o matar. Não matou, e foram a um conselho. A justiça disse que fossem ambos a correr num cavallo á roda da praça, e o que cançasse primeiro era o criminoso. Foi o casado que cançou. Depois ficaram amigos.

(Oporto)

12. OUTRA VERSÃO DAS TRES CIDRAS.

Era uma vez um rei que encontrou uma menina num monte, muito linda, que andava a guardar gado, mas muito mal trajada. O rei agradou-se muito d'ella e disse-lhe para a levar consigo. Ella deixou ficar o gado e accompanhou o rei. Chegaram a um chafariz, e o rei disse-lhe que ficasse ali, em quanto elle ia ao palacio buscar fato para ella, e uma carruagem. Neste comenos veiu uma preta e começou a olhar para a agua (Segue a versão conhecida).

(Oporto)

13. A GATA BORRALHEIRA

Era uma vez um viuvo que tinha uma filha muito linda, e

casou-se com uma viuva que tambem tinha uma filha muito feia. O homem tinha uma vaquinha, e cada um dia mandava uma vez a filha, outra vez a enteada a guardar a vaquinha para o monte. Mas a madrasta não queria que a filha d'ella fosse para o monte, e mandava só a enteada. Um dia appareceu um caçador no monte e lhe preguntou á filha: « Donde és, menina? » Ella disse de quem era filha. Depois o caçador perguntou-lhe: « Então tu, porque é que choras? » — « E' porque o meu pai quer que eu venha um dia com a vaquinha, e o outro dia a filha da minha madrasta, mas a minha madrasta tem-me raiva por eu ser mais bonita do que a filha, e por isso manda-me só a mim para aqui. » O caçador disse-lhe: « Deixa estar, minha menina, que eu hei de ir a tua casa um dia e levar-te comigo. » Um dia o pai mandou matar uma porca, donde mandou lavar as tripas á enteada. A madrasta mandou a enteada, porque não queria que a filha d'ella fosse, e disse-lhe que fosse depressa e que se perdesse alguma tripa, que ella lhe daria a conta (pancada). A menina, coitadinha, não teve outro remedio e foi lavar as tripas. Como a agua do rio corria muito, fugiu-lhe uma tripa. Com medo da madrasta foi a correr pelo rio abaixo para a agarrar, mas não poude. Ficou muito triste e saltou para o outro lado do rio, chorando pelo abrigo da sua mãi. Nisto encontrou um palacio com as portas abertas, mas sem gente de qualidade nenhuma. Tinha as camas desmanchadas, e estava todo cheio de lixo por barrer. A menina, como era muito presumida (arranjada), foi compôr as camas e barrer o palacio, e depois saiu e foi-se esconder. Nisto chegaram tres passaros e entraram pelo palacio dentro, e viram tudo bem arranjado, e subiram outra vez para o telhado e começaram a dizer: « Oh! quem arranjaria tão boa obra no nosso palacio? Se soubessemos quem era, haviamos de lhe dar cada um a nossa prenda. » A menina que isto ouviu, appareceu e disse: « Foi eu (*sic*) ». Os passaros perguntaram: « Então tu quem és, menina? » Ella contou a sua vida. Um dos passaros disse então: « Eu te sortejo, que quando tu fallares com alguem te saiam flores de

ouro pela boca fóra. » O outro disse : « E eu te sortejo que tudo quanto vestires se torne no que haja de mais rico. » O terceiro disse : « E eu te sortejo que os sapatos que tu calces se tornem em chapins de ouro. » A menina foi-se embora, e os passaros largaram a voar. A tripa que tinha fugido pela agua abaixo, quando a menina lá chegou já estava junta com as outras. Quando chegou a casa, a madrasta ralhou com ella por se ter demorado tanto, e perguntou-lhe : « Donde é que vens tu agora ? » A menina não queria fallar, com medo; a madrasta ia para lhe bater, e ella ia para fallar, para dizer que a tripa lhe tinha fugido. Mas ao tempo que ia para fallar, saiu-lhe um ramo de ouro pela boca. A madrasta não a deixou fallar mais. O pai tinha-lhe feito um fato e outro igual para a enteada, que era para quando fossem guardar a vaquinha ou uma ou outra irem mais limpinhas. No outro dia quando ella ia para o monte, a madrasta mandou-lhe tirar o fato que ella levava e vestir uns farrapos todos esfrangalhados. A menina mal que os vestiu, tornaram-se em fina nobreza (*sic*), e a cousa mais rica que havia no mundo. Os sapatos tornaram-se tambem logo em chapins de ouro. A madrasta logo que viu isto, mandou a menina para a cozinha para ficar como gata borralheira á chaminé. Depois a enteada perguntou-lhe quem lhe tinha dado todas aquellas prendas. A menina contou-lhe tudo pelo contrario. Disse que tinha ido a um palacio, e que o que tinha visto limpo sujou-o, e desarrumou as camas que estavam compostas, e deitou o lixo para o meio da casa. No dia seguinte, a madrasta mandou outra vez a menina ao rio lavar umas tripas. A filha, que tambem queria ter as mesmas prendas da menina, pediu á mãi para ir ella. Depois foi e aconteceu-lhe o mesmo, com a differença que foi esbandalhar o que estava feito. Os mesmos passaros vieram e viram o palacio estragado, e disseram : « Oh ! quem seria que fez esta obra tão má ? » Appareceu-lhe então a filha da madrasta e disse : « Foi eu (*sic*) ». Disse então um : « Eu te sortejo que quando fallares, sejam caganitas de cabra que te saiam pela bocca. » O outro disse : « E eu sortejo-te que todo o fato que vis-

tas se faça em pelle de gata borralheira. » O terceiro disse: « E eu sortejo-te que todos os sapatos que tu vistas se façam em ferraduras. » Ella foi-se embora, e quando chegou a casa, a mãi perguntou-lhe aonde ella se tinha demorado tanto. Ella ia a contar-lhe e principiou logo de deitar caganitas de cabra pela bocca. A mãi que viu aquillo não a deixou fallar mais. A menina disse á filha da madrasta que tinha encontrado um caçador no monte que lhe disse que um dia a havia de ir buscar. A madrasta tratou logo de não deixar mais a filha fallar, aceiou-a (*sic*) de fatos muito ricos e mandou a menina para a cozinha chamando-lhe gata borralheira. Depois foi dizer mal da enteada ao marido. O marido fiava-se em tudo e acreditava no que a mulher lhe dizia. Um dia levou a filha da madrasta ao theatro muito aceiada, e a filha ficou em casa por a madrasta lhe chamar gata borralheira. Quando se viu só, a menina começou de chorar muito, e ouviu uma voz perguntar: « Tu, que tens, menina? » Ella respondeu: « Como não hei de chorar? Meu pai foi para o theatro com a filha da minha madrasta e a mim deixou-me em casa sózinha. » Logo lhe appareceu um carro feito de uma abobora puchado a ratos. D'onde ouviu aquella voz que lhe disse: « Tu entra no theatro e toma este relogio e á meia noite em ponto recolhe-te ao carro. » Ella assim fez. Ora quem havia ella de lá encontrar? O mesmo caçador que a tinha encontrado no monte. O caçador assim que a viu entrar tão rica, deu-lhe logo o braço e foi dansar com ella, porque era a melhor dama que estava no theatro para dansa. A menina de vez em quando olhava para o relogio. Quando faltava já pouco para a meia noite, fugiu do braço do caçador e foi para o carro que estava á espera della. Nem o pai, nem a madrasta, nem ninguem a conheceu. O carro, mal ella poz pé nelle, logo alvorou e foi-se embora. Quando o pai e a madrasta chegaram a casa, já ella estava no borralho. Na segunda noite, o mesmo. Na terceira noite, tornaram para o theatro e o caçador que era um principe, estava já preparado para a agarrar bem e não a deixar fugir. Mas a menina assim que viu no relo-

gio que eram horas de se ir embora, deu um grande lacão (puchão) no braço do caçador e fugiu. O caçador foi sobre ella a correr para ver se a podia conhecer. A menina com a pressa com que ia a fugir, quando ia a saltar para o carro deixou cair um chapim de ouro. O caçador agarrou-o. Nisto o carro alvorou e foi-se embora. D'ahi passado muito tempo o principe mandou um decreto por toda a sua nação, que todas as damas fossem a palacio e levassem um chapim de ouro, que elle lá tinha outro, e que aquella que o trouxesse igual e lhe servisse no pé, que lh'o dava e que casaria com ella. A primeira que foi, quem havia de ser? Foi a filha da madrasta, com a mãi, e o pai tambem foi. A menina que via que tinha perdido um chapim de ouro, poz-se chorando tambem em casa para ir. Ali lhe appareceu logo um carro puchado a dragões e se apresentou em palacio, ainda mais breve que o outro em que ia a madrasta e a filha. Chegou ao palacio e foi á presença do principe. O principe pediu-lhe o pé para lhe metter o chapim, mas mal o principe lh'o metteu no pé, logo se transformou numa ferradura. O principe ficou muito admirado e perguntou-lhe o que era. Ella ia para fallar, e começou de botar caganitas de cabra pela bocca, e o vestido que ella trazia fez-se logo numa pelle de gata cheia de borralho, com um letreiro dizendo: Tu és gata borralheira. Nisto a madrasta ficou muito triste. A menina que estava tambem no palacio, quando viu aquillo, deu-se a conhecer ao pai ás escondidas da madrasta. O pai ficou muito admirado por a ver vestida toda de ouro, e por a ver botar flores de ouro pela bocca fóra, e vê-la calçada com um chapim de ouro, e o outro pé descalso. Perguntou-lhe quem lhe tinha dado aquillo tudo. Ella contou-lhe o que se tinha passado. Depois foi ter com o principe, e mal principiou de fallar com elle, entrou a botar ramos de ouro pela bocca. O principe deu-lhe o chapim e viu que lhe servia, e depois disse-lhe que ella havia de casar com elle. A menina disse que não, que era com o caçador que ella tinha promettido casar. O principe então declarou-se que era elle mesmo que era o caçador. A menina então calçou o

chapim de ouro e foi para o carro, dizendo que se elle a queria, que havia de a ir buscar a casa, que era o promettimento que elle tinha feito. O principe metteu-se logo numa carruagem para vêr se a podia alcançar, mas não alcançou e voltou para o palacio. Um dia o principe vestiu-se de caçador e foi lá para o mesmo sitio para a ir buscar. A madrasta como soube, sonegou a menina, e apresentou a filha. O principe começou a fallar com ella, e ella a deitar caganitas de cabra pela bocca. O principe, muito zangado, foi-se embora e não a quiz. A menina continuou outra vez a ir para o monte. O principe ia sempre á caça, e um dia encontrou-a toda esfarrapada. Ficou muito contente e levou-a consigo, e a madrasta nunca mais a tornou a vêr.

(Oporto)

14. O SOLDADO PULHA.

Era um rei casado ha quinze annos sem ter filhos. Tinha uma mulher que era fada. Houve uma filha do rei, e a fada foi ser madrinha e disse que aos quinze annos havia de morrer a princeza. Aos quinze annos morreu, mas antes tinha pedido ao pai para ter sempre uma sentinella á sua sepultura. Todas as sentinellas que iam, por mais de um anno morria tudo, até que chegou a vez de um soldado muito pulha. Elle não queria ir, mas não teve outro remedio. Quando chegou á igreja onde a princeza estava enterrada, poz-se a pensar e fugiu. Ia por uma serra acima e encontrou uma velha, que lhe perguntou onde ia. Elle contou-lhe, e ella deu-lhe um relogio e disse-lhe que voltasse e que ás onze e meia se mettesse no confessionario, e que visse o que não visse, não fizesse caso. Elle voltou, metteu-se no confessionario e ás onze e meia, sentiu sair uma coisa da sepultura, e correr toda a igreja a chamar: « Oh! sentinella! oh! sentinella! » Elle não semecheu. E a tal cousa, passada a meia noite, entrou na sepultura outra vez. Ao outro dia o rei ficou muito admirado de o vêr vivo. Mandou-o na outra noite. O mesmo. A velha deu-lhe

outro relogio e mandou-o metter no altar-mór. Na terceira noite o mesmo. Encontrou a velha que lhe deu o relogio e mandou-o metter ás onze e meia no baptisterio. Elle foi, veio a tal cousa, e foi ter com elle, mas elle, como a velha lhe tinha dito, começou a puchar por ella, e ella a puchar por elle, até que passando a meia noite elle metteu-se na pia, e no mesmo instante a tal cousa ficou transformada na princeza viva, e toda a tropa que ali tinha morrido ficou viva outra vez. Depois a princeza casou com elle, e foram todos para o palacio.

(Oporto)

15. O SACRISTÃO QUE CASOU COM UMA VELHA.

Era um sacristão ha uns poucos de annos. Uma velha que ia fazer oração á igreja. O sacristão, um dia, chegou-se a ella e offereceu-lhe rapé e perguntou-lhe: « Mulher, que devoção tens tu aqui com esta igreja? » — « Tenho muita. » Começaram depois em conversas particulares; mais adorava o sancristão (*sic*) a velha do que a velha ao senhor. Um dia o sacristão disse-lhe: « Não era melhor que nós tomassemos amores um com outro? » A velha respondeu: « Ah! que diria o mundo, se nós agora tomassemos amores um com outro? » O sacristão disse-lhe que deixasse fallar quem falla. Depois os dois velhos casaram-se. Elle deixou a igreja, e ella deixou a oração. Foram viver ambos para uma casa, pedindo uma esmola. O povo todo aperreavam-nos, por elles serem velhos e tomarem estado de novos. O sacristão descorçoou e veiu para casa e disse para a velha: « Mulher, fugimos d'aqui pra fóra, ja não posso aguantar as apupadellas do povo. » Responde a mulher que para onde elle fosse, ella tambem ia. Pegaram num cesto, numa corda, num alvião e numa fouce, e fato não o levaram, porque o não tinham, e foram para uma montanha que se chamava Monte Maninho. Com a fouce cortaram paos e fizeram estacas, e espetaram-nas em volta d'aquella montaha, e amarraram uma corda de estaca com estaca

até donde a corda poude chegar. Depois fizeram uma barraca de terra e ali viviam. De noite iam pedir esmola. Por milagre de Deus a mulher alcançou (ficou gravida). No espaço de nove mezes botou uma menina a este mundo. O sancristão ficou muito admirado. Não queria ir convidar ninguem para padrinho da menina. Foi para o monte a vêr se via alguem. Assim que o sol arraiou, avistou um caçador no alto da serra. O sacristão quando o viu botou-se de joelhos diante d'elle, por vêr que o caçador era um frade. O frade ficou muito admirado, e o sacristão disse-lhe que elle era mandado por Deus para ser padrinho de uma menina que lhe tinha nascido. O frade disse-lhe que sim, e que se apresentasse no convento de tal parte. O velho pediu-lhe para elle tambem lhe arranjar madrinha, e o frade disse-lhe que sim, que lá houve de encontrar tudo. O velho foi muito contente para casa, mas muito triste por não ter fato. O frade costumava ir fallar com uma menina que morava defronte do convento. O pai cortou-lhe o cabello e fechou-o dentro de uma gaveta. Naquelle dia o frade foi para lhe fallar para a ir convidar para ella ser madrinha, e viu-a fechada a chorar. Elle disse-lhe : « Tu, que tens, que tanto choras ? » Ella contou-lhe que por via d'elle o pai tinha-lhe cortado o cabello e fechado-a. O frade abriu a porta e foi ter com ella. Ella disse-lhe que estava a chorar por causa do cabello. O frade foi á gaveta, abriu-a, e poz-lhe o cabello outra vez na cabeça. A menina ficou muito contente. O frade disse-lhe que queria que ella fosse madrinha de uma menina. « Como hei de eu ir, que meu pai não me deixa ? » Elle disse : « Deixa, e até te ha de dar para tu levares a offerta aos compadres. » Nisto o frade foi-se embora. Chegou-se ao dia, o sancristão e mais a sua mulher embrulharam-se nos farrapinhos e marcharam para o convento, cobertos de vergonha. Entraram e pozeram-se num canto. O povo escarnicava (*sic*) dos velhos. D'ahi a pedaço veiu o frade chama-los. Elles foram, e vestiram-se com um fato muito bom que tinha o padrinho para elles. Baptizou-se a creança e puzeram-lhe o nome de Joanna. O

frade deu ao velho um pinto e disse-lhe que lhe havia de durar sete annos, para pagar a mestra, para a vistir etc., etc. O sacristão ficou muito admirado com aquillo, mas não disse nada. O frade disse-lhe: « Ha de chegar-lhe para os sete annos e ainda lhe ha de sobrar, e eu ao fim dos sete annos hei de lá ir buscar a menina. » A menina, o que houve de crescer num anno, crescia num dia, e o que havia de aprender num mez aprendia-o numa semana. Ao fim dos sete annos estava uma mulher creada. O homem quando queria alguma cousa ia a caixa para trocar o pinto, e sempre achava o dinheiro que precisava fóra o pinto. Chegou ao fim dos sete annos, tinha ainda o pinto inteiro. Vivia muito contente por a menina crescer tanto e aprender tanto. No dia em que completou os sete annos, a menina estava na mestra e a mãi andava na lavoura, e o pai estava em casa. Chegou o padrinho da menina. Assaudou-se (saudou-se). O sacristão ficou muito triste. A menina quando veiu conheceu logo o padrinho e pediu-lhe a bença (*sic*). O padrinho levou-a e deu ao pai sete crusados novos e disse-lhe que lhe haviam de durar toda a vida, que lhe haviam de durar tantos annos como os que já tinha. Foi para o convento dos frades o e padrinho disse-lhe que se chamasse d'ahi em diante João. Os outros frades perguntaram quem era e o padrinho disse que era um seu afilhado. Um dia passou pelo palacio do rei, e elle perguntou-lhe quem era aquelle rapaz. O padrinho respondeu o mesmo. O rei pediu ao padrinho para elle ficar como criado. Elle disse que sim, mas com a condição que havia de ter uma alcova só para elle, e que o não havia de mandar fazer nada que elle não podesse. O rei disse que sim. O padrinho disse-lhe: « Quando te mandarem fazer alguma cousa que tu não possas, fecha-te no teu quarto e chama por mim no coração, que eu logo te appareço. A rainha agradou-se d'elle. Elle não quiz. Quando o rei veiu, a rainha disse-lhe que o João tinha dito que era capaz de ir a uma quinta onde havia muitos bichos, e trazer a caça toda que lá estivesse. O rei chamou-o e disse-lhe que sob pena de morte que havia de lá ir. João foi para o seu

quarto e chamou pelo padrinho. Elle appareceu-lhe. Elle contou-lhe. Elle disse: « Diz ao rei que te mande apparelhar quinze cavalgaduras, das mais ferozes que houver em palacio, e quinze criados, e que se preparem para amanhã virem ter ao monte, e tu vai tambem, que eu lá te appareço, e toma esta varinha. » Assim o João fez. Foram no outro dia os criados para o monte e d'ahi a bocado chegou o João. Assentou-se numa pedra e cada rebanho de passaros que passava pelo ar, elle ia com a varinha e fazia uma cruz no astre, e logo os passaros que caiam ás canastras, cada canastra com sua qualidade de passaro. D'ali a dias o rei foi a uma festa. A rainha nem o criado não foram. O mesmo. A rainha disse-lhe que o João lhe tinha dito que era capaz de ir buscar umas laranjas ao reino da China, que marinheiro nenhum, nem ninguem era capaz de lá ir buscar. O rei foi ter com elle. O mesmo. O padrinho disse-lhe que fosse ao rei, que lhe mandasse preparar um navio, que elle depois lhe apparecia. Elle assim fez. No dia seguinte metteu-se na embarcação e mandou saltar a maruja toda em terra. O João assim que se apanhou só no navio, cortou os cabos e foi sózinho. Ao fim de tres dias entrou pela barra dentro carregado de laranja. Todos ficaram muito admirados. Tornou a haver outra caçada. O João e a rainha ficaram no palacio. A rainha outra vez. Elle o mesmo. Quando o rei veiu, disse que João era capaz de ir aos mares vermelhos, buscar uma embarcação de peixe, que pescador nenhum era capaz de trazer. Foi ao quarto chamar pelo padrinho. O padrinho disse-lhe que fosse dizer ao rei que preparasse as mesmas cavalgaduras e que fossem ter á beira-mar. E tu leva esta varinha. Elles foram, e o João apenas chegou assentou-se numa pedra, e com a varinha batia na agua, e de cada pancada que dava, cada canastra de peixe que trazia. Assim encheu as trinta canastras de peixe. D'ali a dias houve outra festa. A rainha ficou outra vez mais o João em casa. A rainha disse ao rei que o João era capaz de ir desencantar tres filhas que elles tinham encantadas e que ninguem era capaz de ir buscar. O rei man-

dou-o chamar. Elle foi ao padrinho. Elle disse-lhe que dissesse ao rei que mandasse fazer um navio todo novo para lhe dar. O rei assim fez. Assim que estava feito o rei chamou o João. Depois elle foi ao padrinho. O padrinho disse-lhe que mandasse saltar toda a guarnição em terra. Assim foi. Elle fugiu com o navio sózinho. E foi aos mares vermelhos. Chegou ás lagas bravas (*sic*) dos mares vermelhos, e o padrinho deu-lhe um punhal de ouro, e disse-lhe que nunca o tirasse da mão, e que nunca tirasse do pensamento e do coração o nome do teu padrinho, e segue para onde te levar a tua inclinação. João foi seguindo por uma montanha fóra. Chegou á noite a uns alvoredos, e seguiu sempre sem descansar. Nisto á meia noite deu-lhe o somno e descansou um bocadinho. Ouviu cantar um passaro, e o passaro dizia que perto d'ali estava uma princeza encantada, e se houvesse um menino que a desencantasse, que seria feliz. João encheu-se de animo e foi ao tal sitio onde o passaro disse que estava o encanto, e encontrou um chafariz. Ia para beber agua, e seccou a bica e se abiram umas portas. João entrou por aquellas portas dentro. Eram umas minas lá por dentro, de ouro e brilhantes. Elle chegou dentro e viu uma princeza adornada de grandes riquezas. Perguntou-lhe: « Que fazeis aqui? » Ella respondeu: « E vós que vindes aqui fazer? » Elle disse que a vinha buscar. A princeza disse-lhe: « Pois então accompanha-me, pois senão vem ahi o meu encanto; a ti encanta-te e a mim dobra-me o encanto. » Elle perguntou-lhe quem era o seu encanto. A princeza disse que era um carneiro que tinha sete pares de gaitas (cornos), e a princeza deu-lhe um relogio e disse-lhe: « Quando forem onze horas até onze e meia está proximo o meu encanto. » João agarrou na menina a toda a força e trouxe-a pelas minas fóra. Ao sair das portas do chafariz, fecharam-se as portas com tanta valentia que ainda trincaram um bocadinho do vestido da princeza. Depois veiu o carneiro dos sete pares de gaitas. João com o punhal de ouro matou-o. E pegou na princeza e levou-a para bordo da embarcação. A princeza virou-se para terra e deu um

ai. E d'ali ficou muda logo. O navio logo deu bordo para outra terra. Avistaram uma cidade. O padrinho disse: « João, salta em terra, com o mesmo punhal, e nunca te esqueças do teu padrinho. » João foi, entrou dentro de uma citerna, dentro da citerna estava um palacio, e dentro do palacio um jardim. Tinha um chafariz no meio, e um grande tanque e um gradeamento de bronze em volta, rodeado de serpentes, e a princeza encantada a lavar no tanque. João foi chamado por ella á beira do gradeamento, por não poder saltar dentro ao jardim. Ella foi conversando com elle, e disse-lhe : « Ide-vos embora, que senão vem por ahi o meu encanto, e faz-me grandes sacrificios (sic). » João disse-lhe que não se assustasse, que onde ella morresse, morria elle. A princeza disse-lhe que o seu encanto era uma bicha de sete cabeças. Quando forem onze horas e meia, está proxima. A princeza depois sahiu para fóra do tanque e veiu para dentro do palacio que estava na citerna, e fechou-se num quarto, e disse para o João : « Aqui é que ha de sair a serpente. » João esperou a bicha e chamou pelo padrinho. Assim que a bicha appareceu, cravou-lhe o punhal numa cabeça; a bicha, quando se viu cravada, deu com o rabo para cima. Nisto abriram-se as portas do quarto e a princeza fugiu. João, assim que viu a princeza solta, accompanhou-a pela citerna, e deixou o punhal de ouro cravado na cabeça da bicha. A' hora do meio dia, appareceu-lhe o punhal. O João levou esta princeza para bordo. A outra irmã que estava muda abraçou-a, mas não fallou. O navio botou-se outra vez ao largo. E avistaram a Turquia. No meio de umas montanhas estava um palacio. O navio não levava senão o João e as duas princezas. O padrinho disse-lhe : « Vês aquelle palacio, dirige-te a elle. » João foi. No palacio não havia senão passaros e sardões e saramagantas, centopeias e outros bichos. Elle entrou pelo palacio dentro. O palacio fechou-se no mesmo instante de maneira que não tinha portas para sair. Abriu-se uma mina dentro do palacio. Ouviu á hora da meia noite uma voz : « Vai-te embora, que não logras o que desejas. » Respondeu o João : « O

motivo ? » A voz respondeu : « Porque não trazes armas para pelejar comigo ? » João disse : « Appareçam as tuas, que as minhas eu t'as amostro », que era o punhal. No mesmo instante, apparece um gigante. João, cheio de animo, puchou pelo punhal e amostrou-o ao gigante. O gigante assim que avistou o punhal, afastou-se e disse : « Oh ! que arma tão pequena com tanta força ! » O gigante com medo do punhal foi buscar a princeza, depois disse para o João : « Mas tu não a levas sem armar lucta comigo. » A lucta principiou á meia noite e acabou ao meio dia. João abraçou o nome de Deus e do padrinho e atirou com o punhal ao gigante, e o gigante cahiu atordoado. João pegou na princeza e fugiu pelo palacio fóra, e levou-a para o navio. Logo que ella saltou na embarcação, ficaram todos muito contentes. Chegaram depois ao sitio aonde tinham desencantado a primeira, virou-se a primeira para a terra e deu outro ai. Depois foram até ao reino do pai. Quando desembarcou em terra, deu a princeza outro ai. Foram depois para palacio. O rei muito contente por as filhas estarem desencantadas, muito triste por a mais nova estar surda e sem fallar. Nisto houve outra festa. A rainha e João ficaram no palacio. A rainha outra vez. João não quiz. A rainha ficou muitou zangada. A rainha disse ao rei quando elle veiu, que mandasse matar o criado, porque elle tinha dito que a filha mais nova que era muda, só fallava á ordem d'elle. O rei mandou-o chamar e disse-lhe que a havia de fazer fallar debaixo de pena de morte. João foi ao quarto, e chamou o padrinho. O padrinho disse que fosse ao rei e que mandasse fazer um banquete para todos, e que no dia em que estivesse toda a gente reunida, que chamasse por elle. O rei assim fez. No dia do banquete, João chamou pelo padrinho. Elle disse-lhe que fosse ao rei, e que lhe pedisse para ficar ao pé do rei á mesa. Um rei que estava á mesa perguntou se aquella princeza não fallava. João disse : « O cantador, quando entra para a praça, antes de cantar, considera na cantiga. » Quando muito lhe pareceu, virou-se o João para a menina que estava ao pé de si, e

perguntou-lhe: « Princeza, que quer dizer aquelle ai, que deu á entrada da embarcação? » A princeza respondeu: « Aquelle ai quer dizer, que se ponha aqui um cutello bem agudo, para dar a quem o merecer. » O rei mandou buscar o cutello e pô-lo em cima da mesa. Depois a princeza callou-se e não fallou mais. Depois continuaram a comer. Outro rei tornou a preguntar se a princeza não fallava mais. O João respondeu: « O cantador que cantou, ha de acabar a cantiga. » D'ali a bocado tornou João a preguntar-lhe: « Princeza, que quer dizer aquelle ai que destes no meio do mar? » Ella respondeu: « Aquelle ai que dei no mar, quer dizer que se encontraram quatro donzellas no mar a navegar. » Depois callou-se outra vez. Um outro rei tornou a preguntar: « Então a princeza não falla mais? » O João disse: « O cantador que começou a cantiga, dará tambem o remate, e depois cantará sempre. » João então voltou-se para ella e disse-lhe: « Princeza, o que quer dizer aquelle ai que deu quando saiu para terra? » A princeza disse: « O ai queria dizer que se Joanna fosse João, ha muito tempo que meu pai era cabrão. » Mataram então a rainha, e a Joanna casou com o rei.

(Oporto)

16. O RIO DE SANGUE.

Tres irmãos. Foi o primeiro correr mundo. Encontrou uma velha que era Nossa Senhora. Elle pediu-lhe que lhe inculcasse uma casa para servir. Ella disse que sim, mas que só havia de fazer o que elle lhe dissesse, e mais não. Elle foi. O amo tomou-o. Fez-lhe a recommendação, e escreveu uma carta e disse ao rapaz que não parasse por mais que visse no caminho. Deu-lhe um saco para tirar de comer quando tivesse fóme. Deu-lhe um cavallo e disse-lhe que entregasse a carta onde o cavallo ajoelhasse. Elle foi, viu um pomar, apeou-se para ir buscar a fruta, e o cavallo sumiu-se, e elle ficou só. Foi o segundo irmão, tudo o mesmo. Passou o pomar, mas a mais adiante viu uma fonte de leite.

Parou para o beber e nisto o cavallo foi-se embora. Foi o terceiro irmão. Encontrou a velha, que era Nossa Senhora, recommendou-lhe tudo, e disse-lhe que aquelle amo estava muito zangado pelo que tinham feito os irmãos. Elle foi e passou o pomar. Quando o passou, encontrou Nossa Senhora, que lhe deu uma oração para quando elle se visse afflicto. Foi adiante e viu a fonte de leite. Depois encontrou um rio de agua. O cavallo não o queria passar. Elle lembrou-se da oração, rezou-a e passou. Depois um rio de leite. Rezou, passou. Depois um rio de sangue: o cavallo não queria passar. Rezou, passou. Encontrou depois dois penedos a baterem um no outro. Rezou. Os penedos pararam e elle passou. Depois encontrou dois leões a bater um com o outro. Elle rezou a oração e elles separaram-se e elle passou. Depois encontrou uns pretos a cortarem lenha com uns machados, e outros a botarem para uma fornalha. Rezou e elles suspenderam os machados e elle passou. Depois encontrou umas pombas muito gordas com pouca comida, outras muito magras com muita comida. Umas gordas a descerem do ar para baixo, e outras magras a voarem do chão para o ar. Depois uma rua muito estreita e suja, ao fim d'esta rua estava uma grande claridade, e muitos passarinhos a cantarem. No meio da claridade um palacio, e dentro do palacio um homem assentado em cima de um throno. Donde o menino se dirigiu a elle a entregar-lhe a carta. Nisto saiu para fóra, e já não viu o cavallo. Ficou muito admirado a olhar para o canto dos passarinhos. Chegou um menino ao pé d'elle e preguntou-lhe o que estava elle ali a fazer. Elle disse-lhe que estava a ouvir cantar os passarinhos. O menino disse-lhe: « Vai-te embora, que já aqui estás ha um anno e um dia. » O rapaz ficou muito admirado. O menino disse-lhe: « Vai-te embora, que quem vive com gosto um dia parece uma hora. » Foi-se o menino embora, e depois veiu um homem e preguntou-lhe: « Que fazes ahi? » — « Estou a ouvir cantar os passarinhos », disse elle. O homem disse: « Vae-te embora, que já aqui estás ha dois annos e dois dias. » O rapaz

ficou muito admirado. O homem disse-lhe que lhe havia de dizer o que tinha encontrado pelo caminho. « Pomar de fructa. » Elle respondeu : « Sim, eram as maçãs do paraiso, mas quem as comer morre, como aconteceu com teus irmãos. » — « Fonte de leite. » — « Pois não era leite, eram os demonios que estavam derretendo chumbo, para beber quem ali passasse para morrer. » — « Rio de leite » — « E' o leite que Nossa Senhora derramou pelos peitos fóra, quando lhe arrastaram o filho para o Calvario. » — « Rio de agua. » — « As lagrimas que Nossa Senhora chorou pelos seus olhos fóra, quando lhe arrastaram seu filho pelas ruas da amargura. » — « Rio de sangue. » — « Foi o sangue que derramou Nosso Senhor Jesus Christo pelo seu corpo fóra. » — « Penedos. » — « Erão as lingoas das murmuradeiras, que estavam a dizer mal da sorte da tua mãi. » — « Os leões. » — « Erão os teus dois irmãos, que como se viram perdidos, queriam-te perder tambem a ti. » — « Quatro pretos a cortar lenha, e outros quatro a botar para uma fornalha. » — « Erão os diabos do inferno que estavam a cortar as almas e a botar para os fornos. » — « Pombas. » — « Não eram pombas, eram as almas que tinham morrido ha pouco tempo, e que ainda não tinham pago os peccados. » — « As magras que iam para cima ? » — « As almas que vem do purgatorio já livres para o ceo. » — « A rua muito escura ? » — « Era a rua d'amargura, onde Christo bebeu o fel. » — « A claridade, etc... ? » — « Claridade, paraiso ; os passarinhos a cantarem, os anjos do paraiso ; o palacio, o ceo ; e o homem, era Deus. » O homem (que era Deus) depois disse-lhe : « Agora vae-te embora, e dize-me o que queres. » O rapaz disse : « Queria ter de comer e beber neste mundo, e a salvação para a minha alma no resto da vida. » — « Pois vae-te embora, e vae ter com tua mãi, e a salvação faz por ella, e comer e beber ahi tens para ti e tua mãi. »

(Oporto)

17. LAME BAIS.

Era um rapaz que vivia com a mãi pobremente. Fugiu de casa. Encontrou um lugar e pediu dormida. Lá disseram-lhe que não tinham camadas, mas deram-lhe as chaves de um palacio para elle lá ir dormir se quizesse, mas que costumava lá ir dormir gente, e que desapparecia. O rapaz disse que não se importava. Foi lá, e apparecia-lhe comer e beber e tudo quanto era preciso, mas não podia sahir porque o palacio não tinha portas. Esteve lá um anno, e todas as noites vinha uma coisa fria ter com elle á cama. O rapaz dizia : « Quem está ahi que se retire de ao pé de mim, que eu estou quente e não quero arrefecer. » Ao fim do anno aquella cousa fallou, e disse : « Se te obrigares a estar aqui outro anno da mesma maneira que estiveste este, serás feliz ; ficarás senhor d'este palacio, casarás com uma de minhas filhas, escolherás qual quizeres. » O rapaz, como tinha que comer e beber, ali se deixou ficar mais um anno. O rapaz assim que acabou o anno, foi para fóra. Chegou a um monte e encontrou um gigante a comer um boi inteiro assado, que era a sua sobremesa. O gigante preguntou-lhe : « Onde vaes, oh homem ? » O rapaz respondeu : « Vou para aquelle reino casar com a filha do rei. » O gigante disse-lhe : « Espera ahi, que eu tambem vou, deixa-me comer a sobremesa. » O rapaz disse que aquillo levava muito tempo, mas o gigante abriu a bocca e enguliu o boi logo de uma vez. E foram ambos de dois (*sic*). Mais adiante encontraram outro a tapar um ribeiro d'agua e a beber. Preguntou ao gigante onde elle ia. O gigante respondeu : « Este rapaz vai casar com a filha do rei e eu vou accompanha-lo. » O bebe-agua disse-lhe : « Queres que eu tambem vá ? » Elles disseram : « Pois anda. » — « Deixa-me beber uma pinga d'agua que eu já vou. » E bebeu uma presa d'agua de um só trago. Foram todos tres. Mais adiante encontraram um com o ouvido pousado no chão. Perguntaram-lhe o que elle estava a fazer, e elle disse que estava a ouvir arrebentar as arvores em sete leguas

de redondeza. E foi com elles. Depois mais adiante encontraram outro que estava a botar um oculo e com uma lança na mão. Preguntaram-lhe: « O que estás a fazer? » — « Estou aqui a vêr se ouço um mosquito que está d'aqui sete leguas na janella de um palacio. » E atirou com a lança e veiu com um mosquito espetado na ponta. Foi com elles. Depois mais adiante encontraram outro homem com umas peias de ferro. Perguntaram-lhe para que era aquillo, e elle disse que andava assim melhor peado que os outros sem peias. Assim foram para o tal reino. O rapaz quando chegou lá, disse para elles: « Vocês, agora, sigam o seu destino, que eu venho para o palacio casar com a filha do rei. » Elles disseram: « Nada, nós accompanhamos-te até vir o casamento, e ficamos á porta. » Elle entrou, e foi á presença do rei. O rei mandou chamar as tres filhas para elle escolher uma. Elle escolheu a mais bonita. O rei disse-lhe: « Ai! que escolhestes mal! » O rapaz preguntou porque? O rei disse: « Porque esta tem um vestido de azas e foge-te. » A princeza disse então para o rei: « Não, que eu não o quero. » O que ouvia arrebentar as arvores, e que estava com o ouvido á escuta, disse para os companheiros: « Ai! o que ella está a dizer? » Diz o gigante: « Ella que diz? » — « Diz que não casa com elle. » Nisto o rei disse: « Oh filha, tu has de casar com elle, que palavra de rei não volta atraz. » Diz ella: « Pois eu só caso com elle, se elle comer os bois que nós temos para comer num mez. » O que ouvia arrebentar as arvores disse para os companheiros: « Ai! o que ella está a dizer! » E contou. Diz o gigante: « Eu já ha muito que não comi, tenho uma fome damnada. » O rapaz veiu chama-los, os bois já estavam promptos, e o come-bois no fim dos outros comerem, comeu os bois todos. O rei disse: « Filha, agora tens de casar, já lá vão os bois. » Ella disse: « Não caso com elle, só se elle beber o vinho todo que temos na adega. » O bebe-ribeiros bebeu-o. O rei disse outra vez o mesmo. A princeza disse que só casava com elle se o rapaz dentro de uma hora lhe fosse levar uma carta a cem legoas

de distancia a um principe e trouxesse a resposta. O que ouvia rebentar as arvores contou aos companheiros. Depois o andarilho deram-lhe a carta e foi. Ficou o que via ao longe com o relogio na mão. Faltavam cinco minutos para acabar a hora, e o que estava com o oculo deitou o oculo, e viu-o estar deitado num monte, cançado de correr tanto. Agarrou em tres limões e deu-lhe com elles no peito. O andarilho levantou-se de repente, veiu a correr, e quando chegou ainda faltava um minuto para acabar a hora. Entregaram a resposta á princeza. Ella não teve mais remedio senão casar. O rei disse ao rapaz: « Agora ella é que te ha-de levar ao teu palacio, com o vestido de azas a voar. Mas toma cuidado, tira-lhe o vestido, e faz uma torre de bronze e fecha dentro o vestido, senão ella foge. » Assim foi. O principe andava só á caça. Nisto veiu a mãi do rapaz. Ella começou a chorar e á dizer á mãi, que naquella torre estava fechado um vestido muito rico que ella tinha. A mãi comprou um diamante, e foi cortando a torre por detraz. Até que chegou a tirar o vestido. A princeza mal o apanhou, vestiu-o para mostrar á mãi como lhe estava bem. E assim que o poz fugiu. O rapaz quando veiu, a mãi contou-lhe, e elle fugiu tambem, e nunca mais se soube d'elle.

(Oporto)

18. O LADRÃO DA MÃO CORTADA.

Um homem foi viajar, e deixou na terra a mulher e tres filhas. Morreu a mulher, e elle veiu tomar conta d'ellas. Poz loja de contrabandista. Quando as filhas já estavam casadas, abalou e deixou ficar as filhas com o negocio. Ellas eram muito esmoleres, e naquella terra andava uma grande manada de ladrões. O capitão dos ladrões fez um conselho á manada para ir roubar as meninas. O capitão tratou de se vestir de mulher velha, e um dia quasi á noite, foi pedir dormida ás meninas, ficando a manada escondida ali perto. As meninas responderam que não lhe podiam

dar dormida. Elle ateimou, e pediu que lhe dessem nem que fosse na cozinha ao lado do lume. A mais velha, e a do meio não lhe quizeram dar agasalho, mas a mais nova teve pena, e deu-lh'a. O ladrão entrou para dentro e deu tres maçãs, uma a cada uma. As duas mais velhas trataram de comer as maçãs, mas a mais nova guardou a sua no seio. Fizeram a ceia, e deram de cear ao ladrão. Depois as duas mais velhas foram-se deitar. Diz a mais nova: « Vocês deitem-se, que eu fico acordada para vêr o que a velha faz ao pé do lume. » As duas mais velhas, como tinham comido as maçãs, que eram de encanto, adormeceram logo. A mais nova, como não comeu a sua, estava deitada mas acordada. O ladrão quando deu tempo de ellas estarem a dormir, levantou-se, e foi ter com ellas á cama para vêr se estavam dormindo. As duas mais velhas, por via das maçãs, estavam ferradas a dormir; a mais nova estava acordada, mas fingiu que estava a dormir. O ladrão poz então uma cesta que trazia, e tirou d'ella uma mão definhada (de finado) e accendeu-a e po-la no meio da sala. (A mão de finado emquanto está accesa, ninguem mais acorda naquella casa, e para a apagar é preciso ser com vinagre.) Depois abriu a porta e tocou numa trombeta para chamar a manada dos ladrões que estava escondida. Neste comenos a mais nova que estava acordada, fechou-lhe a porta, e ficou dentro com a luz (a mão) accesa, e o ladrão de fóra. A porta tinha um buraco gateiro, e o ladrão não fazia senão gritar que ella lhe desse a mão de finado, e o mais que elle lá tinha deixado. Mas ella o que fazia era gritar pelas irmãs. Ellas não podiam acordar por causa das maçãs que tinham comido. O ladrão pediu que apagasse a mão e que lha desse. Ella apagou-a com vinagre, e depois quando o ladrão metteu o braço para ella lha dar, a mais nova foi com uma espada e cortou-lhe a mão. O ladrão depois foi-se embora sem a mão e foi-se curar. As duas irmãs assim que a mais nova apagou a mão de finado, acordaram logo, e já não chegaram a vêr ella cortar a mão ao ladrão. Depois a mais nova pegou na mão e enterrou tudo. O ladrão disse para os compa-

nheiros que as havia de matar todas tres. O ladrão fez uma luva para vestir, fingindo que trazia mão. Alugou depois uma casa defronte da casa onde as meninas tinham o seu negocio, e foi pôr tambem negocio de contrabandista. Depois namorou-se da mais velha. Casou com ella. Um dia disse á mulher que ella havia de ir com elle á terra vêr uma grande funcção que lá havia. O ladrão quando chegou a uma serra, viu um chafariz, e foi beber agoa mais ella. Depois mais adiante chegou a uma pedreira e disse : « Abre-te, perola! » Abriu-se logo uma mina. A mulher ficou como a ternura da noute (*sic*) quando viu aquillo, por se vêr debaixo do chão. Depois o ladrão disse : « Fecha-te, perola », e a mina fechou-se, e elles ficaram debaixo do chão. Foram andando e foram ter a umas salas muito grandes. Depois d'ahi a bocado ouviu-se a manada dos ladrões. Disse o ladrão para elles : « Aqui está a primeira! » Depois perguntou á mulher quem lhe tinha cortado aquella mão, e tirou a luva. Ella disse que não sabia. O ladrão então deu-lhe uma maçã e tres chaves, e disse-lhe que abrisse dois quartos, mas não abrisse o terceiro, e visse o que estava nelles, e que quando elle viesse que lhe havia de dar a maçã. Ella guardou a maçã no seio. Foi vêr o primeiro quarto. Eram barricas de ouro em pó. O segundo estava todo cheio de brilhantes e toda a especie de riqueza. Ella ficou muito admirada, e disse : « Quando isto é nestes dois quartos, o que fará naquelle que elle me prohibiu de vêr! » Depois foi ao terceiro quarto e abriu a porta. Ao tempo que abriu a porta, caiu-lhe a maçã do seio e pisou-se. Ella apanhou outra vez a maçã e tornou-a a metter no seio. O quarto estava cheio de gente morta. O ladrão que estava com os companheiros, mal a mulher abriu a porta do terceiro quarto, sentiu logo e voltou para traz. Chegou á mina e perguntou á menina se tinha ido vêr os quartos. Ella disse que tinha ido vêr os dois. O ladrão pediu-lhe a maçã. Ella deu-lh'a, e elle mal a viu pizada, disse : « Ai! que me és falsa! » Matou-a logo, e po-la no terceiro quarto com os outros mortos. Depois tratou de se dirigir para onde estavam as outras duas meninas,

na loja. As irmãs perguntaram-lhe pela irmã, e elle disse que ella tinha gostado muito da terra e elle que a tinha deixado lá ficar. Depois o ladrão, para as enganar, escrevia por mão d'elle cartas, como se fosse ella. D'onde veiu uma carta, em que a mais velha convidava a segunda para ir lá. Ella acreditou e foi. E o ladrão fez o mesmo que com a mais velha e matou-a e botou-a ao mesmo quarto. Depois tornou-se a dirigir para a loja onde estava a mais nova. Elle tornava a escrever cartas das duas para a mais nova. Mas ella não acreditava. O ladrão dizia-lhe que ella tinha um grande casamento na terra. A mais nova não se queria fiar, mas tantas eram as cartas que ella sempre foi. O ladrão fez quando lá chegou o mesmo que com as outras irmãs. Quando chegou á pedreira, ella ouviu dizer : « Abre-te, perola », e depois : « Fecha-te, perola. » Ella logo aquillo ficou-lhe no ouvido para lhe não esquecer. Quando chegou á tal sala, o ladrão perguntou-lhe se ella sabia quem é que lhe tinha cortado a mão. Ella disse que não sabia, que talvez fosse alguma das suas irmãs. O ladrão então deu-lhe as tres chaves e a maçã, e disse-lhe o mesmo. Ella viu o primeiro, depois viu o segundo, mas ao terceiro não foi. O ladrão como não sentiu que ella foi ao quarto, não voltou á pedreira, e continuou a andar pelas serras. Andava um principe á caça e trazia grandes joias consigo. Os ladrões deixaram-no muito ferido para o roubarem, e depois deitaram-no por um buraco, donde elle foi ali pelo subterraneo ao terceiro quarto donde estavam as mortas. A menina que estava no subterraneo, não fazia senão a limpeza, fazia as camas, e fazia o comer para os ladrões, e nas horas vagas, ia para a bocca da mina dizer : « Abre-te, perola. Fecha-te, perola », para vêr se ella tambem se abria. No dia seguinte o ladrão e os companheiros arrecolheram-se á mina. Elle preguntou á menina quantos quartos tinha visto. Ella disse que dois. O ladrão pediu-lhe a maçã, e ella estava inteirinha. O ladrão então disse para os companheiros, que aquella é que havia de ser a sua mulher verdadeira, e que se alguem lhe tocasse, que o mandava matar. Elle de dia ia roubar

e ella ficava no subterraneo a fazer o comer e a tratar de tudo. Um dia a menina foi ao terceiro quarto, e viu as irmãs mortas. Foi seguindo depois pelo quarto dentro, e sentiu uns gemidos que era o principe, que os ladrões tinham roubado. Ella perguntou-lhe o que elle tinha e elle contou-lhe tudo. O ladrão tinha-lhe mostrado um unguento, que diz que era um balsamo para curar toda a ferida. Ella disse para o principe que se elle guardasse segredo, ella curava-o, e dava-lhe de comer. Ella disse-lhe que se os ladrões ali fossem, que elle se fingisse morto. Tratou de cura-lo, e todos os dias lhe ia ao quarto dar de comer. Ella, um dia, quando viu que o principe já estava bom, arranjou duas cavalgaduras, roubou tudo quanto os ladrões tinham, e chegou á porta e disse : « Abre-te, perola ». Depois fugiu com o principe. O ladrão mal ella fugiu, conheceu que havia novidade na mina, e voltou com os companheiros, mas já ella tinha fugido. Eram tres caminhos que iam pela serra, e o principe e a menina foram por um d'elles. Os ladrões depois foram pelo mesmo caminho atraz d'elles. Ella olhou para traz e viu os ladrões, e disse : « Que ha de ser de nós? » Desceram a uma baixa num alvoredo, amarraram os cavallos, e ia um lavrador com tres carros de palha, e ella pediu-lhe se os deixava esconder naquella palha. O lavrador disse que sim, e mandou parar os carros, e amarrou os bois a um pinheiro. O principe e a menina esconderam-se num carro. O ladrão chegou ao lavrador e perguntou-lhe se tinha visto por ali passar um homem e uma mulher. O lavrador disse que não. O ladrão começou a vêr o carro detraz da palha e o do meio, mas como não encontrou ninguem, não foi vêr o da frente. Depois foram para o outro caminho. Depois o principe e a menina sairam da palha, montaram a cavallo, e foram para a cidade. O rei como lhe faltasse aquelle filho ha uns poucos de dias, vivia muito triste. O principe chegou e foi-se apresentar ao rei com a menina, e contou ao pai o que lhe tinha acontecido. O principe casou logo com a menina. O rei mandou logo pôr decretos annunciando o casamento. O ladrão da mão

cortada mal ouviu o decreto, vestiu-se e veiu para a capital para a matar. O ladrão em segredo escreveu á menina. A menina chegou-se ao principe, e pediu-lhe uma graça naquelle dia : que lhe desse o melhor leão e a melhor espada, e que não fosse dormir com ella naquella noite. O principe disse que sim. Ella poz o leão ao pé da cabeceira. Depois a cabeceira para os pés, e pegou na espada. O ladrão quando viu que ella estava deitada, deu-lhe com a espada para a matar, mas ella que estava do outro lado chamou o leão, e o leão agarrou-se a elle, e ella com a espada matou-o. O principe que sentiu aquelle barulho, veiu e viu-o morto. Foram dar parte ao rei. O rei mandou uma divisão ao outro dia para a serra. Os ladrões estavam dentro da mina. A menina chegou e disse : « Abre-te, perola. » A tropa entrou, e deitou fogo ás pedreiras, e elles morreram todos debaixo do chão, e eu era soldado no tempo e quando vi isto vî-me embora.

(OPORTO)

19. OS MACACOS

(VARIANTE)

Era um rei com tres filhos. Todos tres queriam o reino. O rei mandou-os correr terras, e disse que o que lhe trouxesse a melhor prenda seria o senhor do reino. Chegaram a uma montanha e viram tres caminhos. Cada um foi pelo seu. O mais velho encontrou uma espada de ouro. Como tinham combinado que logo que achassem alguma prenda haviam de voltar atraz e esperar pelos outros, o mais velho assim fez. O segundo achou um ramo de ouro com uma corôa tambem de ouro no mesmo ramo. Voltou para traz e veiu encontrar-se com o irmão mais velho. O mais novo não encontrou nada. Foi indo, foi indo, e ao fim de uns poucos de dias entrou numa cidade onde tudo eram macacos. Entrou por um palacio dentro, e chegou a um salão e viu uma mesa posta com tudo quanto era bom, e muitos macacos a come-

rem. Vieram duas macacas, uma velha e outra nova e fizeram-no ir para a mesa a comer tambem com os macacos. Elle comeu, e depois a macaca velha foi buscar uma avelã e entregou-lh'a. A macaca nova nunca o desamparou e não fazia senão fazer-lhe festa. O principe um dia veiu para a janella, e viu muita tropa, mas tudo eram macacos, e muitos trens e carruagens, mas todos puchados a macacos. A macaca velha e a nova saltaram para dentro de uma carruagem e fizeram com que elle fosse tambem. O principe vinha muito admirado, mas ao mesmo tempo muito triste porque não via senão macacos por toda a parte. Os irmãos estavam na serra á espera d'elle, quando o avistaram, com aquelle grande exercito de macacagem. Elles queriam fugir com medo, mas ao final sempre foram vêr o que era. O irmão então saiu do carro aonde vinha e foi abraçar os irmãos. A macaca velha ficou na carruagem, mas a macaca nova saiu com o principe accompanhada por muitos macacos com armas. Os irmãos mostraram a espada de ouro e o ramo, e elle muito envergonhado mostrou a avelã. Os irmãos foram para o palacio a cavallo, e elle metteu-se na carruagem e foi tambem com os macacos. Quando chegaram perto do palacio, o exercito ficou parado, e a macaca velha e a nova e o principe foram ter com o rei. Os principes entregaram cada um ao rei a sua prenda. O rei foi ter com o mais novo e perguntou-lhe o que elle trazia. Elle disse-lhe a chorar que lhe trazia só aquella avelã e aquellas macacas. Depois pediu licença ao rei para deixar entrar o exercito dos macacos. O rei disse que sim. Então todos os macacos que eram officiaes, mal chegaram ao pé do palacio logo se tornaram em gente, e a macaca velha fez-se numa rainha, e a nova numa princeza mais linda do que o sol. O rei ficou muito contente e nesse dia deu um grande banquete a toda aquella côrte. Depois naquelle dia haviam de se apresentar as prendas para se vêr qual era a melhor. O mais velho apresentou a espada de ouro; o do meio apresentou o ramo de ouro com a corôa; o mais novo como tinha dado a avelã ao pai, não apresentou nada. O pai disse então que a prenda d'elle tam-

bem havia de apparecer. Foram buscar a avelã e pozeram-na em cima da mesa. A macaca disse então para o rei : « Vossa Magestade é que deve partir a avelã pela sua propria mão. » O rei partiu-a e logo sahiram de dentro sete corôas de ouro. Depois o rei chamou o conselheiro mais antigo, para vêr qual das prendas era a mais rica. O conselheiro disse que as sete corôas da avelã erão a prenda mais valiosa, mas que se devia dar ao mais velho, o da espada, o reino, porque o do meio tinha uma corôa no ramo, que era um reinado; o mais novo tinha sete corôas que eram sete reinados. Ficaram todos muito contentes, e o mais novo casou com a princeza, que era a macaca.

(Oporto)

20. O PALACIO DOS ESPINHOS

(Versão portugueza de *La Belle au bois dormant* : é perfeitamente fiel á versão de Perrault, e creio que directamente d'elle tirada, ainda que o homem que m'a contou não sabia ler.)

Encontra-se o episodio de uma fada lhe pronosticar que morreria por causa de um fuso. Por mais que se evita ella fere-se. Encantada a dormir por cem annos. Fica tudo encantado com ella. O castello fica rodeado de espinhos. Um principe á caça, pergunta o que é aquillo. Elle vae a entrar, e á medida que entra vão-se os espinhos afastando. Chega ao palacio, vê a menina a dormir, e arranca-lhe o espinho do fuso da mão. Ella ressuscita, e elle casa com ella.

(Oporto)

21. O GIGANTE

Um pai tinha tres filhos. O mais velho quiz a sua parte e foi correr mundo. Foi servir para casa d'um mercador. Um dia o irmão segundo quiz ir ter com elle. Como o pai não queria deixa-lo, foram os dois irmãos e o pae. Chegaram, á aventura, a

casa do mercador. Lá perguntou o pai pelo filho, até que elle lhe appareceu. Depois foi o pai, quando o achou, com os tres filhos para casa. Perderam-se no caminho e metteram-se a um alvoredo. Como já era noite, ficaram ali a dormir aquella noite. Mas o mais novo não dormiu. Sentiu cantar umas rãs, e logo viu que ali havia lenteiros (terrenos humidos). Dirigiu-se para lá, mas as rãs cantavam sempre cada vez mais longe. Até que foi dar a um palacio que tinha tres luzes. Viu uma menina estar ao pé da janella, e elle pediu-lhe um copo d'agua. Ella deu-lh'o e disse-lhe se elle era capaz de a desencantar e mais ás tres irmãs e ao pai, que o seu encanto era um gigante. O rapaz voltou para o monte e lá no fundo de uma cova viu estar um gigante a assar um boi. O rapaz foi-se a elle e perguntou-lhe para que era aquelle frango que elle estava a comer. O gigante ficou muito admirado de elle chamar aquillo um frango. O rapaz disse-lhe que costumava comer tres d'aquelles ao jantar. O gigante então disse que elle havia de comer aquelle senão que o matava. O rapaz disse que sim, e como não podia mecher o boi, disse ao gigante que elle é que o havia de voltar. Quando o viu assado, comeu um bocado até se fartar e depois disse ao gigante que o não queria, que estava mal feito. O gigante comeu-o. Depois disse-lhe que fossem vêr quem era capaz de subir mais depressa a escada do palacio. O rapaz disse que sim ; mal lá chegou, subiu muito depressa, agarrou numa grande bóla de ferro, e atirou-a á cabeça do gigante que o matou. Logo a primeira princeza se desencantou. Ella disse que o encanto da segunda era um mocho. O rapaz matou o mocho e a segunda ficou desencantada. Depois a primeira disse-lhe que o encanto da terceira era um galgo. O rapaz armou-lhe um laço e desencantou-se a terceira, e o rei, pai d'ellas. Depois o rapaz voltou para onde estava o pai e os irmãos ainda a dormir. Quando acordaram foram a uma estallagem, onde já estavam o rei e as tres filhas desencantadas. A primeira casou com o rapaz e as outras casaram cada uma com o seu irmão, e ficaram depois todos juntos e muito felizes.

(Oporto)

22. O FEITICEIRO.

Era um pai e quatro filhos. Os dois mais velhos eram carvoeiros. O terceiro foi correr mundo: chegou a uma terra para servir e foi ter a uma casa. O dono preguntou-lhe se elle sabia lêr; elle disse-lhe que sim, e o amo mandou-o embora, e disse-lhe que não lhe servia. O rapaz veiu para casa e contou ao irmão mais novo. Elle sabia muito bem lêr, mas foi á tal terra procurar o mesmo amo. Elle preguntou-lhe se elle sabia lêr e o rapaz disse-lhe que não. Depois ficou. O amo era feiticeiro e tinha muitos livros debaixo da cama. O rapaz começou a lê-los, e quando o anno do ajuste estava quasi a acabar, fugiu e levou consigo o livro melhor que encontrou. Em casa não fazia senão estudar. Os irmãos que ganhavam muito dinheiro não queriam repartir com elle. O rapaz quando se viu prompto, fez-se num galgo e pediu ao pai que o levasse a uma feira para o vender, mas que não vendesse a coleira que elle levava. O pai assim fez. Vendeu-o por muito dinheiro, e o galgo depois fugiu dos homens que o tinham comprado e fez-se outra fez em gente e veiu ter com o pai. Quando o dinheiro se acabou, o rapaz fez-se num cavallo, e disse ao pai que não vendesse o freio, que era nelle que estava a virtude. O pai assim fez; como lhe deram muito dinheiro pelo freio, vendeu-o tambem. Um dos homens que o tinham comprado era o feiticeiro, que sabia que o rapaz havia de ir ali feito em cavallo, e foi elle quem quiz comprar o freio. O feiticeiro não lh'o queria tirar, mas um dos companheiros quando chegou á estallagem, e em quanto apanhou o feiticeiro entertido tirou o freio ao cavallo para lhe dar de comer. O cavallo mal se viu sem o freio fez-se logo numa rã e atirou-se a um regato de agoa; o feiticeiro fez-se num peixe para ir comer a rã; a rã fez-se num passarinho e assubiu ao ar; o feiticeiro fez-se num gafranhoto (milhano) para comer o passarinho; o passarinho foi para o beiral de um telhado e fez-se num anel que se enfiou no dedo de uma menina que estava á janella. O gafranhoto fez-se um

homem e pediu á menina para lhe vender o anel, que lhe dava muito dinheiro. A menina ia a dar o anel ao feiticeiro, e elle caiu-lhe no chão e fez-se em milho; o feiticeiro formou-se numa gallinha para comer o milho; o milho depois formou-se numa raposa e comeu a gallinha que era o feiticeiro. E assim o rapaz venceu e ficou com toda a riqueza do feiticeiro e veiu para casa do pai.

(Oporto)

23. O GATO MIS MIS.

Versão fidelissima do *Chat botté* de Perrault. Todos os pormenores os mesmos. O dono é chamado marquez de Caramba. O gato tem medo do verdadeiro marquez que era feiticeiro. Elle vai visita-lo. O marquez faz-se numa onça e o gato foge para cima de uma trave todo assustado. Depois o gato pede-lhe que se faça num rato, e elle come-o. No fim depois do moleiro ter casado com a filha do rei, o gato andava sempre dizendo que se não fosse elle o amo não tinha sido feliz. A princeza um dia ouviu, e preguntou-lhe o que era que o gato lhe dizia. O moleiro contou-lhe. Ella muito zangada escreveu ao rei contando-lhe tudo. O rei veiu, mandou matar o moleiro e ficou outra vez com tudo e levou a filha para o palacio. (Esta ultima parte é da versão portugueza.)

(Oporto)

24. O RAPAZ E O GIGANTE.

Era uma vez dois irmãos. O mais velho foi correr mundo e foi servir. O amo fez com elle o ajuste que o primeiro que se zangasse perdia as soldadas, e o que ganhasse havia de tirar ao outro uma correia de pelle das costas. O rapaz acceitou. O amo ao principio dava-lhe de comer, e mandava-o pastar ovelhas para um monte. Depois cada dia lhe ia dando menos de comer, até que a final não lhe dava nada. O rapaz já não podia, até que se

zangou com o amo. O amo então tirou-lhe uma correia das costas e não lhe pagou a soldada. Depois mandou-o embora. O rapaz veio muito triste para casa, e contou ao irmão mais novo. O irmão disse que elle é que lá queria ir, para vingar o irmão. Foi, ajustou-se e passou-lhe o mesmo. Mas o rapaz, como o amo não lhe dava pão, cada dia matava no monte uma ovelha e comia-a assada. A' noite o amo dava por falta do carneiro, mas não se queria zangar. Até que a final o amo, como lhe iam faltando sempre as ovelhas, zangou-se com o criado. O rapaz queria que elle lhe pagasse a soldada, e queria tirar-lhe a correia das costas. Mas o amo disse-lhe que o mandava a casa de um compadre para elle lhe pagar. Como o rapaz disse que não sabia escrever, mandou-o com uma carta ao compadre que era um gigante, para elle o matar. O rapaz no caminho leu a carta, mas não disse nada. O gigante quando o viu depois de lêr a carta, começou a mandar-lhe fazer serviços muito pesados, como o compadre lhe tinha dito. Deu-lhe uma corda muito grande para elle a trazer cheia de lenha. O rapaz foi para o pinhal e começou a atar o pinhal todo e disse ao gigante que era para o trazer, que escusava de andar sempre aos caminhos. O gigante, quando viu isto, ficou assustado, e não quiz, e o rapaz disse-lhe então que trouxesse elle o feixe, que elle por isso não se incommodava. Depois o gigante mandou-o buscar uma pipa de agua a uma fonte. O rapaz começou a cavar a fonte, e o gigante ficou muito assustado e não quiz. O rapaz então disse-lhe que levasse a pipa, que elle por isso não se incommodava. Depois o rapaz furou um pinheiro, e tapou o buraco. Foi dizer ao gigante que elle não era capaz de furar o pinheiro com o dedo. O gigante foi e partiu o dedo. O rapaz foi ao buraco e fingiu que o furou. O gigante ficou muito espantado e mandou o rapaz embora e pagou-lhe a soldada. Depois o rapaz foi a casa do amo antigo, apanhou-o e tirou-lhe a correia das costas. Foi então para casa e mostrou ao irmão e foi pôr-lha nas costas.

(Oporto)

25. A MORTE QUE FEZ UM HOMEM RICO.

Um homem tinha muitos filhos, e já todos os homens da freguezia eram seus compadres. A mulher alcançou outra vez, e pronta estava para parir; o homem que não queria pedir a mais ninguem abalou de casa. Encontrou no caminho um homem muito desfigurado, que lhe perguntou onde elle ia. Elle contou-lhe, e o homem disse-lhe que voltasse para traz, que elle era o seu padrinho. Assim foi. Quando acabou o baptizado, o homem disse: « Compadre, repare bem para mim, para me conhecer onde quer que me encontrar. Eu sou a Morte. Tu, muda de casa e faz-te medico, que has-de ganhar muito dinheiro. Em tu me vendo aos pés da cama de qualquer doente, é porque elle escapa. Em tu me vendo á cabeceira, é porque elle morre. » O homem assim fez; começou a ter muita fama, e ganhava muito dinheiro, e já estava muito rico mais os filhos. Num dia a Morte chegou-se ao pé d'elle e disse-lhe : « Bem, agora já te fiz rico, mas hoje chegou a tua vez e venho matar-te. » O homem pediu muito que o deixasse viver mais um anno. A Morte consentiu. O homem então mandou fazer uma torre de bronze, com as paredes muito grossas, para a Morte lá não entrar. Quando o anno estava quasi a acabar, elle mandou fazer um anel de ouro, metteu-o no dedo, e fechou-se na torre. Estava lá a jantar, e appareceu-lhe a Morte ao pé d'elle. Elle muito assustado, perguntou-lhe: « Oh! comadre Morte, tu por onde é que entrastes ? » A Morte disse que pelo buraco da fechadura. Elle então disse-lhe: « Já que tu te mettestes pelo buraco da fechadura, has-de metter-te pelo buraco d'esta cabaça. » A Morte metteu-se e elle tapou a cabaça com uma rolha, e disse á Morte: « Agora sae d'ahi para fóra se és capaz. » A Morte disse-lhe: « Oh! compadre, pois eu fiz-te tanto beneficio, e tu agora queres-me aqui deixar dentro d'esta cabaça ? Tira-me a rolha, que eu não te faço mal. » O homem tornou a perguntar-lhe se ella não lhe fazia mal. A Morte disse que não. Elle destapou a

cabaça e ao tempo que destapou, caiu mas não morto, e a morte roubou-lhe o anel. Elle disse : « Oh ! comadre, então tu promettestes-me que me não matavas, e agora queres-me matar. Deixa-me ao menos rezar um padre nosso e uma ave-maria pela minha alma. » A Morte consentiu. Elle que faz ? Começou a rezar o padre nosso até ao meio , e depois tornava a começar. De modo que a Morte não o podia matar. O homem então saiu da torre, e começou outra vez na sua vida. Um dia andava elle á caça e a Morte fingiu-se de morta no meio do monte. O homem chegou, julgando que era um homem morto, disse : « Oh ! pobre homem, quem te matou ? Deixa-me ao menos rezar um padre nosso e uma ave-maria pela tua alma. » Rezou, mas ao tempo que acabou, a Morte levantou-se e matou-o.

(Oporto)

26. JOÃO PELLUDO

Lavrador casado e sem filhos. Tinha uma amiga que lhe disse que matasse a mulher. O homen perguntou como a havia de matar sem crime. A amiga disse-lhe que lhe desse fiação ao guardar o gado. O marido deu-lhe dois arrateis de linho para ella fiar, e que se o não fizesse, que a matava com pancadas. A mulher foi a chorar, e encontrou uma menina com uma roca. Ella perguntou-lhe o que tinha, e a mulher contou-lhe. A menina tirou a sua fiação da roca, e ajudou a fiar a fiação da mulher. A mulher ficou com tudo fiado e foi-se embora com o gado. O homem quando a viu disse-lhe : « Vês o que vale o medo, pois amanhã has-de fiar quatro arrateis. » No outro dia a mulher foi para o monte, e com a canceira da fiação perdeu o gado. Aquelle monte onde a mulher ia chamava-se o « monte do urso ». A mulher começou a procurar o gado e não o achou. Ella começou a chorar e disse que não ia para casa, porque o marido a matava, e ficou aquella noite no monte. O gado chegou a casa, mas faltava uma toura. O bicho urso tinha-a vindo buscar ao monte e levou-

a para a cova. Depois de noite veiu buscar tambem a mulher e levou-a para a cova. Depois teve copia (*sic*) com ella como se fosse um homem. A comida d'elles no buraco era sempre carne, que o urso todas as noites ia buscar. A mulher ao fim de nove mezes teve um filho, que tambem era filho do urso. O filho foi crescendo e quando tinha tres mezes, perguntou-lhe : « Minha mãe, que estamos nós aqui a fazer debaixo do chão nesta cova ? » A mulher respondeu-lhe : « Nós não podemos sair d'aqui, porque teu pai é o bicho que está aqui nesta cova. » O rapaz ficou muito zangado e disse para a mãi : « Minha mãi, não me diga que meu pai é um bicho, meu pai é um homem. » A mulher disse-lhe que não, que era um bicho. O filho disse : « Pois deixa estar, que eu vou matar o bicho, e escacho-o de meio a meio. E se elle torna aqui a vir outra vez a lamber-me ou á minha mãe, eu escacho-o de meio a meio. » Ao fim d'este tempo o menino poz os hombros á pedra que tapava a cova e virou-a, e depois sahiu e mais a mãi. A mãi ia quasi nua, e elle ia todo coberto de pello, porque era muito pelludo. Foram esconder-se numas devezas de castanheiros, até chegar a noute. O bicho assim que chegou ao buraco e que os não encontrou, dava berros que se ouvia mais de uma legoa. Assim que veiu a noute, o filho disse para a mulher : « Minha mãe, vamos para casa de meu pai. » Passaram á porta de uma vizinha, que perguntou á mulher donde ella vinha, que ha tanto tempo que a não tinha visto. Ella disse : « Eu venho do buraco do bicho urso, e este filho é o que eu lá fui buscar. » A vizinha disse : « Então o teu homem agora não te quer, que tem lá casa outra mulher. » O filho disse : « Não que elle ha de querer, senão é porque o escacho de meio a meio. » A vizinha deu fato á mulher para ella se vestir. Foram depois para a porta do lavrador, e bateram á porta tres vezes, sem ninguem responder. A' quarta vez, o homem perguntou de fóra muito zangado quem estava ahi. Responde o filho : « E' o seu filho e a sua mulher, e abra a porta. » O homem não queria abrir a porta, e disse que não tinha filho nenhum. O filho disse-

lhe : « Abra a porta, meu pai, senão escacho-o de meio a meio. » O pai vinha para bater no rapaz, mas elle botou-lhe as unhas, e disse-lhe que os deixasse entrar, senão que o matava ali. A outra mulher fugiu. O homem não teve outro remedio senão deixa-los entrar, e desde ali ao futuro fez vida com a mulher, e tratou-a bem e mais ao filho. O filho não fazia senão crescer. O que havia de crescer num anno crescia num mez, e estava todo coberto de cabello, de modo que não precisava de fato. O pai tinha muito medo d'elle. O pequeno andava a brincar com os outros rapazes. Os outros rapazes, como o viam tão cheio de cabello, não faziam senão dizer-lhe : « Oh ! pelludo, oh ! bicho. » Elle um dia zangou-se e disse para os outros rapazes : « Oh ! meus amigos, olhai que se me tornais a chamar pelludo, eu escacho-vos de meio a meio. » Foi para casa e disse para a mãi : « Oh ! minha mãi, eu quero-me baptizar. » A mãi disse : « Pois sim. » Foram-no baptizar e pozeram-lhe o nome de João. Porém os rapazes, como elle era muito pelludo, chamavam-lhe João Pelludo. Elle zangou-se e um dia foi-se a elles, e moeu-os de pancadas. João Pelludo quiz ir para a escola. Disse á mãi que os mais rapazes sabiam lêr e então que elle tambem queria aprender. A mãi disse que sim. João Pelludo foi para a escola, mas os rapazes não faziam senão chamar-lhe pelludo. Elle moia-os de pancadas. Um dia num campo havia uma pereira muito ramalhuda, e jantaram todos á sombra d'aquella pereira os rapazes e o João Pelludo. Trataram de fazer ali uma comida, e cada um havia de dar a sua cousa. Perguntaram ao João Pelludo se elle queria dar alguma cousa. Elle disse que sim. Foi á mãe pedir-lhe alguma cousa, e a mãi deu-lhe um focinho de porco. Foram para debaixo da pereira e ali comeram tudo. Depois os rapazes disseram uns para os outros : « Oh ! rapazes, nós havemos de matar aqui o João Pelludo. Fingimos que queremos trepar á pereira e não podemos, depois elle vae, e quando a gente o vir lá matamos-lo a pedradas. » Assim foi. Mal elles lá o pilharam, entraram a dar-lhe pedradas. Elle de cima começou a gritar : « Estai quietos, senão desço e mato-vos a todos. » Elles não fize-

ram caso. João Pelludo desceu, arrancou a pereira, e foi-se aos rapazes e matou-os todos. Foi para casa e contou á mãi o acontecido. A mãi ficou muito triste a chorar o que havia de ser d'ella. As mãis dos mortos e os pais juntaram-se todos em casa da mãi a clamarem justiça. O João Pelludo foi-se a elles e matou-os todos. E depois foi para a escola sem se importar com a justiça. Donde nessa escola andavam os filhos do rei e muitos fidalgos. Não faziam senão chamar-lhe pelludo e bicho. João Pelludo tornou a avisa-los. Como elles continuaram, foi-se aos dois filhos do rei e matou-os. O outro que ficou fugiu e foi dar parte ao rei. O João Pelludo chegou a casa e disse para a mãi : « Minha mãi, eu matei os filhos do rei, agora vou para o monte, para uma cova. Diga a meu pai que me mande fazer uma bengala de quatro quintaes de ferro de peso, e se alguem aqui me procura, que va ter comigo ao monte, que eu lá estou. » O rei tratou logo de mandar muita tropa para prender o Pelludo. Foram ter com elle ao monte. João Pelludo encostou-se a um pinheiro, e deixou chegar a tropa á beira d'elle, e assim que elle viu que vinham ao pé, botou a mão ao pinheiro, arrancou-o e deixou-o cair por cima da tropa, onde matou a maior parte d'ella. Arrancou outro pinheiro e deixou-o cair para outro lado. Alguns que escaparam trataram de fugir para palacio a dar parte ao rei. O rei disse que não lhe queria fazer mal nenhum, que só queria que lh'o levassem á sua presença para vêr que qualidade de homem elle era. O João Pelludo, assim que deu cabo da tropa foi para casa outra vez, e perguntou ao pai se tinha a bengala prompta. O pai disse que não. João Pelludo disse ao pai que tratasse de lh'a arranjar, senão que vinha e que o escachava. Neste comenos, foi outra força de tropa procura-lo ao monte. Mas como o não encontraram, foram-se embora. O homem que o João Pelludo queria por força que fosse o pai, foi ter com doze ferreiros, para lhe fazerem a bengala. Juntaram-se os doze ferreiros, cada um deu o ferro que tinha e juntaram-no num monte a vêr se chegava ao peso da bengala. Fizeram-na, e depois perguntaram os ferreiros : « Então quem é que ha-de agora

vir buscar a bengala? » O João Pelludo disse logo: « Ora essa! quem a ha-de levar, sou eu mesmo. » Os ferreiros ficaram muito admirados e disseram: « Pois então nós somos doze e não podemos com ella, e tu só é que a has-de levar? » João Pelludo perguntou: « Quanto costou a bengala? » — « Doze moedas », disseram os ferreiros. » — « Pois se eu a não levar, perco vinte e quatro. » Fizeram a aposta, e o João Pelludo pegou e metteu o dedo mendinho debaixo da bengala e voltou-a logo. Depois o João Pelludo pegou na bengala e foi-se embora. Foi correr terras. Chegou á beira de um rio, onde estava um gigante deitado. Pregunta elle ao gigante: « O que estás tu ahi a fazer? » Responde-lhe o gigante: « Estou aqui para passar gente neste rio, porque eu chamo-me *rio bom* e *rio mau*. » Perguntou-lhe o João Pelludo: « Então porque é que tu te chamas assim? » — « E' porque eu quando quero ponho este rio bom, e quando quero ponho-o mau. » Diz o João Pelludo: « Ora, anda d'ahi e vem comigo, que eu pago-te a soldada. » Chegaram ao cimo de um monte e encontraram outro gigante a arrancar pinheiros. Arrancava um de cada vez. Preguntou-lhe o João Pelludo: « Que andas tu ahi a fazer, oh! gigante? » Elle respondeu: « Eu ando aqui a arrancar estes pinheiros. » O João Pelludo agarrou na bengala e arrasou logo o pinhal de uma vez. Depois disse-lhe: « Agora já não tens que fazer, pega em ti e vem comigo, que eu pago-te a soldada. » Chegaram a outra montanha, e andava outro gigante a arrasar as serras dos altos para os baixos. Donde o João Pelludo pegou na bengala e arrasou logo uns poucos de montes todos juntos, e disse ao gigante: « Anda d'ahi, vem comigo, que ganhas o mesmo que os outros, e vamos por ahi adiante. » E foram todos os quatro e chegaram a uma villa e pediram quartel para dormirem. Uma mulher onde elles foram bater, disse que não tinha agasalho para lhe dar, mas que lhe dava a chave de uma casa para elles lá irem ficar. Mas que lá naquella casa iam lá dormir muitos passageiros, mas que não tornavam a apparecer. O João Pelludo respondeu: « Ora, nessa

casa me quero ir. » E disse para os companheiros para lá irem ficar, e foram todos quatro. Entraram para dentro, e o João Pelludo disse : « Olá, meus amigos, um ha-de ficar aqui e os outros vão procurar comida. » O *rio bom* foi o que ficou. Elles foram á comida e demoraram-se até muito tarde. O *rio bom* estava deitado e ouviu uma voz dizer : « Eu caio, eu caio. » O gigante ficou logo muito assustado, e não respondeu nada. A mesma voz tornou a dizer : « Eu caio. » A' terceira vez que repetiu « Eu caio », o gigante disse : « Pois cae, mas não caias cá por cima de mim », e estava todo cheio de medo. Assim caiu aquella abentesma, com a figura de um homem velho, e disse para o gigante : « Levanta-te d'ahi, que temos de ir jogar um jogo. » E foi buscar uma duzia de espadas, todas num molho, que reluziam como prata, e uma só ferrugenta. Chegou ao pé do gigante e disse-lhe : « Tu qual queres, jogar com estas doze ou com esta só ? » O gigante lá entendeu que as doze tinham mais força que uma só, e escolheu as doze. Foram jogar. A espada ferrugenta era de ferro, e as doze luzidas eram de vidro. O abentesma foi despedaçando todas, e depois matou o gigante, e partiu-o aos pedaços e metteu-o numa bacia, e metteu a bacia dentro de um armario. Chegaram os outros de fóra, não viram luz accesa. O João Pelludo começou a chamar por elle tres vezes. Como elle não respondeu, disse para os companheiros : « Querem ver que elle fugiu ? Pois se o encontro, não lhe deixo senão as orelhas. » Depois foram fazer a comida para os tres. Na outra noute seguinte, disse o João Pelludo para os dois companheiros : « Hoje fica um, mas não faça como fez o outro, e nós vamos arranjar a comida. » Ficou o arranca-pinheiros. A' meia noite ouviu a voz a dizer : « Eu caio » (o mesmo). O arranca-pinheiros logo á primeira vez lhe disse, ainda com medo, mas com menos medo do que o outro : « Pois cae para ahi ! » (Depois o mesmo até a morte dentro da bacia.) Chegou-se a terceira noite (o mesmo) ; ficou o arrasa-serras. Aconteceu o mesmo e morreu. Chegou o João Pelludo á noite e começou a chamar por elle. Como elle lhe não respondeu, jul-

gou que elle tinha fugido como os outros, e ficou desesperado. Depois foi accender o lume para fazer a comida para elle só. Ouviu a mesma voz a dizer : « Eu caio. » Diz elle : « E's tu *Rio bom*? anda lá que eu cá te espero. » Ouviu outra vez a voz a dizer : « Eu caio ». Diz elle : « E's tu *Arrancapinheiros*? anda lá que eu cá te espero. » Ouviu a voz terceira vez : « Eu caio. » Diz elle « E's tu *Arrasa serras*? anda lá que eu cá te espero. » Tornou a voz : « Eu caio. » Diz elle : « Cae ou não cae, seu f.... de p...., olhe que o racho com a bengala. » Caiu então um braço. A' segunda vez, caiu outro braço. O João Pelludo disse então todo desesperado : « Cae por uma vez, seu f.... de p.... » Caiu o resto, e fez-se tudo na mesma abentesma com a figura do homem velho. Ao tempo que caiu a abentesma disse : « Olá, estás a cozinhar, levanta-te, que quero ir pelejar contigo. » O João Pelludo poz-se a assobiar, e nem sequer olhou para o velho. O velho vae e poz-se-lhe a mijar no lume para lh'o apagar. O João Pelludo zangado arrumou-lhe com a bengala, que o espernegou logo. O velho disse : « Olá, tu tens assim valentia, pois havemos de jogar um bocado de espada. Diz o João Pelludo : « Eu não preciso de espada, tenho aqui a minha bengala para jogar com ella. Talvez fosses tu, que me destes cabo dos meus companheiros. » O velho disse : « Fui, e faço-te a ti o mesmo se tu não te habilitares a jogar a espada comigo. » O João Pelludo disse : « Pois sim, vamos lá jogar com uma espada. » O velho foi buscar as espadas para elle escolher. O Pelludo escolheu a ferrugenta. O velho queria que elle escolhesse as outras, mas o João Pelludo não quiz. João Pelludo foi jogar e venceu o velho que era o demonio. Cortou-lhe uma orelha. Como o demonio não podia ir para o inferno sem a orelha, queria que o João Pelludo lh'a désse. Elle disse-lhe : « Dou-t'a, se me apresentares aqui os meus companheiros. » O demonio, como queria a orelha, foi ao armario, tirou as bacias, e deu-lhe os companheiros vivos. Depois o João Pelludo foi-se ao demonio e em logar de lhe dar a orelha, cortou-lhe a outra, e metteu-as ambas de duas num bolso. Depois

o demonio deitou a fugir por um corredor subterraneo, e o João Pelludo e os companheiros foram sobre elle pelo rasto de sangue que elle ia deixando. Foram ter a um jardim. No jardim estava um poço e o rasto de sangue ia a entrar pelo poço dentro. O João Pelludo disse para os companheiros : « Elle está aqui dentro, qual de nós é que lá ha-de ir primeiro ? » Disse o *Rio bom* que ia elle. O João Pelludo metteu-o dentro de um cesto e deu-lhe uma campainha, para elle tocar quando quizesse vir para cima. O gigante foi descendo, mas eram tantas as balboretas (borboletas), as salamagantas e lumi-cús a saltarem-lhe á cara, que elle atemorizou-se e veiu para cima de caminho. Logo foi o *Arranca-pinheiros*, aconteceu-lhe o mesmo. Foi só mais abaixo uma braça. O *Arrasa-serras* foi, chegou ao fundo do poço, mas viu tamanha escuridão que voltou para cima com toda a pressa. Foi então o João Pelludo. Elle disse: « Agora vou eu; quanto mais eu for tocando a campainha, quanto mais vão arriando, que eu quando chegar ao fundo do poço, calo a campainha, e d'aqui a pouco, quando eu tornar a tocar, puchai-me para cima. » Metteu-se dentro do cesto, e mais a bengala. Elle ia tocando sempre. Chegou ao fundo e encontrou umas minas, e foi indo sempre por ali fóra atraz do rasto de sangue. Chegou ao fim, e viu uma sala, e uma princeza muito linda assentada num trono. Diz-lhe o João Pelludo : « Que fazeis aqui ? Visteis aqui passar um velho que eu procuro ? » Diz ella : « Não, mas passou agora um redemoinho de vento e talvez fosse com elle. Ide-vos embora, que eu estou aqui encantada. » — « Quem é o vosso encanto ? » perguntou o João Pelludo ? Ella respondeu : « E' o leão de ouro. Tem força de quatro cavallos; ide-vos embora, senão elle dobra-me o meu encanto e encanta-vos tambem. » O João Pelludo deu com a bengala no leão d'ouro, que elle partiu-se em dois, e a princeza ficou logo desencantada. João Pelludo pegou nella e veiu mettê-la no cesto, e tocou a campainha. A princeza deu-lhe um anel muito rico com o nome d'ella e do rei da Asia. João Pelludo disse-lhe que esperasse lá em cima do poço, e que botassem depois o cesto.

Assim que ella chegou acima, o *Rio bom* queria logo fugir com ella, mas ella não quiz e disse que não se ia embora, sem virem tambem as outras duas princezas que ainda estavam encantadas. O João Pelludo foi por outra mina, e ao fundo viu outro jardim. No jardim estava assentada uma princeza. Elle perguntou se ella tinha visto passar o velho. Ella disse que só tinha sentido um redemoinho de vento. Elle perguntou-lhe o que fazia ella ali. Ella respondeu que estava encantada numa aguia. João Pelludo perguntou se não se podia matar a aguia. Ella disse que sim. « Quem colher uma setta de diamantes e apontar com ella ao sol, a aguia vem, pousa-se nella e alli morre. » A princeza tinha a setta, deu-a ao João Pelludo; elle amarrou-a na bengala, apontou com ella ao sol; veiu logo a aguia, pousou na setta, e ficou atordoada, e o João Pelludo com a bengala acabou de a matar. A princeza ficou logo desencantada. Elle pegou nella e foi leva-la ao cesto. Ella deu-lhe um lenço bordado a ouro, com dois corações de ouro no meio, com o nome do rei da Austria. Tocou a campainha e elles guindaram-na para cima. Chegou a cima e o *Arranca-pinheiros* queria tambem fugir com ella. Ella disse que não ia sem vir a terceira, que ainda lá estava. O João Pelludo foi seguindo por outra mina e foi a uma sala, toda de ouro aonde estava uma outra princeza, muito triste, por as duas companheiras estarem desencantadas e ella não, por o seu encanto ser muito bravo. João Pelludo lhe perguntou quem era o encanto d'ella. A princeza respondeu que era uma bicha de sete cabeças, que dava berros debaixo do chão que se ouviam a umas poucas de legoas. João Pelludo disse que a havia de desencantar, e esperou pela bicha. A bicha veiu, e elle com a bengala matou-a. Depois foi leva-la ao cesto. Ella deu-lhe um lenço com quatro corações de ouro, um em cada ponta. Tocou a campainha, e ella foi para cima. Os tres que estavam em cima queriam fugir, mas as tres não quizeram sem vir a quarta que faltava. João Pelludo foi por outra mina fóra. Foi dar a um jardim, com um gradeamento de bronze em volta, dentro do gradeamento estava um chafariz, dentro do chafariz estava um nicho, e

dentro do nicho estava uma princeza mettida. João Pelludo queria vêr se lá estava dentro, mas não poude por o gradeamento ser muito alto e todo de bronze. A princeza disse-lhe que se fosse embora, que vinha ali o encanto della que o matava. Elle preguntou quem era o encanto. Ella disse que era o diabo do inferno. João Pelludo disse : « Oh ! oh ! oh ! atraz desse filho de puta ando eu ha bastante tempo. » No mesmo instante appareceu o demonio. O João Pelludo tirou as orelhas da algibeira, e trincou-lh'as. O demonio disse logo : « Que queres tu, homem ? » João Pelludo disse : « Quero esta princeza lá fóra já ao pé das outras. » O demonio disse : « Isso não faço eu, só se tu me deres as minhas orelhas. » João Pelludo disse : « Bem, mas ha-de ser depois de ella lá estar em cima. » João Pelludo disse-lhe que se elle não pozesse lá a princeza, que o moia com a bengala. O demonio não quiz, mas o João Pelludo foi-se a elle e deu-lhe uma pancada com a bengala. Ao tempo que elle lhe deu, a princeza ficou desencantada, e foi a correr pela mina adiante até ao fundo do poço. João Pelludo metteu-a no cesto, e ella foi-se. Esta princeza não deu prenda nenhuma ao João Pelludo. Chegaram a cima, e deitaram o cesto. Elle em baixo pegou na bengala dentro do cesto. Elles foram puchando o cesto até meio, e depois deixaram-no cair julgando que era o João Pelludo. Depois pegaram nas princezas, e foram-se embora. João Pelludo ficou só no fundo do poço. Andou a vêr tudo, e depois quando já estava farto de andar, de enraivecido metteu a mão na algibeira e trincou as duas orelhas do demonio. Appareceu-lhe logo o demonio, e perguntou-lhe : « O que queres tu ? » — « Quero que me ponhas lá fóra d'esta mina. » — « Sim, se me dás as minhas orelhas », disse o demonio. João Pelludo disse : « Dou. » O demonio disse : « Mas não te levo a bengala. » João Pelludo disse : « Pois a bengala é que tu lá has-de ir pôr primeiro. » O demonio levou-lhe então a bengala e depois veiu busca-lo a elle. Quando chegou a cima, não encontrou já os companheiros nem as princezas. João Pelludo disse para o demonio : « Se me pões agora onde estão os meus compa-

nheiros, dou-te as orelhas. » O demonio foi po-lo ao pé dos companheiros. » Mas o *Rio bom* já tinha passado para o outro lado, e depois fez o rio bravo. O demonio passou-o, mas elles já tinham fugido para o reino da primeira princeza. O João Pelludo não lhe deu as orelhas ao demonio. Depois o João Pelludo foi para a capital da Asia, e hospedou-se lá numa estallagem. O *Rio bom* estava casado com a primeira princeza. O *Arranca-pinheiros* foi para a capital da Austria e casou com a segunda. O da terceira foi para a Africa, e casou com a terceira, e a solteira foram-na pôr na India. Depois o João Pelludo vestiu-se de cavalleiro e foi passear pela capital da Asia, levando o anel que a princeza lhe tinha dado no dedo. Estava ella á janella quando elle passou. Ella deu fé, e disse para o rei : « Oh ! meu pai, que vae ali o gigante que me desencantou. » O rei mandou logo um camarista chama-lo. Mas elle no entretanto fugiu para a estallagem. No segundo dia, trincou de novo a orelha ao demonio e elle apresentou-lhe outro cavallo e outro fato de outra qualidade. Passou e aconteceu-lhe o mesmo. Ao terceiro dia, tornou a passar. O rei poz sentinellas pela rua, e disse-lhes que quando passasse aquelle cavalleiro, que o fossem acompanhar para vêr aonde se recolhia. Elle passou; foram as sentinellas atraz d'elle, e foram dar com elle á estallagem. Elle apresentou-se e o camarista disse-lhe que estava ali da parte de Sua Magestade, para o levar a palacio, que lhe queria dar uma pensão, por elle ter desencantado a princeza. Elle disse que fossem adiante, porque elle lá ia ter. Quando o camarista se foi, João Pelludo trincou a orelha do diabo, e elle appareceu-lhe logo, e João Pelludo pediu-lhe um cavallo mais rico que o do rei. Apresentou-se lá, e foi fallar ao rei. O cavallo era o demonio mesmo. O rei perguntou-lhe quem elle era. Elle disse que era um guerreiro. O rei perguntou-lhe se tinha sido elle que tinha desencantado a filha. A princeza que estava a ouvir, disse logo para o rei que era e agarrou-se a elle. João Pelludo disse á princeza que fosse para o pé. O marido da primeira princeza foi casar com a quarta que estava solteira. Depois o João Pelludo encon-

trou a segunda, ella reconheceu-o, e elle mandou metter o marido dentro de uma torre. Depois encontrou a terceira, ella reconheceu-o, o marido foi posto noutra torre. Neste comenos o primeiro que estava casado com a solteira, desafiou o João Pelludo, e elle ia para se bater com elle. Mas o diabo para se vingar do João Pelludo, deu-lhe armas de fogo, que foi quando foram inventadas, e elle matou o João Pelludo.

(Oporto)

27. O SENHOR DA CRUZ.

Era uma vez uma mulher casada e era muito pobre e tinha um irmão muito rico. A mulher era casada, e um dia foi a um monte onde estava uma capella do senhor da Cruz, e disse-lhe que fosse elle jantar com ella no dia seguinte, que ella tinha uma gallinha morta e preparada. O senhor disse-lhe que sim. A mulher foi para casa e no outro dia arranjou tudo. Logo pela manhã appareceu-lhe um pobre dizendo-lhe que tinha muita fome. A mulher teve muita pena, e deu-lhe a moella. D'ahi a bocado tornou a vir outro pobre com muita fome e pediu-lhe alguma cousa de comer. A mulher com muita pena de encetar a gallinha que era para o senhor da Cruz, deu-lhe o figado. D'ahi a bocado veiu outro pobre com muita fome e pediu que comer. A mulher não tendo já mais que dar, deu-lhe o coração. Depois poz-se á espera do senhor da Cruz, mas elle não veiu. No outro dia a mulher foi muito triste á capella e disse-lhe : « Meu senhor da Cruz, tu tinhas-me promettido que vinhas jantar comigo; eu tinha a gallinha prompta e tu não viestes! » O senhor respondeu-lhe : « Não fui, mas mandei. Vai para casa : vai á arca, que a has-de achar cheia de trigo ; vai ao forno, que o has-de achar cheio de broa; e vai á tua bolsa, que lá has-de achar dinheiro, e nunca te ha-de faltar. » A mulher foi muito contente para casa, contou tudo ao marido, e achou o que o senhor da Cruz lhe tinha dito. D'ahi por diante a mulher tinha tudo o que precisava, e já estava muito rica. O irmão rico perguntou-lhe um dia muito admirado como é que ella sendo tão pobre, estava agora tão rica. A mulher contou-lhe

tudo. O irmão disse : « Bem, como o senhor da Cruz te fez isso por tu o teres convidado para ir comer uma gallinha, o que não me fará a mim, que o vou convidar para comer uma vitella ! » E foi, matou a vitella e andou-se a convidar o senhor da Cruz para no outra dia ir jantar com elle. O senhor disse que sim. O homem veiu para casa, preparou a vitella e poz-se á espera. Appareceu-lhe um pobre com muita fome a pedir-lhe alguma cousa. O homem muito zangado mandou-o pôr fóra de casa, que não partia a vitella, que estava guardada para o senhor da Cruz. Veiu segundo, o mesmo. Terceiro, o mesmo. Esperou pelo senhor depois, mas elle não veiu. No outro dia o homem foi á capella e disse-lhe : « Meu senhor da Cruz, então tinheis-me dito que irieis a minha casa comer a vitella, e eu tinha-a preparada e vós não fosteis ! » O senhor muito zangado respondeu : « Não fui, mas mandei ; e quando tu não attendestes os que iam em meu nome, que me farias a mim ! » O homem foi-se muito triste para casa, e d'ahi por diante começou a fortuna a andar-lhe para traz, a ponto que veiu a ser pobre.

(Maria Canastreira. Oliveira de Azemeis.)

28. O FERREIRO DA MALDIÇÃO

Era uma vez um ferreiro, casado e tinha muitos filhos. Vivia muito pobre, e chamavam-lhe *o ferreiro da maldição, que quando tinha ferro não tinha carvão.* E assim era. Quando tinha ferro, faltava-lhe o carvão, e quando tinha carvão faltava-lhe o ferro, de modo que nunca podia trabalhar, e os filhos quasi que já não tinham que comer, morriam de fóme. Um dia estava elle muito desesperado e saiu pela porta fóra e foi por um bosque a vêr se pedia uma esmola a alguem que encontrasse. Não viu ninguem, mas quando já se vinha embora, encontrou um cavalleiro muito ricamente vestido. O cavalleiro mal o viu, dirigiu-se para elle e preguntou-lhe o que é que elle queria. O ferreiro da maldição contou-lhe a sua historia, e pediu se elle lhe dava alguma cousa,

porque tinha os filhos quasi a morrer de fóme. O cavalleiro, que era o diabo, disse-lhe que lhe dava tudo quanto elle quizesse, mas que em troca elle havia de lhe deixar tirar tres gotas de sangue do dedo mendinho da mão direita, e que depois em qualquer occasião que elle o mandasse chamar que fosse, estivesse aonde estivesse. O ferreiro da maldição disse que sim, deixou tirar as tres gotas de sangue do dedo mendinho, e foi-se embora. Mal chegou a casa, contou tudo á mulher. A mulher, que conheceu que era o diabo, ficou muito afflicta e disse para o marido : « Ai ! homem, que te perdestes ! » O ferreiro respondeu-lhe : « Tenho fé, que me hei-de salvar. » D'ahi por diante, nunca mais lhe tornou a faltar nada. Tinha sempre muito ferro e carvão e já ganhava muito dinheiro para os filhos. Um dia que elle estava na forja, chegou-se um homem ao pé d'elle, e disse-lhe que o cavalleiro que um dia o tinha encontrado no bosque e que lhe tinha pedido tres gotas de sangue do dedo mendinho da mão direita, o mandava chamar. O ferreiro da maldição começou a malhar no ferro com muita força e disse para o homem : « Vocemecê bem vê o que eu tenho que fazer ; não tenho tempo de ir a seu amo. » E começou a salpica-lo com o ferro em braza. O homem tornou outra vez, mas o ferreiro não lhe respondia outra cousa, e elle teve que se ir embora. Voltou a ter com o demonio e contou-lhe. O demonio mandou-lhe outro mensageiro, mas aconteceu-lhe o mesmo. Por fim foi o demonio, e aconteceu-lhe o mesmo, ficando todo queimado com o ferro em braza, e sem poder tentar o ferreiro. Por fim o ferreiro da maldição morreu. Foi ter ás portas do Ceu. Estava lá São Pedro, e quando elle bateu, preguntou-lhe quem era. Elle responde : « O ferreiro da maldição. » São Pedro disse-lhe : « Mais abaixo. » Foi ao purgatorio, bateu, e disseram-lhe : « Mais abaixo. » Foi ao inferno. Bateu, preguntaram-lhe quem era, e elle respondeu : « Ferreiro da maldição. » O demonio, mal ouviu este nome, gritou-lhe : « Fóra d'aqui », e fechou-lhe a porta. Tornou o ferreiro para o Ceu. Bateu á porta. São Pedro preguntou-lhe

quem era, e elle disse : « O ferreiro da maldição, que nem no inferno o querem. » São Pedro abriu-lhe então as portas e o Senhor disse-lhe : « Entra, que o teu logar já aqui estava guardado, porque nunca elle falta aos que sabem ter fé para salvar-se. »

(Maria Canastreira. OLIVEIRA DE AZEMEIS.)

29. PEDRO MALASARES

Variante da Foz do conto do João Pelludo. É uma luz que desce pela chaminé abaixo e que vem desmanchar a ceia a cada um dos companheiros, até que chega a vez de Pedro Malasares que vê a luz, corta-a com a espada, e corta a orelha do diabo, etc.

30. LENDA DO ALICORNO.

Era uma vez dois frades e iam por um caminho, e encontraram um alicorno (gigante só com um olho na testa) a pastar umas ovelhas no monte. O alicorno mal os viu disse-lhes : « Ora adonde vão vocês, que os lobos comem-nos, venham comigo para a minha casa. » Elles foram, e logo alli se abriu no monte uma porta por encanto por onde as ovelhas e o alicorno e os dois frades entraram. O alicorno quando os viu lá dentro, accendeu o lume e matou um dos frades e comeu-o. Depois o alicorno poz-se a dormir. O outro frade escondeu-se, e quando o viu a dormir, ia para o matar, mas depois considerou que a cova não se podia abrir sem o alicorno fazer o encanto, e elle não podia sair. Foi então, poz um espeto no lume, e quando estava em braza passou-lhe o olho e cegou-o. O alicorno depois ao outro dia quando quiz deitar as ovelhas para o pasto, atravessou-se na porta e para o frade não escapar ia apalpando as ovelhas e dizendo a cada uma que passava : « Passa tu, que tens lã. » O frade quando viu isto pegou numa faca, abriu uma ovelha, e metteu-se dentro da pelle, e o alicorno apalpou-o e disse : « Passa tu, que tens lã. » Elle mal se viu fóra disse :

« Tambem passei eu, que não tenho lã. » O alicorno chamou então por um cão muito grande que teve, e o frade teve que fugir para cima de uma arvore, senão o cão matava-o.

(Orense. José Boon y Gonçalvez.)

31. ALBERTO DO DIABO.

Um rei tinha muita pena de não ter filhos. Disse um dia á criada, uma noite que lhe fizesse a cama, que por arte de Deus ou do Diabo havia de ter um filho. Ao fim de nove mezes a rainha teve um filho. Para elle nascer estiveram a chover tres dias. Quando nasceu parou a chuva. Quando tinha cinco annos já fazia diabruras. Matou depois dois mestres, e ao depois ninguem o queria ensinar. Elle foi com outros sete rapazes fazer uma casa num monte. O rei morreu de pesar. Elle com os companheiros roubaram e mataram. Depois um dia matou os companheiros todos. O pai quando ainda era vivo, mandou muitos soldados para os prender. Elle cegava os soldados e mandava-os cegos para o pai. Foi então que o pai morreu de pesar. Veiu depois para casa. Mas a mãi com medo fechou a porta. Depois elle pediu a bençoa á mãi, porque queria ir para Roma confessar-se. Foi ter com o Santo Padre para elle o confessar. O Padre Santo mandou-o para um abbade. Elle confessou-o e disse-lhe que em seis mezes não havia de fallar e que não havia de comer senão aquillo que tirasse da bocca a um cão. Foi caminhando e foi dar a casa de um rei que estava jantando. Preguntaram-lhe quem era, mas elle não disse nada. Deram-lhe de comer, mas elle não quiz nada. Depois atiraram um osso a um cão, e elle então apanhou-o e começou a comer da bocca do cão. O rei tinha uma filha muda, mas assim mesmo como era, havia um rei turco que queria que elle lhe désse a filha. O rei christão tinha muito medo, mas não teve remedio senão ir ao campo batalhar com o turco. O Alberto quando viu isto, pediu um cavallo e uma lança. Logo alli lhe appareceu tudo. Foi como um raio, e foi degollando os turcos. Depois quando

acabou, fugiu, e voltava para casa, e na casca de uma noz recolhia o cavallo, a lança e tudo, e depois ia deitar-se com o cão. O rei christão quando chegou a casa, não fazia senão dizer que queria saber quem era. A filha sabia quem era, mas como era muda, não podia dizer nada. Houve tres batalhas e nas tres aconteceu o mesmo. A' terceira um official feriu o Alberto n'uma perna, que lhe fez deitar sangue. Elle fugiu. Mas o rei deitou um bando para que quando os medicos fossem curar alguem que estivesse ferido, que se fosse solteiro que havia de casar com sua filha. O rei turco quando ouviu dizer isto, fingiu-se ferido. E o rei como acreditou ia para lhe dar a filha e o rei turco já ia para casar. Mas nesta occasião a filha do rei veiu-lhe a fallar e neste momento o Alberto do Diabo tornou a pedir a Deus o cavallo e a lança e veiu e derrotou o rei turco. Então a filha disse ao rei que aquelle era quem tinha salvado o rei nas tres batalhas. Casou então a filha do rei com o Alberto do Diabo, e no fim de tres mezes morreram ambos na graça de Deus.

32. O CORDÃO DE OURO

Uma mulher pobre tinha tres filhas. Defronte morava uma vizinha que era fada. A vizinha um dia mandou chamar a mais velha das meninas para lhe ir ajudar a coser, pois tinha muito trabalho. A menina foi. Chegou lá e a fada (ella não sabia que a mulher era fada) não lhe deu nada ao almoço. Ella ficou muito zangada. Ao jantar deu-lhe um bocado de pão do tamanho de uma avelã. A fada ao mesmo tempo preparou um grande jantar que mandou para a mãi e as outras duas irmãs. A mais velha á noite foi para casa muito desesperada, e disse que não voltava a casa da vizinha para a ajudar, porque ella tinha-a morto de fóme. A fada que tinha vindo escutar, disse consigo: « Esta já me não serve. » No outro dia convidou a outra filha da mulher, a do meio. Esta foi e aconteceu-lhe o mesmo, pois á noite disse quando a mãi lhe perguntou se a vizinha a tinha tratado bem,

que esta a tinha matado á fome. A fada que estava a escutar disse consigo : « Esta já me não serve. » Ao outro dia mandou convidar a irmã mais nova. Esta foi, aconteceu-lhe o mesmo. A vizinha ao almoço não lhe deu nada. Ao jantar deu-lhe um bocado de pão do tamanho de uma castanha. E mandou para a mãi e para as duas irmãs um bello jantar. Mas a menina quando chegou á noite a casa, e que lhe fizeram a pregunta do costume, apesar de estar com muita fóme, disse que a vizinha a tinha tratado muito bem, mas ia comendo sempre. A fada que estava a espreitar, disse consigo : « Esta é que me serve. » No outro dia mandou-a outra vez convidar, e deu-lhe já muito de comer, e como ella mostrasse desejos de lá ficar, ella disse que se pozesse á meia noite á janella com uma bacia de agoa, que havia de passar um phantasma, e que lhe atirasse com a agoa dizendo : « Por debaixo de toda a folha vais », e que de madrugada o phantasma havia de tornar a passar, e lhe fizesse o mesmo. A menina assim fez, e o phantasma nunca mais tornou a passar. Como a mãi quizesse que a menina voltasse para casa, a fada disse-lhe : « Toma lá muita riqueza. Mas quando tu estiveres com tua mãi e com tuas irmãs, ellas gastam-te tudo e tu ficas sem nada. Por isso toma lá este cordão de ouro. Quando te vires n'alguma necessidade, vae vende-lo que não te ha-de faltar nada. » Assim foi. A menina foi para casa, mas a mãi e as irmãs gastaram-lhe tudo, e ellas ficaram muito pobres. E passavam muitas necessidades. A menina lembrou-se então do que lhe tinha dito a fada, e deu á mãi a caixa onde estava o cordão, que era muito fino, como um cabello. A mãi muito desconsolada por o cordão ser tão fino e por isso valer tão pouco, foi a um ourives para o vender. Mas qual não foi o seu espanto, quando viu que por mais que o ourives pozesse pesos na balança, sempre o cordão pesava mais. O ourives não sabia o que havia de fazer, e disse á mulher que fosse aos outros ourives. A mulher foi e aconteceu a mesma cousa. Isto deu tanto que fallar, que chegou aos ouvidos do rei que mandou chamar a mulher para lhe comprar o cordão. A

mulher foi e o rei mandou vir uma balança e começou a deitar as joias que trazia para dentro. Mas o cordão sempre pesava mais. O rei muito admirado deitou na balança todos os seus diamantes, a corôa e o sceptro, mas sempre o cordão pesava mais. Até que finalmente pôz-se elle na balança. Pesava exactamente o mesmo que o cordão. Cada vez mais admirado, pediu á mulher que lhe contasse a historia d'aquelle cordão. Ella contou-lhe tudo. O rei então mandou vir a menina. Ella veiu, poz-se na balança e pesava tambem tanto como o cordão. O rei então disse-lhe que visto ella pesar tanto como o cordão e elle tambem, pesavam ambos o mesmo, e então que casava com ella. E assim foi.

(Dª Maria das Historias.)

33. AS LUZES

Era uma vez um pai com tres filhos. O mais velho foi correr mundo para achar fortuna. Foi andando, foi andando, e lá pela noite adiante levantou-se um grande temporal. Elle abrigou-se debaixo de um alpendre por causa da chuva. Quando estava recolhido viu vir uma luzinha lá ao longe. Depois chegou ao pé d'elle e tornou a ir-se embora. D'ahi a bocado fez o mesmo, e ainda outra vez e outra. O rapaz disse consigo : « Aquella luz parece que me está a chamar. Vamos lá. » E foi. Andou, andou, e a luz sempre adiante até que chegou a um palacio muito lindo. A luz entrou e elle entrou tambem. Depois a luz foi pôr-se em cima de uma mesa onde estava tudo quanto era bom. O rapaz comeu porque estava com muita fome. Depois a luz poz-se a andar até que chegaram a um quarto. O rapaz deitou-se e ao outro dia tinha á cabeceira um fato novo e muito rico em logar do que elle tinha trazido, que estava todo molhado. Assim viveu o rapaz um anno. Comia, bebia, não lhe faltava nada, mas não via ninguem, nem ouvia nada. No fim de esse anno o irmão segundo disse para o pai que tambem queria ir correr mundo e procurar o seu irmão. Foi e aconteceu-lhe exactamente o mesmo,

e ficou no palacio com o irmão. Ao fim de outro anno o irmão mais novo foi tambem. Aconteceu-lhe o mesmo e ficou no palacio. Mas depois de lá estar uns poucos de dias, disse aos irmãos que elle havia de descobrir o mysterio d'aquelle palacio. Começou a procurar tudo, e encontrou numa casa uma chave de prata. Entrou a vêr onde ella servia e abriu uma porta e viu dentro de uma casa tres meninas muito lindas, que mal o viram lhe disseram : « Ai de nós, que nos dobrastes o encanto. » Depois disseram-lhe que chamasse elle os outros dois irmãos. Quando elles vieram a mais velha deu ao mais velho d'elles uma bolsa dizendo-lhe que quanto mais dinheiro tirasse d'ella, mais ella havia de ter. A outra deu ao do meio uma toalha, dizendo-lhe que cada vez que a estendesse, ella se havia de cobrir de tudo quanto era bom. Finalmente a mais nova deu ao mais novo dos irmãos um espelho, dizendo-lhe que quanto mais a elle se visse, mais bonito havia de ficar. Os tres irmãos foram-se então embora do palacio e como tinham tudo quanto queriam, compraram um lindo palacio. Defronte, morava uma princeza que começou a espreitar, e viu o irmão mais velho tirar dinheiro sempre da bolsa sem ella ficar vazia, o segundo pôr a toalha e ella logo encher-se de comida, e o ultimo ficar cada vez mais bonito quanto mais olhava para o espelho. Fingiu-se apaixonada pelo mais novo, para vêr se lhe podia furtar aquellas cousas. Assim foi : o mais novo acreditou, e a princeza tanto lhe pediu que elle, uma occasião que os irmãos estavam a dormir, tirou-lhes a bolsa e a toalha e juntamente com o espelho deu tudo á princeza. Ella mal que se apanhou com as tres cousas nunca mais se importou saber com o rapaz. Os irmãos quando acordaram e que não encontraram a bolsa nem a toalha, começaram a dizer mal á sua vida. O mais novo então contou-lhes tudo e pediu-lhes que lhe perdoassem. Como já não tivessem com que haver dinheiro nem comer, ficaram muito pobres e tiveram que ir correr mundo cada um pelo seu lado. Ia o mais novo muito triste quando lhe appareceu uma velha a perguntar-lhe o que elle tinha. Elle contou-lhe tudo.

Ella então deu-lhe um cesto de figos, e disse-lhe que se fosse disfarçar e mudar de fato, e depois que fosse para defronte do palacio da princeza apregoar figos, que a princeza os havia de comprar, porque naquella estação não os havia. O rapaz assim fez. A princeza comprou os figos e quiz comer um. Mas apenas ella tinha comido, que logo começaram a nascer-lhe cornos por todo o corpo, que num momento ficou coberta d'elles. A princeza ficou muito afflicta e mandou logo chamar os medicos da côrte, mas por mais que fizessem não foram capazes de lhe arrancar os cornos. O rei muito triste e sem saber o que havia de fazer á sua vida, mandou deitar um bando em que promettia a princeza em casamento a quem fosse capaz de a curar. A velha appareceu então ao rapaz e deu-lhe outro cabaz de figos e disse-lhe que fosse a palacio e que se disfarçasse em medico, e que depois expremesse o leite de cada figo em cima de cada corno, que logo lhe caiam. O rapaz assim fez. Chegou ao palacio, pediu para fallar ao rei e disse-lhe que vinha para curar a princeza, mas que o haviam de fechar no quarto com ella, e que por mais que ella gritasse que não lhe abrissem, que era o remedio que estava a fazer effeito. Assim foi. O rapaz expremeu-lhe o leite de um figo e caiu-lhe logo um corno. O rapaz então disse-lhe quem era, e que se ella quizesse que elle lhe tirasse os outros, lhe havia de dar a bolsa, a toalha e o espelho. A princeza não teve outro remedio e deu-lhe as tres cousas. O rapaz então pegou numa chibata que levava e deu-lhe tanto que a deixou como morta. O rei ouvia a princeza gritar muito, mas como se lembrava da recommendação do medico, julgava que era o remedio a fazer effeito. A final o rapaz foi-se embora muito satisfeito, encontrou os irmãos a quem deu a bolsa e a toalha, e depois foram ao palacio encantado buscar as tres meninas, com as quaes casaram.

(Dª Maria das Historias.)

34. O RAPAZ DAS BOTAS DE SETE LEGOAS

Era uma vez um rapaz e tinha cinco irmãos. O pai como não tinha que lhe dar de comer, intentou deixa-los no monte e levou-os para o monte e deu-lhe tremoços para elles irem a comer, que era para os intentar e para elles lá ficarem. O mais novo foi comendo os tremoços e deitando as cascas pelo caminho. Pela manhã o pai foi com elles, encheu as cordas de lenha e deixou-os ficar; mas o mais novo como tinha deixado ficar as cascas, foi indo pelo caminho e foi dar a casa. O pai admirou-se muito de elles encontrarem o caminho. Conversou com a mulher para os tornar a deixar no monte. E deu-lhe milho crú. Os outros irmãos comeram-no, mas o mais novo foi-o deixando pelo caminho. Vieram depois os passarinhos e comeram-no. Quando os meninos viram que o pai os tinha deixado sós no monte, e queriam vir para casa, não atinaram com o caminho. Foram andando, andando, até que foram dar a casa de um lobishomem, onde estava a mulher com cinco filhas do mesmo lobishomem. Os meninos pediram agasalho á mulher sem saberem aonde estavam. A mulher lá os agasalhou com as filhas. D'ahi a pouco chegou o lobishomem, donde disse para a mulher : « Mulher ! cheira-me aqui a carne fresca. » A mulher disse : « Calla-te, homem, que temos ali cinco rapazinhos deitados com nossas filhas, coitadinhos, não lhe faças mal ! » O lobishomem disse-lhe : « Tira-me a ceia. » Depois ceiou e foi-os vêr, donde os achou muito lustridos de gordos, e elles estavam dormindo. Disse elle para a mulher : « Eu vou chamar os meus companheiros. » Em quanto elle foi chamar os outros lobishomens, o mais novo que estava a fingir que dormia, tirou os tapiços que elle e os irmãos tinham na cabeça e pô-los na cabeça das filhas do lobishomem. O lobishomem chegou de fóra d'ahi a pouco, de convidar os companheiros para comerem os meninos, e foi ter com elles á cama para os matarem. Como elles tinham tirado os tapiços, elle não os conheceu, e pensando que matava os meninos matou as

filhas. Nisto estavam os meninos debaixo da cama e fugiram. Neste comenos o lobishomem foi preparar as caldeiras para os cozer, mas quando os foi procurar não os encontrou e viu as filhas mortas. O lobishomem calçou umas botas de cada passada que davam eram sete legoas. Os meninos estavam mettidos numas brechas (pedras). O lobishomem poisou em cima das pedreiras, e os meninos estavam dormindo, mas o mais novo estava acordado. Depois o lobishomem ia enfadado (cansado) e pegou a dormir; o menino foi e tirou-lhe as botas, e chamou pelos irmãos e mandou-os fugir d'ali muito depressa, e em quanto o lobishomem estava dormindo, trataram elles de fugir e o mais novo vestiu as botas das sete legoas. O lobishomem acordou, e o que procurava eram as botas, e como as não achava, não podia andar. O menino foi com as botas ter ao palacio de um rei, contando-lhe que havia ali um lobishomem n'aquella serra. Donde o rei mandou fazer um cêrco áquelle sitio. Depois o menino disse ao rei que com aquellas botas era capaz de ir fazer um recado em que fosse ao inferno, e o rei ficou-lhe chamando *o correio do inferno*. O rei disse-lhe que lhe havia de ir buscar ao inferno um anel, que o diabo trazia entre o coiro e a pelle. O rapaz foi nas botas e chegou ao inferno. Passou uma serra de carvão, e depois encontrou uns portões, adonde viu uma sentinella, donde lhe preguntou que portões eram aquelles. Respondeu-lhe a sentinella que eram os portões do inferno. Elle disse: « Homem! isto mesmo é que eu pretendia de encontrar, que tenho de cá vir buscar um anel que o diabo traz entre o coiro e a pelle. » A sentinella guiou-o pelo inferno dentro. O rapaz encontrou depois uma velha, e disse-lhe: « Velha, eu venho aqui para buscar um anel que o diabo traz entre o coiro e a pelle. » A velha era a mãi do diabo, e disse-lhe: « Pois, calla-te, que eu te vou arranjar isso, mas has-de lá sair para fóra para a serra do carvão. » O rapaz saiu, mas disse á velha que lhe désse resposta no espaço de tres dias. Elle foi-se depois embora, e a mãi do diabo foi catar o filho; depois com a maniça de um fuso, metteu-lh'a

entre o coiro e a pelle e tirou-lhe o anel sem o demonio sentir. Depois entregou-o ao rapaz, que foi leva-lo ao rei. Depois o menino pediu ao rei se lhe dava posses para saber aonde paravam seus irmãos. O rei preguntou-lhe donde elle era. O rapaz como saiu de casa do pai em pequeno não sabia dizer de donde era. O rei então o mandou outra vez para a serra aonde andava o lobishomem. O rapaz disse que não queria ir, porque andavam lá os lobishomens e comiam-no. O rei disse-lhe que não tinha duvida porque se visse algum, que se pozesse nas botas das sete legoas. O rapaz foi-se pôr em cima das brechas onde tinha roubado as botas ao lobishomem. Dormiu ali aquella noite, e pela manhã assim que deu com os olhos no sol, virou-se para o nascente e deu uma passada nas botas e encontrou a casa do pai. O pai tinha morrido, e elle viu só os irmãos. Preguntaram elles onde é que elle tinha ficado. Elle disse que tinha ficado na brecha a tirar as botas ao lobishomem. O rapaz então preguntou aos irmãos como tinham elles vindo a casa direitos. Elles responderam que inda ha tres dias é que tinham feito chegada á casa, que tinham corrido montes e valles, etc. e já não tinham visto nem pai nem mãi. O rapaz contou-lhe por onde tinha andado, e que lhe chamavam *o correio do inferno*. Depois os quatro irmãos foram fazer-se carvoeiros para a serra, e o mais novo foi outra vez para o palacio do rei, onde ficou.

(Antonio José d'Oliveira, ex-coveiro de S. Christovão de Mafamude, e hoje mendigo, natural de Villa da Feira, arredores do Porto.)

35. A MENINA DO CHAPELINHO VERMELHO.

Era uma vez uma mulher que estava numa serra, e teve duas filhas. A primeira chamava-se Maria. Um dia a avó das meninas foi á serra e encontrou a menina mais velha. A menina foi dirigida á avó e beijou-lhe a mão, e a avó disse: « Deixa estar, minha menina, que te hei-de dar um chapelinho vermelho; vae

a minha casa buscá-lo. » A menina foi para casa da mãi, chorando que lhe fizesse um bolinho para levar á sua avózinha, e a outra irmã ficou em casa comida de raiva. A mãi preguntou-lhe : « Então como conheces tu a tua avózinha? » A menina respondeu : « Sei, porque estive agora com ella, e ella disse que me ha de dar um chapelinho vermelho. » A mãi fez-lhe o bolo e mandou-a leva-lo á avó. A menina foi andando muito contente, e chegando a um caminho, encontrou um lobo-homem (tem parte de homem e parte de lobo, mas não é o mesmo que lobishomem). Andava a menina comendo amoras d'um vallado e preguntou-lhe o lobo-homem : « Que fazes ahi, menina? » Ella respondeu : « Estou comendo amorinhas. » O lobo-homem tornou a preguntar-lhe : « Tu que levas ahi? » Ella disse : « Levo aqui um bolinho paraa minha avózinha. » O lobo assim que ouviu fallar nisto disse-lhe : « Pois vae tu por aqui, que eu vou por ali, a ver quem chega lá primeiro. » Chegou elle primeiro e bateu á porta. A velha veiu e abriu a porta e disse : « Entra, minha netinha, entra. » A velha metteu-se depois na cama, e disse para o lobo julgando que era a menina : « Deita-te ahi nessa cama, minha netinha, que has-de estar muito friinha. » Nisto a avó adormeceu. D'ahi a pouco chegou a menina, e bateu á porta. O lobo-homem fallou em logar da avó que estava a dormir : « Entra, menina, que a porta está aberta. » A menina entrou e foi-se deitar com o lobo, julgando que era com a avó. Depois quando estava deitada, começou a correr-lhe a mão pelo corpo, e a dizer-lhe : « Oh! minha avózinha, para que tem vocemecê tanto cabello pelo corpo? » O lobo respondeu : « E' para não ter frio de dia, minha netinha. » A menina tornou a preguntar : « E para que tem vocemecê as pernas tão compridas? » O lobo disse : « E' para correr muito, para andar muita terra em pouco tempo. » Quando estavam com esta conversa, a avó que era uma fada acordou, e tratou de se preparar para encantar o lobo. A menina tornou outra vez a preguntar : « Oh! minha avózinha, para que tem vocemecê uns braços tão

compridos? » O lobo respondeu : « E' para te abraçar bem, minha menina. » A menina tornou a preguntar : « E para que tem vocemecê uma bocca tão escachada? » — « E' para te comer bem, respondeu o lobo, e mais á tua avó »; e ia para comer a menina. Nisto a avó levantou-se muito depressa e deu-lhe uma troçada (pancada) com a varinha de condão, e ficou o lobo encantado. Depois a avó encheu-o todo de foguetes e girasoes amarrados ao lobo, e deitaram-lhe o fogo, e assim que elle sentiu o pello a arder, deitou a fugir, que era o que a velha queria, e mais a menina, e depois o lobo foi-se deitar ao poço do moinho, adonde ali morreu afogado. Depois a avó começou a reprehender a menina por ella dar acceitação ao lobo no caminho. A menina disse-lhe que elle a queria comer « mas eu disse-lhe que vinha trazer um bolinho á minha avózinha, e elle depois disse que vinha de volta. » A avó disse-lhe que não tornasse a fazer aquillo. Depois disse-lhe : « Agora,toma lá o chapelinho vermelho que te prometti, e tu falla sempre muito bem a toda a gente, faz a vontadinha a todos, e se te alguem pedir agua, dá-lh'a com boa vontade, que tu has-de ser feliz. » Nisto foi a menina para a serra para casa da mãi. Não levava nada senão o chapelinho vermelho. A outra irmã estava toda raivosa por não ter um chapellinho tambem. A mãi depois mandou um dia buscar agua a mais velha, mas ella não quiz. A mais nova offereceu-se logo e disse : « Oh! minha mãizinha, dê cá que eu vou. » E assim foi. Estava na fonte enchendo o cantaro, e passou uma velhinha, que era a mesma que lhe tinha dado o chapelinho vermelho, mas que ella não conheceu porque ia de outra maneira. A velhinha pediu agua á menina do chapelinho vermelho, e a menina lh'a deu com muito bom modo. Depois a velha disse-lhe : « Olha, tu és a menina do chapelinho vermelho ? » A menina respondeu : « Sou sim, minha senhora. » A velha disse-lhe : « Pois olha, faz tudo sempre bem, e trata bem todos, que eu hei-de dar-te uma prenda de botares flores pela bocca, quando fallares para alguem. » Depois a velha foi-se embora. Foi a menina para casa com a agua.

A mãi ralhou com ella por ella tardar, e ella disse : « Minha mãi, eu venho agora, porque estive a dar agua e a conversar com uma velhinha, e ella me disse que me havia de dar uma prenda » ; e começou a deitar flores pela bocca. Nisto lhe preguntou a mãi o que fizera ella á velhinha para ella lhe dar aquella prenda. A menina disse : « Ella pediu-me agua e eu disse-lhe que a fosse beber á fonte. » E ella disse-me : « Mal fallada sejas tu, que o premio que recebas seja deitares flores pela bocca. » A irmã mais velha, que estava com muita inveja, quiz ir á agua tambem. E foi. Donde lhe appareceu a mesma velha e disse-lhe : « Oh! menina, dás-me uma pinguinha de agua? » Ella respondeu-lhe : « Ora! eu dou-lhe agora agua! vá bebê-la á fonte! » A velha disse-lhe : « Fadada sejas tu, que laves as mãos e nunca se ellas lavem, e quando fallares deitares chanquinos (sapos pequenos) pela bocca. » Foi ella para o pé da mãi e ella preguntou-lhe o que ella tinha feito que se tinha demorado tanto. » Ella disse : « Ora! passou lá uma velha, pediu-me agua e eu ralhei com ella e disse-lhe que fosse bebê-la á fonte. » E nisto começou a deitar chanquinos pela bocca. A mãi ganhou raiva á mais nova, e começou a bater-lhe por ella ter ensinado a irmã errada. A menina do chapelinho vermelho fugiu para o monte. Andou por ali muito tempo morta com fóme, toda rôta e esfarrapada. Foi depois ser moça de servir. Um dia appareceu ali um principe que ia á caça, e perguntou-lhe, vendo-a tão linda, o que fazia ella por ali. A menina contou-lhe tudo. E nisto começou a botar flores pela bocca. O principe quando viu isto, disse-lhe que ficasse ella ali, que a mandava buscar para casar com ella. Depois o principe preparou uma carruagem e veiu busca-la á serra. E assim fez. Depois arrecebeu-a como sua esposa, e a outra irmã ficou sempre botando os chanquinos pela bocca.

(Idem.)

36. AS TRES CIDRAS DO AMOR.

Era uma vez um principe, que queria casar-se, mas ne-

nhuma princeza lhe agradava. Vinham os retratos de todas de uma banda e d'outra, mas elle a todas achava feias. Um dia veiu-lhe o retrato das tres cidras do amor, e então elle gostou muito d'ellas e pediu ao pai para ir ao castello aonde ellas estavam encantadas. Depois foi, caminhou muito e viu ao longe uma cabaninha no monte. Bateu á porta da cabaninha, e appareceu-lhe uma mulher velha, e perguntou-lhe se ella lhe dizia em que castello é que estavam as tres cidras do amor encantadas. A velha disse-lhe que só o filho, que era o vento, é que sabia, e mandou-o metter debaixo da cama para o filho o não ver. D'ahi a bocado entrou o vento, e sentou-se ao lume, e não fazia senão dizer para a mãi : « Oh! minha mãi, aqui cheira a folgo vivo! » A mãi disse-lhe : « Estás tolo, aqui não está ninguem! » Depois então perguntou a mãi ao filho se elle sabia em que castello é que estavam as tres cidras do amor. Elle disse que era muito longe e que ninguem lá podia ir sem levar comer mastigado da bocca d'elle, e uma mãocheia de cinza de debaixo do pé esquerdo d'elle. Depois elle foi comer e a mãi fingiu que lhe ia tirar um cabello e tirou-lhe da bocca um bocado de comer. Depois fez que foi arrastando lenha para o pé do lume, para lhe pôr cinza debaixo do pé esquerdo. Depois o vento foi-se deitar, e disse á mãi que quem fosse ao tal castello havia de encontrar dois leões. Se elles estivessem com os olhos abertos, estavam a dormir; e se elles estivessem com os olhos fechados, estavam acordados. E que tinham uma chave na bocca, e que quando lh'a tirassem lhe haviam de metter um bocado de comer mastigado na bocca, e que haviam de despejar um bocado de cinza para lhe armar um nevoeiro. E com aquella chave haviam de ir abrir uma gaveta. Nessa gaveta está uma fita vermelha, e puchando por ella haviam de vir as tres cidras atadas todas tres. Depois que as levasse, mas que as não abrisse senão aonde houvesse muita agua. E que quando se viesse embora, que fizesse o mesmo aos leões. O principe deu muito dinheiro á velha e foi para o castello das tres cidras, com o comer mastigado pelo vento e a mãocheia

de cinza do pé esquerdo. Fez tudo o que o vento disse, e trouxe as tres cidras consigo. Chegou a uma fonte que havia no caminho e abriu uma cidra [1]. Appareceu-lhe uma princeza muito formosa, e pediu-lhe agua. Ella bebeu e depois pediu-lhe mais, mas a fonte secou e a menina morreu. O principe ficou muito trìste, e disse consigo que não abria outra senão aonde houvesse muita agua. Foi andando e chegou a uma outra fonte onde havia muita agua. Abriu outra e aconteceu-lhe o mesmo. Ficou muito triste e chegou á terceira fonte onde havia ainda mais agua. Abriu a cidra, sahiu uma princeza ainda mais linda. Pediu-lhe agua, e elle deu-lh'a. Depois pediu-lhe mais, e como a fonte não secou, a princeza escapou. Depois como era perto do palacio, o principe disse-lhe que ia buscar uma carruagem para a levar e que ficasse ella ali. (O final como nas demais versões.)

37. OS TRES MENINOS QUE TINHAM UMA ESTRELLA DE OURO NA TESTA.

Era uma vez um rei, e andava á caça a espalhar as saudades, que lhe tinha morrido o pai ha pouco. Depois então passou por uma casa e viu á janella tres meninas muito lindas. Depois o rei mal chegou a palacio mandou-as chamar para irem á sua presença. Depois então ellas disseram que eram muito pobres e que não tinham roupa para irem. O rei mandou-lhe vestidos para se ellas vestirem. Depois então ellas chegaram a palacio e o rei mandou-as metter num quarto e virem á sua presença nuas em pello. Ellas não queriam, mas elle disse que as mandava matar se ellas não quizessem. Depois ellas foram. Elle mal as viu, mandou-as retirar logo. A mais nova quando veiu, trouxe o cabello todo caido para diante para se tapar. Depois o rei disse que casava com ella. Quando estavam casados, mandou-lhe ler a sua

1. Tambem uma variante diz que são tres maçãs vermelhas.

sina. O advinho disse que ella havia de ter tres meninos, cada um com a sua estrella na testa. Depois elle mandou-a metter numa torre, mais o advinho, até ella ter os tres meninos, para vêr se era verdade. Depois ella teve os meninos e as irmãs mandaram-nos deitar ao mar dentro de tres condecinhas. (D'aqui para diante semelhante á versão de S. Miguel.)

38. HISTORIA DE JOÃO GRILLO.

Havia um rapaz chamado João Grillo, que era muito pobresinho. Os paes queriam a todo o custo casal-o rico, apezar da sua pobreza e falta d'educação.

Um dia espalhou-se por toda a terra, que tinham desapparecido as joias d'uma princeza, e que o rei seu pae daria a mão da princeza a quem descobrisse o auctor do roubo ; mas tambem castigaria com a morte todo aquelle que se fosse apresentar, e que no fim de 3 dias não descobrisse o ladrão.

Começaram os paes de João Grillo a metter-lhe em cabeça que fosse tentar fortuna, mas o rapaz não queria, vendo que já alguns tinham sido mortos por não descobrirem as joias. Em fim, tanto o attentaram que se foi apresentar ao rei.

Os guardas do palacio não o queriam deixar entrar por o verem muito rôto, e começaram a escarnecêl-o dizendo-lhe que era doido, etc. Por fim lá o deixaram entrar. O rei e a princeza tambem se riram muito d'elle, mas não tiveram remedio senão cumprir a sua palavra.

Metteram-no n'um quarto e deram-lhe 3 dias para pensar. Ia só um creado dar-lhe de comer ; e á noute quando esse creado lhe perguntou se queria mais alguma cousa, elle respondeu que não, e ao mesmo tempo dando um suspiro, disse : « Já lá vae um ! » O creado sahiu muito atrapalhado e foi ter com os outros dois, a quem contou as palavras que o João Grillo tinha dito. Estes 3 creados eram justamente os que tinham roubado as joias da princeza, e julgaram que o João Grillo tinha conhecido um dos

ladrões, e por isso tinha dito: « Já lá vae um! » Enganavam-se, porque elle se tinha referido a que já lá ia um dia, e elle ia caminhando para a forca.

Os creados combinaram que no dia seguinte iria outro, para vêr se o Grillo tambem o conhecia. Assim fez; e á noute quando perguntou se queria mais alguma cousa, respondeu João Grillo que não, e repetiu: « Já lá vão dois! » O creado ficou assustadissimo e foi logo contar aos outros. Imagine-se como elles ficaram. No dia seguinte foi o outro, e quando á noute se despediu para se ir embora, diz o João Grillo: « Está prompto: já lá vão os trez ». O creado, conhecendo que estava tudo descoberto, deita-se aos pés de João Grillo e diz-lhe: « E' verdade, senhor, fômos nós 3, mas peço-lhe por tudo quanto ha que não diga ao rei que somos nós os ladrões, porque ficariamos desgraçados. Nós damos as joias todas, mas não ha-de dizer nada. »

João Grillo caiu das nuvens, mas fingiu que effectivamente tinha advinhado. Prometteu ao homem que não diria nada, e mandou-lhe buscar as joias, que elle trouxe logo.

Como tinham findado os 3 dias, foi o rei ter com João Grillo e perguntou-lhe : « Então descobriste? » — « Saiba Vossa Magestade que sim senhor. » O rei riu-se muito julgando que o rapaz estava doido, mas elle apresentou-lhe as joias, sem dizer quem tinha sido o ladrão.

Imagine-se como ficou a princeza, vendo que tinha de casar com aquelle maltrapilho! Chorou muito, e pediu ao pae que não a casasse com tal homem, mas elle dizia-lhe, que a palavra de rei não torna atraz, e que era forçoso casarem. A princeza não teve remedio senão conformar-se; mas o João Grillo, que tinha bom coração, vendo a repugnancia d'ella, disse que desistia do casamento. O rei gostou muito e disse-lhe, que pedisse o que quizesse, que elle tudo lhe faria. João Grillo só pediu para ficar no palacio.

O rei consentiu, e deu-lhe muitos saccos de dinheiro. Ficou o rapaz no palacio, e o rei julgava-o um advinhão.

Um dia o rei apanhou um grillo no jardim; fechou-o na mão, e chamou o João Grillo. Veio o rapaz, e o rei pergunta-lhe: « O' João, advinha lá o que eu tenho fechado n'esta mão? » O rapaz, coitado, começa a coçar na cabeza e a dizer: « Ai! Grillo, Grillo, em que mãos estás mettido! » O rei, julgando que elle se referia ao grillo fechado na mão d'elle, ficou muito contente, dizendo: « Advinhaste, advinhaste, é um grillo! » E deu-lhe muito dinheiro.

Outro dia, encontrou o rabo d'uma porca, que tinham morto, e enterrou-a no quintal. Chamou o João Grillo, e pergunta-lhe: « O' João, advinha lá o que está aqui enterrado? » O pobre Grillo não sabendo o que havia de fazer á sua vida, começa a dizer: « Agora é que a porca torce o rabo! » O rei abraça-o muito contente, e diz: « Advinhaste, advinhaste, é o rabo d'uma porca! » E dava-lhe mais dinheiro. O rapaz vendo-se rico, e temendo que não advinhasse mais alguma cousa, ou para melhor dizer, que o acaso não o favorecesse, escreveu uma carta, fingindo de ser da mãi, a pedir para que fosse immediatamente ter com ella, porque estava a morrer. O rei custou-lhe muito a sahida d'elle, mas não teve remedio senão deixal-o ir.

Despediram-se, o rapaz montou a cavallo, e quando já ia longe, o rei apanhou caganitas de cabra que estavam na rua, mette-as no lenço, e começa a dizer-lhe adeus com elle. O rapaz que ia longe e estava farto do rei, disse adeus, dizendo: « Adeus, adeus, caganitas para Vossa Magestade! »

O rei ficou muito contente, e dizia: « Aquillo é que é um rapaz esperto! Como elle advinhou que eu tinha caganitas no lenço! »

E o rapaz fez a sua fortuna, e assim se viu livre do rei.

(D. Ascensão de Faria. AZAMBUJA).

39. MENTIRA DO TAMANHO DE UM PADRE NOSSO

Era um homem pobre, cazado, que tinha filhos e depois tinha um compadre muito rico que não tinha filho nem filha

e que gostava muito d'aquelle compadre por ser muito verdadeiro. E disse á mulher: « Deviamos ajudar aquelle nosso compadre, por ser muito bom homem, muito verdadeiro e muito pobre. »

Mandou-o chamar. — E queria que elle fosse para uma herdade sua, que lhe a dava de graça por 3 annos, semeando-lhe a seara e mettendo-lh'a em casa. Mas não colheu nada, que veiu uma secca muito grande. Foi ter com o compadre. « Ora, meu compadre, eu não colhi nada este anno, e assim será os outros annos e então despeço-me da herdade. » O compadre disse-lhe: « Não senhor; pode ser que para o anno tenha mais fortuna, que colha muito bem. Vá para a herdade e deixe, que eu torno lá mandar semear, fazer todos os trabalhos e metter-lha em casa. — Ora, senhor compadre, não senhor. — Vá p'ra a herdade. »

Foi p'ra a herdade, mas com muito desgosto. Mandou-lhe semear a seara, por ser muito bonita. Ficou muito contente e veiu dizer ao compadre que tinha uma boa seara. Veiu uma grande *inverna*, não colheu nada. Veiu ter outra vez com o compadre: « O' compadre, eu quero-me vir embora, que não tenho fortuna nenhuma; e então o senhor está perdendo e dando-nos de comer e semeando a seara, e então despeço-me e o senhor compadre toma posse da herdade. — Ora todos colhem alguma coisa, e o compadre não colhe nada? parece impossivel. — Pois eu falo verdade, senhor compadre, nunca colho nada e eu não sei mentir.

Disse-lhe o compadre: « Vá p' ra caza e estude uma mentira do tamanho de um Padre Nosso. — Eu, senhor compadre? Deus me livre; eu não sei mentir, agora havia de vir dizer uma mentira do tamanho d'um Padre Nosso? — Dou-lhe 3 dias p' ra a estudar; falle com sua mulher e vejam se a arranjam. — Não, senhor compadre, en não sei mentir e minha mulher tambem não. — Va para casa: dou-lhe 3 dias, ja lhe disse, de então trazer a mentira, no fim dos 3 dias, do tamanho de um Padre Nosso.

Foi para casa muito apoquentado e disse á mulher: « Ora

não sabes? o nosso compadre quer que lhe arranje uma mentira do tamanho d'um Padre Nosso, que tu mais eu havemos de arranjar em 3 dias. — Eu não; comigo não faças conta, que eu não sei mentir. »

Responde-lhe um filho que elle tinha, que era afilhado do compadre : « Olhe, eu logo lhe arranjo a mentira. Vá dizer a meu padrinho se quer que eu arranje a mentira, não preciso de 3 dias : vou já. — Ora eu logo lá vou dizer isso ». Disse a mulher : « Vae; então porque não has de ir? talvez acceite o pequeno. »

Elle não queria; mas, a rogos da mulher, foi á do compadre. O compadre, assim que o viu, disse : « Ahi vem trazer a mentira? — Não, senhor compadre, é o pequeno, o seu afilhado que diz que, se o meu compadre quizer, que vem elle dizer a mentira, que não precisa de 3 dias, que vem já de prompto. — Pois elle diz isso? — Sim senhor. — Então va busca-lo. »

Trouxe-o. « Senhor padrinho, quer que lhe diga a mentira? por aqui começo :

Como eu tenho muitas herdades, monto-me no meu cavallo, vou dar um giro, ora por umas, ora por outras; mas tenho uma que sobre todas é a melhor. Tem tantas (*lá disse*) leguas de largura e tantas de comprimento; mas fui la, entrei na herdade, andei por aqui, por alli, por alli, por aqui, sem lhe ver as extremas. Em fim fui dar onde tinham as colmeias. Puz-me a contar nellas; não as pude dar contadas, de muitas que eram. Puz-me a contar as abelhas, faltou-me uma. Pego a andar, corrego abaixo, corrego acima—nada. Já vinha descuidado em achar, oiço uma *tarrincada* muito forte, dentro d'um barranco; assomei-me e vi um porco espinho a *tarrincar nelle*. Era tanto o mel, senhor padrinho, que corria por o barranco abaixo; eu não faço mais nada; metti a mão ao seio, tirei um grande piolho, ficou-me um coiro, enchi-o logo de mel, e o mel a correr por o barranco abaixo. Metti a mão ao seio, tirei uma pulga e fiz uma borrachão (borracha grande para conter liquidos). Vim para caza com o

meu borrachão e o meu coiro, cheio de mel; vim muito contente e fechei-os no meu quarto. Todos os dias, ia ver o meu mel. Um dia, achei os coiros bulidos. Quem me havia a mim aqui vir, se eu tenho a chave na algibeira? Espreitei, puz-me atraz da porta, com um machado na mão. Quem havia de entrar? uma foloza (pequeno passaro). Jogo-lhe com o machado; deitou tanta penna que perguntei e tornei a perguntar o machado e não o achei.

Fui buscar lume e larguei fogo ás pennas. Ardeu o machado e ficou o cabo. Peguei no cabo e puz-me a amolar, a amolar, a amolar, ficou num anzol. O' padrinho, assim que deitei o anzol á agua, sahiu-me uma burra branca muito perfeita. Já tenho onde ir vender o meu mel. Arranjei a minha burra, puz-lhe os cairos encima e fui vender. Quando tornei á noite para caza, trazia a burra uma grande matadura no lombo. Era muito mimosa e eu fiquei com muita penna. Fui com ella á do alveitar, ensinou-me que puzesse pó de fava torrada, alli em cima. Vim para caza, mandei torrar um moio de fava, mandei peneirar e puz em cima da matadura e deitei-a á margem, mandei-a lá para a herdade. Choveu, fez bom tempo, e eu, quando me pareceu, fui ver a burra.

O' senhor padrinho, não queira saber o rico faval que esta tinha no lombo, fiquei muito contente. De quando em quando, ia ver o faval.

Quando me pareceu que eram horas de ceifar, peguei na minha foice e fui até á herdade. Que havia de eu lá ver? um porco javardo dentro do faval, comendo as favas. Logo-lhe com a foice. Entrou-lhe cabo no rabo. Olhe, senhor padrinho, com a foice ceifava, com os pés debulhava, com as ventas assoprava; colhi... 10 moios de fava.

— Basta, basta, disse o padrinho; vão para a herdade e deixem-se estar, e acabou-se.

40. OS LADRÕES

Eram duas amigas muito intimas — uma cazada e outra viuva. A cazada tinha uma estalagem e a viuva tinha uma loja. A cazada estava gravida e disse-lhe a amiga : « se fosse menina, que havia de ser madrinha; e, quando ella se desmamar, com obrigação de ella vir p' ra minha caza. Eu não tenha parentes nem adherentes, e quero que ella seja minha herdeira. » Baptisou-se a menina, cresceu, e assim que se desmamou, levou-a a madrinha para casa.

Queria-a muito, estimava-a muito; mas puchava-a sempre para ella vir p' ra loja, a ensinar. A menina era já uma mulher e a madrinha fazia-lhe todas as vontades.

Fizeram-se alli umas grandes festas; mas ellas não foram. A madrinha, que conheceu que ella estava triste de não ir á festa, disse-lhe : « Deixa estar; para o mez que vem, fazem-se outras festas, ainda mulheres; então logo vamos. »

Foi preciso a madrinha sahir e não recolher essa noite a caza e disse-lhe : « Em sendo noite, fecha a loja e vae p' ra cima com a creada. »

Ella assim fez; fechou a loja e foi para cima, mandou fazer a ceia, ceiaram, deitaram-se. Não estava costumada a dormir só, não poude dormir. Sentou-se na cama; quando ella olhou para o solo da casa que tinha gretas, viu luz na loja. « Ora esta! eu fechei a loja, está luz! ». Levantou-se, assomou-se ás mesmas frestas que tinha a caza e viu 5 homens que estavam tirando a fazenda dos prateleiros. Ella tirou a porta do leme e jogou com ella, com muita força, ao meio da casa. Os ladrões fugiram. Ella correu cá abaixo e fechou a loja. Estava uma mão do finado accesa.

Pegaram-lhe a bater á porta, que apagasse aquella luz, que lh'a desse. Ella deitava-lhe agua, mas não se apagava. Elles disseram-lhe : « vinagre, vinagre. Agora de cá a mão. — Eu não abro a minha porta. — Deite-a ahi por esse buraco que tem a porta. — Metta a mão, disse ella, que eu lh' a dou. » Ella tinha uma macha-

dinha; com tanta força lhe deu uma pancada na mão que lh'a partiu.

Sentou-se numa cadeira, até amanhecer. Veiu a madrinha, estava-lhe contando tudo, pedindo que nunca mais deixasse de vir dormir a caza.

Foram ás festas; depois vieram de lá, ouvem um trem. Parou á porta. Desceu-se um cavalheiro, que vinha alli, que era o Conde de XX. Tinha sabido as boas virtudes e a boa creação d'aquella menina, pretendia cazar com ella. Ella disse que não era sua filha, que se os paes quizessem...

Ficou elle de vir buscar a resposta. Assim que elle sahiu, disse-lhe a rapariga : « O' minha madrinha, aquelle é o ladrão a que eu cortei a mão. — Jesus! não digas tal. Então era lá possivel que seja ladrão? um conde havia de ser ladrão? — Não é conde: aquelle homem é a quem eu cortei a mão. — Vamos a caza de tua mãe; isso é o demonio que te tenta para tu não teres fortuna, Queres desperdiçar um conde, porque dizes que é um ladrão? »

A moça chorou muito. Foram a casa dos paes. Esteve-lhe contando e ella sempre a dizer que era ladrão e não era conde. Obrigaram-na a dizer que sim, que logo se lhe tirava essa poeira da cabeça.

Ao cabo de 3 dias, parou o trem á porta; elle entrou e perguntou a resposta. Disse-lhe que sim, e ella sempre a chorar. Disse-lhe elle que ao cabo de 6 dias havia de vir alli, havia de trazer os papeis despachados, para que nesse mesmo dia se recebessem.

Ao cabo d'esses dias, veiu elle. A madrinha tinha feito bom enxoval; receberam-se e assim que foram ao copo d'agua, foi-se logo ella despedindo da familia, que elle não podia estar alli mais tempo. Metteram-se na sege e partiram.

Elle não fallava com ella, nem ella com elle. Lá num certo caminho, mandou-a descer da sege a tirou a luva : « Conhece esta mão? — Muito bem; não me trouxe enganada. Meus paes e minha madrinha é que se enganaram; eu não. »

Despiu o fato, metteu-o dentro da sege, pagou ao boleeiro, e elle foi com ella a pé.

« Assim como Vᵉ me fez ter tanto dor, ha-de morrer hoje ainda queimada. » Ella, coitada, ia muito chorosa; chegaram a um monte (cazal) muito negro; entrou para dentro com ella. Estava lá uma velha cega. Elle gritou : « Mãi, aqui trago a grandissima..... que me partiu a minha mão. Agora vou buscar lenha, que tenho ahi pouca, para aquecer o forno muito bem, e ella fica aqui amarrada, e V M.ᵉ segura bem na ponta da corda. » Elle sahiu.

Ella, coitada, conforme poude viu se desatava a corda; em fim, conseguiu. Atou a outra ponta da corda a uma tripeça e deitou a correr muito. Assim que avistou um homem que estava arranjando um saco de carvão, pediu ao homem que por amor de Deus a livrasse da morte, que ella lhe pagaria muito bem. Disse-lhe o homem que não podia. Respondeu-lhe que despejassse um dos sacos de carvão, que a mettesse dentro do saco e puzesse carvão na boca. O homem assim fez. — E que a levasse á estalagem de XX que lá lhe haviam de dar 6 moedas. Carregou as suas cavalgaduras e marchou. Quando ia já no caminho, ouviu gritar. Olhou para traz, viu o ladrão. Disse-lhe que parasse, preguntou-lhe se tinha visto alguma mulher, por alli, a correr. Disse-lhe elle que sim (e apontou-lhe para traz) : « Alem naquella altura, vi uma mulher ir a correr. » O ladrão tornou para traz tambem a fugir, a ver se a achava.

Elle pegou a dar nas cavalgaduras, á pressa a veiu ter á estalagem. Pegou a descarregar o carrêgo, e a creada chegou á porta, dizendo que não descarregasse, que não queriam carvão. « Eu quero aqui ficar esta noite. »

Assim que ella sahiu do saco, pegou a chorar.

O pai e a mãe com muita pena e deram logo as 6 moedas ao homem e agradeceram muito. Mandaram chamar a madrinha. A madrinha com muita pena de a ter obrigado ao cazamento, mas que lhe dava palavra de nunca mais se metter com essas coisas. « Mas eu, minha madrinha, agradeço muito tudo quanto me tem feito; mas ir p' ra sua caza, já não, a sua casa tem duas pessoas

só. Eu quero ficar na estalagem; tem mais gente, não ha de succeder tanto perigo ». A madrinha vinha todas as noites visital-a e vel-a. D'ahi a muito tempo chegou um almocreve com duas cargas, uma d'azeite, outra de vinagre, digo de mel.

Descarregou, mandou fazer de comer, ceou e sahiu a dar agua aos machos. E a creada que amassava, essa noite, andou de roda da menina, que queria tirar uma gota de mel aos coiros para fazer bolos. Ralhou a menina muito com ella e não consentiu : que o que entrava p'ra alli era sagrado, que não se devia fazer isso. Ella calou-se, e em quanto os amos ceavam, pegou numa tigela (pequena vazilha de barro, menos alta que larga) e foi onde estavam os coiros. Abanou um, para ver pelo peso se era mel ou azeite ; ouviu uma voz lá de dentro do coiro : « Já ? » Ella ficou estremecida e disse : « Ainda não », e correu onde os amos estavam ceando. Confessou o que tinha ido fazer; mas que dentro dos coiros estavam homens, não era azeite nem mel. Levantou-se o patrão e a creada disse-lhe que bulisse noutro coiro. Respondeu a voz : « Já ? » — « Ainda não », lhe disse elle. Correu com mais alguem que tinha na estalagem a casa do ministro e contou-lhe tudo. O ministro mandou logo chamar, os meirinhos; vieram todos á estalagem. Já chegando o homem com os machos, foi logo preso.

Foram ao quarto, onde estavam os coiros. O ministro deu ordem a cada um dos officiaes, para bulirem, ao mesmo tempo, cada um em cada coiro. Responderam lá de dentro : « Já? » — « Já », disse o ministro.

Rasgaram os coiros com facas que tinham consigo. Foram logo presos e maniatados e o ministro disse-lhe que a causa que era d'ella, que ella é que havia de sentenciar. « Quero que sejam enforcados e as cabeças aqui defronte da minha porta da estalagem. » Os paes e a madrinha pediram ao ministro que não fizesse tal. Foram enforcados e ella viveu muito bem com seus paes e a sua madrinha, d'ahi por diante. Acabou-se.

41. AS 3 MENINAS

Era um principe que todos os dias passava por uma rua, aonde haviam 3 raparigas muito bonitas; sempre olhava para dentro e fazia o seu cumprimento. Um dia passou e não olhou para dentro de caza: « Ahi vai o principe, disse uma, eu sou capaz de fazer uma cazaca sem ser provada, e ella ficar justa ao corpo ». E outra disse: « Eu sou capaz de fazer uma camiza sem costuras ». Respondeu outra: « E eu sou capaz de ter 3 filhos d'elle, sem elle saber que são seus filhos. »

Elle que ouviu estas razões, que estava parado: « Qual das meninas é que diz que ha de fazer uma cazaca sem m'a provar, e que ha de ficar boa? » Disse-lhe uma que tinha sido ella. « Qual disse que m' havia de fazer uma camiza sem costuras? — Fui eu, real senhor. — Então ja sei que aquella menina é que havia de ter 3 filhos meus, sem eu saber; dou-lhe 15 dias para fazerem essas obras ». E a outra pegou nella e levou-a, e metteu-a numa torre. « Que, ao cabo de 3 annos, havia de apparecer com os meninos; se fosse verdade o que ella dizia, que a recebia por esposa; mas, não apparecendo com os meninos, tinha pena de morte. Eu vou 6 annos para fora, vou viajar. »

Ella, coitadinha, ficou-se muito triste; fallou com umas fadas, prometteu-lhe muito dinheiro e contou-lhe tudo. « Não tenha pena com isso, disseram as fadas. Elle, tal dia, chega á corte de tal reino; eu te fado para que tu sejas a cara mais linda que houver; ponho-te um palacio defronte da côrte; elle ha de chegar á janella e falla-lhe. »

Assim succedeu. Foi para palacio; elle foi á janella e viu-a. Ai! que cara tão linda, desceu abaixo e entrou em caza d'ella. Falou, cumprimentou-a e depois... esteve lá 3 dias e despediu-se d'ella, que elle que se ia embora e deu-lhe um *boldrié*. Disse-lhe o reino para onde ia.

Ella ao cabo d'esse tempo teve um menino muito bonito e vieram as fadas, pegaram no menino e levaram-lh'o. Ella cami-

nhou para o outro reino, onde elle estava. Formaram-lhe outro palacio, defronte da hospedaria onde elle estava.

Pôz-se á janella e elle á janella estava. Conversaram muito, offereceu-lhe a sua caza; elle veiu visital-a, pagou na hospedaria e foi para caza d'ella. Lá se demorou uns dias, e quando se retirou, deu-lhe o *sceptro*. Assim que teve o menino, vieram as fadas e levaram-lh'o.

Ella caminhou para o reino onde elle estava. Formaram-lhe outro palacio, ao pé d'onde elle pouzava; travou logo relações com elle, conversaram, e elle, quando lhe pareceu, desceu as escadas, subiu as d'ella e lá esteve uns dias. Ella pediu-lhe que não se fosse embora ainda; mas elle retirou-se, que lhe era preciso e deu-lhe uma *corôa*.

Ella, ao cabo de nove mezes, teve uma menina. Foram as fadas e trouxeram-na a ella e a menina.

Metteu-se na torre com os seus 3 filhos; elle regressou, veiu logo ter com ella á torre.

Perguntou-lhe pelos meninos; ella levantou-se; trouxe os todos 3 cada um com a sua prenda na mão e disse: « Boldrié, sceptro, corôa : quere-a V. M. mais boa? »

Casou com ella; e ficou sendo princeza.

42. O CAIXEIRINHO

Era um rei muito amigo dos seus vassalos; mas tinha um parente conde. Eram intimos amigos. Poucas vezes estavam um sem o outro. A rainha e a condessa, muito amigas; e cada um teve uma menina.

Depois das senhoras estarem melhorzinhas, disse o rei ao conde: « Havemos d'ir a uma caçada, convida os fidalgos e depois d'amanhã havemos de partir. Dizem que na tapada ha muita caça e eu gosto de me divertir ».

Arranjaram-se e sairam, todas de cavallo. Assim que lá chegaram, appareceu muita caça, muita. Uns por aqui, nns por alli;

mas elle nunca se retirava do pé do conde, nem o conde do pé d'elle. Correram tanto sobre uns veados que se lhe anoiteceu. Não sabiam de companheiro nenhum. Perderam o tino; não sabiam se haviam de voltar para traz, se p'ra diante; não sabiam onde era a côrte, mas viram um lume d'uns pastores. « Vamos lá, que aquelles homens podem-nos ensinar. » Chegaram e perguntaram aos homens o caminho da côrte. « Ah! senhores, a côrte é d'aqui muito longe. Os senhores não chegam lá esta noite. Aqui perto está uma quinta; podem alli ficar esta noite, que a senhora é muito boa, ha de lhe dar pouzada. » Disse-lhe o rei que fossem ensinar onde era a quinta. Um d'elles seguiu com elles, foi-lhe ensinar.

O rei disse ao conde : « Eu digo que sou conde e tu meu creado ; não quero que digam que andou por aqui o rei perdido. » Bateram á porta e veiu o quintaneiro. Pediram-lhe gasalho. « Eu vou dizer á senhora », disse o quintaneiro.

Mandou entrar. Appareceu uma senhora, já de edade, cumprimentou-os, sentou-se na sala com elles. Depois de uma hora, seguiu-se a ceia; depois conversaram um bocadinho mais. Disse-lhe a senhora que deviam estar cansados, que se retirassem áquelle quarto, que alli estavam 2 camas. Despediu-se d'elles e sahiu.

Elles entraram no quarto e pegaram a conversar. D'ahi a coisa d'uma hora, viram luz por baixo d'uma porta. O conde levantou-se e assomou-se á fechadura.

Viu uma madama muito bonita, despindo-se ; pegou na mão do rei, fel-o assomar tambem. « Quer V. M. ficar com ella, esta noite? disse-lhe o conde. Deixe-a deitar, abra a porta de mansinho e vá ter com ella. » Esperou que se mettesse na cama, abriu porta e entrou. Ella ficou muito assustada; disse elle que não tivesse susto algum, que elle que vinha alli, queria cazar com ella, e assim, que não dissesse nada a sua mãe por ora, que se havia de demorar o cazamento. Metteu-se com ella na cama, e ella muito crente nas palavras que lhe tinha dito.

Demoraram-se na quinta 3 dias; depois despediu-se d'ella, deitou-lhe ao pescoço uma cadeia d'ouro com um crucifixo d'ouro.

Como o casamento estava demorado alguns annos, que, se tivesse alguma creança, a mandasse ensinar a ler e a escrever.

A mãe, assim que foi tempo de ella não poder encobrir..., confessou. A mãe perguntou-lhe de quem era. Disse-lhe a filha que era do conde; mas elle que havia de vir recebel-a. A mãe teve tão grande paixão que morreu.

Ao cabo dos 9 mezes, teve um menino; criou-o, e depois que o menino foi capaz, pôl-o ao estudo. Os outros estudantes mangavam com elle, dizendo que não tinha pae certo. Elle envergonhou-se de tal maneira que disse á mãe: que lhe dissesse quem era seu pae, que os estudantes a toda a hora o descompunham. « Quem é teu pae? é a pouca fortuna que eu tive. Tu és filho dum conde que veiu aqui pouzar, prometteu-me cazamento e nunca mais soube noticias d'elle. — Então como eu sou filho d'um conde, são os outros estudantes menos do que eu. Assim, não quero estar aqui, quero ir p' ra corte. »

A mãe, muito chorosa, pediu-lhe que não a desamparasse. Que tinha ficado sem mãe, não queria agora ficar sem o seu filho. Mas elle venceu, despediu-se da mãe, tomou-lhe a bençam e a mãe deitou-lhe a cadeia d'ouro ao pescoço.

Elle foi para a côrte, chegou ao pé d'uma loja e perguntou se tinham precisão de um caixeiro. Disse-lhe que não, mas elle que o mandava a outra loja que o caixeiro se tinha ido embora no outro dia. Fallou com o dono da loja; disse-lhe que sim.

D'ahi a tempos, fez-se uma feira alli. Elle foi com os mais caixeiros armar a loja. No dia seguinte que era dia de feira, foram as magestades passear á feira. A princeza e a condessinha iam de braço dado; chegaram á loja, sentaram-se no mostrador, começaram a conversar com elle e alli levaram a tarde inteira. Quando voltaram para palacio, disse a princeza á condessinha: « Que tal te pareceu o caixeirinho? — Pareceu-me muito bem », disse a condessinha.

Depois do chá, foi o conde com a condessa e a condessinha para sua casa. A princeza escreveu logo uma carta ao caixeiro e

a condessinha outra. Elle recebeu as cartas e disse : « Eu, se respondo á condessinha, pode-me succeder mal; mas, se respondo á princeza, pode me succeder peor. »

Respondeu á condessinha. E assim andaram as cartas uns poucos d'annos. Numa occasião, a condessa escreveu-lhe uma, dizendo-lhe que era já tempo de pôr uma loja por sua conta; que, defronte de seu palacio d'ella se vendia um predio, que o comprasse e puzesse uma loja. Não havia de faltar nada.

Elle fallou com o patrão : que tinha vontade de pôr uma loja por sua conta, se fosse de sua vontade dar-lhe credito : que se vendiam umas cazas, e elle que as comprava para pôr loja. O patrão disse-lhe que sim, com muito gosto, porque era muito bom rapaz; que lhe daria o credito que elle quizesse. Comprou as cazas e poz loja.

Assim que foi para lá, algum pobre que elle via que não era da terra, dizia-lhe que elle tinha um quarto para os pobres, que ficassem alli essa noite. Isto logo se soube e pediam-lhe pouzada. Em entrando os pobres, lavava-lhe os pés, dava-lhe de cear, e no quarto tinha uma cama. Pela manhã dava-lhe 6 vintens e iamse embora. E elles sempre a escreverem-se. Mandou a condessinha dizer-lhe que trabalhasse elle de lá para fazerem um passadiço na rua; tanto trabalharam, até que venceram.

Foi aos ouvidos do rei o que elle fazia aos pobres. « Que fundos terá aquelle contractador, para dar pouzada aos pobres, ceia e 6 vintens? Hei de ver se é por vangloria ou se é por caridade. » Entrou o conde e disse-lhe o rei : « Has de m'arranjar um fato aceado, mas pobre, e, á noitinha, manda m'o aqui ao meu quarto. » Vestiu-se do pobre e sahiu.

Bateu á porta do mercador, pedindo-lhe gazalho essa noite. Mandou-o entrar; veiu o criado com uma bacia d'agua, poz-se-lhe o rapaz a lavar os pés. Desconfiou e disse : « Este homem não é pobre, tem uns pés muito finos. Mas seja o que for. » Mandou vir a ceia e o rei disse-lhe que ficava muito obrigado, que já tinha ceado numa casa, que lhe tinham dado umas sopinhas.

Foi para o quarto, fechou-lhe a porta á chave. O rei sentou-se numa cadeira; alli esteve um pedaço de tempo. Depois viu uma luz, assomou-se á fechadura e viu-o estar de joelhos a um oratorio com 2 vélas acesas, elle fazendo a sua oração. Depois fechou o livro, apagou uma vela e pegou na outra, e abriu um alçapão e desceu. O rei disse : « Tu entraste, has de sahir. Hei de estar aqui á fechadura. »

Viu-o vir com a condessinha pelo braço. Não se deitou nem dormiu e muito cedo bateu á porta.

Que fizesse favor de lh'a abrir, que queria sahir; que estava esperando alli hoje o seu irmão; não sabia se havia de vir hoje de manhã, se de tarde : mas, não sendo horas de partirem, pedia ao senhor que lhe fizesse a sua caridade, a elle e a seu mano, á noite; deu-lhe 6 vintens e foi-se embora.

Entrou muito cedo em palacio, despiu-se e mandou chamar o conde. Disse-lhe : « Arranja outro fato e guarda o meu. O conde sahiu e veiu com outro fato d'um creado d'elle. « A' noite has de m'acompanhar, disse-lhe o rei, e com pena de morte (mostrou-lhe uma cara muito austéra) se, do que vires, falares. »

O conde, que ainda não tinha visto o rei fallar-lhe assim, temeu. A' noitinha vestiram-se, foram a casa do mercador pedir gasalho. Lavou-lhe os pés, mas o mercador desconfiado de que não eram pobres. Mandou-lhe de cear; disseram que não, que muito obrigado, mas que já tinham ceado. Foram para o quarto e elle fechou-lhe a porta.

D'ahi a bocado, vêem' luz e o rei mandou assomar á fechadura. Viu o mesmo que o rei tinha visto : depois de fazer a sua oração, pegou na luz e abriu o alçapão. O rei : « Pena de morte, tornou a repetir, se, do que vires, falares. » Assim que vieram, o rei tocou-lhe no braço para se calar. Pela manhã, despediram-se e o mercador deu 6 vintens a cada um.

Depois de chegarem a palacio, sentaram-se e o rei dirige-se ao conde : « Que merece aquelle homem? — Já preso, disse o

conde, as portas atravessadas, 3 dias no oratorio e enforcado. »

A princeza que soube d'isto disse ao pae : « V. M. bem sabe as leis; manda enforcar um homem; não sabe em que dia nasceu, de quem é filho e se ja teve ordens. — Não dizes mal. Venha o preso á minha presença. »

Foram buscar o preso. Perguntou-lhe o rei em que dia tinha nascido. Disse-lhe que não sabia. « Ja teve ordens? — Não, senhor. — De quem é filho? — Sou filho da pouca-fortuna, assim me disse minha mãe, um conde, que foi pouzar á minha quinta, a enganou, que a havia de receber, e nunca mais appareceu por lá. Por signal lhe deu este crucifixo d'ouro que minha mãe me deitou ao pescoço, quando lhe pedi a ultima bençam. »

O rei olhou para o conde. « Que dizes tu a isto? — Eu digo que elle é filho de V. M. — E eu então digo que elle é teu genro. »

Depois cazou com a condessinha e á princeza sahiu-lhe irmão. Ficaram todos muito bem. Ainda hoje em dia lá estão.

43. A ESTALAJADEIRA

Havia uma estalajadeira muito bonita. A todos que vinham pouzar á estalagem perguntava se já tinha visto uma cara tão bonita como a sua. Diziam-lhe que tão bonita ainda não tinham visto. Ficava muito satisfeita com a resposta.

Teve uma menina, muito mais linda do que a mãe.

Perguntava aos passageiros se havia uma cara mais bonita do que a sua. Se a menina não desmanchasse, ainda havia de ser mais bonita.

Escondeu a menina num quarto, que já não apparecia a ninguem. Passaram-se alguns annos e a menina já tinha curiosidade de se assomar á janella, em chegando alguns passageiros. Um dia, chegou um trem, parou á porta da estalagem e a menina levantou-se, assomou-se á janella. Entraram para dentro os passageiros que vinham no trem. Perguntou, pelo costume, se já

tinham visto uma cara tão bonita. « Sim, senhora, aqui em cima nesta janella, appareceu uma menina ainda mais linda que a senhora. »

Fechou-a num quarto que não tinha janella, e quando já era senhora, peitou um creado para a ir matar. O homem, custou-lhe muito; mas, como lhe deu um taleigo de dinheiro, arranjou uma cavalgadura e a mãe chamou a menina : que havia de ir para o convento essa tarde, que não a podia acompanhar, mas aquelle creado que era fiel. Montaram nas cavalgaduras, caminharam.

Chegando lá a um certo sitio, muito longe, apeou-se elle e a menina. « Agora descubro a verdade, não vai para o convento; sua mãe disse-me que a matasse. » A menina pegou a chorar muito; mas disse que elle que não a matava, que não tinha animo para isto. « Tenho aqui este cão, mato-o, tiro-lhe o sangue e a lingua, que foi o que a sua mãe me pediu. Eu vou-me embora e a menina pergunte o seu destino. » Montou a cavallo e partiu.

Sentou-se a menina numa pedra; alli esteve chorando a sua desgraça. Levantou-se e caminhou.

Foi dar a um cazarão; entrou, não viu ninguem. Viu umas poucas de camas por fazer, as cazas por varrer e na cozinha estavam uns coelhos pendurados.

Ella disse : « Isto é gente que anda trabalhando de dia; á noite é que recolhem e fazem de comer. Eu vou fazer lume e vou *guisar* estes coelhos. » Depois de os ter ao lume, varreu as cazas e fez as camas. Neste tempo, ouviu um tropel muito grande de gente. Como era já noite, teve muito medo, metteu-se numa toca d'uma oliveira.

Os donos da casa eram uma quadrilha de ladrões. Entraram para dentro, acharam as casas varridas e as camas feitas. Foram á cozinha, acharam a ceia ao lume. O capitão dos ladrões disse : « Isto é gente que estava aqui, não pode estar muito longe, porque o lume está muito activo. Sahimos todos e vamos em busca. » Buscaram tudo, não a encontraram. Vinham já para casa, deram tino de que estava alli mettida na oliveira. Disseram-lhe

que viesse com elles, que ninguem lhe fazia mal, porque ella lhe tinha feito tanto bem.

Veiu com elles, mas muito assustada. Perguntou-lhe quem ella era. Disse-lhe que era filha d'uma mãe tão tyranna que a mandou matar; mas o creado teve tanto dó d'ella que a deixou com vida. « Fiquei no campo só; depois caminhei sosinha e aqui cheguei. Deus é que me deparou este bem. »

O capitão olhou para os ladrões : « Esta é uma filha que eu tenho e sua irmã. Ninguem a offenderá, nem lhe porá um dedo em cima para a maltratar. Se alguem tiver essa liberdade, fica logo morto aos meus pés. »

Ao amanhecer sahiram e ella ficou em casa, governando. A' noite vieram, muito satisfeitos com ella. Ella, coitadinha, não tinha mais remedio que viver tambem satisfeita. Passaram 2 annos e veiu uma pobre pedir á porta. Ella diz : « Ha 2 annos que aqui estou, ainda aqui não chegou pobre nenhum; mas agora peço-lhe que, de quando em quando, venha por aqui, que a hei de remediar se faz-me companhia. » Pegou de conversa com a velha e demorou-se alli até á tarde.

Ella remediou-a e pediu-lhe que viesse mais vezes, a meudo. A velha sahiu d'alli; como andava pedindo, veiu á estalajem. « Já vi uma cara mais linda que a sua, muito mais bonita. Nas brenhas de tal parte, está uma menina ainda muito nova, muito mais bonita. » A estalajadeira, lembrando-se que seria a filha : « O' Pia Velhota, disse ella á velha, quando volta outra vez por lá? — Não hei de tardar muitos dias, que ella pediu-me que fosse mais vezes, a miudo. — Eu dou-lhe um taleigo de dinheiro, se V. M. lá fôr agora. Em lhe mettendo este alfinete na cabeça e vindo-me dizer o effeito que elle fez, entrego-lhe este dinheiro. »

A velha sahiu muito contente. Chegou ás brenhas e bradou por ella. A menina sahiu muito contente, á porta : « Fez bem, Pia Velhota, em vir por aqui; não vejo ninguem, estou sempre só. Ha de se deixar estar aqui até á tarde. — Sim, minha menina. » Deu-lhe de jantar. « Vamos aqui até á empena do monte (cazal). »

Sentaram-se e disse-lhe a velha: « E' amiga que a catem? — Ora! tomara eu que me catassem todo o dia. — Então deite aqui a cabeça no meu colo. » Deitou a cabeça e a velha pegou a catal-a. Deixou-se dormir.

A velha puchou do altinete, cravou-lh'o na cabeça e a menina ficou morta. A velha já tinha pena. Como viu que ella não bulia nem com pé nem com mão, pegou no seu bordão e foi-se embora.

A' noite vieram os ladrões; não viram a ceia feita e não a acharam a ella. Foram todos em busca, foram-na achar na empena do monte; trouxeram-na morta.

O capitão disse a um: « Vá já d'ahi num instante á cidade; mande fazer um caixão e ha de vir aqui antes de amanhecer. » Veiu o caixão, metteram-na dentro; pegaram-lhe 4 e foram-no pôr á portaria dos frades e voltaram para caza. O principe, que nesse dia sahiu á caça, passou pelo convento dos frades.

« Está além um caixão, vão ver quem é. » Foram-lhe dizer que era uma cara muito linda d'uma menina que estava morta, que não parecia morta, por ter muita côr na cara. O principe ordenou que levassem aquelle caixão para palacio para o seu quarto, e depois de lá estar chamou a mãe.

Estiveram-na vendo e disse: « Parece que não está morta; a côr que tem na cara não é d'alma que foi para o outro mundo. — O' minha mãe, disse-lhe o principe, se ella estivesse viva, desposava-me com ella, que ainda não vi uma cara tão linda. — Nem eu, meu filho », disse-lhe a rainha.

A rainha e uma das aias despiram-na; não lhe acharam contusão nenhuma no corpo. O principe correu-lhe a mão pela cabeça e achou o altinete. Tirou-o; ella abriu os olhos e deu um ai. A rainha mandou buscar um caldo. Tiraram-na do caixão, deitaram-na na cama do principe.

Pegaram a dar-lhe colherzinhas de caldo; restabeleceu, falou. Ficaram muito contentes; assim que esteve boa, tractou-se do cazamento. Todos admiraram a belleza d'ella.

Aos 8 mezes de cazados, sahiu o principe p'ra guerra. Quando

foi tempo,teve a princeza um menino, ainda mais bonito do que a mãe. A rainha escreveu logo para o filho. Mandou-lhe dizer que a mãe que era linda, mas que o menino que era muito mais. Mandou um soldado para a posta; veiu ter o maldito soldado á estalajem.

A estalajadeira perguntou logo se já tinha visto uma cara tão bonita como a sua. « A princeza é muito mais bonita que a senhora, e agora teve um menino que dizem que é ainda mais bonito. Vou agora levar esta noticia ao principe. O que ficará de contente, tendo successor ao reino! — Aonde pará o principe? — Em tal parte. — Olhe, é melhor ficar aqui esta noite porque ainda é muito longe e pela manhã cedo pode partir. » Poz-lhe o jantar na meza e 2 garrafas de vinho: « Beba e coma, que não paga nada... »

Comeu, bebeu e embebedou-se; deixou-se dormir. Ella foi á mala, tirou-lhe a carta; escreveu outra dizendo que a princeza que deu muito á cabeça com un page, agora tinha tido um monstro, parecia mais bicho que creatura. Fechou a carta e met teu-a na mala.

O soldado, pela manhã, depois d'almoço, despediu-se da estalajadeira, quiz pagar; não lh'o consentiu, pedindo que viesse á volta por alli. O soldado deu-lhe palavra que sim, que tornava.

Chegou onde estava o principe e entregou-lhe a carta. Assim qui a leu, deu-lhe uma coisa, cahiu. Os soldados e os mais que alli estavam levantaram-no; ja elle tinha sentido.

Poz-se a escrever outra carta, dizendo que a princeza se tivesse dado á cabeça, que bem sabia que o que ella teve era seu filho, e entaõ que elle, indo, saberia as coisas como eram. O soldado recebeu a carta e partiu.

Veiu dar á estalajem. Fez-lhe muitas festas a estalajadeira; tractou-o da mesma sorte. O soldado, bebado, deixou-se dormir.

Foi á mala e tirou-lhe a carta; escreveu outra, mandando dizer que, logo que a mãe recebesse aquella carta, que a mandasse matar mais ao filho, que elle que não queria saber d'ella para coisa nenhuma. O soldado no outro dia partiu.

Chegou a palacio, entregou a carta á rainha. A rainha leu a carta, calou-se, não disse nada á nora. A princeza via a rainha muito triste; perguntava-lhe se tinha tido alguma má noticia do principe ou se estava doente. Disse-lhe que não, que nem estava doente, nem tinha tido más noticias. « São saudades que tenho de meu filho. »

D'ahi a 15 dias veiu o principe, e assim que a rainha soube a hora a que elle havia de chegar, mandou a nora e o menino para um quarto retirado.

Chegou o principe, sahiu-lhe a rainha, abraçou-o, beijou-o. Elle tomou-lhe a bençam, perguntou pela princeza. « Oh! essa é boa, mandaste-la matar e perguntas-me por ella? — Eu não, minha mãe. Antes eu recebi uma carta sua, em que me mandava dizer que a princeza na minha ausencia me tinha sido falsa; o filho parecia mais monstro que gente. »

A mãe chorou muito, disse que tal coisa como essa não tinha escripto; mas ella que não tinha cumprido as suas ordens, que não a tinha mandado matar nem ao filho. Chamou-se a princeza, contaram-lhe tudo : « E' minha mãe; ninguem podia fazer isto senão ella. »

Chamou-se o soldado. O soldado contou que tinha ido á estalajem. O principe mandou logo um esquadrão de cavalaria ; chegaram á estalajem, trouxeram-na presa. Foi logo alcabuzada e dos ossos fizeram uma cadeirinha para o menino se sentar.

Ficaram muito contentes; não houve mais novidade nenhuma e ainda hoje em dia lá estão.

44. O GALVÃO

Havia um alfaiate que tinha 3 filhos. Tinha muito grande freguesia, porque era muito bom official. Tinha muito bom credito nas lojas, ia buscar fazenda quanta queria. Depois que os filhos souberam o officio, deixou de trabalhar e metteu-se no jogo.

Depois d'uns annos, teve uma enfermidade e morreu. Logo vieram os crédores — os logistas como os do jogo — para as

filhas e a mulher pagarem o que elle devia. Ellas olharam umas para as outras e a mais moça disse á mãe : « O' minha mãe, nós havemos de pagar aquillo que nem comemos nem bebemos? nós sempre debaixo de trabalho, e ainda haviamos de trabalhar para elles levarem? isso não; pomos tudo em venda, dizendo que é para pagamento : depois de tudo vendido, despejamos os nossos colchões, enchemos com a nossa roupa e fazemos 4 trouxas. Uma noite, sem ninguem ver, vamos-nos embora por esse mundo. » Assim puzeram as suas trouxas á cabeça e sahiram.

Andaram por aqui, por alli, muitos dias; iam já cansadas, chegaram a uma terra, ouviram uma mulher a chorar. Chegaram á porta e perguntaram : « Senhora, o que tem que está tão afflicta? — Morreu-me o meu homem; fiquei com 4 creanças sem nenhuma poder ganhar o sustento. » Respondeu a mais nova : « Se a senhora nos desse aqui gazalho, por amor de Deus, esta noite, por alma do seu homem. — Pois não, sim senhora, podem entrar. »

Estiveram consolando a viuva e depois pegaram a conversar.

« Esta terra não nos parece feia; se nós tivessemos aqui fortuna, ficavamos aqui. Nós, pelo nosso officio nos governavamos. — Então que officio tem as senhoras? — Somos alfaiatas. — Se as senhoras quizerem aqui ficar, hão de ter muita fortuna, muita. Aqui não ha alfaiata nenhuma; vão fora da terra fazer as obras. — Pois ficamos, mas era preciso a gente ter umas cazas assim pequenas; não podemos pagar grande renda. — Aqui ha uma morada de cazas muito boa; o dono dá-as de graça. Dizem que apparece lá um medo; vão para lá um dia, sahem no outro. » Respondeu a mais nova : « E' gente que faz o medo; faz favor de nos dizer onde mora esse homem? »

A viuva mandou por um pequenito ensinar-lhe. Bateram á porta, perguntaram o dono da casa : « O' senhora, dizem que tem umas cazas para arrendar. — Eu dou-as de graça, não as arrendo, porque o mais que lá estão é um dia e uma noite; depois sae tudo para fóra, que apparece lá um medo e no outro dia vem

entregar-me a chave. » A moça respondeu : « O medo fa-lo a gente; faz favor da chave? » Despediram-se d'elle e vieram com a chave na mão para caza da viuva.

« Ja temos caza, de graça, que o medo fá-lo a gente; tomáramos nós ter saude. E a senhora ha de fazer favor de nos emprestar alguma coisa que nos seja preciso, que não são horas de ir comprar nada. » Emprestou-lhe um candieiro, um fogareiro e alguns objectos assim mais precisos. E ellas, dos colchões que levavam com a roupa, encheram-nos de palha e caminharam para caza. Eram horas de cear; estiveram ceando, puzeram-se a fazer serão. Eram 10 horas, disse a mãe para a mais velha : « Nós vamo'-nos deitar e fica tu esperando o medo ». Ficou ao serão, sosinha.

Era meia-noite em ponto, ouviu um rugido de umas correntes a arrojarem pelo chão e ao mesmo tempo uma voz dizendo : « Galvão, galvão, serão horas?. » Respondeu outra voz : « Ainda não. » Ella largou a meia, deitou a correr e metteu-se entre meio das irmãs que estavam deitadas. Esteve contando o que lhe succedeu, e as outras fizeram-lhe muito forte troça. A do meio respondeu : « A' noite, fico eu; quero saber se isso é verdade. »

Na outra noite, ouviu o mesmo; correu, metteu-se na cama com as irmãs e a mais moça respondeu : « A' noite fico eu ; não me hei de vir metter na cama, hei de ver o que é. » A' noite, ficou ella sosinha; poz-se a fazer o seu serão.

Assim que deu meia noite, ouviu o mesmo rugido e as mesmas vozes. Ella larga a meia, pegou no lenço d'assoar e no candieiro, e correu para onde elles estavam. « Espere, que eu lhe vou fazer as horas ». Ao mesmo tempo ouviu-o cahir dentro da cisterna; poz o candieiro no bocal e assomou-se para baixo : « Venha cá, venha cá, não fuja, que eu lhe faço as horas. »

Sahiu-lhe um preto : « O' mãe siora, se quizesses vir p'ra aqui, havias de ser muito feliz ; tenho um grande palacio, muita prata, muito oiro, e tudo isto era teu e á mãe siora não havia de fazer nada. Venha ver, mãe siora, venha ver. — Pois

vem-me buscar. » Pegou nella, e assim que chegou á agua: « Fecha os olhos, mãe siora. »

Andou-lhe mostrando tudo. « Agora, mãe siora, não ha de fazer nada; comer, beber, divertir-se. Agora vamos cear. — Eu já ceei, disse-lhe ella, não tenho vontade. — Pelo menos um pastelinho, que isto não é coisa que encha a barriga a ninguem. » Assim que o comeu, deixou-se dormir.

Pela manhã, achou-se numa rica cama. O Galvão trouxe-lhe agua numa bacia e uma toalha para se lavar: « Mãe siora, eu chamo-me Galvão e eu não sei o nome da senhora. » Ella deu-lhe o nome. Levou-a a uma copa onde estava muito vestido: « Dispa esse vestido; cada dia deve vestir um vestido, que tem muito para vestir; e esse trapo deite-o fóra. »

A mãe e as irmã levantaram-se pela manhã, olharam par a a cisterna e viram o candieiro e o lenço d'assoar em cima do bocal. Pegaram a chorar e a gritar que ella se tinha affogado com medo. Accudiu logo gente com fateixas; não acharam nada.

Ella cá vivia com o seu Galvão, sem ver mais ninguem; mas todas as noites, em cima da ceia, comia um pastel. Passados já 9 ou 10 mezes, diz-lhe o Galvão: « Se a mãe siora soubesse o que vae na sua caza.... — Então? — E' a sua mana mais velha que se caza amanhã. Quer ir ao casamento, mãe siora? — Se tu me deixasses ir, de boa vontade iria. — Se me der palavra de voltar. — Dou-te a minha palavra d'honra; onde havia de eu achar uma fortuna egual a esta? — Eu vou pôl-a ao bocal do poço, a mãe siora vae; mas em ouvindo 3 assobios, venha logc ao bocal do poço, que eu lá estou. Aqui tem este taleigo de dinheiro para dar a sua mãe e estes 2 vestidos para suas manas. Veja o que faz, mãe siora, não falte á sua palavra. — Não falto, não, não falto. »

Veiu-a pôr no bocal do poço; assim que ella entrou ficou tudo muito contente, muito admirado. Deu o dinheiro á mãe, os vestidos ás manas e a mãe levou-a para um quarto, esteve-lhe perguntando o que tinha feito.

Ella disse-lhe tudo que passava com o preto. « Tu não vês mais ninguem? — Não, senhora, só o preto unicamente é que está naquella casa e eu. — Tu estás gravida, disse-lhe a mãe, isso talvez seja o preto. — Não, minha mãe; o preto tracta-me com respeito. — Pois olha: como tu comes um pastel e te achas pela manhã na cama, faze que te deixas dormir da mesma sorte e vê o que te succede. Aqui tens esta lanterna de furta-fogo; mette-a debaixo da cama antes de comer o pastel: faze que o comes e deita logo a cabeça na almofada. E vê o que te succede. Depois de estares na cama e sentires deitar alguem comtigo, em estando dormindo, pucha da lanterna, deita-lhe 3 pingos de cera na cabeça; logo conheces quem é. »

Estando á ceia, ouviu ella um assobio. Levantou-se, chegou-a á cisterna, estava o preto a esperar por ella.

Beijou-a, abraçou-a e que não tinha faltado, que dali por diante ainda a havia de estimar mais.

« Agora, mãe siora, está a ceia na mesa para ceiarmos. — Eu já ceei. — Pois ao menos coma o pastel. — Dá cá. » Fez que o comeu, deitou logo a cabeça na almofada. Elle pegou nella, levou-a de pé da cama mesma sorte e deitou a na cama. O preto foi buscar uma bacia e uma toalha e poz-lh'a ao pé da cama.

D'ahi a um espaço de tempo entrou com um lenço na mão. Deitou-o na agua e sahiu um homem; limpou-o numa toalha, meteu-o na cama com ella e sahiu e fechou a porta. Elle voltou-se para ella, beijou-a e deixou-se dormir.

Ella, que o sente dormindo, pucha da lanterna e deitou-lhe 3 pingos de cera na cabeça: « Ah! tyranna! dobrastes o meu encantamento. Pela manhã, vem o preto, descompõe-te, põe-te na rua, tu não sabes caminho nem carreira, não te dá nada, has de morrer com fome, ha de te vestir o vestido preto que tu trouxestes, põe-te na rua. Mas tu não lhe digas coisa nenhuma; deixa-o desaffogar, deixa-o dizer tudo quanto elle quizer. Depois d'elle estar cansado de fallar, diz-lhe tu: « Tens razão, Galvão, tens muita razão », e pede-lhe 3 novellos para teu segui-

mento. Tira a ponta d'um e põe um á porta do palacio d'onde sahires; vae-o desenrolando, e onde elle acabar, bate á porta, que é a palacio de minha tia. Pede-lhe gazalho, em louvor do senhor infante menino. Ha-de fazer perguntas, mas não digas nada, que eu á noite lá irei estar comtigo. » Chorou muito, e elle pela manhã sahiu.

Veiu logo o preto a descompôr nella. Disse-lhe quanto quiz, que nunca elle a deixasse ir a casa da mãe, que ella é que fez com que elle perdesse a sua fortuna, etc. : « Aqui tem o trapo que trouxe vestido, vista-o. Ponha-se já d'aquella porta para fóra; não lhe dou nada, que ha de morrer de fome. »

Disse-lhe ella : « Tens razão, Galvão, mas dá-me 3 novellos para meu seguimento. — Sim, senhora, lá isso lhe dou eu; quero ver o que faz com elles. » Pôl-a fora e fechou logo a porta nas costas.

Ella tirou a ponta do novello; o novello foi a desenrolar-se, e ella a andar sempre por onde o novello ia. Andou todo o dia sem comer nem beber. Ao sol posto, acabou-se um novello á porta de um palacio. Pediu ás guardas que dissessem á senhora se lhe dava alli quartel essa noite, que era uma pobre viuva, que andava pedindo para se governar; mas que lhe pedia em louvor do senhor infante menino. Mandou-a entrar.

Perguntou-lhe ella se sabia ella do senhor infante menino, visto que pedia esmola em seu louvor. Ella disse-lhe que não sabia, mas alli na rua lhe disseram que pedisse gazalho em nome do senhor infante menino : « Cuidei que soubesse alguma coisa, que me disseram que uma mulher lhe tinha dobrado o encantamento. — Não sei nada, minha senhora. »

Mandou-a para um quarto; mandou-lhe a ceia e alli ficou naquelle quarto até pela manhã. Pela manhã, levantou-se e despediu-se. Mandaram-lhe dar pão. Elle foi ter com ella, de noite; perguntou-lhe o que tinha dicto sua tia. Esteve-lhe contando o que se tinha passado : « Agora o outro novello ha de aca-

bar á porta de minha avó; pede-lhe gazalho em meu nome. Não lhe digas coisa nenhuma, que minha mãe já mandou uma escolta em tua pergunta: em te encontrando, és victima. Eu la irei ter á noite comtigo.

Deitou o outro novello, foi a casa da avó. Succedeu o mesmo.

Deitou o 3º novello, foi dar ao palacio da rainha. Pediu esmola em louvor do senhor infante menino e gazalho. Assim que lhe falou no filho, mandou-a entrar; perguntou-lhe quem era. Sou uma pobre viuva, minha senhora, que enviuvei ha pouco tempo. — Mas para que me pede gazalho em nome do senhor infante menino? — Porque tenho ouvido dizer que a senhora não nega coisa alguma que lhe peçam em louvor do senhor infante menino. — Mas V. Mce coitada, está ja muito pezada; é melhor, já que me fallou no meu filho, que esteja aqui até ter a sua creança. Mas V. Mce sempre sabe alguma coisa a respeito de meu filho. Eu mandei uma escolta em busca d'essa mulher que lhe dobrou o encantamento, e quando pareça ha de ser alcabuzada.

Ella mudou de còr. « E' muito bem feito, minha senhora, que pague quem tem culpa. »

Mandou-a para um quarto, onde estava uma cama, dentro d'uma alcova, tapada com um cortinado. Mandou-lhe de cear; comeu e deitou-se. D'ahi, veiu o infante; deitou-se com ella e perguntou-lhe o que se tinha passado com a mãe: « Ainda digo mais, não quer que eu saia d'aqui sem ter a creança. Eu aqui hei de vir todas as noites; mas cautela com a lingua, não digas nunca nada. Vae todas os dias pela manhã fallar a minha mãe e agradecer-lhe. » De madrugada sahiu.

Ella levantou-se, veiu fallar á rainha. Coitada, não havia de dormir bem; estava cansada da jornada. A' noite ha de dormir melhor. Mandava-lhe o comer e todas as noites ella ia lá.

Levantou-se um dia e disse á rainha que estava muito doente. « Vá para o seu quarto e ja se manda chamar quem a entenda. »

Vieram logo duas parteiras; teve uma creança. Deram parte á rainha; ficou muito contente de ella estar descansada. A' noite

veiu elle; ficou muito contente do seu menino. Ao cabo de 3 dias deu uma dôr na creança, que não a podia de maneira nenhuma ter, nem ao collo, nem de mama, nem de maneira nenhuma : a chorar sempre. Veiu o pae, pegou nelle; o menino sempre a chorar. Deu-o á mãe. « Vê se o calas, que eu não o posso ouvir; canta-lhe uma cantiga, que as creanças ás vezes assustam-se de ouvirem umas tantas vozes e calam-se. — Isso não canto eu ; havia de pôr-me a cantar para incommodar a rainha? — Porque não? Canta, canta. — Não canto, não. — Canta-lhe esta cantiga :

Se vossa avó soubéra
Que era seu neto,
Veja o que fizéra !

— Pois eu hei de cantar isso ? — Canta, sim, que mando eu. » Ella cantou e o menino calou-se.

Pela manhã, sahiu elle, e ella levantou-se. Assim que a rainha a sentiu levantada, veiu ao quarto. Perguntou-lhe que tinha aquella menina, que tanta tinha chorado. « Julgo que era dôr, minha senhora, que teve. — Mas elle calou-se depois que cantou. — Eu não cantei, minha senhora. — Cantou; te posso dizer a cantiga que foi (repetiu). » Ella desfechou a chorar muito. Disse-lhe ella : « Não chore; quero que me diga a verdade. Para mim não ha segredos occultos; ha de me dizer tudo que tem succedido, e quando não, ha de ser alcabuzada. Ainda ninguem pediu gazalho nem esmola, em louvor do senhor infante menino, e V. M[ce], que m'o pediu, sabe esse segredo. Eu sou capaz de o guardar, tão bem como V. M[ce] o guarda. Conte-me a verdade, e ninguem lhe ha de pôr perigo nenhum. »

Ella contou-lhe tudo e a rainha chorou muito; que seu filho era um ingrato : ir todas as noites e não lhe ter fallado!

« Faça a senhora o mesmo que eu fiz : uma lanterna de furta-fogo. A senhora vae p'ra o meu quarto, e quando elle venha, está a lanterna de baixo da cama, e a senhora encoberta com os cortinados. Elle vem; ha de me perguntar o que passei com a senhora,

e depois digo-lhe eu : « Desvie para lá o cabello, que me oica no corpo, é muito comprido », e elle sacode a cabeça e cae o cabello para baixo, e a senhora segure-lhe o cabello e deite-ella 3 pingos de cera, que ja elle não pode fugir. » A rainha ficou muito satisfeita, esperando a noite. Metteu-se no quarto da peregrina.

Veiu elle, fallou, perguntou pelo menino, se estava melhorzinho. Disse-lhe que estava bom, que nunca mais tinha tido a dôr; e por não dizer mais nada : « Deite o cabello para fóra da cama, que me está picando no corpo. » A rainha deitou os 3 pingos de cera.

Beijou-o, abraçou-o, chamando-lhe ingrato, que vinha alli todas as noites e não lhe tinha ainda fallado. « Minha mãe, acabou-se o meu encantamento com a nascença de meu filho; mas o Galvão, não. Agora, ha de baptizar-se no dia em que minha mãe fizer annos; depois dá beija-mão. As 3 ultimas mulheres que vierem beijar a mão de V. M., trazem um lenço na mão. Perguntam : « O que quer V. M. de nós? — Esse lenço que trazes nas mãos. » Ellas de raivosas fazem o lenço em mil tiras e quantas feridas fizerem quantas são as feridas do meu corpo. Jogam com o lenço á agua e eu não me posso levantar. Deve estar alli medico, cirurgião e confessor, que eu não sei se poderei resistir. »

No dia que a rainha fez annos, baptisou-se o menino e deu (a rainha) beija-mão. As 3 ultimas mulheres que chegaram, perguntaram : « Que quer V. M. de nós ? — Esse lenço que trazes nas mãos. »

Rasgaram muito bem o lenço, deitaram-no na agua e desesperadas sahiram da sala. Accudiram logo o cirurgião e o medico, curaram-no e metteram-no na cama.

« Minha mãe, hoje é dia grande; baptisa-se o meu filho, minha mãe deu beija-mão, agora todas as personagens que aqui estão sejam minhas testimunhas que eu cazo com minha mulher.

45. OS DOIS PEDRINHOS

Era um rei muito tentado com a caça; mandou chamar o sapateiro. Que lhe havia de fazer umas botas em 3 dias. O sapateiro principiou as botas; mas a mulher estava para ter uma creança, foi chamar a parteira e ao cabo de 3 dias nasceu um menino.

Passaram-se 2 dias; manda o rei pelas botas. Elle foi e disse: « Senhor, não pude fazer as botas, porque minha mulher, esta noite, era meia para a 1 hora, deu à luz um menino. — Ora essa! disse o rei, a essa mesma hora, teve a rainha outro menino. Has de me dar o teu filho; nasceram á mesma hora e no mesmo dia, en quero creal-os como meus filhos para saber o destino ou a sina d'estas 2 creanças. Vae fallar com tua mulher e traze-me aqui teu filho. »

Elle veiu para caza e disse á mulher. Ella não queria; chorou muito e elle disse: « Não lhe tires a fortuna; elle vae ser creado como filho do rei; é só para saber o destino d'estas 2 creanças que nasceram á mesma hora e no mesmo dia. »

O rei mandou buscar o menino. Poz a cada um sua ama; baptisou-os, poz a ambos Pedros. Foram crescendo os meninos debaixo de nome de serem irmãos um de outro. Eram muito amigos um de outro, muito amigos; não estavam nunca um sem o outro. O rei mandou-lhe fazer umas bolas de ouro, um aro e uma palheta. Iam para o mirante jogar; mas o sapateiro sempre queria ganhar, o principe tambem: guerreavam um com o outro, o sapateiro batia no principe. Vinha fazer queixa á rainha: « Pedrinho deu-me. — Amanhã lhe dás tu. » Numa occasião estavam jogando; o filho de sapateiro pegou numa bola de ouro e jogou-lhe com ella a testa, fez-lhe uma ferida. Elle veiu a chorar muito, todo cheio de sangue. Acudiu o rei e a rainha; e a rainha olhou para o rei e disse assim: « Será caso que o filho do sapateiro ande enxovalhando sempre uma pessoa real? »

Assim que se curou, veiu outra vez brincar com o Pedrinho;

tinham já 14 para 15 annos. Guerrearam outra vez; o principe disse-lhe : « Olha, Pedrinho, tu não és meu irmão; a minha mamã disse-me que tu que eras filho d'um sapateiro. »

Elle que tinha mais tino que o principe, assim que teve occasiaõ, veiu ao gabinete do rei e perguntou-lhe : « Senhor, eu sou filho de V.M. ? — Porque me perguntas isso ? — Porque Pedrinho disse-me que eu que era filho de um sapateiro. — Pois é verdade, mais criei-te como meu filho e ninguem sabe esse segredo senão eu e a rainha, porque teus paes ja morreram. »

Veiu brincar outra vez com o Pedro, e assim que teve occasião, foi ao erario, trouxe uma grande bolsa de dinheiro, e assim que Pedrinho estava dormindo, foi á cavalhariça, montou num cavallo e deitou-se a correr por uma calçada abaixo. Ia considerando : « Como eu não sou filho do rei, não hão de fazer diligencia por me encontrar. » O Pedrinho acordou, não o achou na cama, foi ao mirante e viu-o ir a correr no cavallo. Elle veiu á cavalhariça, pegou num cavallo e montou-o e foi sobre elle, a gritar e a bradar. Assim que Pedrinho conheceu e olhou para traz, que voltasse para palacio. Cada vez fugia mais, atraz de Pedrinho. Não teve mais remedio que foi parar e esperar por elle.

« Pedrinho, vae para casa, não queiras ser a minha desgraça : por mim não hão de fazer diligencia nemhuma. Vem uma escolta logo sobre nós; tu não has de ter perigo, mas eu sim. — Eu não volto para traz ; onde tu fores, vou eu: onde tu morreres, morrerei eu. »

Caminharam sempre para diante. Ao cabo de 10 dias ou 12 de jornada, chegaram a um sitio onde havia 2 estradas. Puchou pelo mappa e disse ao principe : « Estas 2 estradas vão dar á cidade de**. E' distante d'aqui 2 leguas; vae tu por uma que eu vou por outra e aquelle que chegara primeiro, que espere pelo outro. — Tu o que queres é separar-te de mim e deixar-me. — Não é por isso ; pode ser que esteja já lá ordem para nos prenderem ; e, assim, cada um vae por sua parte, não ha duvida. » Custou muito a convencel-o. O Pedrinho foi por uma estrada e o outro por outra.

O principe deitou a correr no cavallo quanto podia e o outro foi muito a passo. O principe chegou no meio da tarde; perguntou se estava alli um rapaz do seu tamanho pouco mais ou menos e com o mesmo fato, e ninguem lhe deu noticia. Elle sahiu da cidade.

O Pedrinho chegou á noitinha e perguntou (o mesmo). Disseram-lhe que sim, que tinha alli vindo, perguntando por elle, ao meio da tarde. Elle apeou-se. « Isto é noite; onde hei de eu ir em busca d'elle? amanhã pela manhã será. » Comeu e dormiu. Pela manhã cedo levantou-se, pagou a estalagem e sahiu.

Sahindo fóra da cidade, encontrou uma velha. « Ai, menino, não vá p'r'hi, porque hontem á tarde encontraram um menino naquelle palacio, assim de seu tamanho. Não vá p' r' ahi, que ha de ser encantado tambem. — O' tia velhota, VM[ce] que me diz isso é porque sabe como eu o hei de desencantar; eu lhe hei de pagar muito bem. — Ora VM[ce], inda que lh'o eu ensine, não é capaz. — Sou, e de muito mais. — Pois eu lh'o digo. VM[ce] vê aquella montanha? se for capaz de a subir...; ella não tem onde o menino se pegue nem onde ponha os pés. Se puder fazer a diligencia de subir, ha de ouvir muitos gritos e muitos tiros; mas não tema, que nada lhe faz mal. Se a subir, lá em cima, está um gigante. Há-de lhe perguntar o que quer, o menino diz-lhe : a chave d'aquelle palacio. Elle entrega-lhe a chave, e o menino deita-se no chão, rebola para baixo. Ha de ficar arrimado á porta de um palacio. Abra-a; está um grande lago no meio, com um cypreste no meio do lago e em cima do cypreste está uma serpente. Tem a chave do quarto onde está o principe, na bocca. Se ella estiver com os olhos abertos, tira-lhe a chave. Logo vê uma porta; abra-a, que lá está o menino. »

Elle pagou-lhe muito e agradeceu á velha; prendeu o cavallo e foi fazer a diligencia de subir. Assim que começou, pega a ouvir muitos gritos, muitos tiros; a poder de diligencia chegou lá.

Sahiu-lhe o gigante, perguntando-lhe o que queria. « A chave d'aquelle castello. » Entregou-lh'a; elle rebolou-se da serra abaixo, ficou com as costas empinadas a uma porta. Viu um lago, onde tudo era agua e um cypreste no meio. Poz muita duvida em subir pela cypreste acima. Chegado lá, encontrou a serpente com os olhos abertos; tirou-lhe a chave. Quando desceu do cypreste, não viu lago, não viu nada. Abriu logo a porta, encontrou Pedrinho e uma madama ao pé.

Levantou-se, abraçou-o. « Por'mor de ti é que tenho passado tanto trabalho e passarei; vim-te desencantar. Amanhã pela manhã sahirei d'aqui. Esta madama tambem ha de vir comnosco. E' princeza, filha do rei de**. »

Pareceu uma meza, composta de toda a qualidade de comer; comeram. Como eram horas de deitarem-se, disse o principe: « Pedro, deita-te aqui nesta cama, que estás cansado. — Não deito tal, deita-te tu. — Eu já me deitei mais esta menina; esta noite dormimos aqui; agora dorme eu. » Elles deitaram-se.

Eram 8 horas da noite; veiu uma aguia, deu 3 carcaxadas: « Ah! ah! ah! talvez pensem que estão livres do encantamento. A' saida d'aqui, são 3, tem um só cavallo; logo ao pé da muralha está uma manada de cavallos muito bons e mansos. A princeza vae muito incommodada; ha de pedir um cavallo; mas em se montando, ficam sujeitos ao mesmo encantamento. Quando esto ouvir e contar em pedra marmore se ha de tornar. »

A's 9 horas tornou outra vez. « Quando d'esta escaparem, lá mais ao diante hão de querer almoçar. Está uma figueira na estrada, com muito bellos figos; em comendo d'elles, ficam sujeitos ao mesmo encantamento. Quando (&. o mesmo). »

A's 10 horas veiu outra vez e disse: « Quando d'essa escaparem, lá mais adiante está uma fonte; como levam muita sede, em bebendo da agua, ficam sujeitos ao mesmo encantamento. Quando (&). »

A's 11 tornou a vir: « E quando d'essa escaparem, á entrada da cidade, cahem-lhe as muralhas em cima. Quando (&).

A' meia noite veiu outra vez: « Quando d'essa escaparem, o rei ha de ficar muito satisfeito de ver a filha, livre do encantamento; offerece a Pedrinho a mão da filha, e na noite em que se receberem, á meia-noite vem uma serpente e traga-o. Quando (&). »

Esperou 1 hora, esperou as 2; e ás 3 foi acordar o Pedrinho e a princeza: « Meninos, vamos acima, vamos embora. »

Sahiram do palacio. Não queriam a princeza nem o principe ir no cavallo; diziam ao Pedro que se montasse nelle, que elles iam a pé. Logo pareceu uma manada de cavallos. A princeza disse logo ao Pedrinho que fosse buscar um ou dois cavallos, que seu pae que pagaria tudo, e Pedrinho disse: « Primeiro se hão de montar Vm^ces ambos no meu cavallo, que eu vou buscar um ou dois para nós irmos então melhor. »

Assim que se elles montaram, deu uma chicotada muito grande no cavallo; foi buscar outro, tirou um alfinete e metteu-lh'o na anca. O cavallo pegou a fugir e aos coices. Os outros seguiram fazendo o mesmo. Elle olhou para elles e disse: « Olhem lá! se eu montasse nalgum d'elles ou V.M^ces? quando elles fazem isto sem gente, o que faria..? » Respondeu a princeza: « Nada, nada, vamos melhor assim. »

Lá mais adiante disse o principe que eram horas de almoçarem. Apearam-se e vão olhar, vêem uma figueira, com muitos figos, muito bons: « Que bellos figos! disse a princeza, vá busca-los para almoçarmos. » Pedro tirou o lenço da algibeira, foi debaixo da figueira, estendeu o lenço. Pegou a colher figos; abria-os e deitava-os fóra.

Tantas vezes fez isto que o principe lhe disse: « Em vez de trazeres os figos, deita-los fora? — Elles não são figos, respondeu Pedro, são bolsas de bichos. — Então não. »

Estiveram almoçando, montaram a cavallo e sahiram.

....

....

(Foi esquecida a maneira como Pedro evitou a prophecia que a

aguia fez as 10 horas. Pouco me parece ficar prejudicado o merito do conto, se o tem.)

Chegando ás muralhas da cidade, disse o Pedrinho : « Não é bonito agora entrarem 2 pessoas reaes montadas num só cavallo, como pessoas particulares. O melhor de tudo será que eu vá a palacio fallar com o rei, para as mandar buscar como devem. Fiquem aqui nesta quinta, que eu logo cá venho. »

Foi a palacio, perguntou o rei. Que estava alli um estranjeiro, que lhe era muito preciso fallar-lhe.

Mandou-o entrar ; passados os primeiros cumprimentos disse-lhe se tinha gosto de ver a sua filha, já desencantada. O rei ficou com muito grande gosto. « Tudo daria só para a ver já livre d'aquelle encantamento. — Não preciso nada, senhor ; é só mandar derribar as portas (portas da cidade) da entrada de tal parte. Em ellas estando em baixo, eu direi a V.M. onde está. »

O rei mandou logo buscar todos os operarios ; nesse dia mesmo se deitou a muralha abaixo. « E' preciso, senhor, que a mande buscar, porque não é bem que ella venha a cavallo numa cavalgadura ; que não é bonito entrar sem estado ».

O rei mandou logo arranjar todos os trens e deu parte a todos os fidalgos ; foram á quinta buscal-os. O Pedrinho, assim que viu o *estado*, deitou os braços ao pescoço de Pedro a beijal-o. « Com que t' hei de eu pagar tanto bem ? — Com o mal. »

Chegaram a palacio. O rei disse para o Pedro : « Ja que tive o gosto de ver minha filha desencantada, não lhe posso pagar senão com a mão d'ella. — A mão da princeza não me pertence a mim, mas aqui a Pedrinho que é principe. »

O rei deu-lhe a mão e depois tractou-se do cazamento. E o principe a perguntar-lhe com que lhe havia de pagar tanto bem ? « Com o mal, respondia elle. Agora o que quero é que me dês licença para ficar no teu quarto, na noite que te receberes. — Que me pedirás tu que eu não faça ? »

No dia que se receberam, a horas de se recolherem, deu o principe a chave a Pedro. Pedro pegou num alfange; quando sentiu que elles iam para o quarto, metteu-se debaixo da cama.

Metteram-se na cama e deixaram-se dormir e Pedro pegou no alfange e poz-se de pé ao pé da cama.

De repente veiu abrir uma janella do quarto, que dizia para o jardim. Entra a serpente e Pedro com o alfange traçou-a ao meio. Ella sahiu e cahiu dentro da cisterna. Ao mesmo tempo acordou a princeza; sentiu a espadana de sangue na cara. Palpou, achou sangue. Viu Pedro com o alfange na mão, tambem ensanguentado. Pegou a gritar que Pedro a queria matar. Acudiu tudo em palacio. Viram Pedro com o alfange na mão, muito branco. Disse-lhe que, se tinha sangue, que procurasse a ferida. « Mas tenho sangue, V.M^{ce} queria-me matar. » O marido a dizer-lhe que Pedro que não era capaz; mas foi preso no oratorio 3 dias e logo enforcado.

O principe chorava de dia e de noite. Elle, no dia que estava para ser enforcado, mandou chamar o principe. Pediu licença ao rei e foi. « Então não te disse que me havias de pagar o bem com o mal? » Elle desculpou-se com a verdade; não tinha culpa.

« Mandei-te chamar: quero pedir-te um favor pela ultima vez. Quero que peças ao rei que, quando eu for p' ra a forca, quero fazer caminho pelo jardim que tem porta de entrada e de sahida. Mas quero que elle e todos os fidalgos se ponham á janella quando eu passar. » Despediram-se um do outro com muitas lagrimas, e veiu, deitou-se a joelhos ao rei, que desejava que lhe fizesse uma mercê.

Levantou-o e disse-lhe que pedisse o que quizesse. Disse-lhe o que o Pedrinho lhe tinha dicto. Deu-lhe licença p' ra elle vir pelo jardim.

Chegando a justiça, elle olhou para as janellas e viu tudo cheio de gente. Deitou o crucifixo, que tinha na mão, no braço, e disse: « Senhor, morrer d'uma maneira, morrer d'outra,

tudo é morrer ; mas justificado, não criminoso. » Por aqui foi dizendo tudo que se tinha passado com a aguia; ia dizendo, ia se fazendo em pedra. Quando acabou de dizer da serpente cahir na cisterna, ficou um homem de pedra. Tudo muito admirado e ao mesmo tempo com pena.

O principe não tinha consolação nenhuma; ia de quando em quando, de roda da pedra de Pedro. A princeza e o rei a animal-o. Que já não havia remedio. Assim se passou um anno.

Ao cabo, teve a princeza 2 meninos gemeos. Tinham já os meninos mezes, pegou o principe a sonhar que degolando os seus 2 meninos, parando o sangue numa bacia, que corresse á pedra de Pedro com o sangue quente, que lavasse a pedra, que Pedro que resuscitava.

Tanto sonhou ' té que disse á princeza. Ella disse-lhe que tinha muita pena, e mais por ser ella a causa, mas que matar os seus filhos, isso não. Elle calou-se. E sempre a sonhar.

Um dia que as amas não estavam no quarto dos meninos, pega numa bacia e num alfange e corre ao berço dos meninos e degola-os ; correu ao jardim, lavou a pedra de Pedro com sangue e Pedro teve vida.

Pegou a dar vivas e a gritar. Acudiu muita gente ás janellas, viram-no vir com Pedro pelo braço. Correram todos á porta do jardim, abraçaram Pedro; e elle, Pedrinho, disse, por fineza : « Matei os meus 2 filhos para lhe dar a vida a elle ; assim é que lh'eu pagava tanto bem que me tem feito. »

Foram ao quarto onde os meninos estavam mortos; acharam-nos sãos, de saude, brincando com o alfange e as mãos cheias de sangue.

Ainda maior gosto tiveram e ficaram todo vivendo junctos.

46. O REI CEGO

Havia um rei e uma rainha que tiveran 3 filhos. Viviam muito satisfeitos com os meninos. Já eram homens, adoeceu o

pae com uma grande inflammação nos olhos e cegou. Vinham medicos de fóra dos reinos; foi em balde, que não recobrou a vista.

Passado muito tempo, veiu um pobre pedir á porta do palacio. Perguntou á guarda se S.M. ainda era cego. Disseram-lhe os guardas que ainda era cego. Diz o pobre : « Se pudessem alcançar uma garrafa d'agua do palacio d'um gigante, no reino de tal parte, era só applicar-lhe aos olhos, ficava logo com a sua vista natural. »

O capitão da guarda ouviu isto, foi dizer aos principes. Respondeu o mais velho : « Isso muito facil é de alcançar, manda-se um soldado por ella. »

O mais novo respondeu : « Isso não ; pode dizer que é agua de lá e ser d'outra qualquer parte. E' melhor ir um de nós. » O mais velho respondeu : « Pois vou eu. » Determinou-se a sahida e sahiu com um creado.

Quando chegava ás cidades, por onde ia correndo, escrevia sempre. Assim ia seguindo á sua jornada.

Chegou a um reino e viu um defunto no meio d'uma praça, e uma bandeja ao pé em cima d'uma cadeira. Disse : « Então este homem, depois de morto, está pedindo esmola ? — E' para se enterrar. No nosso reino, ninguem se enterra sem pagar ao parocho ; e como elle é pobre, está tirando esmola para se enterrar ». Elle não respondeu, metteu esporas ao seu cavallo e foi seguindo a sua jornada.

Chegando ao reino do gigante, estava na estrada uma estalagem. Elle apeou-se e entrou para dentro. Pediu de jantar ; logo se poz a meza e o comer sobre ella. Sentou-se, veiu uma madama muito linda sentar-se-lhe ao lado. Nunca mais se lembrou nem de ir buscar a agua, nem dos paes, nem de ninguem.

Passado o tempo marcado em que havia de ir e vir, como não tinha escripto, os paes e os irmãos disseram que era porque elles tinham morrido.

Mas, anciosos pela agua, disse o do meio : « Vou eu e hei

de trazer a agua e não hei de morrer por lá. » O rei queria, antes já, estar cego que perder os filhos ; mas elle sempre teimou e sahiu. Montou a cavallo e não levou criado.

Seguindo os mesmos passos da jornada do mano, chegou ao reino onde se não enterravam sem dinheiro. Viu uma defuncta ; perguntou que fazia aquelle corpo alli, que se não enterrava ? Que não tinha fortuna, que estava tirando esmolas para se enterrar. Elle não respondeu e foi andando.

Chegou á estalajem. Sahiu o irmão a fallar-lhe ; perguntou-lhe porque não tinha ido buscar a agua ao pae. Que, chegando alli, respondeu elle, nunca mais se lembrou de nada com aquella madama que se lhe sentou ao lado. Entrou para dentro e pôz-se á meza a jantar ; veiu outra ainda mais formosa e sentou-se-lhe ao lado. Nunca mais se lembrou da agua.

Muito tempo depois de passar a hora marcada, disse o mais novo para o rei : « Os manos sem duvida morreram, vou eu ; quero antes morrer, fazendo a diligencia para meu pae ter vista. » Divulgou-se logo esta noticia no palacio e a côrte oppoz-se a isso ; mas elle na noite seguinte foi ao erario, trouxe uma grande somma de dinheiro, montou num cavallo, de madrugada, e sahiu ; mas sempre escrevendo.

Chegou ao reino onde se não enterrava sem dinheiro ; chegou a uma cidade onde viu um defuncto á porta (da cidade). Perguntou porque não enterravam aquelle homem. Disseram-lhe que não se podia enterrar sem pagar ao parocho ; mas, como elle devia muito, havia 2 dias que alli estava e ninguem lhe dava esmola. O principe disse : « Este homem não tem mulher nem caza ? — Tem mulher e um filho. — Levem-no lá para caza da mulher, que eu pago o enterro. »

Levaram-no para caza da mulher. Ella, coitadinha, desfechou a chorar muito. O principe entrou ; perguntou quem era a viuva. Depois disse-lhe que fizesse o enterro ao seu homem, que elle pagava a despeza.

Depois do enterro sahir, olhou para a viuva e disse-lhe que

mandasse chamar todos os seus credores. Depois de estarem junctos, disse-lhe o principe como elles tinham a sua devida perdida, se quizessem estar pela sua proposta, que não perdiam tudo, se queriam elles metade da divida que aquelle homem lhe devia, perdoando a outra metade? Todos disseram que sim. Pagou a todos por metade da divida e depois que elles sahiram, deu uma somma á viuva e disse-lhe que rogasse a Deus que elle fosse feliz na sua jornada; que tambem ella havia de ser. Montou a cavallo e seguiu o seu caminho.

Chegando á estalajem, viu os irmãos. Muito satisfeitos assim que o encontraram; mas elle não estava contente de os ver alli. Elle não se queria apear. Que não seguisse a jornada sem jantar, que estava a mesa posta.

Assim que se sentaram á meza, veiu outra madama ainda mais bonita e sentou-se-lhe ao lado. Elle levantou-se, deu um pulo no cavallo e seguiu seu caminho. Os irmãos pediram-lhe que viesse por alli de torna-volta.

Chegando ao palacio do gigante, puchou a campainha e veiu elle. Perguntou-lhe o que queria. Disse que vinha alli buscar uma garrafa d'agua da sua fonte, que tinha seu pae cego. O gigante disse que sim, mas numa condição. Levou-o a uma janella: « Vês aquelle palacio? Se me fores lá buscar uma espada que eu lá tenho, logo te dou a agua. »

Elle, satisfeito com a proposta, abalou. Subindo um outeiro, viu um rio d'agua. Poz-se de roda d'elle sem saber como havia de passar. Pareceu-lhe uma rapoza; fallou-lhe: « Tu tens medo da agua? fecha os olhos e passa, que não te has de molhar. Em lá chegando has de ver 2 exercitos num grande combate, muitos mortos, muitos eridos; não tenhas susto. Passa pelo meio d'elles. A porta de palacio está aberta; no primeiro quarto está uma meza e a espada em cima. Pega na bainha e vem-te embora. »

Elle fechou os olhos e chegou á porta do palacio sem ser molhado. Assim que chegou ao pé do exercito, passou por elle,

entrou, pegou na bainha e sahiu. Quando sahiu, não veiu nem exercitos, nem feridos nem mortos, nem coisa nenhuma, nem resto de nada. Sentiu um estalo no braço ; olha, vê a espada dentro da bainha. Não viu o rio. Chegou a palacio, entregou a espada.

Ficou muito satisfeito. « Assim como foste capaz de me ir buscar a espada, has de ir buscar um cavallo que eu lá tenho. » Elle ja ia mais triste, mas foi.

Encontrou o rio e a rapoza lá. « Ainda cá te mandou ? O que elle quer é matar-te, mas não has de ter perigo. Fecha os olhos, e passa, que has de ver, á primeira caza, uma grande cavalhariça com mangedouras d'um e d'outro lado. Os cavallos estão aos coices que encalham as pernas umas nas outraz ; mas não te assustes, passa pelo meio d'elles. O ultimo cavallo, que está á tua direita, tem um freio de prata. Tira-o da argola da estaca e vem-te embora. » Elle assim fez.

Chegando lá, eram os cavallos aos coices que não o deixaram passar ; mas mesmo assim rompeu. Tirou-o da prisão ; veiu-se embora. Ao sahir da porta, o cavallo ao pé d'elle.

Veiu, entregou-o ao gigante : « Inda tornas lá, outra vez a buscar uma filha que eu lá tenho. » Elle foi. Outra vez o rio. A rapoza disse-lhe : « Ja te cá não manda senão esta vez. Entra, que á tua direita está uma porta. Levanta a aldraba e entra. Has de vel-a sentada com 12 serpentes, que é a sua guarda, mas não tenhas medo ; que ellas hão de levantar a gala direito a ti. Não faças caso. Lá está uma commoda, abre a primeira gaveta, vês uma saia encarnada. Tira-a , eguala o cós com a contrapiza e deita-lha ao pescoço. E vem-te embora e vás para caza de teus irmãos. »

Elle entrou ; as serpentes levantaram gala ; mas elle foi á gaveta, tirou a saia, deitou-lh'a ao pescoço. Veiu-se embora, mas já não viu as serpentes. Quando sahiu da porta do palacio, já ella estava ao pé d'elle, dando-lhe o braço.

Era muito linda. Veiu e entregou-a ao pae. Ja tinha a garrafa cheia d'agua ; agradeceu-lhe muito o favor e disse-lhe que

pedisse o que quizesse. Elle pediu a espada; deu-lha de muito boa mente. Despediu-se d'elle e sahiu.

Depois ouviu um tropel muito grande atraz de si; era ella montada num cavallo, com uma espada para o matar. Que assim pagava a quem a tinha desencantado. Respondeu-lhe que quando seu pae disse que pedisse, porque não a pediu a ella? « Mas como não pediste senão a espada, aqui me tens a mim e ao cavallo. »

Seguiu a sua jornada; como o cavallo não sabia senão aquelle caminho, veiu dar á estalajem. Os irmãos, assim que o viram, com uma grande inveja. Com a agua, com a espada, com o cavallo e com uma madama melhor que a d'elles! mas mostrando-se muito satisfeitos com elle.

Tencionaram fazer todos junctos a jornada para palacio; seguiram a sua jornada todos 3 com as suas madamas. O calor era muito, levavam todos muita sede, sem veram nem fonte, nem poço, nem monte (casal). A final acharam um poço, mas não tinham com que tirar agua.

Os 2 mais velhos disseram: « Ora isto faz-se bem, atando as nossas bandas todas 3 e vae um de nós lá abaixo com um chapeu, enche-o d'agua e traz para cima. Pois vá o mano que é mais leve. »

Ataram as bandas á cintura do irmão; levou o chapeu e encheu-o d'agua. Beberam; ainda tinham mais sede tornou a ir p'ra baixo: trouxe mais agua e depois foi outra vez. Fingiram que lhe tinha escapada a banda da mão, ficou enterrado na agua até á cintura. Muitos gritos, muitas finezas, mas não podiam tiral-o de maneira nenhuma. Assim, que iam p' ra diante ver se encontravam alguem para os ajudar a tirar. A mulher, quando o viu cahir, deu um grito e ficou muda, e o cavallo deitou a correr, que nunca mais lhe puzeram a vista em cima.

Seguiram a sua jornada, e chegando ao seu palacio, pegaram logo na garrafa e foram direitos ao quarto do pae; mas não puderam destapar a garrafa, de maneira nenhuma. Não podendo,

foram buscar uma bacia e um martello, mas não se partiu. Puzeram-na p' ra o lado, a ver se alguem a ia abrir; todo o trabalho foi baldado. A espada nunca a puderam tirar da bainha e o cavallo pareceu lá num outeiro muito longe. Disseram aos picadeiros que, picando os cavallos, podia ser que apanhassem aquelle.

O principe, que estava no poço, lembrou-se da rapoza: « Ai, que tantas vezes me livraste da morte! bem me dizias tu que não viesse por casa de meus irmãos! » Neste tempo pareceu ella ao bocal do poço: « Agora não sei; não te posso tirar d'ahi. — Anda lá, rapozinha, tira-me d'aqui, desta desgraça, senão eu morro aqui. — Eu não; só se me deres meitade do que for teu, dentro de um anno. — Não te dou meitade, dou-te tudo quanto me pedires. »

Tirou-o do poço. Estava elle já com o fato roto, com uma barba muito grande: « Vae a palacio, que teu pae 'inda está cego. A garrafa ainda não se desrolhou, nem se partiu a martello. O cavallo, nunca mais lhe puzeram a mão em cima; e tua mulher está muda, nunca mais fallou. Vae, has de gastar muito tempo; mas não te esqueças do que me promettestes. »

Desappareceu a rapozinha e elle pegou a seguir o seu caminho muito devagarinho, estava muito debilitado. Chegou a algum monte, pediu alguma esmolinha para comer. A poder de dias chegou á côrte, sentou-se numa pedra, perto dos picadeiros que andavam picando os cavallos; e olhou, viu o cavallo.

Disse: « Oh! que cavallo tão bonito! — Por amor d'elle é que nós andamos aqui picando neste, para ver se o podemos apanhar; mas elle não dá mão a ninguem. — Ora eu sou capaz de o ir buscar. — Ora! outros com mais pano no colarinho não podem quanto mais V^{ce}. — Pois vamos ver. »

Levantou-se, e assim que foi direito ao cavallo, veiu elle direito ao dono. Pegou-lhe na redea e trouxe-o.

Levou-o a palacio, dizendo que elle não o tinha apanhado; que um homem, que alli estava, é que o trouxera.

« Talvez elle tambem seja capaz de tirar a espada da bainha. Va lá chamal-o. » Elle foi.

Disseram-lhe se elle era capaz de tirar aquella espada da bainha. Deram-lh'a ; mas elle não quiz : « Não precisa isso. » Pegou na espada mesmo na mão do irmão e puchou por ella, mesmo sem força nenhuma.

Foram buscar a garrafa. Que talvez fosse capaz de tirar a rolha. « Mas para que, senhor ? — Porque é um remedio que temos aqui p' ra meu pae. — Então, aqui não ; é preciso tirar-se mesmo ao pé da cama d'elle. »

Levaram-no ao quarto, pediu uma bacia, tirou a rolha, deitou agua nas mãos, lavou os olhos do pae. Logo ficou com a sua vista clara como d'antes. Como houve algum barulho no quarto, acudiram ; onde veiu a rainha e a rapariga. E ella, assim que o viu, deitou-lhe os braços ao pescoço : « Eu já te fazia morto ; graças ao Altissimo, que ainda te vejo. »

A estas palavras os infantes olharam com mais attenção para elle. Pediu a bençoa ao pae, fallou a todos. O pae, vendo isto, perguntou-lhe o que aquillo era, porque lhe tinham dicto que elle tinha morrido. Elle contou tudo. O pae mandou logo matar os filhos ; as madamas ficaram creadas da outra.

Depois tractou-se o casamento, cazou com ella. Ao cabo de 11 mezes, tiveram um menino. No dia do baptizo, estando á noite, ao chá, de repente apagaram-se as luzes das salas. Pareceu uma phantasma ao pé do principe ; todos se assustaram muito. Fallou o phantasma.

Que não tivessem medo, que elle que vinha alli buscar o que o principe lhe tinha promettido ; metade d'aquillo, que era seu.

Elle levantou-se, foi buscar um alfange e chegou-se ao berço do menino e levantou o braço. Mas a phantasma segurou-lhe nelle e disse-lhe que não matasse o seu filho, porque elle era a alma d'aquelle homem a quem elle mandou enterrar e pagar-lhe as dividas, que tinha vindo por Deus, livrado de tantos perigos. Assim, que fizesse o que tinha promettido a sua mulher de a fazer feliz.

Desappareceu; ficaram todos muito satisfeitos e elle no outro dia mandou 2 aias e uma escolta buscar a mulher. O filho já tinha morrido.

Metteu-a no convento com grande tença. Acabou-se.

Recolhidos por
Z. Consiglieri Pedroso.

Le Gérant : M.-A. Desbois.

MACON, PROTAT FRERES, IMPRIMEURS.

VOCABULARIO DE PROVINCIALISMOS ARGENTINOS Y BOLIVIANOS

PRÓLOGO

Hispané, non romané, memoretis loqui me.

Orgullo, y muy legítimo, es de todo español que tenga dos dedos de frente, cuando al pisar las playas de América oye hablar su propio idioma; y en cualquier sitio, y en todas ocasiones, siente acariciar su oído con el eco de conversaciones que, por lo familiares é inteligibles, le traen el recuerdo de la patria lejana. Claro está, que el vulgo emigrante no ve en esta mancomunidad de lenguaje más que una ventaja para sus conveniencias personales; y que á los bohemios de cualquiera clase y condición que sean, les ha de venir de perlas eso de no tener que aprender otro idioma en tierra extraña para dar curso libre á la péñola y á la sin hueso; pero sobre la idea utilitaria debe prevalecer, y prevalece el orgullo de raza halagado al ver que allende los mares crece robusta y frondosa una rama del gran roble castellano, asegurando la inmortalidad de los elementos fundamentales de la civilización hispana : la religión y el idioma. Lograron las naciones americanas sacudir el férreo yugo de la Metrópoli : han podido darse nuevas leyes, adoptar exóticas costumbres, y hasta posible es abracen otra religión, pero ya no les es dable formarse un idioma privativo nacional.

Quiera que no, el americano ilustrado pensará, hablará y escribirá en la lengua de los conquistadores. Las fantasías de Sarmiento y demás corifeos hispanófobos, las pretensiones de tantos *americanisimos* de hablar y escribir « en criollo », no pasan de alardes inocentes que caen en lo ridículo cuando se toman en serio. Por lo pronto, el pretendido lenguaje criollo, fuera de algunos modismos y términos dialectales que por designar cosas del Nuevo Mundo son desconocidos en la Península, no pasa de ser un bodrio de barbarismos, solecismos, arcaísmos y demás fealdades gramaticales, hasta el punto que eso de *americanismos* empieza á tener la significación que daban los atenienses á la voz *solecismo*, por haber perdido los habitantes de Soles en la Cilicia, la pureza de su lengua

patria. Hojeando este *Vocabulario* se pone de manifiesto que tan americanismos son los terminachos ingestados de araucano, guaraní, quichua, aimará ó chiquitano, como los barbarismos de lenguaje que se cometen con el uso de *recién*, *garantir*, y *saber*, por ejemplo; como tantos galicismos por el estilo de *cabina*, *caserna*, *usina*, etc.; y como ciertos convencionalismos de lenguaje tales como *cojer*, *concha*, *pedo*, etc.; lo que no empece para que todos y cada uno de estos vocablos ostenten el pomposo título de americanismos ó criollismos. De suerte, que á trueque de ser originales, sírvense algunos escritores de un lenguaje agauchado ó apaisanado, tomando á empeño escribir de un modo distinto del en que se habla.

Porque en verdad sea dicho, en Bolivia y en la Argentina se habla mejor que se escribe. ¿ En qué consiste que en ambos países se hable un castellano que con prescindencia de algunos dejos provinciales, es tan puro y limpio como el de las Castillas, hasta el punto que el gaucho y el cholo se expresan con facundia y corrección de lenguaje que para sí quisieran muchas ilustraciones regionalistas de la Península; y en cambio la mayoría de la gente ilustrada esgrime la pluma peor que el colegial más atrasado de la clase de Retórica? Yo lo atribuyo al poco estudio que en escuelas y liceos se hace de la Gramática, al escaso de Literatura, y al ninguno de las lenguas madres, consecuencia del divorcio en que, digan lo que quieran los americanistas peninsulares, viven los sur-americanos de la Madre Patria. ¿ A qué forjarse ilusiones? Así como los jóvenes de la tribu de Roboam hacían decir á éste : « Mi dedo meñique es más grande que el pulgar de mi padre », palabras que determinaron el cisma entre Israel y Judá : así piensa la joven América al compararse con su madre España.

La Historia, la Literatura, Artes y Ciencias españolas son menospreciadas ó desconocidas en América, en lo que tienen la mayor culpa los editores peninsulares que dejando el mercado á los Garnier, Bouret, Appleton y otros libreros de París y Nueva York, permiten la invasión y propaganda de trabajos extranjeros interesados en desacreditar á España por odios políticos ó religiosos. Siendo lo peor, que cuando alguien se queja, como yo lo hago ahora, de que los americanos no compran libros españoles, se contesta que tal queja es infundada, porque los españoles no producen nada. En verdad que no podrán decir lo mismo en lo que atañe á los maestros de escuela, como que á fuerza de ponerlos en caricatura, en sainetes y zarzuelas, los hemos exhibido al mundo entero. Saben, por consiguiente, en América que los dómines españoles son materia de exportación. Sin embargo se hace venir de Alemania profesores de lengua castellana para enseñarla en Liceos; y tudescos, franceses é ingleses regentan cátedras y dirigen Academias, Observatorios, Laboratorios y Escuelas normales, así en Bolivia como en la Argentina. Y ¡ vive Dios! que yerran en esto las Repúblicas Australes! Porque ya que no tengamos en España sabios,

ni literatos, ni artistas, no se negará que el más negado de sus pedagogos sirva para enseñar la lengua nacional mejor que ciertos gramáticos, asi exóticos como indígenas, que no contentos con mercantilizar con el idioma castellano, lo degüellan y estropean [1].

Si á estos elementos dañinos, y con esto cierro la digresión, se añaden la caterva de periodistas que hacen gala de escribir en criollo, porque, como nuestros « renaixensos », son incapaces de escribir en buen castellano; la redacción de documentos oficiales en *ortografía americana*; la plaga de *tradittori* que no *traduttori* que alimentan los editores extranjeros; y la jerigonza de terminachos plebeyos de que se hace gala en escritos y conversaciones, milagro será que no se confirme en plazo no muy largo la opinión de Bello, quien dice que « á no evitarse esta anarquía de lenguaje se hablará con el tiempo en América una jerga desconocida ».

Ya va sucediendo en Sur-América lo que en la España romana con el latín del Lacio. En Roma se tenía por extraño y medio incomprensible el latín que hablaban en la Península (Valdés, *Diálogo de las lenguas*). Así Aulo Gelio introduce á su poeta, haciéndole decir: *Hispané, non romané, memoretis loqui me* (recordad que hablo en español, no en latín).

Si á este resultado propenden los americanistas, pueden estar satisfechos; pero exige la equidad, adviertan que hablan en americano, no en español. Déjense de proclamar el castellano como idioma nacional; y déjense sobre todo de contratar profesores extranjeros para enseñarlo. Funden cátedras de araucano, de quichua ó de aimará, como las que para la enseñanza del otomí y guaraní fundaron los bárbaros españoles en las universidades de México y

---

1. Entre tanto texto más ó menos disparatado que usan en las escuelas argentinas, puedo citar el *Rudimentista* por la Señora Caprile. He aquí como trata esta señora al idioma de Cervantes:

El Miño es un río *en la* España.

Mi café *es* caliente.

Ella *es* en mi cuarto.

Los Estados Unidos *son* al S. de Canadá.

Las selvas de zona torrida *son* llenas de monos. Con otras monerías, como, « El dueño de la casa *vuelverá*; Sebastián se *transfirió* á Salta. » La misma señora, probablemente « signora », que á la publicación de su obrita era directora de una Escuela Normal de Buenos Aires, dice : *del* América; *miraculoso*, *Onoria*; *Escurial*, etc.

Y el *Rudimentista* era método de lectura subvencionado por el Consejo de Educación!

Lima respectivamente, y escriban en esos idiomas indígenas, como los regionalistas europeos lo hacen en flamenco, bable, lemosín ó vascuence.

A bien que los materiales son copiosos y sólo aguardan los artífices que sepan darles aplicación. ¿ Qué lengua más rica que la *guaraní*, cuya abundancia, propiedad y admirable mecanismo la hacen, en el sentir de algunos filólogos, más sabia y filosófica que cualquiera de las de la antigüedad ? Ni qué otra más varia y melodiosa que la *quichua*, de una concisión asombrosa, y con declinaciones y conjugaciones como la más adelantada lengua ! ¿ Cuál otra, en fin, más robusta y varonil que la *aimará*, que en lo relativo á palabras significativas iguala á cualquier otro idioma ? Una de esas lenguas primitivas pudo prevalecer como idioma nacional y pan-americano, como prevaleció el quichua desde el Guayas hasta el Maule en tiempo de la dominación incáica, sin más que por la autoridad de las armas. Pero está visto que los *americanistas* pueden menos que los « amaútas » peruanos ; eso que, como lo repito, la tarea no sería difícil.

Tan no lo es, que á medida que la instrucción cunda en los pueblos sur-americanos, han de surgir poemas populares, como esos poemas gauchescos de Hidalgo, Ascasubi, del Campo y Hernández, cuyo pintoresco lenguaje no es dable comprender á menos de haber residido en la campaña de Buenos Aires. Y digo que en la campaña de Buenos Aires, porque así entienden en el resto de la República Argentina ciertos pasajes de *Martín Fierro*, por ejemplo, como en la Península y demás países de habla castellana [1]. Por esto no acierta Unamuno cuando escribe : « Hacen bien (los argentinos) en llamar idioma nacional al brioso español de su gran poema el *Martín Fierro* ».

---

1. « Estoy encantado con el *Martín Fierro* » de Hernández, díjome uno de los primeros literatos de Lima. — Y, sin embargo, respondí, para Vds. ese hermoso poema es *Rosario en Berbería*. — ¿ Por que ? — Porque la mitad de sus bellezas son para ustedes sanscrito ; no las entienden. — Pues yo las percibo muy bien. — Error ; ó si no, expliqueme esa :

Nos retiramos con Cruz
á la orilla de un pajal ;
por no pasarlo tan mal
en el desierto infinito,
hicimos como un bendito
con dos cueros de bagual.

— Pues claro, en lo de *bendito* expresa la prontitud con que arreglaron las pieles. — Y cuando le hube explicado el problema de la frase, picóse enormemente y no me ha perdonado aquella replicación. »

(Juana M. Gorriti. Carta al Autor inserta en el Prólogo de *Martín Fierro*.)

Y es porque en las Repúblicas australes sucede en orden al lenguaje lo mismo que en España : cada provincia habla el suyo privativo. En la Argentina es distinto el lenguaje criollo del gaucho porteño del que se habla en Santa Fé y Córdoba, provincias colindantes con la de Buenos Aires.

Hablan el guaraní ó paraguayo en la de Corrientes; el quichua peruano en la de Santiago del Estero, y un castellano salpicado de voces araucanas y quichuas en las restantes provincias andinas y del norte.

En cuanto á Bolivia, el quichua es el popular en los Departamentos de Chuquisaca, Potosí y Cochabamba; así como el aimará en los de La Paz y Oturo; y en los restantes departamentos como Santa Cruz y el Beni, corren válidos porción de vocablos que se necesita Dios y ayuda de lenguaraz para entenderlos. De donde resulta, que tan ayuno se queda un cruceño del quichua castellano que le habla un arriero cochabambino y un porteño del guaraní de Corrientes, como un castellano del vascuence ó del catalán de Lérida.

¿Cómo han de pretender, pues, los americanistas imponernos esa plaga de nombres indígenas, muchos de ellos con equivalentes en castellano, con los que sin venir á cuento, salpican sus obras, cuando ni en su patria misma los entienden! O será que á este farragoso catálogo reducen sus aspiraciones regionalistas? Pues ni Olmedo, ni Bello, ni Heredia, ni Andrade, con ser americanísimos se valieron de él para cantar las glorias nacionales y la naturaleza americana. Precisamente lo que más avalora las « Tradiciones » de Palma, es esa sobriedad, esa difícil facilidad en el manejo del estilo criollo, y en términos tan naturales y atinados, que casi siempre se transparentan y adivinan sin necesidad de recurrir al *Diccionario de Peruanismos* de Arona.

Por lo demás, y como antes decía, ya no les es dable á los indigenistas criollos, escribir en lengua *amerindia*, como los regionalistas europeos en la de sus respectivas provincias. Éstas fueron autónomas cuando la época de la formación literaria de su lenguaje, y así redactaron Códigos como el de los *Usatjes* de Barcelona, poemas como el de Boecio, Ley de amor, Cántigas y Poemas Galeses. La momificación y decadencia de estas lenguas vino con la pérdida de la nacionalidad de los pueblos que las hablaban, y anémicas siguen á pesar de los esfuerzos loables y patrióticos de sus modernos regeneradores.

Las lenguas americanas, sin tiempo para alcanzar la edad de oro en la que un idioma se fija, se limpia y adquiere esplendor, fueron heridas por la espada del conquistador que las podó y transformó, hasta el punto de reducirlas á ser exóticas en su propio terreno y hacerlas producir frutos híbridos y de extraño ingerto [1]. Los fieros castellanos dieron á la nueva sociedad su religión y su

1. « No se diga que los poemas y dramas indios desaparecieron por causa de la conquista española, como muchos afirman; no señor; un pueblo creador, una

idioma; y natural es que ninguna de las lenguas indígenas con ser vulgarizadas, estudiadas y reducidas á formas gramaticales por sabios y misioneros, pudiese resistir á la culta y adelantada lengua de Castilla, quedando relegadas á ser lenguas « paganas », en el sentido que á esta palabra dieron los primeros cristianos al gentilismo, cuando desterrado éste de las ciudades y de la gente patricia, hubo de refugiarse en los campos de donde no había de tardar también en desaparecer.

A ser pagana y por consiguiente rural y campesina se ha de concretar la literatura netamente criolla; y en tal sentido, merecen aplauso y buena acogida de todos los folk-loristas esos poemas populares como los gauchesco rio-platenses y bucólicos de Colombia, cuyos idiotismos, vulgarismos y hasta neologismos se aceptan buenamente porque aportan el *sabor de la tierruca*, condimento nacional que, en su punto, satisface el gusto artístico, pero cuyo secreto pertenece á muy pocos Vatels americanos : Isaacs, Hernández, García Gutiérrez, etc.

Éstos sí que son los verdaderos depositarios de la genuina sal criolla, tan apreciable como la sal ática en literatura y la otra sal andaluza en las « manos de charla »; pero que no hay que confundir con las especierías de toda laya con que salpican sus obras los escritores ultramarinos, con ínfulas de regionalistas ó indigenistas; en su mayor parte pinches metidos á cocineros que creen haber servido un plato criollo por haber echado á porrillo terminachos indígenas y rústicos vulgarismos. De donde se deriva una irritante injusticia. En la Península, como en América, como en todas partes, escribe quien quiere y á lo que valga, sin preparación no diré científica y literaria, pero ni siquiera gramatical; y cata ahí el porque de la pobreza de estilo y penuria de lenguaje que todos lamentamos. Contra estos contrabandistas literarios están los carabineros de la lengua, críticos ó como quiera llamárseles, los cuales pluma en ristre y ojo avizor, decomisan cualquier gazapo que sorprenden por entre los trigos literarios. En los maizales americanos ya es distinto. Si por acaso un buscador de ripios ultramarinos sorprende un gazapo gramatical, salen los hijos del país con la muletilla de los criollismos, palabreja sobre cuyo significado ya sabe el lector á que atenerse. Es decir, que en un escritor peninsular es galicismo escribir *usina*, *aflijente*, etc. y comete

raza imaginativa produce siempre, crea con mayor ó menor elevación de concepto. ¿ Qué es lo que ha producido nuestra raza indígena en más de tres siglos de coloniaje, desde la conquista hasta el día? Nada, absolutamente nada. Los pocos cantos quichuas que sacan á relucir en toda pendencia literaria los indigenistas son obras criollas vertidas en el idioma quichua, vaciadas en netos y muy netos moldes castellanos » (Santiágo Vaca Guzmán. *Estudios*).

grave falta escribiendo catalanadas ó concordancias á lo Sancho de Azpeitia y voces arcáicas, y no delinque el americano que usa locuciones bárbaras ó arcáicas, ó que conjuga un verbo á lo americano, « porque no hay razón para preferir lo que caprichosamente haya prevalecido en Castilla ».

« Chile y Venezuela, añade Bello, tienen tanto derecho como Aragón y Andalucía, para que se toleren sus accidentales divergencias. En ellas se peca mucho menos contra la pureza y corrección del lenguaje, que en las locuciones afrancesadas de que no dejan de estar salpicadas hoy día aun las obras más estimadas de los escritores peninsulares. » Tal dice el que poco antes, en el prólogo de su excelente « Gramática castellana », pone de manifiesto que « juzga importante la conservación de la lengua de nuestros padres en su posible pureza, como un medio providencial de comunicación y un vínculo de fraternidad entre las varias naciones de origen español derramadas sobre los dos continentes ».

Tengo para mí, que tan prevaricadores del buen decir son galiparlistas como amerindo-parlistas; además que ni Aragón, ni Andalucía, ni Chile, ni Venezuela tienen derecho á que se canonizen sus accidentales divergencias. Todo lo más, serán gracias de baturro ó de majo, ó de huaso, ó de llanero, respectivamente, nunca cánones impuestos á la lengua castellana. Opino, sí, como Bello, que debe patrocinarse la conservación de vocablos nuevos formados de raíces castellanas, según los procederes ordinarios de derivación que el castellano reconoce y de que se ha servido y sirve continuamente para aumentar su caudal, ó como escribe Bunge (*Notas pedagógicas*) : « La evolución es fatal; pero hay que evolucionar dentro y no fuera de la lengua castellana. » Declaro paladinamente que no conozco en castellano palabras que expresen con más propiedad la idea que representan como *empamparse*, *blanquear*, *barrajar*, *apunarse*, y tantas otras para cuyo significado remito el lector al texto del *Vocabulario*. Tampoco hay en castellano palabras equivalentes á *yapa*, *soborno*, *jacú*, etc. He aquí neologismos que debieran tomar carta de naturaleza en la Península, no inscribiéndolas en el panteón de la Academia Española, de donde se exhuman olientes á cizallas y aceite, sino vivificadas por la propaganda eficaz de escritores y oradores, como va sucediendo con no pocas voces cubanas. Ello se ha de verificar en lo porvenir, cuando la coincidencia en el amor y cultivo de la lengua española establezca la conciliación y la armonía entre los hijos de la gran familia hispana; « que es un mundo el del espíritu, que se deja señorear más fácilmente por la paz y bien unida andanza » (Barrantes).

Opino, sí, con Unamuno, que « sólo un límite tiene la libertad linguística y límite libre en cuanto es más bien que impuesto, nacido de la necesidad de las cosas. Este límite es la inteligibilidad de lo que se dice » (*Contra el purismo*. España Moderna). Por esto es por lo que abomino de la exportación de *mangangases*, *sinsontes*, *araras*, *uratúes*, *ñandúes*, *burucayúes*, *mutunes* y tantos termi-

nachos indígenas de bichos y plantas de la exuberante América. El *mangangá* es la abeja; el *sinsonte* la calandria y si se quiere el ruiseñor; la *arara* el papagayo, el *ñandú*, el avestruz : y así por el estilo. Además de que el ñandú guaraní de Buenos Aires es el *suri* aimará en La Paz, el *piyu* chiquitano en Santa Cruz de la Sierra ; como el *sinsonte* es el tojo boliviano, etc. etc. A no tener equivalentes, cítense los nombres vulgarizados por los naturalistas quienes los tomaron por lo regular de los indígenas : Así : *jaguar*, *carpincho*, *puma*, *condor*, *sariga*, etc. todos ellos de pura cepa americana.

Se me objetará que muchas especies de la flora y fauna americanas son distintas de las europeas, pero como no se trata de sutilezas científicas, sino de fijar nombres para entendernos, responderé con estas bellísimas palabras de Cuervo en sus *Apuntaciones al lenguaje bogotano* :

« No pocas veces hemos contemplado con ternura aquellos corazones de hierro de los conquistadores, reblandeciéndose al tender ellos por primera vez la vista sobre paisajes parecidos á los de su patria, y fingiéndose en sus mezquinas chozas una Cartagena y una Santa Fé ; y como para completar la ilusión, revistiendo en su fantasía los campos con las flores y yerbas testigos de sus juegos infantiles. »

Dicho esto, vayan cuatro líneas acerca el plan de este *Vocabulario*.

Todas las palabras que en él van insertas las he oído de viva voz, tomándolas al vuelo, como quien dice, sin perjuicio de cotejar su autenticidad y significación verdadera.

Para no hacer más empalagoso el texto, dejo de citar las localidades en que se dice ésta ó la otra palabra ; porque sucede que en una misma república se dice de tres y cuatro maneras. Bastará como indicador y pauta, que cuando en el texto indica palabra *auca* es que la palabra es pampeana ó de la Provincia de Buenos Aires ; si *guaraní*, de las provincias que hablan este idioma ; si *quichua*, que la voz es general en los departamentos quichuas de Bolivia ; y lo mismo cuando se indique que es *aimará*. Tratándose de voces generalizadas ó pan-americanas, ello se advierte oportunamente en el texto.

Tropezará el lector con muchos vocablos que no son americanismos, ni mucho menos, como *busilis*, *arco*, *lazo*, *uti possidetis*, *venenos*, etc. pero como aluden á cosas americanas ó son de abolengo americano (como *América*, *indio*, *inca*, *café*, *papa*, etc.), se incluyen en el texto con un breve glosario de cada una de ellas.

Finalmente, las descripciones zoológicas y botánicas las he tomado sobre el terreno, aprovechando de mis observaciones propias y de los datos suministrados por naturales é indígenas.

En una palabra, que este *Vocabulario* no está dictado por la lectura de libros americanos, ni redactado sobre la mesa de un bufete, sino que es un extracto de mis notas de viaje por la pampasia argentina, la cordillera boliviana, los

llanos de Santa Cruz y Mojos y por las regiones del Noroeste de Bolivia; extracto ordenado y compulsado debidamente para su actual publicación y que no doy por infalible, agradeciendo muy mucho cualquier enmienda ó advertencia que de allende y de aquende se sirvan hacerme.

Ciro Bayo.

BIBLIOGRAFÍA

Obras consultadas para la ampliación y esclarecimiento del significado de algunas voces contenidas en este vocabulario.

Conde de Lemus. Relación de la Provincia de Quixos [1].

P. Montoya. Vocabulario de las palabras guaraníes usadas por el traductor de la « Conquista espiritual » del P. Montoya, por Bautista Caetano (Anales de la Biblioteca Nacional. Rio Janeiro. Tomo 2º, 1877).

P. Machoni. Vocabulario de la Lengua *Lulé*, con advertencias del Dr. Larsen (Buenos Aires).

Arona. Diccionario de peruanismos.

M. E. de Ribero. Diccionario de las principales voces técnicas de la mineralogía peruana.

Rufino Cuervo. Apuntaciones críticas sobre el lenguaje bogotano.

Juan Seijas. Diccionario de barbarismos argentinos (Buenos Aires, 1876).

Almeida de Araujo. Diccionario Encyclopedico : Novo Diccionario da Lingoa Portugueza, incluso vocabulario da lingua brazileira ou tupay.

Calandrelli. Diccionario filológico comparado.

D'Orbigni. Descripción de Bolivia.

Manuel José Cortés. Ensayo sobre la Historia de Bolivia.

Rafael Peña. La Flora Cruceña (Santa Cruz de la Sierra).

Chernovitz. Diccionario de Medicina Popular.

José Cardús. Las misiones franciscanas en Bolivia (Barcelona, 1878).

---

1. El primero quizás que escribió un diccionario de Vocablos particulares de Indias fué el conde de Lemus en la *Relación de la Provincia de Quixos*, á lo que se han sumado : *Voces venezolanas* de Aristides Rojas; *Diccionario de chilenismos*, de Zorobabel Rodríguez; *Voces cubanas* de E. Pichardo; *Voces rio-platenses*, de Daniel Granada; *Diccionario de las voces americanas en uso en las Repúblicas del Plata y Chile*, por Enrique Tagle; *Modismos, locuciones y términos mejicanos*, por José Sánchez Somocio (Madrid, 1892); *Minucias lexicográficas*, por R. Monner y Sanz, etc.

Fray Nicolás Armentia. Viajes al Madre de Dios (La Paz).
P. Mossi. Diccionario quichua.
Ondarza. Diccionario geográfico de La Paz.
Dalence. Estadística de Bolivia.
Leigue-Moreno. Geografía de Bolivia.
Francisco Latzina. Geografía de la República Argentina.
Ernesto O. Rück. Guia general de Bolivia (Sucre, 1866).
Marcos Sastre. El Tempe argentino.
Carlos Lemée. Agricultura (Buenos Aires).
A. Ebelot. La Pampa.

REFRANES Y MODISMOS CRIOLLOS

Nota. Estos refranes, frases, locuciones, modos adverbiales, etc. van por orden alfabético de la letra inicial con que empieza cada uno de ellos : Así : *Apretarse el gorro*, *Sudar fariña*, *Tocar piante*, etc. se apuntan, respectivamente, en , *A*, *S* y *T*.

A trucos. A puñetaños, ó á patadas.

Al botón
Al divino cohete } por razón de gusto ; por vano capricho.

Al que le toque el guante, que se lo chante : A quien Dios se la dé, San Pedro se la bendiga.

Andar á la gurda. Andar boyante; *platudo.*

Andar de golilla, andar de florilla, ir de punta en blanco ; andar de bureo.

Apretarse el gorro. Apretarse los calzones, para correr.

Averigüelo Vargas. Locución tan usual en la Península como en América. Parece ser que en el Consejo de Castilla, y antes en el de Indias, figuraba un don Francisco Vargas á quien se encargaba la averiguación de las cosas difíciles, por lo que los demás consejeros respondían en los casos arduos : *averigüelo Vargas ;* muletilla que se hizo popular usándose cuando alguna cosa es difícil de averiguar.

Bolear para el pulpero. Trabajar para el Rey de Prusia, como dicen los franceses : porque el pulpero se come todo el fruto del trabajo del gaucho vicioso.

Cada chancho á su estaca. Cada cual á su oficio ó cada mochuelo á su olivo.

Calentar el mate pare que otro se lo tome. Sacar las castañas del fuego, hacer de caballo blanco.

Caramba! — Y abajo las peras. Había en Montevideo un frutero ambulante que tapaba las peras que porteaba, con hojas de ortiga para evitar el manoseo de las mucamas. Las cuales, como intentaran meter su mano en el cesto de la fruta, al

sentir el escozor de las ortigas, exclamaban : *¡ Caramba! — Y abajo las peras*, agregaba el frutero entre formal y risueño.

Cantar para el carnero. Espichar; morirse; el último canto del cisne.

Como avestruz en un cerco. Entre la espada y la pared.

Como bola sin manija : como tren sin freno.

Como los mates sirvo si me abren la boca. No hay que buscar ters pies al gato.

Como rata con tirante ó *Como perro con tramojo* — Como perro con cencerro.

Como un solazo á media noche : como un rayo con tiempo sereno.

Contar las trece. Cantar triunfo ó las trece letras que suman ambas palabras.

Correr con la vaina. Vencerle fácilmente.

Chancho limpio no engorda. Véase *chancho*.

Dar changüi. Dar largas; dar ventaja para luego ganar más.

De gallos á media noche. Tiempo comprendido entre la hora en que el gallo cantó á san Pedro y las doce de la noche.

De juro. De veras : formalmente.

De tanto andar alguna vez ha de cuajar. Pobre porfiado saca mendrugo.

Dios castiga sin rebenque. Dios castiga, pero no mata.

Donde camotes quemaron, cenizas quedaron. No hay burlas con el amor.

Durar como cordero gordo en majada flaca. Lo que una flor en el árbol.

El despedirse no es irse.

El que come y no pita, como el que se pierde y no grita. Que no hay mejor digestivo que un pitillo ó cigarro.

El sol es el poncho de los pobres.

El hombre propone y Dios dispone;
Lo que el gallo hace, la gallina pone.

Entre Gualeguay y Gualeguaychu. ó *Entre San Juan y Mendoza.* — Entre Pinto y Valdemoro.

Es inútil poner el lazo al anca. No hay remedio. Dar coces contra el aguijón.

Esta yuca pide sal. ó *Este huevo pide sal.* — Esta niña pide novio. Éste busca un garrotazo.

Esta yuca no entra en el costal. Esta bola ó mentira no pasa.

Estar de palangana. Estar ocioso; inmóvil. Echar bravatas y luego, nada.

Estar llorando (una cosa). A ojos vistas.

Este gallo que no canta algo tiene en la garganta. Pasquín que los limeños dedicaron al Virrey Almendariz (Marqués de Castel Fuerte), quien hizo contestar con otro pareado :

Este gallo cantará y á alguno le pesará. Episodio parecido al de Venceslao, rey de Polonia á quien titularon « *Wenceslaus, alter Nero* », respondiendo él : « *Si ego non fui, ero.* »

Hacer cabras á alguno. Hacerle frente, como las cabras cuando se topan con los cuernos.

Hacer galletas. Anudar pañuelos para la lista de la lavandera ó para ponerlos á secar.

Hacer guaca. Llenar la hucha.

Hacer marras. Véase *Gamarra.*

Hacer sebo. Criar gordura; no hacer nada.

Hacerse el chancho rengo. Hacerse el sueco.

Helársele el sebo á alguno. Cortársele el argumento, ó acabar con sus recursos.

Hombre cobarde no entra en Palacio. Expresión nacida de un acto temerario de Melgarejo en la ciudad de La Paz (1865); el cual ya vencido y á merced de su contrario Belzu, fué á palacio seguido de su ayudante Campero con intención de rendir la espada. Al subir la escalinata, hubo de insultar á Melgarejo un edecán de Belzu, por lo que indignado aquél, lo mató de un pistoletazo. Al ruido de la detonación vino Belzu con sus demás ayudantes, carisatisfechos, pues estaban esperando la comparecencia de Melgarejo. El cual, dado á todos los diablos, dispara el segundo tiro contra el mismo Belzu, que cae muerto, en medio del estupor de sus amigos Súbito Melgarejo se asoma á una de las galerías que daban al patio del palacio, donde vivaqueaban los soldados vencedores de Belzu y los vencidos de Melgarejo, y les grita con voz estentórea « *Soldados, Belzu ha muerto, ¿quién vive ahora?* — « Melgarejo! viva Melgarejo! » clama la soladesca; y así, por uno de los hechos más notables de la historia de las guerras civiles americanas y aun del pretorianismo romano, pasó Melgarejo del borde de la Roca Tarpeya al Capitolio.

Ir por Getafe. Por los cerros de Ubeda.

Irse al humo. A ciegas; irse al bulto.

Irse como lista de poncho. Irse derecho como las cenefas ó listas de la capa americana.

Juntarse como maiz fruto. Como moscas á la miel.

Largar el rollo. Vomitar. También echar la casa por la ventana.

Lo de Orozco, si le veo no le conozco.

Lo mismo es Chana que Juana. Tanto monta, monta tanto, Isabel como Fernando.

Lo que es moda no incomoda.

Llamarle á uno zamba canuta. Decirle las verdades.

Mate amargo y china pampa, solo por necesidad. A buen hombre no hay pan duro.

Me bolearon. Me cogieron. — Me vencieron.

Me peló las chauchas. Me limpió hasta la última peseta.

Meter en tipa. En la cárcel. *En cafúa.*

Meter violín en bolsa. Irse con el rabo entre piernas. Hacer lo que los murguistas cuando los despachan con la música á otra parte.

Montar el picazo. Montar en cólera.

No me deje el sebo afuera (refiriéndose al mesenterio que sale con ocasión de alguna herida en el vientre ocasionada en una reyerta). No me perdone V. la vida. — No me tenga lástima. Véase « ¿ Velorio á mí ? »

No tener cruz en el mate. No tenerla en la mollera; no tener juicio.

No tener el cuero para un negocio. No ser idóneo ó competente para algo.

Oiganle la maula. Oigan su tema! Miren con lo que viene ahora!

Otra cosa es con guitarra. Del dicho al hecho.....

Pagar la chapetonada. Pagar el aprendizaje.

Pan y queso comida de leso. Véase *leso.*

Pegar una cuera. Una azotaina, una reprehensión ó una soba.

Pegarse como carretilla al cuero
ó
Pegarse como huérfano á la teta } Como náufrago á una tabla.

Pelarse la frente. Salir chasqueado; rascarse la frente después de un desaire ó contratiempo repentino.

Pintar el venado. Huir; que es lo que mejor sabe hacer este animal.

Pisar la guasca. Caer en la trampa. Hacer lo que el caballo enlazado que se enreda en el cabestro.

> *Pisé la guasquita* un dia
> y en ella me vi enredado.
>
> (*Martin Fierro.*)

Pisarse el poncho. Hacer una plancha, ir por lana.....

Ponerse á fojas. Discutir; venir á razon.

Ponerse maceta. Hacerse viejo. Véase *Maceta.*

Que lo monte Chajarreta. Chajarreta es el nombre de un *desbravador* ó chucarero de nota; y tal expresión equivale á « que lo mate el Tato », de nuestros toreros de invierno.

Quedar á deber á cada santo una vela. Deber á las once mil vírgenes.

Quedar yesca. Quedar limpio de alguna cosa; *aflús.*

Rajar la tierra. Salir de estampia; como un rayo.

Saber las de Quico y Caco. Saber más que Picio.

Sacudir su poncho el diablo. Tirar de la manta y descubrirlo todo.

Sancho te llamas, sea por angas, sea por mangas. Paciencia y barajar.

Salga el sol por ande quiera. Salga el sol por Antequera; nombre que por

cierto suena en la geografía argentina, por ser el de un arroyo en las islas del Paraná.

Se quiebra, pero no se duebla. Arrogante lema de los Quiñones que anda en boca de los criollos como dignos descendientes de los altivos castellanos.

Ser gallo. Ser vivo, avispado, listo.

Ser más malo que el ají. Porque una persona con sus picardías hace llorar como esos *ajíes* rabiosos (guindillas) que se toman para predisponer á la chicha.

Salirle á uno la viuda ó la viudita. Ir por lana y volver trasquilado. Tal expresión deriva, sin duda, de un episodio que relata el tradicionalista Palma.

Si Dios es grande, el monte es mayor. Que el monte todo lo encubre y que hasta él no llega la acción de la justicia.

Soltarse sobre el pucho. La ocasión la pintan calva. Véase *Pucho.*

Sudar como el venado ó escupir como el guanaco. Cuando se trabaja y no se come, como el venado que se fatiga en balde.

Sudar fariña. Sudar la gota gorda.

Tales las hechas, tales las sospechas.

Tanto hizo el diablo con su hijito, hasta que le sacó un ojito. Refrán por el que se reprenden los cariños que matan.

Tocar piante ó la polca del espiante
ó
Tocar viola } Tocar retirada.

Toma mate, ché! Fraile mostén, tú lo quisiste, tu te lo tén.

¿ *Velorio á mí?* Como el *velorio* (velatorio) se hace á los muertos; quiere decirse que uno á quien se le amenaza, responde : « ¿ Cree V. que me matara ó que me moriré de susto, para que me hagan velorio? » La frase es aplicable á los demás casos en que se trata de engañar, ó abusar de la buena fe, es decir, que es equivalente á nuestra expresión ¿ A mí con esas, que soy monago de las Salesas?

Verse en figurillas para tal cosa. Verse apurado, con un compromiso.

Vino, marido y bretaña, de España. Locución del tiempo del coloniaje, según la cual las criollas tenían por lo mejor, el vino de España, el marido peninsular y la bretaña ó lienzo de las fábricas de Castilla.

Vivir de arriba. De bóbilis; de gorra; del sable, como dicen en Madrid.

Volársele los patos ó los pájaros á uno. Salir de sus casillas.

VOCABULARIO

A

Abarrotes (tienda de), de comestibles. Así, « Tienda de abarrotes » se lee en las tiendas de ultramarinos de Bolivia y la Argentina. Parece que es voz usual en toda América desde México á Chile.

Abelmosco (*Hibiscus abelmoschus*. L.). Planta malvácea cuyos frutos almizclados se emplean en perfumería.

Abombado. Estúpido. Carne *abombada*, carne pesada.

Abortivo. Llaman así en la campaña de Buenos Aires al azafrán que poco ó nada se usa en la culinaria del país y únicamente se expende como remedio en la botica, sin duda por la propiedad que tiene, una vez cocido, de hacer arrojar las secundinas.

Abutúa. Véase Butúa, nombre con que más vulgarmente es conocida esta planta.

Acajú ó Anacardo (*Anacardium occidentale*. L.). Terebintáceas anacardeas. Árbol resinoso de fruto reniforme como la castaña (mejor que cordiforme, de donde su nombre científico *anacardium*); comestible y de aplicaciones médicas. El árbol es de mediano tamaño, y su fruto, que es una nuez reniforme, encierra una almendra dulce que se come asada. El fruto maduro sirve para hacer sorbetes y limonadas y hasta aguardiente, haciéndole fermentar. La corteza del tronco es astringente y usada en baños en las hinchazones de las piernas. Mediante incisiones se obtiene una resina que se emplea en las artes.

Acápite. Nadie dice aquí *párrafo*, sino acápite tal ó cual.

Acasí. Vulgarismo cruceño aplicable á tiempo, peso y medida. Ej. : Llego *acasí* una persona cuando llegó á tiempo de sentarse á la mesa. ¡ *Acasí* ! cuando el peso corresponde con la medida. La botella vino *acasí*, cuando el contenido cupo exactamente en el recipiente, etc.

Acaso. ¿ Quieres venderme leche ? — ¿ *Acaso* pude atar el ternero ? (que he chupado á la vaca). ¿ Está en casa Don Sancho ? ¿ *Acaso* regresó de la ciudad ? — Puedes prestarme el hacha ? — ¿ *Acaso* está sana ? Tal se expresan los cruceños, de manera que este acaso es un triste caso sinónimo de nones.

Acatanga. Del quichua *aca*, excremento. Coleóptero, escarabajo pelotero que anida en el estiércol.

Acocuyado. Encandilado, alegre por la bebida. Comparación derivada del brillo que despide el cocuyo ó luciérnaga americana y del aturdimiento con que revolea á la luz de su fosforescencia. Es de notar que en estos países australes el cocuyo no se llama tal sino *tucu*.

Acsu. La saya de bayeta de la india quichua.

Acu. Harina favorita de los indios collas hecha de cañagua.

Acuguayaca. Del aimará *acu*, harina; y *guayaca*, bolsa. *Paquío* en Santa Cruz. Fruta de vaina dura, que quebrantada con violencia ofrece una fruta comestible.

Acullicar. Voz quichua. Mascar coca. Vicio favorito de los peones bolivianos y de indiscutible beneficio por sus condiciones gástricas. En el Perú dicen *chachar*.

Achacani. Variedad de papa muy indicada para la curación del « azogamiento » ; enfermedad que padecen los indios mineros.

Achachairú. Voz guaraní. *Prostea*. Árbol cuya fruta del tamaño y aspecto del limón, si bien de color verde, contiene cuatro almendras dehiscentes dentro de una pulpa carnosa de un ácido muy agradable.

Achajuanarse (una caballería). Encalmarse por el excesivo calor ó fatiga.

Achiote (*Bixa Orellana*. L.). *Urucú* en guaraní. Arbolito de hermosas flores blancas y de frutos vellosos y blandos, usados para dar color á la comida. Reemplaza á nuestra pimienta. Úsanlo, además, los indios del Oriente para pintarse el cuerpo, preservándose por este medio del sol y de los insectos. Es la *Bija* de Cuba.

Achira. Voz quichua (*Canna*. L.) Balicero ó planta acuática que suministra un tubérculo ó papa violácea muy fibrosa, la cual, cocida, es de sabor parecido al del boniato.

Achojcha (*Leona cornuda*). Hortaliza con la que se hacen rellenos y dulces.

Achuchemo (maíz). El que en una misma espiga tiene granos amarillos y negros.

Achupalla. Voz quichua derivada de *piña* (que esto significa), por la semejanza que los indios hallaron entre la figura de esta fruta y las pesas. —La libra de la balanza y las pesas del marco.

Achura. Voz quichua, *pieza de carne*. Los menudos y piltrafas de la res; como el hígado, los riñones, las tripas, la panza y hasta la lengua y los sesos, cosas todas de las que poco ó ningún caso hacen los campesinos criollos de los distritos ganaderos, aficionados tan sólo á los bocados donde se puede hincar bien el diente. En Buenos Aires, *achuras* significa también la licencia que los dueños de un matadero dan á la gente pobre para recoger los desperdicios de la *carneada*.

Achuradores. Gente que en los *saladeros* y *camales* recojen las achuras de la res.

Achuranada (res). Cornigacha.

Aflijente. Usado por aflictivo y que trasciende á galicismo, por más que Baralt lo admite como bueno.

Aflús. Limpio de polvo y paja. ¿ Qué tal ché, hermano ? — *Aflús*, responde un gaucho á otro. —Es palabra genuimante española de la que los peninsulares hemos perdido hasta el recuerdo.

Soy en el juego de amores
un desgraciado tahur
que cuando habia primera
mis desdichas hacen *flux*.

(Romance inédito.)

Afrechero. Pájaro. Género *Fringilla*.

Afrecho. Como en Andalucía, el salvado.

Agachados (Hotel de los). Fondín de pobres en los barrios bajos de la ciudad de La Paz (Bolivia), donde los jornaleros y pobres de levita comen por un real su ración, sentados en el suelo ó poco menos: *agachados*, por consiguiente.

Agarrapalo. Véase Suelda-consuelda. Verdadero *constrictor* vegetal que tiene la propiedad de agarrarse de los otros árboles para hacerse lugar y suplantar á los demás. Las tempestades sacuden y desgajan el árbol protector; más el agarrapalo se preserva al abrigo de la copa hospitalaria. Así continúa medrando y estendiendo sus raices hacia el suelo hasta que las introduce en tierra y se desarrolla y crece vigoroso.

Agave. Nombre griego (*admirable*) con que se designa el magüey mejicano ó *tuna* de estos países.

Agipa. Véase Topinambuco.

Aguachento -a. Substancia sólida ó liquida que perdió su natural sabor por estar aguada ó muy diluida. Así, la carne tierna, el *zapallo* antes de sazonar, el té poco cargado, etc.

Aguaicar. Voz quichua. Pelear muchos contra uno solo. «Me aguaicaron», me acometieron.

Aguaitar. Otear. Espiar con la vista.

Agualate. Color violáceo ó amoratado de los sólidos y líquidos en descomposición: como la carne y la leche pasadas ó *agualates*.

Aguapé. Véase Tarope.

Aguará. «Pequeño animal de estos países (Río de la Plata) que sólo de noche hace oir su voz triste y melancólica como la postrer plegaria de un moribundo» (Magariños Cervantes). Véase Boroschi.

Aguatero. Aguador.

Aguililla. Paso acompasado de un caballo de paseo; y por analogía el «trapío» del andar femenino.

Aguilillos. Caballos de estima, chilenos, de andar ligero y tan suave, que uno se creería llevado en litera. Alcedo los llama «aguililla» y dice: «caballo que al paso sigue á otro corriendo.»

AGUTÍ. Nombre guaraní del jochi ó paca (*Mus paca*, L. y *Calogenus fulvus*). Roedor mayor que la liebre, cuerpo ratonesco, cola muy corta, color plomizo. Habita en cuevas ó en los huecos de los árboles y su carne es tan deliciosa como la de un lechoncillo mamón. El *joche* pintado es la paca leonada ó *coatí* del Brasil, de cuerpo más grueso, pelo menos fino, pero de carne mucho más sabrosa. Es domesticable. *Peirina* en Mojos; *Sári* en Jungas (Dptº de La Paz, Bolivia); *jutia* en otros países.

AJACHO. Bebida fuerte hecha de ají y chicha.

AJÍ. Pimiento picante. Varias clases (*Capicum annuum*. L. *Piper longifolium*). Condimento esencial de la cocina americana en los países donde se hace uso de la *chicha*, la cual sirve á maravillas para calmar los ardores de esta clase de pimiento que en España llamamos *guindilla*. — Refrán: Ser más malo que el ají. Porque como éste hace llorar ó rabiar.

AH MALAYA! interjección que entre la gente rústica de casi toda América equivale á nuestro arábigo ojalá! que nunca he oído en Indias.

AHOCARSE. Enredarse. El *cabresto se ahocó*, dice el gaucho.

AIMARÁ. De *ayam-aru*, que lleva la palabra; ó *hiam-aru*, la palabra antigua, según otros etimologistas. La nación aimará que tanto figura en la historia pre-colombiana habitaba la meseta de los Andes, y según el historiador Pedro Cieza de León era la provincia más extensa de las cuatro en que se dividía el gran imperio incásico ó *Tahuantisuyo* (la cuarta parte del mundo). La región de los aimaráes se llamaba *Collasuyo*, del *Collao* en que habitaban. Todavía en el Oriente boliviano y en la Argentina llaman *collas* á los moradores de la altiplanicie; como sigue llamándose Collao la región montañosa del Perú. Las ruinas de Tiahuanaco parece son obra de los aimaráes, cuya nacionalidad víctima de alguna catástrofe, volvió á levantarse bajo la dominación quichua. Actualmente se conservan en Bolivia algunos nombres geográficos de las antiguas tribus aimaráes como: Larecaja, Omasuyos, Pacajes, y demás distritos de la Paz y Oruro, únicos

departamentos en que se conserva el idioma aimará, calificado por algunos como el sánscrito de América.

Aisa. Término minero equivalente á desplome ó sentazón de cerro.

Ajacho. Ají.

Alagado. Estero ó terreno mundado; *alagarse* una embarcación: hacer agua.

Alambrado. Cerco de alambres variables en número y paralelos como línea telegráfica rastrera, que se prolonga indefinidamente, reforzado á trechos por postes de *ñandubay* ó de otra madera sólida y durable á la que se adaptan los alambres. Es importación norte-americana y por ella se cierran leguas de territorio, quedando encerrado el ganado pero con libertad de pastar.

Alasita. Del aimará, cómprame. Feria de juguetes que se celebra en La Paz y en Sucre el 16 de Julio.

Alarife. Persona lista y avisada (Arg.).

Albardones. Tierras altas, aptas para toda especie de cultivo, á orillas de los canales y arroyos, cuya anchura varía desde cinco hasta cien ó más varas. Desde lo alto del *albardón* va descendiendo el terreno hasta formar la concavidad ó estanque inferior que se llama regularmente *bañado* ó *estero* cuando tiene tan poca agua que se seca en el estío: y laguna, la propiamente tal.

Albinagio. « No conociendo ninguna palabra castellana (escribe Bello en su « Derecho Internacional ») que corresponda á la francesa *aubaine*, en el sentido particular de que aquí se trata, (la confiscación de los bienes muebles de un extranjero al morir éste, ó su exclusión de la sucesión de todo súbdito del señor), me he atrevido á traducirla por la voz *albinagio* derivada de albanagium ó « albinagium » que en la baja latinidad significaba lo mismo que aubana. »

Á este derecho de albinagio ó de aubana (*alibinatus*) así como á los de *composición* y de *detracción* estaban sujetos los *polizones* y todos los extranjeros establecidos en Indias con permiso de la

corona. El de composición era aquel derecho en virtud del cual se exigía á los extrangeros venidos á Indias sin licencia, una parte de sus capitales á trueque de que no se ejecutasen en ellos las leyes que habían infringido. Por el de detracción, el fisco se hacía justicia en los bienes de los extranjeros que salían de Indias (« Recopilación de Leyes de Indias »).

ALCALDE. Cierta especie de carnero de cuatro astas. Véase NIÑO ALCALDE.

ALCAUCIL. Indistintamente toda clase de alcachofa. Es andalucismo.

ALCIÓN. La correa de la que cuelga el estribo.

ALEMAS. Lugares dispuestos para baño público en las márgenes del río Rocha (Cochabamba, Bolivia).

ALENTADITO. ¿ Cómo está usted ? ó ¿ Cómo ha amanecido ? — Alentadito, responde un cruceño.

ALFAJOR. No lo explica bien el *Dicc. de la Academia*. Enmiéndese por esta definición : harina de maíz molido en mortero y batida con miel hervida ; pasando la masa que resulta, á una tabla en la que se corta aquélla á medida que se va enfriando. — Puñal gauchesco.

ALFERAZGO. Fiesta religiosa que costean uno ó más alféreces y á la que sigue una fiesta casera. Cada misa de alferazgo vale 12 pesos (en Bolivia) y ningún indio serrano se estima en algo si no ha dado una fiesta por este estilo á sus compadres y compañeros de comunidad.

ALFÉREZ. Persona que sufraga los gastos del alferazgo.

ALGODÓN. Varios árboles de estos países, de los géneros *gossipium*, *hirsutum* y *tricuspidalum* (mapajo, toboroschi, toco-toco, etc.) ; dan algodón de diferentes calidades. Los naturales lo utilizan para hamacas y otros tejidos.

ALIBIBI. Especie de ají del Oriente, muy rabioso.

ALILICÚ. Avechucho de la especie buho.

ALMENDRO (*Bertholetia excelsa*. Humb.). Licitideas. Árbol magnífico que se yergue magestuoso por encima de los otros

gigantes de la selva americana. Sus cocos grandes como los de la palma-cocotero, lo que vale decir, del tamaño de la cabeza de un niño de pocos meses, encierra hasta 32 almendras de corteza dura, planas por dos costados y redondeadas por el centro. Estas *almendras del Pará* ó de Caupolicán, como se las llama, ó *sacupaias* en el Brasil, saben á coco y se comen crudas ó asadas, aunque en gran cantidad son indigestas. Molidas cuando nuevas, dan una leche muy gustosa; cuando rancias, dan por cada 8 kilogramos 5 de aceite muy usado en perfumería y aún para cocinar. — Los *bárbaros* hacen la *zanioca* cociendo la almendra con el maíz. Además con el líber del árbol, que se obtiene desprendiendo la corteza en grandes tiras y batiéndola bien, se hace una estopa excelente para calafatear las embarcaciones de los ríos. — Es pura fábula lo que algunos viajeros cuentan sobre el modo que usan los monos para abrir los cocos del almendro, que diz que los abren golpeándolos en las ramas de los árboles. Esos cocos únicamente se abren á machete. Los que los monos abren son los de la especie *Lecytis grandiflora* (Aublet), cuyo fruto, cuando maduro, abre por sí solo la tapa cónica del coco.

Almizcle. Olor característico también de algunos animales americanos, como el caimán, el pécari, etc. A muchas personas les repugna el olor del almizcle; sin embargo, éste es el perfume sagrado de algunas tribus indias, como lo es del budhismo.

Almorranada (Es una). Un acceso de mal humor. Alude esta expresión, á que es creencia que las almorranas producen mal humor en los que de ellas padecen.

Almud. Medida agraria de 100 varas cuadradas, y otra medida de capacidad de 25 libras, usada en el Departamento de Santa Cruz de la Sierra (Bolivia).

Alpedo. Véase la P.

Áloe. Liliáceas. Planta repartida en casi todas las regiones cálidas del globo. En algunos puntos donde la he visto, le llaman *acíbar* por el jugo amargo que, por incisión, escurre la planta.

Aloja. Bebida refrescante hecha de fruta del algarrobo exprimida en agua azucarada.

ALZADO. Animal que ha huido al monte. *Joven alzado*: por crecido ó de buena estatura; es cruceñismo.

ALZADORA. Niñera; ordinariamente negra ó india.

ALLULLA. Masa de harina de maíz y manteca.

AMACHO. Sobresaliente en algo. *Amacho tirador, amacho bebedor,* dicen los gauchos porteños.

AMALGAMACIÓN. Invención hecha en 1552, en Pachura (México) por el ingeniero de minas español Bartolomé Medina. Como es uno de los procedimientos empleados aún en algunos distritos por los más modestos establecimientos metalúrgicos, no estará de más copiar esto que leí en el tomo V de *El Instructor Repertorio* (Buenos Aires, 1838): « Dícese, y lo dice tambien Humboldt, que los mineros españoles dejaban tanta plata en los desechos después de la amalgamación, como la que sacaban. Una compañia inglesa mandó un comisionado á Lima en 1803 para saber si las autoridades le permitirian exportar el residuo de los minerales trabajados en las minas de Pasco, é informada de que no habia dificultad, mandó la compañia un barco al Callao para traer un cargamento de dichos desechos. Tan ciertos estaban los interesados de hacer una gran fortuna, que guardaron el mayor secreto en la especulación. El barco volvio á Inglaterra, donde por lo barato del carbón pensaban hallar un tesoro. El resultado fué que despues de haber hecho varias operaciones, por el fuego, en solo 58 toneladas no sacaron plata ni aun para pagar el carbón consumido, habiéndoles costado el desengaño más de diez mil pesos. Al año siguiente hizo su viaje el célebre Humboldt y revivió el mismo error en su obra que publicó á su vuelta á Europa. Esto movió á varias compañias inglesas á trabajar las minas de México, pero ya han salido de este engaño, á gran costa suya. »

AMÁRU. Serpiente, en quichua. Tupác-Amáru, nombre del cacique que sublevó la indiada en el alto Perú; *Amaru-mayo,* río de la Serpiente, como llamaron los quichuas al actual Madre de Dios á causa de los muchos *tornos* y rápidos de la corriente.

AMÁUTA. Sabio ó mago de la corte de los incas, encargado de la instrucción de la nobleza, á cuya casta pertenecía.

Amazonas. La reunión del Solimães y Negro forma el río propiamente tal, como le llamó nuestro Orellana. Según modernas investigaciones, la fábula de las amazonas se reduce á que esos son unas indias viejas repudiadas que viven en lugares aislados formando verdaderos pueblos de mujeres, como el que halló Crevaux en el Parou (Guayana).

Ambaibillo. Véase Matíco.

Ambaibo (*Cecropia palmata*. Wild. Urtíceas). Árbol de la América del Sur también llamado « árbol del perezoso » porque este animal (el perico ligero) se alimenta con preferencia de las hojas, yemas y frutas de aquél. Éstas tienen la figura de dedos de guante y son de gusto exquisito parecido al del higo. El ambaibo adorna las márgenes de los ríos ecuatoriales y sus flores y frutos alimentan á los peces que se aglomeran en los remansos que sombrea la copa del árbol, verde por encima y blanquecina por abajo.

América. En un vocabulario de americanismos no debe faltar esta voz. Del nombre del florentino Amérigo Vespucci, Américo Vespucio en castellano, cujos viajes al Nuevo Mundo publicó en latín en 1505. Américo es nombre derivado de *Americh* que en antiguo alemán significa ave cantora. Cuantas disquisiciones se han aventurado sobre el curioso tema del origen del nombre América carecen de fundamento, probado que tal nombre se conocía antes del descubrimiento del Nuevo Mundo, sin aplicarse, como es natural, á éste. Consta, además, que el triunfo del florentino pareció tan injusto al Consejo de Indias, que en 1508 éste decretó que el nuevo continente se llamase *Colombia*; pero era demasiado tarde. El nombre de América había prevalecido en mapas y relaciones.

Amigo. Tiene muchas acepciones, tantas como resultan del tono de la voz y del tópico de la conversación. V. gr. —¿Cómo le vá, amigo? — Lárguese ahorita, amigo. — No embrome, amigo. — Está bueno, pues, amigo, etc. — Amigazo (*amigaso*) dicen también los gauchos. *Grande y buen amigo* es la fórmula

cancilleresca con que los presidentes de estas repúblicas se dirigen á los demás jefes de Estado, incluso reyes y emperadores.

AMUCHAR. Hermosa adaptación del arcáico *amuchigar*, aumentar. El rebaño amucha; las gallinas amuchan; es decir, se multiplican. *Amucho* bebedor = gran bebedor.

AMUJAR. Agachar las orejas el animal (Arg.).

ANACONDA. *Boa aquatica*. Pr. Mav.

ANANA. Bromeliáceas. Varias especies en América. Véase PIÑA.

ANASTIÑA. Voz chiquitana= « rendido á tus pies ». Plegaria religiosa de mucha unción y armonía que los indios chiquitanos entonan después de la misa ó de otra fiesta religiosa. La *anastiña* se canta todos los sábados al son de violines, y al pie de las cruces que adornan las encrucijadas de los pueblos, por los niños de ambos sexos dirigidos por fiscales y *fiscalas* conforme á la tradición de los misioneros jesuitas.

ANATUYO. Voz chiquitana. Animal de color overo con manchas coloradas ú oscuras.

ANCA. Azul en quichua. Así Anca-mayo, río azul; nombre del río que está entre Quito y Pasto.

ANCO. Calabaza ó especie de zapallo. *Hoco* en Santa Cruz. *Lacayote* en otros distritos. — Anco, color blanco en quichua. Así *Ancomarca* (país abundante en calizas ó país blanco); *Ancohuma* (cabeza blanca), nombre con que antes era conocido el Illámpu, el pico más elevado de los Andes bolivianos (7.200 metros sobre el nivel del mar) á 24 leguas al N. O. de La Paz. — Metal de plata con aspecto de plomo grueso ó de galerna. Vulgarmente « plomo ronco ».

ANCOSA. Voz quichua; de *anccossani*, brindar. La prueba que del bebestible pide el comprador á licoreros y vinateros, sucediendo que al cabo de muchas *ancosas* ó cataduras el comprador suele quedarse dormido en la última taberna donde le dieron la ancosa.

ANCHETAS. Parolas, palabrería. Voz gauchesca.

ANCHO. Poroto ó judía ancha, de segmento negro.

ANCLERO. El ruletero ambulante que da vueltas á las manecitas ó anclas de la rueda, en las calles de Buenos Aires.

ANCUCO. Miel hervida hasta reducirla á pasta en la que se incrusta maní, almendras, etc.

ANDAR de florcita, de picaflor. Andar de fiesta en fiesta. Andar hecho un ¡ ay de mi! Es término gauchesco.

ANDAVÉTE. Jarro ó pichel de la cabida de un litro, para tomar chicha. Es un verdadero anda y vete. *Potrillo* en Chile.

ANDENES. Escalones en las laderas de los Andes con cultivos « á modo de pirámides de verdura », agrega el historiador Prescott. — El general Miller en sus « Memorias » supone que de estos *andenes* vino llamarse Andes á la gran cordillera, pero este último nombre es anterior á la conquista.

ANGARIPOLO. El tocuyo ó lienzo fabricado en Toco (Venezuela), que iba á España y de aquí volvía pintado y bien acondicionado para venderse en Cochabamba con el nombre del margen.

ANGOLLO. Mazamorra de harina de trigo.

ANGURRIENTO. Avariento, codicioso.

ANIEGO. Inundación. Substantivo derivado de la conjugación irregular de anegar.

ANÓN. Sabrosísima fruta llamada *corazón* en Puerto Rico; *riñón* en Venezuela y *chirimoya* en estas latitudes. Véase CHIRIMOYA.

ANTA. « Nombre genérico de los animales que tienen armadura, como el venado, gamo, etc., y de cuya piel se hacen calzones, petos, etc., que por esto se llaman de *piel de ante*. Los portugueses llamaron *anta* al tapir americano por la semejanza de la piel y uso que de ella se hacia al curtirla. *Piel de anta* ó *ante* es no sólo la de tapir, si que también la de búfalo, alce, gamo y venado preparada con aceite » (*Diccionario portugués* de Fran^co^ Solano Constancio). Véase TAPIR.

ANTA (corteza de) (*Drynis granatensis*. L.). Magnoliácea, cuya corteza pretende el vulgo que come el anta para medicinarse.

ANTI. Voz quichua. « Tierra de los Andes. » De ahí, *Antisuyo*, parte del imperio incáico que miraba á los Andes.

Antuco. Diminutivo quichua de Antonio. Nombre araucano que equivale á « aguas del sol » (*anti*, sol ; *cóo*, agua). — Volcán de Antuco en la provincia de Arauco (Chile).

Añapa. Harina de algarrobo.

Añapanco. Cactus. Especie de *caracoré* minúsculo, de forma esferoidal, con abundantes púas, que crece á raíz del suelo ó bien parásito de otras plantas. Es voz chiquitana que ha pasado á la flora cruceña, como tantas otras voces indígenas.

Añilería. Campo de añil. El añil es un arbusto del cual se extrae un jugo verde que al contacto del aire se convierte en azul y entonces depone poco á poco el añil ó *índigo*, preciosa materia colorante tan estimada en tintorería y química.

Apacheta. Nombre que suena repetidas veces en el oído del viajero en los Andes. Adoratorio de camino en los altos de cuestas y collados, reducido muchas veces á un montón de piedras; aunque en las cumbres de más empeño, es una capillita de cal y canto, con una enorme cruz empotrada en la pared del fondo. Hacer noche en una apacheta equivale á cobijarse en un panteón mortuorio. Los indios de la altiplanicie, en especial los postillones, conservan la costumbre de escupir un poco de coca *acullicada* en las apachetas, antiguo homenaje de gratitud á Pachacámac, el dios de la naturaleza entre los Peruanos, bajo cuyo amparo había llegado el viajero hasta la empinada apacheta. El indio, al llegar cargado al alto de la cuesta. decía : « *apa-cheta* », que equivale á *Deo gratias*. No contento con tirar coca, echaba besos al aire en señal de adoración, pues los indios no tienen otro vocablo que signifique adorar sino el común de besar. — En el día, apacheta es sinónimo de ladronera, y así se dice en Bolivia : vaya usted á robar á una apacheta, como si dijéramos, á Sierra Morena ; porque los contados bandoleros que hay en el país, no hallan otro sitio más propicio para desbalijar al viajero que el alto de una apacheta, que además suele ser el cruce de varios caminos de la sierra.

Apalama. El pilarcito donde se pone la pieza para el juego de

la raqueta. Lance del mismo juego en que dos tejos están á igual distancia del blanco.

APALANCAR. La acción de guiar los punteros de las embarcaciones del Beni á un costado del río para *encostarlas* ó amarrarlas.

APARCERO. Como en Andalucía, mediero, partícipe en un trabajo ó industria. También es sinónimo de amigo íntimo y en tal sentido es cariñoso este saludo entre paisanos argentinos : ¿ Cómo dice que le vá, aparcero ?

APENAS (ser ó estar de). Servir de poca cosa.

APERARSE. Proveerse, vestirse. Así, « la iglesia se aperó con todo lo necesario » .., escribe un misionero al prefecto de la provincia.

APEREÁ. Nombre guaraní muy generalizado en el Río de la Plata, del *cuis* ó conejillo de Indias.

APÍRI. Indio que acarrea el mineral en las minas; y por extensión el faquín ó indio cargador de la ciudad de la Paz.

APOPARADO. Atontado, medio *opa*. Véase OPA.

APROCHES. Inmediaciones, cercanías. La Academia admite este vocablo en el sentido de preparativos para acercarse á batir una plaza.

APTAPI. Colecta, en quichua. Gira campestre de jóvenes de ambos sexos que se acuotan para ello. Las mujeres ponen la comida y los hombres los licores, y unos y otros esta amabilidad criolla de que guardo indeleble recuerdo por alguno que otro aptápi á orillas del Ñuccho, en Chuquisaca.

APUNARSE. Véase PUNA.

APUTÁMU. Véase JAPUTÁMU.

ARAONAS. Indios del Madre de Dios, al Noroeste de Bolivia, casi todos conquistados por los *barraqueros* de este río. Hablan el idioma tacana y son de costumbres mansas y apacibles. Los Cavinas y Machuís son sus aliados y parientes.

ARÁRA. No se llama con otro nombre al papagayo, en todo el Oriente boliviano. Varias especies del género *psittacus* y *hyacinthus* de rutilante color. Arara es voz guaraní, aumentativo de *ara*, periquito ó cotorra.

Araroba. Árbol equinoccial en estas latitudes. La corteza reducida á polvo suministra los famosos *polvos rojos* de Bahia (Brasil) indicados contra las herpes.

Araucano. Los indios pampas del sud de la Argentina (calfucuraches, pehuenches, catrielches, ranquelches, etc.) se consideran como originarios de Chile y hermanos de los araucanos. Hablan el *auca* que es el idioma generalizado en el sur, rico y armonioso; y todos ellos lo comprenden, por diferentes que sean los acentos. — Sabido es que la Eneida de Chile, *La Araucana*, es obra de Alonso de Ercilla que no hizo más que poner en verso su diario militar.

Arca (del hueso). La clavícula, en Buenos Aires. En otras partes de la Argentina *eslilla*. *Tranquilla* en Santa Cruz de la Sierra.

Arcaísmos. Son muchos; unos pueden considerarse como vicios de pronunciación y alteraciones de vocablos (la terminación *tes* del pretérito, y *ate* de los verbos, como sosegáte, andáte, etc.), otros como supervivencias del castellano antiguo (á cas de— denantes — guá — hechizo), etc.

Arco. Los arcos de los indios del Oriente son hechos de madera dura y elástica labrada de algunos árboles y palmeras, singularmente de la *chonta*. Para templar el arco lo agarran con la mano izquierda, y con la derecha toman la flecha y ,el cordel que sueltan á un tiempo, torciendo el cuerpo algo á la izquierda. Variable es el tamaño de esta arma primitiva, siendo de notar que las tribus cazadoras y mansas la usan más corta que las guerreras. Así, mientras los pacíficos araona del Beni y guarayo de Santa Cruz de la Sierra emplean un arco de menos de un metro, el del indómito sirionó, que vive al lado, alcanza metro y medio y algo más. El arco sirve á los indios como maza de guerra, con la que se defienden en caso de sorpresa y con la que rematan á las víctimas ya heridas por la flecha y que se debaten con las ansias de la muerte.

Arepa. Como la famosa de Antioquia (Colombia), se hace en

Santa Cruz de la Sierra de harina de yuca ó de maíz puesta á calentar en el tiesto, con lo que resulta una masa abizcochada muy aparente para acompañar al café ó « servir de lictores del chocolate », como llama Marroquín á los bizcochos.

Argentina. Nombre que aplicó á las Provincias del Río de la Plata el poeta é historiador Barco de Centenera en su poema « La Argentina », y que después ha servido para designar la república actual.

Argolla. El anillo de compromiso que regala el novio.

Armada. Plazo ó vez. Así, á pagar en cuatro armadas.

Armado. Pescado de tamaño variable, sin escama, con dos hileras de espinas á cada lado á manera de sierra. Llega á tener hasta una arroba de peso y su carne es muy sabrosa y alimenticia. Su vitalidad es poderosa : fuera del agua vive un día, y aún después de destripado, desollado y salado, continúa su carne palpitante. Críase en los ríos del Oriente boliviano.

Armador. El chaleco.

Arranchar. Hacerse de algo ó aprehender á alguno.

Arrayán ó mirto. Toda la planta, conocida en Europa, es aromática. De ella se extrae el cosmético conocido con el nombre de « agua de ángel ». Los brasileños llaman á sus frutos « craveiro da terra » . — Hay en la especie argentina una particularidad zoológica : « la oruga del esquife », según la ha denominado el Sr. Márcos Sastre en el « Tempe andino ». — Véase en la O.

Arreada. El acto de arrear una tropa. Véase Tropa. Leva forzosa en días de revolución.

Arreador. Látigo de mango grueso y lonja larga que se usa para arrear el ganado.

Arrechada. Mujer cachonda (Arg.).

Arrequintar. Apretar fuertemente con cuerda ó vendaje (Arg.).

Arria. Recua de caballerías ; y por extensión el conjunto de personas despreciables.

Arribeño, llaman en Buenos Aires al provinciano del interior.

ARRIERAS. Hormigas que en recuas ó *arrias* andan siempre por un camino perfectamente trazado hasta el punto fijado, para dispersarse en busca de alimento; y por el cual, en gran orden, van las más cargadas con su provisión y vienen las otras sin carga en busca de ella. A las mismas ó de especie afín (*neurópteras*) llaman *cazadoras* en el oriente de Bolivia, á cuyo recuerdo se me crispan los nervios, acordándome de los malos ratos que me han hecho pasar en mis caravanas por aquella región.

ARRIMANTE. Véase JANACONA.

ARROCILLO (*Asprella orizoyde*). Gramínea de campos húmedos, muy apetecida por el ganado, y de flores parecidas á las del arroz.

ARTÍCULOS coloniales. En esta clasificación se comprenden el café, té, azúcar, especias, algodón, drogas, substancias tintóreas, y maderas de ebanistería como el cedro, la caoba, el palisandro, etc.

ARTOCARPO (*Artocarpus incisa*. L.) Es el arrogante árbol bautizado también con el nombre de « Árbol del Pan », que abunda así mismo en Oceania. El alimento lo constituye la pulpa farinácea de sus frutos, perfectamente esféricos y de gran tamaño, la cual después de asada en el horno se come con manteca, y es un bocado de ángel. — Es el maná de algunos indios del Oriente quienes lo comen sin tantos requilorios.

ASACÚ (*Ura brasilensis*. Wildenow). Euforbiáceas. Árbol colosal del cual se extrae por incisión un zumo gomoso que se solidifica como el de la seringuera. Los indios del Oriente usan de él para embriagar á los peces.

ASADO con cuero. Famoso plato criollo superior á todos los asados de la cocina europea. — Se prefiere siempre una ternera ó vaquillona gorda. Se destina para el asado de campo, los costillares, el pecho y el anca. Al sacar los trozos mencionados, debe quedar siempre un sobrante de cuero de tres dedos, lo menos, al rededor de cada manta de carne, para que no se queme ésta al asarse. Préndese un buen fuego al aire, protegido por un árbol ó

una pared; se agregan huesos de osamenta vacuna, y cuando todo está quemado, se le da vueltas con largos palos á propósito. Al tiempo de comer, se le sala con salmuera.

El *asado con cuero* es obligado en las fiestas campestres, en giras y expediciones de caza, hierras, remates, etc. Es de origen árabe, y por esto dice Alejandro Dumas que lo aprendió á preparar en Argelia.

ASAHÍ (*Euterpe edulis.* Martius). Una de las palmeras más hermosas de los trópicos; de tronco liso y recto, con un penacho de hojas palmeadas, compuestas de foliolos dispuestos como los de una pluma de ave. Con sus cocos se prepara una bebida azucarada, color vinoso, muy refrigerante que en el Pará llaman *coahy*. Goza también de predicamento el *palmito* que suministran sus hojas antes de su perfecto desarrollo y que he tomado muchas veces como ensalada entre el arroz y *charque*, y charque y arroz, obligada menestra de la navegación fluvial en los ríos de Bolivia.

ASAYÉ. Espuerta hecha de palma, muy en uso en todo el Oriente boliviano.

ASERO. Culebra, en aimará. — Asero-marca, país de culebras, Provincia del Acero (debiera escribirse Asero) en el Departamento boliviano de Chuquisaca, etc.

ASOROCHARSE. Apunarse.

ASPAS. Astas ó cuernos de animal vacuno.

ASTI-ABIERTA Res cornicancha.

ATABALIBA. Ataliba ó Atahuallpa. Con estos nombres se llama al infortunado príncipe indio que gobernaba el imperio peruano á la llegada de los españoles. Oviedo en su « Historia de las Indias » escribe *Atabaliba*; el inca Garcilaso, *Atahuallpa*, y pretende que los gallos traídos por los españoles pronunciaban cantando el nombre de Atahuallpa, de donde le vino á la gallina el nombre de *huallpa* ó *gualpa* que aun conserva en quichua. El Padre Blas Valero (cuzqueño) atribuye esta etimología á que cuando los gallos cantaban, los indios creían que lloraban por la muerte del inca.

Atabaliba es el nombre de pila de algunos americanos, y él ha tenido el honor de verbalizarse en :

Atalibar, sinónimo en la Argentina de robar, espoliar, por un Don Ataliba (el apellido se calla) que hizo méritos suficientes para verbalizar su nombre, emulando á Guillotin, Lynch, Boycott, Escobar, Lambin y demás que disfrutaron de igual privilegio. « Me han atalibado el reloj », dice un porteño, así como los chicuelos de París gritaban allá por 1791 : « Me han *brissoteado* el trompo », aludiendo á Brissot, hombre de mala reputación en lo referente al séptimo mandamiento.

Atabacado. Empachado, hastiado. Voz gauchesca.

Atado. Cajetilla de cigarrillos.

Ataja-camino. Pájaro, como nuestro aguzanieve, que vuela de trecho en trecho, asustando á las caballerías.

Ataja (La). Arritranca que se pone en la grupa del animal para que la montura no se corra adelante.

Atarantado. Aturdido; picado de la tarántula, de donde dablemente deriva este provincialismo boliviano.

Atirantar. *Estaquear* en la Argentina. Estirar en el suelo á una persona, agarrándola de pies y manos para ser azotada. Espectáculo muy frecuente en cuarteles, comisarías y corregimientos de estos países, no menos que en ciertas barracas y estancias en las que impera el régimen feudal.

Atocinatado. Pesado de carnes, obeso.

Atorarse. Estacionarse algo ó alguien ; los alimentos en el buche, una persona en un sitio, etc. En catalán hay el verbo *aturar* con igual significación.

Atortojarse. *Abatatarse*, turbarse, encogerse como una rosca ó torta.

Atorrante. El vago y azotacalles, en argot río-platense. Quizás tenga su derivado en el *atorarse* anterior. Al *atorrante*, llaman en Montevideo *guiso* ó *guisote*, y *garabito* en otros puntos.

Atracarse. Acercarse con buena ó mala intención. Se *me atracó* y le pegué un rebencazo. — Me le atraqué para saludarle.

ATUEL. Voz auca (« Lamentación »). Nombre de un río de la provincia argentina de Mendoza.

AUCA. Voz quichua: el sombrero hongo. — La lengua araucana que hablan ó comprenden los indios de Chile y del sud de la Argentina.

AUDIENCIA. Por lo general, la corte de Madrid se conformaba para lo temporal con las divisiones espirituales que regían para los Obispados, y aun con las establecidas como provincias por diferentes órdenes religiosas. Tal se determina en la real cédula de 1636. Las « Reales Audiencias » en América obedecían á una división tan racional y bien establecida, que ellas han dado la pauta á las nuevas nacionalidades en que se fraccionó la vasta unidad del imperio hispano-americano. Cuanto más se estudia el sistema geográfico de las antiguas audiencias, tanto más se admira la sabiduría que ha procedido á su colocación respectiva. Absurdo hubiera sido trazar el largo de los territorios de occidente á oriente, porque el deseo de dar iguales costas á las Audiencias hubiera producido el efecto de hacer centrales y alejadas del mar la mayor parte de los territorios y provincias de cada una de las secciones. En el sistema preferido por España, las Audiencias interiores pueden acercarse más á la costa, dado que aquéllas que ostentan configuración litoral toman en su longitud todo el espacio que necesita su unidad territorial. Países cortados desde el Amazonas hasta el Pacífico ¿ hubieran sido más accesibles al comercio que lo son hoy Bolivia y el Perú, guardando esa contigüidad de tan fácil comunicación ? Casi todas las dificultades de las repúblicas sud-americanas son más bien aduaneras que geográficas.

AURORA. Chicha cochabambina que los aficionados prefieren al vino.

AVESTRUZ. Véase ÑANDÚ.

AVIADO y Aviador. El habilitado para un negocio y empresa, y el habilitador.

AYACUCHO. Etimológicamente, « rincón de los muertos », por-

que los primeros españoles hicieron en ese lugar una gran carnicería de peruanos. En su llanura se libró á 9 Diciembre de 1824 la batalla que puso fin á la guerra de la independencia sud-americana que duró quince años. « Mariscal de Ayacucho » es el título con que se galardonó al vencedor en la jornada, Antonio José Sucre. De vuelta al hogar los ilustres vencidos, fueron llamados « Ayacuchos » en España, como señal de ignominia. Partido « ayacucho » fué llamada la fracción liberal que militaba en el partido liberal durante la reacción de la « década ominosa » ; y antes que progresista, fué llamado partido ayacucho aquél á cuyo frente se puso el general Espartero, quien si bien peleó en América no estuvo comprendido en la capitulación del 9 de Diciembre, por haberle cabido la suerte de estar en comisión á España con pliegos del virrey Laserna.

Conforme á la etimología ya apuntada, se derivan *Ayapampa* (campo de los difuntos), *Ayapata* (cumbre de los muertos) y otros nombres de localidades.

Ayarichis. Cierta comunidad indígena del Departamento de La Paz, que baila una danza llamada « ayarichi », al son del *sicu* ó especie de flauta de Pan, pues los tubos de caña están paralelamente, de mayor á menor en largo y anchura, con las aberturas en una sola línea.

Ay juna! Interjección gauchesca de admiración, síncope de hijo de p...

> Un ginete del Bragado
> de apelativo Laguna,
> mozo ginetazo, ¡ ay juna! Etc.

Ayllo. Del quichua : linaje, casta ó familia. Parcialidad en que se subdivide una comunidad indígena.

Azotarse (á algo). Arrojarse con prontitud « como carpincho á la mar » (Ascasubi).

Azotea. Toda casa de adobe en la campaña de Buenos Aires de techo plano, tenga ó no terrado ó azotea. Cuando el techo for-

ma ángulo para la caída del agua de la lluvia, llámase *casa media*.

Azotera. Los dos cabos de la rienda que saliendo del nudo en que éstos se reunen, sirven para azotar el caballo á falta de rebenque ó talero. Los árabes usan también riendas con azoteras. En Bolivia usan el *chicotillo*, que es una gruesa lonja de cuero en forma de larga palmeta, hendida en dos suelas y añadido á las riendas.

B

Baba. Mariposa grande de rutilantes colores, correspondiente á la magnífica « barboleta » del Brasil. Es voz muy propia aplicada á las pegajosas mariposas nocturnas que infestan las pascanas de Chiquitos, molestando á personas y animales.

Bacán. El abarraganado. El amante de una prójima.

Bacaray. Ternero nonato. *Sullo* en quichua.

Bachicha. Nombre que se da en Buenos Aires á los emigrantes italianos. Entre el vulgo itálico, sobre todo en la Liguria, es frecuente el nombre de Juan Bautista que, abreviado como Paddy de Patricio en Irlanda, se ha hecho *Bachicha*, Bautista.

Bagual. Caballo alzado de las Pampas, procedente de la manada que hubo de abandonar el adelantado Mendoza. Pocos baguales quedan ya á medida que el hombre avanza en la conquista del desierto. Es sinónimo, por consiguiente, de caballo indómito y arisco. A la moda de Portugal, dos burros sobre un bagual. Loc. popular.

¡ Eh bagual ! Es voz porteña equivalente á nuestro ¡ No sea V. animal !, cuando un atolondrado nos pisa un callo, ó nos da un encontronazo al doblar de una esquina.

Baile. En la Argentina y Bolivia como en el resto de América, hay bailes de á dos, que son de importación europea, polcas, valses, etc., y bailes sueltos que son los típicos de la tierra. Antes se bailaban el pericón, cielito, tango, galopa, etc. ; hoy el

gato, triunfo, chacarera, marote, correntino, remedio, prado, huella, firmeza, cuando, pajarito, cueca ó zamacueca que es baile chileno, etc., etc. Casi todos estos bailes empiezan á la voz de *saque* del guitarrero, y cuando el bailador sacó pareja responde á su vez « meta » (música). Entonces el músico comienza á entonar su copla á cuyo tiempo empieza el movimiento. Bailes hay como el gato, que es el gauchesco por excelencia, que se acompaña con « relación », castañeteo de dedos y lances de pañuelo. Véase MILONGUERO. El baile popular boliviano es la cueca.

BALACA. Hablador, parleta. *Hombre balaca*, dice el gaucho aludiendo sin duda al continuo balar de corderos y vaquillonas.

BALSA. Embarcación construida con un palo muy liviano, llamado « palo de balsa », muy adecuada para navegar ríos como los tributarios del Beni de poco fondo y rápida corriente. Cada balsa consta de siete palos, de los cuales el del centro, que es el más largo, se llama « pescuezo » porque al remate forma la proa. A uno y otro lado del pescuezo estan los *huatíris* ; vienen después los « maestres », y los de cada costado extremo con las « voladoras ». Dos ó tres balsas unidas forman el « callapo ». Las guarachas » son los asientos laterales formados en el callapo. Véase CALLAPO.

BÁLSAMO de Tolú. Extráese de una leguminosa (*Myrospermum toluiferum*. De Candolle). Se emplea como estimulante en medicina, y su nombre deriva de la ciudad de Tolú, en Colombia.

BALSÓN. La soga del timón del arado que va atada al yugo.

BALLATA ó Guallata. Voz quichua. Zancuda de la especie del flamenco, que habita los lagos de la cordillera y lagunas del Oriente.

BAMBA. Desinencia del vocablo Pampa. Entra en la composición del nombre de muchos pueblos, lugares y postas. *Cochabamba* (ciudad de Bolivia = laguna en la llanada). Totabamba (llanura de enea), etc.

BAMBÁ. Voz brasileña usada en el departamento boliviano de Santa Cruz de la Sierra. Res de color uniforme con brochazos blancos como churrones de cal ó yeso.

Bambú. Véase Tacuara. *Novio bambú*, novio calabaceado (Arg.).

Banana y Bananero. Nombres brasileños del plátano y platanal, usados indistintamente en las repúblicas sud-americanas. Véase Plátano.

Banco. « Hacerle banco á alguno »; humillarlo como reo en banquillo. Es argentinismo.

Bandera. Las fajas celeste y blanca eran el símbolo de la soberanía de nuestros reyes en Flandes, Nápoles é Indias. De esta bandera real hicieron los argentinos divisa y escarapela el 25 de Mayo de 1810 y más adelante bandera nacional el general Belgrano.

La bandera boliviana parece ser que deriva del arco iris, cuyos colores principales adornaban el estandarte del inca del Perú. Sin embargo, es tradición en el país, que estando los congresistas divididos en el asunto de los colores de la nueva bandera, diéronse un *cuarto intermedio* para deliberar, á cuyo tiempo apareció en el patio del salón legislativo una chola naranjera. Su mantón rojo, el amarillo de las naranjas en el cesto y la pollera verde de esa mujer, fueron una inspiración, de tal suerte, que por unanimidad se decidió que los colores encarnado, amarillo y verde fueran los de la bandera de la República.

Bandera de remate. El trapo con la divisa ó nombre del *martillero* ó rematador que, como pendón de los faraútes, flota en poblados y despoblados donde quiera se verifica el remate. Subasta derívase precisamente del sub-hasta de los romanos.

Bandolero. El tocador de bandola; y también el ocioso entre los chuquisaqueños.

Bandurria (*Ibis melanopis*). Ave acuática, grande como una pava, y del sabor de ésta. Es de cuerpo gris plateado, con el pecho y el revés de las alas blancas, formando un hermoso contraste cuando vuela, casi siempre en bandadas. Tiene un pequeño copete y un pico muy largo. Su canto, sin ser desagradable, no abona ciertamente el nombre del ave. A ésta se le llama también *caquingora* en quichua, y *canelón* en otros países.

BAGRESAPO. Renacuajo. *Guasarapo* en Mendoza.

BAQUEANO. Guía, práctico de la Pampa. El baqueano es un tipo de las pampas tan útil y notable como el *rastreador*. De ambos se hacen lenguas los escritores argentinos, á causa de la maravillosa destreza que demuestran en seguir una senda ó rastrillada. El baqueano es hombre que ha debido de andar mucho y tener buen ojo para reconocer lo andado, cosa no muy fácil en la pampasia donde, como vulgarmente se dice, todo el monte es orégano, á causa de la uniformidad del paisaje. El rastreador, de más mérito aún, tiene vista y olfato, pues conoce las huellas de un animal, y da con un individuo por oculto que esté. En una palabra, si el baqueano es la brújula de la pampa, el rastreador es el sabueso. — El mérito de ambos se aquilata reflexionando lo que es la Pampa platense, verde llanura, mar seco sin orillas, á veces sin un árbol, sin un médano, sin un hilo de agua, océano de verdura donde todo rastro se pierde como el surco de la quilla en el agua, y donde ya alzado el sol, quienquier que no sea *baqueano* pierde el rumbo y anda como una aguja loca de imantar.

Baqueano en mi opinión debiera escribirse vaqueano, pues es más que probable derive de vaquero, el mejor práctico de un terreno por razón de su oficio nómada, pero lento y continuo. El Sr. Cuervo apunta que deriva de *baquia*, término con que los españoles designaron después de la conquista á los soldados viejos, y significa veterano, experto. Añade que Juan de Guzmán en su notación 28 sobre la Geórgica 1ª de Virgilio escribe « vaquiano », diciendo que es voz de la isla de Santo Domingo. Pudo tener razón Guzmán, pero es muy singular que Esteban Pichardo en su « Vocabulario de voces cubanas » no cite ni por asomo ese vocablo, esto que Pichardo era nacido « en el corazón de la isla de Santo Domingo » como el mismo dice en el prólogo de su obra.

BAQUETÚ. Aventador ó soplador de palma que usan en Mojos. *Ebéje* en Santa Cruz.

BARBACOA. Tablado junto al techo de la casa para guardar gra-

nos, frutos, etc. Es voz generalizada en toda América. En Bolivia se le llama también *guaracha* y *tendal* según sirva además de asiento ó de colgadero.

Barbasco ó verbasco (*Robinia Nicou*). Bejuco cuya corteza se emplea como veneno vegetal para *embarbascar* los peces. Varios son los bejucos, todos ellos enormes, que sumergiéndolos en el agua envenenan el pescado de ríos y lagunas : el citado Bobinia, el *Bignonia scandens*, Barrière; el *Sayquinia armilaris* y el *Astragalo incanis*; todos ellos frutescentes y de frutos purpúreos. Al barbasco llaman *timbó* en guaraní.

Barbilla ó barbada. Jáquima ó cabezada con un bocado de palo que como la *yacuma* se pone á los burros conductores de maíz ó alfalfa para que no coman de la carga de los compañeros.

Barbiquejo ó barbijo. Pañuelo para la cabeza puesto á la mujeriega ó á la catalana, es decir, atado bajo la barba. Úsanlo los gauchos bajo el sombrero en sus trabajos pastoriles para evitar el frío y el sol.

« Hacerle un barbijo á alguien », hacerle un chirlo en la cara.

Barcino. Color blanco y pardo, como en todas partes; pero además en la Argentina es el político que muda de casaca.

Barraca. Depósito de cueros y lanas en la Argentina. — La factoría á orillas de los ríos donde se recoje toda la goma elaborada en los centros del Beni y Madre de Dios.

Barrajar. Derribar con fuerza en el suelo. « Es enérgica esta expresión americana : le barrajó contra el suelo », dice Juan Seijas en su « Diccionario de barbarismos cotidianos ».

Barrero. Lugar de greda salitrosa de la que son tan golosos los animales montaraces, como monos y antas, que hacen verdaderas excavaciones en el terreno. A los barreros acudíamos en noche de luna los empleados de la *barraca*, allá en el Madre de Dios, cuando queríamos regalarnos con un anta ú otra pieza mayor.

Barrilete. Cometa de seis puntas, y *estrella*, papagayo y bomba según tenga cinco, tres ú ocho puntas.

« Es un barrilete » por : es una coqueta, se dice en Bolivia.

Baticola. Por analogía con la pieza del apero, de ese nombre, el taparrabos que usan los indios bárbaros y los bañistas. Desde luego me parece más eufónico y más decente baticola que taparrabos.

Bato ó jabirú (*Miecteria americana.* L.). Zancuda del tamaño del flamenco, de cuerpo blanco y hermoso collar rojo. Con su enorme pico, largo, negro y muy grueso, coje los pescados á los que saca la espina dorsal antes de engullirlos. Su paso es grave y acompasado; de ahí, tal vez, su nombre *bato*, sinónimo de lelo.

Hace el nido en los árboles ribereños, pero con más frecuencia en las pampas, á inmediaciones de las lagunas, con la precaución de limpiar de yerba el perímetro, para que su nidada no sea consumida por el incendio de la pradera, recurso á que apelan los habitantes de Mojos para brozar y rozar los campos.

Batuque. Alboroto, gresca. No es voz río-platense, supuesto que Cuervo la apunta en sus « Apuntaciones al lenguaje bogotano » suponiendo que deriva de *bazuquear*, mezclar. Tengo para mí que es de origen brasileño. *Batuque* es una danza usada en el Brasil é islas Azores. Hé aouí como la describe un escritor de la « Tierra del Sol » : « Cada caballero con pasos graciosos y entretegidos, va á sacar su dama la cual acepta el convite : comienza con su pareja una especie de juego que termina después de muchos requiebros y meneos de cuerpo por una fuerte *ombligada* que produce un sonido cuando los danzantes son ágiles y diestros. »

Bellaco o harta bellaco. Plátano grande, del tamaño de una berengena y peso de libra y media ó dos libras, así llamado porque con uno basta para aplacar el hambre más bellaca. Llámanle en otras partes « banana de la tierra ».

Bejuco. Trepadora que crece de abajo arriba hasta subirse á la copa de los más altos árboles. Sus caprichosas espirales y el grosor de su diámetro dan á los bejucos la apariencia de enormes boas enroscadas á los troncos de los arbolones de la selva, siendo real-

mente otros tantos *constrictores* vegetales como el agarrapalo ya apuntado. Hay bejucos tan duros y resistentes que como el *güembé* y el *isipó* se emplean como amarras y cordeles; algunos dan una leche narcótica como el verbasco; de otros come el ganado, como el hediondo *cutúqui* de olor parecido al ajo. Otros dan, á una simple incisión, agua fresca como el « bejuco de agua » (*Bignonia aquosa*. Nicolson). Los más son venenosos, singularmente los del género *strychnos*, de los que se extrae el famoso *curare*, veneno vegetal con el que envenenan sus flechas algunos salvajes amazónicos. Los bejucos del *curare* son : *strychnos Crevaux* de la Guayana ; el *Castelneauna*, del Perú; el *iyupensis* Planchon, etc.

BEJUCOS (Puente de). Véase *Puente*.

BENDITO. « Rezar un bendito », rezar un padre nuestro, por la posición de las manos cuando se juntan para orar.

« Hacer un bendito », hacer con estacas y lonas ó poncho una cubierta en ángulo.

Nos retiramos con Cruz
á la orilla de un pajal;
por no pasarlo tan mal
en el desierto infinito
hicimos como un *bendito*
con dos cueros de bagual.

(*Martín Fierro*.)

BENI. Famoso departamento boliviano, objeto de las pesquisas de los aventureros españoles que iban en demanda del fabuloso Imperio de Enin. En la actual circunscripción administrativa están enclavados Mojos, célebre por sus antiguas misiones y su ganadería, el Beni, propiamente dicho, abundante en riqueza forestal, especialmente en la « seringa » ó goma elástica. El río Beni, que nace cerca de la ciudad de La Paz, da su nombre al departamento, yendo á confundirse con el Mamoré, frente Villa Bella, para formar juntos el Madera, el mayor afluente del Amazonas. Beni, en lengua tacana, es « viento », así dice d'Orbigni y es

verdad como pude comprobarlo tratando con los indios araonas empleados en las barracas gomeras de aquel distrito.

Benjui (*Styrax benzoin*. Dryander). Estiraxíneas. De esta planta proviene el penetrante olor á incienso que exhalan algunas fogatas que encienden los viajeros en los bosques de la cuenca amazónica.

Berenguela. Mármol boliviano.

Beri-beri. Significa « debilidad ó flaqueza » en la isla de Ceilan, de donde ha pasado con aquel nombre al inglés y portugués. Ha sido observada esta epidemia en el Brasil desde su aparición en Bahia en 1866. También he visto casos aislados en el Beni boliviano. La enfermedad está caracterizada por amenguamiento de la sensibilidad cutánea, debilidad general con dolores en los músculos cuando se les oprime, hinchazón de la cara y de todo el cuerpo, anemia, opresión gástrica, dispepsia, disnea, parálisis gradual, debilitamiento de la voz ó ronquera, sacudimiento de los nervios. En los casos fatales se termina por sufocación ó asfixia; y en los favorables por secreción úrica abundante y restauración gradual de las fuerzas. Se atribuye el *beri-beri* al envenenamiento de la sangre por derrames serosos y estagnación sanguínea, consecuencias de la falta de ejercicio, de la humedad del suelo y del uso de aguas impuras.

Beterava. Nombre gálico aplicado en estos países á la remolacha, nombre que ni de oídas conoce el vulgo, y así le dan « azúcar de beterava ».

Bí ó ví (*Genipa americana*). Arbol ribereño de los trópicos, de fruta negra y redonda, la cual suministra un tinte negro de mucha duración. Los araonas tiñen con él el cuerpo de los recién nacidos para preservarlos de las picaduras de las sabandijas. *Cara de bí*, cara sucia.

Biboca. El solideo del cura.

Bibosi. Véase *Agarrapalo*. Llámase también *árbol de camisa*, porque provee de vestido á los indios mansos del Oriente. Para ello, se bate fuertemente el liber humedecido, contra un tronco

á manera del cáñamo cuando se escarda, hasta que se ablanda y deshilacha. Las raíces, chatas y aplanadas, dan unas tablas, naturalmente conformadas, que sirven á maravilla para arcones ó *cachas*.

BICOQUE. Golpe dado en la cabeza con los nudillos de los dedos doblados. *Cocacho* en Chile.

BICHOCO. Caballo viejo y estropeado de los cascos. Por translación á las personas y cosas averiadas. — Bichoquera, la enfermedad de los caballos á quienes se les cierran los candados.

BICHOFEAR. Dar una silbatina, burlarse de alguien.

BICHOFEO. Voz burlona que achacan en la campaña de Buenos Aires al pájaro *bienteveo*.

BICHO-MORO (*Lytta attomaria*. Germ.). Cantárida del Río de la Plata. Insecto de color ceniciento punteado de negro, y tórax redondeado. Es muy dañino en las hortalizas, y cuando se le agarra, vierte por la boca y trasuda por las coyunturas un licor amarillento cáustico que produce ardor en la piel. Cuando muerto, exhala un olor particular. Los farmacéuticos lo emplean como equivalente á la cantárida ó *mosca de Milán*, sobre la que tiene la ventaja de no ser ponzoñosa.

BIENTEVEO (*Tyrannus melancholicus*, y *auriflamma*). Pájaro coloptérido, de intenso amarillo, cuyo nombre argentino es onomatopéyico, porque el pájaro á cada instante saluda con su estridente y claro ¡ bien te veo! — En Tucumán y Bolivia le llaman *quetupí* y doquiera suele vérselo en el lomo de las vacas sacándoles las garrapatas. Véase BICHOFEO.

BIFE. Beefsteak. « La Pampa es el primer criadero de *bifes* del globo terráqueo », escribe un literato argentino, para enseñanza de peninsulares que no se hartan de escribir, pedir y comer *bisteques* ó *bisteks*.

BILOCARSE. Chiflarse; *alocarse* dos veces, sin duda.

BIRA-BIRA. Flor campestre de la que se hace una infusión teiforme.

BISAR. Repetir una parte dèl programa, previa la fórmula

« *bis, bis* » mucho más culta y natural que nuestro ¡ que se repita !!

Blandengue ó blandingo. Blando, blanducho. Al tiempo de la Independencia había en Montevideo el Escuadrón de los « blandengues » así llamados los « blandengues » ó lanceros españoles.

Blanquear á uno. Dejarlo seco de un balazo. Muy bien dicho por el doble significado que encierra de hacer blanco y de la lividez cadavérica de la víctima.

Bobo ó parajo bobo. El saúce llorón, muy abundante en las orillas de los ríos americanos.

Bocó. Escarcela ó cartera de viaje. Es provincialismo cruceño.

Bocha. Juego conocido también en la Península. El campesino americano juega á las bochas en un espacio cuadrado ó *cancha*, de piso bien nivelado y limpio, empujando las bolas con la mano, unas contra otras. Entre los contendores se atraviesa dinero ó una convidada de copas.

Bochinche. Bulla, alboroto. Derívase sin duda de la confusión y zaragata que se arma en pulperías y boliches donde se juega á las bochas.

Bola perdida. Una sola que usaban los indios querandíes á manera de arma arrojadiza, y con la que incendiaron el primer establecimiento de Buenos Aires. De un « golpe de bola » murió entonces el hermano del adelantado Mendoza.

Bolacha. Bulto de goma ya solidificada que entregan los *picadores* del Beni á los barraqueros. Recogida la leche del árbol de la goma, el mozo la vacía en una batea de madera, trasladándose junto al *buyón* ú horno portátil. Frente á sí y del lado del buyón tiene plantadas dos horquetas de madera atravesadas por un palo. El mozo apoya sobre él un segundo palo grueso que sostiene con una mano, mientras con la otra va echando poco á poco la leche vegetal sobre el bastón que empuña previamente untado de barro para evitar la adherencia de la goma, haciéndola pasar por el humo del buyón á fin de que la leche se solidifique. Repite

la operación hasta terminar con la leche del balde. La pasta se solidifica al rededor del bastón, formando una bola ó *bolacha*. Cuando ésta ha llegado al peso de 20 kilos más ó menos, se saca el bastón y queda hecha la bolacha, la cual se señala con las iniciales del operario, y más adelante se le añade en la barraca la marca del barraquero. Las bolachas pierden de su peso al secarse sobre 20 libras, por lo que el vendedor da al comprador una libra de tara por cada arroba cuando la goma es fina y seca. Cuando la goma es fresca se da hasta el 10 °/o de tara. Varias son las formas de la bolacha : achatada, en forma de pera, de *mate churuno*, pero como siempre resulta que para el acarreo se empujan haciéndolas rodar como bolas, de ahí el nombre de *bolacha*, prestado del portugués. — En la Exposición de Chicago figuró un trozo esférico de goma elástica de superior calidad y peso de 14 arrobas ó 161 kilogramos, procedente del Beni boliviano.

BOLADA. Ocasión, aventura amorosa, etc.

¡ Que bolada, ché! dice un tenorio porteño á un su amigo.

BOLADORAS ó voladoras según se quiera hacer derivar el vocablo de bola ó de volar. Dos bolas de plomo ó sino de piedra al extremo de dos trenzados, sin manija, de nervios de buey bien sobados. Las emplean los gauchos porteños para agarrar animales mayores, como caballos y vacas.

BOLAS DE PONCE (Las). Lance en el juego de carambola cuando las bolas están pegadas y hay que volverlas al punto de salida.

BOLAZOS (decir). Decir bolas, disparates.

BOLEADOR (caballo). Que no admite silla.

BOLEADORAS (Las). Éstas son tres : se arrojan circularmente á manera de honda, sirviendo de manija ó agarrador una de las tres. Los gauchos las arrojan con tanta destreza « que sin errar el tiro á el que eligen entre la muchedumbre, queda enredado y cae » (Alcedo).

BOLEAR. Perseguir avestruces con las boleadoras.

BOLETO. BOLETA. ¡¡ BOLETOS !! gritan los revendedores á las

puertas de los teatros en estos países, ó anuncian cobradores de tranvía y revisores de ferrocarriles.

Boliche. Esquina. Pulpería pequeña ó ventorrillo de poco más ó menos que ha empezado siendo cantina de un juego de boliche.

Carro bolichero. Que expende café, leche y aguardiente en las calles de Buenos Aires.

Bolivia. El país antes llamado Alto Perú, dependiente del virreinato de Lima, y desde 1776 del de Buenos Aires. Lleva este nombre del libertador Bolívar. Tal nombre se dió á moción de Manuel Martín, diputado por Potosí, uno de los 48 congresistas que asistieron á la Constituyente del Alto Perú en 1825.

Boliviano. El natural de Bolivia y la moneda de plata valor de 100 centavos subdividido en 10 reales ó 5 pesetas ó *tomines*.

Bolivianas (Las). Las criadillas de toro. Así llamadas en Buenos Aires por alusión á las bolas de bolear.

Bolsas. Mineralogía. Piedras sueltas, algunas de muchos quintales de peso, ricas en metal.

Bolsear. Calabacear entre amantes. — ¿ Qué tal, ché, con fulana? — *Me bolseó*, contesta un porteño.

Bolla. Otro nombre del sombrero hongo.

Bombear. Descubrir posiciones, estar de espía en paz ó en guerra. « Los malones bombeaban los ganados de los cristianos para robárselos. »

Bombero. Vigía de la Pampa ó escucha del ejército argentino, en la estrategia particular de las guerras en la Pampa, ya civiles, ya contra la indiada. El atalaya tiene que subirse á un palo ó cucaña; de ahí el nombre de *bombero* que sus camaradas le aplican haciendo honor á su habilidad gimnástica.

Bombilla. La cánula de plata ó de metal inferior con la que se toma el mate. Véase Yerba mate.

Borebí. Chicote de mango cimbado con dos ó tres chorros que usan en Santa Cruz.

Boro. Véase Sotuto.

Boroschi (*Canis jubatus*). Es el lobo rojo de América, de la misma familia que el lobo mejicano (*canis mexicanus*), el lobo de Europa (*canis lupus*) y el lobo negro (*canis lycaon*).

Cuadrúpedo grande como un mastín, color canela y con crines negras á lo largo del espinazo. Su grito es parecido al del zorro, al que se parece en la hediondez que despide. Es carnívoro y ataca de noche á las gallinas y aves de corral. Los habitantes de Mojos aseguran que cuando este animal no tiene que robar, entretiene el hambre comiendo tierra. Su piel lanuda es muy solicitada en Mojos, como que sirve de panacea ó talismán para evitar porción de enfermedades. Lo positivo es que el cuero del *boroschi* no se pudre en el agua.

Borujo. Masa revuelta y mojada, como el cabello después del baño.

Bosta. El excremento del ganado vacuno es el combustible más á mano y más económico de la Pampa, como que en las estancias hay peones sin más oficio que el de recoger la bosta diseminada en el campo. Combustible tan primitivo vase reemplazando por la leña de los montes artificiales y por los panes cortados de los establos de ovejas que suministran otro combustible más compacto y mejor oliente que la boñiga.

Bosta de pescado. Bollos ó esponjas durísimas que no son otra cosa sino los nidos de ciertos peces microscópicos de los ríos del Beni. Estos bollos quedan incrustados en los árboles cuando las aguas bajan de nivel. La bosta de pescado, después de quemada se mezcla con greda y forma una loza muy estimada, como la que se fabrica en Santa Ana, pueblo del Departamento del Beni.

Botaciones (estar de). Llevar botas granaderas ó de cañón alto que únicamente se pone el gaucho cuando va á la ciudad ó al pueblo. Por consiguiente, estar de botaciones, es equívoco porteño que lo mismo significa « votar » que « andar embotado ».

Botas de potro. Clásico calzado del gaucho porteño que ya tiende á desaparecer al influjo de la civilización europea. Es la

piel de los ijares de una yegua ó potro desjarretado, que se va sacando como se descalza un guante, resultando de la forma y amplitud de una bota, aunque con la punta cortada, motivo por el cual los que usan ese calzado llevan desnudos los dedos del pie. Las botas de potro más apreciadas son las de color blanco, y por eso los potros « cuatralbos » eran los preferidos.

Botado (niño). Expósito.

Botón de pluma. Hecho de tiritas de cuero para adorno de riendas. Es labor gaucha de difícil ejecución.

Boya (estar en). Estar en auge una mina; y estar en boga un negocio ó una persona.

Boyé. Culebrón que como el majá de Cuba se tiene en las plantaciones para que las limpie de alimañas. Es voz guaraní derivada de « *boio* » = culebra.

Boyero. Pequeña torcaz, blanca, con las puntas de las alas de negro azabache; así llamada por un silbo particular parecido al del arreador de ganado.

Bozal. Rudo, torpe. O deriva de « negro bozal », ó de que el aludido es merecedor de llevar bozal como el jumento.

Brama. Cierta clase de gallina doméstica muy copetuda.

Bravo. Enojado. « Mi hijito está bravo y llora ». « El pingo está bravo y no come. »

Brete. Margada ó corral para ganado, pero más pequeño que aquél, y sirve en la campaña de Buenos Aires para encerrar las ovejas « sacadas á la pata » en las ventas ó *apartes*.

Brillazón. Espejismo observado en la Pampa, que hace antojar visiones de incendios.

He aquí un neologismo tan bueno ó mejor que el galicismo *miraje*.

Broquelona. Nombre vulgar de la garrapata (Yxodes).

Bubuya. Voz brasileña, como casi todas las voces náuticas empleadas en la navegación fluvial de Bolivia. Dejarse llevar una embarcación por la corriente, sin ayuda de remos.

Buco-buco. Aristoloquia (*Mikania H.* Kth). Bejuquillo de

Guayaquil. Vegetal medicinal que tiene la singular propiedad de aprisionar en la yema los insectos interventores de la fecundación.

BUCURÚ. Voz chiquitana = « Papa acuosa ». Tubérculo muy esponjoso que conserva el agua de la lluvia mucho tiempo, siendo la providencia de los bárbaros y viajeros del Oriente. Rinde hasta 3 litros de agua, sin más que una incisión en la planta ó machacándola con una madera. El líquido es fresco y con todas las propiedades del agua destilada.

BUEY. Para amansar un novillo, sea para el arado ó para la carreta, se empieza por atarlo de las *astas* á un *palenque* ó á los palos de un corral, para que el dolor que le produce la soga á fuerza de sentarse, le obligue á cabestrear. Esta operación se llama en el campo de Buenos Aires « palenquear al buey ». En seguida se le despunta las astas y se le acollara con un buey manso : el novillo de las astas y el buey del pescuezo. A los pocos días, cuando se ve que el novillo « cabestrea » bien y que camina á la par del buey, ya se puede uncirlo. — Llámase « buey de mano » al que está á la izquierda del arado, porque para arar se le ata un cordel delgado á la oreja izquierda, el cual sirve como de rienda para regir la yunta. El otro buey que está á la derecha del arado, se llama « buey de vuelta ». — Para uncir un novillo, se le pone de vuelta con un buey manso de mano, y se ata al yugo con una soga otro buey manso á la derecha del novillo. Ese buey se llama *madrina*. De esta manera, el novillo se encuentra entre dos bueyes mansos : el de mano y la madrina.

Para hacerlo trabajar, se empieza con una rastra liviana, y cuando se ve que el novillo empieza á tirar y se acostumbra á dar la vuelta, se quita el buey madrina. Cuando anda bien así, se le hace arar en terreno blando ó ya barbechado, teniendo siempre cuidado de ayudarle con el arado, para hacerle menos penoso el trabajo ; y en último caso, volcar el arado para que el animal no se acobarde. Así se sigue paulatinamente hasta que puede acompañar al buey de mano en el trabajo seguido.

Para uncir por primera vez un novillo á la carreta, se le pone primeramente al pértigo; pero como en las carretas no se puede siempre proporcionar el esfuerzo á la potencia del novillo, los bueyes amansados de este modo no valen como los que se amansan con el arado.

Buey caballo, carguero ó sillonero. « Cabestrillo » en el Ecuador. El amansado para ensillarse y que se maneja á favor de unas riendas ó tiras de cuero que pasan por la ternilla de la nariz. Es insustituible para atravesar fangales y largas travesías llenas de barro, pues con él se realiza lo que los italianos dicen del burro : *piano, piano, va sano e va lontano*.

Buey corneta. Buey revoltoso, alborotador de una « hacienda ». *En la tropa nunca falta un buey corneta*. Refrán gaucho (véase TROPA).

BUFEO (*Inca boliviensis*. D'Orbigni). La vaca marina ó peje que citan los geógrafos antiguos al hablar del Marañón ó Amazonas. Algunos prosistas castellanos del siglo XVII dicen bufeo por delfín. Es un pescado enorme de 180 á 200 kilos ; su boca como la del esturión, labio superior hocicudo, con dientes muy filos. Su carne es poca y hedionda, pero de ella se extrae aceite para el alumbrado. Se le encuentra en el Madera y en todos los tributarios del Amazonas que no están obstruidos por rápidos ó *cachuelas*. Por esto abundan en el Mamoré, Itenes é Itunama, y ni uno solo se ve en los misteriosos y aturbonados Beni y Madre de Dios.

BUGRE. Voz brasileña. El indio salvaje. En los mapas de Bolivia, en la sección de Chiquitos, no es raro encontrarse con estas llamadas : « Región de los bugres. » — « Aquí empiezan los bugres », etc., como en las antiguas geografías « *Hic sunt leones* ».

BUNA. Hormiga de picadura irritante.

BURACA. « Petaca » ó zurrón de cuero, más largo que ancho, hecho de un solo pedazo de cuero en cruz y con sólo una abertura al extremo. Los cruceños lo emplean para conducir sal y azúcar.

BURUCUYÁ. Voz guaraní con que se designa en el Paraná la

pasiflora de los botánicos y Pasionaria de los españoles. — *Pachío* en Santa Cruz. *Parcha* en otras provincias.

BUTÚA. « Abutúa ó parra brava. » Planta trepadora cuyo tallo trepando alrededor del tronco de los árboles próximos, llega hasta la copa, por elevada que sea. Cuando nueva, despide un olor penetrante. Su raíz, que es recetada por los médicos como diurética y beneficiosa contra la hidropesía, fué traída del Brasil á Europa á fines del siglo XVII.

BUTUCÚ. Fiesta de los indios chiquitanos el día de la Candelaria (2 febrero). Es una batalla ó torneo con flechas embotadas con bolas de cera ó de madera, entre dos « parcialidades » para vengar mutuos agravios. Esta especie de « juicio de Dios » se celebra en la plaza mayor de los pueblos « coram populo », al son de cajas y flautas, presidiendo los caciques. Algunos contendientes se desnudan de medio cuerpo arriba, otros se refuerzan con coleto, según se convenga. Las mujeres detrás de los flecheros les alargan las flechas y sirven *chicha* para enardecerlos. Terminada la batalla, ambas parcialidades se dan la mano de amigos, convidándose mutuamente á bailes y libaciones que duran dos ó más días. Es espectáculo digno de verse, como el *huitoró*. Véase HUITORÓ.

C

CABALLO. El caballo argentino desciende de los baguales de la Pampa, vástagos á su vez de la caballada que Mendoza abandonó cuando se frustró el primer establecimiento de Buenos Aires. Todo esto es muy sabido. Lo que no es tanto, es que el caballo argentino, como el berberisco y la mula, tienen sólo cinco vértebras lumbares, mientras que los caballos persa, árabe y tártaro tienen seis. Además la dirección de las apófisis en vez de ser horizontal, es hacia adelante. — « Datos son éstos, añade Ebelot (de quien tomamos estos datos) que dan que pensar si el caballo argentino será hijo del berberisco ó fruto de alguna mula, animal

no siempre infecundo como se cree, pues en el Pitou los casos de la fecundación de la mula se producen hace cuarenta años con mucha regularidad desde el cruce que se hizo con el *coa*, burro africano » (*La Pampa*).

El caballo argentino tan sufrido como el númida, de famoso recuerdo, es capaz de andar treinta leguas ó sea 150 kilómetros, de sol á sol. Sólo el *mustang*, el caballo común criollo de Tejas, también de cría española, es de tanto vigor y resistencia; que si bien pequeño anda con su ginete hasta 50 millas todos los días, durante una semana, sin más alimento que el pasto que puede mordisquear por la noche, atado con un lazo de algunas varas. Exactamente como el caballo argentino. Véase TROPILLA.

CABAÑUELAS. Las primeras lluvias de verano, estación en la que empieza la época de aguas en la zona tropical. Los agricultores bolivianos toman una piedra distinta cada nueve días, allá en el mes de septiembre, y por la mayor ó menor humedad que reviste la parte que estaba hundida en el suelo, predicen la copia de aguaceros para cada uno de los nueve meses de la temporada agrícola. A estas piedras cabalísticas llaman también *cabañuelas*.

CABARGA. Envoltura de cuero amarrada con *chipa* ó tiento, que suple la herradura que al ganado vacuno se pone para el paso de los Andes, á fin de que no se aspeen los animales. Por cierto que en Asia acostumbran hacer lo mismo con los camellos al pasar la cordillera.

CABILDO. El Municipio ó Ayuntamiento. Institución genuinamente española. « La primera forma de gobierno civilizado que conocieron las poblaciones aborígenes; fué la que encontraron sus descendientes mestizos y en la que se educaron los hijos de los conquistadores » (Joaquín V. González, *Mis montañas*).

Los cabildos americanos formados en su mayor parte de criollos, fueron los puntos de partida de los futuros gobiernos hispano-americanos.

CABRAS. Suciedad en las rodillas.

CABRITO (Juego del). En algunas provincias argentinas, pero

más aun en el sud de Bolivia, es general el juego del cabrito. Dos hombres á caballo, puestos frente á frente, toman por las patas un cabrito muerto y parten á escape en dirección contraria. El que por su mayor fuerza queda con el cabrito, procura llegar al término señalado de antemano; pero los del bando opuesto siguen disputándole la presa, siéndoles permitido derribar al contrario, que no sale airoso sino cuando además de tener mucha fuerza es gran ginete.

Caburé. Voz guaraní con la que se designa en el Río de la Plata á una especie de mochuelo, llamado también en la campaña argentina el « rey de los pajaritos » porque diz que éstos vienen cuando aquél los llama para comerse el más gordo. Sin duda por esto, nuestro Azara escribe « que tiene el valor y la destreza de introducirse bajo las alas de todas las aves, sin exceptuar los pavos y caranchos, y agarrándose en sus carnes, les devora los costados y les priva de la vida ». No hay tal cosa. Es una errónea interpretación de la costumbre pajaril de burlarse del mochuelo cuando está cegado por la luz del sol. Pero tanto y tanto le urga algún atrevido pajarillo, que el mochuelo no tiene más que atrapar al imprudente y hacerle trizas.

Cacao (*Theobroma-cacao.* L.). Su nombre griego, « manjar de los dioses », corresponde al jugo sabrosísimo en que las semillas están envueltas. Sabido es, que con ellas se hace el chocolate. Según Prescott, el cacao fué conocido por Colón en 1502 en su viaje por la costa de Honduras, cuyos habitantes lo empleaban como alimento y bebida.

Cacarañado. Voz quichua, de *cacaraña* : el hoyito que deja la viruela ; *cara cacarañada*, cara picada.

Cacique. Voz haitiana : *cagik*, jefe de tribu.

Cacuí. El tojo. Pájaro notable por la construcción de su nido en forma de bolsa.

Cacha. Voz chiquitana. Nombre vulgar en el Oriente de Bolivia del *Quebracho blanco* del Río de la Plata (véase Quebracho). — Arcón de madera sin guarniciones de talabartería que sirve de

baúl. — El espolón artificial que se pone al gallo de pelea. Llámase también *cachera*.

CACHAFÁS. Pícaro redomado. Voz porteña derivada sin duda alguna de Caifás que con Judás tienen el privilegio de monopolizar el odio de los buenos cristianos aquende y ultramar.

CACHAR. Agarrar; de donde *cachi* al vigilante ó agente de policía porteño, entre la gente maleante.

CACHARPA. Palabra generalizada en estos países; de significación muy elástica, que lo mismo significa una prenda que un trapo despreciable. — Mis *cacharpas* son mis bártulos, mis *pilchas* ó jaeces del recado, mis adornos de plata, etc.

CACHARPAYA. La despedida que en Bolivia se hace á un viajero jinete en una mula; agasajo que ordinariamente se hace en las goteras de la población con libaciones abundantes, de suerte que el pobre andante á pocos pasos del camino, ó va dormido sobre la caballería ó se apea á dormirla en una *apacheta*.

CACHAZA. Voz brasileña. El *resacado* ó aguardiente de muchos grados. — La espuma del *guarapo* al clarificarse.

CACHERA. Véase CACHA.

CACHI. En quichua, sal. De ahí *Cachimayo* (Río salado). En aimará el piso enlosado para secar la coca.

CACHILO (*Zonotroquia strigiceps*. Bow). Fringilidos. Pajarito que en el campo de Buenos Aires llaman *grillito* ó *engrillado*, porque una tradición asegura que cuando Dios hizo á los animales el reparto de sus dones, el cachilo con toda su pequeñez, pidió ser más fuerte y más poderoso que el águila. En castigo de su soberbia lo condenó á andar engrillado, por cuyo motivo el cachilo anda á saltitos.

CACHIMBO. La pipa de fumar.

CACHINA BLANCA. Alumbre sólido del que hay ricas muestras en Inquisivi (Dpt° de La Paz).

CACHO. El cubilete de los dados. *Tirar al cacho*, decidir la suerte. *Alea jacta est*. Véase DADO.

CACHUELA. Del portugués *cachoeira*. Rauda ó caída que en el

Oriente forman algunos ríos, en olas gigantescas, con remolinos al pie que abarcan de un estremo á otro de la orilla en una anchura de centenares de metros. Por esta causa las embarcaciones se descargan, transportando la carga por tierra hasta reembarcarla en el punto donde el agua está mansa. Si el río está bajo hay que arrastrar las embarcaciones con rodillos ó bien tirarlas á la sirga; y sólo en las mayores crecientes pueden pasar los *batelones* por los canales que forman las márgenes, y aun así á media carga y con remeros hábiles é intrépidos. Esas rompientes que tantas víctimas causan á las tripulaciones del oriente boliviano son las cinco del Mamoré y las doce del Madera, más formidables todavía entre Villa Bella y Manaos. La cachuela más importante del río Beni es « La Esperanza », que tiene las proporciones de una verdadera cascada.

Cachucha. Nombre vulgar del aguardiente de caña ó cachaza.

Cachuncar. Voz quichua. Chocar los piedras cuando vuelan disparadas de un bando á otro, entre niños de la escuela ó entre indios de las comunidades del interior.

Cadenero. En Córdoba el vigilante de orden público por la cadenilla que lleva al cinto para esposar las manos de los detenidos. — *Chafe* en Buenos Aires; *Maragato* en Mendoza; *Paco* en Chile.

Cadete. El meritorio ó aprendiz de comercio.

Cadillo. Pelusilla volátil de ciertas plantas que se pega á la ropa ó á la carne ocasionando en este último caso las *testes*.

Café. Del árabe. Goza de fama universal el café paceño de Yungas (véase Yungas). Es bien conocido el uso y preparación del café. La gente pobre de estos países y aun los viajeros, que no pueden ir sobrecargados de maquinillas ni coladores, lo hacen hervir, y espumándolo convenientemente, toman un café que en todo el Oriente llaman *café de pascana* ó *café Taborga,* nombre de uno de los primeros colonos del Beni. Los hacendados hacen preparar el café para sus peones del modo siguiente. Escojen el café de inferior calidad : hacen tos-

tar el grano á la manera que se tuesta el cacao. En seguida se muele en una piedra, cuidando de que no se vuelva polvo: toman después tres libras de agua por medida, á las que ponen una de *panela* ó *papelón*, y al fuego la reducen á agua-miel. Luego que esté hirviendo, se mezclan dos onzas de café, que por diez minutos se deja en infusión : al cabo de este tiempo, el café está en el asiento de la vasija y la bebida potable.

Cafúa. La cárcel. Palabra importada al argot porteño por los antiguos esclavos africanos.

Caguiye. Chicha camba ó cruceña. Hay el refrán en Chuquisaca : « Pegarse como la mosca á la nata del caguiye. »

Cáhui, Mazamorra que se obtiene de la *oca* por la acción del sol. Véase Oca.

Caima. Soso, desabrido.

Caimán. Del dialecto galibí (Brasil) =*cai*, moverse ; *man*, no ; es decir que no se mueve. Véase Yacaré.

Cáinca (*Chiococca aquifoga brasiliensis*. Martius). Vegetal medicinal muy útil contra las mordeduras de las serpientes.

Cáito. Hilo de lana para tejer ó bordar. Es voz quichua muy usada en los departamentos donde se habla esta lengua, hasta por quienes hablan castellano.

Caja. El tamboril de los indios, obligado acompañante de sus cantos y danzas.

Cajetilla. El elegante porteño. *Pepe* en Sucre, *cachaco* en Bogotá. Véase Ciútico.

Cala. Piedra en aimará. Así *Calamarca*, cantera ó país pedregoso ; *Calacoto*, montón de piedras.

Calaguala (*Polypodium adiantiforme*). Especie de helecho empleado como antisifilítico.

Calandria (*Cassinus cristatus*). Ave cantora llamada por Buffon el ruiseñor americano. Impropiamente llamada calandria, pues en rigor pertenece al género de los mirlos. Es pájaro exclusivamente americano. En Chile y Mendoza le llaman *tanca* ; en Santa Cruz *tojo* ; en México y Cuba *sinsonte*, y en otros puntos

burlón : nombres todos alusivos á la facultad que posee de remedar el canto de las otras aves y aún el grito de algunos cuadrúpedos.

CALAPÁRI. Voz aimará. Piedra caldeada que se echa á la *lágua* cuando ya está servida á la mesa para que conserve el calor. Véase LÁGUA.

CALCAHUESAL. Campo desparejo ó desnivelado.

CALICHE. Materia prima de la que se extrae el salitre.

CALICHERA. Terreno abundante en caliche. El sabio Dombey que, en 1778, acompañó á la expedición científico-española de Ruiz y Pavón, fue quien dió á conocer por vez primera la bondad del salitre de la entonces provincia peruana de Tarapacá.

CALISAYA. Véase QUINA.

CALOSTRO. Como en la Península es la primera leche de la hembra recién parida. *Apoyo* llaman aquí á la segunda que sigue dando la vaca y que es mejor que la primera.

CALUCHA. El hueso del coco, almendra, nuez, etc.

CALUYO. Baile zapateado de los indios bolivianos del interior, con mudanzas y trenzados, y que ha trascendido al resto del país.

CALZADOR. Portapluma (Arg.). Lapicera (Bol.).

CALZÓN. Guiso de cerdo con picante.

CALLAHUAYAS. Indios de los cantones de Curba y Arasasús en el Departamento de La Paz, así llamados de su danza característica, la *callahuaya* ó especie de cuadrilla á pasos saltados y con varias figuras. Estos indios, los primeros botánicos del imperio de los incas, á modo de los primeros médicos de Grecia, hacen largos viajes á Chile, la Argentina, Perú y el Ecuador, curando empíricamente con las gomas, resinas y otros simples de que van provistos. Aseguran poseer recetas para inspirar el amor, como también para hacer olvidar lo que se ama; poseen, pues, el elixir de Dulcamara y las aguas del Leteo. Lo que saben verdaderamente es conducir de la Argentina á Bolivia mulas *chúcaras* sin perder una sola. Para ello las ensordecen, y no oyendo ningún ruido, siguen ellas su camino sin espantarse. Otra costumbre de

esos indios — según testimonio de Cortés, (*Ensayo sobre la historia de Bolivia*) — es que todo el tiempo de su largo viaje dejan sus mujeres al cuidado de un amigo y adoptan los hijos nacidos durante su ausencia. — A los Callahuayas llámanlos también *cocales* y *yungueños*.

Callampa. Voz quichua. Boleto, seta ú hongo comestible.

Callapo. Voz quichua. Parihuela. La reunión de dos balsas, en la navegación del Mapiri y Beni, lo que permite transportar 25 quintales de carga.

Cama. En quichua y aimará equivale á « hasta ». De ahí *Atacama* cuyo desierto en el litoral del Pacífico debió ser el confín del imperio de los Incas.

Camal. Matadero ó macelo.

Camaleón. Llaman así los campesinos cruceños á la iguana.

Camalote (*Phalaris arundinacea*. L.). Gramínea. Yerba nudosa de los ríos que al empantanarse en lagos y lagunas forma islas flotantes en las que llegan á arraigarse árboles con séquito de sagitarias, nenúfares y demás plantas acuáticas. A estas islas flotantes en las que cabe una persona y navegan á su pesar los tigres sorprendidos por una avenida, llaman *camalote* los ribereños del Paraná, y *colcha* los bolivianos del Oriente. — *Kamalotera*, en éuscaro es « lecho de amor ».

Camanchaca. Niebla meona de la costa del Pacífico.

Camareta. Morterete para regocijos públicos.

Camba. El indio chiriguano ó *tembeta* que, como las golondrinas, anuncian la primavera en Sucre, viniendo desde el Oriente cargados de loros, monos, *mates* y *alibibis* que cambalachean de casa en casa. Entre los cruceños españoles ó caucásicos, es sinónimo de indio. « Los enemigos nuestros son tres : colla, camba y portugués » (el boliviano de la altiplanicie, el indio y el brasileño). Refrán cruceño.

Camdirú. Pececillo del Beni y Madre de Dios, de cuerpo vibrátil, largo de unos 12 centímetros y muy delgado, con la cola acabada en punta. Está probado que sabe introducirse por las

vias naturales de los animales, de las que es difícil extraerlo porque se agarra con dos espinas en las agallas, una á cada lado. El menor daño que ocasiona es una fuerte hemorragia por la vía donde se ha introducido.

Camijeta. Camisón blanco, sin mangas, ancho y ceñido por la cintura que usan los indios civilizados del Oriente, así como el *tipoy* las mujeres. *Camijeta* y *tipoy* son prendas muy adecuadas al clima y tienen cierta apariencia á la clásica indumentaria romana y griega, aclimatada por los jesuitas en las misiones de Mojos y Chiquitos.

Camiti. Género Boa. Es la *securí* del Beni. Gigantesca serpiente del tamaño de la *boa constrictor*, con un gancho óseo en la punta de la cola, del diámetro del meñique y largo de 4 á 5 pulgadas. Con este gancho se clava en la presa que acechó, enroscándosele y quebrantándole los huesos con fuerte contracción. La camiti está tendida en las orillas de las lagunas ó enroscada en algún arbolón de las inmediaciones. No es venenosa, ni acomete al hombre.

Camote (*Convolvulus batata*). *Boniato* y *Batata*. Variedad de batata, muy productiva, de enormes tubérculos y de color rosado desvaído por fuera y amarillo por dentro. En la Provincia de Buenos Aires se conocen las batatas *colorada larga*, de largos tubérculos, algo fibrosa; la *colorada de Montevideo*, de tubérculos puntiagudos, muy dulce; y la *blanca* de Santa Fé, de tubérculos largos, aplastados en las extremidades y de sabor muy agradable.

En Sucre, es el galán ó visitante asiduo de una dama, y es sinónimo también de amor. Así se dice : fulano está *encamotado* ó tiene un *camote* grande por fulana. Véase Refranes y Modismos.

Campear. Buscar en campo abierto animal ó persona.

Campo. (Hacer). Hacer lugar, dejar sitio. « Hagan campo » dice el maestro á sus escolares y el oficial á sus soldados, cuando quieren aclarar filas.

Camuatí. Voz guaraní : *ca*, avispa; *mu*, amistad y *atí*, reu-

nión; avispas reunidas amigablemente. La *camuatí* es mucho más pequeña que la abeja doméstica, pues sólo tiene un centímetro de largo y poco más de una línea de grueso. Su figura esbelta y graciosa no está afeada por el vello que tiene la otra.

A la colmena llámase también *camuatí*. — Rancho ó puesto de los leñadores y caleros de las barrancas del Paraná.

Canapé. Especie de camastrón que los indios porongueños de Santa Cruz de la Sierra fabrican de corteza trenzada de algunos árboles y bejucos.

Cancelario. El rector de las universidades de Bolivia.

Canco. Nalga. « Mujer cancuda » ó potoca; la de anchas caderas.

Cancha. Patio y corral en quichua. Voz muy generalizada en América, aplicable á todo lugar despejado propio para un deporte. Así, cancha de pelota, cancha de caballos, cancha de gallos, etc. Recodo ó ensenada que describen los ríos en su curso.

Canchalagua (*Chironia centauram*). Veg. medicinal.

Candela. « No dar candela » es dar higa una escopeta de pistón.

Candelero. Hijo de clérigo. En el Perú lo llaman *sobrino*, sin duda por aquello de « filii clericorum *nepoti* vocantur ».

Candombe. Baile báquico importado del África y muy popular en las comparsas carnavalescas de Buenos Aires.

Caneco. Ebrio ó peneque. En la acepción de vaso de peltre enlosado, es voz portuguesa usada en Santa Cruz.

Canela de olor y Canela negra. Laurineas. Variedades americanas.

Canga (Piedra). Mineral de hierro con arcilla.

Cangalla. Vocablo de distinto significado. Así cacharpas ó prendas heterogéneas. — Cierto aparejo ó albarda para llevar cargas.

Cangallar. Saquear.

Cangallo. Nombre de una pequeña ciudad capital de la provincia de este nombre en el departamento peruano de Ayacucho.

En cierta ocasión en que á inmediaciones de este pueblo pernoctaba un escuadrón realista, las *cangalleras* que eran las únicas que habían quedado en las casas por estar los hombres en la guerra, arriaron el ganado *bravo* contra los soldados dormidos, que fueron sorprendidos y dispersados con pérdida de prisioneros y caballada. El gobierno español ordenó llamar « Regimiento del sueño » al que así se dejó sorprender y mandó nuevas fuerzas, las cuales tomaron á Cangallo, lo incendiaron y echaron las cenizas al río. En recuerdo de este episodio los argentinos bautizaron con el nombre de Cangallo una de las calles de Buenos Aires.

Canillera. Abrigo de cuero ó bayeta sobre la carne de la canilla, á diferencia de la polaina que se pone en el mismo sitio pero por sobre la ropa.

Canoa. Del caribe *cana-ona*, árbol vacío y embarcación que de él se hace. Es voz general para designar un esquife ligero y casi siempre un tronco cavado con fuego y hacha del árbol que ha de servir de embarcación.

Cantiña. Cántiga ó cántico.

Cantuta. Voz quichua, clavellina. Planta de varios colores, parecida á la « espuela de caballero », aclimatada en los jardines. Llamada también « flor de los incas », porque les servía de blasón como la flor de lis á los Borbones.

Cañafístula (*Cassia fistula*. L.). Véase Mamúri.

Cañahua. Quino de clase inferior que aprovechan los indios de la altiplanicie para sopas, caldos, etc.

Caoba (*Swietenia Mahagoni*. L.). *Mara* en el Oriente de Bolivia; *taúba* en el Brasil, de donde caoba en castellano. En lengua « tupí » ó general del Brasil, *taúba* significa año, porque los indios cuentan los años por la petrificación del caobo.

Cápac ó Kcapac. Nombre de excelencia en quichua, que significa poderoso, grande. *Manco-Cápac*, el fundador de la dinastía peruana.

Capacha. Prisión ó encierro. « Meterlo en la capacha », meter á uno en *cafúa*, en *chirona*, en la *tipa*, nombres todos con que se designa la cárcel.

Capachear. Voz quichua. Tomar los labios con el pulgar y el índice.

Capacheca. Puestos ambulantes de las vendedoras en el mercado de Sucre. Voz quichua.

Capacho. Sombrero viejo.

Capar. *Encetar* como dicen en León. Empezar un queso, un jamón, etc.

Capataz. Jefe de peonada en estancia ó barraca. Un grado menos que mayordomo.

Capear. Escamotear. *Me capearon el reloj;* como si un toro resucitado pudiera decir « Me capearon la vida », porque al capearle le dieron la estocada. — *Calotear* dicen también en La Plata.

Capellán. El que mejoró de fortuna por haberse casado con mujer rica.

Cápi. Voz quichua, maíz. Harina blanca de maíz que se pone en la sopa.

Cápia. Harina de maíz tierno tostada. *Ñaco* en Mendoza.

Capiguara (*Cavia capibara* ó *sus hidrochaeris*. L.). Véase Carpincho.

Capin. « Capin gordura. » (*Tristiges glutinosa*). Gramínea forraginera.

Capirotada. Plato criollo compuesto de carne, maíz y queso, el todo preparado del siguiente modo: Hiérvase la carne hasta que se ablande, échese harina de maiz *sancochado* y *tostado* hasta reducirlo á pasta, y agréguese bastante queso y manteca frita con especias.

Capitán. Así se llama el comandante y timonel á un mismo tiempo, de las embarcaciones remeras del Oriente. Nombre derivado del que los misioneros dieron á los jefes de parcialidades indígenas encargados de dirigir las expediciones navales y terrestres. En las embarcaciones á que se hace aquí referencia, el *capitán* es el encargado de hacer la comida del patrón, de cuidar de su equipage y de acomodarle el petate en las *pascanas*.

Capulín. Cerezo, como en México.

Capuja. El juego de hacer saltar un objeto de la mano cerrada de otro, dándole un golpe y haciéndoselo suyo.

Carabanchel ó camaranchel. Figón ó chichería donde se organiza una juerga.

Caracoré. Cactus. Cardones ó cirios por la forma de sus tallos, gruesos, blandos y jugosos, perfectamente prismáticos; desprovistos de hojas pero adornados en la época de la florescencia, de lindas flores con pétalos numerosos y un manojito de estambres en el centro. Abunda en los terrenos montañosos de las regiones cálidas. Su fruto es comestible y cubierto de espinas, como el de las chumberas. En algunas tolderías del Chaco, sus troncos sirven de blanco para el ejercicio de la flecha. Véase Cardón.

Caracú. Voz pampa. El tuétano del hueso, o *tutano* que dicen los gauchos. *Hasta los caracuses*: hasta las entrañas, hasta la medula. — Voz brasileña. Res vacuna de pelo fino y delgado, poca cola, pero con borla o plumero en el borde.

Caracha. Llaga de cualquier clase y magnitud. *Carachento*, llagado. Es voz quichua.

Carachaqui. Del quichua, que literalmente significa descalzo. Persona que no tiene donde caerse muerto.

Carachapa. Voz quichua, cola pelada. Véase Sariga.

Caraguay. Lagarto grande.

Carancho (*Polyborus vulgaris*). Vultúrida. El gavilán de la Pampa. *Tay* o *taracho* en otras provincias.

Carao. Ave acuática de regular tamaño.

Carapachayo. Isleño del delta del Paraná.

Caravana. Pendiente largo que usan las mujeres del pueblo. «Correr caravanas», alabar o adular á una persona.

Carayano. Nombre que dan al blanco los indios del Oriente boliviano. Voz quichua: *kcara* ó *kcala*, pelado o calvo. Así, *kcala-huma*, cabeza calva.

Carbonada. Véase Majo.

Cardón. (*Cereus peruviana*). Cactus que tiene distintos nombres

en las provincias argentinas del Norte según las especies: ulala (cereus bifurcatus). La 1ª que produce unos higos morados comestibles, otra de higos no comestibles, y el cardón macho propiamente dicho, que se emplea para tablas. Para ello se cortan en sentido longitudinal y ofrecen tablas tan cortas que si bien porosas, se endurecen notablemente y sirven para puertas y ventanas de ranchos, así como para techos de los mismos, en países próximos a la puna, donde la vegetación es raquítica. Los cardones alegran el paisaje de los terrenos montañosos con sus caprichosos troncos acanalados, verdes y erizados, en cuyos extremos asoman lindas flores blancas, amarillas o purpúreas, según la especie. Algún tronco crece aislado tomando la colosal magnitud de un coloso. Los más se ramifican, pero siempre hacia arriba, lo que le ha valido el nombre de cirios.

Cardo de América. Vegetal medicinal. Chupones en México.

Cargador. El mozo de cuerda. Changador en Buenos Aires; Apiri en La Paz.

Carimbo. El hierro para marcar reses. — La seña que en otro tiempo servía para marcar los esclavos. Por real cédula de 1784 se ordenó al virrey del Perú se recogiera de las cajas reales y demás depósitos, las marcas llamadas de carimbo que servían para señalar los esclavos, quedando en consecuencia abolida esta costumbre.

[illegible]. Cigarro de papel que hay que liar todavía o se está liando. — ¿ Hágase un [illegible], compadre ? dice un gaucho alargando la chuspa o petaca. Es vocablo muy apropiado, pues por ser esdrújulo evoca la idea de envolver o enroscar el cigarrillo.

Caronday. Véase Majo.

Carotear. Voz francesa. En el juego de carambolas, dejar la bola del adversario entre el mingo y la contraria.

Carozo. Aquí es el hueso de la fruta.

Carpa. Tienda de campaña. Choza en aimará.

Carpincho. Véase Capiguara. Es el mismo animal, pero con

el nombre del margen en el delta del Paraná. El animal más corpulento entre los roedores, parecido al cuerpo en su tocino y el sabor de su carne, si bien difiere de él por su forma, índole y costumbres. Sin ser anfibio anda mucho en el agua donde nada y se zambulle, sacando con frecuencia la cabeza para respirar ; es nocturno, y como se alimenta del pasto de las orillas, no se aleja mucho de las riberas. Algunos *carpinchos* han llegado á domesticarse.

Carreta. Pesado armatoste, vehículo de la Pampa, tirado por seis bueyes. La célebre carreta tucumana ocupa próximamente una longitud de 15 metros y lleva como carga máxima 1800 kilos. La carreta americana se reduce á un camastrón ajustado sobre dos ó cuatro ruedas de un solo trozo de madera cada una, á modo de ruedas de molino. Lleva un toldo de cuero y paredes de lo mismo sujetas á los adrales. De la carreta sale una pértiga dividida en tres yugos, postigo y cuartas. Véase Tropa.

Carro. Más pequeño que la carreta y sin toldo. Lleva generalmente cuatro caballos : el de *varas*, *cadenero*, *balancín*, y *ladero*. A estos se añade el *cuarteador* que tira suelto en la cuarta del carro en los casos en que es preciso tirar con fuerza, como acontece en cuestas y baches, espectáculo muy frecuente en los tranvías urbanos antes de generalizarse la tracción eléctrica. — « Carro bolichero. » Véase Boliche.

Carrusel. De este juego y nombre *gringo* (car-Roussel ó como se escriba) han hecho en Sucre título de ramera, aludiendo á que esta clase de mujeres son como los caballitos volantes que de todos se dejan montar.

Carpir. Rozar tierras. Se dice en Aragón.

Cas ; á — de ; en — de. Apócope familiar en América y que pasa por anticuado en la Península donde se usó por lo menos hasta el tiempo de Calderón como se ve en sus comedias (Bello).

Casal. Pareja de macho y hembra.

Cascabel (La) (*Crotalus*. L.). Más pequeña que la boa, pues casi nunca pasa de dos varas, pero muy venenosa. En la punta de

la cola tiene una especie de vaina con unos diez ó veinte nudos del tamaño de una avellana, con una bolita movible que produce un sonido seco cuando encolerizado el animal la agita. No suelta la presa en días enteros y hasta se atreve á resistir el fuego de la pradera incendiada, dejándose achicharrar muchas veces, como lo he visto en Mojos. Su veneno parece ser un virus rábico que en pocos minutos extingue la vida de un animal. Las personas por ella mordidas, arrojan sangre por todos los poros del cuerpo, pero el veneno se neutraliza acudiendo pronto á combatirlo con los remedios que todos saben (succiones, cauterio y ligadura). El polvo de diente de caimán almizclado con un poco de agua, lo usan como antídoto los indios con sorprendente éxito.

Cascarilla. Véase Quina.

Castear. Cubrir el gallo á la gallina. Vocablo muy propio que he oido en Tucumán.

Castilla. « La castilla » dicen los puebleros por el idioma castellano. En América llaman *de Castilla* á los animales y plantas exóticas, así conejo de Castilla, bayeta de Castilla, etc. Esta última es la bayeta que las *cholas* bolivianas se ponen encima de las cuatro, cinco y á veces más « polleras » que se ponen.

Catacáta. Vegetal medicinal.

Catanga. Carrito tirado por un caballo para el transporte de frutas.

Catári. Víbora en aimará. Nombre del famoso Tupác Catári que asedió La Paz en el siglo xviii.

Catinga. Hedor á cuero sobado que despide el cuerpo del indio y del negro. — El nervio de la cola de algunos animales.

Catingo. Futre, meticuloso.

Catita. Cotorrita y, por una bella metáfora, las copas de ajenjo en algunas localidades.

Catitear. Engancharse en los aires los « papelotes » ó cometas á manera de catitas.

Cato. Medida agraria de 40 varas en cuadro que generalmente abarca 11 *cabezas* de coca de á mil plantas cada una. Úsase en el Deptº de La Paz. Véase Coca.

Catumba (La). Entre niños cruceños el último lugar en la escuela.

Caúca. Bizcocho de trigo que hacen en Santa Cruz.

Caúcho. Árbol gomífero de la familia de las euforbiáceas, que no debe confundirse con la seringa ó goma elástica. Véase Siringa.

Caya. El *chuño* de la oca.

Cazuela. Sitio que como hasta no hace mucho en España hay reservado en los teatros para las mujeres de entrada general, y al que se sube por una escalera aparte. Las cazuelas de Buenos Aires y Montevideo son verdaderos escaparates de niñas bonitas. Demás está decir que en palcos y platea pueden estar juntos ellos y ellas.

Cebado. Tigre, caimán ú otra alimaña que ha probado carne humana, y muy temible porque en este caso la prefiere á la de los otros animales. En algunos lugares hay la creencia de que el tigre, por ejemplo, prefiere la carne del indio á la del blanco, pero tengo para mí que si el tigre se arroja con preferencia sobre el indio es porque le ve desnudo ó semi-desnudo, sirviéndole de mayor incentivo; sin negar, empero, que la « catinga » del indio ha de ser un tufillo de sin par atractivo para el jaguar.

Cebar. Ir alimentando el mate con yerba. Por esa palabra se desprende la habilidad que requiere la preparación de aquella infusión criolla. Se dice « cebar mate » en el mismo sentido que cebar un horno, un arma de fuego ó un animal para la matanza, esto es, operando con tiempo y medida. Véase Mate y Yerba.

Cebil. Árbol cuya corteza llamada « zumaque » se emplea en la curtiembre.

Cedro (*Cedrela odorata*. L.). Sin ser exactamente igual al del Líbano, el cedro americano fué así llamado por los españoles á causa del olor aromático y la amargura de su corteza, propiedades análogas á los cedros de la Siria. Los cedros americanos crecen en grupos y en familias por orden de tamaño. El cedro macho es muy corpulento, tira á colorado y es de madera blanda

aunque se endurezca en el agua. A diferencia de los cedros del Líbano condenados á desaparecer, como que ahora 200 años un viajero contó 23 solamente de ellos, abundan tanto en el Oriente, que los ríos traen en sus avenidas multitud de troncos caídos en los derrumbes de las barrancas; troncos que detenidos paulatinamente por las cachuelas de la boca de Madera, ha dado este nombre al Río brasileño.

CEIBA (*Bombax ceiba.* L.). Familia de las bombáceas.

CEIBO (*Erytrina Crista-galli.* L.). Árbol excelso de hermosas flores llamadas *patitos* en la Argentina porque flotan en el agua; y *gallitos* en Santa Cruz, porque sus flores labiadas parecen un gallito con su correspondiente cola y cresta; como que para mayor propiedad los hacen pelear añadiéndoles púas de totay, de cuguchi ó alfileres. *Cosorió* se llama en Santa Cruz de la Sierra, donde es muy abundante el árbol que pertenece á las leguminosas.

CEJA de monte. Arco de bosque que corta un camino.

CENTAVO. La centésima parte del peso fuerte americano. — « Guerra de los diez centavos » : la que estalló entre Chile y Bolivia en 1879 con ocasión de haber decretado el congreso boliviano un impuesto de diez centavos por quintal de salitre exportado por la compañía anónima de salitres y ferrocarriles de Antofagasta. El Perú fué arrastrado á la guerra por negarse á permanecerse neutral. Esta guerra del Pacífico acabó en 1882 con la derrota de los aliados en Tacna, y la ocupación por Chile de las salitreras de Tarapacá y guanos de Atacama.

CENTINELA (La). Malecón ó islote que hace de puerto fluvial en las poblaciones ribereñas de Mojos.

CENTRO. Rancherío en medio de la selva del Beni, del cual centro irradian las sendas á las distintas *estradas* ó grupos de árboles de la goma á cargo de los picadores. En el centro ó centros fijan su « carpa » ó levantan su choza de « chuchios » los « freguezes » y peones de una barraca, y en este paraje están los buyones y el desfumador. Véase BOLACHA. Cuando el centro está

próximo a la barraca, acuden los peones á ésta con sus bolachas, regresando el domingo con provisiones para la semana.

Cepe. Véase Sepe.

Césares (La ciudad de los). Soñada ciudad buscada por aventureros españoles a través de la Pampa, de la Patagonia, del gran Chaco y del Atacama, y que si ha costado víctimas, contribuyó a la exploración y dominio de esas regiones. Cuatro aventureros españoles de la expedición de Sebastián Gaboto, se hicieron famosos por haber ido los primeros desde el Paraná al Cuzco, abriéndose paso por entre peligros infinitos. Hernandarias, gobernador de Buenos Aires (siglo XVII) hizo una expedición hasta el estrecho de Magallanes, interesado también en el descubrimiento de la imaginaria *ciudad de los Césares*.

Cercado. El ejido de una población.

Cereza. La baya roja, cuando madura, del café.

Cernada. Vomitivo hecho de orines, sal y ceniza que acostumbran en el campo.

Cerote. Torzal de cera para encender.

Cielito. Canción popular, de versos ajustados á los sucesos del día, muy en boga antes en los países del Plata.

Cimarrón. Animal alzado. La persona asalariada que huye al monte. — « Mate cimarrón. » El mate amargo o servido sin azúcar. *Mate amargo y china pampa, sólo por necesidad* (Refrán porteño).

Cimarronear. Matear del amargo.

Cimba. Voz quichua, *cimpa*, pelo trenzado. Trenza ó coleta que usan los quichuas é indios bárbaros del Oriente. La costumbre de usar trenza los hombres blancos, imperaba también en Buenos Aires, como en Madrid en tiempo de los chisperos y manolos. En los anales de la Argentina se rememora la revolución del Regimiento de Patricios en el año 1812, porque el general Belgrano ordenó que su gente se cortara la cimba. Parece ser que la coleta quichua era señal de servidumbre, puesto que el inca y varones de la familia imperial se distinguían por llevar el pelo corto.

Cimbado (El). « Chicote », cordel ó cuero trenzado á manera de cimba ó trenza.

Cinchadas (Juego de). Es de dos maneras. Una cuerda larga de cuyos extremos asen dos bandos contrarios, hasta que el más fuerte arrastrando al otro le hace pasar el palo que como fiel de balanza está en medio, ó bien, son dos carros atados fuertemente por las culatas y tirados por caballos en direcciones opuestas, ganando el que arrastra al otro. Es juego muy en boga entre los carreros de la campaña y de los suburbios de Buenos Aires.

Cincho. Peladura, calva ó claro de arbolado en una ladera ó flanco de montaña.

Cique. Piedras que se parten de las cajas de una mina para dar entrada al minero en el fondo en seguimiento de la veta.

Ciútico. Dícese también *Piciústico.* El individuo que en Inglaterra apellidan « snob », en Italia « cafon », en Portugal « filipon », en Francia « rastaquouère » y en España « cursi ».

Clarificadora. Caldera, gran paila ó *tacho* donde el guarapo á la temperatura de 60 grados se clarifica y arroja, con las espumas, las materias leñosas, acuosas y fermentables que forman la « cachaza ».

Clavo. Metafóricamente es como en la Península grave cuidado ó pena que acongoja. Así : « Hoy me aprobaron y me he sacado el clavo de encima. » Pero además : Estafa, sablazo. Ej. : Fulano clavó al Banco en diez mil pesos ; Mengano me clavó en la calle, etc. — Mercadería ó cosa que no sirve : Hoy he vendido un *clavo*. — Me vendió V. un clavo, etc.

Coatí. Voz guaraní, de *coatya*. Roedor de pintada piel ; muy gracioso cuando joven, pero perjudicial y dañino.

Cobija. Cualquiera cubierta de lana, cuero, poncho, que sirva de manta, y por antonomasia la primera.

Coca (*Peruviana herba*). Antes del descubrimiento de la « cocaina » y de sus maravillosas propiedades anestésicas, el consumo de la coca estaba limitado á la indiada de la altiplanicie y á los pedidos de los asientos minerales en que los mineros no

hacen nada faltándoles la coca. Hoy en día su cultivo constituye la producción de mayor riqueza en las vegas templadas de Bolivia y Perú. Las yungas de La Paz y la Provincia de Otuzco en el Perú suministran la coca de mayor calidad, yéndoles al alcance la de Cochabamba en Bolivia y la de Cajabamba y Huamachuco en las márgenes del Marañón.

El tamaño medio del arbusto flexible y ramoso es el de dos varas.

La planta vieja, experimenta la invasión de un musgo parásito que la seca y amengua el producto; es indispensable recogerlo ó rasparlo del tronco á que se adhiere; operación denominada *tamilleo*.

Existen tres diversidades de coca: la principal, de hoja grande, doble y generalmente aceptada en el consumo; la *muña-coca*, de hoja menuda y exquisita calidad que no se cultiva porque no hace bulto y es trabajoso recojerla, y la *coca-té*, que no es apetecida para mascada por muy fuerte, y que se emplea como la hoja que le presta su nombre, en infusiones saludables y aromáticas.

Todos los establecimientos de coca, se hallan situados en quebradas y laderas más ó menos cubiertas, siendo su clima el templado (de 19°5 á 24°3, centígrado) bajo cuya influencia, desarrolla y alcanza la mejor calidad de la hoja y la vida larga del plantío. En las regiones demasiado profundas y en que escasea la aeración, la hoja de la coca es delgada, amarillenta y dotada de pocas sales.

La zona en que se levanta la *palma verde*, pasa por ser la indicadora de la capacidad del suelo y del clima apropiados para el cultivo de la coca, no siéndolo todavía aquélla en que se presenta la *blanca* que es de climas algo frescos.

Cumplido el preliminar de todo trabajo montañés, cual es el del *roce* ó *chaqueo* que consiste en derribar los árboles ó la maleza (*chumi*) que cubren el terreno, para dejarlos secar durante la estación frígida y ser quemados antes de la primavera; es forzoso

optar por la preparación del terreno, conforme á alguno de los métodos conocidos, para fundar el *cato* que ha de recibir la planta y que son : — la *Cavada*, el *Lliqui*, *Ceumpu*, *Estaquillado*, y *Marimacho* : cinco en todo, con sus nombres indígenas. De estos, el del *Lliqui* y *Estaquillado*, abrevian considerablemente la disposición de los *huachos* ó cavidades en que se ponen las plantas, labrándolas ligera y superficialmente, ó bien, reemplazándolos con surcos bordeados de hierro ó piedra. Ambos se practican en sitios planos, blandos y de buen terreno, con éxito satisfactorio en los primeros tiempos.

El *Ceumpu*, la *Cavada* y *Marimacho*, requieren (por estar llamados á infundir más larga duración al establecimiento) trabajos mucho más prolijos ; pues, sobre depurar el terreno de toda maleza, dejar aplanada y rellenadas sus desigualdades, etc., imponen la construcción de surcos *ó huachos* que afectando la forma de ramblas hechas de *arriba abajo* como en la *Cavada*, ó de *abajo arriba* como el *Ceumpu*, son fuertemente golpeados y apisonados, para que su forma de anfiteatro resista la acción de los aluviones ; constituyendo, por tanto, un repliegue ú oquedad intermedia, donde se sitúa la planta, proporcionándole un terreno blando y pulverizado donde prosperen y se extiendan sus raíces.

Conforme á los métodos preindicados, la coca ocupa el centro de los *huachos* que distan una vara uno de otro y en el sentido de la inclinación necesaria para dejar correr las aguas. En el del *Marimacho*, que exije terrenos llanos, las plantas son colocadas á ambos costados del ancho bordo, de suerte que las dos hileras de ellas se encuentran separadas por una misma rambla. En este sistema de *huachos* se asienta demasiado la tierra del plantío, por dar constante paso á los trabajadores por su intermedio, lo que es un gran defecto.

Sin vacilación puede decirse que el *Ceumpu* es el mejor de los métodos apuntados ; desde luego, porque los *huachos* que se construyen de *abajo arriba*, son mucho más consistentes que los de los otros métodos inversos ; y en seguida, porque dichas cavidades

conforme el plan de su labranza y composición, contienen la tierra vegetal más rica, el humus de las superficies y el subsuelo. No así en aquellos, en los que la plantación se verifica forzosamente sobre tierra ingrata removida de los bajos fondos y que en regiones montuosas suelen estar desposeidos de tierras densas y abonadas. Es que estas últimas se han de haber forzosamente agotado en la composición de los bordos.

El azadón, la *chucchuca* ó azada y el cuchillo de monte son los instrumentos que se usan en estas labranzas.

Un *cato de coca* abraza 40 varas cuadradas, conteniendo 11 *cabezas* de á mil plantas. Forman en consecuencia 110,000 en junto, cuyo número no parecería susceptible de caber en una extensión relativamente corta; pero colocadas como se hallan las plantas á una cuarta de distancia una de otra, formando hileras separadas por calles angostas, su número es próximamente exacto.

Según la calidad del terreno y su situación azotérmica, la primera hoja se recoje al año de puesta la planta, en las vegas y á los dos, en las faldas elevadas. La primera hoja de la planta (que se debe sacar cuidadosamente) se llama *hojeada*; la segunda *pucheada*, y las siguientes que corresponden á la época de las tres mitas anuales (marzo, junio y octubre) se denominan *llucbus*, aludiendo á la manera de despojar la hoja, resbalando ambas manos sobre los tallos que la sostienen.

Las *mitas* que se repiten de 3 en 3 meses, ó sean 4 al año, debilitan sensiblemente las plantas y son reputadas como atentatorios del porvenir del establecimiento.

La coca se propaga por almácigas puestas en unas concavidades especialmente preparadas llamadas *camellones* de tierra desmenuzada y fina y después de lavada la goma que envuelve la semilla. Una vez sembrada, se tapa el camellón con grandes hojas colocadas á manera de techumbre, hasta que la planta tenga 4 ó 5 hojas. Al cabo de seis meses, el pequeño retoño puede ser llevado á los *huachos* donde se instala con el auxilio de una estaca

rellenando con tierra floreada el hoyo que recoje sus abundantes raíces. Se debe verificar esta operación un día nublado ó en que caiga llovizna, para asegurar un éxito completo.

Después de cada mita, se hace el desyerbo del *cato* con el auxilio de *chontas* ó pequeñas lanzas forradas de *almocafre*, que también afecta la forma de una lanza corva y de los *aflojadores* de hierro cuya punta es aplastada.

Su longitud responde á la necesidad de operar sobre plantíos tiernos ó de máximo crecimiento (3 catos en metros viejos). En la *mita* de marzo, que corresponde á la de la mayor exhuberancia de la vegetación, se agrega al desyerbo ordinario la repetición del mismo, pasado un corto intervalo.

Requintado constante y cuidadosamente un cocal, para llenar los claros que han podido dejar en él las enfermedades de la planta á la vez que los asaltos de sus astutos enemigos, pueden mantenerse prósperos por más de 40 años! En aquellas regiones privilegiadas, se conservan los gérmenes como para contribuir cual más, cual menos, á mantener latente, si no imperecedera, la vida vegetal.

La cosecha ó *mita* de la coca, se verifica con cierta indispensable celeridad que corresponde bien á la precisión con que deben llevarse á cabo sus beneficios. Ella se verifica por peones de ambos sexos que proceden al *lluchu* con ambas manos y van depositando la hoja en una talega amarrada á la cintura y que acuden á vaciarla cada vez que se llena, al galpón ventilado y seco llamado *mathuasi*. Sin más dilaciones se extiende la hoja—sin separación de calidades—en el lugar merituado, para que ella no entre en calor, y cuidando de que la capa extendida no pase de unas 8 pulgadas de espesor. Al día siguiente, se la saca al *tendal* que equivale á una plazoleta embaldosada, de 20 varas cuadradas siquiera, y un tanto elevada por los extremos, donde la hoja es expuesta al sol y removida y batida (*tieraseca*) por tres veces, levantándose las capas de abajo arriba, á fin de que toda la cantidad de *mato* que ha entrado en beneficio, seque con igual-

dad. El estado de retirarlo en grandes sacos de bayeta, lo determina cierta ductibilidad de la hoja, que indica que aún conserva un resto de humedad en que ha de aprovecharse para que no quede pulverizada en las operaciones sucesivas.

Llévanse en este estado los sacos de hoja á los altos de la casa, donde se vacían para que refresque, ensacándola por la noche y pisándola dentro de los sacos.

Antes de encestarla en la prensa, es preciso sacarla una vez más al *tendal* á recibir el fuerte calor solar por unos quince minutos y llevarla de nuevo al alto de la casa á enfriarse, después de lo cual estará recién la coca dispuesta á ser prensada. No valdría la pena de extenderse en detalles respecto de esta operación mecánica. Diremos tan sólo que con ellas quedan formados los *cestos* ó *tambores* (de 24 libras el primero y de 60 netas el segundo), envueltas en las fibras de plátanos denominadas *cuzuros* afianzadas con lianas silvestres.

Es, si, de la mayor importancia, el saber que si no se llevan á cabo con absoluta regularidad los beneficios que se deben dar á la coca, y en el orden señalado, la cosecha se halla expuesta á perderse deplorablemente, por causa de lo tornadizo del tiempo.

En aquellos climas tropicales, todo está sujeto á accidentes inopinados. El día sereno y el nublado, el sol ardiente y la tempestad, se alternan cuando menos se piensa, sin dar tregua para nada. El aire siempre húmedo, se enfría ó no, al atravesar los bosques; dilátase ó se condensa el vapor que contiene y sobreviene uno ú otro meteoro, sin que los anuncie signo alguno manifiesto.

Así, pues, cuando hecha la mita, el sol se oculta por días seguidos, la coca húmeda, confiada en *mathuasi*, pierde el color y la calidad. Seis días son todo el plazo que puede permanecer allí sin deterioro. Cuando secada al tendal, después de este último lapso no hay sol que la seque suficientemente, ó cae llovizna, se *condena* (choctaska) y sus propiedades de sabor y buen gusto quedan desvanecidas ó se disipan hasta tal punto que no cabe sino arrojarla. Cuando por falta de sol, no se ha podido resecar la coca,

entra también espontáneo repentino calor y se pone rojiza y picante, lo que la deprecia del todo. Por último, si llega á encestarse sin haber estado convenientemente seca, se *condena* en el camino y se habrá conducido una carga inútil y penosamente elaborada, al través de aquella naturaleza huraña y por rutas no siempre accesibles aun á los cascos del mulo. Trasporte y trabajo, todo se habrá perdido.

Sabido es que la *coca* actúa en el estómago como anestésico : suprime la sensación del hambre, pero no la satisface. De la coca se extrae la cocaina, alcaloide extraido por vez primera en 1869 de las hojas de la planta por Niemann, de Viena. Un kilogramo de hojas de coca da cerca de 2 gramos de alcaloide. La *higrina* es otro alcaloide líquido volátil que de las mismas hojas se extrae.

Cocacho. Voz quichua. *Capón* en castellano. *Bicoque* en Tucumán ; golpe dado en la cabeza con los nudillos de los dedos.

Cocada. Especie de turrón, así llamado en La Paz. *Tableta* en Sucre y otras localidades.

Coco. El fruto leñoso de las palmeras y el de ciertos árboles como el *almendro* (*Bertholetia*). La pulpa cocotera es la que produce el coco tan apetecido por la leche que encierra y por la *carne* adherida á sus paredes. El de las demás palmeras es menor, y aunque los monos y los « bárbaros » le hincan el diente, la verdad es que sólo aprovecha para la extracción del aceite. Estos cocos cuelgan en racimos enormes que al madurar caen al suelo.

El portugués Barros asegura que el nombre de *coco* se dió por sus paisanos á la nuez de la palma, por su parecido con la careta ó máscara con ojos y nariz, muy aparente para meter susto á los niños, á quienes se les grita : ¡ que viene el coco ! — Lo cierto es que nuestro Juan de Salinas (siglo xvii) haciendo hablar á un coco, escribe :

Véngome aca porque vea
su retrato al natural,
que en la lengua original
lo mismo es coco que fea.

Cocoloro. Voz quichua. Otro nombre del carozo ó hueso de las frutas.

Cocuyo. Coleóptero fosforescente de los trópicos. Tambien *tucu* y *curucusí*.

Cocha. Voz quichua, laguna. *Cochabamba*, Pampa bañada; *Yanacocha*, Laguna negra, etc.

Cochayuyo. Alga del Pacífico, y una especie semejante que se da á orillas del lago Titicaca. Ambas más que sabrosas son suculentas.

Cojer. Lo que prohibe el sexto de la Ley de Dios. En el Rio de la Plata es palabra mal sonante y hay que reemplazarla siempre por agarrar. Los mismos comediantes se ven apuradillos cuando han de recitar versos como la décima aquella de la « Vida es sueño » : *Cuentan de un sabio que un dia* en que se conjuga dos veces el verbo cojer.

Cojudo. Tonto, *primo*, pavo de la boda. « Hacerse el cojudo » : hacerse el sueco. A este respecto séame lícito referir un chascarrillo ó como quiera llamarse, que he oido en uno de los salones más aristocráticos de Sucre. Hablaba en una tertulia íntima uno de estos Diógenes cultos, tan bien estereotipados por el P. Coloma en *Pequeñeces*; uno de estos hombres á quienes se les dispensa cualquiera sinvergüencería por lo mismo que « tienen cosas » ; y en su relación aludiendo á otra persona, dijo que era un *beatus vir*. La señora de la casa, no muy fuerte en latin, picada por la curiosidad, preguntó que significaba el latinajo. — *Beatus vir*? cojudo, señora, cojudo, respondió el interrogado. Los manes de Horacio se estremecieron por la interpretacion y los asistentes chuquisaqueños se mordieron los labios de risa.

Colcha. Véase Camalote. Yerbas y plantas acuáticas que á manera de colchas propiamente dichas, cubren la superficie de algunos lagos de Mojos, obstaculizando la navegación de canoas y batelones.

Cólchico ó quitameriendas (*Colchico autumnale*). Vegetal medicinal.

COLEGIO. En los pueblos de Mojos y Chiquitos es sinónimo de hospedería ó apeadero de viajeros, por ser el local destinado para esto después que dejó de ser la casa de los padres misioneros.

COLEGIO NACIONAL. Instituto oficial de segunda enseñanza.

COLETO. Cota ó saco de ante ó cuero que usan los vaqueros en terrenos fragosos. La costra ó corteza de algunas amasaduras.

COLGAR la galleta. Dejar cesànte. Despedir un doméstico ó empleado. « Me colgaron la gàlleta », dice el criollo de estos países, cuando precisamente le quitan el *panem nostrum*.

COLIBRÍ. Nombre caribe de la avecilla más conocida en estos países por *picaflor*, porque se la ve siempre chupar el néctar de las flores, sin ajarlas, ni tocarlas. Llámanla también *tominejo* por su extremada pequeñez, y pájaro *resucitado* porque se creía que moría en el invierno para resucitar en verano: Su nombre más poético es *corasí*, cabellos del sol, que le dan los indios del Oriente.

COLITA. El niño mimado siempre prendido á las faldas de la madre. « Hacer colita » : los muchachos para hacer correr un carnero « le hacen colita » meneándole el rabo.

COLQUE ó choque. Plata, en quichua y aimará respectivamente. Así : *colquechaca*, puente de plata ; *choque-mamani*, águila de plata ; *choqueyapu*, sementera ó chacra de plata, nombre primitivo de la ciudad actual de La Paz.

COLLA. Habitante del Collao ó de la Alta Planicie. Sinónimo de Boliviano entre los Argentinos y también de mezquino y miserable aludiendo á los yungueños ambulantes de que en otra parte se hace mención. Véase CALLAHUAYAS.

Nombre que dan los cruceños á sus compatriotas del interior y en general á todos los serranos, pues á los de Valle Grande se les llama también *collas* no obstante pertenecer al Departamento de Santa Cruz. En la familia de los incas, *colla* era sinónimo de infanta ó princesa ; así *Mama Colla*.

COLLERA, llaman en Mendoza á los botones postizos de los puños de la camisa. *Tibis* ó *tibies* en Buenos Aires.

COMEJÉN. Gusanillo roedor ó carcoma. Refiere el tradicionalista Palma que á un escribano le exigió la Real Audiencia de Lima la exhibición de un expediente en el cual estaban protocolizados un testamento y títulos de propiedad. Cuando el depositario de la fe pública hubo agotado todo su arsenal de evasiones, y tracamandanas, se presentó ante el virrey, que lo era el Marqués de Castelfuerte, y le dijo : « Señor excelentísimo, por más que he revuelto mi archivo, no encuentro ese condenado proceso, y barrunto que el comején se lo ha comido. » — « Esas tenemos, señor mío? contestó el virrey, pues á chirona el comején. » Y desde entonces quedó como refrán, cuando una cosa no parece : ¡ Vamos, se la habrá comido el comején !

COMODORO. Como en Inglaterra y Estados Unidos, llaman así en la Argentina al capitán de navío que manda una división de más de tres buques. Ahora bien, *comodoro* viene del inglés *commodore* (acentuada la sílaba *com*) que se deriva del español antiguo, cómitre, capitán de mar bajo las órdenes del almirante ; y andando el tiempo, el que en las galeras tenía el mando de las maniobras de los forzados y remeros, cambiado luego en *cómitor*, *commodor*. Littré y Webster avanzan más aún, y en sus respectivos diccionarios hacen derivar la palabra *comodoro* del español *comendador*, derivada á su vez del bajo latín *commendare*, comandar.

En el almirantazgo argentino no dieron con este busilis y en su afán de copiar á los anglo-sajones adoptaron la palabra *comodoro* que por las explicaciones anteriores debiera también adoptar la marina española de guerra.

COMO NÓ ? De variable significación. En general corresponde á los casos que en castellano se exclamaría : ¿ Cómo no ha de ser como usted dice ? ó ¿ Cómo no ha de suceder ó se ha de hacer tal cosa ?

COMPADRE. En Europa el compadre es el padrino, y el compadrazgo un parentesco espiritual reconocido como un obstáculo para contraer matrimonio. En América, y entre las clases de la clase media y baja, el compadre significa un vínculo de amistad

indisoluble; de protección decidida, manifiesta y de substancia, y un número respetable de convites y francachelas y de cumplidos sin cuento. *Cur compatres tam assidué et splenditer in America honorantur?* Además de los compadres de pila y de confirmación, hay compadres de pelo y de juramento ó de misa y de profesión, de boda y de bandera, de concierto y de desafío, de óleos y muchos más.

Fiestas ó días de compadres. El primero, ó más distante del Carnaval, se llama *Jueves de los compadres;* el que le sigue, *Jueves de las comadres*, y el más inmediato á las Carnestolendas, *Jueves gordo*. Tomaron estos nombres porque, antiguamente, en el primer jueves indicado, los que habían en el año anterior sacado de pila á algún párvulo, solían obsequiar á las que habían sido sus comadres. En el segundo jueves las comadres obsequiaban á su vez á los compadres; y el tercero tomó el nombre de *gordo* porque acercándose la Cuaresma ó época de abstinencia de carnes, se solía celebrar como por despido con unas solemnes merendonas de todo lo más pringoso y suculento de que pronto iban á verse privados.

Compañones. Los testículos. Voz anticuada como lo atestigua este pasaje del Dr Laguna : « Mezclado con aceite omphacino, con un poco de óleo rosado y vino sirve... á la inflamación de los compañones », etc. (Dioscorides, l. 7, c. 128).

Comunidad. Sociedad política formada por cada una de las diferentes tribus de indios quichuas y aimaráes. Cada comunidad se subdivide en *ayllos* ó parcialidades, éstas gobernadas por caciques y toda la comunidad por el *curaca*. El corregidor del cantón es la autoridad gubernativa de la comunidad y cuida de la distribución de tierras; designa los alcaldes y alguaciles; los indios que han de servir semanal ó mensualmente al cura, al subprefecto y al mismo corregidor. Señala en fin, los alféreces, la prestación vial y las derramas. Véase Derrama.

Concha. Lo que las mujeres tienen y, según la copla, es la perdición de los hombres. Es voz que ofende los oídos argenti-

nos, á lo menos en Buenos Aires, donde es preciso cambiarla también por otra palabra equivalente cuando ocurre hablar de la armadura de galápagos y tortugas.

CONCHAVO. Colocación ó acomodo. *Agencia de conchavos* se titulan en el Río de la Plata lo que en la Península « Agencia de criadas ó de colocaciones ».

Voy al conchavo, voy á mi tarea. Es palabra muy usual y bastante expresiva, pues equivale á refugiarse en un empleo como el crustáceo ó la tortuga en su concha ó caparazón. Usa de este vocablo Rocamora (intendente español de Corrientes en el siglo XVIII) en sus informes. Sin esto, dijera que era italianismo, de *acconciar*, acomodarse.

CONCHAVARSE. Emplearse, ocuparse en algún trabajo asalariado.

CONCHO. El sedimento, las heces de cualquier líquido, y la misma borra de la tinta.

CONCHUDA. Libertina, mujer *cojedora*.

CONDENARSE. Echarse á perder la coca por falta de sol. Véase COCA.

CÓNDOR (*Vultur griphus*. L.). Gran buitre de los Andes. Cóndor es nombre derivado de *cúntur*, grande; como *cuntur manca*, olla grande; *cuntur-hina-púrik*, gran andador, etc. En aimará *cun-cun*, trueno y rayo; arco que disparaba el rayo como una flecha en la imaginación del indio y simbolizado en el cóndor por la rapidez fulminante con que se abate sobre la presa. Según los etimologistas, el cun-cun del sánscrito envuelve la misma idea. — Los chilenos llaman *manque* á este enorme buitre, ave, sin contradicción, la mayor que surca el aire. Tiene un metro y 30 centímetros desde la punta del pico hasta la extremidad de la cola, y 3 metros la enverjadura de sus alas. Su cuerpo está revestido de plumas negras, á excepción de la espalda que es totalmente blanca. Adórnale el cuello un collar de plumas levantadas y blancas, y la cabeza es casi rala. La hembra es menor que el macho y de color pardo; no tiene collar, pero lleva en la cabeza un

penacho ó copete. «Hay en los Andes peruanos», escribe el limeño Don Santiago Cárdenas, « tres especies de cóndores. La primera de color ceniciento, designada con el nombre de moro-moro, no tiene menos de 4 m. 60 de enverjadura. La segunda no tiene nada de particular; es de color café y tiene 4 m. 30. La tercera es el cóndor de espalda y cola blancas, la única conocida por los naturalistas. Es de 3 m. 66 en la extensión ó enverjadura de sus alas. » Los cóndores hacen sus nidos en los picos de los Andes ó en las faldas más escarpadas de la cordillera, poniendo dos huevos mucho mayores que los de la pava. Habitan igualmente las tierras frígidas, como en las costas del Pacífico, en las del Atlántico, en la Patagonía, á gran distancia de las montañas. D'Orbigni ha visto el cóndor cernerse al nivel de la cumbre del Illimaní que tiene 7.500 metros de altura. Se alimenta de la carne de los animales que encuentra muertos ó que matan ellos mismos cegándolos primero, cuando les es imposible arrebatarlos del suelo, como acontece con ovejas y novillos. Cuando el cóndor está ahito, no puede volar, pero si se ve hostigado, él mismo provoca las náuseas, con lo que desembarazado del lastre remonta el vuelo.

Como curiosidad he de citar el cóndor del Batallón « colorados » de Bolivia. Á tenor de una claúsula del Código militar de Ballivián de este país que autoriza la paga de un guitarrero y animales domesticados, para recreo de los soldados, tenía aquel regimiento un cóndor que le seguía en sus marchas y bajaba el vuelo donde aquél acampaba. Esta ave tenía ración de soldado, conocía á la tropa y mostraba preferencia por el individuo que le daba la ración de carne. Como en Bolivia está subsistente la pena de azotes en la milicia, sucedió que el racionero del cóndor hubo de ser castigado á la flagelación. En el preciso momento que atinantado descargaban sobre las nalgas del soldado los varazos, acudió el cóndor á ampararle con sus enormes alas. El cabo apaleador no tuvo tiempo de atajar uno de los golpes, y sin querer dió en el cóndor. Este pudo remontar el vuelo y desde entonces se perdió de vista.

CONDUCTOR ó canal. Extensa rejilla ó entablado encajonado que en movimiento giratorio conduce la caña al trapiche.

CONFITERÍA. Nombre de los establecimientos análogos á nuestros *cafés* de bulevares y paseos, en cuyo mostrador se expenden además, dulces, cigarros, etc.

CONSIGUIENTE (Y por el). Expresión que equivale á « lo mismo digo » ó á las resultas. Ejemplo: « ¿ Cómo dice que le va ? — Bien, gracias, *y por el consiguiente.* » Cervantes, entre otros, lo emplea con idéntico significado en la carta de la duquesa á Teresa Panza.

CONTROL. Feo galicismo usado sin contradicción en estos países. — Regla, equilibrio, inspección.

CONVENTILLO. Casa de vecindad. Caserón con habitaciones, á modo de celdas de un convento, que van á dar á un patio común donde se lava, se guisa y *ainda mais.* El conventillo de más cuartos era en mi tiempo (1888-97) el de la *calle Anchorena, número 1487* (Buenos Aires) que tiene como unas 400 piezas.

CONVOY. Las vinagreras. No me parece mal, y casi casi la prefiero á la nuestra, máxime cuando las vinagreras usadas en el día son un verdadero *convoy* cargadas de aceite, vinagre, mostaza, sal y palillos.

COPACAVANA. Venerado santuario de los paceños, sito en la península de ese nombre, á orillas del lago Titicaca. *Copacabana* tiene sus raíces en la lengua maya cuya nación parece que ocupó la altiplanicie andina y fue la fundadora de los monumentos de Tiahuanaco (véase TIAHUANACO). *Co-paa-bahuna*, tierra pequeña en medio del agua, ó península, como lo es efectivamente, de 16 leguas de largo y 6 de ancho.

COPÁIBO (*Coparifera officinalis*. Jacq.). Leguminosas. Árbol elevado y frondoso, de quince á veinte metros de altura, de hojas anchas y espesa corteza oscura. Cortado, arroja un aceite de color dorado, olor fuerte *sui generis* y gusto amargo. El árbol en toda su fuerza da fácilmente 12 libras de jugo óleo-resinoso en una sola incisión, practicándose tres por año. Este aceite, la

copaiba se exporta para la farmacopea y es muy buscado por los pintores, ora para dar mayor vivacidad á los colores, ora para alejar los insectos de las pinturas, á causa de su olor repugnante. Cuando el aceite está destilando, hace un ruido semejante al que produce el arranque de un palo carcomido. Los indios deducen de este hecho ridículas preocupaciones. Es muy abundante en todo el Beni.

COPAL americano (*Himenea Courbaril.* L.). Leguminosa de la misma familia que el copal de Asia. Su resina es la que vende el comercio para la fabricación de los mejores barnices secantes.

COQUERA. El sitio de guardar la coca.

COQUINO. Familia Quenopodeas. Árbol de madera laborable y fruta agradable de que se hace compota.

CORBATA. Chalina ó pañuelo de color que llevan al cuello los gauchos, con el pico flotando encima el poncho.

CORCOVA. El día siguiente al onomástico que también se debe celebrar, pues dicen en Bolivia, burla burlando, que si no se alarga la fiesta hasta ese día, le sale una corcova al interesado ó al compadre que corrió con los gastos de la fiesta.

CORCOVADO. Véase JACAMÍ.

CORI. Oro en aimará. *Coripata*, alto de oro. *Coricaucha*, el templo del Sol. *Coriguaico*, rincón de oro.

CORMA. Cepo ó barra de hierro de hasta 35 libras de peso, que se ve en Europa en los museos de antiguallas, y en los corregimientos, cárceles y cuarteles sud-americanos.

CORO. « Cobre » en aimará. *Corocoro*, *corocollo*, cerro de cobre.

CORONTA. Voz quichua. Marlo ó espiga de maíz desgranada.

COROTA. Voz quichua. Cresta de gallo. *Las corotas*, los testículos. — Nombre de una frutilla muy sabrosa.

COROZO. El hueso exterior de las frutas. En el comercio se conoce el corozo ó fruto de extrema dureza que sirve para falsificar el marfil. Por cierto que hay un experimento para distinguir el marfil animal del marfil vegetal ó *corozo*, ya que á simple vista no es fácil diferenciarlos. Basta con verter en la superficie

una gota de ácido sulfúrico concentrado. Si no deja huella en el marfil, éste es legítimo; en caso contrario, si deja una mancha rosada, señal de que el marfil es vegetal.

Corpa. Arriero de Challapata (departamento de Oruro) que lleva coca. — « *A lo corpa.* » A lo bruto; á lo arriero. Es voz quichua que significa peregrino pobre.

Corvo. Arma del roto chileno que usan también los gauchos *cuyanos*. Especie de navaja-alfanje de dos filos que arrebaña en donde hace presa.

Correntino. El natural de Corrientes, provincia argentina. — Baile popular.

Cosorio. Ladrón ó *lunfardo*.

Cosorió. Véase Ceibo.

Cota. Roquete ó sobrepelliz de los *monigotes* ó seminaristas (Bolivia).

Cotensia. Arpillera ó genero burdo para sacos, jergones, etc.

Coto. Voz quichua. Bocio, papada ó papera: tumor ocasionado por el desarrollo anormal de la glándula tiroides. Aunque se atribuye al uso de ciertas aguas, su causa no está bien determinada, pues lo mismo se ve el coto en los valles profundos, como en las minas, en terrenos húmedos, como en las montañas.

— Cáscara de un árbol del género *Cotoquinia* perteneciente á la flora peruana. Es de olor aromático, parecido al del alcanfor y á veces al de la canela. La medicina emplea la *cotonía*, alcaloide de la tintura del coto, contra las diarreas y enfermedades neurálgicas.

Cotudo. Que tiene coto ó papada.

Cotufa. Dengue, remilgo. « Hacer cotufas » por hacer dengues y contorsiones, es frase muy común en Bolivia.

Covacha. Poyo de adobes que en *tambos* ó postas y hospitales sirve de cama nada blanda y menos limpia.

Covadera. Filón de guano que se encuentra en algunos sitios de la costa del Pacífico.

COYUYO. Voz quichua. La cigarra ó chicharra.

COZAR (Mal). Epilepsia. *Cozariente*, el atacado de ese mal.

CRESPÍN. Ave entre mirlo y abubilla, de pluma crespa y encrespado copete.

CRIANDERA. Ama de leche.

CRIBAO. Fleco grande que adorna los extremos de los calzoncillos que asoman por debajo el *chiripá*. Véase CHIRIPÁ.

CRISTAL. Vaso y copa, indistintamente. Tráeme un *cristal* limpio=Tráeme un vaso limpio.

CRISTIANO. Voz que entre la gente campesina es el prototipo del *Homo sapiens*. « Hablar en cristiano », « comer como cristiano », etc., á diferencia de los salvajes y animales. Este perro piensa *como un cristiano*, como una persona.

CRUCERO (El). La Cruz del Sur, hermosa constelación que en el hemisferio austral reemplaza á la estrella Polar del Norte. — Encrucijada de camino ó esquina de calle. En Sicasica, por ejemplo (La Paz) denomínanse las calles « Crucero 1°; Crucero 2° », y así sucesivamente.

CUADRA. Medida de longitud, ordinariamente de 150 varas. La legua argentina tiene 40 cuadras (6.000 varas). — Manzana de casas. « Tomó un espacioso sitio y lo repartió á manera de casas de ajedrez, en 117 islas, que por ser cuadradas las llamaron comunmente *cuadras* » (P. Cobo, *Fundación de Lima*).

CUADRERO (Animal). Corredor; que corre muchas cuadras de distancia en un tiempo dado.

CUADRILLEAR. Sentarse la carga sobre los cuadriles del animal; lastimárselos.

CUAJAR un buen sueño. Dormir á pierna suelta.

CUAJO. Ave acuática de pescuezo largo, que encoje cuando está parado, á manera de tubos de una flauta. — Cuajar ó el cuarto estómago de los ruminantes.

CUARESMERO. Pájaro así llamado porque diz que sólo canta en la cuaresma.

CUARTILLO. Moneda de cobre, valor de dos centavos, así llamada en Mendoza.

CUCAR. Provocar, buscar el coco ó tres pies al gato.

CUCO. Durazno pintón: como *cuquear*, comer los primeros duraznos.

CUCULÍ. Especie de palomita torcaz.

CUCHA. Llamita añal, de mejor sabor que un recental.

CUCHARA. Llana de albañil.

CUCHETA. Camarote.

CUCHI. Véase QUEBRACHO y URUNDEY. Cerdo. « En las voces aragonesas de Torres Fornes hallo: *coch-coch* para acariciar al cerdo; y efectivamente, *cocho* en Navarra, Alava, Asturias, y *gocho* en Galicia y Castilla, vale el cerdo; y en Berceo (*Duelo* 197) *cucho* » (Julio Cejador).

CUCHO. Medida de capacidad para líquidos, de nueve botellas (La Paz).

CUCHÚQUI. Cosa ó persona sucia en extremo. Derivado de cuchi ó cucho.

CUECA. Baile popular de Bolivia y Chile. Su música es reposada y armoniosa como la de clásicos minués y gavotas. Las figuras de este baile dicen que derivan del recuerdo que en él se hace á la chueca ó *clueca* que esquiva las caricias del gallo.

CUERVO. A algunas especies de ánades y patos, al *macá* por ejemplo, llaman en algunos distritos *cuervos*, sin duda por la analogía con estas vultúridas en la manera de cojer y devorar la presa.

CUICO. Indio de raza enana y desmedrado. — Apodo que dan los chilenos á los bolivianos. Jugando del vocablo, recuerdo haber leido en un periódico chileno, refiriéndose á cierta intemperancia de un colega boliviano: *¿ tu quoque cuico?* que por la cacofonía me causó suma gracia.

CUIS. Conejillo de Indias, así como la *vizcacha* el conejo grande de la pampa. Véase VIZCACHA.

CUJA. Especie de catre hecho con armazón de tablas ó cañas, sirviendo de colchón un ancho cuero.

CULATA. Parte trasera del carro.

CULLÉN. Té americano.

CUMARÚ. Voz guaraní (*Cumaronna odorata*. Aublet). Leguminosas. Árbol gigantesco de la zona tórrida del cual se aprovecha la almendra grande encerrada dentro de una cáscara semi-leñosa, para un aceite esencial en perfumería. En Cordillera (de Santa Cruz de la Sierra) se hace de ella una *chicha* amarilla muy embriagadora. La almendra entera que se llama *haba-tunca* es aromática y agradable al gusto y sirve para perfumar el tabaco y la ropa. La madera es laborable.

CUNÚMI. Criadito indio en las familias cruceñas.

CUÑA. La mujer guaraya. Véase GUARAYOS.

CUÑAPÉ. Bizcocho muy agradable de leche, queso, canela y harina con tintes blancos y rosados.

CUPESÍ. Algarrobo americano.

CURACA. Autoridad indígena en las comunidades quichuas. En tiempo de los Incas, el imperio se dividió administrativamente en cuatro regiones ó departamentos; éstos en provincias, las provincias en pueblos y éstos en *ayllos* ó parcialidades. Los *curacas* eran los cabezas de éstos últimos. Véase COMUNIDAD.

CURARE. Substancia de color oscuro, aspecto resinoso como el opio, amarga, inodora y soluble en el agua. El curare se extrae de unos bejucos venenosos (véase BEJUCO) y con él envenenan sus flechas ciertos indios del Amazonas, Orinoco y Guayanas. Lo obtienen de la raspadura de la corteza, que se hace hervir algunas horas, filtrándose luego por medio de algodones, consiguiéndose así un líquido concentrado de color negro, el cual se reduce á pasta mediante la evaporación. Así obtenido, el curare se guarda en calabazas y *tabocas*, y con él gradúan el efecto en las puntas de las flechas. La acción del veneno obra en el sistema nervioso sin ser absorbido por la sangre ; y así se explica que los animales muertos puedan ser comidos impunemente, con tal que se corte el pedazo de carne donde entró la flecha envenenada. La carne queda blanca y el animal herido no sufre hasta que está próximo á morir. El antídoto contra este veneno es la miel ó azúcar ó sal diluida en agua y mejor en orines.

Cúri. Gramínea. Los nervios de la hoja se emplean para esteras y aventadores de poco precio.

Curiche. Pantano ó laguna. El « curiche grande » : el mar y mejor aun, *mama-cocha* ó laguna grande, en quichua.

Curucusi. Véase Cocuyo. Llaman *Tapiosi* á otra variedad de luciérnaga de luz intermitente y más apagada.

Curucútu. Voz quichua. Echar alguna cosa al aire para ser cogida al vuelo.

Curupasí (*Acacia egyptiaca*). Árbol de pobre aspecto pero de madera algo morada, veteada y médula de hierro. El curupasí « barcino » es similar al ébano. La corteza del árbol es por el contrario muy frágil y se emplea en curtiembres.

Currá. Voz pampa. Piedra. Así *huitchu-currá*, la honda. *Currá lauquén*, laguna de piedra. Es famosa en las guerras de la República con las tribus de la Pampa, la « dinastía de las Piedras » entre los cuales figuraron los caciques Calfucurá (piedra azul), Namuncurá, etc.

Currutaco. Animal de hocico romo.

Cúsi (*Orbygnia phalerata. Athaleas spetiosa*). Palmera llamada también *de la Tebaida* por su semejanza con los cocoteros de esta región. Abunda en el Oriente boliviano y su aceite es el preferido de las indias para untarse y dar brillo á su cabellera.

Cutiví. La crencha ó raya partida en el cabello. Pretenden los cruceños que deriva de « *cutis vi* ». — « Se non é vero... »

Cutúqui. Bejuco cuyas hojas al comerlas el ganado comunican á su carne un olor á ajo que casi la hace despreciable. Cutúqui es el nombre chiquitano de la *Bignonia alliacea*. L.

Cuyano. El natural de la antigua provincia de Cuyo. Véase Cuyo.

Cuyo. Nombre de la región que comprendía las actuales provincias argentinas de San Luis, San Juan y Mendoza, y sólo se conserva en la organización eclesiástica. Así *obispo de Cuyo* cuya sede es la ciudad de San Juan. *Cuyo* es voz quichua que significa arena.

Pronombre adjetivo del que se usa y abusa como interrogativo y muy especialmente como interrogación directa. V. gr.

¿ Cuya casa es ésta ? — Cuya capital es Madrid ? — Tal construcción en que *cuyo* hace las veces de predicado sobreentendiéndosele un antecedente de persona, resulta algo arcáico en oídos españoles, sin querer decir con esto que suene mal.

CUZCO. Nombre de la ciudad que fundó Manco-Kápac y capital del imperio incáico, del cual era centro ú ombligo, cuyo último significado tiene en quichua. — Falderillo llamado *choco* en otras partes. También en éuscaro *kuz* y *koch* sirven para llamar el perro.

CUZÚRO. Véase PEROTÓ.

CHABELA. Bebida hecha de vino y chicha.

CHACA. Puente ó arco en quichua. *Colquechaca*, puente de plata. — *Chuquisaca*, puente de oro. — *Rumachaca*, arco no concluido (lugar en donde se encuentran los cimientos de un vasto edificio próximo á Tiaguanaco).

CHACANEO (Para el). Para diario, para el tragín de faena ó de la chacra.

CHACARERO. Labrador ; horticultor. Véase CHACO y CHACRA.

CHACARILLA. Quinta, granja ó chacra pequeña.

CHACARITA. Chacarilla. El campo santo de Buenos Aires.

CHACO. Voz guaraní : desierto. De ella derivan chacra y chacarero. — Lugar desmontado á inmediaciones de pueblos y estancias donde se cultiva arroz, maíz, caña, yuca, café, tabaco y demás.

— También voz quichua, caza de animales con cerco de gente. Gran cacería de vicuñas que se organiza en Catamarca y otras provincias del Norte de la Argentina. En estos *chacos* se hace una batida circular, obligando á los animales á entrar en corrales donde se les esquila soltándolos luego á la vida montaraz.

— El *Gran Chaco*, vasta extensión de terreno inexplorado en el que habitan las tribus guerreras de los tobas, matacos y otras tribus guaraníes que allí se refugiaron huyendo de las invasiones quichua y española.

CHACOBO. Indio de la tribu Pacaguara (entre el Rogo-aguado y el río Mamoré) que se presenta en son de paz á los pasajeros de este río y en el pueblo de Exaltación de Mojos.

CHACOTE. Daga larga y filosa.

CHACRA. Extensión de terreno de 4 á 12 *cuadras*. Al salir de los pueblos americanos se hallan 1° las *quintas*, que son de una cuadra cuadrada; 2° las *chacras*, de cuatro; 3° las estancias, de muchas cuadras y aún leguas. Las últimas chacras, de más extensión que las del egido, se encuentran á una legua de la plaza del pueblo. Por lo general, las quintas abastecen de aves, huevos y verduras; las chacras de frutos y frutas; las estancias de carne. Esta clasificación no es absoluta, pero sirve para dar una idea del *rus* americano.

CHACURRUSCA. Mezcla de minerales de distinta composición, con el objeto de facilitar la extracción de la plata.

CHAFALOTE. Caballo pesado.

CHAFALLO. Remiendo; añadido en la ropa.

CHAIRAR. Correr. « Sacar á uno chairando », correrlo.

CHAGUAR. Maguey ó pita, textil de primer orden. La piola con que se hace bailar el trompo.

CHAGUARAZO. Cimbrón ó golpe dado con látigo de chaguar.

CHAJA. Ronco, afónico. Voz quichua.

CHAJÁ (*Palamedia chavaria*. Tero). *Tapacaré* en el Oriente boliviano. *Ave de amor* por los ingleses. Ave tan corpulenta como el pavo, pero mucho más alta y cuellierguida. Es herbívora. El nombre de *chajá* con que se le conoce en la Pampa y provincias río-platenses, es onomatopéico; es voz guaraní que significa *vamos!* porque parece que diga con sus chillidos *chajá*, *chajá*, á lo que responde la hembra *chajalí!* En algunos ranchos de Mojos encontré entre los volátiles caseros con el nombre de *Tapacaré* al chajá que conocí en la Pampa de Buenos Aires. Ave corpulenta y vigilantísima es el centinela del paraje donde habita; así en el campo donde revolando avisa el paso de un pasajero como en las casas á las que da el alerta con su grito ronco y desapacible. A favor de los espolones ó uñas que lleva en las convergaduras de las alas defiende de las aves de rapiña sus polluelos y las gallinas que están bajo su vigilancia. Así como com-

pite en vigilancia con los salvadores del Capitolio, rivaliza también en castidad y fidelidad conyugal con la legendaria tórtola. — « El *chajá* », escribe Marcos Sastre (*El Tempe argentino*), « nos ofrece lo más sublime del amor conyugal, pues se asegura que cuando algún cazador llega á matar á uno de los consortes, el otro no tarda en morir de pena, después de exhalar prolongados gemidos en derredor de los sitios donde ha sido privado de la que amaba... Se dice que el chajá es « pura espuma » por su carne floja y babosa. En su cuerpo se advierte una esponjosidad muy blanda al tacto, que consiste en que tiene la piel separada de la carne, cosa de media pulgada, por una infinidad de celdillas llenas de aire. Tal apariencia hace del chajá un verdadero aeróstato, pues inflándose tal vez estas cavidades con algún gas interior permite al chajá remontarse por los aires. »

En el Brasil existe el *kaauchi* que parece ser el *ventrilocuo* del Oriente boliviano, negro aterciopelado, cuyo grito se oye á una legua de distancia en las primeras horas de la mañana que es cuando canta. Es una especie análoga al chajá ó tapacaré.

Chala. Voz quichua. La hoja ya seca que envuelve la mazorca de maíz, y en general la envoltura de todos los cereales como trigo, cebada, arroz, etc. « Cigarro de chala », liado ó envuelto en chala fina.

Subdivisión del medio real boliviano ó cuartillo y que no teniendo moneda especial se gasta en adminiculos de especias ó chucherías. — El cuartillo tiene 4 chalas. — « Tener mucha chala », mucho dinero.

Chalaca. La combinación de los números 2 y 4 en los dados, juego que en Bolivia es muy corriente.

Chalana. Pequeña embarcación de los ríos platenses, plana, sin quilla, y generalmente sin cubierta. A diferencia de la canoa, tiene timón y vela, y cuando le falta el viento, anda á impulsos de un botador ó bichero. Si es muy chica se maneja como góndola con una espadilla ó pala que sirve á la vez de remo y de gobernalle.

CHALECO DE CUERO. En las guerras civiles del Río de la Plata, algunos caudillos castigaban con el « chaleco » de cuero fresco, cogidos los brazos en las vueltas. — Sinónimo de flojo ó haragán. — ¿ Qué esta usted haciendo, *chaleco* ?

CHALONA. Carne de oveja parida, salada y endurecida al horno; y también, res ovina desollada, abierta, salada y secada al sol.

CHALOSO. Viejo ; arrugado como *chala* seca.

CHALCHAL. Especie de acerola. *Chalchalero*, zorzal muy aficionado á esta fruta.

CHALLA. « Arena » en aimará. *Challapata*, cerro de arena.

CHAMAL. Bayeta cuadrada con que las indias serranas se cubren de medio cuerpo arriba, á manera de mantón.

CHAMBA. Voz minera. El sulfato de zinc, gris azulado.

CHAMCA. Mazamorra gruesa de chuño.

CHAMICO ó estramonio (*Datura stramonium*). Vegetal.

CHAMPA. Turba que se halla en algunos lagos de la cordillera de los Andes. Voz quichua, el césped.

CHAMPARSE. Zamparse en el agua, y por analogía meter algo rápidamente en el bolsillo.

CHAMPI. Escarabajo pelotero como el *acatanga*.

CHAMUCHINA. Quisicosa, pequeñez ó *chilicotería*.

CHANCA. Estrujado de pollo ó conejo con mucho ají que se acostumbra comer en Bolivia á la hora del mediodía.

CHANCACA. Mazacote en Buenos Aires ; *empanizado* en Santa Cruz de la Sierra ; *rapadura* en Cuba ; *papelón* en Venezuela ; *dulce* en Colombia, y *panela* (Antioquia). — Masa preparada con miel de barreno, azúcar negro ó el jugo de la caña de azúcar. « Dulce compañera del viajero, del cazador y del pobre » (Isaacs).

CHANCADOR. De *chancar*, en quichua ; « machacar ». El que manosea ó maltrata las cosas en su empleo ó trajín.

CHANCHAR. Sacar aprisa y corriendo á alguno como á *chancho* con estaca.

CHANCHO. El cerdo. Sinónimo por consiguiente de puerco y sucio. Chancho limpio no engorda; hacerse el chancho rengo,

hacerse el sueco; cada chancho á su estaca, zapatero á tus zapatos.

CHANECA. Voz auca. Trenza ó cimba de las mujeres.

CHANGA. *Pichincha*; ganga, trabajo de poca monta, bien remunerado, ó buena compra.

CHANGADOR. Faquín ó mozo de cuerda.

CHANGANGO. Chapucero; de poca habilidad.

CHANGO. El boliviano nacido en la costa chileno-boliviana.

CHANGÜÍ (Dar). Zarandearlo; darle alas para cortárselas después; darle ventaja en el juego para ganarle más. Voz muy generalizada en el Río de la Plata.

CHAÑAR. Árbol de frutilla amarilla, dulce y glucosa.

CHAPETÓN. Novato; aprendiz. « Recién llegado á Indias » según el sentido que le da Calancha en su « Crónica de la Orden de San Agustín ». — Sinónimo de español en casi todas las Repúblicas sud-americanas.

CHAPETONADA (La). Los españoles peninsulares. — « Autos y vistos, sentencia dada. ¡ Mueran Uzos, Pizarro y la *chapetonada* ! » — Pasquin que apareció en Chuquisaca el 25 de Mayo de 1809 en la reñida contienda entre la Real Audiencia y el Presidente Pizarro. — Mal de aclimatación de los chapetos recién llegados á Potosí, de donde ahora « Pagar la chapetonada » ó sufrir un aprendizaje ó noviciado.

CHAPINA. Papa que, al secarse, se vuelve morada.

CHAPINO. Animal que tiene los vasos del pie enfermos ó lisiados.

CHAPONA. Especie de gabán.

CHAPOSO. Velludo y encarnado de cara.

CHAQUEAR. Desmontar ó brozar un terreno.

CHAQUIRA. Voz chiquitana. Abalorios para collar de las indias.

CHARAMUSCA. La de estos países no es la « charamusca » de México, golosina compuesta de azúcar y queso, ó de azúcar, limón y piña; sino la prosáica chamarasca del Diccionario de a lengua: leña menuda, hojas secas y palillos delgados que

levantan una llama de poca duración, pero lo bastante para iniciar una fogata.

CHARANGO. Guitarrillo con cinco cuerdas de tripa, de tonos tiples muy alegres, que usan indios y cholos bolivianos. Distínguese de los otros instrumentos de cuerda, por su modo de templar. Se templa de la prima á la quinta, de ésta á la segunda y de ésta á la cuarta; es decir que el temple sea de lo agudo á lo grave.

CHARATA. Gallinácea montés muy apetitosa.

CHARAVÓN. De *chara*, el pollo del avestruz. Extraviado, nómada como avestruz suelto.

CHARCÓN. Animal flacuchento, que no engorda nunca. Y por translación las personas enjutas. Nuestro D. Quijote es el prototipo de los hombres *charcones*.

CHAROLA. Bandeja.

CHARQUE ó charquí. Tasajo, carne salada y seca. De la voz quichua *chaquisca*, seco. De ella deriva la palabra inglesa *jerked*, buey secado en la América del Sur.

El charque fresco y nuevo es agradable, pero cuando viejo tan repugnante que ni los perros de la ciudad lo comen. Así y todo constituye la base de la alimentación de los peones en el Oriente, como el *pacote* en el Brasil y el tasajo en Cuba.

CHARQUEAR. Cortar la carne en lonjas finísimas y ponerla á secar al sol. — « A fulano lo *charquearon* », lo asesinaron.

CHARQUEARSE. Apoyar la mano en la grupa cuando se va á caballo.

CHARQUICÁN. Caldo de charque. Bien hecho constituye la celebrada « sopa valdiviana ».

CHARUTO. Cigarro puro de chala ú hoja de maíz, con otra envoltura de tabaco. Es voz brasileña.

CHARRASCA. Sable, chaparote.

CHARRUSCO. Véase CHURRASCO.

CHASCA (Gallina). « Mulata » en Buenos Aires; « Quinacha » en Santa Cruz; « chura » en el interior. Gallina de pluma crespa

como la ave « chasquita », adornada con un espolón, como le gallo. Es muy buena ponedora.

CHASCÓN. Chascudo, melenudo.

CHASCUDO. Hombre de pelo crespo ó enmarañado.

CHASGARRO. Chascarrillo, chiste.

CHASMEADO. Participio que se usa para significar algo que se hace á intervalos ó que se encuentra á trechos. Así : llueve *chasmeado*; el chocolate se encuentra muy *chasmeado* en el monte.

CHASQUE ó chasqui. Voz quichua, peatón. Correo de pie ó de caballo.

Los incas del Perú tenían *chasques* apostados de trecho en trecho en tambo (véase TAMBO) de Quito á Tumbez, quienes en 24 horas llevaban los órdenes imperiales de un confín á otro del reino. Refiérese que estando un inca visitando las ruinas de Tiahuanaco se le presentó un chasque que le dejó asombrado por la rapidez con que había ejecutado su viaje de ida y vuelta. — « *Tiahuanaco* », díjole el inca (siéntate, guanaco) comparándole con este veloz animal. Desde entonces llámase así el paraje aquel (véase TIAHUANACO). Sigue siendo proverbial la fama de andarines de los postillones de la Cordillera. Es de verles siguiendo al viajero hasta la posta, al trote de la cabalgadura, yendo ellos á pie y sin más equipaje que un poncho para preservarse del frío de la puna y su « chuspa » de *coca* cuya mascada renuevan á cada « apacheta » ó leguario del camino.

CHASQUIDO (adjetivo). Arruinado, *fundido*. Que dió el trueno gordo ó el chasquido final como la leña seca cuando arde y se consume.

CHASQUITA ó Macho-macho. Véase CRESPÍN.

CHATASCA. Plato criollo. Charque deshilado, picado en un almirez ó mortero y aderezado con especias y grasa de vaca ó de puerco. Así preparado el charque, de salado que era se convierte en picante y seco.

CHAÚCHA. Judía verde. — El tomín, chirola ó peseta boli-

viana. — « Pelar la chaúcha », esgrimir el facón. — « Es una chaúcha », es una inocentada.

CHAYA. Voz quichua, de *challani*, echar agua á menudo. Efectivamente el juego del Carnaval (*la chaya*) sigue siendo en toda Sud-América el remojarse como los patos, primero con pomos de olor, luego con baldes de agua, y después sumergiendo al pobre visitante en el estanque ó en una tinaja del patio. Es una fineza que se debe de agradecer. En Montevideo he llegado á ver á unos oficiales del ejército echar mano á las bombas de riego á inmedaciones del cuartel y remojarse bonitamente ellos y sus amigos. Era gente « chayera » ó que jugaba al Carnaval. — « Ya llega el tiempo de la chaya », se acerca el carnaval.

CHAYAS. Huella, rastrillada. Voz quichua, de donde *chayanta*, he llegado.

CHÉ. Interjección y pronombre. — *Ché, oye!* — Dáme, *ché*; no puedo, *ché*, etc. No es especial de los pueblos del Plata como leo en algunos escritores río-platenses, pues se usa también y con igual ó mayor frecuencia en Bolivia. Tanto, que los chilenos llaman despectivamente los *¡ chés!* á argentinos y bolivianos.

Ché, en lengua pampa es hombre, como se constata por Ranquelches, Pehuenches, Tehuenches, etc. En guaraní es « yo soy ». Dícese (creo que por Daireaux) que cuando los primeros españoles desembarcaron en el Río de la Plata, vestidos á la europea, con armas y caballos, hubieron de parecer á los indios, séres de otro planeta. Asombrados los naturales huyeron al pronto; pero uno de los indios ó por más atrevido ó por más curioso, tocó con sus manos á un español y luego á otro, entendiendo con esto que los extranjeros eran hombres como los demás. Y llamando á sus compañeros, les infundió confianza gritándoles: *chés*, *chés* (son hombres, son hombres). O porque el caso hiciera gracia á los españoles, ó porque creyeron que la palabreja era voz de llamada entre los indios, la adoptaron en el sentido particular que conserva hasta el día. — Fantasías aparte, tengo para mí que el *ché* río-platense y boliviano no es más que el antiguo

ce castellano con que se llamaba ó se pedía atención á una persona, tan usado por las tapadas y embozados de las comedias de capa y espada; voz anticuada ya y que se usa todavía en el reino de Valencia en la forma y frecuencia que en estas provincias de Sud-América.

CHERÚJE. Picadillo de plátano con carne. Especie de *sancocho* de Antioquia.

CHICO. Llaman en Santa Cruz de la Sierra al adormecimiento de un músculo con cierto hormigueo que no hay que confundir con el calambre.

CHICOTE. Trenzado de cordel. Látigo. La « azotera » boliviana.

CHICHA. Famosa bebida sud-americana, tanto como el pulque mejicano. Hácese de harina de maíz ó de yuca, de maní ó de cualquier otro tubérculo ó cereal. Pero la chicha, por antonomasia, la nacional, digámoslo así, es la hecha de maíz. Para su elaboración mascan la harina, y el *muco* que resulta se expone al sol. Cuécese luego y se deposita en grandes tinas soterradas y tapadas herméticamente para que fermente la masa, lo que acontece á los ocho ó diez días. Destápase entonces y está buena para beber. Es sobremanera diurética y de notoria eficacia para expeler los cálculos de la vejiga, pudiéndose asegurar que no hay indio que sufra de este mal. También se le atribuye virtudes prolíficas, y eso que está demostrado con la fecundidad de las mujeres indias viene á certificarlo el hecho de llegar á tener hijos mujeres europeas estériles antes de llegar al país y hacerse bebedoras de *chicha*.

En Santa Cruz y en el resto del Oriente boliviano hacen una chicha menos fuerte que la « chicha colla », que es la anteriormente descrita. Para ello se muele la *jora* ó granos de maíz reventado; redúcense éstos á masa en agua fría, y el todo se tuesta parcialmente en vasijas de barro ó en horno, colándose repetidas veces hasta que se purifica y fermenta. Los *muqueadores* mascan luego esta masa hasta que la juzgan convenientemente desmenuzada ó convertida en *muco*. Tras esto, se echa agua á la

masa y se ponen las ollas al fuego por 24 horas, durante el cual tiempo se remueve la masa agregándole harina á cada momento. Cuando el líquido se enfría, se le pasa á grandes cántaros de barro en donde en una noche fermenta. Esto se conoce por un aceite amarillo que bulle en la superficie. No cabe duda que la saliva de los muqueadores es el principal agente de la fermentación; ella transforma el almidón en azúcar y éste á su vez en alcohol. Acostumbrado uno á la chicha y haciendo caso omiso de la puerca manera como se hace, es una bedida muy aceptable é higiénica á la manera de la sidra ó *sagardúa* vascongada. Los indios quichuas llaman á la chicha, *akca*; los del Cuzco *azúa*, de donde se ha trasladado al castellano.

En chicha, en efervescencia. Así, el río está en chicha (ó revuelto); fulano está en chicha (calomecano), etc.

Chichapí (*Celtis occidentalis*. L.). Arbusto espinoso llamado *tala* en el interior.

Chiche. Juguete. Objeto pequeño y lindo, lo que nosotros llamamos « una monada ». El pezón de las mujeres.

Ponerse en chiche, ponerse ebrio; aunque este chiche viene de chicha, de la que hasta el nombre han olvidado los gauchos porteños.

Chichera. Mujer que hace ó expende chicha.

Chichilo. Especie de tití de color amarillento.

Chicholo. Cierta pasta dulce envuelta en chala que se vende en las pulperías de Buenos Aires.

Chiflero. Mercachifle. Buhonero.

Chigua. Varios significados. Red para pájaros; aparato para la cata de las tunas en Tucumán; bulto ó fardo de charque (véase Chipa); el cogollo de cualquier palmera (en aimará).

Chila. Chuño seco de yuca ó plátano. Véase Maraya.

Chilca. Voz quichua. Yerba común de aplicaciones medicinales. Dos clases: *Angusto* y *Latifolia* (Baccharis).

Chilenas (Las). Los fémures de animal y el tuétano que contienen. Véase Murucuntuyo.

CHILICOTE. Voz quichua : grillo (insecto). *Chilicotear*, entretenerse con poquita cosa ; jugar de poco en poco.

CHILO. Otro diminutivo de Juan. Menos que Juancho.

CHILLA. Pelusa volátil del cardo y otras plantas.

CHIMA. Salvado, afrecho ó *jache* de trigo mezclado con el de maíz, más el aditamento de manteca de vaca y salmuera. De la *chima* hácense ricas empanadas á las que se adornan con queso, ají, cebolla y carne.

CHIMANGO (*Milvago pezoporus*. Burm.). Falcónidas. — « Gastar pólvora en chimangos », gastar pólvora en salvas ; predicar en desierto ; hacer favores á un ingrato, etc.

CHINCHE. Bicho que en América se ha hecho masculino.

CHINCHILLA (*Chinchilla lanigera*. Bonnet). Mamífero roedor, más pequeño que el conejo europeo ; cabeza parecida á la de la ardilla, largos bigotes y orejas grandes. Es animal muy limpio y dócil que se ve perseguido por su piel suave y finísima de color gris. Habita en las montañas del Perú, Bolivia, Chile y Norte de la Argentina, de donde, como los castores del Canadá, no tardará en desaparecer si no se reglamenta la caza.

CHINCHULINES (Los). Los intestinos de res envueltos por una telita de sebo.

CHINGA. Voz que expresa la idea de haberse perdido algo que se dejó en un sitio. Ejemplos : Busqué mi caballo, y *chinga* ; el ganado dejó el chaco chinga.

CHINGANA. Pozo ; peringundín donde á ocultas juegan, beben y riñen los maleantes.

CHINGAR. Hacer higa un arma.

CHINGOLO (*Zonotriche matutina*. Viell.) Fringílidos.

CHINITAS DEL CAMPO. Sinantérea amarilla. Florecilla siempre verde y florida y abudantísima en las praderas sur-americanas. Tanto en la parte oriental de los llanos de Nebraska y Kansas, cerca del río Missouri, como en los desiertos natronosos de Cuyo y cuchillas graníticas de Catamarca y Córdoba, vense leguas cuadradas cubiertas de estas florecillas amarillas, que, según la lati-

tud, se alzan desde uno hasta siete pies de elevación. Es una flor que ama al sol, y á sus benéficos rayos crece, purificando y aromatizando la atmósfera de los campos.

Chino. Nombre vulgar del indio en la Argentina, como *camba* en Bolivia. Hay en la Provincia de Buenos Aires el dicho : « China pampa y mate amargo, sólo por necesidad », es decir que una y otro sólo son aceptables en caso extremo. Sin embargo, el mate amargo ó *cimarrón* es más saludable que el dulce, como que los aficionados lo prefieren á éste. Cuanto las *chinitas* en flor, son monísimas : esbeltas, altas y delgadas ; del color de la arcilla tostada. Las chinas de Buenos Aires visten pollera larga y vaporosa que pone de relieve los contornos delicados de un busto, por desgracia, pobre de caderas y pechos. Éstos, que se agostan pronto, son de curvas exquisitas y señalados no por una frambuesa sino por una mora negra muy sazonada.

Chiñe. El zorrino de Cuyo. Voz auca.

Chío. Apolillado, carcomido. Así : arroz *chío*; diente *chío ;* fruta *chía*, etc.

Chipa. Voz quichua. Envoltura de paja para huevos, frutas ó charque. La cárcel. « *Meter en chipa* : en la cafúa. Engaño ó estafa en el juego. Chipar = estafar, sorprender la buena fe.

Chipaco. Tosta hecha de semita. *Cara de chipaco*, cara lánguida, triste.

Chipeno. Medida de capacidad para azúcar, de 2 arrobas. Doce chipenos forman una horma de ley.

Chipilo. Plátano cortado en rodajas ó *torteritos* que se fríen cuando han de servir para provisión de viaje. Por analogía, la plata acuñada entre los indios tumupaseños y araonas.

Chiquitos. Indios así llamados por tener muy bajas las entradas de sus viviendas. Hoy distrito boliviano.

Chirapa. Prenda de vestir deteriorada ó andrajosa.

Chircal. Maleza de chirca. Arbusto leñoso y seco muy aparente para combustible.

Chiriguaná. Sinaruba ú omaruba. Rutáceas.

CHIRIGUANO. Indio de raza guaraní que vive en los valles que forman las últimas estribaciones de la Cordillera oriental de los Andes, entre el gran Chaco, el río Bermejo y Santa Cruz de la Sierra. Cambas ó *Tembetas* son llamados por los cruceños (véase TAMBETA) y casi todos están reducidos por los misioneros del Colegio de Tasija.

CHIRIMOYA. El fruto del chirimoyo. *Fructus annonæ chirimoya.* El árbol es bastante elevado; la fruta de tamaño variable y de cáscara delgada que se deja partir entre los dedos. Sacadas las pepitas — que son menos cuanto mejor es la calidad de la chirimoya — cómese la pulpa con cuchara y es de un sabor agridulce tan deleitoso que, según un jesuita misionero (el noticioso padre Eder, siglo XVII) « debía darse á los moribundos europeos para excitar en ellos el deseo del paraíso ». Yo por mi parte la prefiero á la piña y la diputo por reina de las frutas americanas.

Varias son las clases de chirimoyas. La silvestre ó guanábano, la amarilla, la crespa.

En Buenos Aires es estimada la chirimoya de Salta ; en Bolivia, la de Yungas.

CHIRIMOYO. *Anona trypedale.* Véase CHIRIMOYA.

CHIRIPÁ. Pretina que por una extremidad se rodea á la cintura y pasando la otra por entre las piernas, se vuelve á ceñir por delante, sujetando las dos puntas con una faja ó cinturón. Es el pantalón ó zaragüelles del gaucho porteño y prenda muy cómoda para el trabajo rural ecuestre, además que es de fácil hechura y de pronto lavado, sin que pierda los colores chillones á que tan aficionado es el gaucho. — *Gente de chiripá*, gente campesina. *Santo Cristo de la Petrina.* Se venera en una iglesia de la ciudad boliviana La Paz, y viste un chiripá terciopelo recamado de adornos. Cuentan que un argentino forastero acostumbraba hacer limosna todas las noches á un pobre que encontraba siempre en el mismo sitio. Cierta noche muy fría que habiendo perdido en el juego hasta el último centavo no tenía nada que darle, quitóse el chiripá y se lo dió al pobre. Á la mañana siguiente se vió

al Cristo de la iglesia vestido de chiripá. Creyendo el sacristán que era burla sacrílega, trató de quitárselo pero no pudo conseguirlo. Dió parte á la comunidad, el vecindario se conmovió y en un momento acudió inmenso gentío al lugar del suceso. En él figuraba el argentino, que al punto renoció en el chiripá del Cristo el que había dado al pobre. Contó el suceso; hiciéronse pesquisas para buscar al pobre, pero no encontrándole, todos cayeron en la cuenta que se había operado un milagro.

Chirlo. Lapo ó cachete. — Te daré un chirlo si nó te callas — se oye decir á las madres porteñas á sus hijos.

Chirola. El tomín chileno y boliviano. Interjección equivalente á: quia! oiga que tal!

Chischisco. Arrebatina. « A la marchanta. »

Chitar. Piar los pollos y los pichones de aves.

Chivar. Fornicar.

Chivato. Aprendiz de albañil. Ayudante de carretero en las minas.

Chivé. Harina de yuca entreverada con harina de maíz, ó sola mezclada con agua dulce y dejándola hinchar un poco. Es una bebida, ó como quiera llamársela, muy usual en Mojos y el Brasil.

Choco. Falderillo de lanas. Color rojo oscuro. Caballo choco: alazán. Sombrero de copa ó cilindro.

Choclo. Espiga tierna de maíz muy estimada en toda América para la confección de platos nacionales.

Choclón. Cauchón plantado de maíz.

Chochí. Larva de langosta que asuela las chacras.

Chochoé. Pato macho.

Chofa. Gafas de color.

Choiquén. Voz auca. El *ñandú* ó avestruz.

Cholo. Mestizo de español é india. El plebeyo de las poblaciones donde ambas razas se fusionaron. Porque se da el caso que en Buenos Aires no hay cholos y sí los hay en Tucumán, por ejemplo. Esto porque las razas autóctonas del Río de la Plata

(*querandíes* y *charrúas*) á fuer de guerreras, prefirieron desaparecer ó emigrar antes que capitular, mientras que otras más pacíficas (quichuas, guaraníes, etc.) doblaron la cerviz y se amalgamaron con los conquistadores.

Chonono. Rizos sobre la frente. *Aulos* en la Argentina.

Chonta (*Astrocarium chonta*. Martius). Una de las palmeras que más resaltan por su gallardía y corpulencia. Abundantísima en el Oriente, cuyos indios hacen sus arcos con la madera densa y elástica de esta palmera.

Chopochóro. Longirostro que hace su nido en las espinas del aromo ó del chichapí, siendo notable por su canto acompasado como el son del baile de « macheteros » que usan en Mojos.

Choquihue. Voz mojeña con la que se designa al brujo ó hechicero, personaje principal de la tribu.

Chorizo. Pasta de barro y paja para embarrar ranchos.

Choro. Almeja del Pacífico, muy suculenta.

Choronazo. Papirote. Sacudida que con el índice apoyado contra el pulgar se da en la oreja de otro.

Chororó. Especie de perdiz de gran tamaño que canta de noche como el gallo á horas determinadas dando tres silbidos agudos y por tres veces repetidos.

Chorrera. Cortejo ; séquito de cosas animales ó inanimadas.

Chorro. Cada uno de los ramales de látigos y azoteras.

Chota. La niña chuquisaqueña que va de corto, pues que ya empieza á presumir. Equivale pues á nuestra « polla ».

Chúcaro. Redomón ; caballería recalcitrante. Animal indómito ó apenas domesticado. Indios y gauchos montan admirablemente los caballos chúcaros de la Pampa ó del Chaco, bien así como los *cow-boys* los « mustangs » y « bronchos » del *Far-West*.

Chucha. La concha de la mujer.

Chucho. Diminutivo de Agustín.— « Viejo chucho », machucho. Voz quichua: calentura con escalofríos. El chucho no es otra cosa que la *malaria* de Italia y las fiebres palúdicas de otros países, sin tratar de determinar si el agente que obra sobre el

organismo que determina la fiebre es un principio gaseoso ó miasmático, como antes se creía ó un microorganismo como hoy se acepta.

CHUCHUCA. Mazorca de maíz tierno, cocida y puesta á secar al sol ó en un horno.

CHUECO. Estevado, patizambo.

CHUGCHOCA. Instrumento de labranza rematado en pala y pica.

CHULCO. Voz quichua, *sulko* : menor. El hijo último, el Benjamín de la familia. Es voz muy extendida en Bolivia.

CHULO. Gallinácea ó aura tiñosa.

CHULPA. Véase HUACA.

CHULUPACO. Chulupe ó cucaracha grande.

CHULUPE. Cucaracha (*Coleóptero silphates*. Latreille).

CHUMACERA. El eje sobre el que gira una balanza de cualquier orden ; así el tolete de los remos, el eje del cubo, etc. Esta palabra no es ningún americanismo, pero la verdad es, que de cien peninsulares, noventa y nueve no saben lo qué significa; mientras que se oye á diario en boca del criollo más ínfimo.

CHUMBA. Sulfuro de cinc.

CHUMBAR. Enviar una perdigonada.

CHUMBEADO. De poca monta. « Boliche chumbeado », tenducho.

CHUMBO. Voz portuguesa. Munición de perdigones.

CHUMUCO. Pato zumbillidor. Becasina.

CHUNCACO. Especie de sanguijuela de los bañados. Voz quichua.

CHUNCO. Expresión cariñosa muy usada por los españoles de los departamentos quichuas de Bolivia, entre amantes y personas que se quieren entrañablemente : « mi amado, mi querido. »

CHUNCHOS. Indios llamados hoy mosetenes ó madalenos, de la misión de Covendo (La Paz). En aimará : salvaje, por lo que se complacen los peruanos de la costa en llamar así á los bolivianos.

Chuña. Gallinácea que se domestica para defender las aves de corral.

Chuñista. El niño que (por hacer chuños al sol) falta á la escuela. Sinónimo de embrollón en Santa Cruz.

Chuño. Voz aimará : « hielo » (*Amylum*) ; papa que cuando madura se pone á helar y sirve para el *cháiro* paceño ó chupe nacional.

Chupalla. Bolsa y tabaquera hecha del buche bien sobado del avestruz.

Chupe. Plato nacional . Sopa boliviana hecha de papas cocidas en agua, ó en leche cuando pican gordo, y espigas de maíz tierno (choclos), ají, oca y *chuño,* añadiendo á todo esto tajadas más ó menos suculentas. Cuando este guiso se hace sencillamente con *chuño* ó papa helada, es el *cháiro.*

Chuquisa. Prostituta ó ramera. Es provincialismo de Chile.

Churcar. Remar con fuerza ; que ronquen los remos.

Churla. Saco de cuero ó tambor en que se envuelve la corteza de la quina.

Churo. Lindo, valiente ; doble significación por aquello de que aquí como en todas partes :

Siempre brilla hermosa
la faz del vencedor.

Chúrqui. Espino silvestre muy abundante en los caminos fragosos de la Cordillera, como en el trayecto de Jujuy á Tupiza. Según la latitud, crece alto con grueso tronco. Da una frutilla llamada *cholón* que sirve de alimento á cabras y burros, compañeros, en unión de las llamas, del indio solitario de la Puna.

Churuno. Calabaza redonda con un agujero que sirve para llevar agua. Úsase también en el Oriente colgarlo de algún árbol porque el viento al colarse por la abertura del *churuno* produce un ruido semejante al del cuerno, sirviendo de señal para llamar á los extraviados en el monte. — Bolacha de goma, por analogía de formas. Véase Bolacha.

Churrasco ó charrusco. Pedazo de carne sin sal, tirado sobre brasas fuertes y que se arrebata exteriormente quedando lleno el centro de un jugo sabroso y nutritivo. Cómese caliente, quitándole la ceniza muy por encima y echándole salmuera. Es plato nacional sur-americano (como el asado con cuero) y eso de llamarse *churrasco* es muy apropiado al agradable chirrido de la carne al asarse sobre las brasas.

Churrinche. Cardenal en otras partes, á causa del copete rojo que ostenta el pájaro. Su cuerpo es de color plomizo negro y no mayor que el jilguero. Hace su nido valiéndose de las telillas con que los insectos tejen en acacias y árboles espinosos. Su vuelo es rápido y recto como el de la alondra. En el campo de Buenos Aires hay la superstición que no bebe agua, pero dista mucho de ser así, porque he visto muchos de esos pájaros en las colchas del Itunama, en Mojos.

Churrucar. Morirse, en jerga cruceña.

Chusgo (Gallo). Ordinario, vulgar.

Chuso. Voz quichua, cosa pequeña. La persona de ojos pequeños ó que mira á cegarritas.

Chuspa. Voz quichua, bolsa. La tabaquera y la bolsa de lana de vicuña en que el indio de la altiplanicie lleva su provisión de coca.

Chúspi. Voz quichua, mosca. Nombre de un baile de indios y cholos bolivianos que se ejecuta en el entierro de los niños. Uno ó dos hombres, según el tamaño del ataúd, llevan la caja con la mesa sobre la cabeza, siguiendo la comitiva de hombres y mujeres, aquellos de dos en dos, éstas después, en formación igual y con ramos de flores. De cuando en cuando se hace una parada; pausa que se aprovecha para apurar sendos mates de chicha, en tanto que los padres de la criatura y los compadres bailan con sus deudos y amigos el *chúspi* al son de *guenas* y charangos. Una mujer con un palo simula que va á matar una mosca en el pie del hombre y en esta pantomima va cantando *¿ maitac chai chuspi ?* (¿dónde está el moscón?) Como es natural, el

hombre salta y brinca que se las pela, para esquivar los golpes, algunos de ciego, que asesta la bailadora.

Chuta. El indio aimará de La Paz y el calzón de bayeta que el mismo usa á manera de zaragüelles.

Chuto. Rabón. Romo y pequeño.

Chuturubí (color). Color de la miel del *peto chuturubí*. Véase Peto.

Chuy. Baliza ó semilla redonda y lustrosa de la Achira ó balicero (familia amonea) que sirve á los niños cruceños para jugar á las balas.

D

Damajuana ó damezana. Voz andaluza.

Mas quiero una *damajuana*
que no una dama Juanita,
porque con la damajuana
todo pesar se me quita.

En efecto, la damajuana es un garrafón para vino y licores.

Damasco. El albaricoque. También se dice en Andalucía, y si se citan *damasco* y *damajuana*, es porque la generalidad de los criollos no dicen nunca albaricoque ni garrafa.

Daño (El). Fascinamiento, mal de ojo ó *jettatura*. El *daño* argentino como el *fascino* napolitano y el hualicho ó gualicho pampeano no son sino expresiones distintas de un temor vago á lo desconocido. Generalmente tiene por causa el histerismo, la epilepsia, y siempre la ignorancia. Véase Gualicho.

Darse corte. Darse tono. « Agapito, date corte » ; puro corte, etc., son expresiones que se oyen á diario en La Plata.

De arriba. De balde. « Vivir de arriba », vivir del maná.

Debocar. Vomitar ó dar arcadas.

Demasiado. Empléase en Bolivia en el sentido de muy ó mucho, de cuya construcción resultan frases disparatadas, como

ésta : Fulano es *demasiado* sabio ; la quiero *demasiado* ; soy *demasiado* honrado, etc.

Derrama. Suscrición á prorrata en especies, que los corregidores sacan á las comunidades indígenas de Bolivia para recepción y agasajo de las autoridades que van de tránsito. Muy propiamente llámase *derrama*, pues es una gabela que se derrama por todo el itinerario del personaje viajero.

Descachazar. Quitar la parte impura del guarapo ya cocido.

Desecho. Atajo, sendero. En Ercilla se encuentra la misma voz con igual significado, pero en género femenino. « No tiene aquel camino otra *desecha* » (citado por Cuervo).

Descuajaringado. « Desguañangado » ; descoyuntado.

Desguañangar. Deshacer, desencuadernar, desbaratar, etc.

Desierto ó Travesía. Gran extensión de pampa en las provincias de San Juan y la Rioja, de vegetación raquítica y rastrera ; ora sin un solo árbol que interrumpa la aridez del terreno, ora poblado de matorrales de chañares que más adelante se convierten en bosques de *caldenes* y otros árboles entre los que descuella el « quebracho blanco » parecido al sauce llorón que con sus ramas mustias y cabizbajas parece condolerse de la aridez de esos lugares. Algunas otras plantas hay como la tola, el chúrqui, siendo un hecho muy significativo que todas dan espinas en lugar de hojas, como un signo de ingratitud de aquellos eriales.

Los únicos vivientes que turban el silencio de esas regiones son los « guanacos » que corren en bandadas, y uno que otro « jote » ó cuervo que se ceba en la osamenta de una mula rendida al cansancio, ó en la de un guanaco. Véase Zonda.

Desocar. Despearse los animales de pezuña.

Despacio. Como observa Bello, suelen los hispano-americanos confundir viciosamente *despacio*, adverbio de tiempo, con paso, *quedo*, adverbio de modo. En tal guisa, dicen muchos : « habla despacio », por : habla en voz baja.

Despearse un animal, es en América como en España inflamársele á un animal los vasos por lo pedregoso del camino. Así el

ganado lanar que de las provincias argentinas del norte se transporta á Chile á través de la Cordillera, á pesar de que no anda más de 4 leguas diarias, es el más difícil de conducir, no sólo porque se cansa fácilmente sino también porque se *despea*. A los bueyes se les preserva un tanto de ese accidente herrándoles las manos ó poniéndoles *cabargas*.

Despepitado. Fruta en compota á la que se le ha quitado el hueso ó carozo.

Desperciadir. Tiene también en estos países el significado de avispar á una persona; quitarle el polvo de la dehesa.

Despostar. Hacer partijas de un animal desollado, cortándole por las coyunturas. Es neologismo muy aceptable, supuesto que la Academia admite « posta » en el significado de tajada, pedazo de carne, pescado ú otra cosa.

Desrielamiento. Descarrilamiento, y *desrielar* el verbo, muy natural, pero innecesario.

Diamela. Flor de blanco-lechoso, de suave y penetrante olor á jazmín. La diamela significa amor en el lenguaje de la flora americana, y en tal sentido le cantan, alaban y manosean los « sinsontes » de las márgenes del Plata.

Dichosa (La). Escupidera ó vaso de noche.

Diminutivos. Hasta la más mínima expresión llevan los suramericanos la disminución de los nombres substantivos. Aunque ello se presta al capricho de cada cual, las terminaciones más generalizadas son en *ito* é *itito*, como : dulcito, dulcecito. En Santa Cruz usan la terminación *ingo*, así, de solo, *solingo*. — « Yo *solingo* trabajo mi chaco. » — « *Pandingo* está el río » (por pando ó llano y bajo) ; y *acutingo*, *chiquitingo*, *blandingo*, etc.

Distingüendo. Los chilenos que con el argentino Sarmiento á la cabeza, tienen el privilegio de haber disparatado en gramática más que ningún otro pueblo de origen hispano, tienen y han aclimatado en estas repúblicas un séptimo género gramatical, denominado *distingüendo*, calificativo que ni castellano es. Distingüendo (del género) son aquellos nombres que teniendo

dos significados, se usan unas veces como masculinos y otras como femeninos, según sea el significado en que se emplean, como : capital, consonante. En suma, los vocablos homónimos.

Doradilla (*Pilea mycrophila*). Ubríceas. Planta que crece desde las Antillas hasta el Brasil. Los ingleses la llaman « artillery plant » ó planta artillera, porque tan luego como el agua toca los cuatro sépalos coloridos del cáliz, dispuestos en cruz, éstos se abren en forma de estrellas, y las anteras se rompen lanzando al aire la abundancia de granos de polen fecundante que cada uno encierra. Llámase Doradilla, porque á proporción que crece se muestra de color de oro á los rayos del sol. Crece sobre los tejados, en los lugares húmedos y hoy se cultiva en los jardines.

Dormida. Alcoba ó dormitorio.

Drac. El grog británico. Beberaje fresco que hasta los gauchos piden, hecho de aguardiente, agua y azúcar.

Drosera (*Drosera rotundi*). Longifolias. Planta carnívora cuyas hojas están bordeadas de tentáculos muy finos provistos de un líquido colorado y viscoso. Cuando un insecto se posa en una hoja, los tentáculos se contraen y apresan al insecto, asimilándoselo la planta para su nutrición. La *drosera* es beneficiosa para la tos ferina.

Durazno. Melocotón, como en Andalucía. Hay en estos países americanos duraznos blancos, amarillos, bayos, abridores ó priscos y pelones. Aunque de variado sabor, son sin excepción dulcísimos y fragantes. Los duraznos silvestres del delta del Paraná son los preferidos en Buenos Aires. Son tan abundantes que de ellos se extrae el « aguardiente de durazno » en alambiques establecidos en el mismo Delta. Con el hueso ó carozo haciéndolo infundir en aguardiente, se prepara uno de los mejores licores, conocido con el nombre de « agua de Noyó ». La madera del árbol, la única madera que con la del *ombú* se quemaba en otro tiempo en las cocinas de Buenos Aires, continúa empleándose en el campo como postes de corral. Con la infusión de los pétalos se hace el jarabe de durazno purgativo y ver-

mífugo. « El complexo de tantas cualidades, así útiles como agradables », concluye diciendo el educacionista Sastre, « hace del durazno un don precioso de la naturaleza en la provincia de Buenos Aires, que todo el mundo ha apreciado debidamente ». Por todas partes, en los establecimientos de campo, sea estancia, chacra ó quinta, se ven montes de durazno.

Duraznillo. Arbusto de lugares húmedos y lagunas, indicio seguro de agua á pocas varas de profundidad del sitio donde se halla.

E

Ebéje. Aventador de hoja de palma. *Baquetú* en Mojos.

Echor (Burro). Garañón ó semental.

Eldorado. Región encantada que los aventureros españoles del siglo XVI la situaban en la actual Guayana holandesa.

Embarbascar. Véase Barbasco.

Embarcaciones. Las que se usan en la navegación de los ríos de Bolivia (Mojos y Beni), son de casco plano, dándoles la forma de botes. Se clasifican, según su tamaño, en *monterie*, que carga hasta 38 quintales; *garitea*, hasta 75 y Batelones hasta 200 y más. Una monterie tiene de seis á ocho varas de largo, y de dos á tres de ancho. La garitea de ocho y once por dos y tres de ancho. El batelón de once y catorce por tres y cuatro. El casco se labra del tronco carcomido de una mara ó caobo, que se va abriendo á fuego lento colocándolo á tres cuartas ó una vara sobre el suelo. De este modo, cuando el fuego es vivo y bien dirigido, á las dos horas el *palo* está completamente blando, pudiéndosele dar la forma conveniente. Después se acaba de labrar procurando que el ángulo de proa sea lo más agudo posible para que corte bien el agua, y que la popa y proa sean bien levantadas para que la embarcación no peligre en las fuertes olas que se levantan en los ríos. El calado de estas embarcaciones nunca excede de una vara á cinco cuartas. Las tablas se trabajan con hacha y azuela, de modo que de un tronco cualquiera sólo se sacan dos tablas.

Consta pues, una embarcación, ya sea monteríe, garitea ó batelón, del casco, tablas, dos rodelas de proa y popa, codos ó barrotes que lleva de trecho en trecho para darle más solidez, y quilla y timón. La tripulación ordinaria es desde cinco hasta quince hombres. Uno maneja el timón y los demás reman. El remo no excede de vara y media de largo. Se rema sin punto de apoyo y, como se dice, á pulso, al contrario del remo de boga; primero porque como se va siempre aguas arriba buscando la menor corriente posible, chocaría el remo en las orillas, barrancas ó troncos; después, porque el modo de colocar la carga no deja espacio suficiente á los tripulantes para usar los remos de boga. Los tripulantes se colocan pareados en los costados de la embarcación, y para *punteros* se colocan los más diestros. Estos *punteros* van delante y tienen por obligación vigilar cuando hay troncos ú otra clase de obstáculos que no ve el timonel; ayudar á éste en el manejo de la embarcación cuando alguna corriente imprevista, el choque contra algún tronco flotante, etc., ladea y hace varar la embarcación; *ganchear*, es decir echar un palo largo con su gancho á los troncos de las orillas y tirar de él cuando alguna corriente no puede ser vencida á remo. Véase Balsa, Chalana, Challapo.

Embramar. Enroscar la *espía* de una embarcación fluvial á un palo ú árbol de las márgenes.

Embromar. Fastidiar, servir de enojo. « ¡ Déjese de embromar! » dice una muchada á un galán, á primeras de cambio.

Empacarse. Hacerse reacia, recalcitrante una caballería. « La suerte se empacó » = quedó plantada.

Empajarse. Hartarse, *atorarse*.

Empampanarse. Desorientarse, perder el rumbo. Bonita metáfora digna de generalizarse en todos los idiomas, por lo expresiva, adecuada y significativa, como marearse, empantanarse, etc.

Empanizado. Véase Chancaca.

Empozar. Depositar en jerga covachuelista ó burocrática. Así: « Esta suma queda *empozada* en la fecha en el Tesoro público, según recibo... » etc. Redacción disparatada en todos conceptos.

EMPUÑAR. Dar puñetazos; meter á uno adentro el puño.

ENCORAJADO. Encolerizado.

ENFAGINAR. Reclutar, ganar prosélitos á una causa.

ENGAÑA-PICHANGA. Mercachifle que sonsaca la plata con sonseras de tres al cuarto.

ENGORDE. Para engordar los animales en las estancias que tienen potreros, se empieza por hacerlos consumir el pasto de los potreros más inferiores, y á medida que engordan, se pasan á otros de mejor pasto. Se llama *carnudo* el animal que está listo para engordar, pero que aun no está en estado de venta. De *carne blanca* el animal que empieza á engordar; puede decirse que es cuando *pinta* el engorde; ya se puede matar en saladero. De *buena carne* es cuando el engorde está más adelantado; y de *carne gorda* cuando el animal ha desarrollado una gordura superior, que también se llama *pella*. Todos los animales gordos de un establecimiento se reunen en una *tropa* que se lleva á los mercados ó á los saladeros, leguas y leguas, por los *troperos*.

La carne de novillo se clasifica en los mataderos en: lomo, asado de tira, nalga y bifes de chorizo, falda, pechos, agujas y cola, petas, cabeza y achuras. Los precios siguen en la proporción descendente de esta clasificación.

ENJALME. Enjalma. La carona de lujo que ponen al toro y que hay que quitársele en uno de los lances de la corrida, equivalente al quite de la moña.

ENLATAR y empajar. Cubrir el armazón del techo del rancho con latas y después con paja, ó al contrario.

ENLAZAR. Aprisionar la res por la cabeza con el lazo corredizo que va al extremo de una larga cuerda trenzada, sujeta por el otro extremo al lado izquierdo de la montura cuando se va á caballo, y sino por la mano izquierda. Con la mano derecha se le imprime fuerza centrífuga como el remolino de una honda, arrojando el rollo á larga distancia, precisamente en torno de la cabeza del animal. Es operación que requiere práctica y habilidad. Véase LAZO.

Enojado, por enfadado, que no se oye decir nunca entre los criollos.

Ensíriri. Vivir enfermo de continuo. Sufrir de una enfermedad crónica. Se dice en el oriente de Bolivia.

Ensoquilla y ensoquillar. Ensogar y encerrar; aprisionar.

Entredicho. Toque de somatén ó generala. Toque continuado de campanas en caso de incendio ó alarma.

Envenado. Facón ó cuchillo con venas, ó que siquiera está reforzado con *niervos* ó venas de animal.

Era. Tinaja ó cántara donde fermenta la chicha.

Erebo. Véase Herepo.

Erque. En quichua, trompeta. Zampoña pastoril de los indios quichuas.

Escaño. Banco ó poyo de los paseos.

Esclavatura. Voz portuguesa casi únicamente usada en estos países en lugar de la propia española : esclavitud.

Escobillar. Zapatear en un baile.

Escolino. Escolar, colegial.

Escorial. Riscal ó monte cortado á tajo.

Esgarrar. Gargajear, y *esgarradera* la escupidera.

Eslilla. La clavícula. *Islilla* la llama Cervantes en el cap. 2° del « Curioso impertinente ».

Españolas (Las). Las patillas. « Barba española » cuando se peinan patillas y bigote, pero no perilla; es decir á lo Campoamor, ó como los portugueses dicen, á lo « suizo-española ». *Barba asesina*, al bigote y barba sin patillas, usada generalmente por los argentinos tradicionalistas, desde que Rosas prohibió la barba cerrada porque esta formaba la letra U, inicial de salvaje unitario.

Españoles. Se llaman en censos y partidas bautismales los criollos con don. Los demás, *la plebe*, son mestizos, zambos, indígenas ó negros. « Blanco como un español », es dicho que he apuntado en Tucumán.

Espesado. *Láhua*, en el interior de Bolivia. *Gófio* en el Río de

la Plata. Especie de *gachas* de Castilla : agua hirviendo en la que se echa harina de trigo ó de maíz, ají, papas y algún pedacito de carne. Véase LÁHUA.

ESPOSA (La). El anillo episcopal.

ESPUNDIA. « Pian americano ó frambuesia » de la especie del « grano de Alepo ». *Bubas* en el Brasil en donde fué importado por los esclavos africanos.

Úlcera fatal de las regiones cálidas que se inocula por la picadura de insectos que anteriormente picaron en individuos atacados de esta enfermedad ; por la leche de la nodriza, etc., es decir por toda clase de contagio. La enfermedad se presenta primero en forma de bubas secas, como cabezas de alfiler, un tanto blandas, luego en bubas húmedas ó úlceras abultadas, rojas y extendidas, rezumando un líquido mucoso ; después como clavos bubáticos ó abultamientos acompañados de cuando en cuando por llagas, lo mismo en la cara que en los pies ó en cualquiera parte donde los microbios hallan materia dispuesta para la incubación.

La *espundia* se contrae á poco cuidado que se tenga con una llaga ó rascadura fuerte ; ó bien no secándose bien los pies después de haber vadeado *curiches* y lagunas, por lo que se recomienda en este caso friccionarlos bien con aguardiente ó ron. Los indios del Beni emplean para la cauterización de las primeras llagas de espundia, la arena caldeada, remedio doloroso pero heróico y eficaz, pues con él se logra cambiar la úlcera en quemadura de fácil remedio. Es de notar que el caballo es el animal más propenso á enfermar de espundia. Á la misma ó parecida enfermedad llaman en Cuba « mazamorra ».

ESPURRIR. Regar aventando.

ESQUINA. Ventorrillo, pulpería ó almacén rural. Tienda de ultramarinos situada, por lo regular, en la esquina de la *cuadra*.

ESTANCIA. Establecimiento rural comparable á los latifundios romanos, destinado principalmente á la cria de hacienda ó ganado.

Estanciero. Dueño de estancia.

Estante. Pilar de madera, generalmente de tajibo, para sustentar el trapiche.

Estaquear. Estirar el cuero de una res desollada clavándola con estacas ó palitos hincados en el suelo á favor de la *maceta* ú otro instrumento. — Tormento que como el de *atirantar* se usa en algunos corregimientos y consiste en suspender atado á cuatro estacas el cuerpo del atormentado.

Estera (De ó en). Úsase después de verbo activo, así: *llevo la gente en estera*; *quedó de estera*. Gente enferma ó cansada; incapaz de dejar la horizontal.

Esterar. Cubrir en cierta extensión. V. gr: Estaba el campo *esteradito* de frutas, de muertos, etc.

Estero. No es lo que dicen los Diccionarios. El estero americano es una laguna accidental formada por los rebalses de un río ó por las lluvias, y que llega á secarse. Véase Bañado.

Estoraque brasileño. Género *Styrax*. Árbol del que se extrae un bálsamo análogo al estoraque oficinal africano. Sirve para emplastos y úsase también como incienso en las iglesias rurales ó misioneras del Oriente boliviano.

Estrada. Trecho ó avenida de ciento cincuenta *maderas* ó árboles gomeros que se confían á un picador ó seringuero. Estas estradas varían de extensión superficial según como estén agrupados los árboles. Así: *estrada de surco*, cuando los gomales forman avenidas casi rectas; de *mancha*, cuando están dispuestos en semicírculo ó círculo entero; de *manga*, cuando la línea de los árboles sigue una marcha caprichosa; y *serpentina*, como la de una corriente de agua.

Estrellón. Tropezón; choque (muy bien dicho).

Estremeño. Extremado.

Estribitos. Remilgos, carantoñas. El niño hace *estribitos*: hace *pucheros*, lloriquea.

Estribos. Los del gaucho son de madera, ó de hueso, astas ó suela, redondos ú ovalados con un eje horizontal de manera que

quepan estrictamente las puntas de los dedos, como ordenan las reglas de equitación.

Estribos de brasero. Son de plata, monumentales, parecidos á un braserito en la parte donde descansa la planta del pie. *Estribo de monte*: con una suela triangular que cubre por delante la armazón del estribo para resguardar el pie de las espinas del monte.

Para el estribo ó *del estribo*. La copa, el mate ó la invitación final que se hace al viajero que está á caballo ó con el pie en el estribo.

Estrilar. Rabiar, enojarse.

Estrilo. Rabieta.

Estruendo. Cohete tronador.

F

Facón. El cuchillo del gaucho porteño; el que pudiera llamarse su sexto dedo, pues con él corta pan, carnea la res, limpia el caballo, pulimenta las tiras de cuero con que hace sus *guasquitas*, y se defiende de sus enemigos. Llévanlo envainado en cuero ó en plata según el rumbo de cada cual y se lo ciñen á la usanza marinera, es decir al riñón izquierdo.

El *puñal* es arma más fina que el facón. Suele ser de rico metal y de elegante empuñadura, generalmente en forma de pomo ó ∽ (ese doblada): de ahí la expresión « *sumir el puñal hasta la ese* », que corresponde á la nuestra: hasta las cachas ó hasta los gavilanes.

Pelar el facón es servirse de él; y á fe que el gaucho es tan diestro en la esgrima de esta arma como nuestros gitanos andaluces. No es raro ver en pulperías, riñas de gallos, velorios, carreras de caballos, juegos de taba y demás diversiones en que se reune la gauchada, no es raro ver dos rivales que se acometen cuchillo en mano y el poncho arrollado al brazo izquierdo á guisa de escudo.

Los facones varían de tamaño y algunos dan quince y raya á las famosas navajas de Albacete.

FALACIANO (Papel). Papel chupón y papel de estraza.

FALCA. Alambique pequeño y muy manuable.

FALUCHO. Pendiente ó arracada de oro en forma de trébol, con tres perlas.

FALLA. Falta (arcaísmo en hora buena redivivo en América).

FARANGUEAR. Esquivar el cuerpo, dar un esguince.

FARDADO (Bien ó mal). Bien ó mal trajeado, vestido.

FARIÑA. La raíz de la yuca (véase YUCA) contiene un jugo venenoso de principio deletéreo, muy volátil, que desaparece por medio de la torrefacción. Esta raíz reducida á polvo se llama harina de yuca, harina de mandioca ó *farinha* en brasileño, uno de los alimentos más nutritivos del oriente por la mezcla de almidón, de fibra vegetal y de materia extractiva que contiene.

FAROL. *Gabinete* en Bogotá. Mirador ó balcón saliente con caja de cristal.

FARRA. Diversión. *Farrear*, echar una caña al aire.

FARRUTO. Enclenque; de alfeñique.

FIEBRE. He aquí una palabra que con no ser nueva ni mucho menos, conviene hacerla presente y adjuntarla en el « vade mecum » de todo europeo y no europeo que viaja por los países cálidos de la América del Sur. Como ahora la fiebre amarilla, que no se conocía en la época de la conquista, fueron antes las fiebres perniciosas el terror de los primeros españoles en América hasta el hallazgo de la quina. Hay fiebre amarilla ó vómito negro; fiebres biliosas ó continuas (tifoidea, puerperal, de las viruelas, etc.) y fiebres intermitentes que después de declararse cesan y vuelven á manifestarse por veces, de tal modo que las alternativas de reaparición y cesación se efectúan en tiempos regulares. En lenguaje vulgar los criollos distinguen muy mucho entre fiebre y calentura. Esta última es sinónima de cachondez ó erotismo.

FIERO. Feo, que no es palabra usual entre los criollos. Acepción que se ha olvidado en la Península:

Y pues quien te trae al lado
es hermoso aunque sea fiero,
poderoso caballero
es don Dinero.
(Quevedo.)

Engañarse fiero: malamente, de cabo á rabo.

FIESTAS CÍVICAS. Las naciones americanas como países nuevos son muy amantes y celosas de sus glorias patrias. En la Argentina se celebran como fiestas patrias, el *Veinticinco de Mayo* (de 1810) y el *Nueve de Julio*. En Bolivia: el 6 de Agosto, aniversario de Junin y de la constitución de la República; pero cada departamento celebra otras fechas memorables: Chuquisaca el 25 de Mayo; La Paz el 16 de Julio; Potosí el 10 de Noviembre; Cochabamba el 14 de Septiembre; Santa Cruz el 24 del mismo mes.

FILA INDIA. La que los indios de las selvas, andando de uno en uno, forman en sus marchas y expediciones. Táctica aconsejada por la necesidad, pues de otra manera no se puede andar á través de las ramas, lianas y arbustos que obstruyen el camino del *monte*. Á vanguardia van los mocetones y jefes de la tribu quebrando ramas, ó cortándolas si conocen el hierro, para dejar paso libre á las familias. Véase QUEBRADO.

FILIBUSTERO. Según unos, como Mauricio Saint-Aguet, que les ha consagrado toda una epopeya, viene del inglés *free*, franco, y *broter*, pillo. Según otros, como Sablier, deriva del flamenco *wlibot* ó *flibot*, nombre con que se designaba un pequeño barco propio para excursiones piráticas. Ésta parece ser la etimología verdadera, ya que los primeros filibusteros se establecieron en las colonias ho'andesas, donde era corriente la palabra *wlibot*. Posteriormente estos aventureros se dividieron en bucaneros (*boucaniers*), ocupados en la caza de puercos y toros salvajes y en la venta de los cueros *boucanés*; en agricultores y filibusteros propiamente dichos ó navegantes y hombres de acción.

FILLINGO ó fichingo. Cuchillo pequeño.

FINCA. Por antonomasia, el establecimiento rural destinado á la explotación agrícola. Véase ESTANCIA.

Firulete. Adorno, requilorio ; dibujos en cosa ó persona.

Fiscal. Indio boliviano que por turno entra al servicio doméstico del cura.

Flauchín. Flacucho (flacuchín ó flautín).

Flete. Caballo brioso, corredor. *Flete chapeado* es el caballo del gaucho porteño con montura chapeada de plata.

Flor (De mi). Como mil flores ; excelente, muy bien. Así : Pingo *de mi flor* (caballo soberbio) ; *baila de mi flor* : baila como una peonza, etc. Es frase castiza española.

Floripondio (*Datura arborescens*). Arbolito (no arbusto como escribe la Academia) de la flora americana, que da una flor gamopétala andrógina, de varios colores, pero generalmente blanca. Dicen en Bolivia que esta flor es « la enamorada de la luna », porque cuando este astro está en su plenitud, aquélla exhala su mayor fragancia. Á la larga este olor es dañino, pues exerce acción sobre el sistema nervioso, como todas las plantas del género *datura*, debido á la *daturina*, alcaloide cuyos efectos son los mismos que la terrible « atropina », alcaloide extraído de la belladona.

Fluminense (La ciudad). Rio Janeiro ; así como *fluminenses* á los naturales de esta capital.

Fogaje. Bochorno.

Fojas (Ponerse á). Discutir, en términos curiales.

Fondo. Método ó procedimiento de beneficiar los *negrillos* ó sulfuros de plata, inventado por Don Álvaro Alonso Barba, cura de San Bernardo de Potosí, que juntamente con el « método del patio » practicaban los antiguos mineros de esa ciudad del Alto Perú, hoy Bolivia. Ambos métodos, además de tardíos, ocasionaban gran pérdida de azogue y de plata, no precisamente porque se perdiera *casi una tercera* parte en las *relavas* (véase Amalgamación), sino porque no se conseguía extraerla de todos los minerales. Así y todo, fué un gran adelanto metalúrgico para la época en que se produjo.

Forado. Agujero.

Forrado. Estafermo ; monigote de palo.

FRANCÚCU. Casta de gallo rabón que se desarrolla mucho, aunque resulta flojo para la pelea.

FRANGOLLAR. Disimular. También, hacer las cosas á la ligera.

FRANGOLLO. Cocina pobre y ligera. Caldo de maíz.

FRANGOYADOR. Domador de poco mérito, entre los gauchos río-platenses.

FREGUÉS. Voz portuguesa : feligrés ó cliente. Individuo al que el barraquero del Beni habilita para la pica de goma, dándole víveres y arrendándole *estradas*, de cuyos gastos se cobra con la goma que aquél le entrega. Hay fregués que trabaja solo y otros que tienen mozos á su servicio. La diferencia, pues, entre el fregués y el mozo ó peón, es que éste trabaja por un salario y aquél por contrata y por su cuenta.

FRONTINO. De cara blanca ó alba frente: nombre del caballo que tan caro le costó á Bradamante. — Todo animal con manchas blancas en la cara.

FRUTA. El aprisco ó abridor, por antonomasia.

FRUTILLA. La pesa.

FRUTOS. En la provincia de Buenos Aires se comprenden por frutos del país, los cereales y los residuos y productos de un animal (cueros, lanas, huesos, sebo, etc.). En los demás países hay frutos menores y mayores. Los primeros son las plantas alimenticias que se usan para el consumo diario. Los segundos son el café, cacao, algodón, añil, azúcar y tabaco.

FUNDIDO. Hundido, tronado, en quiebra. *¡ Me fundieron !* dicen con mucha propiedad tahures, candidatos, pleitistas y demás gente criolla á la que salió mal un asunto ó negocio.

Que *fundirse* viene de hundirse y no de fundir, lo prueba este pasaje entre tantos otros : « El remedio de nuestros males é las fortalezas de nuestros mayores ya se fundieron » (*Oliveros de Castilla*, cap. XV).

FUSTÁN ó centro. Enagua. Las cholas bolivianas del interior usan polleras cortas como las aldeanas de Soria, apuntando por debajo el filete del fustán ó centro, lo único limpio que llevan,

pues á excepción de la pollera superior, llevan á modo de guardainfante cuatro ó cinco polleras viejas y nauseabundas que les sirve de cama y paño de limpieza. Sin que esto quiera decir que no haya cholas que dan el opio por lo pulcras y atildadas.

FUTRE. FUTRAQUE. Lechuguino del Plata.

G

GABAZO. Bagazo, la caña de azúcar exprimida.

GACHUPÍN. En lenguaje mexicano, hombre que lleva calzado con punta ó que pica, aludiendo á la espuela. Andando el tiempo, este nombre indígena vino á darse á los españoles en toda la América, alternando con los de chapetón, godo y gallego.

GAJO. La barbilla ó *menton*.

GALEONES. Navíos que llevaban á España los tesoros del Perú y Sur-América. La flota hacía el viaje de México. Galeones y flota se equipaban y montaban en Sevilla y Cádiz, únicas plazas en las que los castellanos y los Fugger, arrendatarios de las minas de Almadén por Carlos V, tenían el privilegio de traficar con las colonias. Por la ordenanza de 1765 se extendió á 12 puertos de España la facultad de comerciar con éstas; y en 1774 se permitió la libertad de comercio á las colonias entre sí.

GALERA. El sombrero de copa alta ó *chistera*.

GALPÓN. Cobertizo para preservarse de la intemperie, ó almacén para guardar cereales, cueros y ganado. Es voz antigua: « Y los ídolos estaban en aquel *galpón* grande de la casa del sol » (Licenciado Ondegardo, *Relación segunda*). — *Ovejas de galpón*, de *medio galpón* : finas y semi-finas.

GALLEGO. Piropo que en estos países dan al español peninsular. — *Mesa gallega*, el que en una mesa de juego hace limpia ó desbanca á puntos y banquero sin dejarles blanca.

GALLERA. Recinto para riña de gallos. Véase GALLO.

Gallinazo. Vultúride que según las provincias se llama jote, sucho, ciudadano, urubú, etc. *zopilote* en México; *chulo* en Perú; *aura tiñosa* en Cuba; *carranco* en el Paraguay. En todas partes es el agente de limpieza en campos y ciudades.

Gallo. Los gallos han dado origen en América á una porción de derivados.

Gallo policial, el agente de orden público. — *Ser gallo*, ser avispado, competente para algo.

Gallito (El). Antifaz que termina en una especie de cresta de gallo con un agujero por el que respiran los indios en los trabajos de amalgamación de la plata. — *Gallero*, dueño de un gallo de pelea. — *Gallera*, canche ó reñidero de gallos.

Riña de gallos. Los gallos de pelea se preparan en lugares limpios de yerba cuidando de que no los moje la lluvia y de que no beban, pues así como el maíz no les aumenta el peso, por el momento, sí el agua que beban. Tampoco se les permite juntarse á las gallinas ; de suerte que van á la muerte adornados con todas las virtudes del guerrero antiguo : la sobriedad y la pureza. Antes de la lucha se pesan á razón de libras y onzas, y así se dice : « Pesa el colorado 3 y 7 onzas. » Esta operación se hace ante un jurado encargado de precisar las cifras, de concertar la lucha y arreglar cualquiera dificultad á guisa de árbitro componedor. Á veces no se pesan los gallos y se lidian por cabeza y pata. Equilibrados los sacos que contienen á los combatientes, anúnciase la pelea, enguántase á éstos un par de afilados espolones, se les lame las espuelas y la cabeza para cerciorarse que no llevan veneno ó cierto unto que postre al contrario y se les arroja á la valla azuzándolos con palabras y ademanes. Preside el espéctaculo la autoridad ó el juez nombrado por los aficionados. Una riña de gallos es un cuadro criollo rico de color, de vida y...de emociones cuando se apuestan cientos y miles de pesos por el gallo giro ó por el quinacho, y luego resultan pataleando y vencidos.

Gambeta. Esquince ó vuelta rápida cuando se esquiva una

agarrada, como hace una persona ó un animal á punto de ser aprehendido. Úsase también *gambetear* por hurtar.

GANGOCHO. Saco ó bolsa hecha de « juto » ó cáñamo y que en otras provincias llaman *cotensio*.

GARABINA. Futeza ó garambaina.

GARABITO. Otro nombre del « atorrante » ó bohemio del Plata.

GARAIPÉ. La corteza de un árbol del mismo nombre, que reducida á cenizas se mezcla con el barro para convertirlo en *tacupé* y proceder á la fabricación de un ladrillo enlosado tan bueno como el de Santa Ana de Mojos.

GARANTIR. Verbo defectivo de la tercera conjugación del que los americanos, singularmente los argentinos, derivan las formas *garanto*, *garanta*, etc.

GARAVATÁ. Chaguar (Bromeliácea). Especie de pita muy estimada por ser de hoja textil. Varias especies y todas notables por la vistosidad de la planta por sus varas rojas brotando del centro y su hermosa flor blanca.

GARBEAR. Lloviznar. Véase GARÚA.

GARIFO. Palabra muy castellana, pero que pocos peninsulares conocen y menos aún emplean : vivo, listo.

GARITEA. Chata toldada ó sin toldo, del poste de una chalupa, de 25 á 30 toneladas, que navega por los ríos de la cuenca boliviana del Amazonas. Véase EMBARCACIONES.

GARNICA. Guindilla ó ají verde muy picante.

GARÚA. Calabobos; chilche; *chinchín* en Cuba; *sirimiri* en las provincias vascongadas; *orbayo* en Asturias.

GARRAPATA (*Ixides ricinus*. L.). Aracnido acarideo. Especie de arador del tamaño de una lenteja que vive en las hojas de los árboles y entierra la cabeza en la piel de personas y animales, reforzándose con los ganchos de que están provistas sus patas, con tanta tenacidad que si se tarda en sacarlo, atraviesa la epidermis originando un fuerte escozor y luego una llaga de duración. Se las destruye con fricciones de infusión de tabaco, de

kerosen ó de pomada mercurial. Las garrapatas pequeñas llámanse *polvorines*.

Garronuda. Palmera (*Iriartea Orbignana.* Martius). Llámanla *vichiri* en el Beni; *zemcuda* en Chiquitos, y *Vinte-pes* los brasileños á causa de la estraña configuración de sus raíces, las cuales desde la altura de tres varas sepáranse unas de otras á medida que se aproximan al suelo y sostienen el tronco, liso y empinado, á manera de trípode. Remata esta gallarda palmera un penacho de pencas recortadas. Los *pausernas* de Chiquitos utilizan las raíces espinosas á que antes se alude, para rayar la yuca.

Gatas (Á). Casi, apenas. Ver, oir, librarse á gatas: casi, casi librarse, oir ó ver.

Gatear. Hacerle los bajos á una bella. Cortejarla.

Gatera. Del quichua *catto*, mercado. *Regatona*, recovera ó verdulera de Sucre y Potosí.

Gato. Baile favorito de los gauchos porteños. Es baile suelto que requiere mucha gracia y soltura. Es con « relación », es decir que en cada compás, pára la guitarra y la pareja envida coplas alusivas á la fiesta, á la concurrencia ó á los afectos que mutuamente se tengan. Algunos jóvenes aprovechan la « relación » para declararse á sus « morochas », quienes tienen un arsenal de coplas para contestar lo que convenga.

Gaucho. Nombre que según algunos deriva del árabe *chaouch*: pastor ó conductor de rebaños que suena *chàucho*. En Andalucía y Valencia, añade Ebelot, con la ligereza característica de los turistas franceses, llaman *chauchos* á los pastores de grandes rebaños. Gaucho, en definitiva, es el campesino de la Argentina. El gaucho porteño que ha vivido en íntimo contacto con los indios, aliándose con sus hijas y viviendo en sus tolderías, ha tomado de ellos sus armas: el lazo y las bolas, y el clásico *chiripá*. Su carácter ofrece una mezcla de bien y de mal, de vicios sin freno y de cualidades meritorias. Es indolente, pendenciero, jugador, borracho, cruel, orgulloso y temerario; pero fiel hasta la muerte á un amigo ó patrón de su agrado. Por un quítame allá estas

pajas, anda á cuchilladas, á lo que contribuye no poco el que desde su infancia tiñe las manos en sangre de animales en las matanzas ó *carneadas* de hacienda, acostumbrándose después sin gran trabajo al color de la púrpura humana. En las otras provincias argentinas donde el campesino es fruto híbrido de la raza indígena que dobló el cuello á la esclavitud, el gaucho aunque de costumbres parecidas al del porteño, dista mucho de éste, el verdadero tipo de la « cavallería rusticana » en estos países. Con lo dicho se deja entender que el moderno gaucho ya no es « el eslabón que une al hombre civilizado con el hombre salvaje, sin ser ni lo uno ni lo otro », como lo define Magariños Cervantes.

Gavilanes. El casco del caballo consta de *candado* y *gavilanes*. Son éstos la eminencia córnea de en medio ; así como el candado la elipse donde se ajusta la herradura.

Gaviota de río. La del género *sterna* que se ve en los ríos del interior á muchas leguas de la costa. « *A las gaviota* », tomar las de Villadiego.

Getapú. Cuña. Cualquier objeto que al pie de una silla ó mesa ó mueble, sirve para establecer el equilibrio.

El amor que me taladra
necesita *getapú* ;
viviremos si te cuadra
cual bibosi y motacú.

(Copla cruceña.)

Gipuri. El nervio central de las hojas de palmera y de la yuca.

Giro (Gallo). Casta de color amarillo con alas grises, indicio de valor y fortaleza á juicio de los aficionados á la gallomaquia.

Gisumí. Sobre un huevo pone la gallina, y aquél que se le deja en el nido para que siga poniendo, lo llaman *gisumí* en Santa Cruz.

Gofio. Comida de los isleños de Canarias y también de estos países. Véase Esperado y Lahua.

Golilla. Chalina que se pone el gaucho encima del poncho. — *Andar de golilla*, « andar de florcita », de picaflor ; aludiendo á que la golilla es uno de los trapitos de cristianar.

Goma. Véase Siringa.

Goteras (Las). Los arrabales ó afueras de la población.

Granza (Una). Un poco, una menudencia.

Grato, a. Agradecido, obligado. « Le estoy á V. grato por tal cosa. » Es la fórmula corriente.

Guá. Interjección de asombro muy usual entre los criollos de los departamentos quichuas. Va siempre sola, á diferencia del ¡ guay ! citado por Bello ; ni tampoco sirve para significar una sorpresa irrisoria, á lo menos en Bolivia donde la he oido emplear en casos muy diversos. Equivalente á ¡ guá ! es el *jáu* de los indios del Oriente.

Guaba. Véase Pacay.

Guacanqui. Epiteto familiar con que se designa por la indiada de La Paz á la moneda de plata de un boliviano. — Subidas y bajadas en las cuestas de algunas lomas, en donde el camino suele ser muy enjabonado á causa de estar cubierto de una arcilla colorada ó amarilla, blanda y resbaladiza como jabón. *Guacanqui* quiere decir : llorarás (en quichua) y de veras que estos guacanquis están para hacer llorar de rabia á los viajeros.

Guacurú (*Statice Brasiliensis*). Plombagíneas. Vegetal de raíz rica en tanino ; tónica y astringente. — Ave nocturna de los bosques del Oriente, de canto parecido al del cuclillo.

Guacurúes. Indios que ocupan los terrenos bajos del Pilcomayo inmediatos al río Paraguay. Aunque en estado de barbarie, mantienen algún comercio con los blancos.

Guacherpo. Animal de mucha barriga.

Guachachear. De *guacháchi* : empujar, en quichua. Dar empujones.

Guacho. Persona y animal expósito. *Guancho* en Colombia.

La « oveja guacha » ó la « ternera guacha » suelen ser el patrimonio de los hijos del estanciero que las cuidan y regalan. — « Huevo guacho », el que no incuba la hembra. Es voz tan generalizada entre los campesinos americanos que apenas si entenderán la voz « expósito ».

Guagua. Infante, niño. Voz quichua.

Guáico. Voz quichua, muladar. Quebrada ú hondonada en las goteras de la población, destinada generalmente para depósito de la basura.

Guáiño. Voz quichua, de *huañin*, muerto. *Triste* ó *yaraví*. Canción popular boliviana, como el *bambuco* de Antioquia y la *vidalita* de Santiago del Estero.

Esta melodiosa y tierna música (escribe Cortés) es casi siempre por término menor, pasando muy rara vez al mayor, en cuyo caso el grave bemol, el dulce sostenido y el agradable becuadro son los que entran en su composición que admite prodigiosas apoyaturas, oportunos ligados, calderones y los más primorosos trinos. Así, no tienen un compás determinado, ni arreglado á los principios estrictos de la música, aunque hay algunos de 3 × 8, 6 × 8 y 3 × 4. Se puede decir que son caprichos ó fantasías musicales. Consiste su principal mérito en la estrecha y admirable armonía que guarda la música, que llaman « la tonada », con los versos que tienen el nombre de « letra ». Las penetrantes y sentidas notas del *yaraví* llenan el alma de mil inexplicables tormentos, hasta cierto punto dulces y gratos, porque nacen del amor. Se canta generalmente el *yaraví* al son de la guitarra entre dos personas, una de las cuales lleva el alto y la otra el bajo. Cuando las personas que lo entonan son objeto de la adoración de algunos de los oyentes, su alma se ve inundada por tormentos del más entusiasta amor ; el *yaraví* en alta noche sirve de serenata y hace despertar dulcemente al que se dirije. El metro empleado en la letra de los *yaravíes* es por lo común el de seis y ocho sílabas, ya en cuartetos, ya en quintillas, ya en octavas ó décimas con glosas. Es muy común cuando se usa del octosílabo, poner después de cada dos versos uno de cinco sílabas, llamado pie quebrado ; el que hace un importantísimo papel, pues al entonarlo se hacen trinos y apoyaturas de una inexplicable dulzura.

Y ahora vaya de mi cosecha uno de los yaravíes ó guariños más en boga que se cantaba en Sucre, durante mi larga estancia en esta hermosa ciudad :

Cuando vayas á Roma,
¡ mi palomita !
dile á León trece
¡ ay mi vidita !
que baile un bailecito
¡ mi palomita !
si le parece.
¡ Por vos, vidita !
si le parece, si,
canta y no llores,
que cantando se alegran
los pecadores.

¡ Es un guaiño ! es una confusión, una algarabía ; por el barullo de gente alegre que se pasa la noche cantando guaiños á la luna.

GUAIQUEAR. Voz quichua. Sorpresa poco agradable de muchos contra uno solo en detrimento de las espaldas del infeliz.

GUAJOJÓ. Es el *Urutaú* llorón de Guido Spano. Pájaro conirrostro que canta lúgubremente en las noches de luna.

GUALAICHO. Voz quichua. Mal criado, sucio.

GUALICHO. Véase HUALICHO.

GUALUZA. *Tayá* en Santa Cruz. Especie de papa de gran tamaño y de gusto parecido al boniato.

GUALLATA. Voz quichua. Pato grande.

GUAMPA. Aspa ó cuerno para recipiente. Así : *guampa* de sal ; *guampa* de agua, etc.

GUANACO. Voz quichua (*Camelus guanacus*. L.). Venado de las pampas y travesías andinas. — Parásito arador cuya picadura produce tumores malignos.

GUANAEÑOS. Véase LECOS.

GUANCACO. Palo que se ata á la cabeza del animal para mejor aguante del domador.

GUANEAR. Ensuciarse.

GUANO. Voz quichua : estiércol. Abono que proporciona el

depósito secular de excrementos de las aves marinas en dos islas del Pacífico vecinas á las costas peruanas, en forma de colinas de apariencia arenosa y amarillenta, con fuerte olor á amoniaco. Estos depósitos no requieren otra operación que llenar los sacos en las *covaderas*, como en un granero, y vender el guano por miles de toneladas á los especuladores que de todos los puntos del globo vienen en busca de este precioso abono agrícola. La fama del guano la divulgó el sabio A. de Humboldt á la vuelta de su viaje á América, y desde estonces se usa en la agricultura. El guano es ceniciento, rojizo ó amarillento; de sabor salado y olor amoniacal. Contiene ácido úrico, uratos, fosfatos de amoniaco y de magnesia, materias grasas, etc. Por experimentos hechos con guano procedente de las covaderas de Chinchas y Mejillones, está probado que un metro cúbico de guano produce en los cereales más efecto que cincuenta de estiércol de corral.

Guao ó Guaco (*Micania Guaco*. Humboldt). Planta trepadora de las Epatorias que crece á orillas de los ríos y tiene fama de preservar del veneno de las serpientes.

Guapo. Usado únicamente en la acepción de valiente y animoso para el trabajo. Los criollos llaman *compadre* ó compadrito al que nosotros guapo ó matón; y *lindo* á lo guapo, hermoso.

Guapomo. Vegetal de dos clases, de bejuco y de arbusto. Da un fruto redondo, amarillo cuando maduro, con tres ó cuatro semillas en una pulpa muy azucarada.

Guapurú (*Mortus guapurú*). Árbol de la flora cruceña, cuyo fruto del tamaño y gusto de la ciruela, sirve para fabricar un vinejo muy aceptable. El fruto del guapurú se produce de un modo extraño. No adherido por un pedúnculo al árbol, como sucede en la mayor parte de los vegetales, sino que aparece pegado á la superficie del tronco y de las ramas gruesas del árbol, á la manera que las lapas ú ostras á la roca. El tronco de un guapurú cargado de fruta, parece un árbol cargado de viruelas, pero estas viruelas son la exquisita fruta á que antes se hace referencia.

El cacao produce sus frutos de idéntica manera. — « Medio providencial (añade un misionero noticioso) que la naturaleza emplea para conseguir que el agente de la propagación y diseminación llegue á madurar, mientras en las ramas está expuesto á caer en verde cuando éstas chocan entre sí durante los vientos fuertes reinantes en esta región. »

GUAPURUCITO ó Yerba mora. Muchas especies : *solanum biforme folium, nigrum, saponaceum*, etc.

GUAQUI ó HUAQUI. Voz quichua : « dame un poco. » Título de Castilla concedido al general Goyeneche por la batalla de ese nombre (16 Mayo 1816) en el Alto Perú, hoy Bolivia. Huaqui es un cantón de Pacajes, á 18 leguas de la ciudad de La Paz.

GUARACA. Voz auca ; *huará* : pava (Penélope). Pava de monte de color rojizo. Color análogo en ciertas caballerías.

GUARACHA. Barbacoa, chapapa, tendal.

GUARAGUA. Adorno ; *firulete* en Buenos Aires.

GUARALEVA. Voz quichua. Así llaman los criollos en Chuquisaca á los pobres de levita, y, por odio banderizo, los conservadores á los liberales.

GUARANÁ. Famosa bebida fresca de los brasileños y cruceños y aun del Centro América, preparada por la pasta de una planta de este nombre, de la especie *Paulinea Sorbilis.* (Martius) Sapindácea. La planta se siembra en almácigos y da una hoja como la de la coca. Los frutos se presentan en pámpanos de hermoso color rojo ; las almendras que contienen, casi del tamaño de avellanas, son las que, en estado de madurez, se tuestan, se machacan (quitándoles antes las simientes) y luego de amasadas con agua vuélvense á tostar y se ponen á endurecer en el horno, ó bien pónense los bollos en tendales para ahumarlos y endurecerlos. De ahí sale el guaraná preparado en forma de tortas ó cilindros de color rojo ó ceniciento, tan duras que hay que limarlas para servirse de ellas. Es de sabor amargo, por lo que se acostumbra dulcificar con azúcar al echar el agua. Ésta decanta el guaraná, bastando dos cucharadas del polvo para preparar una

bebida refrescante y tónica en extremo por la teína que contiene el doble del mejor té negro, y cinco veces como el café. El guaraná, así empleado, se usa en el Brasil y Oriente de Bolivia, donde lo conocí, como el cúralo todo, tomado sobre todo en ayunas ó con el estómago vacío. En el Bajo Amazonas, en Silva, Parentins y Santarem (Pará) se cultiva el guaraná por los indios mundurucús ya civilizados y famosos cazadores. Estos indios lo usan comiendo los granos y como brevaje para cobrar fuerzas en sus fatigas cinegéticas. Lo llaman *cupana*. Los indios guaraníes del Paraguay y Bolivia son los que más han divulgado el uso del *guaraná*, anunciándolo como panacea en los países que recorren para su expendición.

Guarango. Del quichua, *huaranac*: sans-culotte. Muchacho sucio y zaparrastroso. Voz familiar muy usada hasta en la provincia de Buenos Aires.

Guaraní. Voz quichua, de *huara*, calzón; *ni*, sin. Hombre sin calzones, porque fueron los primeros hombres desnudos que los guerreros peruanos tuvieron ocasión de ver. La misma etimología conviene á los *Guarayos*. El guaraní es el *tupí* ó « lingoa geral » del Brasil. La hablan con pocas variaciones los indios paraguayos, los chiriguanos y guarayos de Bolivia, y son muchísimos los nombres geográficos sur-americanos que de ella derivan: *Paraná*, río grande; *Uruguay*, río de los pájaros; *Paraguay*, río de las flores, etc.

Guarapo. El jugo de la caña dulce exprimida en el trapiche y la bebida fermentada que del jugo se hace.

Guarapón. Sombrero de fieltro de anchas alas.

Guarapona. Sombrero aludo ó *guarapón* que usan las mujeres del campo para preservarse del sol.

Guarayos. Indios de las misiones de este nombre, de raza guaraní.

Guardamonte. Guarnición ancha de cuero crudo, bien sobado, puesto á la cabeza del « recado » y delante del « guancaco » para resguardar las piernas del ginete de la maleza del monte, en la

condición del ganado. Los historiadores argentinos aseguran que la visión de los gauchos tucumanos, de guardamonte y lanza, influyó no poco en la rota de los realistas en Tucumán y Salta.

GUARGUERO. El garguero ó esófago.

GUARIFLE. Delicioso néctar compuesto de huevo batido con molinillo en agua caliente, más azúcar, canela y un tantico de cognac.

GUASCA. Tira de cuero para soga, riendas, etc. Es voz quichua que significa « voga y cordón ». De ahí viene llamarse Huáscar al hijo legítimo de Huayna Cápac. Al nacer príncipe, su padre mandó hacer una cadena de oro de 700 pies de largo y de muchos quintales de peso, proporciones enormes que valieron al recién nacido el nombre de Huáscar, como si dijéramos Torcuato, cuya etimología romana corresponde á la quichua Huáscar. Esta famosa cadena de oro es la misma que la tradición asegura estar en el fondo del lago Titicaca.

GUASO ó HUASO. El paisano de la provincia argentina de Santiago del Estero, correspondiente al gaucho de otras provincias.

Nombre del gaucho chileno que no hay que confundir con el *roto* (véase ROTO). En Buenos Aires *guaso* es sinónimo de *guarro* ó persona sucia y mal educada.

GUATA. Véase HUATA.

GUATEA. Asado con cuero á la usanza salteña ó de la Provincia de Salta (Arg.).

GUATO. Cualquiera soga que sirve para atar algo.

GUATOCO. Voz quichua. Persona ó cosa pequeña y *petacuda*. — Plátano fino y gustoso como la mantequilla, de mata pequeña y racimo pesado y rastrero.

GUAYABO (*Psidium guayaba*. Raddi). Mirtáceas. Árbol de 18 á 20 pies de altura, cuyo fruto es la *guayaba*, amarillo cuando maduro, de pulpa rosácea de la que se hace la dulcísima « guayabada ». La madera del árbol llámase en Europa *palisandro*.

GUAYACA. Voz quichua. Bolsa, tabaquera y monedero.

GUAYACÁN (*Guajacum officinale*. L.). Rutáceas. Árbol corpu-

lento de flores amarillas que resaltan hermosamente en el verdor de la floresta americana, y rinde la goma llamada *guayaca* en el comercio. En las provincias del norte de la Argentina goza fama el guayacán de preservar del rayo. Con su madera se hacen vasos, tazas y bastones muy estimados por la dureza, finura y aroma de la madera. Véase PALO SANTO.

GUAICA. Cada una de las cuentas del rosario (voz quichua).

GUAZUMA. Olmo americano.

GUEMBÉ. Bejuco del género philodendron ; fuerte y resistente como que sirve para atar vigas y campanas en muchos pueblos del Oriente. Como planta trepadora se abraza á cualquier vecino por corpulento que sea, subiendo cada año sus nervios pero cambiando de tallos, los cuales aunque prendidos de los nuevos, descuelgan sus bejuquillos hasta echar nuevas raíces en tierra. De esos nervios salen otros nuevos, siempre de arriba abajo, de manera que con el tiempo la planta ofrece el aspecto de una ancha cabellera que cuelga con simetría y majestad desde una altura de veinte y más varas. Estos hilos ó bejucos son los que se aprovechan para amarrar y colgar objetos pesados, pues además de su fortaleza es incorruptible. El *güembé* se conoce á simple vista por su fruto parecido á una mazorca de maíz sin chala, con granos que en color y sabor los encuentro pariguales á los de la granada.

GÜIRO. Aquí es el tallo verde de maíz que come el ganado con fruición.

GUITARRA. « Otra cosa es con guirarra », refrán río-platense equivalente á : No es lo mismo soplar que hacer botellas ; Del dicho al hecho, etc.

GURDA (Andar á la). Á la gorda ; estar *platudo*.

GURRUMINA. Persona pusilánime, timorata. Zangolotino. Sociedad de gente cursi ó *piciústica*.

GURUPÍ. Individuo que en los remates públicos y subastas á pliego cerrado, puja el valor de la subasta, de concierto con el *martillero* ó con el interesado. — *Juanillo* en Bolivia.

H

HABAS. La dilatación ó ensanche del calzado del lado del meñique y que efectivamente simula al bulto del haba.

HABLANTÍN, A. Hablador, parleta. *Más hablantín que catita* : charla más que una cotorra.

HABER. Sinónimo de estar en muchos puntos del departamento de Santa Cruz de la Sierra. Ej. : « ¿ Está Juan ? — No hay. — Tráeme el sombrero. — No hay. » Es decir, no se encuentra ó no está donde se puso.

HACER. Es común entre los criollos, aun entre los letrados, que *hacer* aplicado al transcurso del tiempo, deja de ser impersonal, tomando el tiempo mismo por sujeto. Verbi-gracia : *Hacen seis años, hacen tres días* que aconteció tal cosa. Tal cual pasaje en este sentido, citado por Bello, encuéntrase en nuestros clásicos, pero el mismo gramático reconoce que es un yerro chocante y que mejor dicho está « hacía ».

Hacer cabras á alguno = hacerle frente cara á cara, como cabra á otra cuando se topetean.

HACIENDA. El conjunto de bienes semovientes de una estancia, el cual se subdivide en especie caballar, vacuna y lanar.

Rodeo de la hacienda. La operación de juntar al ganado en un cerco ó corral, ya sea para vigilarla de más cerca, ya para recogerla de noche, ya para las *Ventas de haciendas*. Véase VENTA.

HAMACA. Cama-columpio, cuyo empleo ha aconsejado, á mi ver, antes la necesidad de preservarse de la humedad y de las sabandijas tropicales, que no el calor tórrido. La mejor parte de las tribus bárbaras del Oriente usan de este artefacto tejido de algodón silvestre ; y digo la mayor parte, porque los araonas del Beni, por ejemplo, no lo usan.

HAMACHIPEQUE. « Cabeza de pajarito » en aimará. Papa que tiene este parecido, de la que se obtiene una fécula excelente para panetela ó mazamorra de enfermos.

Hamachana. Especie de valeriana.

Hancara. Mate oblongo que sirve para platillos de balanzas rústicas ó improvisadas, ó bien para poner huevos.

Harabicus. Voz quichua: *harahuec*, cantor. Nombre con que se distinguían los vates durante el imperio de los Incas, y que significaba además en el lenguaje peruano, inventor. La voz de los *harabicus*, según el testimonio del Inca Garcilaso, se alzaba en los triunfos de las grandes solemnidades del imperio, y sus poesías estaban destinadas á perpetuar el recuerdo de las hazañas y de los acontecimientos nacionales.

Haráhui. Jaravi, canción ó triste. Véase Guaiño.

Harpia (*Falco destructor*). Soberbia falcónida, llamada *saluña* por los *yuracarés* de Moleto (La Paz) en cuyo territorio sucedió á D'Orbigny con una de estas aves la aventura que cuenta en su « Descripción de Bolivia ».

Harto. Adverbio de cantidad, entre mucho y demasiado. Así: Este árbol tiene *hartos* duraznos; fulano tiene *harta* plata, etc.

Hasta luego. El adiós de despedida en Bolivia, aunque no hayan de volver á verse ni en esta ni en la otra vida.

Hechizo. Arcaísmo cruceño: hechura. No hay que devanarse los sesos para conocer que « hechicero » deriva de hechizo en el sentido que dan los cruceños á esta palabra y que á mí sabe á gloria. Si todos los arcaísmos fueran como éste, hágase con ellos el milagro de Lázaro.

Hediondilla. Andreshualla y cestro. Familia solanáceas. Úsanse para baños en Santa Cruz sus hojas aterciopeladas verde y blanco mate. El baño resulta suavemente aromático, aunque el nombre de la planta huela mal.

Hembraje. Reunión de mujeres; así como *machaje* á la de hombres. En Buenos Aires es muy corriente decir macho y hembra, refiriéndose á personas, en ciertos casos, si bien no se ha llegado todavía á usar de estos términos en las estadísticas.

Herepo ó erepá. Es el nombre del *palo* de *poros*, ó sea del arbusto del que los indígenas de Mojos aprovechan los frutos para vasos,

botellas, platos y otros utensilios que también llaman *erepá*. Hasta en guaraní encontramos la palabra *irupé* ó plato en el agua, para designar la reina de los nenúfares ó Victoria Regina. Véase TAROPE.

Herepo, por consiguiente, es el mate ó poro de un tamaño determinado que sirve para sacar la chicha de los cántaros, llamado *marépi* en otra localidad, en Reyes. Sirve también para designar un mate de capacidad establecida que se emplea para medir las pepitas de cacao entre los indios mojeños. Es una medida equivalente á dos libras. Antes de que el dinero circulara en Mojos, el *herepo* servía de permuta para las transacciones mercantiles, como el *pecus* en Roma antigua.

HICANCHO. Ave.

HIERRA. La marca de novillos de una « hacienda ». Divertida fiesta criolla campestre. Acorrada la vacada después de un rodeo, los gauchos del pago y toda la peonada del establecimiento, á caballo todos, van enlazando reses remolcándolas al medio del campo. Aquí cuidan otros ginetes de derribarlas, *pealándolas* ó enlazándolas ó dándolas *pechadas*, aplicándolas, así que las voltean, el hierro candente con la marca del dueño, señalándolas las orejas, la campanilla, etc. y concluyendo por capar al novillo de un modo rápido y expedito. Durante la hierra, el estanciero acompañado de los invitados preside las distintas operaciones dando órdenes á capataces y peones y *mateando* en la rueda junto á la fogata donde están puestos á asar los menudos de la res y los suculentos « asados con cuero » para el festín de Camacho que á la hierra sucede. La carne no se economiza, tanto que cualquier novillo perniquebrado al ser arrastrado á lazo, ó muerto por los capeadores, se le carnea inmediatamente y sirve para el asado de la peonada; asado que amos y criados comen sentados sobre la yerba de la pampa regándolo con damajuanas de vino *Carlón* (Benicarló) ó francés, compradas al pulpero.

HOCO. Véase MUTÚN y JACÚ, Zapallo ó calabaza de primera calidad. *Anco* en la Argentina. *Hacerse el hoco*, rastrear, arrastrarse.

Hojeada. La primera hoja de la coca que se saca cuidadosamente.

Horcón. Palo rústico ó tronco de árbol que sirve de puntal para la armazón del techo de los ranchos ó cabañas americanas.

Horero. Horario del reloj, así como *momentero* al minutero.

Horma. Vasija cónica de barro, y en Mojos de cuero, muy grande, en la que se coagula el melado para su resolución en azúcar. *Horma de ley* : medida de capacidad para azúcar de 12 chipenos ó sea 24 arrobas.

Hormilla. Botón del calzón.

Hornero (*Furnarius rufus*. D'Orbigny). Hornillero en otras partes. *Tiluche* en Santa Cruz y Mojos. — Pájaro muy interesante por sus costumbres, y en especial por la inteligencia que demuestra en la construcción del nido, el cual tiene la forma de un horno con la entrada en curva reentrante en su lado inferior á manera de boca de caracol. Lo trabaja con barro, pajas y cerdas, colocándolo en los horcones de los árboles, en la punta de los postes telegráficos y en cualquier sitio prominente, como desafiando los vientos que efectivamente nada pueden contra la resistencia de la fábrica. Es muy querido de la gente campesina, la cual cree formalmente que el pájaro no trabaja en los domingos. Puedo comprobar que esto no es cierto, pues he tenido muchos horneros de vecinos en la campaña de Buenos Aires.

Huaca. En quichua, ídolo, cosa sagrada; pero el uso lo ha consagrado especialmente al montículo que revela la existencia de sepulturas indias. Son, pues, las *huacas*, cementerio de momias con idolillos y vasos de chicha. Estos sepulcros se reducen á paralelepípedos en forma de hornos, hechos de adobes tan fuertemente adheridos, que las inclemencias del tiempo nada han podido contra ellos, en muchos siglos, si bien algunos ya están sin techo. Las *huacas* están emplazadas en lugares eminentes, siendo notables las del camino de Oruro á La Paz (Bolivia) y las del valle de Rimac (Lima), verdaderas colinas artificiales que se suben á caballo y unidas entre sí por caminos cubiertos

entre paredones. Los quichuas enterraban á sus muertos doblándoles el cuerpo, ligándoles los muslos y las piernas y poniéndolos sentados en un cántaro, sin echarles tierra encima. El frío intenso de la sierra impedía la corrupción. Con ellos enterraban tesoros, tanto que de una sola *huaca* se sacó por valor de sesenta mil pesos oro. Según los teólogos, « ni el rey, ni los gobernadores tenían derecho al oro de las guacas porque no era adquirido por industria ni conquista, y que pertenecía á la iglesia porque estaba allí ofrecido por ritos religiosos. Que el tomarlo los aventureros era pecado mortal de hurto; que no podía haber salvación sin restituirlo y hacer penitencia ». De ahí vendrá la expresión aun boyante, *hacer guaca*, guardar ó depositar la plata. — Mi *guaca* ó mi *huaca*, mi hucha ó alcancía.

HUACA. Corrupción del castellano « vaca ». Así *Humahuaca*, cabeza de vaca, pueblo de la provincia de Jujuy.

HUACHO. Véase GUACHO. — Surco ó cavidad en que se pone la planta de la coca.

HUALICHO. Los indios pampas admiten un principio bueno llamado *Pillán*, y otro malo, *Hualiche* ó *Gualichú*. La morada de este genio maléfico es un árbol llamado del hualicho, que crece solitario en las llanuras pampeanas é imponente se destaca en la llanura con sus ramas casi siempre desnudas de hojas. El tal árbol suele ser un algarrobo secular, de tronco arrugado y torcido y copa ancha donde los indios cuelgan sus ofrendas. — *Tiene gualicho*, ser *jettatore*.

HUANCÁRA. Voz quichua. El tam-tam ó tamboril indio.

HUANDO. Angarilla.

HUANGUE. Género *Columba*. Paloma torcaz.

HUARI. Voz aimará; la vicuña. — Nombre de la célebre batalla del 26 de Septiembre de 1547 entre Centeno y Carvajal. Hoy es cantón de la Provincia de Omasuyos á 14 leguas de La Paz.

HUASI. Voz quichua : casa. Entra en la composición de muchas palabras que designan pueblos y casas. Así : *Ingahuasi*, casa del

inca ; *Mamahuasi*, casa materna ; *Corpahuasi*, hospital ; *Sankahuasi*, cárcel ; *Piñahuasi*, lugar en los ingenios donde se funden las piñas de plata, etc.

HUASO. Véase GUASO. — Cierto venado (la harina macho) de carne excelente. Véase HURINA.

HUAYNA. En quichua, mozo, mancebo. Huayna Capac, el XIII inca.

HUISU. Arado-azada que se impulsa con el pie puesto en un estribo o horcón que lleva en su cuarta inferior y empuñando el asta con las dos manos. De este aparato se sirven en Yungas para abrir surco en los rincones y porciones de tierra donde no puede entrar el arado.

HUATA. Voz quichua : año ; así : *Huata-mosoj*, año nuevo. — Las tripas o intestinos ; de donde el *saca huata* ó corvo de los rotos chilenos. — Por analogía, la guita ó cordel hecho de lonja de cuero, ó las fibras de cualquier textil. *Huata*. Aguas minerales á 3 leguas de Sucre ó Chuquisaca.

HUITOC. Solo por curiosidad tomo esta palabra quichua del « Diccionario Quichua-Castellano » por Fray Honorio Mossí, misionero : « *Huitoc*, fruta silvestre que ni es de comer ni otro provecho ; es de color, forma y tamaño de una berengena de las grandes, la cual partida en pedazos, echada en agua, dejándola estar así tres ó cuatro días y lavándose después con ella el rostro y las manos y dejando enjugar al aire, á tres ó cuatro veces que se laven, pone la tez más negra que la de un etíope ; y aunque después se laven con agua clara, no se pierde ni se quita el color negro hasta que han pasado diez días, y entonces se quita con el hollejo de la misma tez dejando otro como el que antes estaba. » Parece ser el *platanillo* de Santa Cruz que no hay que confundir con el *platanillo macho*, árbol frutal.

HUITORO. Pelota de goma y juego de los indios chiquitanos. Se juega en los tres días de carnaval. En la alborada del primer día cada parcialidad está alerta en el límite divisorio y al primer toque de campana se levantan con fuerte gritería y ruido de cajas, y

empieza el juego. La pelota está hecha con la resina del *mangaba* ó *peloto*. Se arroja la pelota al aire y los jugadores haciendo cuatro esquinas la recojen con la cabeza y se la van enviando de cabeza á cabeza, á cuyo fin brincan ó se arrastran para restar la pelota según el empuje ó la dirección en que venga, no siendo permitido en ningún caso tocarla con las manos. Es juego de mucha destreza y de sumo interés. Véase Butucú.

Hulincate ó ulincate. Variedad de durazno.

Humita ó huminta. Voz quichua. Maíz cocido en chala, choclo pisado mezclado con suero y leche de vaca, puesta la masa á secar en el horno. Sírvese envuelto en chala ó sin ella y es una golosina, especialmente cuando se le adereza con picadillo de aves, queso y especias y rocío de vino.

Hunco ó fullo. Poncho de lana sin flecos, que con el calzoncillo corto y ancho, á modo de zaragüelles, compone la vestimenta de los indios charcas.

Hurina. Especie de corzo de piel cobriza y animal domesticable. Es la hembra del huaso.

I

Idioso. Lunático.

Iguana (*Podimena Tiquexin*). Abundante en la zona tórrida é intertropical. Tan impropiamente como *Camaleón* en Santa Cruz de la Sierra, llaman *Iguana* en Buenos Aires á un lagarto muy grande de la Pampa que anida en las cuevas de las *vizcachas*. Los gauchos hacen sortijas con los anillos de la cola, llevándolos puestos como talismán.

Illa. Medallas y también monedas fuera de curso legal pero que suelen circular con demérito en Bolivia.

Imilla. Doncella quichua. La Maritornes de los hogares bolivianos en los departamentos quichuas.

Impávido. Del Capitolio á la Roca Tarpeya no hay más que un paso, y esto es aplicable á este vocablo que de valeroso y sin

miedo que significa en la Península, equivale en Bolivia á descarado é insolente.

Inca. Voz quichua que significa lo que en griego *monos*, de donde *monarca* é *inca*. En lengua *quiché* (nación anterior á la quichua), Inca suena lo mismo que « yo soy ». Los primeros historiadores escriben *inga*, dando á la *ge* el sonido gutural y duro de la « gain » árabe ; y con esta ortografía se conserva en el nombre de todos los compuestos en lengua peruana : Ingahuasi, Ingavi, etc.

Inca no era sólo el título del soberano indio del Perú, sino el de todos los nobles de sangre real descendientes en línea masculina del fundador de la dinastía, Manco Capac. En lengua pampa *huincá* significa extranjero y con este nombre se designa al blanco, como con el de *carayano* en el oriente de Bolivia. El último inca fué Sairi-Tupac XVIII, hecho cristiano con el nombre de Diego. Murió á los 47 años de edad, y dejó una hija que casó con Martín Díaz de Loyola, de quien descienden los marqueses de Oropesa y de Alcañices.

El glorioso nombre *Inca* sólo se conserva como tradición en algunas fiestas populares de los indios quichuas, implantadas con formas litúrgicas por los jesuitas, y toleradas por los gobiernos. Como prototipo de tales instituciones cítase la *Dinastía Nisia* en la ciudad de la Rioja, por ser un cacique de este nombre quien investido del nombre de *inca* y gran sacerdote, asistido por alféreces ó caballeros nobles, *cofrades*, *allis* ú hombres buenos, preside el primero de cada año la procesión del *Niño alcalde* ó Jesús, y de San Nicolás de Bari, su lugarteniente en la tierra. El Niño Jesús es llamado « Niño Alcalde » por haberse aparecido entre los *diaguitas* imponiéndoles la paz cuando éstos se sublevaron por las predicaciones del santo. Después de la procesión empiezan las fiestas profanas que se manifiestan en formas desbordadas y licenciosas, como suelen ser todas las expansiones indígenas.

Indio. Nombre, como es sabido, derivado del de Indias Occidentales que Colón dió al Nuevo Mundo y que debiera trocarse por

« amerindo », para evitar equivocaciones. Muchas y variadas eran las naciones indias que ocupaban los actuales territorios de Bolivia y de la Argentina, algunas de las cuales se conservan por su alianza con los conquistadores y otras han mudado de residencia ó emigraron por no rendirse á la servidumbre. En la Argentina, fuera de los indómitos pampas (querandíes y charrúas) acorralados, aventados y confundidos con otras tribus al pie de la Cordillera y en los confines de la Patagonia, sólo quedan exentos de tutela gubernativa los indios del Gran Chaco cuya reducción parece ser larga y difícil, por la topografía del país y lo belicoso y nómada de las tribus que lo ocupan. En Bolivia, viven confundidos con la raza blanca, *quichuas* y *aimaráes*, los *mojos* y *chiquitanos*, y empiezan á estarlo los guanagos y chiriguanos. En el Beni figuran los *araonas*, *chacobos*, *toronomas*, *cavinas*, etc., tribus recientemente descubiertas por exploradores y misioneros.

INDULTARSE. Convidarse uno mismo ; meterse donde no le llaman. Hallé la mesa puesta y *me indulté* en ella ; hallé una causa y en ella *me indulté*.

INFLACIÓN. Tal se designa el alza general de los precios ; uno de los signos que indican la subida de los cambios internacionales y por consiguiente de la depreciación de la moneda.

INGENIO. Casa para la fundición de metales y la en que se elabora el azúcar.

Los carros encargados de la conducción de la caña, desde los terrenos en que se cultiva hasta el Ingenio, van depositándola para que á su vez los *cañeros* la coloquen en el *conductor* que la lleva hasta el trapiche donde por la presión, tres enormes masas de hierro en forma cilíndrica, extraen la sustancia sacarina de la caña, en su primer estado.

El conductor es un inmenso catre de madera que tiene una extensión no menos de veinticinco metros. Colocadas las tablas en sentido horizontal y sostenidas por una gruesa cadena de hierro, enlazada en sus extremos á un cilindro con engranaje, su marcha es acompasada y lenta, para facilitar el trabajo á los peones,

siendo su movimiento el mismo que el de una inmensa sierra sin fin. Está calculado que arrastra continuamente un peso que no baja de setecientas arrobas en los grandes ingenios.

Después de extraído el jugo á la caña, que en su primera transformación se le llama *caldo*, cae éste á una grande batea de hierro, parte integrante del mecanismo conocido con el nombre de *trapiche*, y de allí, por un canal de hierro, va á la *coladera* donde recibe el bautismo de su primera depuración, para en seguida pasar á las bombas, que en incesante movimiento, lo conducen, por medio de cañerías, al departamento de las máquinas.

Conducido el caldo de la manera que he mencionado, pasa á las *defecadoras* donde la acción del vapor hace depurarle los cuerpos extraños que las coladeras hayan dejado pasar. De allí baja á los filtros donde el carbón animal, ó sea el hueso carbonizado, le extrae los residuos de la caña y la *maloja* y en seguida sube á los tachos de cocción para volver por última vez, en estado de *melado*, á los filtros que lo depuran definitivamente, arrojándolo por canales conductores á un depósito desde el cual pasa á los *triples* con una temperatura más alta que el melado. Los triples á su vez suben la temperatura calorífera y cuando ha adquirido la determinada, lo desalojan de sus entrañas de fuego para arrojarlo á otras más ardientes, los *tachos al vacío* donde durante ocho horas se agita en borbotones producidos por un vapor de cinco atmósferas, hasta llegar al estado de *melaza* con que pasa á las *centrífugas*; en las centrífugas es recibido por los *blanqueadores* que lo convierten por fin en azúcar.

El azúcar, en este estado, tiene un pronunciado sabor de aceite que lo hace muy repugnante, y su color no es el blanco nítido del azúcar que expende el comercio, pero un ascensor mecánico lo lleva hasta un molino cilíndrico que lo purifica, refinándolo para que los *embolsadores* reciban *con la boca abierta* el precioso dulce, como picarescamente se les dice, aludiendo á la acción de abrir la boca de la bolsa ó sea la parte descocida de ésta que permite recibir dentro el producto elaborado definitivamente,

después de las múltiples transformaciones que sufre antes de llegar á tal estado.

INGERTO (Dar un — ; ó ser un —). Dar gato por liebre ; ser una filfa, una bola.

INSÁPORO. Insustancial, sin sabor. Casi prefiero esta palabra á « insípido ».

INSULTO. Desmayo, síncope.

INTRIGAR. Verbo muy usual en estos países, en sustitución de llamar la atención. En tal sentido parece galicismo.

INVERNAR. El encierro del ganado en potreros para el engorde. Por alusión, el descanso de la peonada, ó la permanencia larga de una persona en sitio de relativa comodidad antes de seguir un viaje azaroso ó una larga faena.

IPECACUANA (*Cephelis ipecacuanha*. Richaud). Rutáceas. Se le llama también *poalla* en el Brasil. Raíz brasileña y bejuquillo por su tronco delgado y aéreo de unos 33 centímetros de altura, que crece á la sombra de los gigantes de la selva, y muy particularmente en las tierras húmedas y pantanosas, al lado de la vainilla. Las raíces que son las que emplea la farmacopea, son del grosor de una pluma de ganso, tortuosas y anulares como la tenia, de olor y color desagradables. De las tres especies de ipecacuana, gris, rojiza y blanca, la primera es la más estimada. Es un excelente medicamento como vomitivo, tónico y expectorante, según las dosis, habiendo sido Helvetius, el famoso médico de Luis XIV, quien dió á conocer en Europa la virtud medicinal de esta planta.

IRIRE. Mate ó poro ovoidal en el que se toma la chicha cuando se liba en abundancia, y á la que comunica muy buen sabor.

IRIREAR. Tomar chicha en *irire*.

IRUPÉ. *Tarope* ó *Aguapé* (*Victoria Regina*. Sindley). Nombre guaraní (plato en el agua) de la flor más admirable de las ninfeáceas. Véase TAROPE.

ISIGA (*Myrocarpus*). Árbol abundante en tierra firme en los países cálidos que exsuda una resina amarillenta, dura como la

pez-resina ó colofonia, y aromática como el incienso al que sustituye en las misiones del Oriente. Pretenden que aplicada la isiga á las sienes corrige el estrabismo. Los parches de esta resina quitan los dolores de cabeza pero también el sueño.

Isipó ó sipó. Nombre guaraní de una planta trepadora de tallos tan largos y fuertes que lo mismo sirven para cordeles que para ebanistería, dando á la trama un lustre especial. En Santa Cruz se ven muchas sillas y muebles tejidos de sipó. Varias clases : Liana escalera (*Baulimia*) ; Yagua pindá (*Sisonia acubata*) de espléndido follaje y de raíces aéreas muy estimadas en el comercio ; otra bignonias de agua pura mediante una pequeña incisión, etc.

Isla. Llaman isla en Mojos á las manchas de arbolado en los lugares altos de la pampa, que por librarse de las inundaciones periódicas en el país, se convierten en refugio del ganado y en chacos de cultivo.

Isoca. Oruga. Véase Sicasica.

Isuturú. La borra de algodón.

Itenes. Río Guaporé de los brasileños. — Indios salvajes que ocupan el territorio entre el Itenes y el Mamoré, por donde pasaba el antiguo « Meridiano de Demarcación » de España y Portugal.

Itunáma. Indios y río de la provincia de Mojos. *Tunama* en lengua chiquitana equivale á junco ; de modo que *Itunama* será Río Juncal ó de los juncos.

J

Jabón. Susto. *Me le dieron un jabón* : un buen meneo. Jabonado : asustado :

Jaborandi (*Pilocarpus pennatifolius*. Lemaire). Rutáceas. Arbusto cuyas hojas cuajadas de pequeños receptáculos da un aceite esencial que goza de propiedades diaforéticas ó sudoríficas, virtudes dadas á conocer por el Dr. Sinfronio Coutinho, de Pernambuco.

Jabirú (*Micteria americana*. L.). Véase Bato.

Jaconta. Puchero en que se reune lo cocido en tres ollas de

carne variada, tubérculos y frutas. La jaconta se sirve en fuentes de plata y es el plato de carnaval. Puesta á enfriar y dejando esta comida de un día para otro, resulta lo que llaman en La Paz *juniche* ó *juntucha*, que algunos prefieren á la misma *jaconta*.

JACÚ ó jacúu. Lo que se pone sobre la mesa para acompañar la comida, no precisamente como entremés ú *hors-d'œuvre*, sino como bocado que alterna con los demás manjares. Así, el pan es *jacú*, y á falta de pan, plátano cocido, yuca, etc.

JACUMÁRU ó caferana (*Taquia guianensis*. Aublet). Gencianáceas. Arbusto.

JÁCHI. Otro nombre del salvado ó afrecho.

JAGUAR (*Felix onza*. L.). Tigre americano. Animal de hermosa piel y de instinto sanguinario, aunque muy inferior en todo al de Bengala.

JAGÜEL. *Paúro* en Santa Cruz. Depósito de aguas servido por norias ó conductos. En las estancias de Buenos Aires se abren jagueles para abrevar el ganado en tiempo de sequía.

JAICOSO. Hombre excitado que alborota.

JALAPA. Macho y hembra (*Exogonium purga*. Bentham). Convolvuláceas. Arbusto muy abundante en Chiquitos. La raíz resinosa de esta planta se beneficia en extracto, produciendo los mismos efectos que la corteza fresca. Regularmente, una sola píldora del tamaño de un garbanzo, basta para cortar la hemorragia y pujos de sangre. Cuando así no surte efecto, se usa en lavativas, disolviendo en cada una una píldora. La raíz de jalapa es del tamaño de una nuez, de superficie rugosa y color gris oscuro.

JALARSE. Mandarse mudar; irse.

JALÓN. Trecho ó distancia. — « De mi pueblo al tuyo hay un buen jalón. »

JANUCHO. Un Juan Lanas.

JAPAPEAR. El jaleo de manos ó palmoteo que acostumbran los indios del Oriente, con acompañamiento de voces y alaridos, para provocar al combate.

Japutamo ó aputamo (*Filaria dermathermica*. Silva Araujo). Animálculo, casi invisible, de color amarillo y rojo, que pulula en la yerba y produce un vivo escozor que origina una enfermedad cutánea que el Dr. Silva Araujo bautizó con el nombre de *filiarosis*. El *japutamo* ó piojo de la yerba introdúcese en las vesículas de la piel y el prurito que ocasiona, obligando al enfermo á rascarse, origina la rotura de las vesículas derramando sobre la piel los animálculos y sus huevecillos. Se combate esta afección cutánea con lociones de agua fenicada ó fricciones de alcohol ó agua florida. El *japutamo* es un huésped molesto del que no escapa ningún viajero que pisa la fresca yerba del Oriente.

Jara (*Ledum palustre*). Vegetal. — Alto ó descanso en una marcha. — *Jarear*, « hacer jara » ó « hacer pascana », porque las jaras son indicios de aguada.

Jaracoréchi. Cebolla albarrana.

Jarayes. Lagos formados por las crecientes del Río Paragua al Oriente de Bolivia en la línea de demarcación con el Brasil. Hállanse situados á 306 metros sobre el nivel del mar; llamándose *jarayes* por la jara que crece en su superficie.

Jarca. Voz quichua : Acacia hermosa. Árbol de madera colotada ó « gateada » para construcción, sirviendo también para carbón de herrería en Santa Cruz de la Sierra.

Jarichi. Lazo que las mujeres del Oriente se atan al extremo de las trenzas.

Jarubichi. El guarapo que se endulza más aún con barreno para hacer licor.

Jatata. Especie de palmiche (género *Oreodosca*) con el que se hace un trenzado tan menudo y fino que, como el que acostumbran los indios araonas y otras tribus del Beni para cubrir sus ranchos, aguantan seis y diez años. Con *jatata* hacen también cestillos y envoltorios para guardar plumas, dientes de animales, abalorios y demás arreos indígenas.

Jatupú. Nombre reservado por los cruceños para la espuma del jabón.

JÁU. Interjección que entre los criollos de Santa Cruz, singularmente entre los campesinos, sustituye al *¡ ché !* Véase CHÉ.

JAÚSI. Lagartijo verde é inofensivo abundante en campos y casas del Oriente; su carne es comestible y hasta agradable.

JEBE. Goma, de donde *jebal* por gomal en el Perú, correspondiente al *hular* de Centro América. Ni estará demás advertir que *hule* deriva del azteca *ule* ó goma que los antiguos mejicanos empleaban para pelotas en sus juegos públicos (Torquemada, *Monarquia indiana*).

JEBIJONES. Corrupción de hebillones.

JEJÉN ó ejene. Trompideo minúsculo muy mortificante por lo repetido y artero de sus ataques, y de picadura que levanta ronchas como la picada de *peto* ó abeja. Es el terror de los viajeros fluviales del Oriente, sin que valgan abanicos ni mosquiteros.

JEMPIN. Nombre expresivo que en lengua auca significa « dueño del decir » y que se aplica á los bardos araucanos.

JENECHENÍ. Tizón ó tuero que se añade al fuego para que éste se conserve latente hasta el siguiente día, ó para cuando sea menester. En Santa Cruz, cuna de este vocablo, le llaman también *durador*.

JERGÓN. Color gris de jerga.

JÍCHI. Voz chiquitana : rey. Nombre que los cruceños dan á todo animal que siendo rey de una laguna dicen que la alimenta con su presencia ó atrae la humedad, como el caimán, un viborón, una anguila. Véase JICHITURIQUI. — El caracol.

JICHIMORA. Especie de culebra acuática de color verdoso.

JICHITURÍQUI. « Rey de los palos. » Árbol de madera dura y amarilla como la caoba, de la que se labran preciados bastones.

JIPIJAPA. Las hojas del cogollo de la palmera (*Carlodovica jimipera*. Ruiz y Pavón), que en forma de abanico se desarrolla al extremo de un tallo poco elevado del suelo. De estas hojas se hacen sombreros, siendo los más estimados los que se tejen en Buenavista, cerca de la ciudad de Santa Cruz de la Sierra.

JIPURÍ ó gipurí. La vena, filamento ó nervio central de la yuca ó del ramo de palma.

JOCO. Hoco.

JOCHE ó jochi colorado. Agutí. — Joche pintado : paca.

JOCHEAR. Torear, azuzar.

JOICHI. Gusano que fabrica una bolsa, llevándola á remolque y encerrando en ella cuanto trapo, hilo ó cosa menuda encuentra en su camino.

JOMETOTO. Cualquier palo ó instrumento que se emplea como batidor para remover una masa líquida ó sólida.

JONE. El barro endurecido. — *A jonazos* : pedrea de jones.

JONOBOCO. Árbol de substancia tintórea, de color que tira á encarnado y sirve á los indígenas del Oriente para untarse el cuerpo como con el *achiote* ó *urucú*.

JOPO. Alfiler grande para prender el pelo, que cuando la guerra de los quince años (de la Independencia) las mujeres patriotas tenían á gala usarlo al lado izquierdo. — Rizos, *rulos* ó mechones que caen sobre la frente.

JORA. El maíz depositado hasta que empieza á echar brotes, estado en que se aprovecha para molerlo y *muquearlo*; operaciones preliminares de la chicha.

JOSEFINO. El jornalero y peón libre de derecho en Córdoba (Argentina).

JOTE. Gallinazo de las travesías de San Luis y La Rioja.

JUAN. El soldado boliviano.

JUBRE. La suarda ó churre que cría el sudor en la lana de las ovejas.

JUCUMÁRU. Véase UCUMÁRU.

JUELGO. Regüeldo ó eructo ó eructación que es como quería D. Quijote se llamara este grosero vocablo.

JUMA (Estar en). Estar en pítima.

JUMBARAYÚ. Excremento acuoso de la gallina.

JUMETREAR. Fastidiar, fregar la paciencia.

JURGUNERO. Palo con que remueven las brasas del horno. Es voz andaluza que se estila en Santa Cruz de la Sierra juntamente con este cantar :

Si tu me quisieras
como yo te quiero,
tu fueras el horno,
yo el *jurgunero*.

Juyaca. Artificio usado para encender fuego en despoblado por los viajeros, á imitación de la que usan los indios. Consiste en un palito que en forma de molinillo se le hace girar perpendicularmente en un agujero hecho en una madera seca y porosa, en el que se pone previamente alguna materia de fácil combustión (algodón, chamarasca, trapo, etc.) en la que prende la llama con el calor del frotamiento.

L

Labor. Cuando en las minas se va labrando la veta, derecha á plomo, ó hacia abajo, se dice *labor á plomo*; si á nivel, *làbor de frontón*. *Chimenea* á la que va derecha hacia arriba. *Labor á chiflón* á la que va de soslayo. La más dificultosa de estas labores es la de *chimenea*, porque se va subiendo perpendicularmente, armando andamios ó *barbacoas* á los que suben los barreteros á trabajar.

Laca. Voz quichua. Soso; persona sin gracia.

Lacaya. Voz aimará. Casa nueva á la que sólo le falta el techo; ó casa vieja destechada. Véase Tapera.

Lacayote (*Sicyos Edulos*. Jacquin). Calabaza de tierra. Planta sarmentosa. *Auco* y *Hoco*.

Lagarto. La protuberancia que en el brazo señala el músculo *biceps*.

Láhua. Véase Espesado.

Lama. Moho; cardenillo.

Lamantín (*Manatus americanus*). Manatí americano. Llámase *Pexi-boy* en el Madera, y toro ó pez-buey en el Beni. Cetáceo que se encuentra en el Amazonas y sus tributarios, en cuyas orillas é islas merodea alimentándose de las gramíneas y camalotes de la

corriente. Es animal voluminoso, de seis metros de largo, inofensivo, de figura pisciforme, cabeza de becerro, aletas anteriores terminadas en cinco dedos; carencia total de miembros posteriores, y el cuerpo terminado por una aleta oval y horizontal en figura de abanico. Las hembras tienen dos tetas prominentes. El *lamantín* es de piel gruesa y negra y de carne muy adiposa, pero comestible, en donde clavan el arpón los pescadores del Amazonas, cuyas aguas surcan los manatíes en bandadas. La *mixara* de las provincias del Amazonas y del Pará no es otra cosa que la carne del lamantín frita en su propia grasa. No es raro encontrar algunos de estos cetáceos en el Beni, cuando ha logrado salvar las cachuelas del Madera. No hay que confundirlos con el *bufeo* (*Inca boliviensis*).

Lambeador. Jugo ó yerba llamado también *pega-pega*, de hoja como la vid de parra, sumamente viscosa por lo que se hace difícil arrancarla de la ropa ó de la piel cuando á ellas se prende.

Lamber. Lamer. Uno de tantos barbarismos, como *cabresto*, *redamado*, *prienda*, *pacencia*, etc., que salen de labios de paisanaje americano y del peninsular; *normà loquendi* que se debe á la mayor facilidad que hallan para usar ciertas palabras; aunque por esta vez, parece más fácil pronunciar lamer que lamber.

Lampa. Voz quichua. Laya de borde en media luna y ástil en puño ó agarradera.

Lampaso. Planta cuya hoja se aplica para remedio del hígado.

Lantana (*Làntana Brasiliensis*). Verbenácea. Hierba sagrada, yarabisco, sucupira, omoncos en Chiquitos. Planta cuyo principio activo, la lantanina, goza de propiedades febrífugas con la ventaja sobre la quina de tolerarla los estómagos más delicados; y sobre el sulfato de quinina, de obrar más eficazmente, bastando dos granos inmediatamente suministrados después del ataque. Con sólo el cocimiento de su corteza se ha cortado en tres tomas tercianas y cuartanas de diez y ocho meses.

Lanza (Indios de). Los guerreros de tribu, como los pampas é indios del Chaco, que manejan esta arma de guerra, ginetes en

veloces caballos. *Chusma* es la parte de indiada que no va á los *malones* ó expediciones militares.

LAPACHO. Véase TAJIBO.

LAQUE. Voz quichua. Maíz blando, molido y cocinado.

LARI. Indio aimará de La Paz y Oruro, que vive en lo más áspero de la meseta boliviana en casas de piedra, algunas de la forma de un horno, con entrada sumamente baja y de cara al sol. Los *laris* se acuestan sobre un cuero de llama, único animal que los acompaña en su soledad, y se alimentan de oca, maíz, habas, quinoa, millme y de una papa muy amarga, llamada *luqui*.

LATIR. Ladrar el perro, y *latidos* los ladridos.

LATÓN. Nombre vulgar del sable ó chafarote, aludiendo á la vaina que antes era de latón con tirantes de *tiento*.

LAZO. Soga larga y trenzada, del grosor de un dedo y perfectamente flexible mediante repetidos untos de sebo, y puesta á secar al sol para que se endurezca. Sirve para enlazar las reses en campo abierto. Es el *rejo de enlazar*, de Bogotá.

Cuando se trata de enlazar un animal, se suelta el lazo que va arrollado en el arzón derecho del anca quedando un extremo sujeto á la cincha; el otro cabo con el nudo corredizo se voltea con la derecha, en espiral, al galope tendido, tirándolo á los cuernos ó al pescuezo de la res desde una « honesta distancia ». Por este sistema se agarra un nido de avispas echando al galope el caballo para evitar la picadura de los bichos ; y también al tigre procurando estrangularlo.

El *lazo* lo han heredado los americanos de los indios aborígenes, quienes usaban este aparato como arma de caza y de guerra, al igual de las bolas y de la *macana*. Es singular coincidencia que usaran la misma arma los almogávares de la Edad Media, los cuales, según los historiadores, iban provistos de unas correas para sujetar sus « azcanas », ó para aprovisionar al enemigo, teniendo algunos la habilidad de arrojarlo á manera de lazo.

Los campesinos americanos no tienen rival para manejar este rollo de cuerda que, en sus manos, se convierte en una trompa

de elefante que, girando en los aires, cae y aprisiona en su nudo al blanco de su tiro. Los anales de la Independencia cuentan que en la batalla de Las Cruces, tratando Allende, aunque en vano, de organizar el ataque y de reducirlo á las reglas de la táctica española, observó que los enemigos habían enmascarado unas piezas de artillería con unas ramas, de manera que las columnas mejicanas llegaban hasta cierta distancia y allí eran desbaratadas por la metralla. Allende, sin calcular el peligro, desata el *lazo* que llevaba á la grupa, pone las espuelas á su caballo, y seguido de algunos rancheros corre sobre aquel horno de fuego que cubría la verdura de los árboles. Se oye una detonación y el intrépido ginete y los que le seguían caen envueltos en una nube de metralla. Allende que había escapado de la muerte, llega de un salto hasta donde estaban las piezas, las tira el lazo, y lo mismo hacen los rancheros; lo amarran á la cabeza de la silla, ponen la espuela á sus caballos y se llevan la artillería, dejando á los soldados españoles atónitos, con la mecha, el estopín y las balas en la mano. « La batalla se gana completamente, añade Manuel Payno, *todos los oficiales y soldados españoles quedan tendidos en el campo.* » ¡Como soldados de plomo! ó como en una antigua crónica de la batalla de Aljubarroba, que refiriéndose á una mujer Britas de Almeida que con una pala de horno mató siete castellanos, añade : « *Quantos vivos rapuit, omnes esbarrigavit.* »

Refiere también Larrázabal (*Vida de Bolívar*), que el llanero Carvajal, « el tigre encaramado », manejaba las bridas del caballo con la boca, y con las manos las armas y el lazo. Cuando la intervención inglesa en el Río de la Plata, en tiempo de Rosas, habiendo enviado una expedición en bote un comodoro inglés á hacer aguada, los gauchos del Paraná se presentaron de improviso y agarraron con el lazo á los descuidados marineros que estaban en los botes, llevándoselos á la orilla. Parece ser que en Hawaï (Sandwich) el ganado se maneja también como en América, á caballo y con el lazo. Los cuidadores, llamados *vaqueros* (en español) por los norte-americanos, tienen el nombre de españoles

entre los isleños, por haber sido vaqueros venidos de Méjico ó California, quienes les enseñaron el oficio.

En los *rodeos* y en las *hierras*, sobre todo, es donde luce el gaucho argentino, así como el vaquero mojeño en las *arreadas*, su habilidad en el manejo del lazo, ejecutoria de su oficio y supremo recurso para procurarse una res agena y carnearla. Entre los campesinos y aun entre muchachos hácense apuestas para no dejarse arrastrar por el *lazo*. Y en efecto, dos ó tres hombres no pueden arrastrar á otro que se ponga tendido ó agachado en tierra, cuando en posición bípeda sería arrastrado por un niño. Esto depende de la fuerza que despliegan los huesos de la cadera en doble arco, siendo necesario una fuerza inmensa para quebrarlos en línea recta, á la manera que es imposible quebrar un huevo apretado por las puntas.

Lazo es también un nudo que se hace en el cabestro para sujetar los animales de silla. En esto de hacer nudos los gauchos son más hábiles que los marineros. Véanse algunos :

Lazo chileno, lazo que no es trenzado sino torcido, extraordinariamente fuerte. Llámase *chileno* por ser el más usado por los *huasos* de Chile. — *Lazo pampa*, de cuero de potro, trenzado en ocho. — *Lazo trenzado* ó torzal, de cuatro ú ocho tientos.

« Es inútil poner el lazo al anca », no hay remedio que valga.

LAÚCHA. Ratoncito. *Minerito* en otros puntos. Sinónimo de baqueano ó práctico en Colombia. En la Argentina hay el dicho *es una lauchita*, por : es una ardilla, es un vivo.

LAUQUÉN. Voz pampa, lago. Nombre que menudea en la topografía argentina : *Curra Lauquén*, *Trenque Lauquén*, etc.

LECOS. Indios paceños á orillas del Mapiri (confluente del Beni), famosos por su habilidad en manejar las balsas y por los ríos. *Guanaeños* se les llama también, de Guanay, capital de su distrito, cantón de Larecaja.

LECHIGUANA. La avispa melera y la rica miel que produce.

LECHUZA (*Noctua vulgaris*. D'Orbigny). Buho de la pampa que anida en las vizcacheras ó madrigueras de los conejos ameri-

canos que tienen minado el suelo de los campos. La lechuza hace centinela á la entrada de estas cuevas, avisando la entrada de animales forasteros, como iguanas, víboras, tejones, etc. Aquí, como en Europa, hay la misma prevención contra la lechuza : se la toma por ave de mal agüero, y los indios le tienen tal inquina, que cuando deja oir su funeral graznido en ocasión que hay un enfermo en la toldería, no se dan punto de reposo hasta sacrificar á la fatídica cantora. La persiguen á caballo, la cansan y así que hacen presa en ella, la sujetan á toda aquella lista de atropellos que el Maestro González enumera en su « Canción á Mirtabella ».

LEGUA. La legua argentina tiene 40 cuadras de 150 varas, esto es 6.000 varas. La boliviana tiene 4 kilómetros subdivididos en 30 cuadras de 185, 63 metros, en junto 6.662 varas.

LEME. Voz antigua española y aquí tomada del portugués : el timón.

LENGUACHUTA. Tartamudo, tartajoso.

LEOFÚ. Voz auca : río.

LEONCILLO (*Simia Adipus*. L.). Monito del tamaño de un perrito recién nacido, que puede embolsillarse en la faltriquera. Debe su nombre á una melena que le adorna como el león.

LEONCITO. El « conejito » en el juego de damas.

LEONERA. Así llaman en Buenos Aires al depósito de los detenidos por causas graves en el departamento de policía.

LEQUE-LEQUE. Véase TERO-TERO.

LESO. Tonto. « Así se engaña al leso, con pan y queso » (refrán).

LEVA. Levita. *De leva y gülera* : de levita y sombrero de copa.

LIBES. Nombre indio de las boleadoras. — Dos boleadoras cortas con manija en aspa que emplean los niños para tirar á los pájaros.

LIBERAL. Animal de buena sangre. — Pronto, y es andalucismo. « Escúrrase con viento en popa y múdese *liberal* » (Fernán Caballero. *Clemencia*).

LIEBIG (Carne). Nombre tudesco que ha tomado carta de natu-

raleza en el vocabulario americano, por el famoso extracto de carne que se prepara en el saladero de Fray Bentos (Uruguay) y en Río Grande del Brasil. Es carne de buey ó de vaca, magra, sin huesos, hecha jigote, á la que se da consistencia de extracto mediante algunas preparaciones químicas. El caldo concentrado de Liebig está hecho con los tegumentos, tendones y huesos de la res, y en el comercio tiene la apariencia de la cola de pegar. Véase Saladero.

Lima. El fruto del limero (*Citra medica limetta*). Variedad del limonero. — Lima, capital del Perú, deriva de Rimac, río que riega su término.

Limeta. Frasco de barro, á modo de los de vidrio de ginebra, que se lleva atado á los tientos del « recado ». — « Empeñar la limeta », libar á menudo. — Con ser *limeta* voz castellana, pocos serán los peninsulares que descifren este terceto :

Aqui vive el pimiento y la mostaza,
colérica mujer que no se aplaca
sin muchos tumbos de *limeta* ó taza.

(*La Vida del Pícaro*. Autor desconocido ; principios del siglo xvii. *Revue Hispanique*, IX.)

Lindo. A las tres acepciones que Cuervo da de esta voz (*Revue Hispanique*, IX) : *legítimo, castizo* y *bello*, pudiera añadir una cuarta : como interjección, ¡ Lindo! Bravo! muy bien dicho! muy bien hecho!

Lípez. La caparrosa se llama *Piedra Lípez*. Lípez ó *llipi* en lengua quichua : centellea ; por referirse á una sal blanca y transparente como el cristal que cubre una llanura de más de sesenta leguas cuadradas, en la provincia de Lípez, departamento de Potosí.

Liquichiri. Voz aimará, cuyo significado literal es raspador de sebo, y que ha tomado carta de naturaleza en Bolivia en el sentido de miserable.

Liso ó tacaño. Atrevido. *¡ Ay, que liso!* dice una criolla á un atrevido galán.

Lobo de mar. Abundan en la Patagonia y en la costa meridional de la Argentina los *lobos* de dos pelos y de uno. Las pieles de dos pelos se cotizan en Europa á 3 y 4 libras esterlinas. En la Republica Oriental hay pesquerías de estos animales en la isla de Lobos, Castillo y Coronado; así como en la Argentina en Mar del Plata, Lobería y Península Valdés.

Lobo de río (*Castor huidobrius*). Ababari en Mojos. Parecido á la nutria; de pelo fino, cabeza de perro de presa, cola aplanada en forma de paleta de albañil, como la del castor; patas cortas y dedos con membranas natatorias. Persigue en tropas á los peces de los ríos y se defiende á mordiscos de sus enemigos. En los lugares que frecuentan no aparecen caimanes y hay poca pesca. Su carne, aunque no muy sabrosa, es comestible.

Locoto. Especie de pimiento muy picante, que se muerde crudo.

Locro. Comida espesada ú olla podrida de choclo, arroz, papa, chuño, yuca, etc., tinta con ají ó urucú. Se llama también « comida de pasajero », por lo fácil y pronto de su aderezo.

Locumba. Pisco ó aguardiente de uva, agradable y muy aromático, cuyo nombre deriva de Locumba, pueblo peruano á 18 leguas de Tacna, el primero en acreditarlo. Véndese en La Paz y en muchas localidades del litoral en botellas grandes por lo benigno de sus efectos.

Loka. Medida superficial de nueve varas cuadradas. Doce *lokas* componen el *càto de coca*.

Lombriz (caballo). Jamelgo de caja estrecha y larga.

Lomear. Esquivar el cuerpo, una empresa; hacerse el sueco.

Lúcuma. El Maoney de Cuba. Familia Sapóteas.

Luche. Alga suculenta del Pacífico que se importa al interior del continente.

Lunfardo. El caló ó argot del hampa argentina.

Lunes (San). La plebe de Cochabamba es muy devota de Baco, y del primer día de la semana ha hecho un santo que con el nombre de « San Lunes » ha propagado su culto en otras

ciudades de Bolivia. Este santo de la embriaguez está pintado como *acka-llanta* ó pendón de chichería con cara de hombre ebrio; cuerpo, de cántaro de chicha; un violín y una guitarra por brazos; no tiene pies, sin duda para denotar la dificultad con que caminan los borrachos; lleva por sombrero una jarra de servir chicha; tiene delante una mesa con dados, barajas, ganzúas y puñales, fiel emblema de los vicios que albergan las chicherías ó tabernas plebeyas.

Luqui. Otra de las ciento y pico especies de la papa americana. Es de sabor amargo. Véase Lari.

Llama. Animal de carga de los indios peruanos y bolivianos, desde antes de la conquista española. Si bien se emplea indistintamente á estos animales como cargueros, los machos son preferidos á las hembras destinadas preferentemente á la cría. En todos los pasos de los Andes se usa la mula; los jujueños y bolivianos emplean el burro y la llama, animal éste el más económico, por su sobriedad, aunque no carga más de cuatro arrobas. Generalmente bajan de las alturas rebaños de llamas cargadas de sal, pero también transportan panes de azúcar y *petacas* con mercaderías de poco peso. La llama anda sin cansarse cuatro leguas diarias. Cuando necesita descanso, dobla con cuidado las rodillas y se acurruca de modo que no descomponga la carga; pero cuando se la fatiga, no dejándola descansar, da golpes con la cabeza contra el suelo. Si se la irrita, escupe una saliva cáustica. Los indios, cuya paciencia compite con la de la llama, cuando ésta se echa al suelo, se sientan á su lado y se entretienen en tirarla piedrecitas á la oreja, hasta que aburrido el animal, se levanta. La *llama* es la providencia del indio de la altiplanicie. Éste se alimenta de su carne; trenzando su lana hace sogas para asegurar la carga ó para hacer la honda, su arma favorita; emplea el cuero para la *ojota*, y retobado, para su *caja* ó tambor con que acompaña la flauta; el excremento para abono y combustible en los trechos donde acampa en sus viajes, conocidos con el nombre *jara* ó *pascana*; con la particularidad que los

ganados sedentarios tienen sitios determinados para deponer sus excrementos, los cuales se venden en carguitas destinadas á la « quema » ó fundición de metales, por la aridez del terreno en que los *ingenios* están emplazados. La llama se nutre comiendo á pellizcos los pequeños pastos de la altiplanicie, y puede estar seis días sin beber, aunque carece del admirable estómago del camello. Su vida se alarga hasta quince ó veinte años. Con motivo de su cría tiene el dueño del rebaño varias fiestas muy sonadas; el *gkilpi*, que se reduce á marcar el rebaño cortándole un pedacito de oreja ó en ponerle adornos en el cuello y orejas, cuando los animales se destinan al trabajo; la otra fiesta en que ayudan á la procreación de los machos así que estos tienen 3 años y á la que asisten únicamente los indios casados.

LLANTA. Voz quichua : sombra. Quitasol hecho de cuero, sostenido por un palo, á cuya sombra venden las *gateras* ó mujeres del mercado.

LLANTÉN (*Plantago major*). Proteragineas. Vegetal medicinal de la flora chilena.

LLICLLA. La manta de las indias quichuas que se prende con el *topo*.

LLIPTA ó llucta. Pan mineral ó pasta alcalina compuesta de cenizas de quínoa, de papas, de cardón, hediondilla, de maíz tierno, de molle y otros vegetales, á las que se añade cal, de modo que la masa resulta bastante dura, y así gustan los indios quichuas de tomarla cuando *acullican* coca á fin de dar á esta sazón, á manera de sal. Los indios de Caupolicán (provincia paceña) se sirven del mismo modo de una planta llamada *chimacro*. Los de la región del Amazonas reducen á polvo las hojas secas de la coca y mezclándolas con cenizas de hojas de ambaibo, lo mastican con algo de tapioca ó *fariña*, tragando con deleite la pasta heterogénea que de todo esto resulta. La *llipta*, aunque de compuestos vegetales, puede incluirse entre los subrogantes minerales que han dado origen á la clasificación de « glitívoros » y « geófagos » entre pueblos de distintas zonas.

LLORADOR (El). La capilla del Panteón ó cementerio donde con lloriqueos se despide al muerto que va al hoyo.

LLORONAS (Las). Espuelas grandes vaqueras, así llamadas porque hacen « llorar sangre » al animal. Llámanse también *roncedoras* por el ruido que hacen ; y *nazarenas* porque se arrastran al andar con ellas.

LLOSLLA. Voz aimará. Avalancha de no importa qué. Así : he ganado una *lloslla* de plata, por : he ganado un chorro de duros.

LLUCHO. Voz aimará. El fruto del ambaibo.

LLULLUCHA. Ova comestible.

M

MACÁ. Género *Pelicanus*. Cuervo acuático. Margullón.

MACANA. Voz quichua : *Macanacuno*, pelear. La maza de guerra de los antiguos querandíes, y de los tobas del Gran Chaco ; de donde su actual significado de palo ó arreador con correa, de los arrieros argentinos. — Un tejido de algodón que hilaban antes los indios de Mojos, pero que con la despoblación de este territorio por el enganche de gente para los gomales del Noroeste, ha pasado á algunos pueblos del departamento de Santa Cruz, principalmente á la provincia de Guarayos. — *Macana* ó *macanazo*, bola, mentira.

MACANUDO. Excelente, superior : « ¡ Vaya una mujer *macanuda* ! » ¡ Vaya una real hembra !

MACACO. Voz portuguesa, mono. Epiteto que los argentinos dan á los brasileños sus vecinos.

MACACHÍN. Fruta silvestre muy dulce, y abundante en pampas y terrenos *chaqueados*.

MACEAR. Apostar ó hacer traviesas en el juego.

MACETA. Cachiporra para clavar estacas, y que el gaucho lleva en sus expediciones, así como el soldado de caballería para estaquear las tiendas de campaña.

« *Ponerse maceta* » : hacerse viejo, aludiendo á los cascos de

las caballerías que se agrandan y vuelven macetas con la vejez del animal.

MACIEGA. Yerbal inculto.

MACIEL (Goma). El caucho en el Beni (distinto de la *siringa*), por haber sido un tal Maciel el primero en explotarlo.

MACONO. Ave de los bosques del Oriente que le da por cantar que se las pela, cuando más calienta el sol.

MACONTULLO. Véase MURUCUNTUYO.

MACOTE ó macúa. Grande. Palabra, como *cafúa*, importada en el Río de la Plata por los esclavos africanos.

MACUCO. Muchacho grandullón. — Ave. Véase MARTINETA.

MACUMBÉ. Grande. « Espuelas *macumbé* » : espuelas vaqueras.

MACUQUINO. Macuco. « Macuquina » se llamó la primera moneda española acuñada en Méjico hacia mediados del siglo XVIII, de donde los macuquinos actuales. Antes que la moneda macuquina se acuñaron las « adraves del puerco », por verse en una de las caras la figura de un porquero.

MACHA, machona. Virago; mujer fuerte y varonil.

MACHACA. Voz quichua : nuevo. Así, *machacamarca*.

MACHADO. Ebrio, mamado. — *Macharse*, emborracharse.

MACHAQUE. El tema ó porfía. « *Ya es muy chorizo tu machaque* », dicen los criollos.

MACHÚRI. Machorra, de la que será desinencia.

MACHUSCA. Voz quichua. Mujer jamona.

MADAMA. La partera ó comadrona, entre el paisanaje rioplatense.

MADERA. En el sentido de *palo* ó tronco de árbol, es voz portuguesa. En el Beni, dicen « una estrada de tantas maderas » por de tantas seringueras.

El Río Madera fué así llamado por los inmensos troncos de cedros que lleva en tiempo de sus inundaciones, de noviembre á abril. Á esta etimología responde también la Isla Madera

Que do muito arboredo assim se chama.
(Camoens. *Os Lusiadas*, canto V.)

MADIA. Planta oriunda de Chile, ya importada en Europa. Se cultiva por la semilla que da un aceite comestible, aunque su sabor no es del gusto de todos. La planta despide un olor fuerte y desagradable, y aunque las ramas secas conservan este accidente, las apetecen las ovejas.

MADRE. Laguna, ó cauce abandonado de un río, que no ha sido obstruido, de manera que sus aguas son alimentadas ó renovadas en las crecientes.

MADREJÓN. Laguna que se comunica con un río, por ser generalmente parte del cauce antiguo ó madre que abandonaron las aguas.

MADRINA (Yegua). Yegua á la que se pone un cencerro ó campanilla, y que seguida de la manada ó *tropilla* es arreada á grandes distancias por los gauchos, quienes hacen largos viajes al galope, sin más que detenerse, *manear* la yegua, cambiar de caballo al aproximarse la tropilla al rededor de la madrina, y seguir galopando hasta otro relevo.

Por analogía llámase *madrina* á la mujer que se entiende con dos ó más hombres. — *Buey madrina*. El que va á la derecha del *novillero* en la yunta de la carreta.

MAGÜEY. La tuna de donde los mejicanos sacan el *pulque*.

MAÍZ DEL AIRE. Planta parásita, de hojas verdes y pomposas y de fruta como espiga de maíz, pero de granos rubíes, como la mazorca del *guembé*.

MAJAO ó majado. Charque majado ó picado en mortero, con arroz. Plato muy substancioso de la culinaria cruceña. Llámase también « sopa valenciana ».

MAJEÑO. Plátano de color morado, y comestible, que á primera vista parece una berengena.

MAJO. Nombre tacana con que es conocida en todo el Beni la preciosa palmera (*Copernitia cerifera*. Martius). Caronday y Patáuba del Brasil.

Sus hojas de un perenne verdor suministran la cera amarilla que se emplea para la fabricación de velas. Para obtenerla, se

cortan las hojas de la palmera y se exponen al sol. Á los tres ó cuatro dias se agostan y á esta sazón bátense en un lugar abrigado del viento, y con esto sueltan un polvo, que recogido y derretido al fuego, es la cera. Los coquitos del tamaño de una avellana, sirven para hacer leche, echándolos en agua tibia. Al cabo de una ó dos horas, las almendras se reblandecen, se las estruja en agua fría, y colando la masa se obtiene la leche. Para obtener la manteca, hácese hervir la leche, y en cuanto hierva, suspende la manteca. Entonces se vierte agua fría, detiénese el hervor y se ha conseguido la manteca vegetal. La paja del *majo* sirve para sombreros finos, esteras, abanicos, canastillos, etc. (véase JIPIJAPA). De su madera hácense instrumentos de cuerda, tazas, etc. De lo expuesto, se desprende que el *majo* es la providencia de los lugares donde se cría.

MALABAR (Un). Escamoteo; trampa en el juego.

MALACOTE. Noria.

MALANGA. Fruta llamada *ocuma* en Venezuela.

MALEBO. Malvado, malhechor. *Gaucho malebo*: dañino, que está fuera de la ley.

MAL-HAYA. Partícula optativa que entre el paisanaje criollo reemplaza al arábigo ¡ojalá! que no he oído una vez siquiera en la campaña americana y muy poco en las ciudades. Así pues el *malhaya* criollo es un ¡quien hubiera! V. gr. « *Ah mal-haya quinientos pesos!* »

MALOCA. Guarida ó pueblo de indios montaraces. — *Maloquear*. Hacer un malón (véase) y comerciar de contrabando.

MALOJA. La hoja de la caña de azúcar.

MALÓN. Ataque y sorpresa de los indios bravos ó *malones*.

MALTÓN. Animal ó persona joven pero de desarrollo precoz. Así un cordero *maltón*; una niña *maltoncita*.

MALLUHATU. Especie de mono ahullador.

MAMA. Voz quichua : matrona. *Mama Colla*, hermana y mujer de Manco Cápac; *Mama Cora*, hermana de Sinchi Roca; *Mama Huasi* : casa solariega.

MAMACO. Pava como el mutún ó yacú, pero de pico amarillo y vientre blanquizco. La hembra es la llamada *pava pintada*.

MAMAMICO. Voz quichua : cesón. La criatura que al nacer cuesta la vida á su madre, en virtud de la operación cesárea. Julio César fué un *mamamico*.

MAMÁNI. Voz aimará : águila. De donde muchos nombres geográficos. *Chulumani*, capital de Yungas; *Illimani* (águila resplandeciente), montaña de La Paz, una de las más altas del globo.

MAMARSE. Emborracharse.

MAMBORETÁ. Voz guaraní. *Capuchino*; fraile rezador en la Península; caballo del diablo y *Tucúra* en Mojos. — (*Mantis religiosa*). Ortóptero. La configuración de este insecto carnívoro, es idéntica al congénere europeo. Cuando un *mamboretá* se siente aprisionado, contrae las patitas delanteras, y la piedad popular supone que contesta señalando al cielo cada vez que los niños le preguntan : « ¿ Dónde está Dios ? » Otros etimologistas quieren que *mamboretá* signifique en guaraní : « ¿ Dónde está tu chacra ? », pero cualquiera que sea el significado, los españoles encontraron á este animalito bautizado así entre los guaraníes. He de aducir una observación biológica sumamente curiosa é instructiva á la vez, tomada de las *Études sur les facultés mentales des animaux* de Houzeau. En los insectos sobrevive particularmente el impulso genésico á las mutilaciones más graves, dándose el caso en el *mantis religiosa*, que la decapitación del macho no le impide el acto de fecundar á la hembra.

MAMELUCOS ó Paulistas. Zambos brasileños que por algún tiempo fueron « arranchadores » ó cazadores de indios salvajes ó doctrinos que reducían á su servicio ó vendían como esclavos en Matto Grosso, que era su cuartel general. Estos secuestradores de nuevo cuño fueron llamados *mamelucos* por su semejanza con los antiguos esclavos de los soldanes de Egipto, y *paulistas* por haberse establecido en un principio en la ciudad de San Pablo.

En la flora brasileña figura el *anda-acú* ó « purga de los paulistas », hermoso árbol que crece á orillas del mar; de bastante

altura y cuyas almendras son un purgante enérgico. Su influencia sobre los terrenos arenosos marítimos ó dunas, es parecida á la de los pinos en las Landas.

MAMESÓ. Zozobra de ánimo; presentimiento (Santa Cruz).

MAMÚRI. Planta género Casia (*Cassia fistula*). Abundante en los campos de la zona tórrida. Tiene una vaina con semillas dentro de una pulpa laxante. Estas semillas las aprovechan algunos para hacer café y para calmar el dolor de muelas, sirviendo para esto último la raíz de la planta.

MANÁ. Dulce hecho de maní.

MANACARACO. Género *Tinamus*. Gallineta montaraz.

MANCA. Voz quichua. La olla de cocinar.

MANCARRÓN. Caballo matalón y viejo.

MANCLÍN. Animal que sin causa justificada cambia de un día para otro de carácter ó de condiciones. Así un caballo que hoy anda mucho y mañana apenas, un gallo que ayer era peleador y hoy es *cabra*, etc.

MANCO CÁPAC ó Inca Kapajh = Señor Poderoso. Fundador con su hermana y esposa Mama Cello, del imperio de los incas. Aparecieron en el lago Titicaca y fueron los fundadores de la ciudad del Cuzco (1054-1117). Según Garcilaso, *Manco* no es palabra quichua. Lo cierto es que la palabra es participio del verbo quichua *mancuni* : cortar en pedazos.

MANCHAI-PUITU. Voz quichua : cántaro aterrador. La *quena* ó flauta del indio peruano y boliviano introducida en el hueco de un cántaro de barro, con lo que resulta un sonido lúgubre, de un bajo profundo, casi fúnebre. Véase QUENA.

MANCHAS del Sur. Nombre popular de las « Nubes de Magallanes ».

MANCHITA (Á la). Juego infantil que consiste en correr teniendo uno algo en la mano, gritándole :

Yo tenia una gallina
y la corté el pescuecito,
me chupé la sanguecita
y me robé la manchita

entretanto que cada cual porfía por quitarle la prenda.

MANDARSE mudar. Irse. « ¡ Mándese mudar! » ¡ Váyase usted!

MÁNDIA. « Melón de agua » y « patilla ». La sandía.

MANDIOCA. Véase FARIÑA y YUCA.

MANEA. Apea ó correa para atar las manos á las caballerías. Tirso de Molina la llama *maneota* :

¿ Al gusto poné *maneotas* ?
Díle que las tiene rotas
y si llega, dale coz.
(*Santa Juana.*)

La manea americana es de guesca trenzada, de piel de toro ó vaca, y á veces de hierro con candado. Un escritor criollo llama á las maneas muy elegantemente « grillos de trenzada piel ». Los árabes manean también á sus caballos con sogas de pelo de cabra ó de camello.

MANECHE (*Miscetes seniculus*). Mono ahullador, grande y muy velludo, de piel rojiza y suave. Tiene una papera ó coto, con la que produce un ruido parecido al del trapiche cuando muele la caña, por lo cual en algunas partes se le llama « mono trapichero ». De madrugada y á la puesta del sol, canta la tropa de los maneches, produciendo un ruido largo y sostenido como el de un ganado de vacas. Su carne es comestible y hasta puedo añadir que excelente, cuando se ha perdido la aprensión. Guarayos y chiriguanos lo llaman *carayá*.

MANENE. Pantano movedizo en plano desigual.

MANGABA. Gomero poco corpulento, cuando más de cinco metros, propio de terreno de altura en pampa, á diferencia del *peloto*, su congénere, que es de curiches y ríos. Abunda en los llanos de Chiquitos y produce además de una poma agridulce, la resina de que hacen pelotas los indios para el *huitoró*. Véase HUITORÓ.

MANGANETA. Manganilla. Juego de manos.

MANGANGÁ. Nombre guaraní de la abeja cimarrona, de gran

tamaño. Hay muchas variedades que se distinguen por el color, por la forma de las colmenas ó *tapas* y hasta por la intensidad de sus picaduras. Véase Peto.

Los *mangangases* : los patacones ; la plata.

Mangle (*Mangifera indica.* L.). Árbol frutal del África aclimatado en los países cálidos de América. El *mango*, su fruto, es exquisito como el de la papaya, y para más golosina, se come con azúcar ó sal. Su almendra ó simiente es rica en ácido gállico. Prodúcese muy bien en las chacras y en los chacos de Mojos y del Beni.

Mango. El fruto del mangle.

Mangón. Cerco ó campo cerrado para cierre de ganado.

Mangorrera. Cuchillo entre puñal y machete. « Empriéstame la *mangorrera* para picar el naco » (Acevedo Díaz).

Mangrullo. Palo alto á modo de cucaña, al que se encaraman los *bomberos* para vigilar el campo raso (véase Bombero). El *mangrullero* ó bombero es el espía de avanzada del ejército argentino, ó el atalaya de los fortines del desierto cuando se vigilaba la invasión de los malones.

Maní. En México y en España : cacahuete. *Mandúbi* en guaraní (*Arachis hipogea*). El nombre de maní corresponde mejor á la principal utilidad que reporta. En hebreo significa aceite (valle de *Gethsemani* ó del aceite) y sabido es que de él se saca un rico óleo, que en el Oriente boliviano es en tanta cantidad que de una arroba de maní suelen sacarse seis y ocho libras de aceite, tostando el fruto, machacándolo hasta reducirlo á pasta y sumiéndolo en una caldera de agua hirviendo de la que, con una cuchara, se saca el aceite de la superficie. Del maní, se hace, además, una chicha muy sabrosa.

Mano de charla. « Echaremos una *mano* de charla. » Expresión que significa el tiroteo de palabras que se hace al tiempo que se estrecha la mano de otro.

Manolear. Provocar, desafiar.

Manso de abajo (Potro). Que aguanta la cincha y puede servir como animal de tiro, pero no de silla.

MANTAS. Voz minera. Manchas argentíferas extendidas y grandes, pero delgadas y de poco grosor.

MANU. Voz tacana : río. *Manutata*, padre de los ríos (el Madre de Dios); *Manuripe* (río chico); *Tahuamanu* (río de los ambaibos), *Dati Manu* (de las tortugas), actual río Ortón, etc.

MANZANILLO ó manzanilla (*Hippomane mancenilla*. L.) ; Euforbiáceas. Árbol alto y venenoso desde la raíz hasta el fruto. Aunque es proverbial que la sombra del manzanillo es funesta, el naturalista Jacquin asegura que echó una siestecita de tres horas á la sombra de este árbol, sin la menor novedad. Sus frutos son parecidos á una manzana pequeña y de acción irritante local. Abunda en el Beni y en toda la región amazónica.

MAÑANEAR. Madrugar.

MAPAJO ó mapoco. Especie de algodonero. Árbol indígena, muy alto y de copa umbelada, que produce capullos de algodón, color aperlado, más suaves que el mismo algodón, pero menos abundantes. Estos capullos se ensanchan al sol y se contraen á la sombra, y de ellos se sirven los indios para hilar hamacas, frazadas y demás artefactos.

MARA (*Sivistenia Mahagoni*). Voz guaraní : *mara*, árbol. Especie de cedro, semejante al cinamomo y de madera preferida para construcciones navales en los ríos del Oriente.

MARAGATO. El natural de la provincia de San José, en la República Oriental.

MARAYA. El chuño de banana o de mandioca que antes de secarse del todo, adquiere un mugre particular del que gustan algunos criollos, como ciertos aficionados del queso agusanado. — El chuño de plátano, completamente seco, llámase chila.

MARAYAHÚ. Voz guaraní (*Bactris maraya*. Jacquin). Palmera de unos cuatro metros de altura, tronco espinoso y un racimo de cocos pequeños, del tamaño y configuración de las bellotas. Las hojas son muy hendidas, flexibles y ramificadas. El nombre científico de *bactris* ó bastón, deriva del uso que en ebanistería se da al tallo de esta palmera.

Maraynintín. Las dos piedras juntas, *morocco* y *maran*, con que se muele el ají.

Marca. Voz aimará : comarca ó región. De ahí derivan porción de nombres de pueblos, *tambos* y haciendas. — *Catamarca*, *Calamarca*, país pedregoso; *Machacamarca*, país nuevo; *Ancomarca*, *Cochimarca*, *Cajamarca*, etc.

Marco. Medida de peso equivalente á ocho onzas, muy usada en minería para apreciar la ley de la plata. — Molde de cera.

Marchamo. Impuesto que se cobra por cada res que se sacrifica en los *camales* ó mataderos públicos.

Marchanta (Á la), ó Á la marchancha : á la arrebatiña. *Chischisco* en Santa Cruz.

Marchante. Oliente, parroquiano.

Marchar. Hacer aprisa algo; activar una faena. « *Marcha un bife* » se oye en los restaurantes río-platenses.

Marchero (Caballo). El que va ensillado cuando se lleva á otro animal de tiro.

Marea. Creciente en sentido inverso á la corriente del río, causada por el empuje de los vientos en el Río de la Plata. — *Maresía* (voz portuguesa) en el Beni.

María (Árbol ó Palo). Véase Palo.

Marico. Mochila que á favor de una cinta que se sujeta en la frente, apóyase en la espalda.

Marigüi. Trompideo *simulia*. Algo más grande que el jejen, verdadero verdugo de los que navegan los ríos que cruzan las florestas del Oriente.

Marimono (*Atteles Panissus*). Una de las especies mayores de cuadrumanos de América. Su carne es comestible como la del *maneche*.

Maripi. Mate pequeño para escanciar la chicha de los cántaros á los vasos, ó bien para medir granos.

Maripero. El Ganimedes ó escanciador de Reyes (Mojos) que maneja el maripi.

Marlo. Mazorca de maiz desgranada. Sirve de combustible, como en Castilla el « garullo ». *Coronta* en quichua.

Maroma. Cable de acero con una roldana de la que se tira con una cuerda desde la orilla, haciendo deslizar una red en la que están metidas personas y carga, que juntas atraviesan los torrentes y riachuelos de Yungas.

Marqueta. Chancaca de la que se destila un alcohol. La cera ya elaborada y puesta en marcos ó moldes, la que seca y forrada en odres, se destina á la exportación. La *marqueta* chiquitana pesa cinco arrobas, y dos marquetas componen la carga de una mula, ó sea diez arrobas.

Marras (Hacer). Hacer tiempo que ocurrió algún suceso. Tal día hizo un año. Así : « *Hace marras* que no he visto á Don Fulano. » He oído decir que tal expresión deriva de *hace el tiempo de Gamarra*, personaje político del Perú que dió mucho que hacer á Bolivia, hasta que víctima de su ambición, murió en Ingavi (1845). Lo cierto es que en Bolivia se dijo y hay quien dice todavía : sombrero de Gamarra ; leva de Gamarra, etc., para denotar la vejez de una prenda.

Martineta. Perdiz de las pampas. *Macuco* en Santa Cruz (*Tinamus variegatus*).

Marucha. La carne sobre la paleta de la res que se da á los matanceros por su trabajo.

Marucho. Zagalón que va al frente de una vacada, soplando un cuerno, de cuando en cuando, para que las reses que se apartan del camino, internándose en la umbría, vuelvan á reunirse á la tropa.

Masaco. Amasijo de plátano asado, molido en mortero con queso ó picadillo de carne.

Masapúri. Plátano maduro sancochado y estrujado, con lo que resulta un *fresco* agradable entre los cruceños.

Masarandúba (*Mimosop excelsa*. Freire Allemão). Sapotáceas. Da un jugo semejante á la gutapercha que mana de otro árbol originario de la India y Oceania.

Mascabado (Azúcar). Azúcar que en estado de miel cristalizada se deposita en grandes pipas puestas á escurrir, sin emplear

medios colorantes. Los panes de azúcar medio descoloridos constituyen el azúcar quebrado ó *terciado*.

MASI. Especie de ardilla, trepadora de palmeras.

MASITA. Pasta dulce de harina, como bizcocho, panatela, etc. « Para masitas », piden los niños criollos, como para galletitas los peninsulares.

MATACO. Especie de talú ó armadillo.

MATACOS. Indios semi-salvajes del Gran Chaco que componen actualmente una tribu numerosa.

MATACHIN. Torero de invierno ú hombre alquilado para provocar el toro cuando en las capeas no hay aficionados que lo hagan.

MATADERO. Cuarto de soltero donde los jóvenes corren juergas y matan honras.

MATADO (Caballo). De mala facha y con mataduras.

MATAMBRE. El « badal » de Aragón ó carne valiente del costillar, gorda y apetitosa, que en realidad es un mata-hambre, no solo por lo substanciosa, sino porque es lo primero que se corta de la res.

MATANCERO. Matarife ó carnicero. *Mañazo* en quichua. *Mañacería*, carnicería.

MATASERRANO. Pepino ó cohombro.

MATATO. Mate con pico, que sirve de tazón para sacar el caldo, ó bien la chicha en los menajes pobres. Corresponde al *maripi* de Mojos.

MATATUDO. Animal de hocico largo, ó geta como la del jabalí; así como *currutaco* al de hocico romo. Conforme á esto, se dice : chancho *matatudo*, chancho *currutaco*.

MATE. Véase YERBA MATE. Fruta del « Palo de poros » y de la calabaza vinatera (*Cucurbita Lagenaria*. L.), que tiene varios nombres según su forma y tamaño. Así : *mate churuno*, calabaza de los peregrinos ; *poro*, largo y sin pico ; *galleta*, mate oblongo, como lo indica el nombre ; *porra*, mate con « porrita » ó pico ó mango ; *paraguayo*, en forma de 8.

Refrán : como los *mates* sirvo si me abren el pico. Véase *Refranes y Modismos*.

MATEO (Don). « ¿ Dónde está don Mateo ? » preguntan los gauchos cuando el mate no circula, ó no se *mateá*, en fiestas y reuniones.

MATETE. Disputa, reyerta. — Fango menudo. — Especie de engrudo.

MATHUÁSI. Galpón ventilado y seco para depositar la coca.

MATIAGUASO. El pendejo.

MATICO. Tordo del Oriente, de cuerpo anaranjado, cola negra y alas coloradas. Ave muy canora y domesticable, y tan peleadora que pelea como los gallos hasta morir ó matar á su rival. Árbol (*Piper angustifolium*. Ruiz y Pavón). Especie de pimentero americano, peculiar al Perú y Bolivia. Sus hojas astringentes cierran las heridas y cortan la gangrena. La infusión de las mismas empléase contra la diarrea, disentería y sobre todo contra la blenorragia. — Ambaibillo y *Moco-moco*, en tacana.

MATRERO. « Sepan voacedes que *cuatrero* es ladrón de bestias » (*Rinconete y Cortadillo*).

MATUCHO. Nombre que como el de godos, chapetones, gachupines, gallegos, etc., regalaron los patriotas sud-americanos á los peninsulares.

MATUFIA. En lunfardo argentino : grilla ó engaño.

MAYO ó mayu. Río en quichua. *Chinamayo*, río pequeño; *Cachimayo*, río de la sal ; *Aritumayo*, río del anillo ; *Amarumayo*, río de la serpiente (el Manutata ó Madre de Dios); *Pilcomayo*, *Chicha-Pilcomayo*, etc.

MAZAMORRA. Maíz pisado en mortero y luego hervido en agua ó en leche con azúcar. Es uno de los alimentos más generalizados en América. *Api* en quichua. « La mazamorra espesa para la mesa; la cocida para la mesa tendida. »

— Avenida de barro más ó menos compacto, cuyo ímpetu y acción se asemeja al de los aludes de nieve. Se forma en los orígenes ó nacientes de las quebradas, barrancos y torrentes

afluentes de algunos ríos, y sobre todo en los lugares elevados de los Andes cuyos lagos y lagunas dominan las hoyas hidrográficas, las cuales están formadas de terrenos aluviales de acarreo y de poca consistencia, cimentadas á su vez en terrenos permeables en declive, de arcilla, salitre ú otras sales delicuescentes. Las aguas, al filtrarse, penetran fácilmente en los terrenos sueltos, y al llegar á la capa subyacente impermeable, se detiene, operándose progresivamente la disgregación y formación del barro, el cual en contacto con el lecho, destruye la cohesión primitiva, por lo que éste va desmoronándose y desplazando siguiendo un plano de resbalamiento generalmente al « thalweg » de la quebrada. El movimiento, al principio lento, se convierte luego en rápido, rotatorio y de impulsión merced á la cantidad de masa acumulada y á la fuerza mecánica que desarrolla el agua al través de las tierras remojadas y al estallido del gas hidrógeno protocarburado aprisionado en las cavidades internas, con temblor y ruido parecidos al del terremoto. Al producirse la *mazamorra*, si el terreno ofrece poca resistencia, es desprendido y arrastrado por la avenida, arrasando árboles, piedras, edificios, etc. Al llegar al *thalweg*, ó bien se esparce por los llanos ó bien detiene el curso del río formando una barrera que obstruye su curso hasta que acumulándose el agua, rompe el dique produciendo desbordes é inundaciones fangosas. Se ha calculado en 116.632 kilogramos la impulsión de un metro cúbico de *mazamorra* desde 160 metros de altura. Las llanuras y desembocaduras donde se ha depositado la capa de la *mazamorra* presentan placas escamosas de arcilla endurecida, sobre un subsuelo todavía húmedo, así que el paso por estos terrenos es sumamente peligroso. En cambio, como constituyen tierras casi homogéneas, son útiles para la agricultura, mejorándolas con abonos y cultivos sucesivos. Esta modificación geológica que constituye un fenómeno muy común en Bolivia, cesará indudablemente una vez que los terrenos por donde se infiltran las aguas se hayan nivelado en las partes bajas, formando una superficie difícilmente disgregable.

MAZORCA. La espiga de maíz, como en la Península, y por extensión toda clase de frutos como el cacao cuyos granos están apretados ; al modo que quiso dar á entender Sancho Panza, cuando llamaba *mazorca de perlas* á Dulcinea y sus doncellas, en la aventura de Toboso.

La *Mazorca de Rosas*. Tribunal secreto encargado de las ejecuciones decretadas por el dictador ó sus lugartenientes. *Mazorqueros*, los esbirros.

MECHA-CANALLA. Hijo de clérigo pobre. Véase CANDELERO. — *Blandón* : el hijo de canónigo. Es decir que según la alcurnia del nacido se le aplica la nomenclatura cerera que por clasificación le corresponde.

MEDIA ARROBA (Llevar la). Llevar ventaja. Expresión tomada de las carreras de caballos.

MEDIDOR. Especie de lepidóptero geómetra ; gusano así llamado porque en las contracciones que hace al arrastrarse por el suelo ó en una rama, parece que los está midiendo.

MEGATERIO. Animal antediluviano cuyo esqueleto fué hallado por primera vez en un lecho de arcilla entre la villa de Luján y el Río Paraná, en la Provincia de Buenos Aires, y depositado en el Museo de Madrid, en 1789, después de haber sido armado y descrito por Don José Garriga, de cuyas observaciones se valió el sabio Cuvier para clasificarlo. Parece ser que los restos del megaterio son peculiares á las provincias del Plata, pues en ellos se han hallado los únicos ejemplares que conoce el mundo científico : el ejemplar ya citado de Madrid y el otro de Londres remitido en 1832 por el ministro británico en Buenos Aires, hallado también en el Río Saladillo, á pocas leguas de la capital.

MELERO (Oso). *Viverra melivora*. Ni es oso, ni *gato melero* como le llamaron los españoles. Es del tamaño de un perro, cara de mono y de muy poco pelo. Gran aficionado á la miel, arranca el panal á zarpadas, resguardándose de las picaduras de las abejas untándose con miel y cera en cuya viscosidad se adhiere la chamarasca del monte haciéndole invulnerable contra sus

enemigas. Como el oso hormiguero (véase TAMANDÚA), teme al hombre y huye encaramándose á los árboles.

MELGAREJO ó tostón. Moneda acuñada en Bolivia después de la batalla de la Cantería, en público testimonio de gratitud á su Excelencia el general Mariano Melgarejo. En el anverso tiene grabadas las efigies del dictador y de su secretario de Estado, Mariano Donato Muñoz, con el lema « Al Valor y al Talento ». Por orden del 12 de noviembre de 1868 se mandó que el *peso melgarejo* circulase por seis reales, aunque no tenía más valor que cinco, para subsanar, según el gobierno, los daños causados á su crédito y á las transacciones del país. Todavía por otro decreto se ordenó la recogida de los « Melgarejos » para darles el nuevo valor de ocho reales. En el día, es moneda feble que vale tres reales, subdividida en dos melgarejos de á real y medio cada uno.

MELGAREJADA. Pronunciamiento ; cuartelada, en lo que era práctico D. Mariano, uno de cuyos actos dió origen al refrán : « Hombre cobarde no entra en palacio. » Véase *Refranes y Modismos*.

MENAS (De todas). Clases ó especies.

MENTA (De). Ser de fama ó nombradía. Mentado.

MERIDIANO. Como primer Meridiano ó Meridiano especial señalado para servir de punto de comparación y determinar la longitud, los argentinos se sirven del que pasa por Córdoba; en cuya ciudad hay un observatorio astronómico. Los bolivianos se rigen por el meridiano de París. — *Meridiano de Demarcación* era el que servía de límite entre las colonias portuguesas y españolas.

MERIDIEM (Ante y Post). Antes y después del mediodía. Fórmula adoptada por la culti-parla criolla y así las 9 a. m. ó las 9 p. m. según sea las nueve de la mañana ó de la noche.

MERIENDA. La comida que se hace á la francesa, o á la caída de la tarde.

MESÓN DE FIERRO. En el corazón del Chaco, en el camino que recorren los feroces indios tobas en sus excursiones á la

Argentina, hállase en un lugar llamado « Otumpa » un gran *mesón* ; masa grande de mineral parecido al hierro, que se supone ser un aerolito ó « piedra del cielo ». En la « Relación de la Provincia de Tucumán » que al Licenciado Cepeda, presidente de la Audiencia de La Plata por los años de 1583, dió Pedro Sotelo Narváez, se alude á este aerolito en este pasaje : « En este paraje (el Gran Chaco) se ha hallado un pedazo de hierro como un cerro pequeño y del cual se ha hallado algún grano rodado y es muy amoroso de labrar. » En el siglo XVIII se hicieron varias excursiones para dar con él, pero luego se perdió el rastro. El general argentino Taboada lo encontró en una de sus expediciones, pero como no supo fijar el sitio astronómico, no volvió ó dar con él á la vuelta. Este bloque es tanto más notable, cuanto que no se tiene noticia de que exista en el mundo otro mejor, sino es el que hay en Rusia, del cual se regalaron, como cosa de mucho mérito, un par de pistolas á Napoleón I°. Del metal de Otumpa hay también dos pistolas sobre la mesa de la secretaría del Gobierno de Washington. Dícese que el gobierno de la provincia de Santiago del Estero tiene establecido un buen premio en metálico al primero que dé noticia precisa del sitio donde se halla el *mesón de fierro*.

Mesopotamia Argentina. Expresión de Martín de Moussy que ha tenido mucha resonancia. Comprende el Delta del Paraná, también llamado el *Tempe argentino* por el escritor Marcos Sastre.

Mestizo ó Cholo. Hijo de europeo é india. En tiempo de la dominación española los mestizos formaban la tercera clase, después de los peninsulares y criollos. Tras los mestizos seguían los negros africanos. Los indios formaban clase separada.

Metapaso. Juego infantil : el salto del carnero. *Sarataca* en los departamentos quichuas.

Mezquinar. Rehuir, evitar ó negar alguna cosa. Vg. : « Le pedí pan y me lo *mezquinó*. » — « Quise hablarle y se *mezquinó* calle arriba », etc. En Colombia *mezquinar* significa defender á alguien.

MICQUIPULAZO. Voz quichua. El golpe que con las manos juntas y ahuecadas, se da en la cabeza de otro.

MICURÉ. *Carachupa* en Santa Cruz. Véase SARIGA.

MICHE. Oveja desorejada, en señal de marca.

MILAGROSA (Cruz). La de madera que, con una hucha ó cepillo de ánimas, hay en los caminos del norte de la Argentina para que los viajeros echen algún dinerillo, que, recogido por los campesinos del pago, sirve para sufragio de los fallecidos en el tránsito y para recomendación del viajero, constituyendo dos velas encendidas tan piadosa ofrenda.

MILICO. El soldado del ejército de línea.

MILONGUERO. Tipo popular de las Repúblicas del Plata y que no se debe confundir con el *Payador* (véase PAYADOR). El milonguero en sus *milongas* ó canciones abarca más dilatados horizontes que el payador, improvisando al compás de su guitarra desde la entusiasta canción patriótica hasta el sentimental *triste*. El segundo cultiva un género especial, eminentemente acentuado y con un sabor *orillero* que encanta al gauchaje. Al milonguero sólo se le encuentra en los centros de población. Los parajes donde se exhibe son los cafetines de los suburbios, casas de baile y de juego donde se reunen los *compadritos*. Pocos ejemplares de legítimos milongueros se encuentran ya. La mayoría de los que así se titulan no son más que imitadores rutinarios ó que cantan lo aprendido de memoria, careciendo de aquella improvisación descuidada de los primitivos, pero las más de las veces, orginal y graciosa. Varias clasificaciones pueden hacerse de las *milongas*, pero las más generales y aceptadas son las *criollas*, por la entonación especial del canto y el característico acompañamiento de los bordones.

MILLO. Alumbre desmenuzable.

MINA. Barragana, compañera. Esta clase de minas es abundantísima en la campaña americana.

MINGA (La). Voz quichua, *minccani* : alquilar por la comida y la bebida. — Reunión de personas para el convite ó agasajo

que les da el dueño de una finca ó explotación agrícola, antes de empezar la faena.

MIÑANGO. Pedazo ó porción pequeña de una cosa. Así : « *un miñango* de carne », por una tajada.

MIÑARDIZ. Así llaman en el comercio á los alamares ó *brandebourgs*.

MIQUILO. Nutria.

MIRASOL. Especie de garza rabona, alba y de plumaje estimadísimo, singularmente el de la rabadilla que llega á pagarse á cien nacionales el kilo por los proveedores de Buenos Aires. Deriva el nombre del ave, de estarse á orillas de las aguadas con el pico levantado mirando al sol. Abundantísima en las lagunas de Mojos.

MISIA. Señora. Tratamiento cariñoso que á las señoras maduras se da en el campo y aun en las ciudades. — *Miséa* en Bolivia. Las ancianas aristocráticas de Galicia, á principios del siglo XIX se daban el tratamiento inglés de misias (*mistress*) en recuerdo del hermoso Lord Wellington.

En los clásicos se lee *misa*. Así :

Yo vengo con esas galas
que envia el futuro esposo
á *misa* Juana.

(Tirso de Molina, *La santa Juana*. Acto 2°, escena segunda.)

MISIONES. Territorio de la Argentina, cuya capital es Posadas. Esta República en cuya gobernación estuvieron enclavadas las famosas reducciones guaraníticas y del Tucumán, no conserva oficialmente sino las servidas por los padres Salesianos en Tierra de Fuego y Chubut. En Bolivia hay cuatro colegios franciscanos de « Propaganda Fide » : en La Paz, Sucre, Potosí, Tarija y Tarata.

MISO (Andar). Tal vez de: andar remiso. Entre el gauchaje es sinónimo de estar pobre ó andar sin un centavo.

MISTOL ó quitachihú. Azufaifo peruano (*Zizyphus Peruviana*.

Lamarck). Frutilla que sirve en Santiago del Estero para hacer el dulce *patay*.

MITA. La cosecha de la coca. Véase MITAYOS.

MITAYOS. Voz quichua : de *mitta*, tanda, vez de tiempo ; así *mitayo* vale tanto como el que trabaja por turno. *Mita de agua*, el turno de riego en una finca. Los antiguos mitayos trabajaban en las minas cumpliendo la *mita* ó contribución personal que por turno servían. Estaba arreglada á arancel, pues el jornal se tasaba en cuatro reales, aunque había minas como las de Potosí en que ganaban un peso. La *mita* duraba seis meses. Finido este término volvían á su pueblo los mitayos á cultivar los campos, no tocándoles el turno en dos ó tres meses más, según era más ó menos crecido el vecindario de los pueblos. La *mita* era institución incásica que conservaron los españoles, y si bien es indudable que estos explotaron el trabajo de los indígenas, no hay que llegar al extremo de suponer que ella fuese la causa de la extinción de la raza india ; pues según el testimonio de Ulloa (*Noticias americanas*), los mitayos se convidaban á doblar su trabajo para ganar más, y aun se quedaban voluntariamente después de concluido el tiempo preciso de la mita.

Por lo demás, los mineros españoles hicieron en su tiempo lo que los mineros criollos contemporáneos : explotar las minas con el trabajo de los indígenas. La aristocracia boliviana y chilena viven de las rentas que les proporciona ya el indio quichua, ya el obrero chileno, casi tan mal retribuidos como los antiguos mitayos, si es que no lo están peor, pues el indio moderno tiene vicios que sus antepasados desconocían.

MIZQUE. Dulce, en quichua ; de donde *Altamisque* ó colmena. — Nombre de una ciudad de bastante importancia en los primeros tiempos de la conquista, y que venido á menos es hoy población secundaria, capital de la provincia del mismo nombre en el departamento boliviano de Cochabamba. Á quince leguas al nordeste de la actual Mizque, en el risueño valle de Pocona, fué donde estuvo situada la primera Mizque, que con Machaca-

marca y Comarapa, pueblos de mineros, sufragaban el impuesto llamado del *capín ó chapín de la Reina*, para los gastos del calzado de esta señora. Á este impuesto alude Don Quijote cuando se deja decir : « ¿ Qué caballero andante pagó pecho, alcabala, *chapin de la reina*, moneda forera, portazgo, ni barca ? » (Parte 1ª, capítulo 46).

Mococoa (Estar de). Estar con la luna ; con esplín.

Mocheo. Color entre amarillo y verde, característico de las materias orgánicas en descomposición. « Color mocheo », color cadavérico, de ictericia.

Mocherú. Planta ó animal estéril.

Mogollar. Trampear ; andar con camándulas.

Moguillo. Cacha ó cachera. Espolón hecho de espina de cebil que se enguanta al natural del gallo de pelea.

Mohino ó mojino. Animal de color chocolate con el hocico negro. Así : macho y mula *mohinos*.

Mojo. Grasa que, cocinada con cebolla, pimientos, comino, y algunos tumbitos de carne, viene á parecerse á la « carbonada ».

Mojón. Pila de *soretes* ó excretas de estómago sano y que digiere bien.

Mojos. Territorio comprendido en el actual Departamento de Beni, cuya capital Trinidad fué fundada por Gonzalo Solis de Holguín, á quien le fué dada la Provincia en encomienda á principios del siglo xvii. Pocos años después entró el Padre Juan de Soto, al que siguieron otros padres jesuitas, presididos por el P. Marbán (autor del « Arte de la lengua Moja » impreso en Lima en 1701), y fundaron las famosas « Reducciones ».

Mojos es el país de los *Moxos*, cuya conquista emprendió el inca Yupanqui, de cuyo paso se conservan vestigios en el país. Más tarde fué la región encantada que con el nombre de « Gran Mojo » buscaron los aventureros españoles, algunos de los cuales es creencia generalizada hayan dado origen á varias tribus indígenas del Oriente notables por su semejanza en rasgos

y color con el tipo caucásico. — Indios de Mojos : varias tribus : *itunamas*, *cayubabas*, *canichanas*, *mobimas*, *trinitarios* y *mojos* propiamente dichos, repartidas en los pueblos de Magdalena, San Pedro, Loreto, San Javier, Baures, San Ignacio, Reyes, San Joaquín y Exaltación en una superficie de 13.750 leguas cuadradas. Acerca de lo que fué y es ahora Mojos, puede consultar el lector la curiosa obra de René Moreno « Archivos de Mojos y Chiquitos », Santiago, 1888.

Mojosearse. Enmohecerse.

Mojoso (El). El *facón* del gaucho casi siempre mojado ó tinto en sangre por la carneada de animales.

Molle (*Schinus Molle*). Falso pimentero. Uno de los árboles de la América del Sur aclimatado en el litoral del Mediterráneo. Es de corteza rugosa y agrietada, tronco y ramas retorcidas, hojas aplumadas y racimos de flores blanquecinas que preceden á unas bayas de color de rosa, tamañas como granos de pimienta, con cuyo sabor tiene alguna semejanza. Utilízase su resina para dar consistencia á las velas de sebo. El árbol es de perenne verdor como casi todos los vegetales resinosos.

Mollete. Pan de munición ó de miga de harina y corteza de salvado ó afrecho. Chúmi en otras provincias.

Momo. Árbol laborable.

Mondongo. Amasijo de afrecho, maíz en grano, pero bien limpio, y miel, que se da á los caballos de regalo para que engorden y críen el pelo lustroso.

Monigote. Llaman en Sucre al seminarista ó colegial que sigue sus estudios en el Seminario Conciliar.

Monte. Terreno cubierto de vegetación arborescente. Es sinónimo de floresta, selva, bosque y soto; con significación más genérica, abarcando los cuatro significados. En España tenemos Ingenieros de Montes (monte tallar y monte alto). En la Provincia de Buenos Aires, país de los bosques artificiales, que son los verdaderos *montes* en agricultura, se han aclimatado perfectamente sauces, duraznos, eucaliptus, y demás árboles que sombrean

las estancias y algunos trechos de la pampa á manera de islas de arboleda. Parece ser que un Señor Videla fué el primer estanciero que plantó un monte de diversas especies de árboles en su estancia de Magdalena, partido de Buenos Aires (*Semanario de Agricultura, Ind. y Com.*, 1808, Buenos Aires).

« Ganarse al monte », escapar, huir de la justicia, como hacen los peones en el Oriente, de los cuales es este significativo refrán : *Si Dios es grande, el monte es mayor*, ó como en el vecino Brasil dicen : « Se Deus é grande. o *matto* é maior. » Porque si Dios es grande porque todo lo puede, el monte es mayor que á todos cobija, sustenta y esconde.

Montera. El capacete de los indios é indias quichuas ó sombrero caprichoso de copa cónica, alas anchas y flexibles, colores vivos, y recamados de lentejuelas y filigranas, que indudablemente deriva del antiguo chambergo, aunque ahora tenga más de chinesco que de hispano. Á este respecto he de añadir que entre los indios pampas, llaman al sombrero *chamberú*, voz castellanizada de chambergo, puesto que los indios sólo usaban la vincha y no conocían tal artefacto. Sabido es que la famosa chamberga era un sombrero redondo y sin picos que usaba el « Regimiento de la Reina » en la menor edad de Carlos II, de donde le vino el nombre de Regimiento de los « chambergos », cuyos soldados á su vez lo habían copiado de los del general francés Schomberg que peleó contra los españoles en Cataluña y el Rosellón.

Montería. Véase Embarcaciones.

Mopóri. Árbol de construcción.

Mora. La bala de fusil. « ¡ Ahí va una morita ! » dicen los soldados americanos con la misma gracia que los nuestros « un pepino », cuando ven venir una bala de cañon.

Mordoré (Color). Voz gálica, que sustituye á amaranto.

Morlacos (Los). La guita ó dinero.

Mormoso. De muermo. Apaleado en la cabeza. Que queda como caballo con muermo, enfermedad caballar que ataca la cabeza.

Moroco. La pantorra ó « barriga das pernas ». — Voz aimará : *morocco*, redondo. La mano de almirez ó piedra redonda que hace sus veces en las cocinas americanas, para moler ají, maíz ó trigo. Con el *moroco* se muele sobre otra piedra grande, lustrosa y algo cóncava, llamada *maran* ó *catauna*. El conjunto del aparato llámase *marannyntin*.

Morocho. Moreno ó trigueño. Así : « Prefiero una morocha de Tucumán á una gringa rubia. » Es decir prefiero una morena tucumana á una rubia inglesa ó alemana. — Trigo morocho.

Morro (Caballo). Tordo.

Morronguear. Chupar. *Morronguear* de la bombilla, de la limeta, etc.

Mosquetero. De *mosquetear* : estar ocioso ó curiosear. « Señorita *mosquetera* », la que en un baile plancha el asiento.

Mota. La pasa ó pelo del negro.

Motacú (*Maximiliana Princeps*. Martius). Palmera de terrenos bajos, de largas y anchas hojas que van creciendo como las hojas de la pita, envolviendo el tronco. Sus cocos grandes como limones, tienen su pericardio duro y fibroso que sirve de combustible para « desfumar » la goma en los *centros*, á causa de la densa humareda que producen. Cuelgan en racimos de más de un quintal de peso. Cuando estos cocos se abren solos ó á golpes, se agusana la *pepita* ó almendra y entonces los indios y ortos que no son indios, como los peones cruceños, comen con avidez estos gusanos, ensartándolos con el *gipuri* de la palma. Yo los he probado también, y confieso que fritos en el mismo aceite en que están impregnados no son desagradables y hasta valen á chicharrones. El *motacú* es palmera abundantísima en el oriente boliviano, y el nombre científico que lleva es en homenaje al príncipe Maximiliano Neuwied que ha descrito gran número de palmeras y ofidios del Amazonas.

Mote. Voz quichua, *mutti*, molet. Maíz pelado con ceniza, lavado y puesto á hervir. *Mute* en otras partes.

Moto. Cuadrúpedo rabón.

MOTOJOBOBO (*Phisalis Alkekenje*. L.). Solanáceas. Vegetal alimenticio. Planta rastrera que da unos frutos como pequeños tomates agridulces, y que es prueba de fertilidad de todo terreno que lo produce. Especies análogas : *motojobobo embolsado*, *camambú*, *alquenje* ó vejiga de perro.

MOTOSO. Instrumento cortante de filo embotado ó de punta roma.

MOTOYOE. Árbol frutal silvestre de alto tronco y ramitas horizontales, lo que le da hermoso aspecto.

MOTOZ. Insecto imperceptible que no sacándolo á tiempo ocasiona la ceguera. Es una de las plagas del Beni.

MUCAMO. En Buenos Aires no se emplea otra palabra para significar un criado ó doméstico. *Servicial* en Santa Cruz; *Pongo* en La Paz. *Mucamo* es voz quichua derivada de *muquear* ó hacer el *muco*, levadura ó fermento de la chicha (véase CHICHA y MUCO). En Buenos Aires la tomaban los buenos criollos en tiempo de la independencia, pero ya nadie la conoce, habiéndose conservado, empero, corriente y moliente á todo ruedo la voz *mucamo*.

MUCO. Voz quichua : grano. El grano de maíz mascado cuya levadura puesta á secar al sol, haciéndola hervir después y puesta en tinajas bien tapadas para que la masa fermente, constituye la chicha. Pesia al pecado original del *muco*, uno se acostumbra á los usos del país y gusta de la chicha. Yo á lo menos la prefería á los venenos alcohólicos que los europeos exportamos á América.

MUCÚRI. Nombre vulgar cruceño del *resacado* ó aguardiente de alcohol.

MUCHACHO. Palo que sirve de palanca para sacar la rueda del carro.

MULAS (Las mulas de Don Juan de la Cueva). Juego de niños que he visto en Santa Cruz. Puestos en rueda, con las manos entrelazadas, viene por la parte de afuera el que hace de tigre y cambia con las mulas del ruedo estas palabras : « ¿ Cuyas son estas mulas ? — De Don Juan de la Cueva. — ¿ Qué comen ? — Cebada

verde. — ¿ Qué beben ? — Sangre de gente. — ¿ Con qué se enlazan ? —Con cintas verdes. — ¿ Se pueden cojer ? — Se pueden. » Á esto el tigre se abalanza á una de las mulitas, recibiéndole todos á patadas hasta que en uno de tantos ataques, arranca á una de las mulas que en seguida se metamorfosea en tigre. « Según Acisclo que por razón de empleo hace y deshace del Archivo de la municipalidad de Lima, Don Juan de la Cueva y Campuzano, conciliario perpetuo de la Inquisición y guarda mayor de montes y plantíos de la Ciudad de los Reyes, desempeñaba en 1634, entre otros mercantiles, el cargo de tesorero de la riquísima Archicofradía de la virgen de la O : y añade el chistoso biógrafo que un día anocheció y no amaneció en Lima, fugándose más redondo que la O de que era tesorero. Doscientos mil duros mal contados se evaporaron con su señoría, que no paró hasta Lisboa. Siguióse causa criminal al ausente y, mientras ella se sentenciaba, dispuso el Cabildo que un muñeco ó figurón de trapo con joroba doble, antiparras de cáscara de chirimoya y un plátano por nariz, montado sobre un jumento en lenguas, se exhibiera representando al de la Cueva en las procesiones de Corpus y Cuasimodo, paseo de Alcaldes, volatines del Tajamar de los Alguaciles, maromas de Matienzo y demás farsas públicas y recreos populares, permitiéndose á los particulares hacer burla é irrisión de su nombre, dirigirle injurias y hasta llamarlo hijo de...cabra. Los muchachos formaban el cortejo del muñeco, cantando unas coplas que empiezan así :

Juan de la Cova
coscorova,
niño bonito
con platanito...

y que concluyen con no pocas palabras sucias y obscenas. Esta mojiganga duró hasta los primeros años del gobierno de Abascal » (Ricardo Palma, *Tradiciones*).

Mulita (*Praopus hibridus*). Armadillo ó tatú. Desdentado.

Animal de carne más delicada que su congénere el Peludo y ambos provistos de un caparazón óseo que los cholos cruceños utilizan para caja de *charango*. Llámase *mulita* por sus orejitas tiesas como las de la mula. — « Es una mulita », es un inocente, un simplón, en términos gauchescos.

MUÑA-COCA. La coca de hoja menuda y de primera calidad.

MURCIÉLAGO americano. Las especies *Pteropus*, *Beni* y *Molosus* (Geoffroy) son las de mayor tamaño y se alimentan de frutas. Los del género *Philostoma* chupan la sangre de los bueyes y otros animales. Abundan tanto los murciélagos en Mojos, que ocurre muchas veces no entender la palabra del predicador por el ruido que aquellos animales mueven en el *tumbado* ó cielo raso del techo de la iglesia.

MURUCUNTUYO ó macontullo. Voz quichua = las chilenas ó femures de vaca. En Santa Cruz se habla todavía de los murucontullos ó *murucuntuyos* que « asayés » colgaban de los ranchos, y que una comadre prestaba á otra para sacar grasa al caldo, no sin prevenir á la usufructuoria con la frase sacramental « *que no me lo champurree usted mucho* » (que no me le saca toda la manteca), así estuvieran los huesos más limpios y pelados que los fósiles en que estudió Cuvier la clasificación antediluviana.

MURURÉ. Artocárpe. Urtíceas. El árbol del pan de estos países, con harina que se hace de semilla molida.

MUSELGA. Especie de mus ilustrado que juegan en la Argentina.

MUTÚN ó yacú. Hoco (*Penélope*). Especie intermedia entre el faisán y el pavo; de menor tamaño pero de la misma forma que éste. Su plumaje es de un tornasolado verdinegro con reflejos metálicos y el pecho de color chocolate. Tiene sobre la base del pico una carúncula carnosa naranjada y en seguida un moño negro y sedoso, elegantemente rizado. Esta especie se reune por bandadas numerosas y elige por mansión los bosques; anida sobre los árboles y se alimenta de semillas, frutas y brotas. Sus costumbres son tan pacíficas como sociables, y los guaraníes, con

el nombre de *yacú* la tenían como ave casera en la época de los conquistadores. Es obvio decir que es una « boccata di cardinali ».

N

NACO. Andullo ó mazo de tabaco, formado por hojas arrolladas de esta planta. Algunos *nacos* llegan á tener una vara de largo, y para que no pierdan el aroma se les rodea con ataduras de *chola* ó bejucos elásticos. Así se presentan en el comercio los famosos tabacos de braganza (brasileño) y Cayuaba, de Mojos.

NAHUEL. Voz pampa : Tigre. Lago de Nahuel Huapí, ó del Tigre blanco.

NAVÍO de asiento. Buque que por el tratado de asiento celebrado en 1740, concedió España á Inglaterra, pudiendo ésta importar un determinado número de esclavos y un solo cargamento de mercancías en el puerto de Puerto Bello. El gobierno de Inglaterra transfirió este derecho de asiento á la compañía del Mar del Sur, como entonces se llamaba á toda la extensión de entrambas costas de la América del Sur al Sur del Orinoco.

NAZARENAS. Espuelas así llamadas porque al andar el gaucho con ellas arrastra la descomunal rodaja de la espuela, como el Nazareno su cruz. Véase LLORONAS. Es el acicate de nuestros vaqueros andaluces.

NEGRILLO. Variedad de jilguero, de cuerpo negro y plumas remeras amarillas. — Sulfuro de plata, como el plomo ronco, el rosicler y el cochizo.

NEUQUÉN. Voz pampa : Correntoso. Río de la Argentina.

NIGUA (*Pulex penetrans*. L.). Parecida á la pulga y habitante de las inmundicias. Invade los dedos del pie agujereando el cutis, y hay que sacarlo pronto para evitar que ponga huevos. Si no se saca bien la nigua ó sus huevos con una aguja, resulta una herida muy enconada y de bastante duración. El agujero que ha abierto se cura con ceniza de tabaco ó sebo muy caliente. — *Pique*, en

otras provincias. *Sutti* en Yungas, de donde viene llamar en Bolivia « suttis » á los yungueños.

Niña. « En Chile, escribe Bello en su *Gramática*, como en algunos otros países de América se abusa de los diminutivos. Se llama señorita no sólo á toda señora soltera, de cualquier tamaño y edad, sino á toda señora casada ó viuda, y casi nunca se la nombra sino con el diminutivo, Pepita, Conchita, por más ancianas y corpulentas que sean. Esta práctica debiera desterrarse, no sólo porque tiene algo de chocante y ridícula, sino porque confunde diferencias esenciales en el trato social. En el abuso de las terminaciones diminutivas hay algo de empalagoso. »

Esto que dice Bello del diminutivo *señorita* puede extenderse con más razón á *niña*, diminutivo cariñoso que los inferiores dan á una señora, así tenga más años que Ninon de Lenclos.

Niño Alcalde. Véase Inca. — *La fiesta del Niño*. Es costumbre entre la cholada boliviana tener un niño Jesús en casa, al cual dan fiestas desde Navidad hasta Carnaval. Para ello se contrata una murga que con los convidados á la fiesta se encaminan á la iglesia, donde se dice una misa — *la misa del Niño* — y al son de bailes populares, como nuestros villancicos de Navidad. Vuelta la comitiva á casa, se entonan canciones alusivas al Niño, entre tanto corre la chicha, *obligándose* hombres y mujeres. Cuando la alegría es general, se tapa con un velo la imagen del Niño y empieza el baile hasta la mañana siguiente.

Nío. Género *Gastrolabium*. Planta venenosa que mata á los animales que de ella comen.

Noque. Cuero vacuno ó lanar, bien retobado, para pellejo de yerba mate, maíz, trigo, etc. — « Barriga llena como un noque. » Frase.

Novillero. En una yunta, el novillo que va á la izquierda del buey madrina. Véase Buey.

Novillos (Correr). Correr toros callejeros ó toros de cuerda en las calles de los pueblos de Bolivia, desde el Sábado santo hasta el Lunes de Pascua.

Nudo. De varias clases los hacen los gauchos, maestros en el arte de hacer nudos y lazadas. Véase Lazo. — *Nudo pampa* ó estaca de campaña. Agujero algo hondo que se hace en el suelo, en el que se introduce la punta de la soga en nudo. Luego se apisona la tierra y el cabestro queda tan sólidamente amarrado que por más tirones que dé el animal no consigue hacerlo soltar, porque el empuje es oblicuo y el arranque ha de ser de abajo arriba. Con este nudo se afianza un animal en plena pampa, sin árboles ni estacas. — *Nudo potrero* ó potreador. Que no se cierra por más que forcejee el animal. — *Nudo ciego*, un nudo tras otro. Frase. *Al ñudo*, en vano.

Nuestro-amo. El viático que se lleva á los moribundos.

Nuez moscada (*Myristica officinalis*. L.). Árbol de la flora oceánica (Molucas) que se encuentra también en América, como en Cayena y en Yungas de Bolivia. Además del aceite volátil y graso que de su almendra se extrae, la usan en Bolivia, raspando la nuez para condimento.

Número cuatro (Hacer el). La posición favorita del gaucho cuando está sentado pierna sobre pierna, *haciendo el número 4*, como él dice.

Nunca. Emplean en Santa Cruz este adverbio de tiempo acompañado de verbo, en lugar de « no ». Así : *nunca* vino á verme Fulano; *nunca* compuso el reloj el relojero; por : no vino la visita; no compuso el reloj el relojero; lo hará mañana, etc.

Nútria. *Quiyá*, en guaraní. *Londra* en otros sitios (*Castor Huidobrus*). Véase *Lobo de Río*. En el mercado de Buenos Aires se anuncia entre los « frutos del país », cueros de nutria « abiertos por el lomo », esto es cortado el cuero por la raya del cuerpo donde estaban las mamas que se extirparon al desollar el animal. Estos cueros abiertos se pagan hasta cinco nacionales el kilo, mientras que los cueros abiertos por la barriga se pagan solamente un peso.

Ñ

Ñacurubi. Mochuelo de la Pampa.

Ñamurucú (Hacer). Limpiar el maíz pisado, en la misma cavidad del mortero, á favor de los dedos, sin valerse de cedazo ni hornero, con lo que se obtiene la separación del maíz más grueso.

Ñandú. Nombre guaraní del avestruz americano (*Rhea Strutio.* L.). *Síyu* entre los cruceños ; *suri* en quichua ; *choiqué* en auca, de donde *calchaquie* (pluma de avestruz), nombre de una tribu que se adornaba con este distintivo. Aunque el ñandú en opinión del sabio Darwin no es avestruz, los naturalistas lo han incluido en este género. De todos modos, se diferencia del africano en que éste es didáctilo y el ñandú es tridáctilo. Otra particularidad del avestruz americano que lo distingue de su congénere el africano, es que el primero se tira voluntariamente al agua y atraviesa á nado grandes lagunas. Como *chajaes y teros*, los ñandúes llevan en los extremos de las alas una uña con la que se defienden cuando se ven acorralados. Debido al comercio que de sus plumas se hace y á la protección que se les dispensa para aumentar su propagación, los avestruces abundan en las pampas, mezclados con el ganado vacuno y lanar, paciendo la yerba y comiendo langostas de las que son muy golosos. Viven ordinariamente en familias de ocho á diez individuos á las orillas de las lagunas, arroyos y sitios donde hay agua. En lugares donde hay fruta, embisten el arbusto y dan fuertes pechadas contra el tronco á fin de hacer caer el fruto. Lo mismo hacen los machos cuando pelean entre sí, es decir, retroceden un poco, se embisten de frente y se topan con el pecho. Es ave muy arisca, voraz y corredora. Corre con tanta facilidad que aun cuando algún ginete está ya encima de ella para enlazarla, hace tantos lances y esguinces que difícilmente se puede agarrar. Cuando es pichón ó *charà*, entonces se coje más fácilmente y se la domestica,

dándole de comer en la mano, como se ve en las estancias de Buenos Aires. Hacia el mes de noviembre, los avestruces hacen su nido entre los pajonales de la pampa y cada hembra pone una docena de huevos, y como se juntan tres ó cuatro *casales* en la misma nidada resulta que ésta se compone de cuarenta á cincuenta huevos que en seguida empollan los machos. Lo que sí nadie ha visto, ni imaginado, es lo que nos cuenta el novelista Fernández y González de los avestruces africanos, que para el caso es lo mismo, que según él « anidan en las altas rocas junto á las águilas y buitres » (*Los Negreros*, cap. 29). Cada huevo de avestruz equivale á doce de gallina y es muy bueno de comer. El primer huevo que ponen lo dejan sin empollar, y cuando á poco más de un mes de la incubación las *charitas* empiezan á salir, el padre quiebra entonces con el pico el primer huevo de reserva, en cuyo licor se van reuniendo moscas y mosquitos que sirven de comida á los recién nacidos. El avestruz es no sólo muy voraz, sino también muy curioso. No es raro verlo en las estancias donde viven en estado de relativa domesticidad, acercarse á grupos de personas y mirar atentamente á los que conversan. Esta curioridad les es fatal á veces. En Mojos, principalmente, los jaguares para cazar los piyus en pampa rasa, se agazapan en tierra, levantando la cola que agitan en todas direcciones. Los avestruces, movidos á curiosidad, se aproximan á ver el objeto que llamó su atención, á cuyo tiempo el tigre que los atisba, de un salto hace presa en cualquiera de ellos. La carne del avestruz no vale gran cosa, pero sí la del pecho que aunque muy grasienta es delicada y de exquisito sabor. Llámanla *picana* ó *picanilla*. Fuera de algunos barraqueros de Buenos Aires, negociantes en plumas de avestruz, en ninguna otra provincia hacen caso de esos animales sino es para plumeros y abanicos, y naturalmente para robarles los huevos. Los indios de La Paz llevan al mercado estos huevos ó *suricacinas* (huevos de avestruz). Por esto llama la plebe *suricacinas* á las gallinas ó personas cobardes.

Ñandubay. Árbol de madera durísima que á veces quiebra el hacha del leñador, con la propiedad de endurecerse en el agua ó humedad que debiera pudrir la madera. *Cuchi* ó *colo* en otras partes.

Ñañaca. Bástulos ó cachivaches.

Ñapearó. Cada uno de los cuerpos de hilo que forma la madeja en el cartón ó madera donde va el ovillo.

Ñeque. Barro, en aimará. Los colegiales paceños llaman *ñeque-peque* (cabeza de barro) á aquellos de sus condiscípulos de cabeza dura ó incapaces para las letras. — *Ñeque-ahuira* (Río de barro) se llama en el mismo departamento á todas las quebradas ó riachuelos sin importancia que se llenan en las avenidas.

Ño. Abreviatura de Señó ó Señor. *Ño Pancho,* Señor Pancho.

Ñoca. Voz quichua : yo. De donde la frase corriente « *para ñoca* » : para mí.

O

Obligar. En los bailes caseros bolivianos y en todas las reuniones, hay la costumbre de *obligar*. Consiste en que la persona *obligada* bebe una porción de licor igual á la que ha bebido el que ha hecho la invitación, pudiendo aquélla obligar á otra persona. De este modo, las copas están en continua circulación, por lo que la fiesta, saliendo de los límites convenientes, se convierte por lo común en una verdadera orgía. Es costumbre heredada de los indios, tanto que en una « Relación de la ciudad de La Paz » por el corregidor Diego Cabeza de Vaca, en 1586, se lee : « Es costumbre que nunca bebe ninguno de estos indios esta bebida (la chicha) sólo ; sino que tienen todos los vasos á pares, y habiendo de beber el uno en uno de los dichos vasos, ha de dar á beber al compañero en el otro. Redunda de estas borracheras que cometen muchos estupros. »

Obrajería. Depósito de maderas extraídas de los montes y labradas toscamente para la exportación. Hay muchas obrajerías á lo largo de las costas de los ríos Paraná y Paraguay.

Oca (*Oxalis tuberosa*). Acedera tuberosa. Oxalideas. Tubérculo originario do los Andes, caracterizado por sus tallos carnosos, hojas divididas en cuatro hojuelas que recuerdan la forma del trébol, y umbelas de flores amarillas. Cada pie produce abundantes tubérculos ó raíces del tamaño de una patata, de diferente color, y aspecto oblongo con honduras escamosas. Antes de consumir esos tubérculos, debe ponérselos al sol durante algunos días, para transformar en azúcar el almidón que contienen y quitarles su natural acidez. Se les cuece en agua y se monda en un paño la fina piel de que están cubiertos.

Ocelote. Gato pantero (*Felix pardalis*. L.).

Ocoró. Árbol. — La comida que por guardarse de un día á otro se agría, con un gusto parecido al fruto del *ocoró*.

Ochoó. Árbol corpulento y frondoso, de una fruta como manzana, y comestible. Su resina es corrosiva y fluye de la corteza á menor incisión, siendo uno de los venenos más activos. El uso menos malo que de ella se hace es para embarbascar los peces sin que la carne se resienta del veneno. Dos ó tres gotas de ochoó mezcladas con aceite sirven como eficaz vomitivo. — Globos de manteca compacta que suelen encontrarse en la grasa de los animales, hacia la región axilar.

Ófrico. Término altisonante en la Península ó por lo menos muy poco usado, y que en Bolivia lo usan corrientemente en lugar de lóbrego ó tenebrero. Así : *esta dormida es muy ófrica* : esta alcoba es muy oscura.

Oidor. Título que en las Reales Audiencias correspondía al de Relator ó magistrado de Sala de nuestros días. En Indias los había en las tres audiencias de México, Lima y Charcas (hoy Sucre), formando cada una un Colegio de seis oidores. La audiencia del Cuzco, creada en 1777 por Carlos III para recompensar la fidelidad de los cuzqueños cuando la sublevación de Tupac-Amáru, constaba de tres oidores con el sueldo respectivo de 4.500 pesos. Tal era el respeto del pueblo hacia estos magistrados, que según se dijo ingeniosamente « había que empeñarse

con Su Majestad para que al Santísimo Sacramento se le diera el título de Oidor, para que en sus visitas á los moribundos tuviera mayor y más lucido acompañamiento ».

Ojalá. Como interjección se reemplaza por *malhaya*. El *ojalá* que suelen emplear algunos criollos es en lugar de aunque : V.gr. : *ojalá le recuerde, nunca se ha de levantar*, aunque le llame ó le despierte, no se ha de levantar.

Ojo de buey. Cierta semilla de bejuco, de extraño parecido á un ojo de buey.

Ojota. Voz quichua. Abarca ó sandalia de plantilla de cuero que se sujeta por un botón pasando una tira de cuero por entre el pulgar y el dedo inmediato del pie. Es el calzado del cholo y del indio serrano de Bolivia y el que usa el ejército en sus marchas, como la alpargata nuestros soldados. Véase Tamango.

Olla. Medida agraria proporcionada á la extensión de terreno que puede sembrarse con el contenido de una regular olla de maíz. — La cavidad intertorácica por donde se hiere el corazón de las reses.

Omaso. El tercer estómago de los rumiantes.

Ombú. Árbol de la América del Sur, característico de la Pampa platense. Pertenece al género *Fitolaca*, cuyas variedades se conocen también en la América del Norte. Es planta dioica, es decir que tiene los sexos separados en individuos distintos. Es tan longevo que no se conoce el término de su vida, y tan grande que diez hombres con los brazos extendidos apenas lo pueden abrazar. El jugo del árbol y de sus hojas sirve para curar el escabro, especie de roña de las ovejas, así como para combatir la borrachera y la sífilis. El zumo jabonoso de la fruta, lo emplean las lavanderas de Buenos Aires para quitar las manchas más tenaces de la ropa. En Sevilla, según Colmeiro, se le llama *sapote*, y *bella sombra* en Málaga y otros puntos de Andalucía en donde fué importado de América.

Once (Tomar las). Expresión derivada, según Madiedo (colombiano), de las once letras de la palabra aguardiente. En Bolivia,

donde es muy común tomar las once, nadie ha reparado en esta coincidencia gramatical, y si lo dicen es en el sentido de tomar (á) las once de la mañana el aperitivo ó *cocktail* preliminar á la comida.

Onza (*Felix onça*. L.). Especie de tigre de la América del Sur, de piel amarillenta, ornada de manchas negras cuadradas ó en forma de O ó de « onzas de oro ». Por lo demás, tiene las mismas costumbres y artimañas del tigre; nombre genérico de los felinos de gran tamaño, abundantes en América.

Opa. Voz quichua. Sordo-mudo é idiota. Voz muy generalizada en los departamentos de habla quichua. En Colombia, *opa* es interjección equivalente á ¡ hola!

Opado. Ojeroso, pálido.

Opaparado ó apoperado. Aturdido.

Opería. Estupidez.

Orejano ú orejón. Animal sin marca, y por consiguiente, mostrenco.

Orejones. Nombre de muchas tribus del Amazonas á las que pertenecen algunas que pueblan los territorios bolivianos del Acre y Madre de Dios. Se les llama tal, por la costumbre que tienen de horadarse las orejas, agrandándolas poco á poco hasta conseguir que colgando de ellas arracadas de algún peso, llegue á estirarse el lóbulo inferior de la oreja hasta el hombro.

Organito ó cilindro. Variedad de tordo de color café claro, que recorre las notas de una escala cromática con maravillosa armonía, de donde le vienen ambos nombres que son los que aplican los niños á las armónicas de boca.

Orientales. Los uruguayos ó habitantes de la Banda Oriental del Río de la Plata. Así pues montevideanos y porteños son rivales en toda la extensión de la palabra, pues precisamente *rival* deriva de *rivus*, habitante en la orilla opuesta del río.

Orosús. Regaliz.

Oroya. Sistema de puentes llamado en castellano *tarabita*. Puente de segundo orden de cuerdas suspendidas por las que

se deslizan los pasajeros, ya metidos en canastos ó *pelotas*, ya apoyando diestramente pies y manos en las maromas. Véase PUENTE COLGANTE.

ORTOMIQUIO. El año de las personas. *Upite*, el de los animales.

ORUGA DEL ESQUIFE. Oruga singular que vive entre las ramas del mirto ó arrayán, alimentándose de sus hojas. Es de una pulgada de largo, lampiña, muy semejante á la oruga llamada « bicho de cesto ». Lo mismo que ésta vive aquélla constantemente dentro de una vivienda portátil sin dejarla nunca, pues la disposición de sus miembros no la permite andar fuera sino arrastrándose penosamente. Dicha vivienda tiene la forma de buquecillo con cubiertas de dos pulgadas de largo y media de grueso, que llamó *esquife* el Sr. Sastre — cuya es esta descripción — por tener dos proas como el batel de este nombre, las cuales se levantan con gracia formando una curva á semejanza de las góndolas. En cada proa hay una abertura ó escotilla por donde la oruga-marinero se asoma para dirigir su nave sin salir de la bodega. Este esquife está formado de una pasta durísima de color aplomado producido por el insecto, suave al tacto y lustrosa. Su sistema de locomoción es muy curioso : es propiamente una navegación aérea. El esquife está siempre suspendido entre dos ramas del arbusto, como un columpio, por dos hilos ó maromitas aseguradas en una y otra proa. Probablemente la oruga suelta como la araña su primera hebra hasta que el ambiente lo lleva á una ramita en que se pegue; entonces la oruga la va recogiendo desde á bordo para dirigir su navecita hacia el nuevo gajo que le presenta abundante alimento. En las horas de reposo retira el esquife de la amarradura y lo deja columpiándose entre sus dos maromas. Cuando le llega el tiempo de pasar al estado de crisálida, corta una de las maromas y ata fuertemente el esquife por una de las proas á una rama delgada, quedando en posición vertical mientras se opera la metamórfosis.

OSCURANA. Obscuridad.

OSO BANDERA. Véase TAMANDÚA.

Osotocoso. Árbol de madera laborable.

Otomía. Crueldad, ensañamiento.

Ovejas. El año 1550 Irala mandó á Ñufla de Chaves al Perú para complimentar al Presidente La Gasca, y á su vuelta Chaves trajo á La Asunción las primeras cabras y ovejas. Ruy Díaz de Guevara refiere que una noche los indios se aproximaban para caer de sorpresa sobre el campamento de los españoles, y al oir el balido de aquellos animales, creyeron que eran señales de alerta de los centinelas y se retiraron, mostrándose á la mañana siguiente á lo lejos. Por aquel tiempo las ovejas se vendían en el Cuzco á cincuenta y sesenta pesos fuertes una, y las cabras á ciento cuarenta. Esas ovejas que introdujeron los españoles eran de la raza llamada « churra » en España. En la Provincia de Buenos Aires donde tanto se han multiplicado esos útiles animales usan el siguiente método para hacer pasar á las ovejas los ríos ó arroyos. Se acercan las ovejas en silencio á la margen del arroyo; se enlazan suavemente de las astas algunos carneros ú ovejas cornamentadas y se les hace cruzar juntos y despacio el arroyo delante de la majada. Sucede que algunas ovejas se largan trás de ellos y poco á poco todo el rebaño. Si ningún animal se lanza tras de los que se ha hecho cruzar el arroyo, enlazados del asta y tirándolos de la ribera opuesta, unos peones cortan una porción del rebaño, y le hacen entrar en el agua, sin golpes ni ruido, en la dirección de los animales que la vadearon. Se sigue haciendo así por porciones de rebaño, hasta que el resto de las ovejas, como las de Panurgo, se deciden á juntarse con las compañeras de la otra orilla. Es menester observar el mayor silencio durante toda la operación, pues en él consiste la principal condición del éxito.

Overear. Dorar á fuego lento. Dar color *overo* á los manojos de yerba del Paraguay, para tostarlos luego en la barbacoa y lanzar la yerba al mercado. Véase Yerba.

P

Pacaguáras. Indios esparcidos en la vasta zona que forma el ángulo entre el Beni, el Madera y el Purús. Están fraccionados en varias tribus, unas mansas, otras guerreras, siendo todos ellos excelentes navegantes.

Pacará. Árbol frondoso del Oriente que da una fruta en forma de oreja, muy utilizada para lavar la cabeza y la ropa.

Pacay. Árbol del género *Ingas*. Los hay de muy diversas especies en Colombia, en el Ecuador y el Perú, con los nombres de *guamo*, *guavo* ó *guabo* (*Inga fastuosa*. Wild. — *Prosopia dulcis*. Humboldt). Acacias. En lengua guaraní llámase *inga* el árbol y la fruta. Es vegetal muy frondoso, de unas hojas que á su enorme grandor reunen la circunstancia de crecer unas en seguida de otras ligadas entre sí por una excrecencia del pedúnculo en forma de cruz. La fruta, á manera de algarroba, contiene una fécula dulce y algodonada, con unas pepitas negras, parecidas á esas « habas » de que hacen los niños *frailecicos*, como decía la hija del ventero cervantino. Sino frailecicos, las niñas campesinas criollas hacen con las habas del *pacay* pendientes para sus orejas.

Paco. Voz quichua, *ppacco*, bermejo. Animal llamado *vicuña* en lengua aimará. Véase Alpaca y Llama. — Voz minera. Mineral argentífero con mezcla de óxido de hierro y de color amarillo ó rojizo.

Pacote. Voz brasileña. El charque de mejor calidad enchipado ó *empacotado*.

Pacovilla ó pacoví (*Platania insignis*. Martius). Caneláceas. Hermoso árbol de tronco grueso y recto que da una fruta del tamaño de una naranja con estrías amarillas y coloradas. Su pulpa es de sabor agridulce y sirve para hacer confitura.

Pacumútu. Asador improvisado de madera para espetar monos, jochis, pavas y demás animales que caen á mano.

Pachio. Véase Burucayá. Pasionaria, pasiflora. *Parcha* en Venezuela.

PADRÓN. Padrillo ó « cojudo » de una manada de caballos.

PAGO. Voz castellana pero usada en pocas provincias. En América es general para designar el campanario rural, el sitio donde uno vive :

> Yo no soy de este *pago*
> soy Valcarce,
> la que quiera venirse
> puede aprontarse.
>
> (Copla popular).

Es vocablo de verdadero sabor clásico, pues sabido es que los campos romanos en que se refugiaron las clases populares, estaban divididos en circunscripciones á cada una de las cuales se llamaba « pagus ». El pago americano tiene, pues, la misma significación del pago itálico.

PÁICA. La india chiquitana.

PAILA. Caldera para hervir grandes masas líquidas. *Casa de paila* : la de los ingenios de azúcar en que está la paila para el guarapo.

PAILÓU. Voz portuguesa. La caída ó tumbo de una cachuela. — *Cancha* ó ensenada de los ríos.

PAJARERO. Muchacho que desde un andamio ó barbacoa ó *chapapa*, vigila las bandadas de pájaros que vienen á los sembradíos ó plantaciones del chaco, asustándolos con una caña á cuyo extremo pone un guiñapo, ó bien dando voces y con honda.

PAJERO (Gato). Gato montés de la Pampa.

PAJONAL. Mata de pajas altas y *bravas* que alternadas con la grama y otros pastos, cubren la vasta extensión de la pampa. Á veces arden los pajonales y consumen la pradera, como en la batalla de Ituzaingó. El fuego prendió en el pasto demasiado alto y ya seco por la fuerza de los soles, y cundió con extraordinaria rapidez, pereciendo abrasados muchos heridos sin haber sido posible libertarlos de las llamas.

PAJUELA. Laminita de oro ó de plata. Comúnmente se usan

dos : una para el aseo de la dentadura, otra para el de los oídos. Aquel refrán de que « para los dientes, oro, viznaga ó nada », es disonante en América, supuesto que *viznaga* significa aquí muy distinta cosa que en la Península. Véase VIZNAGA. El fósforo ó cerilla indistintamente. *Palito* en Montevideo.

PAJUERANO. El que ha ido á la capital ó al pueblo por una temporada. V. gr. : « ¿ Qué es de fulano ? — Anda de *pajuerano* en Buenos Aires. »

PAJÚYE. Plátano maduro amasado en agua fría.

PALANCÓN. Animal y persona grande. Así : buey palancón.

PALANGANA. Fachendoso, fanfarrón. *Estar de palangana*, no atreverse después del desafío ó provocación.

PALCA. Cualquiera de las tablas de las embarcaciones menores que labran en el Oriente. — La X que forma la junta de dos ríos ó dos caminos, por lo que *palca* es sinónimo de junta ó cruce. — El horcón que forma el ángulo de dos ramas. — Bodoque en forma de Y en cuyos brazos se ata la goma que sirve para disparar á los pájaros y á las frutas maduras.

PALENQUE. Atadero ó estaca para amarrar caballerías y reses.

PALILLO. Condimento para dar color amarillo á la comida.

PALISANDRO. La madera del guayabo, magnífica para obras de ebanistería.

PALIZADA. Empalizada. Barricada de troncos atracados al pie de las barrancas en que terminan las curvas de los ríos.

PALMAS. Estos graciosos árboles de la zona tórrida son el adorno de los lugares en que crecen, y la providencia de los campesinos, viajeros y salvajes. Sus hojas sirven para techumbre, y mejor aún el tronco, que por ser hueco, rajándolo por la mitad y limpio de los filamentos que contiene, presenta dos canales que sirven de teja, con la ventaja de ser menos expuestos á incendios, á causa de la savia oleaginosa que contienen. Este aceite que en algunas palmeras, como el *cusi*, es muy estimado para untar el cabello, para combatir las afecciones cutáneas y aun para la economía doméstica, se saca de la almendra de los cocos, los cuales

se presentan en racimos copiosos y de enorme peso. Adherida á la corteza hay una materia blanca, el *palmito*, nombre que se da también al cogollo de las hojas nuevas, del que comen los monos y los viajeros perdidos en el monte. De las fibras de la corteza del árbol se hacen cordeles para hamacas y arcos; de las hojas, sombreros, espuertas, esteras, abanicos, etc. La yema terminal se aprovecha para ensalada. Véase CARANDAY, CUSI, MOTACÚ, CHOUTA, GARRONUDA, etc.

Palma de los Andes (*Ceroxylia andicola*. Martius). Es la palmera que más aguanta el frío por lo que se la encuentra en las primeras estribaciones de la Cordillera.

Palma de Rosario (*Euterpe precatoria*). Así llamada porque sus cocos pequeños sirven para cuentas de rosario á los indígenas de Mojos. La palmera es de tronco liso y recto, coronado de grandes hojas graciosamente arqueadas.

Palma real (*Mauritia vinifera*). Notable entre todas por su erguido talle y lo pomposo de sus pencas, grandes en forma de abanico y dispuestas en amplia corona. La forma de sus racimos es un pecíolo largo y horizontal del que cuelgan otros pecíolos más pequeños que son los que sustentan los frutos unos debajo de otros formando hileras como cuentas de rosario. Es la única palmera que presenta el coquito ó semilla sin envoltura leñosa.

Palma Cristi. Euforbiáceas. Véase RICINO.

PALMICHO. Palma cuyas hojas son muy aparentes para *surubis* ó techos de paja; llamada también en otros sitios *palmiche*, *palmicho* y *jatata*. Pertenecen al género *Oreodosca*.

PALMITO. El cogollo de muchas palmeras, que crudo es agradable al paladar, y picado, cocido y aderezado convenientemente resulta una magnífica ensalada.

PALO. Nombre que como el de « madeira » entre los portugueses y brasileños, usan los criollos para nombrar algunos árboles, arbolitos y arbustos. Así : *palo María* y *palo santo* que son más que palos; y *palo de leche*, *palo de víboras*, *palo de tinte*, *palo de poros* y *palo de bolsa*, según sus propiedades y aplicaciones.

Palo Brasil (*Cesalpina echinata.* Lamarck). Este árbol grande, pero deforme y espinoso, es el que dió nombre al Brasil, por haberse fijado los portugueses en la abundancia que de él había en los puntos donde desembarcaron. El color rojo ó *brasil* lo suministra el leño del árbol y es muy usado en tintorería. Se le halla también en el Beni y en Santa Cruz de la Sierra donde es llamado *palo Rosa.*

Palo María (*Callophillum Brasiliensis*). Árbol elevado de más de cincuenta metros de altura. Sólo su tronco hasta las primeras ramas tiene más de treinta. De su madera se trabajan la mayor parte de las embarcaciones y canoas que surcan los ríos del Oriente, y aunque solo duran de tres á cuatro años, en cambio son muy ligeras, y si naufragan no van al fondo. Lo mejor que proporciona el *Palo María* es el Bálsamo de María, que fluye por incisión de la corteza. Es de color oscuro, y coagulándose hay necesidad de disolverlo al fuego. Echa tanta fragancia, que los granos del coágulo se usan también como incienso en las Misiones.

Palo santo. Nombre de ciertos árboles de familias distintas. (*Vintera aromatica* y el *Guajacum officinale*, L., ó *Guayacán*) Rutáceas. Véase Guayacán que es el verdadero *palo santo,* sin duda porque diz que preserva del rayo.

Bombácea. Otro árbol de tronco leñoso, hojas grandes lanceoladas, pecioladas y de hermoso color verde. El tronco hueco envía varios canales á la corteza y á las ramas, por cada uno de cuyos nudos salen unas hormigas grandes, rojas, de molesta picadura así que se toca el árbol. Por esta circunstancia es llamado *palo santo,* es decir, árbol de mírame y no me toques, como las cosas sagradas. Este tronco vacío es magnífico, sin embargo, para armadura de edificios con tal que no esté al descubierto.

Palo de balsa. Árbol parecido al ambaibo, de tronco liviano y esponjoso que los indios del Beni, singularmente los mosetenes, aprovechan para sus balsas y callapos.

Palometa (*Serrasalmus marginatus*). Pez mediano, de colores

amarillos con doble hilera de dientes en forma de pirámide, con los que corta la presa, incluso los dedos de los caimanes, como con unos alicates. Como observa D'Orbigny, los dientes de *palometa* han sido, desde los tiempos más remotos, las tijeras de los indígenas del Oriente y aun de los tejedores primitivos para recortar los hilos. Puedo también añadir que sirven de peine, como he visto usarlos á los indios araonas del Beni. La *palometa* es animal muy temible para los bañistas que luciendo todo lo que Dios les dió refrescan el cuerpo en los ríos del Oriente, porque se exponen á una amputación cruenta en medio del agua. Para evitar el riesgo de palometas, rayas, torpedos, caimanes, camdirúes « et ejusdem furfuris », la gente acostumbra bañarse por ahí, echándose agua con una *tutuma* ó calabaza, á la manera que representan al Precursor bautizando al Mesías en el Jordán.

Palta. Voz quichua. Fruto del paltero (*Laurus persea*. L. — *Persea gratissima* y *Paltes aguacate*). Aguacate en Cuba y Brasil; *cura* en Colombia. Riquísima fruta de los valles ó tierras calientes que tiene la forma de calabacín verde, cuyo vértice lo forma una protuberancia á modo de huevo. La pulpa que tira á amarillo, es la que mezclada con un poco de sal ó de azúcar, á gusto del consumidor, se come con cucharilla, ó untándola en pan, á guisa de mantequilla vegetal. Es tan estimada que se remite por correo al interior. La *palta* de La Paz es famosa en toda Bolivia. — En Chiquitos, la carga de soborno ó sobrante de la carga que se pone en medio de los bultos ó *petacas*.

Palla. Palmera. *Maximiliana Regia*. Hart.

Pallar. Voz minera tomada del quichua. Escoger los trozos de mineral útil en una roca estéril.

Pampa. Voz auca y quichua que significa llanura larga y dilatada. La pradera americana es uniforme sin que se tropiece con una sola piedra, y el terreno está socavado por madrigueras de vizcachas, lechuzas, iguanas, armadillos y otros roedores. Entre las aves abundan las rapaces y casi todas las acuáticas que alegran las lagunas y bañados así como el uniforme verdor del

campo. Más afuera está el dominio de los venados, guanacos, avestruces, pumas y jaguares. La necesidad de arbolado ha hecho que cada estancia se lo procure artificialmente. Darwin atribuye la falta de vegetación arborescente en la Pampa argentina á los fuertes vientos reinantes en la región; ello es que los árboles crecen en ella pronto y bien. Estos *montes* ó bosques artificiales de sauces, paraísos, duraznos, manzanos y eucaliptus se destacan sonrientes como manchas de pincel en el vasto horizonte. El *ombú*, decantado árbol de esta región, es *rara arbor in deserto*, pues casi todos cayeron al golpe del leñador. Los pocos ombúes que quedan llaman así más la atención por aquello que « todas cosas por ser raras son preciosas ». En la pampa argentina, en esta llanura sin límites, imagen del mar en la tierra, las menores ondulaciones del terreno cobran á la vista proporciones extraordinarias, y el espejismo tan frecuente en el verano, da á los pajonales la apariencia de palmeras sembrando de oasis fantásticos este océano de verdura.

Dentro de los *alambrados* en que está encuadrada la llanura colonizada, pacen millones de bueyes, ovejas y caballos, con entera libertad y sin gran cuidado de sus dueños. Las lagunas, ora naturales, ora alimentadas por las lluvias, son de inmensa utilidad para estos ganados que morirían á millares, si ellas faltaran. No dice bien el chileno Lastaria cuando escribe : « Nada más triste que la Pampa en el invierno. Sólo se ve el desierto en toda su inmensidad. Parece que al retirarse de allí las aguas del mar, dejaron estampado el sello del Océano para eterna memoria. » Comprendo que tal impresión causa al hombre de las montañas la inmensa llanura con su ámbito extenso; pero aparte de que la Pampa no es la estepa ó páramo que muchos se imaginan, uno se encariña fácilmente con ella por su agradable y sano clima, por los espectáculos atmosféricos, tan curiosos y de tan fácil observación como en el mar, por el estudio de su variada fauna, y sobre todo, por la hospitalidad y afables maneras de sus habitantes. La pampa de Mojos por su vecindad al rtó-

pico y por la feracidad que le comunica el sistema hidrográfico que la surca y la circunda, tiene más parecido con las llanuras del Orinoco.

Pampa. Flojo. Está pampa : flojea. Tal vez de : bamba, columpio. — *Caballo pampa*. Oscuro con una mancha blanca en la frente.

PAMPACO. Voz quichua. Colmena subterránea en forma de botijas aglomeradas.

PAMPERO. Viento del Sudoeste, general y constante en la América del Sur. *Viento de afuera* le llaman en Buenos Aires ; el *Sur* en el Oriente de Bolivia ; y *pampero* más generalmente, por venir del lado de las Pampas argentinas. Es viento impetuoso que hace estragos en tierra, mar y ríos; pero es muy sano, á lo menos en la Provincia de Buenos Aires, como que las personas experimentan cierto bienestar mientras se deja sentir. En latitudes más altas, la rápida transición del calor al frío que ocasionan los *sures*, causa pulmonías y mortandad de animales.

El *pampero* sopla casi siempre cuando el cielo ha estado nublado y lagrimeando por algunos días, borrando con sus ráfagas impetuosas los nubarrones, y dejando á su conclusión un cielo purísimo. Es viento utilísimo en regiones como la Pampasia, así argentina como mojeña, falta de arbolado y donde la atmósfera sería deletérea á causa de tanta ciénaga, pantano, animales muertos y demás fomes de corrupción. En tiempo de prolongada seca, el *pampero* levanta y arrebata en pos de sí, inmensos torbellinos de tierra vegetal, que llegaron á ser tan densos el 12 de Mayo de 1866, que al pasar por la ciudad de Buenos Aires, á las cinco de la tarde, sumieron á la capital durante diez minutos en la más densa oscuridad. Un testigo presencial dice que parecía una montaña de tres ó cuatro mil metros de elevación, y tan oscura y densa, que á su paso dejaba caer una lluvia á torrentes de barro líquido. El huracán duró en todo su furor más de una hora. Hora y media antes de pasar por encima de Buenos Aires, es decir á las tres y media, había pasado por Rosario que está á

400 kilómetros de la capital. Peores son los estragos que el *pampero* causa en el agua, donde las embarcaciones, si están ancladas, garrean y sufren averías de importancia. En los grandes ríos levanta enormes olas que impide el avance de las embarcaciones menores que no tienen más remedio que encostar á la orilla, en donde están expuestas á otro riesgo mayor, cuales que la fuerza del viento derribe uno de los arbolones de la orilla que, al caer, arrastra consigo un pedazo de la barranca sepultando batelón y tripulantes, de noche principalmenle cuando sobreviene el *surazo* con fuerza y coge descuidada á la gente en la *pascana*.

PAMPICHUELA. Diminutivo de pampa.

PANCA. Voz quichua. La hoja que envuelve el *choclo* ó espiga tierna de maíz.

PANDO. Llano y de poco fondo. *Curiche pando*; *arroyo pandingo*. Pantano poco profundo ; arroyo de poca y mansa corriente.

PANES. Mentiras. — *Echar panes* : decir mentiras; contar grandezas. — « ¡ Son panes! » dice maliciosamente el gaucho cuando duda de algo que le cuentan.

PANGARÉ. Caballo de hocico blanco.

PANGO. Confusión, desconcierto. Tal vez de pánico.

PANQUEQUE. Voz inglesa : *pancake*, pan dulce á la sartén. Suena « panquec » y es el plato que un día al año se sirve en los restaurantes de Londres. Tal como se come en los hoteles sur-americanos es una tortilla con harina y azúcar, plato muy exquisito aclimatado por los chilenos.

PANTEÓN. Cementerio. Todo el recinto de un campo santo.

PANVASO (pan bazo). Pan de dos capas, muy abultado en medio. « Gordo como panvaso. »

PAPA. Voz quichua. La patata. De la misma voz deriva *papaya*, fruto parecido á la papa. Pasan de ciento las variedades de este tubérculo americano, á cual más nutritivas y suculentas. Entre ellas se distinguen en Bolivia, la *racacha*, *lilicoya*, *chuño*, *tunta*, *ullúcu*, *caya*, *oca*, *viaño*, *gualuza*, etc. Sin embargo, á excepción de los habitantes de las tierras frígidas entre los cuales la papa cs

como en Europa el pan del pobre, en los demás puntos se la desprecia. Bien es verdad que para reemplazarla tienen la yuca y el plátano, tan nutritivos como la patata. La papa es originaria de la América del Sur. Los mejicanos no la conocían cuando arribó Cortés. Zárate Acosta, escritor castellano, tesorero del virreinato del Perú en 1514, la describió en su época. Poco después fué llevada á España, y de nuestro país se propagó á Italia, en donde se aclimató. Á Irlanda fué llevada de Santa Fé en 1588, si bien su cultivo no se generalizó en las Islas Británicas hasta el primer tercio del siglo XVII. Con estas fechas á la vista se queda tamañita la gloria de Parmentier, el cual no empezó su propaganda hasta el año 1778.

Término minero. Masa enorme de plata, como la famosa *papa de Huantajaya* que pesaba 33 quintales (5.190 kilos); tan grande que ningún arriero pudo llevarla hasta Arica y hubo de llevarse por agua.

PAPAGAYO. Abraza un considerable número de especies. *Arára* y *paxába* en el Oriente. Algunas especies son parleras, otras no; pero todas de rutilantes colores, *ramilletes con plumas* para valerme de la celebrada frase de Calderón. La hora más propicia para enseñarles á hablar es de noche á una hora fija, teniendo á oscuras la habitación y preparando de antemano el ánimo del discípulo con un bizcocho borracho, para desatarle la lengua; no por esto son de despreciar los momentos del día, singularmente á las primeras horas de la mañana en las que el ave se manifiesta muy parlanchina. Entonces se adelanta mucho poniéndola delante de un espejo, para que se crea acompañada de otra de su especie. Cuando interrumpe la lección, yéndose por los cerros de Úbeda, con cháchara y graznidos, conviene corregirla echándola un vaso de agua fría á la cabeza, ó una bocanada de humo á los ojos. La corrección debe de ser inmediata para que no adquiera mañas y se haga incorregible. Frutas, maíz y pastelillos es lo único que debe dárseles para que conserven la salud; así como permitirlas bañarse á su gusto, para que el plumaje no desmerezca. Los papagayos, como los elefantes, no se reproducen en cautividad.

Papango. La bolita de vidrio ó de barro, ó semilla de *chuy* con que se juega á balas.

Papayo. Voz quichua : de fruta como papa grande (*Carica Papaya*. L.). Euforbiáceas. Hermoso árbol frutal de diez á veinte metros de altura, tronco liso y cilíndrico, coronado por un ramillete de hojas umbeladas, lo que le da el aspecto de higuera palmeada. Á esta se parece en sus hojas, y á la palmera en ser de flores dioicas, generalmente, esto es, que rara vez coexisten los dos sexos en un mismo vegetal. El tronco, los tallos y el fruto verde proporcionan por incisión un jugo lácteo que las mujeres emplean como legía para quitar las manchas de la ropa, y los *dulcamaras* rurales contra las rubicundideces. Mezclado con agua aqueste jugo, tiene la particularidad de ablandar la carne puesto en remojo, circunstancia de que se aprovechan los naturales para además hacerla á esta última, de más fácil digestión. El mismo resultado se consigue envolviendo la carne fresca en hojas de papayo, por lo que allí donde el árbol abunda, envuelven la carne con sus hojas, como en Europa con hojas de col, de higuera ó de vid. Recientemente se ha descubierto que la *papaína* extraída del jugo, es un magnífico digestivo superior á la pepsina animal, como que además de transformarse en *peptona* (esto es, en productos líquidos fáciles de digerir, la leche, la clara de huevos, y la carne muscular) disuelve la materia ácida tanto en un centro ácido como en un centro neutro (Würtz y Bouchat). El fruto, la *papaya*, es agradabilísimo y muy conveniente tomado en ayunas. Tomado á deshora y con exceso, tengo experimentado que predispone á la fiebre á los no aclimatados en el trópico.

Papelote. Cometa de papel. Véase Barrilete.

Paquete. Elegante, bien empaquetado.

Paquío. Árbol corpulento y espeso, de madera dura y resina aromática. Su fruto comestible, aunque seco y farináceo, es llamado en otros puntos *acuguayaca* (*Himenea Courbaril*).

Paraba. Guacamayo. Muchas especies del género *Ampelis*. Véase Papagayo.

PARADERO. Rodeo; lugar donde se recojen y juntan las reses.

PARAGUAYO. El látigo del mayoral ó capataz de una peonada. — Rosqueta hecha de azúcar, clavo y almidón. — *Mate paraguayo*. Véase MATE.

PARAJOBOBO. Véase BOBO.

PARAPARAÚ. Vegetal medicinal.

PAREJERO. Caballo de carrera al que se da por los gauchos una educación especial, aunque no tan exagerada como á los « pur sang » de hipódromo.

PARIGUANA. Especie de cuervo acuático, notable por el variado matiz de sus plumas.

PARIMA. Ave mayor que la garza común, de hermoso color violado.

PARTIDO. División administrativa territorial en la Argentina. — *Al partido* : á partes iguales en los frutos de una cosa.

PASCANA. Voz quichua : desatar; porque en las *pascanas*, jaras ó altos en la marcha se alivia de su carga á las bestias y antes á los indios. Las *pascanas* son lugares en despoblado donde se descansa ó pernocta en un viaje. Algunas de las *pascanas* que se ven en la cordillera chileno-argentina fueron mandadas construir por el Gobierno español para refugio del correo y de los viajeros que transitaban por los pasos de los Andes. Entre ellas se conservan en buen estado las del camino de los Andes por Mendoza que data del tiempo de la conquista y ponía en comunicación Buenos Aires con Santiago de Chile, á guisa de camino real. En todo el camino se encuentran diez casas ó piezas cuadradas de seis varas de diámetro, sobre un macizo de cal y canto de tres ó cuatro varas, para que sobresalga de la nieve de la cordillera. El edificio es de bóveda compuesta en forma de arco, y la fábrica tan sólida como lo acredita la vetustez de su origen. Véase APACHETA Y TAMBO.

PASPA. Grieta que el frío hace salir en los labios.

PASTA (Una). Una muñeca de idem.

PATA. Voz quichua. Cima ó altura. Entra en la composición

de muchos nombres geográficos. Así, *Samaipata*, alto del descanso; *Challapata*, altura de arena; *Coripata*, cúspide de oro; *Ayapata*, cumbre de los muertos.

PATABÁ. Véase MAJO.

PATACAR. Muquear la chicha.

PATACONEAR. Enflorar el toro que se juega, con patacones ó moneda que se gana el lidiador más arriesgado que los arranca de su sitio.

PATASCA ó pastaca. Cabeza ó rabo de cerdo cocido, con granos de maíz pelado.

PATAY. Especie de pan de higo, hecho de la fruta del *mistol* ó algarrobo, y harina, todo machacado. Es el dulce favorito de los santiagueños argentinos.

PATEAR. Indigestarse algo. Hastiar. Es el homólogo de nuestra significativa frase : « Dar una patada en el estómago. » *Me pateó la chicha*; no puedo más con ella.

PATERO. Guaracha ó cobertizo bajo, al que se encaraman las aves de corral, principalmente los patos.

PATILLA. Poyo ó asiento. —El antepecho ó alfeizar de la ventana.

PATIO (Beneficio del). Método de amalgamación de la plata que introdujo en Potosí, Pedro Fernández de Velasco hacia el año 1572, aunque su invención pertenece á Bartolomé Medina, minero de Pachucca, en México (véase AMALGAMACIÓN). Este sistema se redujo al principio á triturar el mineral, mezclar su limalla con una mezcla de sal y la cantidad suficiente de azogue que se incorporaba á la masa á fuego lento. Esta masa se lavaba en seguida en grandes pozos ó bateas, en los que era depositada la *pella* que se amoldaba en *piñas* ó forma de panes de azúcar. Finalmente, se quemaban éstas para la exhalación del mercurio. En 1586 se perfeccionó el *sistema* del *patio* por Corso de Leca que fué el primero en hacer uso del hierro, por cuyo medio se descomponía el muriato de plata. Este beneficio de hierro fué introducido á principios del siglo XIX por Gellert en los laboratorios de Sajonia.

Patitos. Las flores del ceibo hembra, de hermoso color rojo encendido, y labiadas, de manera que al caer en el agua bogan á favor de la corriente, como patitos minúsculos, á cuya circunstancia deben su nombre.

Pato real. Así llamado por la brillantez de su plumaje. Es de cerca de una vara de largo; tiene la cabeza guarnecida de protuberancias carnudas de un color rojo muy vivo; su plumaje es negro, reluciente, tornasolado, verde oscuro. Saca hasta doce patitos en cada incubación. Llámasele también *pato moscado* ó *almizclado* por el olor que despide, proveniente de un licor que filtra de unas glándulas debajo de la rabadilla, que hay que cortar para que la carne no tome mal olor.

Patria. Caballo ú oveja que tiene cortada la mitad de la oreja derecha. Deriva el nombre de la práctica antigua de señalar así á los caballos alzados ó de marca desconocida, destinándolos á la caballería del ejército. Eran de la « patria », como en otros tiempos hubieran sido *reyunos* ó del rey, adjetivo que aun se conserva : « Al peje-rey hubo un tiempo que se llamó *peje-patria* » (Palma).

Patujú. Platanillo ó árbol del viajero (*Begonia Platanifolia*. Schott). Planta que crece en terrenos bajos y húmedos, perdida en la enmarañada maleza de las selvas, cuyos claros embellece con la vista de su pomposo follaje y el rutilante color de sus bayas. Su tallo herbáceo adornado de largas y pomposas hojas como las del bananero ó plátano, con la diferencia que crecen opuestas, sube á la considerable altura de ocho ó diez varas. El agua de la lluvia al resbalar por las hojas de un verde mate fresco, se filtran, como por un embudo en el tronco, del cual mediante una pinchada, se obtiene un chorro de agua que instantáneamente hay que aprovechar, bien aplicando los labios bien una calabaza de anchos bordes. Hay *patujúes* que suministran hasta una botella de litro. Por esto es llamado el árbol del viajero, allá en los desiertos americanos. El *platanillo* propiamente dicho es la especie más alta y de hojas mucho mayores, con las que se forman techos en las pascanas y paraguas improvisados.

Paujé. Espigas de maíz colgadas de su chala y apareadas, para que no las invada el gorgojo. « *Tráete un paujé.* » Trae un par de espigas, ó una *yunta* de maíz.

Paúro. Depósito de aguas que bajan de una vertiente ó represa cualquiera.

Pausa. El cohete que á intervalos ó á pausas deja caer una lluvia de colores.

Pava ó paba. Tetera para calentar el agua, ordinariamente para la infusión de la yerba mate. Agua en la *pava*, y yerba en la *yèrbera*, es lo que nunca falta en los ranchos argentinos. *Pava de monte.* La hembra del mamaco. *Hacerse la pava* : burlarse de alguno. — *¡ Qué pavada !* ¡ Qué tontería, que insulsez !

Payador. Tipo popular de los países del Río de la Plata. Es el trovador americano que tiene por escena los ranchos y pulperías de la campaña. Ya se conservan muy pocos modelos, y muy pronto sólo vivirá en la leyenda, abultada por la fantasía popular.

Llámanse *payadas* á improvisaciones sobre un tema dado por el auditorio ó á elección, según convenio. Al *payador* le retruca otro colega, tomando como punta de partida la esencia de la estrofa. De manera que el *payador* supone otro contrincante que realce su mérito, ó le venza. Estas justas, como observa Julio Calcaño, hablando de los *cantadores* de su país, tienen generalmente por objeto la ingeniosa vuelta ó traslación de una idea, de modo que si el uno canta :

Ayer pasé por tu casa;
Alcé los ojos y vi
Un letrero que decía :
« Yo no nací para ti. »

El otro replica :

Yo, como supe leer,
Borré aquel y puse otro,
Donde le dejé entendiendo :
« Ni yo para ti tampoco. »

Con ser atinada y exacta la anterior observación, tengo para

mí que la *payada* americana recuerda más bien la *tensión* entre los trovadores provenzales, ora personal, ora técnica, y que solía sujetarse á la decisión de un árbitro ; tal como acontece en los teatros de Buenos Aires y Montevideo cuando justan dos trovadores. Con ser *payador* voz río-platense, soy de opinión que deriva de *paya*, dos, en aimará ; y robustece esta opinión el que las *payadas*, si bien con otros nombres, son generales en América, aunque aquí me limitaré á lo que conozco de Bolivia.

En Cinti, provincia vinícola del departamento de Chuquisaca, se elige en tiempo de la vendimia un hombre que dirija la pisa de la uva. La primera cualidad que se le exige es la de ser poeta, porque la pisa se hace al compás del canto que gira sobre las improvisaciones del trovador. Los versos, aunque generalmente faltos de rima, son á veces chuscos, graciosos y picarescos, porque tienen por objeto los gestos ó las palabras de los trabajadores. Otras veces son alabanzas al vino, y anacreónticas de todo género, como lo hacían en Grecia los vendimiadores. Por lo común otros trabajadores sienten correr por sus venas el fuego de la inspiración, y retrucando al primer cantor convierten la fiesta en payada. De parecido modo acontece en algunos distritos del Brasil. « Em setembro começa-se a desmanchar a mandioca, a fazer a farinhada. E que alegres dias e festivos serões na humilde casa de palha do pequenho lavrador! Postos amigos e visinhos no mais cordial adjutorio, arrancam, raspam, cabam a bendita raiz. Lavam-a á prensa, á peneirá. Suor de escravo não vereis alli correr ; é o travalho livre e fecundo *amenizado pela saudosa modinha cearense, tangendo a viola*, ou por interminaveis historias de cobras e onças » (Rodolpho Theophilo, *Historia de Secca do Ceará*).

Entre los groseros indios de la altiplanicie se practica lo que ellos llaman el *tincu*. Uno propone un argumento y otro le responde ; con la circunstancia que casi siempre pasan del terreno del arte al campo de batalla, pues el vencido en el torneo literario, propone al otro una justa á garrotazos en la que intervienen las respectivas comunidades. de manera que lo que empezó

en *payada* acaba en varapalos y golpes. (Lo que llaman *tincuchicus* es desafiar al caminante á quien bebe más, hasta que uno ú otro cae en tierra, á veces muerto. Por cierto que en Maleján (de España) en días de fiesta mayor hay la *tineta* que sirve para que los partidarios de Baco apuesten á quien bebe más, hartándose de mosto gratuitamente.)

De lo dicho se desprende que la *payada* no es más que la poesía dialogada, común á muchos países. Sin ir más lejos, los vascos, sobre todo los franceses de La Soule, tienen predilección por esta forma poética. Muchas de sus canciones, sobre todo las de amor, son pequeños diálogos entre dos personas. Los *chikilos*, versos que los pastores cambian de ladera, y los *coblak* ó improvisaciones en la taberna son otras tantas *payadas*.

PAYO. Albino.

PÉCARI (*Sus tajassu.* L.). *Tajasú* en chiriguano. Puerco montés. Los hay de cuatro clases : á lo menos en el Beni donde se matan como conejos. El *cinche blanco*, parecido al jabalí, de cara blanca y raya del mismo color que le arquea la espaldilla. El *quijada blanca*, también de gran tamaño; el *taitetú*, menor que los anteriores; y el *cajita*, de color oscuro, más pequeño que sus congéneres, pero también más bravo. Llámase *cajita* por el ruido de tambor que mueve al ir en piaras. Estos puercos, singularmente los *cajitas*, andan en tropas numerosas y son tan acometedores que no hay otro remedio para librarse de ellos que subirse á un árbol, cuidando que éste sea grueso, porque si es delgado lo roen y lo tumban los pécaris. Fácil es cazarlos entonces, á golpes ó á tiros, con la particularidad que las primeras víctimas son devoradas por sus compañeros. No abandonan el sitio hasta que todo está en silencio ó cuando el cazador se ha eclipsado en las alturas. La carne de estos animales es comestible, pero no es tan agradable como muchos creen, á lo menos la de los *cajitas*, por la irritación con que murió el animal. En la espalda, cerca de la rabadilla, tienen una glándula ó especie de ombligo de olor almizclado. Está probado que antes del descubrimiento de Amé-

rica por los españoles no había especie alguna porcina en esta parte del mundo. Todas las variedades, pues, que se hallan ahora en América vienen de un par de la especie llevado de Europa.

Pechada. El campesino criollo que se precia de buen ginete y de ir bien montado, vuelve grupas ó toma carrera para derribar con el pecho del caballo un novillo en las hierras. Estos son los *pechadores*. Otras veces se dan *pechadas* en el costado y aun con la cabeza del *pingo* para lograr que otros ginetes hagan sitio en una cabalgata. Las *pechadas*, como las *topeadas*, han ido convirtiéndose en diversión ecuestre; se adiestran los caballos, se ensayan los ginetes, se cruzan apuestas, y los campesinos criollos, en especial los guasos y rotos chilenos, y los gauchos se entregan á este violento ejercicio en que muchas veces resultan caballos aplastados y caballeros perniquebrados.

Pechar. En fabla antigua, pegar. Véase Pechadas. — Pedir prestado; « dar un sablazo ».

Pechereque. Sinónimo de licor.

Pecho amarillo. Pájaro (*Leistes anticus*. Bom).

Pecho colorado (*Turpialis guayanensis*. Bom). Longirostros.

Pechoño. Santurrón, beato. Neologismo propio y muy significativo : de darse golpes de pecho.

Pedo (Al). Se dice en castellano « por razón de gusto », inútilmente, en balde. — « Es curioso, dice Seijas, oir emplear (en Buenos Aires) esta palabra que envuelve una idea indecente, en todos los círculos sociales. « Me cansé *al pedo ;* habló *al pedo.* » Y no contentos aún, dicen *al mismísimo pedo* : ¡ Vayan ustedes al monte y no vuelvan en veinte días, só indecentes! »

Pedrada (Á la). Sombrero echado á la nuca.

Pego de coca. La ración del peón cochabambino, que la acullica en la hora de descanso, de doce á dos de la tarde, antes de volver al trabajo, bien así como el buey antes de volver al arado.

Pehual. El correón añadido á la sobrecincha ó sobrepellón. Véase Recado.

Péji ó peludo. Especie de tatú de color barcino, con manchas

blancas en las articulaciones. Es la especie mayor del armadillo, tan grande que en la concavidad de su caparazón cabe muy bien una arroba de maíz. El *péji* gusta de alimentarse de carne muerta, por lo que escoje sus madrigueras á inmediaciones de los cementerios. Véase PELUDO.

PELADO. Calvo. El indio porque carece de pelos en las partes húmedas.

PELARSE. Quedar corrido, burlado. Véase CHAUCHA y *Refranes y Modismos*.

PELECHO. Escamilla que resulta de la formación de nueva epidermis á consecuencia de una llaga ó herida. Substantivo de pelechar.

PELÓN. Melocotón ó durazno mondado puesto á secar para orejones, en un tendal ó chapapa.

PELOTA. Cuando el viajero llega á orillas de estos grandes ríos americanos que Dios se ha olvidado de hacer pasar junto á las grandes ciudades, al contrario de lo que decía un fraile predicador, inconveniente con que se tropieza en Bolivia principalmente donde la viabilidad técnica está en mantillas, entonces hay que valerse de la *pelota*. Cuero con los extremos medio doblados y levantados hacia dentro, amarrados con correas á fin que el cuero conserve la forma del forro de una pelota medio abierta. Dentro de este cuero se pasan las *oroyas* y los ríos, muy cómodamente, con dos ó más cargas. Sólo hay que cuidar de no moverse mientras uno está dentro de la *pelota*, porque cualquier movimienro brusco podría hacerla ladear, llenarla de agua y hundirse. Estas *pelotas* son tiradas por uno ó dos vadeadores apostados en los pasos de los ríos, y por medio de una cuerda que pasan por encima del hombro y debajo del brazo, van nadando y remolcando durante más ó menos tiempo según la creciente ó el ímpetu del río.

Este sistema de la *pelota* lo han usado los americanos hasta para viajar por tierra. Así, los postillones que pasaban la cordillera de los Andes, de Santiago á Mendoza, se pertrechaban de un cuero de

vaca ó de carnero, según los casos, con bastón alpino herrado, un zurrón para las provisiones, y la balija. Cargados así, caminaban por la nieve, y cuando llegaban á una altura, tendían el cuero y sentándose en él, se *empelotaban*, es decir, se ataban dos puntas por la cintura, y las otras dos puntas por los muslos, con correas á propósito. Luego se aseguraban á los hombros la carga, y estando listos, se balanceaban de un lado á otro hasta principiar á resbalar por la nieve en la dirección que se proponían. Todo el cuidado era guardar el equilibrio del cuerpo, porque si se trastornaba, iban rodando como un pellejo hinchado hasta quedar sepultados en el abismo; mientras que con cuidado, podían resbalar por media legua hacia su camino, para volver á subir otra ladera y tomar otra nueva resbalada. Estos correos no sólo eran de parte del Gobierno, sino hasta de particulares, y aun solían pasar así mercaderías.

Pelota. Juego tan éuscaro como americano, por el que sienten inclinación casi todos los indios del Nuevo Mundo. La que usan los indios pampas ó *aucas* está formada de una pelota de crines y pelos que se encuentra en el estómago de ciertos vacunos aficionados á comer los despojos de otros animales, con lo que se ponen desmedrados y enfermos. Esta amalgama se cubre con dos semi-círculos de criadillas de toro y de esta suerte la pelota tiene la dureza de una piedra. Con ella juegan á la *pilma* que es su juego atlético favorito. Véase Pilma.

Los indios chiquitanos, entre otros del Oriente de Bolivia, juegan al *huitoró* con pelotas hechas del « peloto », algunas grandes y pesadas como balas de artillería. Véase Huitoró.

Peloto. Árbol (*Hebea cautchuc* y *jatrapa elastica*). Mangaba. Da una goma blanca que sin ser tan estimada como la seringa ó *siphonia*, puede reemplazarla. Abunda en los bosques de Santa Cruz y de Mojos y con ella se hacen las pelotas con que los indios chiquitanos juegan al *huitoró*. Véase Mangaba.

Peludo. Animal del género de los desdentados (*Dassipus vellosus*. Desm.). Abunda en las pampas donde hace sus madrigueras y proporciona una caza muy distraída y provechosa á la

luz de la luna, que es cuando este armadillo ó tatú sale á merodear. Véase MULITA Y PÉJI. — Refrán : Por causa del peludo; por *mor* de la borrachera.

PELLA. En la oveja lo que el matambre en la vaca; el saín ó gordura de que se hacen los chicharrones.

PENCA. Otro nombre de la tuna ó higo chumbo. — Azotera en forma de doble pala ó palmeta. Véase AZOTERA.

PENGA. Cada uno de los grumos de que se compone la túmara ó racimo de plátanos. Generalmente el grumo tiene diez plátanos, y constando el racimo de diez grumos, ayúdenme ustedes á sacar la cuenta de los frutos que tiene todo el racimo.

PENI. El lagarto que llaman *iguana* en Buenos Aires.

PENSECOLA. Guerrera ó saco militar.

PEPA. Bola de piedra ó de vidrio para juego infantil.

PEPE. El lechuguino boliviano; aunque es voz generalizada en otros puntos, como en Venezuela.

PEPITA. Por antonomasia, la del cacao.

PEPITERO. Ave cantora.

PERAL. Bosquecillo de perales. Hasta aquí es legítimo castellano, pero no lo es *pero* aplicado al árbol, pues *pero* en legítimo español es una especie de manzano ó camuesa, siendo muy celebrado el « pero de Ronda », en Andalucía.

PERCOLLAR. Acaparar, monopolizar.

PERCHEL. Almear; pajar ó parva.

PERICO LIGERO. *Calípedes* ; que corre mucho. (Calípedes fué un histrión griego que en la escena estaba siempre en actitud de correr, pero que nunca adelantaba un paso. Así llamaron también los romanos á Tiberio, según refiere Suetonio, porque todos los años se preparaba para la guerra y nunca salía á ella.) — *Perezoso*, *Macaco preguiça* en el Brasil. Animal del tamaño de un cordero (de donde le viene el otro nombre de « *mouton paresseux* » que le dan los criollos de la Guayana francesa), cara de mono, cola rudimentaria y tres uñas largas en cada una de las cuatro extremidades, que le sirven de defensa y asidero para trepar á los

árboles, singularmente á los *ambaibos* y *bivosis* de cuyos cogollos es muy goloso. En el suelo anda como una tortuga, y aunque no camina con mucha más ligereza cuando está trepado, lo hace con relativa agilidad y sobre todo con una habilidad gimnástica que envidiaría un funámbulo de circo. Se pasa días enteros sin comer asido como una marmota de una rama del árbol, ó bien acurrucado al pie del tronco donde es fácil presa del tigre y de los cazadores. El grito del *perico* es un ¡ ay ! lastimero; y para defenderse extiende sus brazos en ademán suplicante, lo que hace creer que llora y pide gracia, cuando su intención es la de elevar los garfios en el objeto que le amenaza. Y con tal furia los hinca que no hay otro remedio que cortarle los brazos para desasirse de él. Por lo demás es un animal tan manso y tan fácil de criar, que atándolo á un arbolito y no olvidándose de regalarle con congollos tiernos, ni estorba con exigencias, ni grita, ni se mueve, á no ser para hacer cuatro escarceos gimnásticos y volver al reposo. En suma, es un mono atrofiado, con uñas solas en lugar de dedos. Su piel finísima, gris oscura, sirve para pellones, forros de asientos y aun para vestidos, tanto que en algunas poblaciones de Bolivia anuncian la venta ternos de piel de perico para niños de corta edad.

PERICOTE. Rata grande.

PERINDOLA. Perinola. Tal como la he visto entre los niños cruceños es de cuatro caras con sendas iniciales : *P* (ponga); *S* (saque); *T* (todo); *N* (Nada), las cuales señalan los lances del juego al caer el trompo. Cuando rueda sin punta, cambiada la *T* en *B*, es el *Baltasar*.

PERINGUNDÍN. Sitio de reunión de gente alegre y maleante. — Baile de candil. *Chingana*.

PERMANÁ ó peromaná. Voz chiquitana : recocimiento. Chicha cruceña de primera calidad.

PEROTÓ. Fibras ó tiras vegetales de plátano, bivosi, almendro, ñoje, etc., para ataduras, envoltijos y nudos. *Cuzuros* llaman en La Paz á las fibras de plátano afianzadas con lianas silvestres con que se envuelven los cestos y tambores de coca.

PERSONAL. Peonada ó gente trabajadora de que puede disponer el fregués ó el barraquero gomero.

PERÚ. El vasto imperio de los incas, que á la llegada de los españoles se extendía desde los 2 de latitud Norte hasta 37 grados latitud Sur (véase TIHUANTISUYO). Creen algunos que la palabra Perú viene de Birú, nombre de un cacique que tenía sus estados en la costa del Pacífico, pero la versión más admitida es la siguiente : « Cuando llegaron los españoles á nuestras costas, preguntando por el nombre del país á un indio, les contestó éste : *Berú*. Luego mirando al río : *Pirú*. Entonces aquéllos respondieron : « Acabemos, que aquí todo es Perú » (Paz Soldán).

PETA. La tortuga de río ó *tartaruga*. Abunda tanto este quelónido en el Beni, que en ciertos meses se puede llenar con ellos batelones enteros.

PETACA. Baúl de cuero con tapa de lo mismo, de varias labores y á propósito para ser transportado á lomo de mula. En las « Relaciones de Indias » se lee que los incas enseñaron y mandaron á los indios aimaráes de Pacajes pagar su tributo con pescados y *petacas* de paja ó *totora* del Lago Titicaca.

PETACUDA. Persona ó cosa de volumen y peso.

PETISO. De pequeña estatura ó alzada. — *Caballo petiso* : « poney » ó *sunicho*.

PETO. Avispa melera de colmena en forma de campana, hecha de algodón y fibras vegetales, lo que da á la fábrica la consistencia del cartón. En la base dejan un orificio de diferente diámetro, pero siempre lo bastante grande para que pase una obrera. Dentro tienen sus galerías de una arquitectura admirable. El *peto chubumbi* es la especie mayor, á la que pertenecen esas *tapas* ó colmenas, grandes como campanas de iglesia que se ven colgando en chacos y árboles frutales. El peto *mamúri* hace sus colmenas de menor tamaño, subterráneas, pero su miel es más abundante y fina.

PEÚMO. Árbol frutal cuya fruta acerolada se exporta mucho por los puertos de Chile.

PIALAR. De piola ó cordel. Apealar, manear un animal.

PIARA. Arria de diez burros cargados. Así una *piara* de leña son cien arrobas de leña.

PICA. (La). La incisión en los árboles gomeros para obtener la leche ó goma. — *Picar*, dar el golpe con el *machadiño* en el tronco de la seringuera. — *Picador*, el peón de la pica. Véase BOLACHA y SIRINGA.

PICADA. Paso ó vado de un río. — Camino vecinal ó trocha á través de un monte, que ha habido que picar ó desbrozar.

PICANA. Aijada con un clavo ó puya que sale de la pica cosa de dos centímetros y sirve para avivar á los bueyes de tropas y carretas. Las cañas más estimadas para vara de picana son las *tacuaras* de la provincia de Corrientes. — Ternero asado que con acompañamiento de chicha y baile se come en Noche Buena, en la media noche del sábado al domingo de Gloria y la noche de San Silvestre. Es costumbre popular boliviana que ha trascendido á las más altas clases sociales. — *Picana* ó *picanilla* : la pechuga del avestruz ; bocado muy exquisito.

PICANTE. Guiso condimentado con *ají* ó *locoto* y demás estimulantes, y tan rabioso que hace llorar al que no está acostumbrado. Tanto como nuestros guisos de conejo, tienen fama en las *picanterías* bolivianas los *picantes* de idem ; sin duda por la facilidad que allí como aquí hay para servir gato por liebre. La afición de los criollos á los picantes puede muy bien ser heredada de los conquistadores españoles, sobre todo de los oriundos de Extremadura, « cuyo régimen alimenticio prepara admirablemente para la conquista de América » (Velisla, *Recuerdos de Extremadura*). Y sigue diciendo el ingenioso escritor : « Me basta probar una sopa de guindilla, y sobre todo cierta tortilla con chorizo que trasladé incautamente al estómago, para explicarme la indiferencia con que Pizarro y sus valientes compañeros acogían los calores de los trópicos. En efecto, los rayos de la zona tórrida son unos verdaderos polvos refrescantes, si se les compara con un embutido de Extremadura, y esto sólo daba ya una inmensa superioridad á los conquistadores sobre los incas. Al paso que estos

desventurados hijos del sol se limitaban á adorarlo, los extremeños venían acostumbrados á comérselo. »

PICANTERÍA. Fonda del caballo blanco donde se sirven platos fuertes ó *picantes* regados con chicha.

PICATA. « Pensum » ; ejercicio oral ó escrito. Lección que toma el profesor al discípulo, y repaso semanal ó mensual de una asignatura.

PICAZO. Color de caballo.

PICIÚSTICO. Original, extravagante; cursi ó ciútico. Véase CIÚTICO.

PICHANGA. Bebida que se hace conservando dulce y sin fermentar la lagrimilla del vino, por medio del alcohol. Es bebida muy adecuada para niños y mujeres. — *Engaña pichanga,* el que quiere dar gato por liebre ; y en especial, el mercachifle que quiere engañar con sus bagatelas; es decir que pretende dar aguapié por vino bueno.

PICHARA. Comida que los indios de la Altiplanicie dejan en las orillas de los caminos, generalmente en *huacas* y *apachetas*, para los manes de los difuntos.

PICHE. Especie de desdentado ó armadillo. Nombre que tal vez derive de *espichado* por lo pitarroso y cegatón del animal. — Vegetal. *Coromachi* en Santa Cruz (*Fabiana imbricata*). Solanáceas. Arbusto del sud de Chile y de la Argentina, de olor muy pronunciado á vainilla. La decocción de su madera se recomienda para las enfermedades de la vista.

PICHICO. Cada una de las falanges de los dedos de los animales. Con estos huesecitos juegan los niños á una especie de suerte de dados.

PICHINCHA. Ganga ; beneficio que se reporta por poco trabajo ó dinero.

PICHIRO. El sabor que dejan en el paladar las frutas, precisamente carnosas, como la manzana, la guayaba, plátano, etc., comidas antes de su completa sazón.

PICHOLEAR. Tantear, ir probando.

PICHUQUÉ. El corazón de una res.

PIEDRA-CANGA. Véase CANGA.

PIEDRA MOVEDIZA del Tandil. *Great attraction* de los turistas en la provincia de Buenos Aires. Es un monolito de 115.000 kilogramos de peso, columpiándose á ochenta metros de altura sobre un eje cuya circunferencia sólo mide once pulgadas. Es necesario que la mente del visitador haga un esfuerzo para convencerse de que aquella mole inclinada, se *mueve* realmente, y una vez comprobado el fenómeno, contempla absorto la *Piedra movediza*. Un hombre emprendedor y estudioso, Mr. Reade, escribió el siguiente relato y explicación de la Leyenda del Tandil, con motivo de un viaje de 40 turistas ingleses, que en febrero de 1862 fueron á visitar el pueblo del Tandil y con especialidad las sierras y la famosa Piedra :

La Leyenda del Tandil, tal cual me fué contada hace muchos años por un Cacique viejo, es como sigue y es doblemente interesante, por razón de la extraordinaria conformación física, iba á decir confirmación, de la localidad.

El Sol es un Cacique que pasó á mejor vida en un tiempo muy remoto, y quien fué el más grande de su raza, pero que viene diariamente á velar por sus hijos. La Luna es su esposa. Un día, así dice la leyenda, notóse algo anormal en el Sol, parecía estar enfermo. Viéndose que un gran León (puma) lo estaba acosando, por lo que se había puesto pálido y su luz fué extinguida por la sangre que derramaba.

Los bravos de la tribu fueron llamados apresuradamente y atacaron al león con sus flechas, hasta que una de ellas lo traspasó, entrándole por la barriga y saliendo la punta junto al espinazo, quedando la flecha en posición vertical; debido á esta herida cayó el León á tierra, manteniéndose sin embargo de pié; el mónstruo en su agonía estaba terrible y formidable, no atreviéndose ninguno acercarse á él. El Sol recobró su apariencia risueña y sonrió nuevamente á sus hijos desapareciendo luego como de costumbre. Cuando apareció su esposa la Luna derramando su luz sobre la tierra, vió al mónstruo rodeado por los conspiradores, encontrándose aún con vida; indignada la Luna con ellos, tomó piedras y las arrojó sobre ellos, hasta cubrirlos con una enorme cantidad, excepción hecha de las cabezas, á las cuales no pudo tocar, quedando descubiertas hasta hoy. *La última piedra arrojada cayó sobre la punta de la flecha, sobre la cual quedó fijada, pudiendo verse aún en la misma posición. La Piedra oscila de Norte á Sur con facilidad, siendo imposible hacerlo de Este á Oeste,* pero

el León sepultado como se encuentra no está muerto, y al despuntar los primeros rayos de la aurora, como mensajeros de la llegada del Cacique (el Sol), el León se mueve como si quisiera atacarlo, los conspiradores aullan, las piedras se estremecen ; así que, á esta hora la Piedra oscila de Oeste á Este, como saludando al Sol.

Esta leyenda parece tener alguna relación con un eclipse del sol, y una lluvia meteórica, pero es muy extraño que una prolija inspección de estas rocas, demuestra la forma de la cabeza de un león (puma), la piedra movediza y los conspiradores, en la misma posición que les asigna la leyenda.

Tan extraordinario me pareció este hecho confirmatorio, por decir así, de lo que me había comunicado el indio, que procedí acto continuo é hice sacar una fotografía que demuestra lo que antecede.

Pije. Un grado menos que *piciústico*. Es voz chilena.

Pila. Perro pelado. — *Cala* en Bolivia, del quichua *ckala*, pelado ; de donde *Calacala*, *Calacoro*, etc. — Por extensión, á los jóvenes imberbes.

Pilca ó pirca. Voz quichua : pared. Cerco de piedras apiladas para corral ó bardal.

Pilco. Voz quichua : colorado. El *Pilcomayo*, río que en el departamento de Chuquisaca, corre por el gran Chaco y es afluente del río Paraguay.

Pilcha. Cada una de las piezas del recado. Véase Recado y Cacharpa.

Pileta. Abrevadero de caballerías.

Pilma ó la Pilma. Juego de pelota auca ó araucano. Los jóvenes de la tribu se reunen en la plaza de la toldería, trazan un ancho círculo en el suelo, y entrando en él, divídense en dos bandos opuestos y fronteros. Varios campeones están provistos de una pelota : los de un bando en la mano derecha, los de otro en la mano izquierda, arrojando cada cual su pelota por atrás, de suerte que vaya á salir por delante, levantando la pierna izquierda ó derecha, según la mano, y enviando el proyectil á un adversario, á condición de que le dé en el cuerpo so pena de perder un punto. De ahí mil lances y equilibrios para evitar el golpe. Cuando sucede que uno ha recibido el pelotazo, tiene que tomar

la pelota y lanzarla al contrincante de igual manera y con las mismas condiciones apuntadas. El que sigue vuelve á empezar y así hasta que el cansancio rinde los brazos. Véase Pelota.

Pilón. Calvo ó pelado como el pilón de la romana.

Pilpinto. Voz quichua : mariposa pequeña.

Pinchulear. Ponerse de veinticinco alfileres. — Pinganear.

Pinganillo. Elegante, bien trajeado ó « pinchuleado ».

Pineda. Género en Historia natural, en honor de Antonio Pineda, naturalista español que vino á América con Tadeo Hœncke y Luis Naes, á bordo de « La Descubierta », mandada por Alejandro Malespina en 1790, en comisión de dar la vuelta al mundo. Pineda murió en 1792 en Illoc (Luzón) y varios naturalistas le dedicaron gran número de plantas, así como á su sabio compañero, el bohemio Hœncke, muerto en 1817 en Cochabamba de Bolivia.

Pingo. Caballo corredor.

Pingotear. Hacer corvetas ; dar saltos.

Pingüín. Palmípedo de la Patagonia. Da hasta un kilo de aceite y abunda tanto en todas las islas del Estrecho magallánico, especialmente en la de Torra, que puede sacarse del producto de la caza mil pipas anuales.

Pininicó. Toda pasta dulce reblandecida por el calor ó la humedad, está *pininicó* para los cruceños.

Pinquillo. Del quichua : *pincullo*, pífano. Especie de « flageolet » de tres agujeros que tocan los indios quichuas y que acompañan con danzas.

Pinta. Así llaman en Bolivia al juego de los dados, á la orden del día en aquel país, desde el club aristocrático á la más miserable *chingana*. En Buenos Aires y Santiago de Chile es juego villano, como en Europa. El juego de los dados fué importado por los soldados españoles, como lo prueba el que Atahuallpa lo aprendió en su cautividad, lo mismo que el ajedrez ; y el que por una suerte adversa de los dados nació el refrán aquel : « Jugarse el sol antes que nazca », por haber jugado un soldado de Pizarro,

y perdido, la imagen en oro del sol que le tocó en el botín del templo de Coricancha en el Cuzco. De los soldados pasó á los mineros, y de éstos al resto del país. Como antes dije, está tan en boga, que en donde quiera se reunen dos ó tres amigos y aun desconocidos, hay que jugar al *cacho* (el cubilete) una ronda de *cocktails*, y luego... á limpiarse los bolsillos tirando *quinas*, *senas*, *ases* y *cuadras*.

PIÑA. El fruto de la anana. Se cultiva para el consumo, pues en estado silvestre es de gusto desagradable. Los españoles la conocieron por vez primera en la Isla Guadalupe.

PIÑO DE GANADO. Montón.

PIÑONERO. Piñon de la India (*Jatropha curcas*. Linneus). Piñonero que habita las regiones tropicales de América y África. Es un arbusto de mediana altura cuyos piñones, del tamaño de una nuez, contienen tres semillas como aceitunas, dentro de las cuales están las almendras purgantes.

PIOLA. Cordel ó bramante para ligamentos.

PIPIÁN. Manjar de almendra ó mani tostado y molido con harina y carne fresca.

PIQUE. Voz quichua : pulga (*Pulex penetrans*). Véase NIGUA. « Primo hermano de la pulga y traída de Lima á Chile, á caballo de la escolta del presidente Sotomayor en los primeros años del siglo XVII » (Vicuña Makenna).

PIQUILLÍN. Árbol frutal.

PIRÁIBA. *Siluroide*. Pez gigantesco de más de dos metros de largo, de boca de escualo, pero de rebordes esquinosos en lugar de dientes, que navega el río Beni y el Madera. Tiene la cola roja, vientre amarillo y escamas de un color pardo negruzco. Muerde fácilmente el cebo que se pone para otros peces, arrastrando las canoas en su huida.

PIRARUCÚ. Pescado que salado en charque se come en el Río Madera y sus tributarios.

PIRATONA (Una). Arbitrariedad; injusticia. *Piratería*.

PIRGUA. Voz quichua. Troj hecha de paredes de caña ó ado-

bes con techo de paja ó palma. — *Colcapirgua* : troj de plata (Geografía).

PIRIRI. Urraca.

PIRQUÍN. Contratista de caminos ó de trabajos de zapa de minas.

PISAR EL MAÍZ. Molerlo en *tacú* ó mortero.

PISCÓIRA. Mala hembra; mujer mala. Derivado tal vez de pécora.

PISTO (De pisto en). De poco en poco.

PISTOCO. Angosto; de poca capacidad cúbica.

PITA (Pedir). « Pedir cacao » en Bogotá. Pedir treguas. Véase *Refranes y Modismos*.

PITAJAYA. Voz quichua : espino. Nombre genérico del cactus. — Mezquindad ó bicoca. V. gr. : Me ofrecen una *pitajaya* por el caballo y no lo quiero vender.

PITAR. Fumar : de *pito*, cigarrillo. Según Julio Rivero deriva de *pitura*, voz brasileña : tabaco.

PITAY. Afección herpética acompañada de escozor, que se contrae en los climas cálidos á consecuencia de cortarse la transpiración por un cambio atmosférico. Se alivia mediante baños repetidos, ó fricciones de agua florida, ó soluciones de agua fenicada.

PITITO. Tropeolo ó capuchina; flor así llamada por la figura de pito ó pipa de fumar de sus pétalos.

PITO. Cereal, ordinariamente cebada, tostado y molido ; y en general, harina preparada con cereales. Al pito hecho de cañagua se le llama *acu*. Es famoso el *pito* (de maíz) de Tacna que llega hasta La Paz de Bolivia.

PITÓN. Árbol frutal de fruto como guinda amarilla ó verdosa.

PIYU ó pillu. Véase ÑANDÚ.

PIYÚYU. Lance en el juego de billar cuando el mingo se pone en tal situación que para dar en cualquiera de las otras bolas hay que tirar por banda.

PLANCHÓN. Planicie ó meseta en las cumbres andinas. « El Paso del Planchón. »

PLATAL. Dineral. — *Platanudo* : adinerado.

PLATANAL. Plantación de bananeros.

PLATANILLO. Véase PATUJÚ.

PLÁTANO. La banana ó fruto del banano. — *Canoa platanera* : de las menores, como para el transporte de plátanos por el río.

PLATINO. Cuerpo simple descubierto por Antonio de Ulloa en el Choco (Colombia). Lo llamó *platina* en su relato de viaje (Madrid, 1748).

PLAYA. Cancha ó explanada delante de los ranchos; ó espacio carpido al rededor de una obra cualquiera, como playa en que termina la verdura de la pampa. — Espacio de tierra dura y apisonada que forma la *hacienda* en los sitios donde acostumbra juntarse en rodeo. — En los saladeros, la explanada bajo techo á orilla de un arroyo, en la que los « desolladores » cortan las « achuras » ó despojos de las reses. — Espaciosos remansos ó ensenadas que forman los *tornos* ó vueltas de los ríos Paraguay y Paraná.

PLEBE. La *plebs*. Lo que nosotros decimos el pueblo ó proletariado, pero que en las igualitarias repúblicas australes llaman « plebe », compuesta de cholos é indios. Los demás son las *personas decentes*.

POALLA. Nombre brasileño de la ipecacuana, que ha prevalecido en algunas provincias cruceñas fronterizas al Brasil.

POCHECÓ. Lo que ha llegado á hastiar cualquiera de los cinco sentidos.

POLEADA. Manjar hecho de leche cocida, anís, harina, azúcar y maíz bien cocido y reventado, como de patasca.

POLEO (*Menta polegium*. L.). Labiadas. Planta que habita los lugares húmedos de Europa y América. Sus flores, de olor á menta, son emenagogas.

POLIZONES. Así se llamó antaño á la gente trabajadora que violando la prohibición de pasar á las colonias, venían á América. La ciudad de Buenos Aires, por el sinnúmero de *llovidos* ó *polizones* que contenía, mereció á fines del siglo XVIII el dictado de « *Apeadero de los Polizones*. »

POLVORÍN. Cuando las garrapatas son pequeñas, tienen un color rojizo, y propenden á apiñonarse en bollos en los arbustos. Basta rozar éstos al pasar por el monte, para que los animálculos se prendan á la ropa, como rocío de azafrán, esparciéndose en seguida por todo el cuerpo, de pies á cabeza. Entonces el atribulado viajero dice : *me pican los polvorines*. Para librarse de ellos no hay más remedio que sacudir bien la ropa y lavarse el cuerpo con agua de tabaco ó fenicada.

POLLA. Carrera hípica de más de dos ginetes. — *Correr una polla* : un « handicap ».

PONCHO. Capa de cuatro puntas, ó como la describe Alcedo : « Manta cuadrada con una abertura en medio para meter la cabeza. » — Es la capa del viajero y del campesino americano; la famosa *ruana* colombiana. El *poncho* y el *chiripá* (véase CHIRIPÁ), las dos prendas del vestido gauchesco, se adaptan al clima del país. Su manejo es sencillo y utilísimo para ir á caballo no habiendo por otra parte dificultades para hallarlos en los vastos territorios de la República, pues se fabrican con productos indígenas y no necesitan de las hábiles manos de un sastre. El *poncho* representa el chaleco, la chaqueta y el gabán; el *chiripá* sustituye los pantalones; y si en verano el gaucho se tiende á dormir á la intemperie, su vestido reemplaza también el colchón, la sábana y la frazada. Si además puede proporcionarse un par de elegantes botas granaderas con brillantes espuelas, el gaucho está en traje de fiesta, creyéndose dueño del mundo; particularmente cuando montado en un *pingo* con recado nuevo, riendas plateadas y lazo á la grupa, cruza á rienda suelta la dilatada llanura. Antes los *ponchos* y *chiripáes* sólo se hacían en el país, pero hoy vienen del extranjero, de Manchester, de Sabadell ó Tarrasa, siendo generalmente más baratos, pero de inferior calidad. La hebra del *chaguar* con la que los indios del Chaco fabrican sus escasos vestidos, puede hacer competencia al yute de Manila, cuando los fletes sean fáciles y baratos. La lana de las ovejas, vicuñas, guanacos y llamas, constituyen la materia principal para la fabri-

cación de los mejores ponchos. El color natural de la lana de vicuñas, que en otro tiempo era el único material empleado en la fabricación de los ponchos, varía entre el oscuro y el pardo oscuro separando mecánicamente las hebras de diversos tintes, y haciendo con ellas los hilos por medio del huso, resulta un trabajo muy primitivo, pero de género impermeable, ni muy grueso, ni pesado. Resguarda también á maravilla de los rayos del sol. El subido precio de los ponchos de vicuña está justificado por varias razones. Por una parte, la caza de los animales es algo penosa (*chaco*) y producen escasa cría como ya ha sucedido con las chinchillas y está á punto de suceder con los bisontes de las praderas norte-americanas. Solamente las personas ricas pueden comprar los ponchos legítimos más finos, debiendo las demás resignarse con las imitaciones europeas ó con los que se preparan en el campo con la lana de ovejas, adornados con colores chillones. Los indios pampas y los paisanos de Santiago y Catamarca sobresalen en la labor de estos artefactos así como Tucumán en la de *recados* y carretas de tránsito.

Poncho puyo ó pullo : poncho ordinario de abrigo. — *Poncho inglés*. Por el color de las rayas como el « plaid » escocés. — *Poncho vicuña*. El mejor y más caro. — *Poncho pampa*. Que hacen las indias, de colores chillones á favor de ciertos ingredientes. — *Poncho macha*. El *pampa* cuando es grueso, y que á veces se pone como pellón encima del secado. — *Poncho bicharaco* ó paisano. Listado que hacen en provincias. — *Poncho Cutama*. De lana, tejido por los indios de la Cordillera en Santa Cruz de la Sierra (Bolivia). Frases. Véase *Refranes y Modismos*.

Pongo. Indio paceño que á trueque de un salario mensual que gana en fletes, se alquila como bestia por el dueño de una finca, ó para el servicio doméstico de quien lo solicita ; siendo lo más chusco que hay dueños de *pongos* que los alquilan como si fueran esclavos. El alquiler del pobre indio aimará varía según se le contrate con *taquia* (excremento de llama) ó leña, ó sin estos combustibles. — *Pongo Mittani* : el pongo mujer que se ocupa en las faenas domésticas. Véase Semanero.

PONTIZUELA. Media luna de rico metal, colgante del freno del caballo, al que se adapta con un gonce.

POPÍ. Cara popí = la con manchas ó pecas. — La ropa está *popí* cuando, después de lavada, queda con máculas por no secarla á tiempo. Es voz cruceña.

PORONGUEÑO. Indio cruceño de Porongos. — *Papel porongueño.* La hoja seca de plátano en la que se escribe con tinta de *achiote.* Llámase así porque fué invención de un indio de Porongos.

PORRA. Mechón de pelos enredados. — La puesta ó traviesa que va en cabeza en el juego de dados ó de azar. — El asa del poro ó mate.

PORTABALAYO. Voz brasileña. Porta-viandas.

PORTADA ó tranquera. Paso ó puerta de trancas ó de ferrada que permite el paso libre en los *alambrados.* Estas portadas, cuando el ginete es hábil las abre empujándolas con el mango del *rebenque,* á cuyo tiempo se cuela con el caballo. En seguida se cierra la « tranquera » para que la hacienda no se *entrevere* con la de otra estancia.

PORTAFOLIO. Cartera ministerial.

PORTEÑO. El natural de la ciudad de Buenos Aires y de su provincia; por el nombre de *Puerto de la Santísima Trinidad de Buenos Aires* que le dió Mendoza en 1535. Es un curioso ejemplo de antinomia, llamarse *porteños* á los hijos de una ciudad que no ha tenido puerto, verdaderamente tal, hasta 1889 (el Madero); así como llamarse *Río de la Plata* al estuario, cuando ni el río lleva plata, ni el país la tiene en su moneda.

POSETACÚ. Hormiguero que los *turiros* ú hormigas lacustres hacen adherido á los árboles y á gran altura del nivel del suelo, para salvarse de las inundaciones.

POTETE, putútu ó jomete. Harina de maíz hervida, sin más condimento ni añadidura.

POTO. Voz quichua : la cara de atrás ; y *potear,* hermano gemelo de otro verbo muy usual en la Península, de que sólo se diferencia en el cambio de la primera vocal.

POTOCA. Mujer nalguda, pequeña y rechoncha.

POTOSÍ. El cerro de Potosí en forma perfecta de cono, es el más hermoso ejemplar que puede verse en el mundo, tanto por su aspecto como por la abundancia de plata que ha producido. Ningún otro cerro de sus dimensiones puede rivalizar con él en riqueza de rendimiento argentífero. Elévase á 3.107 pies sobre el nivel de la plaza mayor de la ciudad, debiendo tenerse en cuenta que ésta está situada en la falda del cerro á 13.275 pies sobre el nivel del mar. La composición del cerro es porfídica con vetas de pizarra y arenisca en su exterior y en su base, dejando en su último tercio la pura manifestación porfídica. La mitad superior del cono es la que sin duda ha producido los minerales más subidos de ley ; así que en esta parte es donde se notan los piques, socavones, chimeneas, etc. que han convertido el cerro en un verdadero panal de abejas. Los socabones principales son veinticinco á lo más; pero los piques, contra-socavones y chimeneas son innumerables.

Durante el gobierno del intendente Paula Sanz (á principios del siglo XIX) llegó á Potosí una comisión científica para perforar la base del cerro que mide 25.565 metros de circunferencia, continuando el trabajo del socavón Berrio perteneciente al antiguo minero A. López de Quiroga, con el nuevo nombre de *Real Socavón*. Los antiguos trabajos de este establecimiento se traspasaron en 1886 á una compañía inglesa « *Royal Silver Mines of Potosi* », que sigue siendo la dueña y señora del Cerro.

Todas las vetas de mineral de plata contienen ley de estaño, y hay también vetas que rinden exclusivamente este último metal. La potencia productiva varía en un ancho de 8 á 1 pulgadas, siendo la ley de la plata mayor cuanto más se ciñe la veta y la ley del estaño cuanto más se ensancha. Es de notar que aún sigue trabajándose sobre labores antiguas y que la base sigue en absoluto virgen de investigación.

Tres son los medios de obtener el estaño en el cerro de Potosí : 1º separándolo por lavado de los relaves resultantes de la amal

gamación por plata; 2° relavando los antiguos depósitos dejados por los antiguos beneficiadores en las minas del sinnúmero de ingenios en ruina de la llamada Rivera; y 3° explotando las vetas cruceras que si son pobres de plata son abundantes en estaño. — El *Real Ingenio*, hermoso establecimiento montado con los aparatos mecánicos más modernos, tiene en uso concentradores Fren, cuyos resultados son excelentes: 5 o/o de metal, con ley de 60 á 70 o/o fino. Sin embargo, su actual producción es relativamente pequeña, ajustada á la gruesa de elaboración plata, que es el principal objetivo de la Empresa.

Tan enorme es la cantidad de estaño que ha sido desperdiciada y arrojada al río, que bien puede afirmarse que las arenas del río de la Plata contienen estaño del Potosí.

Casi por en medio de la ciudad pasa el Río de la Rivera que incrementando sus aguas en las cercanías, constituye el Tarapaya, afluente del Pilcomayo, quien á su vez lo es del Plata. Pues bien, se ha calculado que el Tarapaya ha arrebatado á las minas de Potosí en el espacio de 66 años, desde 1546 en que se descubrieron éstas hasta 1611, 40 millones de plata que se sepultarían en las arenas del Pilcomayo. Cuanto al estaño, suponiendo que la ley de plata en término general sea de 600 onzas por tonelada, tal como sale de las vetas, con el mínimum de 5 °/₀ de estaño, y atendiendo á que desde 1546 hasta 1864 la producción plata alcanza á la enorme cantidad de 3.630.928.362 onzas, tendremos que han sido abandonadas á la corriente de la Rivera *1.302.577 toneladas de estaño*!

Á causa del quebranto en el precio de la plata se ha despertado el interés de la explotación del estaño. Hombres, mujeres y niños se ocupan en escoger de los desmontes de minas antiguas, de los puentes de labores abandonadas y de las ruinas de los ingenios, metales de estaño que venden á los beneficiadores á precio bajo, contentándose con obtener la ganancia diaria de un boliviano, equivalente á 3 pesetas de nuestra moneda. Gran parte de la población obrera vive de esta industria; pero siendo los medios de

explotación tan primitivos como imperfectos, la producción no adelanta ni puede competir con otras explotaciones de estaño en el extranjero. Otra cosa sería, si alguna compañía con fuerte capital se dedicase á explotar estaño bajo la base virgen del cerro, en cuyo caso se quintuplicaría el rendimiento actual.

Potrero. Alfalfar ó recinto cerrado destinado al engorde ó invernada de animales. — Dehesa potril.

Preñado de la calentura. Cierto estado de congestión ó de hinchazón del cuerpo que precede y predispone á la fiebre intermitente, patrimonio de las tierras calientes.

Presa. Tajada de carne. *Presa de pulpa* : carne sin hueso.

Prestación vial. Servicio ó contribución personal á que están obligados todos los habitantes de Bolivia para la construcción ó reparación de caminos. Los indios, los cholos y los soldados son los únicos que lo prestan, porque los demás ciudadanos se eximen de doblar el espinazo pagando un boliviano por cada día de los tres que dura la prestación.

Presumir. Cortejar; enamorar. Así : Fulano *presume* á Mengana : que la corteja.

Presupuestar. Neologismo apadrinado por Palma, Castelar, Valera y otros académicos, y que me parece perfectamente inútil, y diré el por qué. — Ni propios, ni extraños, ni aquende, ni allende, nos acordamos de *presuponer*, verbo antiguo en lenguaje rentístico, tanto que se usa en documentos del siglo XVII. Entre los « papeles de Hacienda » desde Felipe II en adelante (ms. Biblioteca nacional de Madrid) se lee : « Se *presuponen* para los gastos ordinarios de la Casa Real 320.000 reales; para Flandes, 720.000 », etc., etc.

Procurador de reos. Abogado de oficio.

Pucarára. Véase Sucurucú.

Pucha. Interjección gauchesca. *¡ La pucha !* por las cuatro letras. Tirso de Molina la emplea como provincialismo gallego en su « Mari-Hernandez ».

Pucheada. La segunda hoja de la coca, correspondiente á la

segunda mita ó cosecha. La de la primera llámase *hojeada*, la última *lluchus*. Estas tres *mitas* anuales verifícanse en los meses respectivos de mayo, junio y octubre.

PUCHICHE. Furúnculo ó divieso. — La persona ó cosa molesta como una de aquellas excrecencias. Véase YOMOMO.

PUCHO. Voz quichua : sobras; bolilla de cigarro. En Lima había antes el *puchero* ó vendedor de puntas de cigarro. No deriva, pues, de « poco ó poquito », como aventura Cuervo. — *Soltarse sobre el pucho* : echarse pronto sobre algo, á la manera que los niños callejeros sobre un *pucho* encendido.

PUEBLADA. Tumulto popular; asonada de gente.

PUENTE colgante ó taravita. Puente hecho de bejucos para pasar ríos ó torrentes. Su origen es sin duda peruano y según el testimonio de D. Antonio Ulloa, fué inventado por el cuarto inca Mayta Cápac, el cual mandó hacer un puente de bejucos sobre el Apurímac, largo más de 200 pasos y algo más de dos varas de ancho.

PUERTA DEL CORRAL (La). La primera vértebra cervical de los animales por la que se les introduce el hierro en las carneadas.

PUERTA DEL SOL (La). Tan renombrada como la *idem* de la capital de España, es en la ciencia arqueológica la otra « Puerta del Sol » sita en una parte de las monumentales ruinas de Tiaguanaco, llamada Acapana. Es un monolito de pórfido, de 32 representaciones emblemáticas ó 16 á cada lado, perfectamente visibles. La figura más saliente se encuentra sobre el dintel. Es una figura humana de pie; la cabeza recta y abiertos los brazos. La cabeza es notable porque ella sola compone la mitad de la estatua total; tiene orlados los ojos de fajas entre alas delineadas hacia las sienes y de la frente parten seis cabezas de cinocéfalo y una de chacal coronada de cuatro plumas. Otras seis cabezas tiene dibujadas en la orla de la faja que le ciñe el cuerpo. Cada mano tiene cuatro dedos con un cetro en las dos : el de la diestra surmontado por una cabeza de condor; el de la izquierda se bifurca en ramales que rematan en cabezas de *aráras* ó papagayos. Los

pocos arqueólogos que han visitado estas ruinas están acordes que la *Puerta del Sol* es de mérito superior por la obra y la vetustez, si bien divergen en el significado de su representación. Véase TIAHUAGENACO.

PUES. En Bolivia se usa el *pues* á cada paso á la usanza vizcaína, *vamos, pues; si, pues; dame, pues.* « En estos y parecidos casos, *pues* es redundante y equívoco » (Baralt). Empero, siendo indudable que *pues* deriva del « post » latino, no lo es menos que en ciertas acepciones mantiene el significado de « en seguida ». Á él cabe atribuir el *vamos, pues; oye, pues*, etc., de criollos y vascongados.

PUESTO. Rancho ó cabaña dentro del término de una estancia donde vive algún pastor ó peón encargado del rebaño. Á veces se alquilan ó se arriendan los puestos por personas que nada tienen que ver con el establecimiento donde radican aquéllos.

PUIÑO. Tinaja que cargan los chicheros y *aguateros* bolivianos. — *Puruña* en algunos distritos de la Argentina.

PUJOZÓ. Moho ó cardenillo que invade los objetos abandonados en tierra.

PULPERÍA. Esquina ó boliche rural. Establecimiento campestre que es almacén, tienda, taberna y casa de juego. Sitio de cita del gauchaje y mentidero de la campaña. Allí se juega á la taba, al truco y á las bochas; y en días de fiesta se organizan carreras, *pechadas* y *topeadas*. Es negocio lucrativo, porque debido á lo desperdigados que están los ranchos y á la distancia que están las estancias de la población, los campesinos acuden á la *pulpería* á surtirse de lo preciso y á gastar también más de lo preciso. El *pulpero* comercia en todo, dedicándose preferentemente á los frutos del país, ó sea á la compra y venta de cueros, lanas y cereales. *Pulpería* deriva quizás de *pulquería*, establecimiento análogo en México. Ello es que en lengua auca, llámase *pulcu* ó *pulcuy* al licor que se obtiene por la fermentación de frutas silvestres. — *Bolear para el pulpero*. Modismo. Véase *Refranes*.

PULULÉ. Persona de carne fofa y caída, como ciertas mujeres en la región umbilical.

PULÚLU. Cuerno que tocan los indios en las fiestas para las siembras y que además sirve de distintivo de los postillones ó chasques á pie. Con el aditamento de un tubo de caña es el *erque* ó *elqui*. Tiene un sonido de verraco y con él entretienen sus ocios los pastores de cabras y llamas.

PUMA (*Felix concolor*. Azara). Aunque se le llama león, es sólo un espantajo, « un miserable gato que huye de los perros » (Sarmiento). El historiador Gomara hablando de este felino decia : « No es tan fiero este león como lo pintan »; expresión que ha quedado como proverbial.

PUNA. Voz quichua. Sierra ó región fria. El paso de la cordillera es peligroso, no tanto por los temporales y peligrosos accidentes que ocurren en la región de la *puna*, como por la sufocación que se experimenta en estos parajes, á causa del frío de la noche y la dificultad de respirar por la rarefacción del aire. Esta sofocación llámase *mal de la puna* ó *soroche* = mal de las montañas. — *Apunarse* : asorocharse. En Hawaï, donde se encuentra la palabra *puna* con el mismo sentido que en América, los cazadores se alivian del mal de las montañas sangrándose levemente en mitad de la frente á raíz del cabello.

PUNGUISTA. Raspa; ratero en argot porteño.

PUNILLA (La). El término ó caida del tejado de un rancho de aleros. Lo que en la Argentina llaman « cola de pato ».

PUNTA. Piña ó montón de cosas homogéneas que se separan de un todo homogéneo. Así : *punta* de vacas, *punta* de niños. — *Por punta*, en globo, en conjunto.

PUNTANO. El natural de la ciudad argentina de San Luis por estar situada en la « punta de los venados », al extremo de la Sierra de Córdoba.

PÚQUIO. Voz quichua. Manantial. Es voz corriente hasta en provincias castellanas como Santa Cruz de la Sierra. — Poza ó laguna natural que en las pampas de Mojos se cubre de plantas palúdicas y lacustres, á manera de colchas ó « camalotes ». — *Vilcapugio*, lugar donde se libró una batalla en tiempo de la Independencia ; deriva de *púquio*.

Purón. Voz portuguesa : porão, sentina. Sitio de las embarcaciones menores del oriente, que hay que estar desaguando continuamente.

Puruña. Véase Puiño.

Puschca. Voz quichua : huso. El que llevan siempre consigo las indias quichuas, haciéndolo girar entre los dedos hilando copos de lana, ora estén andando en un viaje, ora apacienten los rebaños.

Puyones. Cacheras ó espolones del gallo.

Puyunga. Véase Pampaco.

Q

Quebrada. En toda América es voz sinónima de arroyo que se inunda en las avenidas, descendiendo por hendiduras de tierra.

Quebracho (*Coroylyna cerulea*). Árbol de primera magnitud, así llamado por su fragilidad. — Otro árbol de igual nombre (quebracho blanco. *Aspidosperma quebracha*) de la familia de las apocíneas, de madera durísima, muy rico en tanino y en alcaloide : la « aspidospermina ». Las raíces de este vegetal son antifebrífugas como la quina. — *Quebracho colorado* ó *cuchi*. De madera dura é incorruptible. Su corteza y el extracto del serrín, abundantes en tanino, úsase en tenería y es objeto de mucho comercio en el río Paraguay.

Quebrado. La senda ó camino que abren los bárbaros cuando salen de sus guaridas ó *malocas* para una expedición. Se reduce á una sucesión de ramitas cortadas á mano ó « quebradas » á pequeñas distancias, de manera que hay que tener la vista muy ejercitada para no extraviarse en el monte, siguiendo el hilo de Ariadna de los palitos quebrados.

Quebrantada (Agua). Agua tibia ó destilada.

Quema (Hacer). Hacer puntería en el blanco, ya sea en el disparo de armas de fuego, ya en los juegos de destreza relacionados con la balística.

Quema-quema. Especie de escolopendra.

Quemazón ó Brillazón. Espejismo de las pampas, parecido la que se produce en el desierto africano. — En masculino, el *qüemazón* es un metal de poca ley que se halla en una mina, á flor de tierra.

Quena. Voz quichua, pena de amor. Flauta de caña, de variable tamaño, si bien por lo general tiene de largo media vara, y de diámetro 2/3 de pulgada; abierta por ambos extremos. Consta de cinco agujeros en la dirección de la embocadura, y uno al costado. Aquélla es redonda, y por donde se sopla está cortada en bisel, de adentro afuera. La *quena* quichua acompañada del tambor ó *caja* es triste, melancólica, casi fúnebre. Suelen á veces los indios horadar un cántaro de barro por los costados para introducir la *quena* y las manos por los agujeros, y entonces, el eco de la *quena* « es la verdadera expresión de los sepulcros » (Cortés) por la resonancia y tristeza imponderables que adquieren las voces de la flauta. La *quena* acompañada del cántaro, es el *manchaipuitu* (cántaro aterrador). Cuentan las crónicas que cierto joven peruano, llamado Camporeal, hijo de español y de india, se enamoró de una doncella descendiente de los conquistadores. Los padres españoles de la virgen peruana hicieron alejar á Camporeal de Lima, haciéndole creer que su amada se había casado voluntariamente con un apuesto caballero. El desdeñado galán, en su desesperación, se hizo sacerdote. Después de algún tiempo, regresó á Lima, donde un día celebrando en un templo, al volverse al pueblo para decir á los fieles « *Dominus vobiscum* », vió á su adorada que parecía decirle « y tu serás conmigo ». Atraído por la tentación, Camporeal colgó los hábitos, huyendo á las montañas con María. Por algún tiempo gustaron el amor mezclado con la hiel de los remordimientos, en su cabaña, hasta que murió María, y Camporeal enloqueció por la desgracia. El amante sacó del lecho el helado cuerpo de María, lo colocó en el tosco banco de piedra donde ella solía sentarse y se propuso presenciar la lenta descomposición del cadáver. Durante las fúnebres veladas, compuso un canto, consignando en cada estrofa la metamorfosis de una de las

gracias de María, operada por la disolución de la carne que iba desprendiéndose gradualmente de los huesos. Luego que el cadáver quedó reducido á blanco y descarnado esqueleto, formó con la tibia una flauta, y con ella, en las noches de luna, evocaba el alma de su amante con sonidos tan desgarradores, que los pastores de las cercanías abandonaron sus cabañas. Música y palabras del canto de Camporeal son conocidas en el Alto y Bajo Perú con el nombre de *manchai-puitu*.

QUENADO. Apasionado; *encamotado*.

QUENCHACHEAR. Traer mala suerte. « Apártese V., que me *quenchachea*. »

QUEREZA. La larva que depositan las moscas.

QUETUPÍ. Nombre quichua del pájaro *Bienteveo*.

QUÍCHUA (y no quichúa, como por ahí se dice ó se acentúa). La nación quíchua pertenecía al reino del Cuzco, á una y otra orilla del Abancay, y de ella proviene la lengua general del Perú. *Quíchua* equivale á tierra templada. Hablan esta lengua en la Argentina los habitantes de la Provincia de Santiago del Estero; en Bolivia los de los departamentos de Chuquisaca, Potosí y Cochabamba; está generalizada en varios distritos del Perú, Ecuador, Colombia y Venezuela, y á ella pertenecen sinnúmero de palabras usuales y términos geográficos sur-americanos.

¡ QUIÉN SABE ! Expresión escéptica, que como el « chi lo sa ! » de los lazzaroni napolitanos, anda en boca de los criollos sur-americanos, especialmente de los campesinos. — ¿ Lloverá hoy? — ¿ Cuántas leguas hay de aquí á tal parte? — « Quién sabe! señor », responden invariablemente con una flema que hace montar en cólera. Aunque del mal el menos, pues ha de saber el lector que en América, acostumbran otra muletilla en respuesta á lo que se ignora ó no se quiere decir : — El cielo anuncia tempestad? — Así *será*, señor. — Llegaremos temprano á X? — Así *será*, señor, etc.

QUIJA (Estar de). Estar con hambre.

QUILOMBO. Voz brasileña. Sinónimo de burdel ó lupanar y

que se ha generalizado con esta acepción en media América del Sur. En el Brasil llamaban antes *quilombo* al asilo de los negros cimarrones en lo más recóndito del *matto* (monte). El « quilombo de Palmares », allá por el siglo XVII, y el de Carlota en Matto Grosso en 1770, son famosos en los anales de la esclavitud, por la bravura de los negros y la crueldad de los blancos. — *Mujer quilombera* : ramera.

QUILLANGO. Manta de varias pieles cosidas que usan los indios aucas ó araucanos. — El conjunto de las piezas ó enjalme del *recado*.

QUILLAY. « Mopóri » en el oriente de Bolivia (*Sapindus saponaria*. — *Quillaia smegmadermas*. De Candolle). Árbol de la flora chilena. Su corteza rica en saponina se emplea en farmacopea, con el nombre de *corteza de Panamá*. Es objeto de mucho comercio por los puertos del Pacífico.

QUIMBA. Planta abundante en los sembrados, así en Europa como en América. Apuntaré como curiosidad que en Italia se llama *farinelli*, nombre del célebre cantante Carlo Boschi que figura en el reinado de nuestro primer Borbón. — La segunda figura de la cuadrilla.

QUIMBO. Confitado. Así, *huevo quimbo*.

QUIMIL. Especie de cactus, de fruto agrio que come el ganado.

QUIMÓN. Clase de lienzo ó zaraza.

QUINA. La quina pertenece á la familia de las Rubiáceas que comprende más de cuarenta especies; entre ellas el café y la ipecacuana. Árboles y arbustos de hojas siempre verdes, y de flores de suave olor, blancas, rosadas ó rojas. La *quina Calisaya* (nombre del indio que reveló el secreto de su curación) (*Cinchona Calisaya*. Weddel) ; la *gris Huanuco* (*Cinchona micranthas*. Ruiz y Pavón) ; y la *quina roja* de Loja y del Ecuador, proveniente de gran número de cortezas, son las preferidas en el comercio.

La especie *cascarilla* se distingue por sus hojas más grandes y lisas y por las brácteas rojas que acompañan el pecíolo de las flores. Con la infusión de la corteza de este árbol curó en 1638

la virreina del Perú, condesa de Chinchón, enferma de calenturas intermitentes rebeldes. Dicho medicamento le fué sugerido, no por los jesuitas, como se cuenta, sino por el gobernador de Loja, Don Francisco López Cañizares, que había curado de parecida dolencia con la misma corteza proporcionada por el indio Kalisaya. El naturalista Linneo designó al vegetal con el nombre de *Cinchona* en honor de la condesa. Posteriormente, el Dr. Weddel, botánico de la expedición francesa venida en 1843 á Sur-América al mando del conde de Castelnau, publicó un precioso informe de la *cascarilla* en su monografía « Histoire naturelle des quinquinas », fruto de sus observaciones en Cochabamba y Santa Cruz de Bolivia.

La quina crece en terreno escabroso, así que no se encuentra en las llanuras. Es árbol grueso, alto y pomposo, de hojas parecidas á las del café. Sucede con la fiebre y con la quina, lo que con las anginas de las regiones hiperbóreas y el hielo : que el remedio está al lado de la enfermedad. El árbol florece á los seis años, y á los ocho ó diez suministra la corteza. Las heridas se cicatrizan con musgo, sujetado con bejucos, y al año vuelve á criarse una segunda corteza que es la más rica en alcaloide. En el Departamento boliviano de La Paz, famoso en tiempo no lejano por su producción *cascarillera* que vino á arruinar la competencia de la quina inglesa en la India, una legua cuadrada daba cabida á cerca de dos millones de plantas, cada una de las cuales produce de seis á ocho libras de corteza. Hay casi tantos nombres como cortezas ó especies botánicas ; aunque empieza á reconocerse que un mismo árbol puede dar toda clase de cortezas según su situación y edad. La quina *roja* viene á ser entonces la corteza del árbol ; la *amarilla*, la de las ramas mayores ; y la *cenicienta*, la de las ramas menores. El nombre vulgar de *quina* se deriva de otro árbol cuya corteza es la que emplearon los jesuitas en el mismo siglo XVII, también como febrífugo. Los indios lo llamaban *quino-quino*, y *quina-quina* á la corteza y á los frutos. Es el *miroxylon perniferum* que se cría en muchos parajes de la

cuenca amazónica y que produce el bálsamo llamado *del Perú*. Hasta 1648 Europa no conoció el inapreciable descubrimiento de la *quina*, que en aquella época fué importada del Perú. La Condamine, enviado al Perú para medir algunos grados del meridiano, inauguró en 1738 el estudio científico de la quina, descubriéndose en 1820 la *quinina*, alcaloide de la quina y el mejor de los antisépticos. El « sulfato de quinina » en píldoras, lo inventaron Pelletier y Caneton, químicos franceses. En todas las calenturas maláricas el efecto de la quinina es maravilloso ; hasta se puede decir que no existe otro medicamento para combatirlas. Desgraciadamente hay hasta entre los médicos la idea de que la quinina puede emplearse contra toda clase de fiebres, y que antes de su aplicación es preciso esperar el descenso de la temperatura ordinariamente alta de los accesos. Esta idea ha sido refutada en el Congreso de médicos indios de 1894. Desde hace algunos años, Francia en Argelia, Inglaterra en sus colonias de la India oriental y Holanda en Java, prestan particular atención á la plantación de *quinales*, con tan lisonjeros resultados que en la India inglesa, por ejemplo, se vende la quina en los estancos, en paquetitos de á 2 peniques. En Bolivia, que con el Perú y el Ecuador comparte el monopolio de esta planta, es tal la desidia de los gobiernos que han dejado arruinar los quinales abandonados por los particulares, desde que á estos no les traía cuenta su explotación ; y como no se han dictado medidas salvadoras, ni se ha ofrecido compensación alguna á los *cascarilleros*, resulta que la quina llega importada, esto que el consumo es enorme en el país y que se paga á precios fabulosamente caros.

Quinacha. Voz quichua. Casta de gallina copetuda, de pluma crespa y con *quiñe* ó espolón como el gallo.

Quinas (Echar). La suerte de echar dos cincos con los dados.

Quincha ó quincho. Cerco de palos ó de cañas para corral ó brete.

Quino-quino. Dos especies distintas : *Miroxylon perniferum*,

Miroxylon toluiferum, que suministran respectivamente el bálsamo del Perú y el de Tolú (Colombia).

QUÍNOA (*Chenodium quino*). Planta anua cuyo fruto en racimo es comestible, y aun se hace de él una cerveza de mucha fermentación. En Omasuyos (La Paz) hay la creencia de que la *quinoa* da y conserva el buen color á las personas que la usan.

QUIÑAR. Tirar con el trompo sobre el del contrario dándole con la punta ó *quiñe*.

QUIÑE. Cacheda. Véase QUIÑAR.

QUIPI. Morral ó mochila, en quichua.

QUIPOS. Invención que se atribuye al amaúta Illa, favorito del cuarto inca, Maita Cápac. —Nudo, en quichua. Los *quipos* eran un sistema de nudos de hilos de lana de diversos colores, hechos con admirable artificio, mediante los cuales los indios peruanos conservaban la historia y los anales del imperio, y aun los usaban como escritura. El P. Acosta asegura que esta clase de escritura aun era usada en su tiempo entre los indios, algunos de los cuales aprendieron de memoria las oraciones cristianas por medio de los *quipos*.

QUIRICHI. Verruga.

QUIRNEJA. La trenza que usaban antes los criollos cruceños. Véase CIMBA.

QUIRQUINCHO. Otro nombre del Armadillo. *Dassipus minutus*.

QUISA. Plátano maduro, pelado y tostado, que se pone á secar al sol hasta que se convierte en agradable orejón. En Mojos hacen una *quisa* especial, superior á la cruceña, amasando el plátano maduro y poniéndolo á secar, con lo que resulta una especie de pan de higo que da á éste quince y raya.

QUISQUIDO. Voz quichua : *quikqui* ; estrechez. — Ventosidad.

QUISTE ó quieste. Vulgarismo boliviano por : «¿ qué es de tal cosa ? » — Así : *¿quiste mi sombrero ?* : ¿ qué es de mi sombrero ?

QUITABÚSI. Mosca dorada incubadora.

QUITAHUCHO. Aji silvestre del tamaño de una guinda.

Quito. Nombre, según los estimologistas quichuas, que significa Provincia ó Reino.

R

Rabona. Mujer del soldado boliviano, y que hasta no hace mucho acompañaba á éste en sus marchas y en la guerra. Dormía en el cuartel, y como es natural cuidaba del alimento y aseo de su cuyo, convirtiendo el cuartel en un *conventillo*. Durante la administración Arce (1888-92) se sacaron las *rabonas* del cuartel implantando el rancho ; pero siguen aun á los soldados acompañándolos en sus acantonamientos. Sirven de vivanderas en el campo de batalla y es indecible el entusiasmo que comunican á sus maridos.

Racacha (*Conium moschatum*). Una de las variedades de la papa americana, que se da hasta los mil metros sobre el nivel del mar.

Raga. Chanza ó burla. « Lo dije por raga. »

Raíces. Aún mejor que la *pelota* (véase Pelota) sirven para navegar un trecho á favor de la corriente unos palos secos y livianos, generalmente de « palo de balsa », en el Beni, ó de otra madera cualquiera. Á estos palos los llaman *raíces*. En uno de ellos se cabalga, de manera que el vientre y el pecho descansen sobre él; y como es tan liviano, puede soportar el peso de una persona sin que se hunda del todo. Sin embargo hay que bracear continuamente contra el agua, casi lo mismo que cuando se nada, orientándose al punto por donde se quiere salir. Hay que tener la precaución de sujetar bien la *raíz* con las piernas para que no cuelgue ó se escape, sobre todo si la persona no sabe nadar; aunque en este caso va un *nadero* tirando de la *raíz* por una cuerda.

Rajar. Hablar mal de alguno. Hacerle la disección con la lengua. Es voz muy apropiada. — *Rajar la tierra*. Huir de estampía.

Ramada. Cobertizo ó enramada sobre cuatro palos, para res-

guardar el ganado de la intemperie. — Chapapa ó tendal muy alto para colgar tiras de carne charqueada. — La parte de afuera de la *reja* que separa el mostrador de las pulperías del público que á deshoras de la noche acude á ellas.

Rampa. Las andas en que era llevado el Inca. Hoy se aplica á la litera ó silla de manos.

Rancho. Nombre que, como el de « chalet » á las cabañas suizas, se da en toda América á las habitaciones rurales de la gente pobre. En Tejas, sin embargo, los yankees llaman *ranchos* á las estancias ; y en Chorrillos, balneario de Lima, llaman así también á espléndidas quintas de recreo, porque cuando los limeños salieron por primera vez á veranear tuvieron que acomodarse en los ranchos de totora de los chorrillanos, bien así como los valencianos en las barracas del Grao y del Cabañal. — Quieren algunos que derive *rancho* de que los antiguos españoles iban á abastecerse de víveres á las chozas de los indios, es decir, que iban « por el rancho », de donde se quedó tal palabra para designar las habitaciones indias. Si bien es cierto que en las relaciones antiguas de Indias, *rancheador* equivale á cazador de indios, de donde *arranchador*, es indudable que deriva de *camaranchón* ; luego se dijo *rancho*, y Cervantes lo emplea con este significado en la aventura de la mora : es decir habitación pobre, de donde la etimología del *rancho* americano, por lo general mezquino y miserable. — El *rancho* es, por lo general, de paredes de adobe y techo de paja, reemplazado por cañas y hojas de palma en los países cálidos. Los ranchos indios de la Altiplanicie son míseras chozas de piedras amontonadas casi sin mortero, con techo de paja ó totora de las inmediaciones. — El aspecto del rancho americano varía, por consiguiente, según las condiciones climatológicas del país. Me limitaré á describir el *rancho* de la provincia de Buenos Aires, y luego el de Santa Cruz de la Sierra, como modelos de aquella vivienda. El *rancho* argentino es de paredes embarradas ó de adobes al natural, dejando al desnudo la sencilla armazón del edificio, los postes ú horcones y las tijeras

de madera con techo en ángulo. Separada de la vivienda, y á veces dentro de la misma, está la cocina, si así puede llamarse á unas trébedes en el santo suelo que sirve de hornilla y fogón. La costumbre de alimentar el hogar en el suelo, debe atribuirse á la mayor facilidad para preparar los asados y tubérculos, únicas viandas de la sencilla culinaria criolla, y al mejor aprovechamiento del combustible por otra parte muy liviano, que se reduce á chamarasca, marlos y bosta. Este hogar se alimenta por una abertura en el techo, enfáticamente llamada *chimenea*, porque sí, porque corresponde á la columna ascendente del humo, de modo que si llueve hay que apartar la lumbre, y si no llueve se vive en una nube densa de humo que hace toser y estornudar y llorar, mientras no arde la llama. Alguna cabeza de vaca ó un pellejo hinchado completa el ajuar de la mesa y á veces es el único asiento que puede ofrecer el gaucho pobre. En el *rancho* argentino se *matea* siempre, por lo que el fuego casi nunca se apaga, y la humareda que sale de la humilde morada alegra la vista y el corazón del viajero errante por la Pampa, porque sabe que ha de ser bien recibido en el seno de una familia amable y hospitalaria.

El *rancho* cruceño en poco ó nada varía del anterior, en cuanto á su arquitectura. Las paredes son de estacas bien apretadas, cañas ó tacuaras, y el techo de palmera, terminado en *punilla* ó cola de pato. Un cobertizo alrededor del *rancho* resguarda de los soles y lluvias en estos climas. Á la sombra de la *ramada* ó cobertizo cuelga el cruceño su hamaca, asiento de preferencia que se cede al recién llegado, tomando el dueño una silla ó taburete forrado de cuero. Dentro de la habitación cuatro *cachas* ó baúles de madera; unos cuantos garabatos en las paredes para hamacas y prendas de vestir; un par de sillas de cuero de vaca y las *chapapas* ó barbacoas con mosquitero, que sirven de cama. Próximos á la vivienda están el horno, el corral para el ganado, el *bramadero* ó palenque para atar las reses, y el *patero* donde se sube á dormir la volatería. La *punilla* sirve generalmente de alacena, dispensa y granero: en ella se guardan tarros de manteca

de vaca y de cerdo, panes de sal de Chiquitos, *buracas* ó zurrones de azúcar y *empanizado*; las *pirguas* ó trojes de arroz y maíz y la provisión para el *jacuú* : plátanos, yucas y *hocos* ó zapallos tiernos. Afuera, y en alegre desorden, están el tendal ó guarache donde se pone á secar el *charque* ó tasajo ; el *tacú* ó disforme mortero hecho del grueso tronco de un árbol, para pisar el maíz ó el arroz; los cántaros de agua; las bateas de las mujeres y demás utensilios de esta laya que pueden desafiar á la intemperie. Alguna *paraba* de hermoso plumaje amarillo, azul y rojo, posada en el caballete del rancho; un mono atado junto á la puerta y un par de *maticos* (tordos de vivo color amarillo con cabos negros) dentro de una jaula hecha del *jipuri* ó vena de la hoja de palma, adornan la visualidad del *rancho* por el que entran y salen *chanchos matatudos*, *gallinas taporas* y *quinachas*, algún *piyu* domesticado y uno que otro cordero *guacho*. Finalizaré esta larga descripción con la nomenclatura más generalizada de los *ranchos*, según sus accidentales y pasajeras formas, pues algunos sirven provisionalmente y duran el tiempo de la recolección y chacarismos.

Rancho vara en tierra. Cuando las varas de la armazón inclinadas, descansan por un extremo en el suelo, y por otro en la guía ó cumbrera, parte compuesta de un solo alero, quedando el resto en descubierto. Así se construyen casi todos los *ranchos* improvisados en las pascanas, con hojas de plátano ó de patajú, y aun de palmera, para resguardarse del sol y de la lluvia en chacos y *jaras*.

Rancho cola de pato. Véase PUNILLA.

RANGA-RANGA. Tripicallos de vaca condimentados con aji muy picante y otros ingredientes, plato que nada tiene que envidiar á los *callos* de Madrid y á las *tripes à la mode de Caen*.

RAPADURA. Dulce de miel, de caña y leche.

RAPI. « Matambre » ó *carne gallina* por su forma.

RASGO (Á todo). Á toda fuerza; con violencia.

RASPETÓN (De). De refilón.

RASQUETA. Almohaza para limpiar el caballo.

RASTREADOR. Véase BAQUEANO.

RASTRILLADA. Huellas de hombres y animales en el campo.

RATANIA (*Krameria triandia*. Ruiz y Pavón). Poligaleas. Arbusto de raiz leñosa empleada como astringente enérgico.

RATONCITO. Es el juego de la gallina ciega, que los niños cruceños han cambiado en ratoncito. El que hace de ratón va con los ojos vendados; los demás le rodean cantándole:

— Ratoncito ¿ qué has perdido ?
— Una aguja y un tendal
En el totoral.
— ¿ Qué estás haciendo?
— Jugando.
— ¿ Qué quieres comer ?
— Chinas peladas.
— Pues dé tres vueltas á la recoba y busque.

Á esto le hacen dar tres vueltas, corriendo todos á su alrededor, hasta que el ratón agarra uno de ellos y adivina quién es.

RAYA (*Trigon histrix*). Pescado esférico de río, de una vara de diámetro y cola redonda provista de agudas espinas con una flecha huesosa en la extremidad, que el pez dirige á su voluntad; lo que sucede cuando se le pisa en la arena de los rios en que se sumerge. La herida es peligrosa y sólo se alivia chupándola, ó con emplasto de ajo molido ó polvo de pimienta.

RAYUELA. Juego que consiste en lanzar desde larga distancia tejos ó monedas á un pequeño espacio limpio de tierra en el que enclavan los proyectiles, y atravesado por un hilo tirante, rasando el suelo. El tejo que más se acerca al hilo, es el que gana.

REALENGO. « Estamos realengos », estamos en paz, á mano; patas. Sin duda deriva del que habiendo servido ó pagado alcabalas quedaba quito, sin deber al rey.

REBECÚ. Guitarrillo con cuerdas de alambre.

REBENQUE. Mango corto de madera, fuerte y retobado con una lonja de cuero á modo de azotera. Sirve para animar al caballo y se lleva prendido á la muñeca, á favor de una manija que sale

de la punta del mango. — *Al rebenque*. Modo de ajustar un trato de compra de ganado, señalando con el rebenque las reses que se quiere separar. Refrán : Dios castiga sin rebenque (véase *Refranes y Modismos*).

Rebozo. Poncho femenino que se pone cubriendo la cabeza.

Recado. Palabra que en español designa el conjunto de cosas que siendo heterogéneas en especie, tienden á formar un todo homogéneo ; así : — *recado de escribir* : plumas, tintero y papel ; *recado de sacar candela* (en Colombia) : el pedernal, eslabón y yesca ; ó lumbres, según la Academia ; y *recado*, por antonomasia, al apero y avíos de montar del campesino americano.

El *recado* argentino se compone por su orden : de las *abajeras* : dos ó tres cueros de oveja que se ponen sobre el lomo del caballo. Llámanse también « lonas » ó « caronillas ». *Mandil*, jerga ó lienzo como de una vara cuadrada, puesta sobre la caronilla ; llámase también *matra*. Las *caronas* : una de cuero sin curtir y otra de suela ó cuero curtido adornado con relieves hechos á punta de cuchillo ó con hierro candente. Los *bastos* : especie de albarda á la que van sujetas las correas para los estribos. Los bastos constituyen el verdadero recado y están hechos de paja forrados de cordobán ó suela ; es el verdadero arnés. La *cincha* : hecha de un cuero muy fuerte y crudo. Está compuesta de dos piezas unidas en uno de los extremos con sendas argollas de hierro. Una de las tiras se extiende sobre el lomo del caballo atravesando el recado ; mientras la otra pasa por abajo de la barriga, ajustándose ambas por un correón de cuero. Á la cincha se le ponen los estribos cuando no los llevan los bastos. Á una de las argollas antedichas está pegado un gancho para sujetar la *cuarta* del carro del que tira á veces el caballo cuarteador. El *coginillo* : tejido de lana puesto sobre la cincha. Se le llama también *pellón*, y algunas veces va cubierto por el *sobrepuesto*, de pelo de carpincho ó de perico. Todo esto va asegurado por la *sobrecincha* ó cinturón de varios colores. Completa el *recado*, el *peno*, bozal con cabestro para atar el caballo, y el rebenque. Fuera

de todo esto, el gaucho rumboso adorna su *flete* con el *fiador* ó cíngulo en el pescuezo; el *chapeado*, cinta de plata que va en la cabezada; el *pretal*, brillante cinturón de plata ó baticola, algunas veces floreada y de grandes dimensiones alrededor del pecho; y la *pontizuela* ó media luna de plata colgante del freno. Éste, cuando el gaucho monta en pelo, se sustituye por el bocado ó jáquima que se ata á la boca del caballo. — *Recado cantor*: de pocas pilchas ó cacharpas, como se llaman las piezas del recado.

Receso. Las cámaras en *receso*: en suspenso. Baralt admite este vocablo.

Recién. « Literatos y comerciantes, gauchos y estancieros, mujeres y hombres, viejos y niños, todos dicen *recién*, indistintamente, y muchas veces sin el sentido de recientemente. Recientemente, que significa nuevamente, pocos días antes, no se apocopa, ni se puede apocopar, sino antes de participio. Así lo asientan todas las gramáticas de lengua castellana. Son, pues, barbarismos inexcusables, los siguientes : *recién* acabo de saber, etc. (aquí está demás, amén de mal empleado) ; *recién* se descubrió el incendio volaron los bomberos (aquí está por apenas); ¿ cuando llegaste ? *Recién* (aquí figura como hace poco, ahora mismo); *recién* había salido de su casa; cuando llegamos despertó *recién*. Pero el ejemplo más bonito es éste : Levantados estos cargos, podré *recién* rectificar en otro terreno, etc. (aquí está por entonces). *Recién*, pues, sólo puede emplearse en estas construcciones: recién venido, recién nacido, recién llegado, etc.; y si Cervantes lo usó alguna vez, fué, como asienta Bello, con adjetivos que asumen un sentido participial : se embarcaron todos los bastimentos con cuatro personas de las recién libres » (Seijas).

Recoba. Mercado. Despacho de carne fresca en la campaña.

Recordar, por dispertar. Es arcaismo conservado en América.

Redova. Baile antiguo que como la *varsoviana*, el *cielito*, la *pavana*, etc., se bailaba antes en la Península y en estos países.

Refalarse. Despojarse de algo. *Refalarse* las botas. Quitárselas.

REGALO DE LA REINA (*Amaranthus tricolor*. L.). Amarantáceas. Planta de jardín, de hoja tricolor : verde, rojo y amarillo como la bandera boliviana.

REGATA ó resgata. Clase de lienzo de algodón, algo mejor que la *macana* de Mojos y Santa Cruz.

RELEGES. Voz minera. Paredes de piedra seca, de una caja á otra, para reparos, en que estriban las paredes de la mina.

RELUMBROSO. Brillante, bruñido, coruscante.

REMESONES. A intervalos ; á ratos. Sale el sol á *remesones* ; llueve á *remesones*.

REPARAR. Imitar lo que otro hace ; escarnecer.

REPULGO. Pico ; borde dentado. V. gr. Empanada con *repulgos*.

RESACADO. El aguardiente dos veces pasado ó sacado por alambique ó *falca*.

RESERO. El que arrea una tropa de ganado con destino á los corrales de abasto y saladeros.

RESERVADO (Caballo). Que por lo arisco ó mañero, ó bien por su estimación, de nadie es montado sino por su dueño ó domador; bien así como Bucéfalo estaba *reservado* únicamente para Alejandro Magno.

RETAR. Reprender.

RETO. Reprensión.

RETOBAR. Forrar con cuero los bultos y mercaderías.

RETRETA Serie ó retahila. Así : Traigo una *retreta* de cosas. — Me dió una *retreta* de palabras.

RETRUCAR. Responder ; redargüir. Palabra derivada del truco y retruco del juego de trucos y naipes.

REVENTÓN. Gradería natural de peñascos en las laderas de los cerros.

REYUNO (Caballo). Caballo tronzo. Que tiene la oreja cortada á cercén en señal de desecho, *res nullius* ó del Rey. El caballo patria lleva también, como señal de desecho, cortada la punta de la oreja.

REZONGAR. Refunfuñar ; murmurar por lo bajo ; hablar entre

dientes. Es voz muy usada en América, y poco ó nada en la Península, á pesar de ser castiza.

Ricino. Véase Palmas.

Riesgoso. Arriesgado.

Ripio. Pedrecita ó cascajo. Palabra poco usada en la Península. Sin embargo *ripio* explica la frase « no perder ripio ». Más vulgar es el vocablo en el Reino de Valencia, donde llaman *ripiadors* á los chiquillos mal criados que arman pedreas en las afueras de la población en lugar de ir á sacar canas verdes al maestro de escuela.

Riscadillo. Liencillo de algodón.

Roca. Prudente, en quichua. Sobrenombre de varios incas del Perú.

Rocambor. El tresillo con algunas variantes del que se juega en la Península.

Roco-roco. Trompideo minúsculo; cierto mosquito blanco, casi imperceptible, del Beni, que produce un escozor insufrible.

Rocha. « Hacer calva en Castilla ; hacer pimienta » en Aragón. Hacer novillos, en suma, como se dice más generalmente, cuando los niños faltan á la escuela, sin consentimiento de los padres ó del profesor. Asegura un escritor cochabambino (Salvatierra), que « hacer Rocha » deriva de la mala costumbre que tienen los niños de Cochabamba de ir á jugar á orillas del río Rocha que pasa junto á la ciudad, de donde la expresión pasó al resto de Bolivia. Yo opino que para que la expresión se haya hecho nacional, debe originarse de otra causa más sonada; y la encuentro en el famoso monedero falso *Rocha*, del que se hacen lenguas los « Anales potosinos », y cuya memoria se ha perpetuado en el país, hasta el punto de llamarse *moneda rochuna* á la moneda falsa. Así pues, *hacer rocha* los niños, equivalió un tiempo á decir que se ocultaba como Rocha para cosa « non sancta ». Aunque en toda la República se dice *hacer rocha* por hacer novillos, niños y colegiales en otros puntos de Bolivia dicen para significar lo mismo : « Hacer la chancha. » En Santa Cruz de la Sierra

llaman *chuñista* al faltón, y *hacer la chuña*, á la inasistencia. — *Hacer la yuta* en Buenos Aires; *hacer cimarra* en Chile.

ROCHUNA (Moneda). Falsa ó mal acuñada. Véase ROCHA.

RODEO (Hacer ó pasar el). Agrupar ó juntar la hacienda de una estancia en un lugar señalado: operación que se hace al alba, al anochecer, y cuantas veces es necesario juntar el ganado para la venta, hierra ó esquila. Parece que tiene por objeto amansar el ganado y aquerenciarlo al lugar.

ROLAR. Conversar con alguien y conversar de algo. Así, un habitante de la ciudad dirá: « La conversación *roló* sobre tal cosa »; y un paisano quebrando el cuerpo con su modito compadre, dirá de otro: « Yo no rolo con él. »

ROLLIZO. Leño ó corte de un tronco, en la forma que se embarcan las maderas en el Paraná.

RONCADERA. Espuela vaquera de grande y sonante rodaja. — *Llorona* y *Nazarena*.

RONDA. Hilera ordenada de hormigas termites que á su paso exterminan cuanto hallan.

RONDANA. Roldana ó polea sobre la que da vuelta una cuerda.

RONDÍN. Agente de seguridad en Bolivia.

ROSCA (En). Piernas en paréntesis. — Chueco ó patizambo.

ROSICLER. Voz minera. Cloruro de plata. Plata maciza.

ROSITA (De). De vago; de balde. Así: Estuve *de rosita* en el baile; entré *de rosita* en el teatro.

ROSTRO asado. Cabeza asada de res ovina que se vende en la recoba de Oruro todas las mañanas, y es el regalo de trasnochadores y madrugadores.

RUBIO (Estar). Estar ebrio. Alude al parpadeo del que está en chiche, semejante al *rubio* ó albino á quien le molesta la luz demasiado viva.

RUCA. El toldo ó choza de los indios del Sur. Araucanos y Patagones la construyen con estacas de cuatro ó cinco pies, formando las paredes entre dos horcones que aguantan, á manera de toldo, pieles cosidas de caballo, con un agujero en el centro

para dar respiradero al humo del hogar. Los toldos tienen la entrada mirando al oriente, para que todas las mañanas el jefe de la casa rocíe con agua el umbral, de cara al sol, con lo que se conjura por todo el día la maléfica influencia del *gualicho*.

Ruicia. Pavonia y Dombaya. Tres géneros de plantas creadas por el botánico español Cabanilles, en homenaje á los tres sabios que formaron la expedición mandada en 1778 por Carlos III para estudiar las producciones naturales de la América española : Hipólito Ruiz, José Pavón (españoles) y José Dombey, francés.

Rumbeador. El práctico ó baqueano encargado de rumbear. Véase Rumbear.

Rumbear. Brujulear ; abrirse camino por el monte ó en la pampa. — Buscar yerbales, árboles de goma, etc. desde una altura.

Rural. Campesino ; rústico. Así : *Escuela rural*. — *¡ Vos sos muy rural !*

Rutúcu. Voz quichua : corte ó siega. El *rutúcu* á que se hace referencia aquí es el corte del cabello de los niños de siete años, motivo para una fiesta de familia entre los cholos del interior de Bolivia. Para ello nombran padrinos del niño, como en el bautismo, y convidan á todos los parientes y amigos. La cabellera del rapaz la ensortijan en bucles adornados con cintas, y cada invitado corta una guedeja, oblando por ella tanto más cuanto, cuyo producto sirve para costear la fiesta y baile que acompaña al acto. El pelo del rutúcu se guarda como oro en paño, y si acontece que el niño muere ó llega á figurar más adelante, entonces pasa á la categoría de talismán.

S

Sabaleta. Pequeño peje de los ríos mediterráneos, semejante sábalo (*paca lineatus*).

Sabañón. Gusano que ruinando el suelo levanta un tubo cónico-cilíndrico hecho de arcilla, y de paredes sumamente lisas.

Sabatinas. Pruebas de examen en períodos cortos, por lo regular los sábados, en cual día se hace el repaso de lo cursado en la semana.

Saber. « En Buenos Aires *saben* hacer barro ; *saben* hacer buenas funciones, etc. Donde se ve que no sólo usan á *saber* por soler, sino que lo ponen en plural con el impersonal haber, cosa á todas luces descabellada » (Seijas).

Sabino (animal). Caballería que á consecuencia de los años ó de las fatigas continuadas, cambia el color de las manchas del pelo, que por lo general se vuelven blancuzcas ó grises.

Saca (De). Correr ó huir más que de prisa : por la posta.

Sacha. Voz quichua : monte ó floresta. De donde *sacharosa sachacol*, etc. — El jornalero ó peón salteño (de Salta).

Sachacol. Euforbiáceas. Planta de la que se extrae el famoso mercurio vegetal.

Sagú. Véase Majo.

Saguaipé. Especie de sanguijuela de bañados y lagunas. — Enfermedad que ataca á las ovejas que beben en estos sitios. El hígado se llena de estos anélidos, y en el último período de la enfermedad se forma un tumor flemoso bajo la garganta de las ovejas. En este caso, la enfermedad no tiene remedio.

Sagüinto ó Arrayán. Especie de *guapurú* que sirve mejor que éste para aloja ó mistela.

Sairi Tupac. El XVII y último inca reconocido por el gobierno español. Hecho cristiano tomó el nombre de Diego y dejó una hija que casó con D. Martín Díez de Loyola.

Saisi. Jigote de papas, hervido en chicha y condimentado con ají ó pimiento. — *Ajacho.*

Saladero. Establecimiento destinado á la matanza de reses vacunas y á la preparación de la carne. Véase Liebig.

Salamanca. La ciencia ó sabiduría que va unida al glorioso nombre de Salamanca ó de la Universidad Salmaticense, ha venido á parar en el Plata como sinónimo de brujería ó ciencia diabólica. *Sic transit...*

SALITRE. Véase CALICHE.

SALTO. Cascada. El *Salto* del *Guairá*, en los 24° (República Argentina), es una maravilla natural que como el Tequendama de Bogotá y el Vigua al oriente de Colombia, da celebridad al río Paraná. Fué descrito magistralmente por nuestro Azara.

SANABRIA. Extraña corrupción del nombre *zanahoria*, entre la gente del pueblo.

SANCA. Voz quichua. La bosta ya encendida que sirve de combustible á los indios de la Altiplanicie.

SANCOCHAR. Salcochar: cocer ó hervir á fuego lento.

SANCOCHO. Sopa de plátano verde rebanado, carne ó pescado y raíces ó tubérculos.

SANDÍA cimarrona. Vid blanca ó *Lianà brionia*. Especie de mandrágora.

SANGO. Mazamorra de trigo, con queso y otros aditamentos.

SANGRE DEL DRAGO. Substancia resinosa que produce una palmera de Asia (*Calamus draco*. Wildenow) y otro árbol abundante en la América del Sur (*Pterocarpus draco*. Linneus). Leguminosas. Véase TARCO.

SANGRÍA. Bebida muy refrescante hecha de vinagre ó vino con agua y azúcar.

SANTAFECINO. El natural de Santa Fé, en la Argentina, sin duda para diferenciarse del « Santafecero » el natural de Santa Fé de Bogotá.

SANTOPIÉ. Especie de escolopendra llamada « ciento-pies ». Los americanos pronuncian siento-pies, y de ahí á *santopié* no va mucho, y con este nombre se ha quedado.

SAPACALA. Voz quichua. Especie de vampiro que muerde cuando un animal está dormido, en la nariz y en los pies, llegando á causar una regular sangría.

SAPICO ó SAPICOA. Voz brasileña. Alforjas de una pieza con dos aberturas que cuelgan en el arzón trasero.

SAPIRÁ. Vista apagada y legañosa. — « Ojos sapirá. »

SAPO. Los sapos de la América tropical son tan enormes, que

según el noticioso Padre Eder « uno no cabía en su solideo ». Parece que no son venenosos, y entre otras habilidades, tienen la de tragarse las ascuas de fuego, con aquel mismo ruido que se produce cuando echan agua al hierro candente ó en el fuego.

SAPOPEMA. Los tablones ó cuñas naturales que algunos árboles forman, como bifurcaciones del tronco ó raigones que lo afianzan en el suelo.

SAPUITA. Rábula; picapleitos ; charlatán.

SARATAÚCA. Del quichua *taúca*, montón. El salto de carnero, ó « paso » en Madrid ; juego infantil en todos los países. También *metàpaso*, de la voz preventiva de correr ó andar á paso recio para dar el salto sobre el que está doblado y ha de aguantar los asaltos de los compañeros.

SARIGA. *Carachupa* ó *Micuré*. Zarigüeya. Varias especies de didelfos que habitan toda la América. Los españoles llamaron comadreja ó semi-vulpeja á este animal, por hallarle parecido con la especie europea. Es didelfo (dos úteros), es decir, tiene un segundo seno ó ancho bolsillo en el bajo vientre formado de su mismo pellejo que cubre las mamas, cuyos pezones son muy delgados, filiformes, puntiagudos y largos como de dos pulgadas. Á los pocos días de preñez la sariga pare ó más propiamente, aborta y hace pasar los hijos á su bolsa. Para esto la madre, llegado el trance del parto, se encorva hacia adelante á fin de que uno de sus largos pezones penetre en el útero. Allí, apoderándose de él el pequeñuelo, nace prendido y pasa á la bolsa, y así sucesivamente los seis ú ocho hijos de cada gestación se van trasladando al nuevo seno donde permanecen asidos de las mamilas sin soltarlas durante muchos días. Después empiezan á salir á comer ó á solazarse, volviendo cuando quieren al abrigo de la bolsa. Es singular, además, que los órganos de generación son duplicados tanto en las hembras como en el macho. Por lo demás es de fea figura : hocico largo, boca hendida hasta los ojos, cola de víbora y por consiguiente pelada (de ahí su otro nombre quichua, *carachupa*), pelo áspero sin lustre y cuerpo que

parece siempre sucio y que despide un tufo desagradable ; de donde el nombre guaraní *micuré*, hediondo.

SARTANEJAS. Montones de tierra digerida por las lombrices y que éstas levantan tan juntos unos á otros, y tan altos y puntiagudos, que no se puede andar por ellos ni á pie ni á caballo, so pena de hundirse como en un lodazal. Estas lombrices las comen algunos indios, á manera de espárragos, recogiéndolas antes de amanecer, que es cuando los anélidos salen de sus escondrijos. Los hoyos de estos montículos, no menos que la porosidad de la tierra de que están formados, sirven para alimentar por algún tiempo el hilo de agua de algunos arroyos que á poco más tardar, en plena estación seca, quedan agotados.

SASAFRÁS (*Laurus sassafras*. L.). Lauríneas. Árbol copudo que se encuentra en agrupaciones en toda la América. La raíz odorífera es la que aprovecha el comercio para usos medicinales, como sudorífico y anti-sifilítico.

SAYUBÚ. Pajarillo azulado, insectívoro, que gusta de anidar en los aleros de los tejados.

SEBORO. Cangrejo de agua dulce.

SEMITA. De acemita ó pan negro. Segunda harina que cae al cernerse al afrecho ó salvado. De ella se hacen empanadas y los bollos que, para la venta, se exhiben en mesitas con blanco mantel á las puertas de los ranchos á lo largo de los caminos próximos á las ciudades.

SENDA. Véase QUEBRADO.

SEÑUELO ó ciñuelo. Buey cabestro ó buey guía que va delante de los otros bueyes lo mismo para llevarlos al sacrificio en los saladeros, que para mover la tropa en el campo. Guíase con la *picana* ó garrocha á cuya punta va una campanilla ó cencerro. Otras veces el « ciñuelero » suele llevar una esquila como la yegua madrina.

SEPE ó cúqui (*Œcodoma cephalatus*. L.). La verdadera hormiga termites, provista de mandíbulas que son verdaderas tijeras que cortan la copa y las hojas de los árboles. Hace sus nidos subte-

rráneos en una extensión de más de doscientos metros. La tierra que levantan los *sepes*, forma verdadera colmena ó promontorios que son los que escarba el oso hormiguero. Hacen sus falansterios en la proximidad de las lagunas á fin de librar los huevecillos de la voracidad de los roedores, hasta llegar á inundar sus silos cuando aquéllos extreman su ataque. Como es hormiga de cintura de abispa y abdomen muy desarrollado, singularmente la especie llamada *sepe culón*, los indios las cosechan arrojándolas en tiestos donde se está tostando maíz. Botan la mitad del cuerpo con la cabeza y comen el abdomen, de un gusto parecido al grano de maíz quemado. No hay que confundir el *sépe* con el *cepe* de los almacenistas : hongo ó seta comestible.

Serebó. Viscosidad que dejan al tacto las cosas dulces, líquidas ó sólidas.

Serére. Ave de mediano tamaño, muy abundante en los setos de Oriente, notable por la presteza con que huye delante de la gente.

Servicial (El y La). Criado ó doméstico.

Servilla. Voz poco usada en la Península y muy generalizada entre los criollos : pantuflo ó zapatilla.

Sesma. Numeral partitivo, usado también en España, donde poco á poco va relegándose al olvido por la adopción del sistema métrico decimal. La sesma es la sexta parte de la vara que ordinariamente se mide poniendo doblados los cuatro dedos de la mano, apoyándolos sobre las segundas falanges y extendido el pulgar cuanto se pueda. Los niños criollos emplean esta métrica para medir distancias de bala á bala ó en el tejo, diciendo : « cuarta jeme, sesma, palmo », etc., y suelen añadir : « *mano volcada, yema pelada.* »

Sestache. Árbol de madera de construcción.

Sica-sica. Voz quichua. *Isoca* en la Argentina. — *Rinchis eruca.* Oruga erizada, también llamada « *quema-quema.* » — Nombre de uno de los dos cerros al S. de la ciudad de Sucre ó Chuquisaca, al pie de los cuales está sita la población. Según la tradi-

ción, una *cacica* tenía materialmente sitiado á un gobernador español con una de tantas reclamaciones. En ocasión que éste salía á una expedición urgente, la incansable mujer le acompañó hasta las afueras, y al despedirse al pie del cerro, el jefe español dió el anhelado consentimiento, diciendo : « Sí, cacica » (sí, casica). Nombre que desde entonces quedó al cerro.

Signos aritméticos. Todos los autores de cierta nombradía en Aritmética dan como signo de la división los dos puntos : D. Marcos Sastre, Garcia, Sarrat y Otamendi en Buenos Aires ; Miranda, Ricaldini y Fontán en Montevideo, han usado porque sí, con toda impropiedad el signo ÷ que es el de la progresión. Otros lo emplean ·|· y en una Revista de Educación, al signo + que siempre hemos llamado *más*, se le da también porque sí el nombre de *plus*. Son modernismos de mal gusto.

Sillahuási. Voz quichua, animal de lomo hendido, sea ó no sea sillonero ó animal de silla.

Sillón. Silla de montar para mujer.

Sillonero (Caballo y buey). Que admiten ginete ó que son animales de silla.

Simaruba (*Simaruba officinalis*. Candolle). Rutáceas. Árbol corpulento del que se aprovecha la corteza de sus raíces como tónico enérgico. Se traía de la China al Perú, hasta que en 1794 lo descubrió en Mainas el misionero Girbal.

Simulo. Planta caparídea de propiedades estimulantes y antiescorbúticas.

Sinabo. Indio manso de la tribu Pacaguara que habita los lugares vecinos á las cachuelas del Mamoré del Departamento de Santa Cruz.

Sinchi. Voz quichua : fuerte, valeroso. — *Sinchi Roca* (1107-1136) primogénito de Manco Capac.

Simi. Voz quichua : boca. De ahí *Simi-hucatana*, bocado ó jáquima de tiento para atar la boca al caballo y que reemplaza el freno.

Singáni. Aguardiente de uva muy amoroso al paladar, así

llamado de la finca de aquel nombre situada en el valle de Turuchipa, en el departamento de Potosí. El *singáni* es tan mentado y apreciado en Bolivia como el *locumba*, y unas gotas de su licor comunican un aroma exquisito al té de la mañana ó de la noche.

SIPO. Véase ISIPO.

SIRINGA ó árbol de la goma (*Siphonia elastica*), Euforbiáceas, que no hay que confundir con el caucho (véase JEBE HULERO). De varios vegetales se extrae la goma elástica. El árbol de la goma con distintos nombres y con rendimientos más ó menos pingües, se extiende desde el Ecuador hasta los trópicos ; pero el rey de esta familia vegetal es el *Siphonia elastica* ó *Hevea Guyanensi* que se encuentra en la cuenca amazónica más inmediata á la Línea. Confúndese generalmente este árbol con el *caucho* del Perú, como se le designa en el comercio, de caracteres análogos á los de la goma y que se explota en el África austral, y aún en América con los nombres de jebe y huleros, siendo así que « la siringa » cuya zona comienza en los 12° 30' lat. Sur de la América Meridional, se distingue por caracteres privativos. El árbol del caucho crece en tierra firme y en los faldíos, ya aisladamente, ya en *jebales* ó agrupaciones. Cuanto más separado de sus compañeros más corpulento se desarrolla el árbol, que por lo general es de raíces salientes y encorvadas en forma de uñas de ancla. Su explotación es muy sencilla y en nada parecida á la de la siringa. Córtase el árbol de raíz y en seguida se le sangra con tantas incisiones como admite el tronco, tres ó cuatro por lo regular, dirigiendo la caída de la *leche* por unas hendiduras que la conducen al suelo. La *leche*, que es el *caucho*, se coagula en cintas por medio de la cal ó potasa, cintas que se van aprensando conforme se recojen, y arden perfectamente. La cauchera es casi inexhausta ; no obstante estar derribada y esquilmada, brotan sus renuevos con tal vigor y rapidez, que á los cinco años brinda con nuevo jugo. Tal es el sistema ds explotación de estos árboles en el Perú, Ecuador, Colombia y Centro América; sistema

fácil, pero defectuoso, pues acaba por hacer desaparecer las *caucheras* de aquellos países, en donde ya empiezan á escasear, á causa de la constante tala de esos árboles. Abunda también el *caucho* en el Oriente de Bolivia, pero nadie lo explota mientras haya *seringueras*, por cuyo producto se paga el doble del *caucho*.

Veamos ahora qué es y cómo se explota la *siringa*. Condamine llevó la goma á Europa por vez primera en 1736, y en su diario de observaciones llamó *siringa* al que los brasileños « páo da siringa », y *siringuero* al extractor. El nombre *siringa* viene de que los portugueses aprendieron de los indios del Amazonas hacer bombillas ó jeringas sin émbolo; especie de pelotas huecas en forma de pera con un agujero en la punta. Lleno de agua, y apretando el aparato, sale aquélla con fuerza por el agujero. Tal juguete es la mayor diversión de aquellos indios, los cuales, según Condamine, lo presentan por cortesía á sus huéspedes, siendo su presentación el preliminar de fiestas y agasajos. De tal origen viene pues el nombre científico *Siphonia elastica* dado por Parson al árbol de la goma; etimología que por cierto corresponde perfectamente á las aplicaciones que de esa materia se hace para cables, sondas, cánulas, jeringas, pezoneras, etc. El árbol es corpulento, de 30 á 50 metros de altura, de corteza gruesa y blanda y de color variable en el líber: blanco, rosado ó morado oscuro; su copa de hojas parecidas á las de la yuca, simples y tripartitas, se cubre de hermosas flores rojas en el invierno, y su aspecto es tan característico, que visto el árbol una vez, se reconoce en todo tiempo y en todo lugar, mayormente cuando tiene la particularidad de presentarse ó agrupaciones ó *seringales* en los que luego se abren las *estradas*.

Estas seringueras cubren vastas zonas del Perú, Brasil y Bolivia, y abastecen el comercio de las 4/5 partes de este producto tan estimado, con el nombre de *Siringa del Pará*. El árbol de la goma es propio de terrenos húmedos, de hondonadas sujetas á inundaciones periódicas por las crecientes de los ríos y ricos en materias inorgánicas. De ahí que las islas del Amazonas, las

selvas y afluentes de este río, tienen el monopolio de ese valioso producto, y refiriéndonos á Bolivia, las regiones del Beni, Madre de Dios, Acre y Purús, ríos que cortan verdaderos filones de oro vegetal cuyo valor acrece en proporción de su proximidad al ecuador y de la humedad del terreno. Otra causa que influye en la mayor secreción del árbol es la espesura del monte en que está enclavado; por esto los buenos gomales están tan escondidos, que sólo la mirada experta del *rumbeador* puede dar con él. Descubierto el gomal ó gomales, y tomada su posesión legal, poco después llega al sitio una pequeña colonia enviada de la *Barraca* con víveres, *machadiños*, *tichelas*, *buyones* y demás utensilios de trabajo; ábrense *estradas* ó caminos que bordean el gomal, repártense los obreros para la « pica » y el *centro* está ya constituido. Si la región está poblada de bárbaros, se busca su alianza; si no, se les resiste, y en último caso se les ahuyenta ó aniquila en nombre del trabajo y de la civilización. Véase BOLACHA, ESTRADA y PICA.

SIRINGUERO. El picador gomero. — Especie de mirlo carpintero, de color oscuro, que pica la madera de la seringuera y alegra el silencio de la selva con su silbido agudo y penetrante.

SIRIONO. Indio bravo al Oriente de Santa Cruz, de raza guaraní, vecinos y enemigos mortales de los guarayos.

SIRIPI. Maíz menudo y atortujado que se cierne en el *urupé* para hacer chicha.

SIRIPITA. Voz aimará = grillo. Persona pequeña y entremetida, como el grillo que con ser tan pequeño mueve tan grande ruido.

SIRVINACO. Concubinato legal que usan los indios y cholos del interior de Bolivia, antes de matrimoniarse. Es costumbre tan general, que rara vez se casa un indio sin haber sometido la mujer á esta prueba, inmoral según nuestras rutinarias opiniones, pero previsora y acertada como lo demuestra la experiencia.

SIÚTO. Vasija con potasa para la legía del jabón ó del azúcar.

SOBORNO (De). Añadidura y complemento, de variable apli-

cación. Así : las copas del *soborno* (después del café); día de *soborno* (la huelga que sigue á un día festivo, ó como decían los latinos : « post festum, pestum »). Carga de *soborno* : la suplementaria, etc.

Sobre el auto = En el acto. Barbarismo gauchesco, más excusable que el *sobre tablas* de los *Honorables* Diputados de estos países, por « sobre la mesa » : en estudio.

Soca. Voz quichua. El brote de la segunda cosecha del arroz ó de la caña.

Socapar. Verbo muy bien derivado de socapa. Encubrir una falta ó una intención.

Socavón. Voz minera. Barreno que hacen á los cerros, á nivel ó á frontón, á modo de callejón, cavado á veces en piedra viva. Notable entre todos es el *Real socavón de Potosí*.

Socóri. Especie de serpentario que habita en las pampas de Mojos y llanos de Santa Cruz. Es grande, de zancos altos y colorados, plumaje ceniciento, y al igual que las avestruces suele pasearse gravemente entre el ganado vacuno.

Solaque. Cemento de polvo de ladrillo que sirve para *solaquear* ó pavimentar el piso de los estanques.

Sombrera. El sombrero de paño ó de paja que usan las mujeres del campo.

Sopaipilla. Buñuelo vuelto á freir en miel.

Sopar. Mojar la pluma en el tintero.

Sorete ó sorullo. Excreta humana firme y consistente. Véase Mojón.

Soroche. Véase Puna. — Voz minera. Galena : sulfuro de plomo argentífero.

Sorquín. Pescozón.

Sortija. Juego ecuestre también conocido en Europa. — El pedazo de carne de la res que está en la punta del lomo, junto á la cola.

Sosegáte. Estáte quieto. Palabra aquí apuntada para traer á colación la arcaica terminación *ate* tan empleada en estos países

como paráte, sentáte y demás imperativos de verbos activos; aunque peor es cuando se dice pará, jugá, no llorés, etc. « *Te doy un sosegáte si no callas* », dicen las madres á sus chiquillos.

SOTANA redonda (Un). Un sacerdote cabal, modelo de su clase.

SOTRETA. Caballo mancarrón, maula, mañero.

SOTUTO ó BORO. Díptero de la familia Estridos. Insecto parecido á una mosca peluda, que deposita sus larvas en la ropa puesta á secar, por lo que es hasta higiénica dar ésta á planchar en los climas donde el *boro* es indígena. Estas larvas perforan la piel y se introducen en la carne sin hacerse sentir. Así encerradas, crecen hasta su perfecto desarrollo, en figura de tornillo, con unos lanillos de pelos muy duros que causan un dolor atroz. Para sacarlas, si no se quiere esperar á que salgan por sí mismas, se cierra herméticamente el agujero por el que respira con una especie de lacre vegetal hecho de un árbol del país, el *mascajo*, bien caliente, hasta que muere el bicho. Después de muerto, basta darle un apretón, sin agarrarlo, y sale con facilidad. Los indios lo sacan fácilmente haciendo cierto ruido apenas perceptible, con la boca, á cuyo llamado, el *boro* ó *sotuto* saca la cabeza. Entonces lo agarran por esta parte y lo hacen salir con el ruido de una botella que se destapa. Los perros son muy propensos á esta plaga y se les extrae el *boro* del modo indicado, atándolos primero para que no se resistan á la operación. La llaga resultante se cura con sal ó tabaco.

SUCO. Aluvión de tierra fangosa que inunda y estropea los campos. Véase MAZAMORRA.

SUCUCHO. Voz quichua. Cueva ó guarida. De donde el verbo *sucuchear*, ocultar algo.

SUCUMBÉ. Cordial ó bebida hecha de yema de huevo batido, leche y gotas de cognac.

SUCUPIRA. Nombre brasileño del *yaravisco* ó lantana.

SUCHA. Gallinazo, *urubú*, *carranco*, etc.

SUCHE. Peje de río.

Suelda-consuelda ó verdolaga (*Cactacea Lepismium*). Extraño parásito cuya semilla va envuelta en el cáliz de una bellota, adornado aquél de tres fajas : roja, verde y amarilla. Préndese con facilidad en las yemas de los arbustos espinosos, arraigando y desarrollándose con tanto ó más vigor que el árbol primitivo.

Suena (De). Á escape ; á piedra menuda.

Suicára. Cuervo grande. *Pala-pala* en quichua.

Suisé ó suizé. Palabra derivada del francés « Absinthe *suisse* » y aclimatada en casi toda América. Ajenjo con goma ó azúcar.

Sujeto (Ser ó no ser). Ser ó no ser capaz para determinada cosa. V. gr. : « No es V. sujeto de pegar á fulano. — No es sujeto de escribir una carta », etc.

Sujo. Vegetal comestible.

Sultana. Infusión preparada con la película del café.

Sullo ó suyo. Voz quichua ; de *sullu*, abortar. El ternero nonato, llamado en la Argentina *bacaray*. — Medida agraria de Cochabamba.

Sumurucúcu. Nombre onomatopéyico del buho.

Sunchar. Pinchar.

Suncho. Voz quichua (*Aster*. L.). Arbusto del género papaveráceas que da unas flores amarillas, de largos pétalos colocados en forma estrellada, como la margarita. Estos pétalos no están en igual número en cada flor, y como es planta abundante en huertas y jardines, aprovechan en Bolivia de estas circunstancias para cábala amorosa, haciendo estas preguntas : « ¿ Me quieres ? — ¿ Te quiero ? — ¿ Poco ? — ¿ Mucho ? — ¿ Nada ? » Á cada una de estas interrogaciones se arranca un pétalo á la flor y en el punto que la frase se interrumpe por haberse agotado las hojuelas, allí está la respuesta. Es una superstición amorosa digna de celebrarse por un Anacreonte. — Duela ó aro de hierro, y fleje para cubas, toneles y cajas (en este sentido es voz náutica castellana).

Sunicho. Petiso en Buenos Aires. Poney ó caballo de pequeña alzada, procedente, por lo común, de crías de la Puna ó alturas frígidas.

Súpia. Aguardiente todavía inferior al *resacado* por haber pasado por un solo alambique.

Supunio. Mohín de mal humor ó de desprecio. Es cruceñismo.

Surero. El natural de los partidos al Sur de la Provincia de Buenos Aires; así como *arribeño* al de los del Norte. Los gauchos *sureros*, por haber combatido más tiempo contra los indios malones, consérvanse todavía arrogantes como en el tiempo de Rosas, la edad de oro del gauchaje; época encarnada en el *chiripá* punzó y la gorra colorada á manera de gorro frigio ó *barretina* catalana.

Súri. Otro nombre del ñandú, piyu ó avestruz americano.

Surrapa. El último hijo habido en una mujer. *Chulco* en quichua.

Surubi (*Platistoma pardalis.* D'Orbigny). Peje de río, sin escamas, ni espinas; tan corpulento que hay que llevarlo en palanquín. — Cumbrera de hojas de palma.

Surucucú ó Sucurí. Voz guaraní: *suru*, animal; *cury* ó *curú*, roncador (*Lachesis Rombheata.* Newted). Víbora con dientes largos muy venenosos; de vientre blanquecino y amarillo, el cuerpo con manchas romboideas á lo largo de la columna vertebral.

Surucué. Guacamayo parlero del género *Trogón*, que prefiere los llanos por morada.

Surupí. Enfermedad que se contrae al pasar sin precauciones la cordillera de los Andes, en los puntos donde hay nevados, como sucede en La Paz de Bolivia. Consiste en una inflamación de los ojos producida por la sutileza del aire, el frío y la blancura de la nieve. Se evita fácilmente poniéndose de antemano anteojos ahumados ó de color.

T

Taba. El carnicol de vaca ó novillo que sirve para un juego de azar muy corriente entre los campesinos americanos. Es juego muy antiguo, tanto, que asegura un historiador griego, fué

inventado por los tracios para entretener el hambre. La *taba* americana se tira como el tejo, poniendo el pie en una raya, y tirando á otra se hace *suerte* ó *culo* según caiga del lado cóncavo ó convexo. La *clavada* consiste en que el hueso caiga á plomo del lado de la *suerte*. En este juego alternan muchos jugadores, crúzanse muchas apuestas y hace las delicias de los pulperos de la campaña por las ganancias que les proporciona.

Tababé. Línea irregular, recta ó curba, como las líneas de la taba. Así : vaso *tababé* ; regla *tababé*.

Tabaco. Planta originaria de las Antillas. Muchas son las especies americanas, ricas todas en *nicotina*, alcaloide particular de las hojas y que destilado en potasa cáustica disuelta en agua, es un veneno violento. En la Argentina y Bolivia abundan las especies *rustica*, *paniculata*, *auriculata* y la *repanda* de la que se elaboran los famosos *habanos*. El tabaco de Misiones y de Tucumán son los mejores de la Argentina ; así como en Bolivia el de Santa Cruz y el *Càyubaba* de Exaltación de Mojos, que con buena elaboración pudiera competir con el famoso *Braganza* del Brasil.

Tabaqueada. Carne descompuesta que se llena de tabaco, para que al comerla el cóndor se maree y aletargue, siendo fácil entonces el cogerlo ó matarlo.

Tablada. Pampa ó lugar despejado á inmediaciones del pueblo, para feria de ganado.

Taboca. Canuto de *tacuara* ó bambú, en corte oblicuo ó circular que sirve de recipiente para agua, sal, manteca, etc. En los primeros tiempos de la explotación gomera, á falta de *tichelas* de metal, se recogía la *leche* del árbol en *tabocas*.

Taborga (Café). Café hervido en *tacho* ; sin color y ligeramente espumado. Llámase *taborga* del nombre de uno de los primeros pionniers del Oriente boliviano. También *café toreado*, porque se hace aprisa y corriendo ; y café de *pascana*.

Tacana. Tribu de indios neófitos del Departamento de La Paz. La lengua tacana es la general en el Beni y la hablan ó

entienden muchas tribus establecidas entre los ríos Madre de Dios y Beni, principalmente los *Araonas* y *Cavinas*. — Andén ó escalón cultivado en las laderas de los Andes (véase ANDÉN). — Voz minera. Plata nativa ó cloruros de subida ley.

TACLLA. Arado primitivo de los indios andinos.

TACO. El tacón del calzado. — Recipiente pequeño. Así : *un taco de ginebra*. — Árbol. Especie de mimosa de tres clases : rosado, morado y amaranto, y en todas ellas, las hojitas se contraen al tocarlas.

TACÚ. Mortero grande como hecho de un tronco labrado, en el que se muelen cereales con una porra manejada á dos brazos. *Pisar el tacú* es la faena que más entretiene á las cholas del Oriente.

TACUÁRA. Caña de Indias y Bambú en Asia (*Arundo macrocaulis*. L.). Gramíneas. Caña gigantesca de veinte á treinta varas de alto, por tres palmos de circunferencia. Su madera ligera y sólida, aprovecha, sin más que abrirla en sección longitudinal, para tabiques ó paredes y para entarimados. Los cortes de tacuara ó *tabocas* sirven de recipientes y en caso apurado para vasijas de cocina, pues es caña que resiste por algún tiempo el fuego. De las barbas ó raicillas que se presentan ahorquilladas, se hacen albardas ó bastos.

TACUPÉ. Barro cocido, que á manera de liga en los metales, se mezcla al barro crudo que ha de entrar en el horno, para mayor solidez de la obra. Es voz guaraní, de *pé*, fuego. Á esta etimología corresponde el *tacapé* ó maza de guerra de ciertos indios del Amazonas en los sacrificios ó en la guerra, endurecida al fuego.

TACHO. Hoja de lata y utensilio de este metal. Así : « Pon el *tacho* á calentar » (la tetera ó pava). — Paila más pequeña que las *meladora*, *descachazadora* y *clarificadora*, en donde se dan las últimas cochuras al guarapo hasta su completa purificación.

TAFALLA. Género en botánica, creado en homenaje de Juan Tafalla, discípulo de los Ruiz y Pavón.

Tafí. Pueblo de la provincia de Tucumán, famoso por su queso, de invención de los jesuitas.

Tafia. Aguardiente de caña.

Tahuantisuyo. Nombre del imperio incásico. Estaba dividido en cuatro grandes regiones : *Chinchasuyo*, al N. ; *Antisuyo*, al E. ; *Collasuyo*, al S. ; y *Cuntisuyo*, al O. Cuzco (el ombligo), era el centro del Imperio y de él partían cuatro caminos calzados para las sendas regiones. La partícula *suyo* ó *saya*, significa en aimará banda. De ahí las palabras *Hanansaya* y *Uransaya* que en Bolivia como en el Perú señalan la parte alta de una comarca, ó una banda de río en oposición á la parte baja ó la otra orilla.

Táita. Derivada del quichua : padre. Es voz cariñosa, á la vez que de homenaje que los indios dan á sus patronos ó á las personas que les merecen respeto y consideración.

Taitetú. Variedad de *pécari* ó puerco montés, que anda en pequeñas tropas y hace sus madrigueras al pie de los árboles, de donde se les saca fácilmente, ahumándoles el escondrijo.

Tajibo. Véase Lapacho. El tajibo del Oriente boliviano ó de madera amarilla, muy dura y de humo aromático con el que se ahuyentan mosquitos y jejenes, plagas volátiles de la región. Hay varias especies de *tajibo* qne se distinguen por la diversa coloración de sus flores.

Tala (*Celtis tala*). Urticáceas. Véase Chichapí. La tala es casi el único vegetal que pueden ramonear las cabras y ovejas de los indios de la cordillera.

Talero. El *rebenque* de mango más largo y oblongo y de lonja mayor. — *Pan talero*. Que tiene la figura cilíndrica como « barra de Viena ».

Tamal. Voz quichua. Empanada de maíz. Choclo ó maíz tierno bien apisonado con manteca, leche ó suero, luego cocido en la olla y en seguida envuelto en chala. Parece que es el *hayaca* de Venezuela.

Tamalera. Pañuelo ó venda que, como la hoja del maíz ó *chala* al tamal, envuelve la cara cuando se padece de fluxión y dolor de muelas. *Andar de tamalera* : andar con la cara vendada.

Tamandúa. Oso bandero ú hormiguero (*Mirmecophaga*. L.). Cuadrúpedo bastante singular, tanto por su forma, como por sus costumbres. Es plantígrado como el oso común, es decir que al andar se apoya en las palmas de los pies con las uñas recogidas. Estas, las de las manos, son gruesas, fuertes y grandes como garfios de romana. Con ellos trepa á los árboles en busca de hormigueros que desbarata, en tanto que con la lengua larga y vibrátil, á manera de viborilla, va engullendo hormigas á centenares. Su cabeza se adelgaza hasta la boca, en forma de hocico; tiene orejas de ratón y ojos de topo. Aunque es animal inofensivo, cuando se ve atacado, se defiende como un gato panza arriba, y tanta es la fuerza de sus garras, que con ellas se prende al tigre y no lo suelta, sucediendo que ambos mueren agarrados y mutuamente despedazados. El llamado simplemente « oso hormiguero » se diferencia del oso bandera en que no tiene la hermosa cola plumeada con la que se envuelve como en una cobija para dormir. Es de menor tamaño y no tiene la acometividad del otro. « Por allá, todos extrañan que entre semejantes animales no se encuentre nunca el macho, y es que dichos animales son hermafroditas; y aunque exteriormente todos parecen hembras, son sin embargo, macho y hembra á la vez; sólo que el aparato masculino no es exterior, ni está en donde generalmente suele estar; sino que lo tienen, *según parece*, en lo interior de la garganta, de suerte que para hacer el oficio de macho se sirven del hocico solamente. Algunos de por allí al ver dicho animal en cierta actitud han creído y creen que él mismo se fecundiza sin necesidad de otro agente; pero parece que no es así y que es indispensable que sea entre dos » (P. Cardús. *Misiones franciscanas entre los infieles de Bolivia*. Barcelona 1886).

Tamango. « Ojota » ó abarca hecho de cuero vacuno sin curtir. El tamango del gaucho se diferencia de la ojota india en que ésta es una mera sandalia que se sujeta pasando una tira de cuero por entre el dedo gordo del pie y el inmediato, hasta abotonarla con un nudo de cuero trenzado, mientras que el *tamango*

además de la plantilla, tiene alas que cruzan el empeine del pie.

Tamarindo (*Tamarindus indica*. L.). Árbol originario del Asia y muy común en América. Es erguido, de hojas alternas y pequeñas. Su fruto es una vaina en la que están encerradas las semillas en medio de una pulpa agradable.

Tambo. Palabra que á cada paso se oye en Sur-América. Voz quichua : venta ó albergue en las pascanas ó etapas de camino en Bolivia y el Perú. Los incas tenían establecidos *tambos* de distancia en distancia y generalmente de seis en seis leguas, en los caminos que cruzaban el imperio, para servir de albergue á los viajeros y de punto de relevo á sus chasques ó mensajeros. Véase Chasque. Estos paradores se conservan todavía subvencionados ó arrendados por el Gobierno central para el servicio de postas. — Posada ó conventillo en las poblaciones de Bolivia, y *Lechería* en Buenos Aires. — *Palenque* ó bramadero en el Paraguay.

Tambor. Cuero ú odre en que se envuelve la coca ó la yerba mate, y que al retobarse con la sequedad y el sol, se endurece notablemente asegurando el contenido. Véase Tercio.

Tamilleo. La operación de raspar del tronco del árbol de la coca el musgo parásito que humedece la preciada hoja.

Tanaca. Voz quichua : Mujer fea y zaparrastrosa.

Tanceto. Yerba lombriguera. Familia Sinantéreas.

Tano. Contracción de napolitano. Nombre despectivo dado á los numerosos napolitanos avecindados en Buenos Aires y que, como los gallegos en Madrid y los irlandeses en Londres, se dedican á los oficios más ruines.

Tapa. Colmena á manera de campana de cartón, mas ó menos grande, de los *petos* ó abispas.

Tapacaré. Véase Chajá.

Tapado. Tesoro oculto ; *entierro* en el caló de presidio en la Península. — Animal *tapado* : de un solo pelo ó color. Así : caballo *tapado*, el caballo enteramente blanco ó negro.

Tape ó tipe. Voz quichua. Barbilampiño. Indio de unas mi-

siones ya extinguidas, notables por su cabeza melenuda y cara lampiña ; de donde *tape chascudo* al hombre de espesa cabellera y barba rala.

Tapeque. Avíos ó provisiones de viaje. No se emplea otra palabra en todo el Departamento de Santa Cruz de la Sierra.

Tapera. Voz quichua. Ruina ; rancho destartalado y por consiguiente abandonado.

Tapioca. Véase Fariña y Yuca. Raspando la yuca se reduce á masa y se exprime. El zumo que escurre, depone un polvo blanco que es fécula amilácea muy pura, vulgo *tapioca*. Después de tostada, se convierte en harina de mandioca ó *fariña*, de uso general en el Brasil y otros países de América para caldo y jaleas.

Tapir (*Hippopotamus terrestris.* Linneus). Anta ó gran bestia (véase Anta). Cuadrúpedo del tamaño de un ternero de un año, de patas cortas, cabeza parecida á la del puerco, cola raquítica, cuero de paquidermo y geta flexible. La cabeza así conformada, le sirve para librarse del tigre, vecino peligroso de los lugares en que vive el tapir, pues cuando aquél se le echa encima, dispara el anta á lo más enmarañado del monte, con tal ímpetu, que herido el jaguar por las espinas y las puntas de los palos, se ve obligado á abandonar la presa. El anta es animal frugívoro, y vive á inmediaciones de los ríos, á los que sale siempre por una misma senda, en donde le esperan los cazadores á las horas de la madrugada ó en las noches de luna, pues siendo animal nocturno prefiere estos momentos para bañarse ó chapotear en los *barreros* ó salitrales de las orillas. Cuando se baña ó se gana al agua, nada como un buzo, pero como tiene que asomarse á respirar, entonces se le dispara. Se le amansa de cachorrito y sigue al dueño como un perro, aunque á paso lento, pues es animal de ordinario pesado como casi todo los paquidermos. Acerca del tapir el misionero Armentia consigna la siguiente circunstancia : « Este cuadrúpedo tiene un silbido en todo parecido al de una especie de águila llamada *chúvi*. Cuando el chuvi silba, la gran bestia responde y se aproxima : el chuvi se pára encima del anta

y la limpia de la enorme cantidad de garrapatas de que están llenos los tapires y de que se alimenta el chuvi. Esta relación entre animales tan distintos, explotan con mucha habilidad los indios araonas, y en general todos los bárbaros del Amazonas; imitan el silbido del chuvi, contesta el tapir y cuando se aproxima lo flechean. »

Tapití. Especie de liebre.

Tapora. Gallina copetuda.

Taquia. Bosta de llama que sirve de combustible en las chozas de la altiplanicie, y aun para alimentar los hornos de los ingenios metalíferos.

Taquirári. Baile indígena del Oriente con acompañamiento de caja y flauta. El *chobena* chiquitano es bastante parecido, pero se diferencia en que está coreado por la voz de las mujeres. — *Chòbena* es voz guarañoca que significa : canto y baile.

Tará. Jaro suculento.

Taraco ó taracco. Voz quichua. Especie de antifaz hecho de lana de alpaca ó de llama, que se usa para impedir que el frío de la altiplanicie dañe la cara.

Tarampabo (*Œurcarpea tarampabo*). Palmera de cocos aceitosos como los del *cusi*, y de tronco muy elevado, que sostiene sus hojas en una sola línea repartida á los dos lados del tronco, formando un abanico de un verde hermosísimo.

Tararira. Uno de tantos nombres del puñal gauchesco.

Tarascar. Agarrar de los pelos, como se usa entre verduleras y lavanderas.

Tarascones. Tarascadas y mordiscones.

Tarco. Véase Sangre del Drago. La especie americana correspondiente al *draco* de Asia.

Tareche ó tuy. Voz quichua : el *carancho* de la Argentina. — Cierta especie de pequeño loro de color azulado.

Tari. Especie de calabaza ó tutuma.

Tarope. Aguapé; Joupé. Voces guaraníes : discos ó platos en el agua. *Bandeixa de agua* en el Brasil. Nenúfar ó planta acuática

flotante, de disco más ó menos grande, verde y natátil. En los ríos se ven *taropes* mezclados y retenidos por las tacuaras espinosas, y por las empalizadas que entorpecen la navegación. De vez en cuando, la fuerza de la corriente abriéndose camino desgaja manchas enteras de taropes en las colchas y camaloteras, que bogando en la dirección del río, toman el nombre de camalotes, verdaderos jardines flotantes llenos no solamente de flores hermosísimas del trópico, sino á veces de *capiguaras*, garzas y jaguares allí aislados por sorpresa. La flor más admirable de la familia de las ninfeáceas y el verdadero *tarópe* ó irrupé (plato en el agua) es la *curiale amazonica* (Haencke) ó *Victoria Regina* (Lindley). Abundantísima en las llanuras inundadas de Mojos y en casi todas las lagunas interiores comprendidas en la zona tórrida, y aun más abajo en los ríos Paraguay y Paraná, donde la encontró D'Orbigny en 1827 y fué el primero en enviarla á Europa. El sabio Tadeo Haencke fué quien en 1779 dió á conocer al mundo científico esta planta que denominó *Curiale amazonica*. Posteriormente, en 1836, el botánico inglés Lindley la bautizó con el nombre de *Victoria Regina* en obsequio á su entonces joven y siempre graciosa soberana; y un año después el viajero alemán Schomburg que encontró este nenúfar en la Guayana inglesa, la describió preconizándola como « reina de las flores ». Yo á mi vez he de describirla, sin pretender descubrirla, en homenaje á la deleitosa impresión que me causó al verla por primera vez en la Laguna Itunama de Mojos, faltándome poco para que transportado de admiración, como Haencke al descubrir la planta, me pusiera de rodillas para dar gracias á la Providencia por una creación tan prodigiosa. Maravilla del reino vegetal y titán del reino de Flora es efectivamente el *irupé*, atendiendo á su tamaño, á su nectario, sus pistilos tan grandes como astas de buey, y sus hojas como ruedas de molino. Las hojas siempre, y la flor ó el fruto según la época, son las únicas partes visibles de la planta; quedando siempre en inmersión los tallos, el pedúnculo y el cáliz. La flor grande y esponjosa como

una lechuga, está compuesta de más de cien pétalos escalonados por tamaño, desde la periferia al centro y en colores alternados de un puro blanco, rojo y á veces morado. Á simple vista parece una enorme copa blanca, pero examinándola bien, se ve que en su interior presenta una suave graduación de vivos encarnados. Está sustendada por un cáliz compuesto de 4 hojas de siete pulgadas de largo y tres de ancho en la base, blancas por la parte interior y de púrpura carmín al exterior, de donde arrancan numerosos estambres amarillos y rojos á manera de airosa cimera. Lo mejor que se me ocurre para dar una idea de tanta magnificencia, es comparar la flor á un tazón de alabastro ó fina porcelana llena de fresas ahogadas en vino de Jerez. La *Curiale amazonica*, pues no hay que pasar por el pirático y adulador nombre que le dió el Dr. Lindley, está sujeta al extraño fenómeno del sueño de las plantas. Á medida que el sol baja, la flor va recogiendo sus pétalos ; se apimpolla y empieza á sumergirse lentamente, merced al pedúnculo que es elástico, de tal manera que con la luz del día vuelve á alargarse lo suficiente para subir á flote la cerrada flor, parecida entonces á una enorme camelia que á los besos del sol se entreabre esparciendo un exquisito aroma que trasciende á jazmín. Tan singular fenómeno y la misma hermosura de la flor, únicamente se puede apreciar en los días del verano austral que corresponden á la estación de aguas en estos países. En otoño se ha transformado en un fruto esférico del tamaño de una sandía con numerosas semillas ó granos redondos tel tamaño de la pimienta, llenos de una substancia feculenta y comestible, como que los viajeros la emplean como harina de maíz. Allá en la primavera, época en que la planta ha tenido tiempo para germinar y crecer, las primeras en aparecer á la superficie son las hojas nuevas que en su total desarrollo tienen no menos de una vara de diámetro por dos pulgadas de grueso, lo que les da el aspecto de una gran bandeja en el agua. Son, pues, verdaderos discos flotantes de un hermoso color verde por encima y rojizo por abajo y los bordes; y de tanta resistencia, merced á la red de

nervios ahuecados de que están compuestos, que aguantan perfectamente el peso de una garza, posada en uno de ellos como un guerrero sobre el pavés. Estas grandes hojas circulares y en número variable, flotan permanentemente al nivel del agua, con la particularidad, que se ve en la flor, de prestarse el pecíolo que arranca del centro de la hoja á los caprichos de la línea de flotación, de suerte que en las mayores inundaciones sobrenadan acompañando á la flor. Finalmente, la planta está defendida por largas espinas en el tallo, pedúnculo y pecíolo.

Tarquino. El primer toro de raza Durham que llegó á la República Argentina, fué introducido el año 1838. El animal se llamaba « Tarquino », y los paisanos de Buenos Aires creyeron que este nombre designaba la raza del animal y no el animal mismo. De ahí proviene que hoy día muchos hombres de campo dicen todavía « toro tarquino », « vaca tarquina », para designar un animal vacuno de raza fina.

Tartancho. Tartamudo.

Tartaruga. Voz brasileña. La *peta* ó tortuga.

Tarúci. Cinta de colores que las indias solteras chiquitanas atan alrededor de la cabeza, prendiendo una rosa ó cualquier adorno en la frente, á manera de florón de una diadema.

Tarumá. Vegetal alimenticio, cuyo fruto morado del tamaño de una ciruela es de una pulpa blanda muy aceitosa que aprovecha también para cortar la disentería.

Tarutáru. Trébol acuático.

Tasajudo. Animal ó persona larga y flaca. De tasajo. Véase Charque.

Tasi ó Doca. Planta trepadora, notable por la magnitud de sus frutos, comestible en asados, por la particularidad que tienen sus florecillas de atrapar por la trompa á las mariposas que en ellas la introducen para libar el néctar.

Tata, tatay y taita. Nombre que se da en Bolivia á los curas, á los frailes y á las personas mayores, respectivamente. « Los indios y aun los niños y mujeres, en vez de responder

con imprecaciones á los peores tratamientos, replican dulcemente *¡ tatay !*, como un hijo que se duele de la indignación paterna » (Locenta).

TATARARÉ ó tataracó. Mancha sobre otra mancha. V. gr. : En una taza de café la mancha del azúcar ó de una gota de leche sobre la mancha del café derramado ; una mancha de vino sobre la mancha del café derramado; una mancha de vino sobre un lamparón de grasa en una servilleta, etc. En ambos casos se dice en Santa Cruz de la Sierra : taza *tatararé* ; servilleta *tatararé*. Etimología propia ó forzada, diz que *tatararé*, deriva de tataranieto, porque una mancha llama otra mancha.

TATARATANCHO. Voz quichua. El trompo que al girar va saltando, es decir que lleva los dos movimientos centrífugo y centrípeto.

TATÚ. Armadillo. Varias especies. Mulita, peludo, peji, etc.

TATUSA. Mujercita y mujerzuela según el sentido de la frase. Derivado del tatú, que lo mismo puede ser símbolo de recogimiento por la prisión en que se encierra, como de parrandería por sus excursiones nocturnas.

TAÚCA. Voz quichua. Montón de cosas; y plegadillo que se hace en la ropa.

TAUNÁCHI. Rodaja de cascabeles que se hacen sonar ciñéndolos á las piernas. Al mismo artificio, llaman en Chiquitos « paichachú ».

TAYÁ. Nombre cruceño de la gualuza ó especie de batato ó yaro suculento.

TAYUYA (*Isianosperma ficifolia*). Cucurbitáceas. Planta que tiene distintas aplicaciones terapéuticas.

TAZA. Cávia ú hoyo que para regar los árboles se hace al pie del tronco.

TÉ PAMPA. Planta rastrera que da una excelente y aromática infusión. Los argentinos del territorio de Santa Cruz que la emplean reconocen en ella propiedades medicinales para el higado.

TECTE. Voz aimará. La chicha de maíz.

TECTERÍA. Chichería donde se expende el *tecte*.

TEHUELCHES. Son los indios patagones divididos en dos grandes tribus : la que habita entre los ríos Chupat y Limay ; y la otra entre el mismo Chupat y el Estrecho. La lengua tehuelche es completamente distinta de la auca.

TEJÓN. Carnívoro de cola gatuna anillada, cuerpo de tejón europeo, nariz movible y alargada en trompa. Vive en cuadrillas en los bosques de Sur-América, y para dormir se enrosca en forma de media bola. Es manso y se domestica con facilidad, aunque conservándose siempre uraño, grosero y estúpido.

TEMBETA. De *tembe*, labio, en guaraní. Indio chiriguano de la cordillera de Santa Cruz de la Sierra. Llámanle *tembeta* los cruceños porque entre la encía y el labio inferior se ponen una planchita de la que parte un tubito que perforando el labio sostiene pegado con cera alguna chaquira ó vidrio de color, á manera de ojo grande y brillante entre la boca y la barbilla.

TEMPLADO. Amartelado. V. gr. : « Pepe y Lola se conocieron, y pronto quedaron *templados*. » No deja de ser un vocablo propio y significativo.

TENDAL. Campo llano. Así, *tendal* de gramilla ; el *tendal* del cielo. Tal vez corrupción de cendal.

TERCIO. Pellejo lleno de polvo de la yerba mate. Cada saco cosido con tiento ó tira de cuero, hinchado por la plenitud del contenido y tomado del sol, se endurece como una roca, y en este estado se entrega al comercio, pesando cada *tercio* unos cien kilogramos. Véase TAMBOR.

TERÉRE. La yerba mate puesta en maceración en agua fría ; resultando una bebida agradable sin los inconvenientes del mate frío. Véase YERBA.

TERMITES. Hormigas que pueblan el Oriente, del cual son la ciento y una plaga. Varias especies del género *Neurópteras*, y tantas, que un naturalista se vería apurado para clasificarlas. Las hay de todos tamaños y colores, ofensivas é inofensivas, algunas provistas de un aguijón abdominal, otras de tijeras bucales con

las que devastan cuanto á su paso encuentran. Además de las hormigas de *Palo Santo* (véase PALO), *termes arborum*, las que más molestan al viajero son las *cazadoras* ó de *ronda* (*termes destructor*) que hacen sus expediciones en falanges tan ordenadas que á uno le parece ver una columna militar en marcha, con escuadras, jefes y oficiales. Cuando invaden la pascana ó la cama de un rancho, no hay más remedio que « mandarse mudar » del sitio, y dejarlas pasar. En pocos minutos hacen su escarceo limpiando de arañas y cucarachas el lugar por donde pasaron y prosiguen su marcha. En Yungas, estas hormigas saben dar cuenta de toda una *mita* ó cosecha de coca.

Las *tucanderas* ó *bunas* (*termes bellicosus*) son negras, grandes como de una pulgada, con aguijón abdominal cuya picadura escuece veinticuatro horas, causando un dolor intolerable que algunas veces degenera en fiebre. Las *turirus* (*termes lacuster*) que andan siempre por camino cubierto ó de barro con túneles de chamarasca, fijan sus hormigueros de arcilla en los palos de los ranchos y troncos de los árboles, á modo de colmenas, y aún se dan maña para conservarlos intactos en el agua cuando las crecientes de los ríos hacen subir notablemente el nivel de las aguas. Ni pican, ni muerden, pero si se las deja, destruyen una casa con su ajuar. Á estos hormigueros llaman los cruceños *posetacú*. Las *sepe* (*termes suculentus*) grandes como abejas y cuyo abdomen tostado como se acostumbra tostar el café, es un bocado exquisito para los indios y otros que no son indios. Las *jorobarés* (*termes domesticus*) que se ceban en la dispensa y en cualquier comestible que se deja sin resguardo, etc., etc.

TERNE ó ternero (cuchillo). Facón de grandes dimensiones que sirve para el degüello de las reses. Cuando en una disputa sale á relucir el *terne*, los gauchos balan como terneros, como remedando al novillo cuando huele el hierro del desollador.

TERNERAJE (El). Las crías del ganado bovino de una estancia; así como *corderaje* á la cría lanar.

TERO-TERO (*Vanellus cayanensis*. L.). *Leque* en quichua. Ave

insectívora esparcida en toda la América. Anida en despoblado á inmediaciones de las aguadas. La hembra pone cuatro huevos de un hermoso color morado, jaspeado de blanco. Es ave muy vigilante, sobre todo en la época de la cría, y aturde con sus chillidos el viajero que atraviesa las vastas llanadas de las pampas. — *Gaucho terotero* : hombre vivo y arrestado.

TETERILLA (Caballo). Que tiene una lista blanca en la frente, arqueándose en las cejas como aros de anteojos.

TIAHUANACO ó Tiaguanaco. Ruinas famosas, tanto como las de Palenque en Yucatán, emplazadas en el lugar de aquel nombre, á orillas del lago Titicaca, en el Departamento de La Paz. En dos partes principales se encuentran repartidas : en *Acapana* y *Puma Chaca*. En el primer punto hállanse los vestigios de un templo ó palacio construido con bastante simetría á lo que se adivina, pues muchas de sus piedras han sido utilizadas para la iglesia parroquial del pueblo inmediato, para umbrales, dinteles, jambas, mesas y poyos de casas de los vecinos. Columnas de mucho mérito han sido transportadas á fincas que están á tres y cuatro leguas de Acapana, y touristas, indios y muchachos hacen con las piedras lo que les viene en gana, destruyendo poco á poco los vestigios de las milenarias ruinas. *¡ Quod non fecerunt barbari, fecerunt Barberini !* Á esta sección de Acapana pertenece la monumental *Puerta del Sol* ya descrita en la P. En *Puma Chaca* ó *Puma Punco* se encuentran los cimientos de otro inmenso edificio, verdaderamente ciclópeo, dedicado evidentemente á templo. *Chucaque* ó ciudad de piedra, llamó Manco Capac á Puma Chaca (en lengua maya : arco no concluido), admirado el inca del esplendor y magnitud de las construcciones. El gobierno de Bolivia en 1894 creó un museo, ó más bien conservatorio para preservar estas preciosas reliquias de las profanaciones de picapedreros y muchachos ; pero como no hay empleados, ni el Estado se preocupa del asunto, hasta el grado que la Junta municipal del lugar ha tenido que votar una cantidad para la adquisición de materiales dispersos en la vecindad, resulta que el Museo no sirve sino

para poner en evidencia la desidia oficial y su poco interés por este tesoro arqueológico. Con la cabeza de idolo, varias piezas pequeñas trasladadas al museo de La Paz, juntamente con colecciones de particulares que á aquéllas podrían agregarse, formaríase un conjunto valioso y suficiente para inaugurar el Museo apetecido. Por falta de un conjunto completo de las ruinas, los arqueólogos andan de cabeza sobre el origen de los monumentos de Tiahuanaco, tan antiguos en opinión del americanista Brasseur de Bourbourg, como los de Egipto, Nínive y Babilonia. Algunos los diputan como obra de los *mayas*, pueblo que creó los notables monumentos de que aun se conservan ruinas en diferentes puntos de la América Central, las cuales desde que las dió á conocer el Padre Brasseur antes citado, son objeto especial de las investigaciones de los arqueólogos americanos. La existencia de numerosos objetos de la piedra llamada *jade*, en los antiguos monumentos de México, Yucatán y Perú, piedra de que no se ha encontrado todavía ninguna cantera ó yacimiento en América, hace pensar que estos objetos fueron importados por inmigraciones procedentes del Asia y de la Polinesia. Humboldt, Striebei, Forbes, Benatti, Falb y últimamente Huie que estuvo tres meses en Tiaguanaco, recomendado especialmente al gobierno de Bolivia, han visitado estas ruinas y explican su origen y significado de muy distintas maneras. Unos, que los pórfidos que en Tiahuanaco abundan, no son naturales, sino artificiales ó amasados mediante combinaciones ingeniosas cuyo secreto se ha perdido; otros, que son grandes pedrones tallados en sus bordes para vincular con otros. Ello es que en el rudimentario Museo existen varias piedras redondas ú ovaladas, con costuras que indican que han sido unidas, con la particularidad que quebradas contienen en el centro como la médula de los árboles, diversos relieves. Algunas hay con engastes como las murallas pelásgicas de Tarragona. El monolito que está á la salida de Tiahuanaco para La Paz está vaciado; y vense finalmente piedras con huellas y pisadas, como estos cuarzos y obsidianas que se muestran con

huellas de animales antediluvianos. Igual discrepancia hay entre los etimologistas acerca del origen del nombre Tiaguanaco. La leyenda más aceptada, siguiendo á Garcilaso, es que habiendo el inca Maita Capac pasado el río Desaguadero y venido al lugar donde están emplazadas las monumentales ruinas, llamado por entonces « Chucagua » (ciudad de piedra), recibió un chasque que llegó mucho antes de lo que se le esperaba. Asombrado el inca, le dijo : « *Tihuai, huanaco* » (siéntate, guanaco) equiparándolo con el cuadrúpedo más veloz que conocían los peruanos. Según otros, Isaac Escobar en sus *Analogías filosóficas del aimará* entre ellos, encuentran la raíz en el aimará, de *Tia-orilla*, y *guañaca*, seca; en oposición á los lugares pantanosos de Titicaca, y derivan Tiahuaguanaco de *Thia-waña-ake*, esto es, el hombre de la orilla seca, para distinguirlo del habitante del lago. Brasseur enamorado de la civilización maya, en sus *Lettres sur le Mexique*, dice que *Ti-a-i* significa literalmente en lengua maya : Dios sobre el agua ; *Hunnabku* el Dios omnipotente, y por todo *Ti-a-i-hun-abku*, país sobre el agua del Dios omnipotente ; etimología enteramente opuesta á la aimará. En resolución, que cada filólogo arrima el ascua á su sardina, y que lo único positivo es que Tiahuanaco ó Tiaguanaco debió ser por mucho tiempo la capital de un vasto imperio ó maya ó quiché (no quichua, que fué posterior dominación), capital que fué destruida por uno de esos cataclismos tan frecuentes en los Andes, á menos que haya sido destruida vandálicamente por la guerra, como apuntan los historiadores Garcilaso y Herrera.

Tibi ó tibié. Botón de quita y pon ; y los gemelos para puños de camisa.

Tichela. Voz brasileña. Pichel ó pequeño recipiente de hoja de lata ó peltre al que desciende el líquido gomal de la siringa en estado blanquecino y un tanto espeso. El trabajo de *entichelar* empieza al rayar el alba. La leche se coagula y endurece al salir el sol, tal que si prontamente no se lleva al « desfumadero » ó se moja, pierde su calidad convirtiéndose en *cernambi* ó goma inferior.

TIENTO. Tira de cuero sacado con el cuchillo, que sirve para anudar ó sujetar algo. Véase GUASCA.

TIJERETA. Especie de hirundo ó golondrina, de cola larga y ahorquillada parecida á una tijera abierta. Es avecilla muy revoltosa y tan atrevida que llega á imponerse á las aves de rapiña. En otros lugares la llaman *estrella*, porque con la cabeza, las alas, y las puntas de la cola presenta á la vista cinco radios muy visibles cuando está revoloteando.

TILICO. Persona afeminada.

TILUCHE (*Furnarius Rufus*. D'Orbigny). Véase HORNERO. — Es un *tiluche* : es una ardilla ; un vivo como el pájaro de ese nombre.

TINCA. Voz quichua. Fiesta obligada, *asalto* como decimos ahora en España, que un amigo hace á otro para que dé una fiesta en casa de este último, proporcionándole en cambio los licores y demás adminículos de la fiesta, amén de los convidados y de los quebraderos de cabeza.

TINCU. Véase PAYADOR.

TINTORERA. Tiburón de la mayor especie, muy abundante en las costas de la América equinoccial, que debe su nombre á una particularidad que revela su presencia á larga distancia, particularmente de noche. Unos agujeros que tiene el animal en torno del hocico destilan cierta materia glutinosa que se extiende por todo el cuerpo del escualo, dando á éste un brillo como si fuera un gusano de luz. En las noches de borrasca, sobre todo cuando el viento sopla con fuerza y brama el trueno, es cuando más brillan esos resplandores fosfóricos. El mismo fenómeno se produce en las noches oscuras; cuanto más densas son las tinieblas, más luminoso es el surco que traza la tintorera. Este escualo para hacer presa vese obligado á volverse enteramente boca arriba, á diferencia del tiburón que solamente se vuelve de costado.

TIPA. Árbol como el *tarco* de la sangre del Drago porque su zumo es colorado-sanguíneo. — Voz quichua. Cesto y canasto

de totora, bejucos, hojas de palma, ó simplemente de paja. — « *Meter en tipa* », meter en la cárcel.

TIPE. Véase TAPE.

TIPOY. Es el clásico vestido de las indias civilizadas del Oriente.

Prenda entre bata y camisón, viene á ser una túnica larga, desceñida, ampulosa y sin mangas, como el brial de los ángeles en los cuadros devotos.

Según parece, lo impusieron los jesuitas á sus neófitas, para apartarlas de la vanidad y refinamiento, pero si así fué, preciso es confesar que los hijos de Loyola la erraron. No hay otra prenda mujeril que mejor se preste á más lances de coquetería, exceptuando acaso el famoso *mantón* de las limeñas tan recatado, tan monjil, pero que el garbo de las hijas del Rimac hace provocativo y de una belleza tan plástica como el más descocado « incroyable ». Razón por la que un señor Arzobispo prohibió el uso del *mantón*, ya se entiende que sin conseguirlo, catalogándolo entre las tentaciones de San Antón.

Tentación y de las más peligrosas, es también el *tipoy*, sucedáneo inmediato de la primitiva hoja de parra. En esto el artificio vence á la realidad. Aunque la enagua ó *centro* quita la diafanidad de las formas, con todo el delgado *tipoy* se subleva y Proteo encadenado con hilvanes, ora se infla y ondula, ora pliégase y ciñe al cuerpo perfilando las femíneas curvas como el cendal de una Venus académica.

Usan estas indias bañarse en público de un modo tan original, que vale la pena de ser referido.

Van al baño vestidas y á medida que entran en el agua se arremangan el *tipoy* hasta ceñírselo por entero á la cabeza á manera de turbante. Así se bañan hasta la cintura y aun hasta medio pecho, y á la salida van desdoblando los pliegues con un tiento y precisión tan admirables, que la mirada más inquisidora apenas descubrirá otra cosa que *tipoy* y agua y agua y *tipoy*.

TIRADOR. Cinto de cuero que se ciñe á la cintura para sostener

el *chiripá*. Está *chapeado* de monedas de plata ó *medallas*, como rumbosamente dicen los paisanos de Buenos Aires. Hay *tirador* que vale más plata que pesa, tanto por las labores engastadas como por la antigüedad de las *medallas*. Como el *tirador* lleva escarcelas para el dinero, nunca como aquí se aplica el gaucho que así lo lleva aquella de « llevar el riñón bien cubierto ».

Tirirú. Voz guaraní : *ti*, mi ; *irirú*, vasija. El mate abierto que sirve á la gente pobre de vaso de noche.

Tiritiri. Baile indígena de Mojos con acompañamiento de flauta y tamboril. Por lo general es de ritmo armonioso y vivo, si bien resulta monótono por la sencillez de su melopea y por la repetición con que lo bailan los indios, hasta cansarse.

Tischar ó tinquear. *Uñate* en la Argentina. Disparar con la uña las bolas de vidrio, las semillas, huesos de frutas y demás chirimbolos que sirven para el juego infantil de balas. — Tirar los dados en la *Pinta*.

Tistes. Las verrugas que causan las espinas de la tuna al clavarse en las manos, en el cutis ó en los pies.

Titear. Burlarse de alguien; tomarle el pelo. Es voz muy generalizada en la Argentina.

Titeo. La acción de *titear*.

Titisca. Gallina de plumas irisadas como el gallo.

Tobas. Indios bravos que habitan la orilla izquierda del Pilcomayo, en el Gran Chaco, notables por su altivez é independencia y guerreras costumbres. Son los indios mejores ginetes de la América del Sur y usan la *macana*, la lanza y las flechas.

Toborischi (*Bombax*). Árbol que hacia el centro del tronco se ensancha como un enorme tonel, lo que le da particular aspecto en lo enmarañado del monte. Su fruto rinde una especie de algodón, como el del « mapajo », aunque de menos provecho. Refiriéndose á estos árboles escogidos por las abejas para sus colmenas, dice con mucha razón un boliviano (Aramayo) : « Los caminos de Chiquitos están empedrados de tortugas y los árboles son pipas de miel. »

Tocante. Conmovedor. Lastimero. Feo galicismo.

Tocar piante ó Tocar viola : tocar en retirada; *tomar las hebillas de Diego* como dicen aquí por tomar las de Villadiego.

Toco. Especie de cedro de madera superior para muebles y gabetas de melado. — Taburete rústico.

Tocto. Nombre indígena de la comida cotidiana en las barracas del Beni, pueblos de Mojos y pascanas del Oriente : arroz con pedazos de carne fresca y si no, charque.

Tocuyo. Con este nombre se designa en toda América del Sur, el bramante ó lienzo de algodón fabricado en Toco y llevado á España donde se le daba una mano de obra y volvía á América con el nombre « angaripolo ». Hasta no hace mucho se fabricaba en Cochabamba un *tocuyo* muy estimado.

Tojo. Mellizo. « Hermanos tojos » : hermanos gemelos. — Ornitología. *Cassinus cristatus*. La calandria americana. Véase Calandria. Dos especies : la más pequeña es la que remeda el grito ó la voz de los animales, lo que le ha valido el epiteto de *burlón* con que se le conoce en otras partes. Viene á ser la « abubilla de Salomón » de los cuentos árabes que diz hablaba todas las lenguas. Parece ser el mismo pájaro que en Cuba y México llaman *sinsonte*, *tenca* en Chile, calandria en el Plata, *gulungo* en Colombia ; rabionero y mochilero en otras partes; pero en su estado natural, dista mucho de merecer el dictado de « ruiseñor americano » con que le honró el naturalista Buffon, á menos que el pájaro en cautividad aprenda alguna cantilena que repite con notable maestria y primorosa ejecución. Lo más notable del tojo, calandria ó como quiera llamársele, es la manera como construye su nido, en figura de botella ó redoma tejida de espinas del aromo y acacias espinosas, que pone colgante de las ramas de los árboles con una hebra, de modo que los nidos se balancean continuamente, y á inmediaciones de los hormigueros y colmenas de cuyos moradores se alimenta. La particularidad de ser colgante su nido le ha valido en inglés el nombre de *hang-nest*. Estos nidos botellas se balancean á docenas en las orillas de

los ríos, á tan poca altura del agua, que el viajero desde su batelón puede ver la entrada y la salida del pájaro en el nido, lo que hace deslizándose por el cuello de la botella. Ésta va forrada interiormente de algodón de mapajo, suave y lustroso como la seda.

Toldería. Agrupación de *toldos*. Especie de « kraal » americano.

Toldeta. El mosquitero, que acompañado de una almohada para reclinar la cabeza y una estera de junco ó de palma trenzada encima de la cual se tiende uno á falta de hamaca, debe de ser el acompañante obligado del viajero por el Oriente, ora navegue los ríos de los llanos, ora haya de internarse en la espesura del monte.

Toldo. Véase Ruca.

Tolú (Bálsamo de). Véase Quino-quino.

Tomado (Estar). Se sobreentiende que de licor. Embriagado.

Tomín. La peseta boliviana ó *chirola*.

Tongada. Voz quichua. Grupo ó envión en cosas. Así : « Se cortaron cuatro *tongadas* de caña ; en dos *tongadas* trasteé mis cacharpas. »

Tongo. Engaño en el juego. Voz que se ha aclimatado en los frontones de pelota para significar la mala fe de algunos *pelotaris* que salen á perder.

Tongori. Achura ó menudo de la res, que consiste en el cordón espinal.

Tontillo. Nombre clásico y bien sonante del afrancesado *polisson*.

Topinambuco (*Heliantus tuberosus*). Especie de cotufa de abundante jugo sacarino. — *Ajipa* en quichua.

Topo. Voz quichua : alfiler. La cuchara ó cucharas de plata ó de peltre que las indias quichuas se ponen en el pecho como prendedor del mantón de bayeta, sirviéndole al mismo tiempo de utensilio para comer. — Medida agraria que la ley incásica prescribía dar por cada hijo. — Volante hecho de « jípuri » ó

fibra de palma con que juegan los indios y niños cruceños, y que, como la pelota, era juego conocido en América antes de la venida de los españoles. — *Topo* entre jugadores significa que se cobra ó se paga en relación con el dinero que el que copa tiene en mesa.

Toque. Turno ó vez. Así el mate se toma por *toques*, esto es cada y cuando le toca á uno el turno. Á este respecto no será ocioso advertir que cuando se sirve mate, aun cuando lo ofrezca la señora de la casa, no se dan las « gracias » sino á la tercera ó cuarta vez, pues *gracias* significa aquí que no se quiere más mate. Como muestra de cortesía, basta con levantarse al tomar y al devolver el mate.

Torear. Ladrar los perros.

Torno. Vuelta ó codo de un río.

Toro. La bola que empuja ó *tischa* el niño en el juego de balas. — *Torito*. La « vaca » ó puesta que se juega en sociedad.

Toromona. Tribu india entre los ríos Beni y Madre de Dios, muy parecidos á los araonas en lengua y costumbres.

Tortero. El huso que se mueve con los dedos; y todos los objetos que en forma ó en color representan discos; así: *botón tortero*; *pinta tortera*, etc.

Torzón. Síncope de torcijón ó torozón.

Totay (*Cocos tota*. M.). Palmera de las más significadas, pues á la elegancia de su penacho, reune las condiciones de que la pulpa de su fruto maduro es dulce como el dátil, siendo alimenticia la fécula que contiene la médula del tronco. Destila además un agua que fermenta á las 24 horas, convirtiéndose en una especie de chicha natural. Es la providencia del viajero en los vastos palmares del corazón de la América meridional.

Totora. Voz quichua. Enea; y *totoral*, pajonal de totoras.

Toya. Aro de cascabeles alrededor de las piernas con el que los indios acompañan ciertas danzas. Véase Taquirári.

Tracalada. Montón. *A tracaladas* : á montones. Úsase tam-

bién en Bogotá. El erudito Cuervo sospecha si *tracaladas* viene de « matracaladas » voz que en igual sentido usa Quevedo en « Las necedades de Orlando ».

TRACAYÁ. Tortuga pequeña á orillas de los ríos.

TRAIDO. La parte contraria ó el adversario con quien se envida en el juego de azar.

TRAMOJO. Palo colgado de un collarón de madera ó simplemente atado á un lazo que se pone á un animal doméstico para que no entre en un cercado ó no se aleje. También una horquilla puesta en el pescuezo con el eje en alto y levantado de manera que el animal (cerdo ó buey, generalmente) no entre en los chacos ó en el monte. — *Atramojado* : que arrastra tramojo. — Como perro con tramojo = como perro con trabanco ; como gato con cascabel.

TRANQUERA. Véase PORTADA.

TRANSIR. Por transigir.

TRAPICHE. El de madera lo componen tres grandes cilindros que colocados horizontalmente ruedan sobre su eje, y exprimen en su rotación, unos contra otros, las cañas de azúcar.

TRASTORNAR. Trasponer ; dar una vuelta ó rodeo. Así : al trastornar una esquina ; al trastornar un cerro.

TRAVESÍA. Véase DESIERTO.

TRAZADO. Machete de monte para limpiar maleza y charquear.

TRECE (Contar las). Ponerse las botas ; cantar victoria. No sé de donde venga esta expresión, como no sea de los puntos que para ganar se canta en algún juego de naipes.

TREMPE. Las trébedes.

TRENZA. Rastra ó sarta de chicharrones. Corrientes es el clásico país de los *chicharrones trenzados* que ningún forastero deja de gustar á su paso por la ciudad de las Siete Corrientes.

TRIGO. Este rey de los cereales crece en América desde los 2.300 á los 4.000 metros sobre el nivel del mar. Doña Inés Muñoz, la primera española que entró en el reino del Perú fué la que dió el trigo á este país, el mismo año de la fundación de

Lima (1535), de donde se extendió á las demás provincias de la América Austral. Llevado de España á casa de Dª Inés un barril de arroz, como hallara desperdigados algunos granos de trigo, llena de buen deseo, depositó algunos en una maceta « con la curiosidad, dice el P. Lobo, que si plantara una mata de clavellinas ó de albahaca, y con el beneficio y regalo que fué haciendo á ésta su corta sementera, nació y creció con notable lozanía y dió muchas y grandes espigas. » Tanta diligencia pusieron los vecinos de Lima en la sementera de la preciosa semilla que en 1539 se construyeron los primeros molinos harineros del Perú y se comenzó á fabricar pan. En el espacio de pocos años trasplantaron los conquistadores multitud de estas semillas; cebada, arroz, centeno, habas, garbanzos, lentejas, fríjoles, alpiste, alfalfa, lino, cáñamo, sin contar buen número de flores, arbustos, árboles madereros y frutales. Al segundo marido de la *Ceres peruana* débese también en 1560 la plantación de las primeras estacas de olivo, procedentes del Ajarafe de Sevilla, con la circunstancia de haberse logrado una sola de las dos ó tres que llegaron vivas. De este primer pie datan todos los renuevos trasplantados en tierra austral hasta Chile; de suerte que á Ribera y á su mujer Inés Muñoz debe gente hispano-americana el pan y el aceite que recogen en el Nuevo Mundo.

TRIPA GORDA. El intestino recto de los animales vacuno y ovino. Una de las *achuras* en los mataderos.

TRIPAS DULCES Y AMARGAS. Las de cordero envueltas en sebo que se comen lavadas; y las que se tiran por inútiles para el consumo.

TRISTE. Tímido; corto de genio. — El popular y sentimental *guaiño.*

TROMPA. *Santonia* en italiano. Instrumento metálico en forma de herradura con una lengüeta suelta que se hace sonar con el índice de la mano derecha, en tanto que se aspira el aire, puesto el aparato en los labios. Los gauchos mendocinos llevan esta musiquilla en la toquilla del sombrero, como la cuchara los anti-

guos « sopistas » de Salamanca y Alcalá. Á veces se reunen para la caza del venado, y la cabalgata dispara por los campos, sonando las referidas trompas con una variedad diatónica que resulta concertada y armoniosa como una fanfarria.

Trompeta. Bozal hecho de cuero en forma de trompa de paquidermo que se pone á los terneros para que no mamen ó á los *fletes* para que no pasten en vísperas de una carrera. — « *Fulano es un trompeta* », es un imbécil. Corolario : que trompeta en estos países es lo dicho y nada más, y que al instrumento músico que llamamos trompeta y al que lo toca, se les llama *trompa*.

Trompillo. Árbol maderero.

Tropa. Manada de bueyes que se arrea de una estancia á otra, ó de los campos á los corrales de abasto y saladeros ; operación muy lenta y fatigosa por la dispersión de los bueyes en las pampas y vados que hay que atravesar. Más penosa es todavía la conducción de ganado á través del monte ; y así, los mojeños acostumbran acollararlos de dos en dos, yendo al frente á caballo ó en *buey sillonero* el « marucho » tocando un cuerno que sirve de aviso á los viajeros para que se aparten de la estrecha senda del monte por la que ha de pasar la *tropa* ; así como para que alguna yunta extraviada salga al camino. — *Tropa de carretas*. Convoy tirado por bueyes. Tras las carretas siguen muchos bueyes de repuesto (véase Carreta). La tropa de carretas avanza tarda y majestuosamente en la dilatada llanura, haciendo rechinar las formidables ruedas de los pesados armatostes. Las que aun se emplean en la Pampa argentina van adornadas de una larga pértiga que sale horizontalmente del techo cóncavo en que está afianzada, y se llama *llamador*. Á su extremo va una red de la que cuelga una cola de buey. Hay carretas de dos y tres colas, como hay bajáes de dos y tres colas, pero de búfalo. De noche se cuelga el farol del *llamador* y de esta guisa cada carreta es un navío de la pampa que lentamente anda su camino. En tiempo atrás, cada convoy llevaba un cañoncito para defenderse de los indios. La tropa va al mando de un capataz, con maestro y

oficiales. El « maestro » es el carpintero que compone los desperfectos de las carretas y recibe un sueldo fijo, haya ó no haya necesidad de su trabajo. Por lo demás, un viaje en carreta, si bien es atrozmente pesado, es el mejor medio de que el viajero conozca el país que atraviesa, por la lentitud de la marcha y por los escarceos que arma al hombre : se hace á pie ó á caballo, acompañando la tropa. De esta suerte hice el trayecto, inolvidable para mí, de Trinidad de Mojos á Santa Cruz de la Sierra ; *ciento veinte y seis leguas*, de regreso de mi expedición al Beni y Madre de Dios (1895-97).

Tropilla. Cuando el gaucho emprende una expedición lejana, v acon una *tropilla*, y si no la tiene se la procura en el camino. La tropilla es una manada de caballos que va suelta siguiendo á la yegua *madrina*. Á ésta se le arrea en la dirección que quiere el ginete, y enlazándole cuando no se deja tomar, y maneándola en los altos de la marcha, los demás caballos se agrupan en torno de ella permitiendo al ginete cambiar de cabalgadura. El animal desensillado sin más que revolcarse y morder un poco de yerba del campo sigue galopando con la manada, la cual brinca, retoza y mordisquea la grama sin dejar de seguir á la yegua madrina, arreada convenientemente con el talero ó el rebenque. De este modo el gaucho atraviesa largas distancias sin matar caballos. El *arreo* de una tropilla es una de las escenas más interesantes de la Pampa.

Troya (Á la). Juego infantil. En un círculo descrito en el suelo se hace rodar un trompo ; los jugadores tiran á dar sobre él y sacarle del ruedo, lo que se consigue haciendo *quiñe* ó *cachada*.

Trozar. Síncope de destrozar. Romper.

Trúa (Estar en). Estar curdo, ebrio.

Truco. Singular. Juego de naipes que en otras partes dicen truque. « Á trucos », á puñetazo limpio.

Truquero. El que cuenta los tantos en las canchas de pelota. También *canchero*.

Tucán. Hermosa ave del Oriente, muy conocida para ser descrita aquí.

TUCU ó TUCO Voz quichua : brillante. Luciérnaga americana ; *curucusi* y *cocuyo*. *Vaga lume* en el Brasil. De « tucu » deriva Tucumán (*tucu*, brillante ; *huma*, cabeza), cabeza brillante, nombre de un cacique principal de los Lules que conocieron los españoles cuando conquistaron la provincia. El *tucu* americano es muy diferente de la luciérnaga europea. Su luz es perenne y alumbra por los discos que tiene en la espalda y en la juntura del pecho con el abdomen, cuando abre las alas. Su tamaño varía según la especie : los hay de pulgada y media de longitud. Su caparazón es fuerte, de color negro y forma oblonga. Es fitófago é inofensivo. Los indios se lo atan á los dedos del pie para andar en las noches oscuras, y si conviene, alumbran sus chozas con una jaula repleta de tucus. Se les cría fácilmente metiéndolos en una grillera ; alimentándolos con caña dulce y cuidando de proporcionarles un baño diario, sacándolos del agua apenas se observa que se cansan de nadar. — Manco ó inútil de algún dedo de una mano.

TUCUCHO. Vejiga ó globito hinchado de aire.

TUCURA. Voz quichua. Langosta saltamontes. — Apodo que en la Altiplanicie boliviana dan á aquellos curas que lo merecen por sus abusos y simonías.

TUÍ ó TARECHE. Véase CARANCHO.

TUJA (Á la). Juego infantil que en la Península llaman « el escondite ».

TUJURÉ. Otro nombre del *api* ó mazamorra.

TUMBADO y tumbadillo. Cielo raso á la usanza antigua, de grosero lienzo que oculta el techado de las casas viejas ó de tejas, á la antigua española, que todavía se estilan en Bolivia.

TUMBEAR. Andar de ceca en meca. Ir dando tumbos por estos mundos de Dios.

TUMBITOS. Pedacitos, « charquecitos » de carne á manera de jigote.

TUMIJOJO. Nombre que en lengua tacana significa « pepita de piedra » y se da á cierta palmera por la figura de sus cocos llenos

de aceite, tan bueno, que se emplea para alimentar las lámparas de las iglesias, allá en Misiones donde la liturgia no puede ser rígida.

Tuna (*Cactus opuntia*). Chumbera. — El músculo *biceps*, cuya protuberancia llaman otros conejo ó sapo.

Tuncuna ó Mundúcu. El juego á la coxcoja entre muchachos de tirar la piedra dentro de un cuadro hecho en el suelo y moverla con un solo pie, que es lo que significa la voz quichua *tuncu*, de donde *tuncuma*.

Tungsteno. Cuerpo simple descubierto en América por el español D. Jacinto Elhuyar, fundador en el siglo XVIII del Real Seminario de Minería en México.

Túnqui ó gallo de roca (*Rupicola peruviana*). Ave del tamaño de una paloma y de hermoso color escarlata. En Cochabamba le llaman *chapetón*.

Tunta. El chuño blanco que se obtiene poniendo la papa ó la yuca en una excavación que se llena de agua, tapándola con paja ó totora. Al cabo de treinta ó cuarenta días, la papa se ha convertido en chuño blanco, en *tuntà*, que por esto se diferencia del chuño ordinario, que es negruzco.

Tupá. Dios en lengua guaraní. — *Tupá* es una interjección admirativa, mezcla elocuente de sorpresa, de admiración y de misterio. Se compone de la admiración *tu* y de la partícula interrogativa *pá*, de donde resulta cuando se invoca á Dios — ¿ Quién eres tú ? — Parecido al Tupá guaraní, en las letras y en la significación es el *Tupac* de los antiguos quichuas; nombre de honor equivalente á Señor ó Autócrata. — De *Tupac* derivan muchas palabras que significan las insignias usadas por los incas. Así : *Tupacocha*, plancha de oro y piedras preciosas engastadas, en que se ponía la *macapacha* ó borla imperial ; *tupacáuri*, el cetro incásico ; y *Tupac-cocahuri*, el viático que daba el inca á sus embajadores : una talega muy pequeña llena de maíz, que por ser del príncipe, era de gran sustento, porque un grano quitaba el hambre. Por esto habían de comer un grano al dia y tenían que regresar sin acabar la provisión.

TUPI. « Lingoa geral » del Brasil ó Guaraní. Es la lengua de muchas tribus del Oriente que la hablan con ligeras modificaciones, pero tantas, que pudieran catalogarse por dialectos. Á ella pertenecen casi todos los nombres americanos más en boga de la fauna y flora (agutí, arara, capiguara, ñandú, tapir, etc.

TUPICIÓN. Espesura ; lo intrincado de un monte.

TUPIDO. Enmarañado, como en buen castellano. — Á menudo, con frecuencia. Así : « *Bebe tupido* ; miente *muy tupido*. »

TUREREAR. Repetir el eco ; dar vueltas concéntricas como la casa del *turo* ó caracol.

TURIRO. Voz tacana : *turi*, torcido. Véase TERMITES.

TURNEO. Bizco ó bisojo. De ojos turnios.

TURO. La casa del *jichi* ó caracol.

TURRIA. Voz del argot platense, sinónimo y apócope de *atorrante*.

TURRIL. Ánfora ó vasija grande.

TUSA. El eje esponjoso y ligeramente leñoso de la espiga de maíz, en donde se forman los granos. Véase CHOCLO y MARLO.

TUSAR. Cortar el pelo ; de donde *caballo tusado*, que es lo contrario de caballo crinudo. Entre los campesinos criollos es costumbre la de *tusar* las crines al caballo, sin duda para mayor facilidad en el manejo del lazo ó de las boleadoras, y para evitar las espinas y obstáculos del monte.

TUSCA. Arbusto espinoso de la Puna.

TUSTUZ. Por testuz.

TUTA-MISA. La misa del gallo ó de Noche Buena. De *tuta*, noche en quichua.

TUTÁCHI. Maíz ó trigo de Guinea. Basta sembrarlo una sola vez. De sus raíces brotan tallos como cañas de azúcar, con unas espigas que se prefieren á las de cualquier otro maíz.

TUTI. Limpio de algo. Carecer de ello. Así : Un tuerto está *tuti* de un ojo ; como un cojo está *tuti* de una pierna.

TUTUMA. La fruta del tutumo ó calabacero arbóreo (*Crescentia Cujeta*. L.) Fruta en forma de calabaza esférica, de un pie de

diámetro y de corteza leñosa. Sirve para varios usos domésticos y se le da arbitraria forma, apretándole, cuando está madurando, contra un árbol ú otro cuerpo duro.

U

UCLE. Variedad de cactus ó *cardón*.

UCUMÁRI ó jucumári como pronuncian los cruceños aspirando las palabras en hache ó que ellos suponen que la tienen. — El oso negro de América.

ULÁLU. Véase CARDÓN.

ULINCATE. Especie de prisco ó durazno abridor.

UMECHE. La cera vegetal de algunas palmeras que molida y hervida produce una manteca blanca para velas, que al encenderse despide un olor muy suave, y aun los indios la aplican á sus llagas como bálsamo.

UÑATEAR. Escamotear ; « tocar el arpa », metafóricamente hablando.

URINA (*Cervus*). Especie de cabra montesa. Véase HURINA.

URPILA. Voz quichua. Paloma pequeña. Es voz muy extendida desde Tucumán á Colombia.

URRAQUEAR (Hacer). Hacer ver las estrellas á alguno. Hacerle *sudar la pita*, como también se dice.

URUBÚ ó carranco. Vultúrida. Véase GALLINAZO. D'Orbigny, en su *Descripción de Mojos*, cuenta esto de una de esas aves : « Uno de estos pájaros que era el más atrevido de la banda y muy conocido por algunas señales, particularmente porque cojeaba, asistía siempre á las distribuciones (de carne) de Concepción. Apenas comparecía por el aire, saludábanlo con gritos de alegría todos los indios para quienes era ya un objeto de diversión ; así es que jamás se le hacía el menor daño. Este bienvenido huésped no había faltado una sola vez en diez años consecutivos, y estaba ya tan consentido, que se llevaba la carne hasta

de los canastos de los indios. » Estas aves parece que estuvieran encargadas exclusivamente de la limpieza de campos y ciudades, pues libran diariamente habitaciones y calles de los animales muertos y de las inmundicias de todas clases. En Lima los llaman « ciudadanos », como que se hombrean con la gente, la cual nunca incomoda á estos empleados civiles, aunque éstos despiden un olor poco agradable y perturben el orden público armando camorra con algún can por disputarse una piltrafa.

URUCÚ. Voz guaraní (*Bixa orellana*). Véase ACHIOTE que es el nombre quichua.

URUNDEY. Voz guaraní. Véase CUCHI.

URUPÉ. De *uru*, cesto, en guaraní. — Tamiz ó cedado de hojas de palma.

URUPERO. Barbarismo. Grupera.

USINA. Grosero é inútil galicismo muy corriente en estos países. Fábrica.

USUTA. Véase OJOTA y TAMANGO.

UTI POSSIDETIS (El) del año 1810. Principio común en derecho americano proclamado por los estadistas de la Independencia como regla del equilibrio internacional sud-americano. El *uti-possidetis* garantiza todo el territorio que en 1810 era español; y á cada sección americana, los límites que en la unidad administrativa colonial estaban asignados, como virreinatos, presidencias ó capitanias generales. Es muletilla cancilleresca que se invoca en todas las cuestiones de límites entre estas Repúblicas australes, á la mayor parte de las cuales « la extensión es el mal que las agobia » (Sarmiento) ; sin que esto obste para que admitan también el Derecho de conquista proclamado por *las viejas monarquías de la caduca Europa*, como con presuncion juvenil escriben los publicistas americanos. « El *uti-possidetis*, dice el boliviano Diez de Medina, es regla de demarcación territorial y no más; es regulador geográfico, no político » (*Tarija* y el *uti-possidetis*. 1884). Y Manuel Ricardo Trelles : « Cuando se trata de deslindar un Estado compuesto de determi-

nado número de provincias, el *uti possidetis* aplicado á las grandes divisiones gubernativas, á los virreinatos, es aplicable también á las subdivisiones gubernativas de esos virreinatos » (*Cuestión de Límites entre la República Argentina y Bolivia*). Ampliando el sentido del *uti-possidetis*, añade también otro publicista boliviano, Santiago Vaca Guzmán, muerto en Buenos Aires en 1886: « Consolidada la Independencia en 1825, no podía prevalecer otra base para la formación de los Estados, que la voluntad de las provincias, núcleos que poseian los elementos necesarios para la vida propia. En oposición á este modo de apreciar la operación operada por las Colonias, se ha invocado el principio del « *Uti-possidetis* de 1810 », al cual se le atribuyen todas las virtudes posibles, y que desviado de su verdadero espíritu, vase convirtiendo en un mito; unos lo consideran regla de equilibrio internacional; otros fundamento de las nacionalidades americanas; muchos le hacen valer como regla de deslinde, dándole una elasticidad acomodaticia á sus conveniencias. En mi humilde concepto, el *Uti-possidetis* no puede ser, como su nombre mismo lo indica, más que un interdicto para acreditar el derecho posesorio; sacarlo de su esfera jurídica para convertirlo en principio de Derecho público, es pretender convertir una ley especial en Código internacional, y confundir las instituciones políticas con las leyes civiles y los derechos naturales. »

V

Vagante (Terreno). En Coroico (Departamento de La Paz) designan así la montaña ó *andén* poco cultivado, en terrenos anexos á haciendas é independientes de ellas.

Vainilla (*Epidendum vainilla*. L. — *Vainilla aromatica*. Siv.). Orquídeas. Planta sarmentosa y trepadora, abundante en *curiches* ó pantanos, enlazándose á los árboles á manera de yedra, ó implantándose en los troncos para vegetar nuevamente aun separada de la tierra. El fruto ó semillas van encerradas en cápsulas largas

y gruesas en las extremidades; verdaderas vainas que al tiempo de recogerlas, antes de su completa madurez, son de un rojo encendido. Estas vainas tan estimadas por el fragante olor que despiden y por sus propiedades estimulantes y afrodisiacas, se untan con aceite al recogerse, no tanto para su conservación, como para que no se resquebrejen al ponerlas á secar al sol. En el comercio se presentan clasificadas en tres especies: *vainilla legítima, bastarda* y *vainillón*.

VAMPIRO. Otra de tantas especies de murciélagos de la América tropical. Atormentan de un modo particular á los animales, cuya sangre chupan venteando suavemente la herida con las alas. Lo peor es que casi siempre pican en el mismo sitio, con lo que la herida se encona y agusana, y el animal se inutiliza para el trabajo. Los más grandes despedazan la carne causando una herida de duración. En estos países la llaman *Murciélago*. Véase MURCIÉLAGOS.

VANADIO. Es el *plomo rojo de Matapán*. Por los años de 1801 el ingeniero español de minas D. Andrés del Río, famoso por sus discursos acerca de las vetas metálicas y á la sazón profesor en la renombrada Escuela de Minería de México, estudiando un plomo rojo procedente de Zimapán, descubrió un cuerpo simple nuevo, al cual llamó *eritronio*, á causa del color rojo de sus sales. De esta manera, poco más ó menos, comienza en todos los tratados, diccionarios y enciclopedias de química la historia del vanadio, sin que luego en la monografía del metal y de sus combinaciones, á la hora presente bastante completa, se vuelva á citar al sabio español, ni se mencione siquiera el trabajo origen de su descubrimiento.

De perlas debió parecerle la labor de don Andrés del Río á cierto químico francés de menor cuantía, amigo suyo, residente también en México, cuando le hizo abandonar el estudio del metal que descubriera, para publicar dos años más tarde, en París, la nueva estupenda del hallazgo, en los minerales de plomo, de otro cuerpo simple, atribuyéndose por de contado la gloria

del descubrimiento. Mas no logró sus intentos, pues otros investigadores halláronlo en los hierros muy dúctiles de Suecia, fabricados con minerales de Taberg, y diéronle el nombre de vanadio, con que es conocido, en recuerdo de uno de los dioses ó de los héroes de la mitología escandinava; así pasó el descubrimiento real y positivo de un español desde las ardientes regiones americanas al helado clima del país del Sol á media noche, y de esta manera se hizo que sólo quede un leve recuerdo de su obra, consignado en brevísimas líneas, puestas al comienzo de la historia de un cuerpo simple, bien poco notable hasta ahora ciertamente, pero muy bien estudiado, sobre todo por varios insignes químicos ingleses y alemanes.

Fué necesario que trascurriera casi un siglo para encontrar medios de aplicar el vanadio y sus carburos en la industria, y el mismo tiempo ha pasado sin apenas saberse en España que un español lo había descubierto.

Vaquita. Crisolema de cuerpo redondo y oprimido como una lenteja. Algunas son de un vivo esmeralda, y otras como un ascua de oro.

Vara (La). Dos estrellas *Alfa* y *Beta* del Centauro, que á la distancia que se las ve, aparentan estar distanciadas una vara.

Varchilón. Ordenanza sanitario ó ayudante del cirujano militar. — El curandero que ejerce clandestinamente la medicina.

Varear. Ejercitar los caballos inmediatamente antes de correr una carrera. Ejercicio muy bien descrito por el escritor uruguayo Magariños Cervantes. « ¡ Cancha ! ¡ cancha ! señores », gritaron los jueces nombrados para presidir las carreras y dirimir cualquier disputa que pudiera tener lugar. Los espectadores al oir la palabra sacramental con que generalmente empiezan estas diversiones, se abrieron á derecha é izquierda, repitiendo ¡ cancha, cancha ! ; palabras que pronunciadas por mil voces distintas, producía en la apiñada muchedumbre el mismo efecto que la férrea quilla de un bergantín que vuela dividiendo las movibles

aguas del mar, acariciado por las brisas nocturnas. En menos de diez minutos se formó una larga calle... Los jueces hicieron cuatro rayas en el suelo con intervalos de cien pasos entre cada una. Los corredores se colocaron en la primera y á una señal suya comenzaron los « vareos » que consisten en lo que vamos á referir. Primero marchan ambos ginetes, paso á paso, hasta la segunda raya y volviendo atras ; luego al trote, hasta la tercera, y retrocediendo igualmente ; después, al galope, hasta la cuarta, tornando á colocarse en la primera, procurando siempre cada uno tener el ímpetu de su caballo, á fin de inspirar confianza á su adversario. En seguida galoparon cuatro ó cinco veces desde la primera á la segunda, tercera y cuarta línea, sucesivamente ; y cuando los que pisaban juntos la última raya gritan ¡ ahora !, respondieron los ginetes ¡ ahora ! y se lanzaron á toda brida, seguidos de los jueces y de la multitud que se replegaba tras ellos á medida que pasaban delante de ella, devorando el espacio. »

Vascos (Fonda de). Sitio de reunión donde se arma mucho ruido y jarana.

Velay. Interjección muy usada de Tucumán para arriba, pero que se diferencia del ¡ velay ! de Valladolid. El velay de Castilla equivale á *ahí verá usted* ; mientras que la acepción americana es idéntica al *voilà* francés, es decir *hé aquí*. — V. gr. « Tráeme el sombrero. » — *Velay, señor,* dice el *mucamo* ó servicial al presentar la prenda. — « Préstame un peso. » — *Velay*, dirá el interpelado bien se lo dé, bien le enseñe el portamonedas vacío.

Velorio. Velatorio. Guardia que se hace de noche á los difuntos, para la que convida la familia á toda la vecindad. También la que se hace á las imágenes sagradas en casa, la víspera de su fiesta. Los *velorios* de la campaña son singularmente típicos, en especial los que se celebran por un niño muerto, en cual caso se baila, se bebe y *ainda mais* á favor de la noche y en la playa del rancho. Pulpero hay en Buenos Aires que alquila el cadáver de un infante para poder el beberaje de la noche y explotar á la

gauchada que allí se reune. — Quimera. « *Ver velorios* », ver visiones. — ¿ Velorios á mí ? — ¿ Á mí con esas ?

VENADO. Véase *guanaco*.

VENENOS. Muchos y muy variados son los que se confeccionan con plantas y resinas americanas, y cuyo secreto guardan los indios, hasta el punto que los neófitos de las Misiones se resisten á divulgar. Por esto es difícil dar el nombre botánico de los vegetales que producen alguno de los tósigos que voy á consignar. Sabido es como se prepara el *curare*. El curare se emplea sólo para la caza ; pero hay otros venenos que matan al hombre ; uno de ellos preparado con un salitre que blanquea la tierra á la sombra de un árbol especial, especie de manzanillo, cuya sombra tiene fama de ser deletérea y lo es, pues ni yerba crece á sus pies. Raspando este salitre, se le hace hervir; filtran luego la disolución y recogen los cristales después de evaporada el agua. Cuando un indio quiere deshacerse de su enemigo, se pone entre la carne y la uña del pulgar de la mano derecha un poco de polvo de esta sal ; convida á otros primero con el *maripi* ó calabaza llena de chicha á fin de no infundir sospecha, y cuando llega el turno de servir á la víctima, mete disimuladamente el pulgar en el licor y lo envenena de modo que el que bebe debe caer de muerte casi fulminante. En la guerra arrojan con una honda una bola de greda con espinas untadas de este veneno, que al inocularse en la sangre produce análogos efectos que en el aparato digestivo. Otros venenos producen una disentería pertinaz, vahidos, somnolencia, aniquilamiento, etc. ; todo el repertorio, en fin, de Locusta. Véase BEJUCOS.

VENIA (La). El saludo militar.

VENTA. *Especie caballar*. — Los animales caballares se venden *al corte* y *á elegir*.

Para que una venta al corte se efectúe de un modo justo y equitativo, es menester que el corte reparta proporcionalmente en los dos lotes los animales buenos y los animales inferiores, y para conseguirlo, es menester moverlos para mezclarlos bien

antes de efectuar el corte. Pero ese proceder no puede emplearse sino cuando los potrillos son grandes ya y de edad de destetarse. Habiendo potrillos chicos, es preciso parar rodeo á la yeguada y efectuar el corte cuando los animales están tranquilos, para evitar de separar potrillos de sus madres. Así mismo, una vez operado el corte, es menester tener los dos lotes durante algún tiempo á corta distancia uno de otro, para que los potrillos vuelvan á juntarse con sus madres, si algunos se han apartado de ellas.

Las yeguas se compran á elegir para la cría ó para los saladeros. Para los saladeros, donde se utilizan las yeguas gordas, se distinguen dos grados de gordura : *de cozote* y *de medio cogote.*

Hacienda vacuna. — Los animales vacunos, lo mismo que los caballares, se venden *al corte* ó *á elegir.*

En las ventas al corte, la costumbre más general es que los terneros vayan por muertos ó que vayan dos por uno, desde el mes de Agosto, época en que empieza la parición, hasta el primero de Enero, y de Enero en adelante, se da por lograda la parición y se hace entrar en la cuenta todo lo que camina.

Las diferentes clases de animales que componen una hacienda *al corte* : toros, novillos, vacas, toritos, vaquillonas y terneros no se encuentran siempre en la misma proporción. Se considera excelente compra, cuando la hacienda contiene el 20 °/₀ de novillos, buena compra cuando contiene el 15 °/₀ y mediana compra cuando contiene el 12 °/₀. Si los novillos no alcanzan al 12 °/₀ la compra es mala. En una hacienda al corte, á más de la proporción de novillos que hemos indicado, se calcula el 6 °/₀ de toros y del 25 al 35 °/₀ de vacas de vientre ; el resto se compone de toritos, vaquillonas y terneros.

En cuanto al modo de cortar el ganado vacuno, debe observarse las disposiciones que hemos indicado al hablar de la especie caballar.

Si se trata de compra á elegir para cría, los animales deben llenar las condiciones que hemos indicado al hablar de los reproductores.

Hacienda lanar. — Los animales lanares se venden *al corte* ó *á sacar de la pata.*

Si el corte se hace en el campo, después de mover la majada para que todas las clases de animales se mezclen bien el que debe hacer el corte entra al trotecito, indicando á los que lo siguen y que entran uno tras de otro en el corte hecho, cual es la punta que va á llevar. Una vez cortada la majada, se tiene algún tiempo los dos lotes á alguna distancia uno de otro, para que si algunos corderos se han apartado de sus madres, vuelvan á juntarse con ellas. En seguida se lleva la punta comprada al corral para contar las ovejas y marcarlas con pintura, alquitrán ó tiza, para poder reconocerlas si sobreviene alguna mestura en el camino.

Las ventas al sacar de la pata, se hacen del modo siguiente : el comprador mira las ovejas en el chiquero, y cuando ve alguna que le gusta, la *agarra de la pata* y se pasa al traschiquero. La compra al sacar de la pata no da derecho al comprador de voltear las ovejas, como lo creen equivocadamente algunas personas, si no se ha incluido esa condición en el contrato. Cuando se venden ovejas al sacar de la pata, toda oveja que agarra el comprador es suya y debe apartarse pasándola al traschiquero.

Ventanillas (Las). Las horas de la salida y de la puesta del sol, que efectiva y respectivamente son las ventanas del día y de la noche.

Verdugón. Arruga que hace el calzado en el pie. — Rotura de la ropa.

Vergüenza (La). Arcaísmo muy común en América, para significar el listón ó larguero de puertas y ventanas.

Verónica. Matón negro que como el manto de las « tapadas » llevan con mucha gracia las señoras chilenas, peruanas y bolivianas (véase Tipoy). Úsanlo encuadrando con él la cara, á modo de mantilla, liándolo al cuello y cubriendo en ancho vuelo todo el cuerpo. Úsanlo para asistencias religiosas y para lutos.

VERRACO. Roedor parecido á la vizcacha que se halla en las provincias del Norte de la Argentina.

VERSUS. Término jurídico equivalente á « contra ». Pónese entre el nombre de ambas gentes litigantes. Así : « Pérez *versus* Perecito. »

VESPASIANA. Llaman así en Buenos Aires la columna mingitoria, como en ciertas localidades europeas.

VICTIMAR. Matar; asesinar : es neologismo en esta última significación. Los diarios acostumbran referir así un crimen : Ayer fué *victimado* en la calle X, fulano por mengano. El *victimario* se dió á la fuga sin que el gallo policial de la esquina se enterara del hecho hasta que el público, etc.

VICUÑA (*Ancheunia vicunnia.* — *Camelus vicunna.* L.). Pertenece como la llama y la alpaca al género de los camélidos. Á la variedad doméstica de la vacuña llama alpaca en Bolivia; y la lana de una y otra especie sirve para la fabricación de los ponchos más finos. En la República Argentina la caza de estos animales es insignificante en comparación del Perú y Bolivia. Sólo las provincias de Jujuy y Catamarca cuentan con algunos ganados de llamas y alpacas. En esta última provincia, lo mismo que en la cordillera boliviana y peruana, las vicuñas se hallan todavía en grandes rebaños. Para la caza de estos animales se organizan *chacos ó cacerías de manga*, las cuales hasta que el gobierno las reglamentó, eran una verdadera hecatombe de ese animal precioso, que poco á poco desaparecerá. Véase CHACO.

VICHAR. Espiar; atisbar.

VICHE. La octava parte de la fanega boliviana.

VIDALITA. Canción de los paisanos de Santiago del Estero, que corresponde al *triste* ó *guaiño* de Bolivia.

Los paisanos en Santiago
cuando reciben visita,
lo primero que acostumbran
es cantar la *vidalita*,

cantan los porteños, con la sorna que los castellanos :

> Los gallegos en Galicia
> cuando van en procesión, etc.

VINAL. Arbusto medicinal para los ojos.

VINCHA. Pañuelo que ciñe las sienes de varias maneras : ora á guisa de birrete de enfermo, ora como turbante, ora como « cachirulo » aragonés, y esto es lo más común, pues la vincha deriva del pañuelo ó cinta que los caciques pampas se ponen como emblema de sabiduría. El gaucho porteño se ciñe la *vincha* en las carreras, en las boleadas y en todo ejercicio ecuestre en que estorba el sombrero.

VINCHUCA. Insecto del género *Ixodes*. Bicho que infesta los lugares sucios, en especial los tambos y las chozas de los indios de la Cordillera. Habita lo mismo en los lugares fríos que en los cálidos, escogiendo las horas de la noche en que están durmiendo los viajeros, para chuparles la sangre. Parece que la *vinchuca* es bastante inteligente para mantenerse invisible todo el rato que la luz está encendida, pues así que ésta se apaga, aquélla se descuelga del techo con tanta precisión que viene á caer perpendicularmente sobre la frente ó la nariz del durmiente. Por esto, la mejor receta para librarse de las vinchucas, es arrebujarse bien en las cobijas, medio muy llevadero y hasta conveniente en la frígida altiplanicie.

VINERÍA. Tienda ó despacho de vino.

VIRA-VIRA. Véase BIRA.

VIRACOCHA. Señorito, patrón. Dictado familiar que se da á los caballeros en los departamentos de habla quichua. *Viracocha* era el epíteto del Sol, el dios que adoraban los peruanos ; de ahí que tomando á los españoles por hijos del sol, les llamaran *viracochas*. — « Viracocha » ó *Rey Caballero* : nombre del Inca VIII.

VIRLUCHO. Casquete cónico con borla y orejeras. Gorro de dormir.

VIRUELA. En periódicos é informes médicos veo la afición de

muchos americanos á escribir *virhuela* con lo que verdaderamente tocan la vihuela de la gramática. Conste que viruela se escribe sin hache y conste también que el remedio contra esta terrible enfermedad, la vacuna, descubierta por Jenner, practicada y reconocida en 1779 en la Gran Bretaña, fué aplicada por España en América, tres años después, en 1802. En este año el Gobierno de Madrid despachó de Cádiz varias fragatas á los virreinatos y Capitanías generales con facultativos y suficiente número de niños á bordo para procurar la vacuna de niño á niño durante el viaje y extender la práctica al continente é islas de América. Suceso que celebró dignamente D. Manuel José Quintana en su oda *A la Expedición española para la propagación de la vacuna en América bajo la dirección de D. Francisco Balmis*.

Visita. Langosta saltona.

Viuda. El zirú guarani, de color verde brillante. Ave solitaria y de canto lastimero.

Viudita. Avecilla blanca con el pico negro. — *Salirle á uno la viudita* ó la viuda : salir chasqueado ; con la puerta en las narices.

Vivar. Victorear ; dar vivas. Voz más propia que ovacionar y victorear.

Vizcacha (*Lagostomus trichodactylus*. Azara). Varias especies. Conejo de la Pampa, cuis ó conejillo de Indias. *Vizcacha* es el nombre quichua de la mayor especie de estos roedores. Es de cola peluda como la de la zorra, barriga blanca y asentaderas callosas sobre las cuales se sienta graciosamente en la entrada de sus cuevas ó á las orillas del camino. En tiempo de los incas, los peruanos hacían con la piel de vizcacha bellas estofas, y en Chile actualmente se emplea para la fabricación de sombreros. Su carne despreciada por los paisanos de Buenos Aires, se come en otros puntos ; y en todas partes se persigue el bicho por su voracidad y trabajo de zapa. En el campo de Buenos Aires se ven las « vizcachicidas » ó máquinas para la destrucción de vizcachas por

medio de la asfixia que produce el humo del azufre que hay en una hornilla. Es industria lucrativa, hasta el punto de haberse visto pagar dos mil pesos nacionales por cuatro leguas que se limpiaron de vizcachas. En los Estados Unidos llaman *prairie dogs* á ciertos roedores de pradera de una especie análoga á las *vizcachas*, con su mismo sistema de cavar huecos y andar á saltitos. En ambas Américas, estos roedores tienen por centinela un buho particular (*noctua vulgaris*. D'Orb.) que se halla siempre á la entrada de las vizcacheras y disputa el domicilio á los mismos roedores. Véase LECHUZA.

VIZNAGA, que así se escribe sin duda para diferenciarla de la Biznaga castellana. — Lo que sirve, papel ó paño, para limpiarse la cara de atrás. « *Servir* para viznagas » : servir para limpiarse la *idem* de *idem*. Véase PALITO.

VOLANTÍN. Otro nombre de la pandorga ó cometa.

VOLANTUSA. Mujer ambulante y amiga de hacer favores.

VOLCÁN. Llaman así en ciertas provincias andinas á esos torrentes de verano que en las quebradas suelen llevarse todo por delante. Son aludes de agua, barro, árboles y cantos rodados de todo calibre. El bramido de su marcha desoladora se oye á la distancia de algunas leguas, debiendo el viajero encaramarse á un cerro hasta que llegue y pase la avenida.

VOLEAR. Véase BOLEAR.

VORACEAR. Publicar; vocear.

VOS. En América, como en Inglaterra, no se usa á secas el pronombre *tú* sino que se reemplaza por *vos* que es más afectivo. El patrón al criado, el padre al hijo, el maestro á su discípulo, les llaman de *vos* al estilo de los antiguos castellanos y como hacen hablar los novelistas románticos á sus personajes. El *vos* según Gaspar Teseja (en sus *Cartas mensajeras*), á mediados del siglo XVI era tratamiento inferior, al que seguía el impersonal y luego *vuestra merced*. En Santa Cruz, ciudad de blancos, todos los de esta raza se *voseaban* entre sí, con exclusión de quien quiera que fuese indio, ó cholo, ó colla. Tratábanse de *tú* los

iguales; el inferior hablando con el superior usaba de la segunda del plural. Á los *collas* más decentes se les trataba con el rígido y etiquetero « usted » (René Moreno). Este uso del *vos* criollo está afeado por la costumbre de construirlo con el singular de los verbos; así: dame *vos*; ¿ tenés *vos* ?; escuchá *vos*. Lo cual es un solecismo, y según Bello, una corrupción insoportable. « Enhorabuena — añade Seijas, — que uséis el tratamiento de *vos* por *tú*, así daréis á vuestro lenguaje un sabor novelesco algo chocante por lo vulgar; pero pide la gramática que digáis: vos tenéis, gozáis, pensáis; venid, sacad, callad, etc., y no tenés, gozás, pensás, vení, sacá y callá. Pero si os han de tener por redicho *sigue no más tú* que me oyes hablando con *vos*. Yo daría algo por no escuchar este vulgar é insoportable *vos*. » Esta censura de Seijas me parece exagerada; porque si bien es verdad que gramaticalmente este *vos* es una disparatada, otra cosa es oído en la intimidad del hogar ó con el acento que le da el afecto ó la pasión; resultando un tratamiento, si incorrecto, muy afectivo, sin la aspereza del *tú*, ni la rigidez del *usted*.

Y

Yacami ó corcovado. Singular gallinácea muy abundante en los bosques del Beni, Madre de Dios, Acre y Purús. Especie de *Penélope* ó yacú (véase Mutún). Es como una pavita, de cabeza negra, cuello violáceo y cuerpo de hermoso plumaje negro aterciopelado, con plumas encerradas en la rabadilla, y blancas en el pecho. Llámasela también « corcovado », porque tiene el cuello enarcado lo que le hace parecer que anda con la cabeza baja, sobre todo cuando se acerca una persona que ella conozca, alrededor de la cual da vueltas, abriendo las alas y cacareando en voz baja; por lo que los naturales dicen que saluda y hace zalemas. Su grito reducido á algunos golpes secos que concluyen con eco apagado, le dan fama de ventrilocua, facultad que hace resaltar cuando oye cantos ó alboroto en la casa, ruidos que

parece animan el ave. Se domestica fácilmente; sólo que vive en perpetua discordia con las aves de corral: con las gallinas porque les quita los polluelos para cuidarlo él, y con los gallos porque los pelea á cada rato. Atrévese también con los perros entre los cuales se interpone valientemente cuando riñen dos de ellos.

YACARÉ. Nombre guaraní del caimán. *Caimán* es á su vez voz del dialecto galibi del Brasil; *cai*, moverse; *man*, no; es decir que no se mueve. Los caimanes americanos se subdividen en dos especies: el *Lacerta iguana* (L.), largo de dos varas, inofensivo y de cola comestible; y el verdadero caimán que es el *Lacerta alligator*, de color oscuro y tamaño variable, de cuatro á seis varas. Como observa d'Orbigny, el tamaño de los caimanes está en proporción con los ríos que habitan. Sus fauces están adornadas con una doble hilera de sesenta dientes arriba y otros tantos abajo. Junto á la encía inferior y al ano tienen dos bolsas con almizcle. Este almizcle en el animal vivo es pastoso como la miel, pero al contacto del aire se solidifica en pedazos de color oscuro, de amargo sabor. Los dientes del caimán los tienen los indios como amuletos contra el veneno de las serpientes y para expeler las secundinas del parto.

YACÓN ó haricona. Tubérculo sacarino.

YAGUANÉ. Voz auca: el piojo. — Animal de pelo oscuro y lomo y barriga blancos.

YAGUARETE ó jaguar. Véase JAGUAR. Voz guaraní; de guara: corredor.

YAJO. Peto manso cuya colmena como herrada volcada pone en los arbustos y pajonales altos.

YANACONA. Del quichua *yana*, criado; ó *yankarunas*, gente de balde, como actualmente se llama á los arrimantes ó colonos de la indiada sujeta á la tasa ó contribución indigenal. En tiempo de la dominación inca, los yanaconas componían la clase inferior del pueblo, especie de parias ó ilotas. — *Yanacona*. Sacerdote al par que curandero y brujo de los indios araonas.

YAPA. Ñapa en Colombia. Palabra que además de significar adehala ó agasajo sobre la venta, se extiende á otras acepciones siempre en sentido aumentativo. Así: un chico va á comprar algo á la tienda y el mercader para tenerlo por parroquiano le da un juguete ó un dulce de *yapa*; una taza de café entre amigos es agradable de tomar, pero mejor si de *yapa* hay una buena breva; á Fulano le robaron el reloj y de *yapa* el ladrón le dió una paliza etc., etc. También se verbaliza, y así: *Yápeme V. el peso* por descuénteme la pesada del pilón; y *yápeme V.* de este dulce ó *yápeme* el plato; por déme V. más ó auménteme el plato. *Yapa* es voz quichua derivada indudablemente de *llapar*, voz minera: añadir mercurio al horno donde se hace la amalgama de plata, y es americanismo que debiera aceptarse en la Península.

YARAVI. Canción popular. Véase GUAIÑO.

YARAVISCA. Véase LANTANA.

YARETA. Vegetal combustible de la región de la Puna, que ramonean las llamas y cabras.

YAVARÉ. Palo de dos metros de alto con una piel de tigre ó plumas de avestruz en la punta de arriba, que sirve de guía y compás para los bailes de carnaval en Chiquitos, así como para convidar al *huitoró* ó juego de pelota.

YERBA. Por antonomasia la *Yerba mate*, paraguaya ó té de los jesuitas (*Ylex paraguanensis*, Lambert; *Ylex mate*, Saint-Hilaire; *Ylex gorgona*, Spix y Martín). El árbol de la *yerba* tiene por lo común la altura de un naranjo, al que se parece por la forma de las hojas y por otras particularidades. Sus flores son blancas, de cuatro pétalos, dispuestas en pequeñas cápsulas en el eje de las hojas. Á veces es tan corpulento el tronco que se necesitan dos hombres para abrazarlo. Se cría con preferencia en los lugares altos, fríos y húmedos, costeando los ríos del Paraguay, Misiones y algunas provincias del Brasil. Villa S. Pedro del Paraguay es para el árbol de la yerba lo qué Usrí para el té, y Moka para el café. Aunque el árbol de la *yerba* crece espontáneamente en los montes, se plantan *yerbales* artificiales en razón de la demanda y

buen precio del artículo. El procedimiento más aceptado, á lo menos en el Brasil, es colocar en un recipiente un poco de agua con potasa hasta que está suficientemente densa para que pueda flotar un huevo. Échanse entonces en este baño las semillas de yerba por veinticuatro horas, pasadas las cuales, se procede á plantar los granos en líneas, á tres metros de distancia en todo sentido. La *yerba* crece bastante aprisa y un agricultor que planta mil plantas tendrá á los cuatro ó cinco años por cada una, de dos á tres arrobas, es decir, veinte á treinta kilos; de manera, que si el dueño de la plantación continúa ensanchando su *yerbal* con mil plantas anuales, en pocos años tendrá una renta que muy pocos productos podrán igualar, vendiéndose como se vende con dos pesos de ganancia por cada kilo. Para plantar la yerba según este sistema, es preferible en *chacos* ó rozados en el interior del monte, y resguardada de los vientos por los altos árboles que rodean el cerco. Las hojas son que se utilizan para el comercio, las cuales no están perfectamente sazonadas hasta después de tres años y á fines de invierno, época en que dicen los paraguayos que *el mate está gordo*. Entonces pasan por unos hornos, se las muele, se las pulveriza y embalan en *tercios* ó *tambores* para la exportación. La yerba mate es rica en ácido tánico, y en cafeína que en ciertas especies es abundante. En el comercio se conocen varias clases de yerba: *paraguaya*, *argentina*, *misionera* y *paranaguá*. Lo singular es que la yerba mate era considerada como un producto venenoso hasta que los jesuitas de las misiones guaraníes la dieron al comercio y lo pusieron de moda en los países del Plata. Según hacían decir á los indios, la yerba mate era un regalo de Santo Tomás que al venir al Paraguay hizo de un árbol antes peligroso, una planta saludable y de regalo.

El *mate*, como sencillamente se dice á la infusión de la yerba, es la clásica bebida del Plata con la que se obsequia á las visitas, en ranchos y poblados. La operación de preparar el mate se llama: *cebar mate*. ¿ Porqué se dice cebar, en vez de servir mate? ¿ Porqué esta diferencia al designar funciones al parecer

análogas? Por la razón de que no son semejantes. El *cebar mate* bien, es tan difícil, que en algunas familias antiguas sólo lo hacían sirvientas especiales, llamadas « cebadoras de mate ». La palabra *cebar* expresa además la idea de mantener, alimentar, sustentar algo en estado floreciente. Se quiere indicar en la frase « cebar mate » no el acto de llenar el pote ó calabacita con agua caliente sino mantener este mate en condiciones siempre apetitosas. « Es una función tan sagrada como la de las mismas vestales, para algunos *materos* intransigentes » (Arata). La cebadura se opera del modo siguiente. Échase con una cucharilla yerba en el mate hasta la mitad ó un poco más, poniendo desde luego la *bombilla*; luego se vierte una ó dos cucharadas de agua fría que se aspiran y se escupen, á fin de limpiar la yerba de las impurezas tomadas al contacto del aire. Ya en este estado se le va echando á pulso, á chorro de tetera, agua hirviendo, cuidando de remover la bombilla para que aparezca en la superficie el color amarillento de la infusión, signo indeleble de que la yerba es buena y está á punto de tomarse. Algunos *materos* acostumbran tomar desde la segunda echadura dejando la primera al que la cebó, á la manera que al descorchar una botella se vierte un poco de vino en copa propia, obsequiando en seguida á los demás. Tal es el *mate cimarrón* ó amargo, que se convierte en dulce sin más que añadir á cada toma una cucharadita de azúcar. Cuando la infusión está muy aguada, hay que *yaparla*.

Para tomar el mate se chupa de la *bombilla* sujetando el mate con la mano derecha, y uno se acostumbra de tal manera que por caliente y quemante que esté la cánula, se chupa sin lastimarse la boca. El mate se sirve en una reunión por *toques* ó turnos y es inconveniencia endosarlo á otra persona cuando se tiene en la mano; eso del cuidado del cebador ó cebadora que lo sirve (véase Toque). Lo que más extraña á los que no están iniciados en las costumbres del Plata, es la promiscuidad en el uso de la *bombilla*, es decir que una sirve para todos; pero ello es una aprensión que desaparece pronto, mayormente cuando los pri-

meros mates se toman después de servirse una mujer de frescos labios. Por lo demás, la yerba es para los gauchos lo que la coca para los indios collas; con ella aplacan el hambre y mitigan la sed, cualidades que unidas á su fácil manejo han contribuido á hacerla bebida nacional. El *mate cocido* que se da á los niños y personas enfermas es lo que en el Paraguay llaman *terere*. Véase *Refranes y Modismos*.

Yerbal. Plantación espontánea ó cultivada de la yerba mate.

Yerbatero. El que se dedica á la explotación de la yerba mate. Como ésta crece espontáneamente, las más de las veces el yerbatero, más que agricultor, es un verdadero explorador de los montes. Lo mismo que el *gomero* es un buscador de tesoros vegetales; un *pionnier* que solo ó aliándose con los indios de la región, se interna en los bosques para dar con un yerbal, que según los casos, vale lo que el filón de una mina. El hallazgo y denuncia de yerbales es una pingüe entrada para el fisco del Paraguay y de la Argentina.

Yista. Véase Llucta.

Yocalla. Voz quichua : muchacho, y por extensión á los *golfos* callejeros de Bolivia. Es notable el « puente de Yocalla » sobre el Pilcomayo, en el camino de Potosí á Sucre ó Chuquisaca, obra de un solo tranco, y tan difícil que la tradición, aquí como en todas partes, la atribuye al diablo.

Yomomo. Especie de tremedal. Lugar blando en terreno firme en el que inopinadamente se hunden las caballerías. Llámasele también *puchiche* por la analogía que presenta ese accidente con la blandura del furúnculo ó divieso en la epidermis, llamado *puchiche* por los cruceños.

Yoperojobobo. Del género *Elepo*. Víbora larga y estrecha, de escamas amoratadas sobre fondo castaño. Es muy venenosa, y abunda en el Oriente.

Yuca (*Yatrapa manihot*. L. ; *Maniot utilissima*. Phol.). Euforbiáceas. La hay de varias clases, pero la clasificación más aceptada y corriente en el país, es en *dulce* y brava ó *amarga*. La yuca

dulce se come asada ó cocida en tubérculo y figura asada al lado de los plátanos asados en el mantel de la mesa, sirviendo de *jacú* (véase JACÚ). Con ella se hacen varios guisos como las patatas en los climas templados y fríos. La raiz de la yuca comestible, y mejor aún de la *amarga* o venenosa (así llamada porque contiene ácido prúsico), sirve para extraer la fariña ó mandioca, que también se divide en dulce y amarga. Esta última se hace rallando la yuca; después de pelada y lavada y poniéndola á fermentar, desapareciendo con la cocción los principios deletéreos del jugo venenoso y constituye el principal alimento de las poblaciones rurales del Brasil y otros puntos limítrofes, como el Paraguay, Santa Cruz, el Beni, etc. La harina dulce se obtiene del mismo modo, pero sin fermentar. La *yuca* es un arbusto frondoso cuyas hojas se parecen á las de la higuera. Los bulbos de la raíz son los que se arrancan para las operaciones antedichas, y guardándolos en lugar húmedo, cuando llega la hora de plantarlos, se cortan en pedazos de medio pie y se entierran en agujeros poco profundos, naciendo nuevos gajos de cada nudo. Es frecuente hallar en una sola planta cuarenta yucas largas como los mayores pepinos, pero no conviene arrancarlos sin necesidad, pues fácilmente se pudren, mientras que en la sierra crecen más y más y duran dos años. Los indios del Oriente y en general todos los del Amazonas, llevan harina de yuca como avío para sus viajes por rio y por tierra. Cada cual va provisto de una talega con la provisión, y para comerla, echan un puñado en una *tutuma* llena de agua. Así que la harina ha empapado bien, la comen sirviéndoles al mismo tiempo de comida y refresco. Para hacer la *chicha de yuca* se cuece el tubérculo, se muele bien en batanes, se *muquea* la pasta y luego se disuelve en agua tibia, dejando que fermente un día. En las provincias del Pará, Marañon y Amazonas del Brasil, hacen el *tucupí* ó salsa del líquido resultante del exprimimiento de la harina de yuca. Los cogollos de la yuca, como los de la mayor parte de las plantas trepadoras, son bonísimos de comer, rociando antes en agua los que tengan cierta

acritud. « Yo los he comido así, escribe Darwin, y me han parecido casi tan buenos como los espárragos. »

YUCUMA. Redecilla á manera de bozal que se pone á los burros tragineros de heno. Corrupción de *jáquima*.

YUNGAS (LAS). Valles profundos al pie de la Cordillera de los Andes, donde la temperatura no baja de 21° centígrados, ni sube de 45°. En las yungas de los Departamentos de Cochabamba y La Paz, se produce cacao, coca y toda clase de frutos tropicales, entre ellos el *café de las yungas de la Paz*, famoso en el mundo entero. Es un café especial del que sólo este país tiene el monopolio natural. El color de sus granos es amarillento y éstos son mucho mayores que las cerezas del café ordinario. Las bayas ó cerezas se recogen antes de su completa madurez, si bien en este estado tienen el aroma que cualquier otro café cosechado maduro, y se secan revolviéndolos en fondos de piedra. Esta clase de café se produce en una de las faldas del Illimani, y muchos lo prefieren al Moka, sólo que resulta muy raro, menos por lo reducido de la producción, que por lo difícil y costoso del transporte, condiciones ambas que lo hacen raro en el comercio. Como curiosidad debe citarse que entre el café de Yungas, el mejor es el llamado del *Pànteón de Chulumàni*, ó sea de un antiguo campo santo convertido en cafetal, en Chulumani, capital de la Provincia de Yungas, distante 28 leguas de La Paz y á 2.119 metros sobre el nivel del mar. Lo pintoresco de esta situación topográfica de las Yungas al pie de los nevados andinos, y el contraste de su clima tropical con el que pocas leguas más arriba se experimenta , y sobre todo la opulencia de sus vegas hizo decir á un escritor paceño, Villamil, que en una de las *yungas*, la de *Sorate*, estuvo empiazado el Paraíso terrenal y que Adán y Eva hablaron el aimará. El dato positivo histórico que he recogido es que las Yungas era el destierro que los incas daban á los serranos para los cuales el clima abrasador y mal sano de estos valles era una muerte lenta. El código penal incásico castigaba, además, con el confinamiento á las Yungas al que provocando á otro lo mataba en la pendencia.

Yungueños. Los habitantes de Yungas, y muy particularmente aquellos indios originarios de Ambani, Curva y Chacasini (Provincia de Muñecos), celebrados botánicos del imperio de los incas y que hasta hoy ejercen su profesión de herbolarios (véase Callahuayas). Al decir de Cortés, emprenden viajes sin comunicarlo á nadie, porque suponen que el sentimiento de la partida, que causan á los demás, trae desgracia. El poderoso estímulo para que estos indios emprendan viajes de cuatro á ocho años, es el presentarse el día de Corpus ó del patrono del lugar montados en un buen mulo enjaezado con chapas de plata, y echar pie á tierra en medio de la plaza. Desde este momento, hasta los niños se estimulan y forman propósito de viaje.

Yusuma ó Canelón. Árbol de corteza aromática y muy buscada por los indios araonas del Beni y tacanas de Tumupasi, para combatir las fiebres. Su madera sirve también en ebanistería.

Yuta. Voz quichua. Ave rabona ó sin cola. *Hacer lä yuta.* Hacer novillos. Véase Rocha.

Yuyo. Voz quichua. Yerba. Nombre entendido desde la Patagonia al Istmo. — *Yuyo vergonzoso.* La sensitiva.

Z

Zafacoca. Riña; disputa; *matete.*

Zalles. En el pico Chorolque (Provincia Chichas, del Departamento de Potosí, en Bolivia), se trabaja una mina de zinc y bismuto á los 17.000 pies ingleses de elevación sobre el nivel del mar. Es la mina más alta del mundo y hasta donde puede llegar el minero; y es también el punto más alto habitado por el hombre según lo hace observar mi distinguido amigo el Señor Ernesto O. Rück, rectificando la noticia de que el lugar más alto y habitado fuera el otro del Thibet, á 16.000 pies, donde está emplazado un monasterio budista. En el inaccesible Chorolque cada pedrón es una mole de piedra como una casa; y á veces sobrepuestos estos pedrones ruedan al menor desequilibrio

hasta los planes, produciendo formidable estruendo. Estos terrenos se llaman en el lugar *zálles*, y forman vastas extensiones de cerros. El minero tiene que escalar estos zalles y trepar por estos pedrones, valiéndose de cables y guiadores que lo sostienen en su subida, en medio de un frío que lo entumece y de un viento que lo voltea y arrebata si no se sostiene firme en su ascensión.

ZAMACUECA. Variedad de la cueca ó baile nacional en Chile, Perú y Bolivia.

ZAMBARDO. Chiripa, casualidad. « *Golpe duro, zambardo seguro* » es frase favorita entre los billaristas chambones ó principiantes.

ZAMBO. Hijo de india y negro, y por extensión á todo aquel que tiene el cabello crespo y rizado del zambo.

ZAMUCOS. Indios chiquitanos alzados, de la antigua misión de San Ignacio.

ZANCO. Voz quichua. Comida espesa sin caldo, ni salsa. — Especie de polenta ó boroña hecha de maíz con agua hervida.

ZANCUDO. Mosquito.

ZAPALLO. Voz quichua. Calabacín y calabazas comestibles.

ZAPATILLA (La). Juego de niños. La « columna » en Madrid. Puestos aquéllos en rueda, se van pasando un chicote que el que está en el centro trata de coger. En estas intentonas va recibiendo chicotazos de aquéllos á cuyas manos va á parar el chicote, mientras los congregados corean : « *Zapatilla, rueda, rueda.* »

ZARAMULLO. Disparate.

ZARAPICO y zarapito. Zancuda de color gris que se alimenta de lombrices de charcas y lagunas.

ZARAZO. Se dice de los cereales que están madurando y de las maderas ya medio secas. Así : *trigo zarazo; codro zarazo.*

ZARCO. Animal de ojos azules, ó de ojos de color distinto uno de otro.

ZARIGÜEYA. Véase SARIGA.

ZARZAPARRILLA (*Smylax Salsaparilla.* L.). Planta de tallo sarmentoso y nudoso con infinidad de zarcillas delgadas y negras, que son las medicinales. Hay muchas variedades de zarzaparrilla,

conocidas en el Brasil con el nombre de *japecangas*. El nombre genérico de *zarza* se le da porque tiene algunas espinas retorcidas en cada articulación, en las que suelen nacer las hojas. *Parrilla*, porque en la parte inferior de las hojas sobresalen muy marcados unos nervios paralelos y convergentes, cuyos extremos superiores terminan en el nervio central. La zarzaparrilla se emplea en medicina, como auxiliar del mercurio.

ZEQUE. Vino ó chicha que ha perdido su fuerza.

ZOCOTROLLO. Cosa grande. Así : « *¡ Qué zocotrollo de libro está escribiendo ño Poncho !* ; *¡ Qué zocotrollo de perro !* » — Se dice también *zocotroco*.

ZONDA. Viento cálido é impetuoso del Norte, en las *travesías* de San Juan y la Kioja, que levanta torbellinos de polvo salitroso y arenas de los médanos. Véase DESIERTO.

ZONZO. Palabra castellana poco usada en la Península y hasta á saciedad en América. Sinónimo de tonto, imbécil, desaborido. Ejemplos : *¡ Qué zonzo !* dice sonriendo una criolla al galán que la requiebra. — « *No sea usted zonzo* », grita el maestro á un niño torpe; qué animal tan *zonzo !*

ZORONGO. Peinado en forma de castaña, ó rodete á la griega con que antes se tenía recogida la cabellera. — Pelo postizo que añaden las mujeres á su peinado.

ZORRINO (*Mephitu patagonicus*). « Hediondo argentino. » Animal abundante en América y de una hediondez que se transmite á regular distancia.

ZORZAL. Pavo de la boda; « primo ».

ZUMAQUE. Corteza del cebil que sirve para curtir cueros.

ZUMUQUÉ (*Cocos botryphora*). Palmera muy empinada y la que mejor sirve para techos de ranchos y casas de campo.

ZUNIACÁ. En las barracas gomeras del Beni, Madre de Dios y Acre, llaman así al maíz cocido con almendra ó maní tostado. Es el *mote* chiquitano.

ZURRARSE. Pederse sin ruido, pero á costa del olfato ageno.

ZURUBI. Véase SURUBI.

DOCTRINA DE LA DISCRIÇION [1]

PROLOGO

Deseando llegar al verdadero estado e conosçimiento, dando gr*aç*ias al soberano bien ; consyderando los trabajos e defectos q*ue* se Recresçen por los viçios e deseos abastados de muchas menguas en los engaños que son en la biuienda desta triste vida ; conosçiendo en mi las tales menguas, adoleçiendome de mis p*ro*xymos, acorde de ordenar el presente tractado descubriendo los lazos en q*ue* yo cay por mi culpa menospresçiando la doctrina de la discriçion por el franco alvedrio ꝛ libertad q*ue* me fue dado para vsar de virtudes, syguiendo la mi disuluta sensualidad, enboluiendo me en vanas ꝛ viles costunbres. Por lo qual soy acusado de mi conçençia que cruel mente me atormenta, Recordandome los yerros e maculas en q*ue* cay ; pero toda via esperando enla misericordia del mi criador ꝛ Rede*n*ptor Ih*es*ucr*ist*o piadoso verdadero Dios ꝛ verdadero honbre, esforçandome en la fee, conortandome en la su esperança, apiada*n*dome en la su piadad, conosçiendo ser obligado a la verdadera sastifaçion, atribuyendo los loores a aq*ue*l de quien pende todos los bienes de los q*ua*les yo so obligado a dar cuenta ansy del juyzio e Razon que me docto como de los vienes tenporales, sy algunos posey ansy como su despensero de lo qual todo tengo a dar espresa cuenta.

---

1. Copié sur le ms. de l'Escorial IV. b. 21, ff. 88-108. Précédemment publié par Florencio Janer (*in* Rivad. *Poetas castellanos anteriores al siglo XV*, pp. 373-378). — R. Foulché-Delbosc.

1

Abrigando me su ma*n*to
Padre z Fijo, spiritu Santo,
Seguire el dulçe canto
Reparable,

2

Non fablando co*n* letrados,
Frayres, mo*n*jes z perlados,
De quien somos enformados
En la ley.

3

Esto pense ordenar
P*ara* el niño administrar,
Por q*ue* es malo despulgar
El çamarro.

4

Cata, moço, abre el ojo
Y no*n* biuas por antojo;
Sy te picare el abrojo,
Escarmie*n*ta.

5

A la Virge*n* exçelente
Seruiras deuota me*n*te,
Co*n* glorioso presente
Cada dia.

9

Dixo sant bernabe

yo creo la Redemçyon
q̄ dios fara por su passyō
alos q̄ daran rrazon — Penitēçia

Dixo santo mathia

Todos Resuçitaremos
enlas carnes q̄ oy tenemos — muy estrecha
y por cuenta pasaremos

Dios mostrara su bitoria — pena syempre
alos buenos dando gloria
y alos malos por memoria

Sean los tus pensamyētos — fe. cō obra
en guardar los mādamyentos
y faras buenos çimientos

DOCTRINA DE LA DISCRIÇION

6

Esta es Madre de Dios
Q*ue* rruega sienpre por nos;
Tus fechos todos en gros
Le encomie*n*da.

7

Es perfecta guarniçion
Los articulos syn quistion :
Do no*n* alcança discriçion
La fe basta.

8

COMIENÇA EL CREDO

DIXO SANT PEDRO

Creo en vn Dios marauilloso,
Padre Todo Poderoso,
En çielo ⁊ tierra virtuoso
C*ri*ador.

9

DIXO SANT IOHAN EVANGELISTA

Creo en Ih*es*u Cr*isto*,
En forma de pan es visto,
Eternal Fijo e misto
Co*n* el Padre.

10

DIXO SANTIAGO, FIJO DEL ZEBEDEO

De Espiritu Santo conçebido
E de la Virgen nasçido,
Este nos fue prometido
De aveniçio.

11

DIXO *san*TE ANDRES

Este fue cruçificado
Muerto z sepultado,
De Pilato otorgado
La sentençia.

12

DIXO SANT FELIPE

Al Infierno deçendio
E sus puertas *que*bra*n*to :
Los sa*n*tos padres libro
Q*ue* le esperaua*n*.

13

DIXO *san*TO THOMAS

Padesçio com̃o cordero,
Despues al dia tercero,
Dios z om*ne* verdadero
Resurgio.

14

DIXO SANT BARTOLOME

Por otro Padre profu*n*do
Subio al çielo deste mu*n*do;
En Trenidad es segundo
A la diestra.

15

DIXO SANT MATHEO

Este gra*nd* Señor pote*n*te
En vn dia çierta mente
Juzgara bie*n* deligente
Biuos e muertos.

16

DIXO SANTIAGO, FIJO DEL ALFEO, ⁊ SANT XIMON

En el Santo spiritu creo,
E en la ygl*es*ia por q*ui*en leo
Ser catholico deseo
De los Sa*n*tos.

17

DIXO SANT BERNABE

Yo creo la ʀemisyon
Q*ue* Dios fara por su passyo*n*
A los q*ue* daran rrazon
Penite*n*çia.

18

DIXO SANTO MATHIA

Todos ʀesçuçitaremos
En las carnes q*ue* oy tenemos,
Y por cuenta pasaremos
Muy estrecha.

19

Dios mostrara su vitoria
A los buenos dando gloria
E a los malos por memoria
Pena syenpre.

20

Sean los tus pensamientos
En guardar los mandamientos,
E faras buenos çimientos
Fe con obra.

21

A Dios ama sobre todo,
Aborresçe falso modo,
Que este mundo todo es lodo
Y sus ponpas.

22

AMARAS A DIOS SOBRE TODAS LAS COSAS,
E A TU PROXIMO COÑO A TY MESMO.

Ama ꝛ sirue a vn Dios ꝛ trino,
A tu proximo sey begnino,
Este es derecho camino
De saluaçion.

23

NO JURARAS EL NONBRE DE DIOS EN VANO

Nyn por çielo nin por tierra
El que jura mucho yerra,
Que peor corta que sierra
En el alma.

24

Por jurar a Dios en vano
Vier*o*n mucho mal *cristi*ano,
Q*ue* fiziero*n* de tenprano
Mala fyn.

25

Yo vi vn ʀeñegador,
Disuluto fablador;
ʀeñegando co*n* furor
Espiro.

26

GUARDARAS LAS FIESTAS.

Domingo ꝛ fiestas guardaras,
Co*n*prar y vender escusaras,
Los libramie*n*tos dexaras
Para ot*ro* dia.

27

Escusa caminos ꝛ caça,
Juegos, tauernas ꝛ plaça,
Destos sale*n* muy gra*n*d rraça
En las fiestas.

28

ONRRARAS A TUS PADRES SP*iri*TUALES

A tus padres honrraras,
Su ma*n*dado co*n*pliras,
Sy no*n*, sepas q*ue* faras
A ti dapño.

29

Quien a sus padres non obedesçe.
El Señor Dios lo aborresçe;
Muerte z vida padesçe
Lastymado.

30

NON DEUE OMNE MATAR NIN COBDIÇIAR MUERTE.

De fazer ofendimiento
Fuye el consentimiento;
Nin solo por pensamiento
Non mataras.

31

NON FARAS FORNIÇIO.

De todo dapñoso viçio,
Por fazer a Dios seruiçio,
En espeçial de forniçio
Te rrefrena.

32

NON FURTARAS NIN CONSENTIRAS.

De furtar por algund arte
Pelo en ty non fallen parte,
Que mas vale obligarte
A pedirlo.

33

NON DIRAS FALSO TESTIMUMIO.

Quien leuanta testimonio
Leuar-lo ha el demonio
Bien garfado, en el puño
A su casa.

34

NON COBDIÇIARAS LA MUGER CASADA.

Non cobdiçies la casada,
Parienta nin consagrada;
Por ty non sea quebrantada
Lealtad.

35

NON COBDIÇIARAS LAS COSAS DE ALGUNO.

Cobdiçias deshordenadas
Trahen perdidas dobladas,
E causan a las vegadas
Muerte segura.

36

LAS SIETE VIRTUDES THEOLOGALES ⁊ CARDINALES.

Tres virtudes theologales
E las quatro cardinales
Muestran graçias espeçiales
Todas siete.

37

El q*ue* tanto bie*n* alcança
Fee, caridad, esperança,
Deste sera su folgança
Muy segura.

38

Q*ua*TRO CARDINALES.

Justiçia muestra gra*n*deza,
Prudençia ꝛ fortaleza,
Fallo q*ue* es gra*n*d ʀiqueza
Te*n*pera*n*ça.

39

LAS QUATORZE OBRAS DE MISERICORDIA
QUE PERTENESÇEN A LA CARIDAD

Esperança perderas,
E la fee q*ua*ndo seras
Delante Dios, veras
Su presençia.

40

Con gra*n*d liberalidad
Faz obras de caridad,
Q*ue* la linpia volu*n*tad
No*n* peresçe.

41

La caridad es tan alta
Q*ue* todos bienes alcança,
De q*ui*en non ʀesçibio falta
Galardon.

42

SIETE SP*iri*TUALES.
Bien se mostro ser espejo
Dar consejo syn trebejo,
Nu*n*ca vi preso vençejo
Q*ue* bolase.

43

Determine por onesto
Quie*n* en mostrar esta p*re*sto,
E muestra sienp*re* su gesto
Agradable.

44

Caridad sabe qual es :
Perdonar sy mal q*ue*rres,
E tornar lo q*ue* tenes
Mal ganado.

45

Tus pensamientos passiuos
Deue*n* ser co*n*tenplatiuos ;
Por los muertos y los biuos
Rogaras.

46

Pues co*n*solaçion q*ui*ssiste
Q*ua*ndo trabajo touiste,
Por ty sea bie*n* en triste
Co*n*solado.

47

Es vn grado virtuoso
Conportar al enojoso,
E mostrar gesto g*ra*çioso
Syn maliçia.

48

Castiga todo erra*n*te
Mas co*n* graçioso senblante,
Comõ fyno diama*n*te
Claro ⁊ fuerte.

49

LAS SIETE CORPORALES

Deues vestir al desnudo,
Y tener te han por sesudo
Q*ua*ndo tengas por escudo
Buenas obras.

50

Vesitar deues al pobre,
Avnq*ue* ʀopa no*n* te sobre,
Por q*ue* la tu alma cobre
La corona.

51

Deues fartar al fanbriento,
Dar a beuer al sediento,
E sacar por ʀendimie*n*to
Al cabtiuo.

52

Al enfermo vesytando
E al muerto soterrando,
Por estos vados pasando
Yras en paz.

53

Con caridad exçelente
Claro yra el siruiente
Que leuara tal presente
Ante Dios.

54

LOS SYETE PECADOS MORTALES.

Allende de bien obrar
Mas deues de trabajar,
Que te tienes de velar
De los pecados.

55

En beuer sey mesurado,
Enel comer hordenado,
Por que seas Reparado
En virtudes.

56

AÇIDIA

Aborresçe la tristeza,
Que zu fizo es pereza,
E librar te ha de vileza
Pensamientos.

57

El q*ue* fuere perezoso
Syenpre sera deseoso,
Pues non deue ser q*ue*xoso
De fortuna.

58

LUXURIA

De luxuria te Refrena,
Fama y seso rroba y pena,
Alma y cuerpo condepna
. A todo mal.

59

Gra*n*d linpieza es castidad,
Ama y sygue lealtad,
Pon co*n* Dios tu volu*n*tad,
Esta seguro.

60

La muger sy Dios me vala,
Discriçion y seso cala;
En espeçial de la mala
Te desuia.

61

Y*n*BIDIA

Gra*n*d torme*n*to es desigual
Del enbidioso mortal,
Sy ot*ro* tiene bue*n* cabdal
Penado muere.

62

Enbidioso mal fadado,
El q*ue* sigue tal pecado
En sy mesmo es cuytado
E omeçida.

63

Nu*n*ca medre tal pecado
Syn prouecho auer cuydado,
Biue triste y peñado
Porfaça*n*do.

64

Los seys otros de co*n*suno
Su deleyte ha cada vno :
Este no*n* tiene ni*n*guno
Sy no*n* pena.

65

ÇINCO SENTIDOS.

Çinco sentidos q*ue* tienes
Piensa cōmo los ma*n*tienes :
Por ellos males ⁊ bienes
Puedes auer.

66

Volu*n*tad deues vençer,
En gustar, holor y veer,
E bie*n* oyr ⁊ tañer
Buenas cosas.

67

LOS *san*TOS SACRAME*n*TOS.

Los S*an*tos Sacrame*n*tos fu*n*dados
En tierra n*uest*ra fee hordenados
Por clerigos declarados
Te sera*n*.

68

Resçebir santo bautismo,
Confirmaçion, eso mismo
Penitençia syn sofrismo
Es bie*n* fecho.

69

Demandar a Dios perdon
E ʀesçebir cõmunio*n*,
De matrimonio me*n*çion
Deues fazer.

70

Escala de saluaçio*n*
Es la horden de ʀeligion,
De la sana vnçion
Te me*n*braras.

71

SOBERUIA

Soberuia causa la guerra
Donde todo mal se ençierra,
Aborresçe*n*lo en su tierra
Q*ui*en la vsa.

72

Soberuia es maldiçion,
Q*ue* tiene*n* por co*n*fusion
Los q*ue* estan en perdiçion
Para sienpre.

73

AUARIÇIA

Fallo q*ue* es el avariçia
Causa de mucha maliçia :
Amistança ni*n* justiçia
No*n* consiente.

74

Sy tienes por q*ua*l q*ui*er via
Algo de tirania,
Ante del postrimer dia
Cata enmienda.

75

Los rricos avariçiosos
Tanto q*ue* viua*n* viçiosos,
De los fechos virtuosos
Fablar basta.

76

Dexaras pasar la yra
Q*ue* pe*n*etra mas q*ue* vira,
Antes q*ue*l mal fagas mira
Q*uanto* dapña.

77

Sy te vieres aq*ue*xado
De tristeza y cuydado,
Piensa q*ua*nto has errado
Contra Dios.

78

GULA

Los gastos desordenados
En comer, putas y dados,
Faze*n* pobres y lazrados
Syn rreparo.

79

TRABAJOS MU*n*DANOS.

En Dios pone tus fechos,
Esquiua falsos prouechos,
De pobres y de co*n*trechos
No*n* burlaras.

80

Con Dios no*n* seas estraño:
Vna vez ꝛ syn engaño
Ho lo menos en el año
Te co*n*fiesa.

81

Sy q*u*ieres bie*n* de co*n*suno,
No*n* digas mal de ni*n*guno;
Deues oyr en ayuno
La s*an*ta misa.

82

Fagase la oraçion
Con deuoto coraçon,
Que rrogar syn deuoçion
Es obra vana.

83

Deues bien continuar
La yglesia para orar,
E sy vieres pedricar
Oye bien.

84

Lo que dixere faras,
Sus obras esquiuaras
De los que trahen por demas
La vestidura.

85

Sienpre sea tu pensar
En seruir a Dios y hamar,
Que lo al as dexar
Muy en breue.

86

De la muerte grand señora,
Pecador y pecadora,
Teme sienpre aquella ora
Espantable.

87

Mienbrate *que* as de morir,
E piensa lo por beuir;
Asy podras bien regir
La tu vida.

88

Trabaja por bie*n* beuir;
Sy te q*ui*eres del mal partir,
A t*ien*po de repentir
Non podras.

89

Q*ua*ndo touieres poder,
No*n* sygas el mal q*ue*rer :
Sy no*n* podrias aver
Mal por ello.

90

Paramientes lo q*ue* digo :
Sy tuuieres bue*n* amigo
Guardale; e de enemigo
Te velara*s*.

91

Nunca creas de ligero;
Aborresçe lisonjero;
Para el dia postrimero
Te guarnesçe.

92

Paguemos lo q*ue* deuemos,
Pues q*ue* de morir avemos;
Sy non mal dia tenemos
Señalado.

93

Toma el bie*n* q*ua*ndo viniere;
Sy tu me*n*gua lo perdiere,
Despues q*ue* se te entendiere
Llora en vano.

94

Sy tuuieres bue*n* asyento,
No*n* te mude cada viento;
En tus fechos ten bue*n* tiento,
No*n* temeras.

95

Seras rrico bie*n* andante
Sy Refrenas tu talante
De q*ua*lq*ui*er tienpo mudante
Sei pagado.

96

Sy tu señor te da fiebre,
Antes q*ue*l mal mucho q*ui*ebre,
Busca con aq*ue*l pesebre
Mejoria.

97

Con qualq*ui*er q*ue* fablaras,
Sy la verdad trataras,
El caudal q*ue* sacaras
Sera seguro.

98

La huerta de libertad
Determina la verdad
De q*ui*en syenpre la bondad
Q*ui*ere seguir.

99

El amor tiene jurado
Q*ue* no*n* sera perdonado
El q*ue* fuere bie*n* amado
Sy no*n* ama.

100

Ama z sygue bue*n* consejo,
Fuye de perro bermejo,
Por nuevo camino el viejo
No*n* dexaras.

101

De alguno no*n* Retrayas,
Mas avisate no*n* cayas
En tal yerro, por q*ue* ayas
De callar.

102

Porfaçar es falso juego,
Y de su ganançia reñego;
Non se apaga bien el fuego
Con estopas.

103

Sy por encobrir tus rraças
Yerros de otros profaças,
Quando vieres lo que taças
Lloraras.

104

Avn que te digan syn sabor,
Dexa estar al rifador;
Sy forçado es el rumfor,
Sufre su miedo.

105

Dexa ponpas ⁊ hufana,
E vistete a la llana;
De toda palabra vana
Te desuia.

106

El que en este rrey mundo quiso
Onrras, riquezas e riso,
De heredar el parayso
Se despida.

107

Ese es pobre mesurado
N*on* q*ue*rer lo mal ganado,
Mas co*n*tento ⁊ pagado
De su parte.

108

Cata, hordena bie*n* tu vida
Con co*n*seio ⁊ seso Regida,
Que gra*n*d verguença abatida
Es pedir.

109

Seguiras a la mesura
Q*ue* es virtud q*ue* mucho dura,
Sy no*n* ella te segura
De seguirte.

110

El mal falla bue*n* conorte,
El bie*n* no*n* ha q*ui*en lo co*n*porte ;
Muchos andan en la corte
Por demas.

111

De Señor q*ue* sea çeloso,
Lastimero ⁊ sospechoso,
Presta me*n*te sey mañoso
En te partir.

112

Gra*n*d bien puede conq*ue*rir,
Q*ui*en te*n*prado es en beuir,
E puna por bie*n* seruir
A gra*n*d señor.

113

Es obra marauillosa
Buena muger ꝛ fermosa,
ʀica ꝛ generosa
De parientes.

114

Faze yerro sy no*n* mella
En el tal engxe*n*plo ella,
Ser cortes co*m*o donzella
Bie*n* criada.

115

Fazle firme çerradura
A tu lengua, de figura
Q*ue* te avise a la cordura
Lo q*ue* digas.

116

Sy vsas de mal dezir,
Fuerça es mucho me*n*tir :
Por ello podras venir
A gra*n*d dolor.

117

Maguer lo juzguen por feo,
Pon tu casa en buen arreo,
Todavia con deseo
De conçiençia.

118

Pon tu vida en buena tasa,
Sy tuuieres cabdal casa,
Non tengas galgo en casa
Que non caçe.

119

Nyn por los profaçadores
Ayan tus fechos vigores,
Plaze a grandes ⁊ menores
Con buen tenple.

120

Dobla blanca ⁊ cornado,
En el gastar sey mesurado,
En el gasto mesurado
Fara pro.

121

Cada vno se alabe
De fazer lo que en el cabe,
Que vsar lo que non sabe
Es peligro.

122

Fazer obra nueva me*n*te,
Antes piensa sufiçie*n*te,
Sy te fallas diligente
Para ello.

123

No*n* fies en los parientes,
Mas a bondad para mie*n*tes,
Sey onesto a las gentes
Co*n* amor.

124

Sy no*n* fuere de padre o madre,
De hermano, p*ri*mo, co*n*padre,
Por demas esta q*ue* ladre
El q*ue* es pobre.

125

Pobre, viejo ⁊ doliente,
Hermano, p*ri*mo, pariente,
De fablarle solame*n*te
Se desdeña.

126

Sy le veen andar avara
La palabra le da en cara,
Veyendole buelue*n* la cara
Co*n* desden.

127

Hermanos, primos carnales,
En mis trabajos y males
Commo crueles mortales
Me dexaron.

128

Muestran saña ynfengida,
Captelosa ꝛ omeçida,
Por veer en mi conosçida
Pobredad.

129

Pensante en esto que sumo
Fazenlo segunt presumo,
Porque faga poco fumo
En sus casas.

130

Sy me viesen con fauor
Rico, franco ꝛ gastador,
Todos me dirien señor,
Graçias bolsa.

131

Esto non es marauilla,
Pues es en toda Castilla,
Mas doblada es la manzilla
En Toledo.

132

De parientes y señor,
Dime q*ua*l es el mejor.
Respondio el sabidor :
Pasar sy*n* ellos.

133

Padesçio bondad antigua,
Pues el mu*n*do se amortigua,
Yerra q*ui*en no*n* se castigua
De mañana.

134

Escarmie*n*ten todos en mi,
Q*ue* todo lo mio di,
No*n* me acuerdo sy vos vy
Cōmo vos llaman ?

135

Viuo triste ⁊ penado,
Q*ua*ndo en Dios he bie*n* pe*n*sado,
Fallo me muy co*n*solado
De espera*n*ça.

136

En mi gra*n*d tribulaçio*n*,
Por aver co*n*solaçion,
Busco de mi condiçion
Otro tal.

137

Maguera q*ue* me co*n*suelo,
Mi coraçon thrae duelo,
Pesa me de mi ahuelo
Q*ue* murio.

138

Viedate de andar co*n* sueltas
Ni*n* co*n* malas fagas bueltas,
Quito de todas ʀebueltas
Te conoscan.

139

Yo mostrare q*ua*nto valgo,
Piensa bie*n* a lo q*ue* salgo,
Por virtudes de fidalgo
Se conosçe.

140

Con vna honça de miel
Bueluen syete honças de fiel,
Ved q*ue* xarope cruel
Este mu*n*do.

141

De palaçio ⁊ señores
Sy te burlan los fauores,
Conosceras tus dolores
A la vejes.

142

Q*ua*ndo fueres moço chico
E avn q*ue* tengas padre rrico,
Çiençia y arte te suplico
Q*ue* depre*n*das.

143

Çiencia y arte es mina de oro :
Por lo no*n* saber yo lloro ;
Mas vale q*ue* gra*n*d thesoro
Nin privança.

144

En otra tierra estraña
Avn por bie*n* çiençia y maña,
Tenemos lo nos en España
Bie*n* por mal.

145

Dize la antigua co*n*seia :
La mal ganada oueja,
Mala fyn ha la pelleja
Y su dueño.

146

Quien desecha su pariente
Por pobreza q*ue* en el siente,
No*n* le espere ser presente
A sus p*r*iesas.

147

Qualq*ui*er q*ue* esto leyere,
Sy le bie*n* no*n* paresçiere,
Rasgue por do q*ui*siere
Syn Reçelo.

148

Quie*n* de bondad no*n* se enoja,
Fallara bie*n* en q*ue* escoja,
E por synple q*ui*en se moja
He no*n* lo siente.

149

Aq*ue*l es q*ue* bie*n* entiende
Q*ui*en castigua ꝛ se defiende
De los dapños que Reprehende
A los ot*ros*.

150

Sy por virtudes lo muestra,
Es su volu*n*tad es presta
De seguir lo q*ue* demuestra
Por doctrina.

151

Quien leyere lo presente,
Le suplico humill mente,
Algu*n*d yerro sy lo siente,
Me p*er*done.

152

Para mientes honde vienes
E guarda bie*n* lo q*ue* tienes,
Que la fama y los bienes
Es la ho*n*rra.

153

Por muy bie*n* guardar tu ley,
Y por ser leal a tu rrey,
E por defender tu grey
Deue*s* morir.

154

FFYN

Malos viçios de mi arriedro,
E co*n* todo esto no*n* medro,
Sy no*n* este no*n*bre Pedro
De Verague.

LETRILLAS[1]

1

Con el son de las ojas
  cantan las aues,
y responden las fuentes
  al son del ayre.

Quando a las sospechas
de mi pensamiento
canto en mi instrumento
llorosas endechas,
quando agudas flechas
del tirano Amor,
creçen mi dolor
ynsufrible y graue,
responden las fuentes
  al son del ayre.

Su dulze armonia
me ofende y enoja,
que aun triste congoja
la misma alegria.
Quando sale el dia
salgo a suspirar,
y quando a llorar
me obligan mismales,
responden las fuentes
  al son del ayre.

2

Sĩ a la Corte bas,
con las damas de ella
  abre los ojos,
y la bolsa zierra.

Sus figuras son
pinturas flamencas,
de agradables lejos,
y enojosos zercas.
Son con quien las siruen
cosarias ynglesas
en no guardar fe
y en robar haziendas.
Oluidadas, quieren;
queridas, desprezian;
lo enojoso admiten,
lo amable desdeñan.
Son Julio en calor,
Otubre en tibieza.
Hebrero en mudanzas,
y Marzo en las bueltas.
Son yman del gusto
que tras sy le lleban,
y buzanos son
de vna faltriquera.
Aduertido de esto,
la vez que las beas,
  abre los ojos
y la bolsa zierra.

Hallaras estampas
en damasco hechas,
quiero dezir damas
ques vn asco verlas.

1. Madrid, Biblioteca Nacional, Ms. 3800 (ancien M. 84), ff. 9-37.

R. Foulché-Delbosc.

Veras transformada
en blanca vna negra,
que lo que pareze
no daran por ella.
Veras conuertidas
en rubias mil trenzas,
que las martirizan
porque se conviertan.
Hallaras de dientes
algunas hazeras,
con vezinos menos
que el arte las puebla.
Porque no te engañen,
la vez que las veas,
abre los ojos
y la bolsa zierra.

Donzella hallaras
que aya sido suegra,
y con todo aquesto
quiere ser donzella.
Casada ay que libra
en si misma letras
para el mismo dia
que a casar la lleban.
Viudas de Siqueo
ay, que a quien las ruega
solo el dezir « sy »
tienen de Siqueas.
Hallaras alli
mil sueltas solteras,
que si el mal es patria,
son finar franzesas.
Lagrimas fingidas,
falsas aparienzias,
lascibos engaños,
burladoras veras.
Veras, pero el tiempo
que durare el verlas,
abre los ojos
y la bolsa zierra.

3

LETRILLA Y VAILE

Que bien vailan las serranas
dia de San Juan el Verde,
en el val de Manzanares,
quando el sol claro amaneze.
En mil corros diuididas
con canziones diferentes,
vnas al pandero cantan
y otras responden alegres.
La maña de San Juan, damas,
ciñe el Rey sus armas.
Qual aplica al ynstrumento
la voz suabe que tiene,
qual cantando da las bueltas
que en tal ocasion dar suelen.
Velissa canto tanbien,
que las margenes suspende,
las claras aguas, las aues,
los olmos, los sauzes verdes.
Libre se mostro cantando,
y burlando de amor quiere
darnos a entender que viue
sin amor, y a fe que miente.
Al fin templo la zagala
de sus fingidos desdenes
vna parte con las querdas,
y dijo de aquesta suerte :
« A quien digere que los hombres
en ausenzia guardan fe,
yo se lo contradire. »
Respondio Jaçinta entonzes,
que con amor se entretiene :
« Ruego a Dios, pastora yngrata,
que zelos te abrasen sienpre. »
Esto llorando dezia,
quando a los ojos le ofreze
el zielo sus esperanzas
de su Brasildo que viene,

y dizela enternezida :
« Dulze amor y bien presente,
no os partais de mi presenzia,
y escuchad si acaso os fuerdes.
No salgais de noche a caza, el cauallero,
que haze la noche escura, lindo amor,
y muerome de miedo. »
Dejan el sotillo todas,
llebando sobre las frentes
guirnaldas entretegidas
de rosas y de claueles.
Con gran fiesta y regoçijo,
hazia la uilla se buelben
por la puente Segobiana,
cantando de aquesta suerte :
« No me los ame nadie
a los mis amores,
no me los ame nadie,
que yo me los amare. »

4

Vuestras risas me dizen,
sagradas olas,
que gozais de la playa
de Barzelona.

No es milagro altiuo
que viuais gozosas,
pues gozais la playa
mas que milagrosa.
Quando a sus orillas
llegueis venturosas,
ya uereis la causa
que me da congojas.
Bello parayso,
margen deleitosa,
primauera etherna,
risa del aurora.
Causas verdaderas
dais a la memoria,
que goçais de la playa
de Barzelona.

Sus gijuelas blancas
y arenillas rojas,
con vuestros christales
rien y retozan.
Graue magestad
de su cara hermosa,
adorada ymagen
de toda la Europa.
Ally de Diana
las ninfas hermosas
musicas suaues
cantan todas oras.
Todo me repite :
o sagradas olas
que goçais de la playa
de Barzelona.

5

Aunque beis que sale humo
de la villa de Alcorcon,
no penseis que cuezen carne,
que ollas y pucheros son.

Como tiene en esta edad
el engaño tal potenzia,
pocas vezes la aparienzia
conforma con la verdad ;
haze en secreto amistad
la donzella a quien le aplaze,
y aunque en lo publico haze
virginal demonstraçion,
no penseis que cuezen carne,
que ollas y pucheros son.

La casada solizita
a su marido el fabor,
y alcanzarale mejor
que vn descalço carmelita,

y aunque a la piedad ynmita
quien su petiçion ampara,
si la veldad de su cara
hizo la negoçiaçion,
no penseis que cuezen carne,
que ollas y pucheros son.

Pierde la viuda su esposo,
y aquella noche primera
su huerfano lecho espera
substituto venturoso,
y aunque su rostro hermoso
en tiernas lagrimas vaña
y triste luto acompaña
su desleal corazon,
no penseis que cueze carne,
que ollas y pucheros son.

Con rumbo y temeridad
ay ziertas gentes ynquietas
que salen como cometas
señalando mortandad,
y aunque en la ferozidad
del mostacho y quexa de ante
dejan atras el semblante
de Cesar y Zipion,
no penseis que cuezen carne,
que ollas y pucheros son.

Yo se de algun ygnorante
que entre el bulgaço ynperfeto
pasa plaza de discreto
y de muy gran estudiante,
y aunque del Benbo y del Dante,
diga versos de memoria,
antiguedades de historia
y adagios de Zizeron,
no penseis que cueze carne,
que ollas y pucheros son.

Viste vn fingido devoto
saco de roto sayal,
y el bien que se haze a este tal
es echarle en saco roto;
y aunque en su aparienzia noto
vna vida penitente,
si es fingido lo aparente
y lo oculto vizios son,
no penseis que cueze carne,
que ollas y pucheros son.

Plumas y sombreros grandes
y valonas de Cambray
se yo de alguno que tray,
sin ser soldado de Flandes.
O Musa, no te desmandes,
pero di qualquier vltraje,
que si es valiente en el traje
y no lo es en la ocasion,
no penseis que cueze carne,
que ollas y pucheros son.

6

La que me abraso mi fe
sin tocarme en el vestido,
la morena morenica a sido,
la morena morenica fue.

Quien te a mudado, pastor,
siendo libre y inuidiado?
Solo vn amor me a mudado,
que muda mucho el amor.
Y quien fue la que tu fe
a derribado y ronpido?
La morena morenica a sido,
la morena morenica fue.

Como a podido ofender
tus deseos defendidos?
Siempre los mas atreuidos
bienen mas presto a caer.
Ya de oy mas bella mare
el venzedor mas rendido.

La morena morenica a sido,
la morena morenica fue.

7

Dulze pensamiento
que bien te atreues,
tanto mas eres mio
quanto me pierdes.
Con alas de amor
que suben al zielo
no mires al suelo,
ques poco valor,
que bien te atrebes.

8

Si ay zagala en esta villa,
Zelia, hermosa como vos,
mal me lo demande Dios.

Si de mi pena y tormento
y del mal que me abeis hecho
no estoi yo tan satisfecho
quanto vos sin sentimiento,
y si no viuo contento
en verme morir por vos,
mal me lo demande Dios.

Tube vn tiempo fortaleza
con que al amor resisti,
y fue porque nunca vi
en nadie tanta velleza;
y si la naturaleza
no quiso extremarse en vos,
mal me lo demande Dios.

No pretende el corazon
ya, señora, liuertad,
y en esto la voluntad
es quien sigue a la razon;
y si me muebe pasion
a que la tenga por vos,
mal me lo demande Dios.

Si jamas os oluidare,
Zelia, por otra ninguna,
desuieme la Fortuna
todo quanto deseare;
si el pensamiento empleare,
señora, en otra que en vos,
mal me lo demande Dios.

Si para que con vos ande
mi cuidado tan perdido,
me viereis arepentido,
Zelia, Dios me lo demande;
y si de una fe tan grande
no vbiere memoria en vos,
mal os lo demande Dios.

9

Aunque mas os quiera
mis males contar,
no me dan lugar.

Aunque tenga atreuimiento
de deziros mi tormento,
rezelos del escarmiento
de poderos enojar
no me dan lugar.

Quando llego mas osado
a deziros mi cuidado,
el corazon de turbado
de un medroso rezelar
no me da lugar.

Vienenme tal vez antojos
de deziros mis enojos,
mas la ueldad de esos ojos
que miran para matar
no me dan lugar.

Mas como quereis que os quente
todo el mal que el alma siente,
si ya que se me consiente
respondeis a bien librar,
no me dan lugar.

10

A la fe, Gil, ya no puedo
guardar ganado, ni se,
despues que me enamore.

Solia por este prado
guardar mis cabras y ouejas,
y en este campo de quejas
solo guardo mi cuidado :
perdido dejo el ganado
porque solo guardo fe
despues que me enamore.

Ves aqui, Gil, lo que medra
quien a seruirle se anima,
que el arbor donde se anima
consume amor como yedra,
apenas ser hombre o piedra
podra juzgar quien me ve
despues que me enamore.

Gil, tan diferente estoy
de aquel pasado Miguel,
que ya dizen si es aquel
adonde quiera que boy :
como envelesado estoy,
no puede tenerme en pie,
despues que me enamore.

11

Linda buena cara,
seais bien llegada,
cara buena linda,
bien seais venida.
Aqueste domingo,
no muy de mañana,
fue Jazinta al prado
la rezien casada.
Dieronle aquel dia,
para ir mas galana,
gala el artifizio
y el natural grazia.
Ella que salia,
yo que la miraba,
con que lindos ojos
que salio de casa !
Quando llego al campo,
dijo vna jitana,
suspensa la vista,
graçiosa la habla :
« Linda buena cara,
deme vna limosna
tu cara de pascua,
que aquesos ojuelos
son de enamorada.
Tres Juanes y vn Pedro
penan por tu causa,
casaras dos vezes,
seras bien casada. »
Ella con cuidado
sus joyas guardaba,
temiendo la alibie
de tan noble carga ;
y ansi rezelosa,
la dize se baya,
mas la jitanilla
buelbe a ynportunarla :
« Linda buena cara,
seas bien llegada.
A, cara de rosa,
a, señora hidalga,
buelbeme esos ojos,
no estes enojada. »
Diola al fin limosna,

y sobre las rayas
vna cruz la hizo
en la mano blanca :
« Pariras dos hijos,
la dize la sabia,
y dirate el vno
la misa cantada ;
verna a ser el otro,
si sigue las armas,
capitan o alferez,
querranle las damas.
Linda buena cara,
larga vida tienes,
Dios te la de larga ;
mucha hazienda y bienes
te vernan por agua :
viuiras alegre,
aunque te amenazan
dos enfermedades,
mas ya son pasadas. »
Dijo y fuese luego
sin hurtarla nada,
que a tan vellos ojos
nadie los agrabia.
Voluiose con esto
alegre a su casa,
donde Albano y Tirsi
a su puerta cantan :
« Linda y buena cara,
seais bien llegada ;
cara buena linda,
bien seais venida. »

12

Llaman a la puerta
y espero a mi amor :
todas las aldabadas
me dan en el corazon.

Vela mi esperanza
por quien se desuela,
que amando rezela
oluido y mudanza ;
culpo su tardanza,
y en fe de mi amor
todas las aldauadas
me dan en el corazon.

En brazos le tiene
otra mas lozana ;
viene la mañana
y el traidor no viene ;
mientras se detiene
zentinela soy :
todas las aldabadas
me dan en el corazon.

Hago zentinela
con el pensamiento,
el dolor que siento
me causa la uela ;
mi alma rezela
oluido y temor :
todas las aldauadas
me dan en el corazon.

13

Vete mas de espaçio, amor,
porque si tanto porfias,
mal podran durar mis dias
con tan continuo dolor.

Templa ya si te pareze
solo de noche mi fuego,
mas no saues como çiego
si es de noche o amaneze ;
si me roba tu rigor
apriesa mis alegrias,
mal podran durar mis dias
con tan continuo dolor.

Vasten los pasados años
sufriendo sin liuertad,
que ya no sufre mi edad
tan juueniles engaños;

si a la edad del niño amor
me buelben las penas mias,
mal podran durar mis dias
con tan continuo dolor.

VARIA

Un autógrafo de Don Juan Manuel.

No tengo noticia de otro autógrafo conocido de Don Juan Manuel que del expuesto en una vitrina del Archivo Histórico Nacional, poco interesante en su fondo, ya que es una donación al entonces pueblo de Madrid, y aún menos en su forma, pues solo tiene tres palabras « yo don Johan » [1].

En el Archivo de la Corona de Aragón yace una carta del mismo don Johan, escrita toda de su mano, mucho más extensa que una mera suscripción, y por este concepto muy digna de ser reproducida en facsímil, y tan notable literariamente, que puede figurar sin desdoro al lado de las demás obras suyas, á las cuales iguala en corrección y pureza. El escritor aparece más grande que lo que lo conocíamos por ser esta carta suya más espontánea y no haberla escrito con propósitos de hacerla pública ; el amigo cariñoso se muestra en frases muy delicadas y el cazador entusiasta y orgulloso de sus avíos de caza se retrata de cuerpo entero.

No lleva fecha de año, pero yendo dirigida al Rey Alfonso IV, según indican las palabras « vuestros hermanos los infantes... don Pedro et... don rramon berengel » hermanos de aquel rey y diciendo haber sido martes el 3 de Enero, día de la data, el año es seguramente el de 1332.

El lugar en donde la escribió es el castillo de Garci Muñoz, pueblecito de la actual provincia de Cuenca, partido judicial de San Clemente, el mismo que nombra en el « Libro de la caça » al tratar del Obispado de Cuenca.

El facsímil adjunto es del mismo tamaño que el original : al reverso lleva el sobrescrito también autógrafo.

Andrés Giménez Soler.

---

1. Aunque no en facsímil fué publicado en la « Historia de la villa y Corte de Madrid ».

AUTÓGRAFO DE DON JUAN MANUEL

Al Rey de Aragon
por
don Johan

Sennor vi la carta de respuesta que me troxo sa(n)cho garcia [et] dixo me commo loado adios sodes ya bien sano sennor dios sabe el grand plaser que yo desto he pero tan grand cueyta oue de las nueuas que aca s... [de]la vuestra dolençia et tan grand plaser he de la vuestra salut que nin lo puedo creer nin puedo bien f(o)lgar fata que vos vea et por esto quiero vos aperçebir porque mandedes a vuestros caçadores que metan mientes en su fazienda que con la merçed de dios luego sere en valençia con vusco pero si vos queredes que vaya uos sabet que auedes a mi faser dos cosas la vna por que yo se que el cuydado embarga mucho a la salut que en quanto yo fuere con vusco que non fablemos en ningun seso ni en cosa que podades tomar cuydado ni enojo la otra que me dexedes comer mis dineros en vuestra tierra et enbio uos esto desir desde aca porque si melo [non] otorgardes que sepades que non vos yre ver et faser medes en ello muy grand pesar sennor si esto me otorgades luego sere con vusco e set seguro que vos et todos vuestros caçadores de aues et de canes vos veredes en rroydo con el recabdo que yo uos leuare para todas las caças et porque yo querria que en todo tomassedes uos plaser he enbiado rogar a vuestros hermanos los infantes que sean y con vusco porque los pueda yo uer et sea todo el plaser complido et sea la vuestra merçed que enbiedes por don pedro et roge(des) a don rramon berengel que se non parta de vos. escrita de mi mano enel castiello martes tres dias de enero.

Era el remedio olvidar,
y olvidóseme el remedio.

Ces deux vers sont célèbres et ce n'est que justice ; je me bornerai à rappeler qu'ils sont cités — exactement ou non — 1° dans quelques éditions de la *Casa de locos de amor* de Quevedo :

Siendo el remedio olvidar,
se me olvidaba el remedio.

2° dans *El parecido en la Corte* de Moreto (jornada II, escena 4) :

DOÑA INÉS. Deja esa aprehension tan vana.
DON FERNANDO. Este olvido es gran rigor.
DOÑA INÉS. No se te olvida el amor,
y se te olvida lo hermana ?
TACON. No has oido una coplilla
de Gil, que eso contradice,
pues le culpas ?
DOÑA INÉS. Y qué dice ?
TACON. Escucha la redondilla :
Di, porqué no das un medio
que remedie tu pesar ?
Era el remedio olvidar,
y olvidóseme el remedio.
DON FERNANDO. A la culpa que me impones
con ella he de responderte.
Oye, que satisfacerte
quiero en las mismas razones.
Entre el corazon flechado
y la memoria perdida
una cuestion se ha formado :
el te quiere, ella te olvida ;
conque la lid se ha trabado.
El corazon dice pues
que hay un medio que es remedio,
y ella le arguye despues :
« Si un medio el remedio es,
di, porqué no das un medio ? »
El medio es que el corazon
que eres mi hermana se acuerde ;
mas siendo della esta accion,
la memoria, que te pierde,
le da luego esta razon :
« No es medio para tu fuego
que yo lo llegue á acordar,
pues si te quito el sosiego,
has menester otro luego
que remedie tu pesar. »
Viendo el daño la razon
de fuego tan encendido

en tan injusta pasion,
siendo culpado el olvido,
riñe solo el corazon.
El dice : « Yo, qué he de hacer ?
La memoria has de culpar,
que temiendome ofender,
pensó que para querer
era el remedio olvidar. »
La razon condenó luego
que la memoria en la fragua,
a costa de mi sosiego,
eche del acuerdo el agua
para apagar este fuego.
Annque perdiese mi gloria,
si ejecutase este medio,
fuera mi salud notoria :
mas faltóme la memoria,
y olvidóseme el remedio.

3° dans *Los tres afectos de amor* de Calderon (jornada III, escena 13) :

ROSA. Y no se puede dar medio
entre un placer y un pesar ?
LAURA. (*cantando*) Era el remedio olvidar,
y olvidóseme el remedio.

La « coplilla de Gil » à laquelle fait allusion le Tacon du *Parecido en la Corte* et la *redondilla* que cite le même personnage ne font-elles qu'un même quatrain et où en avoir le texte exact ? C'est ce qu'ont recherché divers érudits, mais sans succès. J'ai été assez heureux pour trouver dans un manuscrit de la Biblioteca Nacional de Madrid (M. 84, cote actuelle 3890 ; fol. 38) la pièce suivante :

LETRILLA

— Gil, porque no das vn medio
que dé medio a tu pesar ?
— Era el remedio oluidar,
v oluidoseme el remedio.

— Aprende oluido, pastor,
No estes tan rudo y dormido.
— Como e de aprender oluido,
si la memoria es amor?
— Muy lejos estas del medio
que te pudiera sanar.
— Era el remedio oluidar,
y oluidoseme el remedio.

— Deja vaidos de cabeza,
que amor tray gran pesadumbre.
— Dejara de ser costunbre,
mas es ya naturaleza.
— Otros an buscado medio,
no a sido solo en amar.
— Era el remedio oluidar,
y oluidoseme el remedio.

— A mal recaudo pusiste
lo que te importa en extremo.
— Aun dezillo solo temo,
que oluido es remedio triste.
— Pues si no buscas vn medio,
amores te an de matar.
— Era el remedio oluidar,
y oluidoseme el remedio.

R. Foulché-Delbosc.

TABLES

DU TOME XIV

1906

I. TABLE PAR NUMÉROS

NUMERO 45.

TEXTES

NUMÉRO 46.

TEXTES

VARIA

II. TABLE PAR NOMS D'AUTEURS

—

Anonymes

Antolín (Guillermo)

Bayo (Ciro)

Bonilla y San Martín (A.)

Consiglieri Pedroso (Z.)

Foulché-Delbosc (R.)

Giménez Soler (Andrés)

Góngora

Juan Manuel

Moreira (Julio)

Nuñez (Ferran)

Verague (Pedro de)

III. PLANCHES HORS TEXTE

Le Gérant : M.-A. Desbois.


THE UNIVERSITY OF ILLINOIS AT CHICAGO
3 8198 316 041 019